Coleção Brasil

Horácio de Carvalho

O cromo

(estudo de temperamentos)

Edição, introdução, glossário e notas

Franco Baptista Sandanello

Horácio de Carvalho

O cromo

(estudo de temperamentos)

Edição, introdução, glossário e notas

Franco Baptista Sandanello

Horácio de Carvalho

O cromo

(estudo de temperamentos)

Edição, introdução, glossário e notas
Franco Baptista Sandanello

Lisboa
2021

Índice

O não legado

Franco Baptista Sandanello[1]

E que vejam
não são mais que animais ademais não mais.
Eclesiastes, trad. Haroldo de Campos

Introdução

O cromo (estudo de temperamentos)[2], romance de Horácio Fortunato de Sousa Carvalho (1857-1933), é, antes de tudo, um desafio a bibliófilos e colecionadores, uma vez que, para além da edição *princeps* publicada em 1888, pela tipografia de Carlos Gaspar da Silva, jamais foi ele reeditado. Não obstante, trata-se de romance representativo do naturalismo brasileiro, no filão de obras que Nelson Werneck Sodré chamou de «naturalismo histérico» (SODRÉ, 1965: 185).

O enredo é relativamente simples, pois envolve, de maneira unilateral, o «estudo de temperamentos» da jovem Ester de Ataíde Paiva, filha de um rico fazendeiro de café do interior de São Paulo, e do sisudo Lins Teixeira, médico natural do Ceará. Para além do conhecimento formal de ambos, decorrente dos constantes achaques da moça, aquilo que aproxima o casal é a estreiteza biológica de seus corpos em meio aos exames médicos. O desejo carnal de Ester leva-a, aliás, a ataques terríveis de histeria, motivados pela lembrança de um jovem conhecido num baile, e, tempos depois, entrevisto na estampa de uma caixa de lenços na vitrine de uma loja. Nos dizeres de Joana, criada da família de longa data, por muito menos

1 Professor da Academia da Força Aérea, do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos e do Programa de Pós-Graduação em Letras Bacabal da Universidade Federal do Maranhão.

2 As transcrições *d'O cromo* presentes nesta apresentação foram extraídas da edição princeps, e não do texto atualizado do romance aqui publicado.

já Ester «parecia um foguete com o tição por baixo» (CARVALHO, 1888: 169). Entretanto, os ataques histéricos são vencidos com auxílio de uma cópia do cromo estampado, encomendada pelo médico a Jacob Despois – um pintor parisiense vindo ao Brasil em 1868 –, a partir de descrições coligidas nos delírios de Ester. Com recurso à hipnose, o dr. Teixeira, profundo conhecedor de baluartes da medicina como Claude Bernard e Jean-Martin Charcot, consegue curá-la gradativamente. Soma-se à proximidade física o interesse comum de Teixeira e Ester pelas ciências e artes, fazendo com que ambos se apreciem ainda mais. Tempos depois, a família da jovem muda-se para São Paulo, onde Cornélio, pai de Ester, envolve-se de perto com o Partido Republicano, adentrando nas altas rodas sociais da capital. A jovem, embora atenta ao periodismo paulistano e à propaganda abolicionista, anima-se com a mudança por uma razão mais imediata: a de reencontrar aquele moço do baile, que sabia ser estudante da Faculdade de Direito, em São Paulo. Depois de um reencontro infeliz da rapariga com o tal moço, e de uma série de desventuras de Teixeira, que, longe dela e à mercê do ramerrame do interior paulista, chega a tomar por amante a mulher de Jacob, Tonica – «Na obra da Natureza [...] o mais genuino exemplar da femea» (CARVALHO, 1888: 337) –, os protagonistas se reencontram em São Paulo. Entrementes, Jacob é assassinado em uma briga com o violento e bêbado João da Porteira, irmão de Tonica, sem que jamais venha a conhecer a traição de Teixeira. Após o assassinato, Tonica desaparece. Enfim, livres de quaisquer empecilhos, Ester confessa ao médico, após longa reflexão, ser ele o moço do cromo, símbolo de sua fixação sexual, e estabelecem noivado. Dois meses depois, estão casados e Ester curada, pela razão terra-a-terra de que «não se tinham desabrochado as rubras *flôres de Hypáthia*» (CARVALHO, 1888: 485). Cumpre-se, sem mais, o ditame biológico por meio da chegada de um filho, num desfecho mais ou menos previsível do «estudo de temperamentos»:

> Sobre o fundo alaranjado do horizonte ficaram immoveis um momento os dous, diminuidos pela distancia, no topo do planalto, como duas silhuetas negras: – eram as figuras d'*O chromo*.

> E dos olhos delle, amorosos, fixos nos della, cahiram de jubilo as primeiras lagrymas de pae (CARVALHO, 1888: 485).

Nossas percepções sobre o Naturalismo brasileiro da década de 1880 sofrem ainda do desconhecimento integral d'*O cromo*. Trata-se, ainda uma vez, e *cum grano salis*, de um «romance de histeria» digno de figurar em toda e qualquer leitura de fôlego sobre o Naturalismo no Brasil. Não obstante, o apelo de Naief Sáfady à sua necessária reedição perdeu-se há mais de meio século:

> Seria desnecessário lembrar a intensa produção de romances (e sub-romances) que surgiu sob a égide do Realismo e do Naturalismo no Brasil. Alguns dos chamados escritores «secundários» já foram valorizados pela crítica, como os de Pápi Júnior, de Domingos Olímpio, de Manuel de Oliveira Paiva [...]. De minha parte, tenho procurado chamar a atenção para alguns «romances paulistas» da época, como é o caso do «Vil Metal», de Batista Cepelos [...]. E agora é a vez de «O Cromo», de Horácio de Carvalho», um verdadeiro romance científico, com notas eruditas de rodapé, desenhos em que se figura uma teoria cosmogônica, estudos de temperamento [...]. Se por mais não fosse, por esses aspectos, «O Cromo», de Horácio de Carvalho, é um romance que merece referência e – até – destaque, já porque sua fabulação é original, seus recursos narrativos também, e, porque, em última análise, dentro da linha do romance científico – ambição maior do próprio Naturalismo – é um espécime raro e, pode-se dizer, completo (SÁFADY, 1962: 4).

Assim, ao discutirmos hoje *O cromo*, seria mais ajustado falar nos *ecos* que dele nos chegaram, por intermédio de mais de 130 anos de silêncio ou de exames breves, muitas das vezes alheios ao percurso crítico de sua recepção, às ideias do escritor e aos modelos literários de que dispunha.

Ecos do olvídio (ou a fortuna crítica d'*O cromo*)

Apesar de acidentado e escasso percurso de recepção, parece haver certo consenso sobre a importância d'*O cromo* para o Naturalismo no Brasil.

Lúcia Miguel-Pereira, em *Prosa de ficção*, inclui o romance dentre as obras do «apogeu» do movimento naturalista:

> em 1888 o naturalismo atingiria o seu apogeu. Nesse ano saem *O missionário* de Inglês de Sousa, as *Cenas da vida amazônica* de José Veríssimo, *O cromo* de Horácio de Carvalho, *A carne* de Júlio Ribeiro, *Hortênsia* de Marques Carvalho, *O lar* de Pardal Mallet, diversos nos temas e no valor, todos porém concebidos segundo os cânones da escola, cujas principais características entre nós marcaram para logo (MIGUEL-PEREIRA,1988: 127).

Porém, ao mencionar a obra dentre outras do período, limita-se a dizer que «as tentativas frustras de Horácio de Carvalho, Marques de Carvalho e tantos outros, não têm importância em si, mas demonstram como o naturalismo se prestou a fáceis falsificações» (MIGUEL-PEREIRA, 1988: 129).

Uma leitura mais linear é a de Naief Sáfady (1962: 4), que, em artigo para o suplemento literário d'*O Estado de São Paulo* (SP), define o romance em termos de «um verdadeiro romance científico». Após breve exame do enredo, considera *O cromo* de uma fabulação original «dentro da linha do romance científico» pela profusão de quiproquós românticos, o que faz de si «um espécime raro» de «romance de ideias» (SÁFADY, 1962: 4).

Alfredo Bosi, em *História concisa da literatura brasileira*, limita-se a dizer que

> meros apêndices do Naturalismo devem considerar-se a obra mais conhecida de Júlio Ribeiro, *A carne*, e o minitratado de fisiologia romanceada, *O Cromo*, de Horácio de Carvalho, onde se explicam ao pé da página, em termos biológicos, as reações das personagens (BOSI, 2008: 194).

Wilson Martins (1979), por sua vez, chama o livro de «romance freudiano» por apresentar uma «visão psicanalítica da histeria», e avalia que

> *O Cromo* é um dos nossos romances naturalistas mais importantes, mais ortodoxamente representativos da escola e mais injustamente

> esquecidos. Não digo que seja um bom romance, menos ainda um grande romance, coisas que, aliás, não se podem afirmar da maior parte das obras que constituem o naturalismo brasileiro [...]. Mas, *O Cromo* contém a mais completa análise da histeria feminina que se pode encontrar nos romances da época (e não só no Brasil), além de prenunciar com espantosa nitidez as doutrinas freudianas (MARTINS, 1979: 291).

O crítico reprova, porém, a transição que faz Horácio de Carvalho ao pausar, ao longo de diversas páginas, a análise da histeria de Ester, em prol de uma reflexão social e política sobre o separatismo paulista da década de 1880. Esta falta somente se relativiza, ao olhar do crítico, pelo desenlace do romance, em que observa a influência clara do pensamento de Charcot e Bernard no «tratamento» final de Ester por Teixeira, mediante um episódio inusitado de hipnose.

Temístocles Linhares (1987: 199), em *História crítica do romance brasileiro*, reforça a posição de Wilson Martins de que o romance não teve o lugar que lhe seria justamente merecido «na história da corrente naturalista entre nós». Mas, em oposição a Martins, não considera que a reflexão política na obra tenha sido desajustada, e elogia o excesso de documentos em que se baseia Horácio de Carvalho ao falar sobre o separatismo e o abolicionismo paulista.

Lília Moritz Schwarcz (1992: 157), no artigo «O olhar naturalista: entre a ruptura e a tradição», repete a expressão usada por Alfredo Bosi, acrescentando-lhe maiores nuanças: «um verdadeiro minitratado de fisiologia –, com notas de rodapé, desenhos com figuras cosmogônicas e personagens cujo comportamento encontra-se exclusivamente determinado pelas máximas de uma antropologia darwinista social e poligenista». A autora elogia a originalidade do enredo, mas destaca «aí um caso extremado, em que o modelo supera o projeto» (SCHWARCZ, 1992: 158): a seu ver, a soma das ideias da época – através de um inventário de Charles Darwin, Haeckel, Topinard, Schopenhauer e Lombroso – adapta a teoria da seleção natural a um desfecho «moralmente aceitável», «mais honroso», num claro aceno ao gosto do público, «com personagens e destinos compatíveis com suas próprias concepções» (SCHWARCZ, 1992: 160).

Já em «Entre Zola e Eça: o naturalismo brasileiro em seu apogeu», Álvaro Santos Simões Jr. avalia que «*O cromo* é um mau romance, mas é também um belo catálogo de características do naturalismo brasileiro» (SIMÕES JR, 2012: 17). Dentre tais características, menciona o interesse dos protagonistas pela ciência, a erotização das principais figuras femininas da obra e a preocupação com questões sociais então importantes, como o abolicionismo e o separatismo paulista. Observa ainda que

> não há, entretanto, qualquer inter-relação mais evidente entre os problemas políticos e sociais contemporâneos abordados e a vida das personagens. *O cromo* é um romance típico do naturalismo brasileiro até mesmo pelo romantismo residual que reponta na caracterização das personagens e nas descrições das paisagens (SIMÕES JR., 2012: 17-18).

Mais recentemente, Marcelo Bulhões, no ensaio «Sexualidade e erotismo no romance naturalista», reconhece n'*O cromo* uma «obra hoje praticamente esquecida», embora assinale semelhanças com «a matéria e [as] situações narrativo-ficcionais» de romances mais difundidos, como *A carne*, de Júlio Ribeiro, e *O homem*, de Aluísio Azevedo. O crítico ressalva o caráter científico subjacente ao estudo de temperamentos, previsto no subtítulo da obra – «a ciência é assunto que convive com as personagens na ação, [e] sua presença é, no plano do discurso narrativo, imperiosa» (BULHÕES, 2017: 388) –, embora destaque certa extrapolação dos limites profissionais nas práticas do dr. Lins Teixeira, que se vale de seu ofício para aproximar-se de Ester e de Tonica:

> Em *O Cromo*, os expedientes clínicos da personagem-médico, Lins Teixeira, assumem a feição de uma exploração erótica do corpo de sua paciente. Submetida a um diagnóstico pelo médico e pela própria focalização narrativa, de modo ambivalente tal empenho científico assume a ótica da sensualidade: o exame médico vai adquirindo os contornos da sedução, do desnudamento sensual do corpo por meio do olhar que, em atitude de *voyeur*, quer despir o objeto do seu desejo. O corpo de Esther passa a ser, à meia luz, desvendado com o comando do médico [...]. Mas a plasticidade no ato de despir-se em

> *O Cromo* encontra melhor exploração em um episódio [...] no qual o médico Lins Teixeira contempla vagarosa e detidamente, em companhia de outra personagem, Jacob, um pintor, o belo corpo nu de uma camponesa, Tonica, a qual se deixa mesmo explorar visualmente pela curiosidade dos dois homens [...] com a alternância entre observações do interessado médico, como um *sui generis* exame de anatomia, e os comentários apaixonados do pintor, representante do juízo estético (BULHÕES, 2017: 391).

Assim, Marcelo Bulhões observa o quanto o corpo nu passa de objeto de estudo a objeto de desejo, num jogo de focalização que dá ao ato de narrar «o caráter de desvelar, desnudar e provocar pelo ato de exibição da nudez [...] expedientes narrativo-descritivos que parecem funcionar como correlatos a esse contemplar curioso e estimulante» (BULHÕES, 2017: 392). Tal propriedade, em seu parecer, é o que faz d'*O cromo* – ainda na esteira d'*A carne* e d'*O homem* – o estudo «de um erotismo perturbado» e «uma alegoria dos nossos mascarados desejos» (BULHÕES, 2017: 395).

Alfim, percebe-se o quão vária pode ser a fortuna crítica d'*O cromo*[3], que ora passa por uma obra menor, ora por um de nossos romances naturalistas mais representativos.

Levando-se em conta a dimensão reduzida de sua recepção, dois pontos parecem ser discutidos, todavia, com certa recorrência: a incursão excessiva do pensamento republicano do autor no enredo e o caráter mais ou menos «científico» de sua obra.

Tais pontos podem ser melhor compreendidos a partir de um entendimento conjunto das ideias de Horácio de Carvalho sobre o republicanismo e o separatismo paulista, bem como, posteriormente, da concepção naturalista de arte enquanto campo de discussão e experimentação social.

---

3 Comentários demasiado esparsos ou breves, como os de Sílvio Romero (1949) ou de Gondin da Fonseca (1970), não foram incluídos no levantamento acima.

Ecos do republicanismo (ou o projeto do separatismo paulista)

Mineiro de Itabira, radicado em São Paulo, Horácio de Carvalho, após dirigir *O Nacional* (SP), órgão do Partido Republicano Paulista, foi nomeado diretor do *Diário Oficial* (SP) em 1892, cargo que exerceu até o final da vida, aposentando-se em janeiro de 1931. Republicano confesso, além de efusivamente envolvido com a propaganda abolicionista no ano de lançamento d'*O cromo* (1888), não abriu mão de citar vários de seus correligionários em meio ao romance, sem se preocupar com uma clareira narrativa aberta em meio ao capítulo IX, com citações de longos excertos de Joaquim Fernandes de Barros e Martim Francisco Ribeiro de Andrada, neto. Por ele, assim como por muitos outros republicanos paulistas, o separatismo foi visto como o caminho mais rápido para o fim da monarquia.

Veja-se, a título de exemplo, parte da citação em *O cromo* de um artigo de Joaquim Fernandes de Barros:

> Os nossos antepassados percorreram o Brazil inteiro de extremo a extremo, levando a civilisação daquelle tempo por todos os recantos. Hoje os seus dignos descendentes cortaram o território paulista de innumeras vias de communicação, por terra e por agua, e levaram o progresso por todos os seus confins.
>
> Abriram caminho ao mundo inteiro, – pagando transporte ás companhias transatlanticas, para todos que quizerem vir collaborar comnosco no aproveitamento deste paraiso da America. Tudo isto feito só por iniciativa e esforço paulista, sem um *ceitil* dos *vadios* da rua do Ouvidor.
>
> Não ha empresa que S. Paulo intente e que não realize. Na sua capital e interior levantam-se fabricas importantissimas, quasi que uma por semana. [...]
>
> Quem assim procede não é capaz de se governar a si mesmo? (CARVALHO, 1888: 367-368).

Ou, ainda, um trecho do folheto *S. Paulo independente*, de Martim Francisco Ribeiro de Andrada, neto, igualmente transcrito em *O cromo*:

> UMA PROVINCIA CARIDOSA. – É geralmente sabido que a provincia de S. Paulo rende annualmente para o governo geral quantia superior a vinte mil contos de réis, e os documentos officiaes confessam que as despezas geraes aqui mal chegam á quantia de tres mil contos. [...]
>
> Só a alfandega de Santos, em trez mezes, compensa toda a despesa que o governo geral faz com os paulistas durante o anno.
>
> Ando desconfiado de que os meus comprovincianos descendem, em linha recta, de Jesus Christo: este pagou todas as culpas do genero humano; aquelles pagam todos os desfalques do norte, e todas as consequencias da incapacidade dos ministros.
>
> Empreiteira das desgraças alheias, – eis o que é a provincia de S. Paulo! (CARVALHO, 1888: 361-362).

Como forma de estabelecer o separatismo paulista como ponto nevrálgico da derrocada da Monarquia, segundo o argumento reiterado de que a província de São Paulo era preterida pela Coroa, embora sustentasse grande parte dos custos de sua administração mediante coleta recorde de impostos, o autor cita ainda a decisão do Congresso Republicano de 1888 em optar pelo separatismo como via rápida de advento da República, após destacar individual e elogiosamente as presenças de Prudente de Morais, Rangel Pestana, Américo de Campos, Campos Sales, Francisco Glicério e Alberto Sales:

> O separatismo foi proposto ao *Congresso* a fim de ser discutido, a vêr si convinha ao partido republicano perfilhal-o.
>
> Iniciara a discussão, determinando-o como o meio mais rapido e mais logico de chegar á República Federativa, o auctor destas linhas, delegado do *Congresso* por um municipio da provincia. [...]
>
> Seguiu-se uma lucta horrivel, enorme! Opiniões contra, opiniões a favor. Todas foram accordes em que do separatismo é que nos havia de vir com mais brevidade a Republica; – que elle era uma força poderosa, fecunda, ao alcance da comprehensão popular, de facil contagio, porque falava á bolsa e á alma da provincia (CARVALHO, 1888: 369-370).

É significativo que, ao transferir o desenvolvimento do enredo e a sobriedade da instância narrativa para um momento posterior, o autor apresente a si próprio como um dos oradores do Congresso Republicano e passe algumas páginas a desfiar elogios ao Partido (numa prova de parcialidade inteiramente infensa a um «estudo de temperamentos», como se verá a seguir).

Ademais, *O cromo* presta-se ao elogio das riquezas de São Paulo, com a escusa de exemplificar os embevecimentos da família Paiva, impressionada com a capital da província:

> – Que lindo que era S. Paulo! Que movimento, que luxo, que oppulencia! Esplendida a edificação! Casas de muito gosto! Que bonitas chácaras! que jardins! Jardins por toda a parte... – que mundo de flòres! Que bellissimas camelias! Nunca tinham visto uma camelia! Lá, ellas não davam por causa do clima.
>
> Viam tudo, reparavam em todas as cousas; nada lhes escapava.
>
> [...] Si não fosse a necessidade de trazerem a filha para os medicos, talvez que nunca vissem tanta coisa bonita (CARVALHO, 1888: 238-239).

É o que ocorre ainda com a descrição das montanhas da Cantareira, do arraial de São Tomé das Letras ou do chalé de Veridiana Prado. Além de sinônimo de beleza e opulência, São Paulo é visto como parâmetro de desenvolvimento, possuindo a melhor medicina do país – conforme renitentemente diz o irmão de Ester, Ricardo, a gabar as qualidades de Luiz Pereira Barreto, Carlos Botelho, Nicolau Vergueiro, Augusto Miranda Azevedo *et al*.

O viés ideológico dos elogios de Horácio de Carvalho pode ser melhor entendido, a partir de outro testemunho da época: as *Memórias* (2003) de Magalhães de Azeredo[4] que, publicadas mais de 60 anos após sua composição, a partir de manuscritos do Arquivo Histórico do Ministério de Relações Exteriores, elucidam momentos importantes de sua juventude em São Paulo,

---

4 Membro fundador da Academia Brasileira de Letras e embaixador do Brasil em Roma.

na qualidade de hóspede do Hotel de França (hotel, aliás, onde se instala a família Paiva, também em 1888):

> São Paulo era ainda a cidade de aspecto provinciano e quase colonial, que o comércio do café e os braços da laboriosa imigração italiana ainda não tinham começado a transformar na maravilhosa metrópole atual. A população devia orçar por sessenta ou setenta mil habitantes [...]. São hoje uma minoria os que ainda se lembram da cidade quieta, pacata, ronceira, de 1888, e menos ainda os que, entre esses, têm saudade dela. [...] Certo, São Paulo não realizava, em conjunto, um modelo de beleza. Das três artérias principais, só uma, a Rua de São Bento, fazia grande figura; a Rua Direita e a da Imperatriz nada tinham que as recomendasse à complacência dos olhos; e assim, no centro, a maior parte dos largos e das praças. Mas nos bairros novos, nas alamedas que começavam a abrir-se, havia prédios atraentes, elegantes e pequenos jardins de poética intimidade na sua verdura florida. O Jardim Público, contíguo à estação ferroviária da Luz, oferecia passeios aprazíveis pelas suas aleias, discretos ócios pensativos ou amorosos sob a protetora sombra das suas velhas árvores (AZEREDO, 2003: 80-81).

Dois lados de uma mesma moeda, o republicanismo e o separatismo paulista adentram assim o «estudo de temperamentos» de forma inusitada. Como apontado por Álvaro Simões Jr., «não há [...] qualquer inter-relação mais evidente entre os problemas políticos e sociais contemporâneos abordados e a vida das personagens» (SIMÕES JR, 2012: 17-18).

É preciso ponderar, contudo, que a incursão partidária desses dois elementos respeita uma orientação maior e igualmente disforme: a concepção de arte enquanto experimentação social.

Ecos do Naturalismo (ou o não lugar do romance experimental)

A presença do Naturalismo no Brasil da década de 1880 deve-se à influência duradoura da obra de Émile Zola. Por sua vez, Zola não teria formulado o conceito de «romance experimental», indispensável ao Naturalismo, sem a influência da obra *Introduction à l'étude de la médecine expérimentale*: «É inegável que o romance

naturalista, tal qual o concebemos agora, é uma experiência verdadeira que o romancista faz com o homem, apoiando-se na observação. Aliás, esta opinião não é apenas minha; é também a de Claude Bernard» (ZOLA, 1979: 66).

O método científico da experimentação, pautada na observação direta dos fenômenos, surge para Zola como uma forma lídima de *estudo dos temperamentos*. Segundo Bernard (1984: 40-41):

> *L'observation est donc ce qui montre les faits; l'expérience est ce qui instruit sur les faits et ce qui donne de l'expérience relativement à une chose. Mais comme cette instruction ne peut arriver que par une comparaison et un jugement, c'est-à-dire par suite d'un raisonnement, il en résulte que l'homme seul est capable d'acquérir de l'expérience et de se perfectionner par elle. «L'expérience, dit Goethe, corrige l'homme chaque jour.» Mais c'est parce qu'il raisonne juste et expérimentalement sur ce qu'il observe; sans cela il ne se corrigerait pas. L'homme qui a perdu la raison, l'aliéné, ne s'instruit plus par l'expérience, il ne raisonne plus expérimentalement. L'expérience est donc le privilège de la raison*[5].

Há, assim, uma conexão entre o estudo dos fatos («experiência») e sua observação pelo pesquisador: «*l'observation serait la constatation des choses ou des phénomènes tels que la nature nous les offre ordinairement, tandis que l'expérience serait la constatation des phénomènes créés ou determinés par l'expérimentateur*»[6] (BERNARD, 1984: 34). Fundem-se em um mesmo papel, assim,

---

5 «A observação é o que mostra os fatos; já a experiência é o que ensinam os fatos e o que proporciona a experiência de algo. Mas como esse ensinamento não pode se dar senão por uma comparação e por um juízo, ou seja, pelo resultado de um raciocínio, ocorre que apenas o homem é capaz de acumular experiência e se aperfeiçoar por ela. 'A experiência, diz Goethe, corrige o homem todos os dias'. Mas isto se dá porque ele raciocina justa e experimentalmente sobre aquilo que observa; do contrário, ele não se corrigiria. O homem que perdeu a razão, o alienado, deixa de se instruir pela experiência, deixa de raciocinar experimentalmente. A experiência é, pois, o privilégio da razão».

6 «a observação equivaleria à constatação de coisas ou fenômenos tais quais a natureza nos apresentaria ordinariamente, enquanto a experiência equivaleria à constatação dos fenômenos criados ou determinados pelo experimentador.»

o pesquisador e o escritor, sendo ambos responsáveis por corrigir as possíveis «doenças» da sociedade.

Tal formulação não deixa de inocular na experimentação especificamente *literária* uma elevada dose de moralismo, ao buscar o controle da interação entre os temperamentos e o meio. É o que indica de maneira bastante clara o seguinte trecho de *O romance experimental*:

> este é o objetivo, esta é a moral, na Fisiologia e na Medicina experimentais: tornar-se mestre da vida para dirigi-la. Admitamos que a ciência tenha caminhado, que a conquista do desconhecido seja completa: a idade científica que Claude Bernard viu em sonho estará realizada. Desta forma, o médico será o mestre das doenças; ele curará infalivelmente e agirá sobre os corpos vivos para a felicidade e o vigor da espécie. [...] Pois bem, este sonho do fisiólogo e do médico experimentador é também o do romancista que aplica o método experimental ao estudo natural e social do homem. Nosso objetivo é o deles; queremos, nós também, ser mestres dos fenômenos dos elementos intelectuais e pessoais, para poder dirigi-los. Somos, em uma palavra, moralistas experimentais, mostrando, pela experiência, de que modo uma paixão se comporta num meio social. No dia em que detivermos o mecanismo desta paixão, poderemos tratá-la e reduzi-la, ou pelo menos torná-la a mais inofensiva possível. Eis onde se encontram a utilidade prática e a elevada moral de nossas obras naturalistas, que fazem experiências com o homem, que desmontam e tornam a montar peça por peça a máquina humana, para fazê-la funcionar sob a influência dos meios (ZOLA, 1979: 48).

Zola, aliás, não poupa elogios a Bernard, cujo método, expandido a partir da Fisiologia e da Medicina, autoriza ao «experimentador» foros científicos de objetividade e imparcialidade: «Citarei ainda esta imagem de Claude Bernard, que me impressionou muito: 'O experimentador é o juiz de instrução da natureza'. Nós romancistas somos os juízes de instrução dos homens e de suas paixões» (ZOLA, 1979: 32-33).

Por conseguinte, o Naturalismo corresponderia à aplicação de um método ao estudo da natureza e das paixões humanas[7], numa quase panaceia conceitual:

> Eis porque já se disse tantas vezes que o Naturalismo não é uma escola; que não se encarna, por exemplo, no gênio de um homem, nem nas extravagâncias de um grupo, como o Romantismo, e que consiste simplesmente na aplicação do método experimental ao estudo da natureza e do homem. Assim sendo, o que há é apenas uma vasta evolução, uma marcha para a frente na qual todo mundo é operário segundo seu gênio. Admitem-se todas as teorias, e a teoria que vence é aquela que explica mais coisas. Não parece existir via literária e científica mais larga nem mais direta (ZOLA, 1979: 66).

Note-se, todavia, o quanto a subjetividade do «experimentador» não é colocada em questão, mas vista como o prolongamento benéfico e criativo de toda atividade do intelecto. Afinal, inspirado pelo panorama artístico francês das décadas de 1860 e 1870,

> se para ele [Zola], de um lado, tudo está no objeto, por outro lado, aquele que «vê o que vê» não deixa de modificar o que tem diante de si. [...] É por isso que Zola não cessa de repetir, em seus artigos, que nem Manet, nem Claude Monet, nem Pissarro, colocados diante da mesma paisagem, a representariam tal qual, pois, no trânsito para o exterior, insinua-se a individualidade, a personalidade, o temperamento, e nada poderia impedir a autonomia de suas visões, tanto mais interessantes quanto próprias. Entende-se, então, que «temperamento» seja uma das palavras-chave do repertório de Zola. Isso nada tem a ver com os velhos protocolos contemplativos, ao contrário, o que ele percebe nos pintores, com espantosa clarividência, e toma para si é sua capacidade de, ao libertar-se da verossimilhança ilusionista, assumir sua arte no plano dela mesma. [...] Assim como para os impressionistas as cores não estão lá, depositadas na natureza, mas dependem da luz e por isso mesmo se esfumaçam, assim também para Zola tudo o que vive pode significar (MOTA, 2017: 53).

---

7 Segundo Leda Tenório da Mota, «o 'naturalismo' zolaniano é, de um lado, transposição para a literatura dos métodos científicos, de outro lado, submissão dos fenômenos naturais aos atos humanos.» (MOTA, 2017: 53)

Não é de surpreender, pois, que *O cromo* tenha sido classificado por grande parte de sua fortuna crítica como exemplo maior ou menor de romance *naturalista*. Trata-se, afinal, do estudo da histeria e de seus efeitos tentaculares sobre dois personagens demasiado cerebrais – Ester e Teixeira –, leitores ávidos do que havia de mais avançado nas ciências da época. Aliás, *O cromo* insere-se na lista de obras naturalistas da década de 1880 não apenas no plano temático, via estudo da histeria (e.g. *O homem*, de Aluísio Azevedo; *A carne*, de Júlio Ribeiro), mas também no plano argumentativo, enquanto interpretação social dos estertores do Brasil monárquico (e.g. *O cortiço*, de Aluísio Azevedo), mediante reflexões pontuais sobre o panorama político de São Paulo.

Porém, sua «experimentação» não se dá sem empecilhos. Há no romance tons anacronicamente românticos na representação do casal de protagonistas, sublimados em modelos de controle da vontade. A natureza intelectual do amor de Ester e Teixeira é o que lhes serve de escudo contra o imperativo da proximidade de seus corpos, invalidando em parte os pressupostos do «estudo de temperamentos». A jovem é, por exemplo, capaz de esmiuçar o funcionamento de seu inconsciente ao longo de uma importante «Nota a mim mesma», que estende à maneira de um fio de Ariadne, a fim de entender seus próprios desejos e sair do labirinto dos impulsos. É o que lhe ocorre de maneira inusitada após ver um cachorro atropelado por um bonde, surgindo-lhe «inconscientemente» esta frase: «*A fórma do manjar devia de ser mudada, afim de evitar que o pensamento dos homens parasse no seio das mulheres*» (CARVALHO, 1888: 248, grifos do original). O exercício merece citação, na íntegra, pois dá ideia da capacidade hercúlea da protagonista em relacionar o episódio do cão atropelado com um sonho recente, além de muitos outros episódios prévios:

> *O* BOND *da* TERRA-NOVA (cão) *matou a* CADELLINHA DE PARTO *em* MINHA TERRA, quando passava no ar UMA PENNA *que era de*

> *gallinha d'*ANGOLA, *penna que me levou á* AFRICA, *onde eu* vi os LEÕES *dilacerando o papa* (Leão XIII)!
>
> *Era chegado o fim da* RELIGIÃO *de* CHRISTO, *que, acompanhado de* MAGDALENA, *partira de* MAGDALA, *na formosa Galileia, afim de esconder-se no* HORTO DE GETHSEMANI!
>
> *Ouviu-se então num realejo o* HERNANI, tocado por VERDI. *Christo fugiu para a* ITALIA *e refugiou-se em* VENEZA, *fazendo-me sonhar com um* PRÍNCIPE Á BEIRA DE UM LAGO; *lembrei-me do meu* CHROMO DOS LENÇOS, *e voltando á* «Á FLOR DO CHIADO» *vi Jesus na* VITRINA DO NOVATO; *era esta muito parecida com* A *da rua da Imperatriz, aqui, onde eu vi um bello* ESTOJO DE COSTURA.
>
> *Sempre que vejo um* ESTOJO *lembro-me da agulhada no dia do jantar politico*, *que teve uma mesa de* DOCES *de arromba, tendo sido muito apreciados os* MANJARES, *com as suas fórmas de pequeninos* PEITOS (CARVALHO, 1888: 301-302).

E eis, enfim, a conclusão a que chega (e a que retorna) Ester, após sua peculiar elucubração:

"A fórma do manjar devia de ser mudada, afim de evitar que o pensamento dos homens parasse no seio das mulheres."

– Ester.

S. Paulo, 4 de Setembro de 1887.

(CARVALHO, 1888: 302)

O CHROMO 301

O primeiro continente, no caso, era a phrase—*A fórma do manjar devia de ser mudada, afim de evitar que o pensamento dos homens parasse no seio das mulheres*; o segundo continente era—*A dôr dos « animaes » devia de ser a mesma dos homens. Como estes elles deviam ter uma alma « immortal », segundo queriam muitos*. E no meio, tudo que prendia esses dous pensamentos, era o navio sobre o mar largo das idéas, o qual, revolto, tragara até ás profundezas um trecho de sua vida mental.

Agora o que era preciso, aquillo de que a moça necessitava era de pôr as cousas em seus termos, isto é—pela ordem directa, do simples para o complexo e o mais syntheticamente possivel. Esse trabalho era-lhe facil; fazia-o como quem desvira um sacco do avesso para a direita. Tinha partido de cima para baixo; ia agora partir de baixo para cima.

Tomou o seu livro de lembranças e começou a escrever uma chave mnemonica. Ahi as palavras em grypho, estranhas aos pontos da associação, serviam apenas de copula ás palavras em versaletes; estas eram os pontos, eram os marcos miliares do pensamento desaparecido e depois encontrado.

E escreveu o que se segue e que conserva aqui a mesma fórma por ella dada:

NOTAS A MIM MESMA

« A dôr dos *animaes* devia de ser a mesma dos homens. Como estes elles deviam de ter uma alma *immortal*, segundo querem muitos. »

O BOND *da* TERRA-NOVA (cão) *matou a* CADELLINHA DE PARTO *em* MINHA TERRA, quando passava no

302 O CHROMO

ar UMA PENNA *que era de gallinha d'*ANGOLA, *penna que me levou á* AFRICA, *onde eu* vi OS LEÕES *dilacerando o papa* (Leão XIII)!

Era chegado o fim da RELIGIÃO *de* CHRISTO, *que acompanhado de* MAGDALENA, *partira de* MAGDALA, *na formosa Galiléa, afim de esconder-se no* HORTO DE GETHSEMANI!

Ouviu-se então num realejo o HERNANI, tocado por VERDI. *Christo fugiu para a* ITALIA *e refugiou-se em* VENEZA, *fazendo-me sonhar com um* PRINCIPE Á BEIRA DE UM LAGO; *lembrei-me do meu* CHROMO DOS LENÇOS, *e voltando á « A' Flor do Chiado » vi Jesus na* VITRINA DO NOVATO; *era esta muito parecida com* A *da rua da Imperatriz, aqui*, onde eu vi um bello ESTOJO DE COSTURA.

Sempre que vejo um ESTOJO *lembro-me da agulhada no dia do jantar politico, que teve uma mesa de* DOCES *de arromba, tendo sido muito apreciados os* MANJARES, *com as suas fórmas de pequeninos* PEITOS.

« A fórma do manjar devia de ser mudada, afim de evitar que o pensamento dos homens parasse no seio das mulheres. »

— *Esther*.

S. Paulo, 4 de Setembro de 1887. »

Levantou a cabeça e, fechando os olhos, repetiu de memoria e em voz alta todos os versaletes dessa pagina.

— Prompto! exclamou, já de pé, numa alegria enorme; e foi ao piano e encheu a sala com as harmonias do *Hernani*.

Ia anoitecendo.

Havia vazos de flôres por toda a parte; festões

Fig. 1 e 2 – Diagramação original de «Notas a mim mesma» na ed. *princeps*[8]

Tal demonstração ímpar de autocontrole distancia Ester de outras heroínas histéricas do Naturalismo brasileiro, como Madá (*O homem*) ou Lenita (*A carne*), garantindo para si o papel incipiente, mas ímpar, de «experimentadora» de si própria. Para a jovem, como para Zola (1979: 41), parece haver «um determinismo absoluto para todos os fenômenos humanos».

Há, pois, uma falha no «experimento»: aquela que deveria ser o objeto do estudo galga à posição de sua experimentadora.

Ademais, se considerarmos que, ao discutir o separatismo paulista, o autor rompe quaisquer pretensões de imparcialidade,

8 Embora exista no trecho uma menção do narrador à exata disposição visual da carta de Ester, não foi possível manter inteiramente a diagramação original na presente edição.

inserindo-se na narrativa como um dos oradores do Congresso Republicano, então teremos a dimensão maleável, quiçá amadora, da aplicação do «romance experimental» por Horácio de Carvalho.

Maleabilidade e amadorismo são, aliás, termos caros ao autor. Diletante interessado pelas descobertas científicas e pelas diversas correntes do pensamento europeu de fins do século XIX – a abarcar termos tão díspares entre si quanto o materialismo, o hipnotismo, o ilusionismo, o ocultismo etc. –, Horácio ocupou-se de uma pletora de temas. Cronologicamente, após *O cromo*, publicou *Bouquet de coisas* (1896), coletânea de artigos do *Diário Popular* (SP) e do *Correio Paulistano* (SP) por si classificados como «enciclopédia de numerosos assuntos de utilidade permanente» (CARVALHO apud COSTA, 1970: 51); *Itatiaia* (1898), relato de viagem fartamente documentado, que lhe rendeu o ingresso no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; *Navegação aérea* (1901), uma das primeiras obras dedicadas às conquistas de Santos Dumont, publicada imediatamente após a vitória do Prêmio Deutsch, do Aeroclube de França; e *O Káf de João Ramalho* (1903), estudo apresentado ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo sobre as origens judaicas do alcaide e fundador português do povoado de Santo André da Borda do Campo de Piratininga.

Assim, é natural que não tenha percebido os limites da aplicação de um método tão *ex-machina* como o Naturalismo para a realidade brasileira (sem cuidar sequer de sua aplicação *tout court*). Tal «deslize» entre projeto e execução não se deve apenas a certa incipiência do autor no trato da forma romanesca (*O cromo* é, afinal, seu livro de estreia, concluído em abril de 1888, imediatamente às vésperas da Lei Áurea); nos demais romances naturalistas da década de 1880, eivados de simplificações que compreendem os problemas sociais muitas vezes a partir de questões biológicas (e.g. histeria),

> tudo visa à reconstituição, ao ocultamento das dúvidas e divisões. Não podem estar eles mesmos cheios de fraturas, sob o risco de ficarem ainda mais em evidência as divisões nacionais. Estão, portanto, condenados a executarem um ocultamento duplo: do caráter periférico do país e das divisões que lhe são próprias, do misto de orfandade e dependên-

> cia característicos de sua literatura. Devem representar como unidade e documento o que lhes aparece como dividido, ambíguo e fragmentário. São, assim, operações ideológicas as marcas registradas do naturalismo dominante na ficção brasileira. Fotografa o país mas, como uma *camera oscura*, inverte o que vê. E é enquanto «ideologia estética» que tenta restaurar a simetria desfeita de uma máxima, e uma literatura e uma nacionalidade fraturadas. [...] Um país periférico e com divisões sociais, regionais e intelectuais das mais diversas, que se utiliza de uma *estética da objetividade, da analogia, da representação* para fazer de sua literatura um retrato capaz de lhe dar ficcionalmente a unidade que não possui (SÜSSEKIND, 1984: 45).

Conclusão: o não legado

É curioso que os tópicos aqui abordados – i.e., a escassa fortuna crítica do romance (eco do esquecimento em que se encontra hoje o nome do autor), a defesa do separatismo paulista (eco gorado do republicanismo) e a aplicação do projeto naturalista à literatura brasileira (eco do cientificismo oitocentista e transposição *tel quel* de conceitos exógenos à realidade local) – indiquem uma série de negativas.

Em outras palavras, trata-se de um amplo e difuso *não legado*, que ainda hoje parece – quase – impedir a apreciação justa, bem como a circulação merecida, da obra que se tem em mãos.

Bibliografia

AZEREDO, Carlos Magalhães de (2003) – *Memórias*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras.

BERNARD, Claude (1984) – *Introduction à l'étude de la médecine expérimentale*. Paris, Flammarion.

BOSI, Alfredo (2008) – *História concisa da literatura brasileira*. 46 ed. São Paulo, Cultrix.

BULHÕES, Marcelo (2017) – «Sexualidade e erotismo no romance naturalista». In GUINSBURG, Jacó; FARIA, João Roberto (Org.). *O Naturalismo*. São Paulo, Perspectiva. p. 385-395.

CAMPOS, Haroldo de (2004) – *Qohélet, o que sabe: Eclesiastes, poema sapiencial*. São Paulo, Perspectiva.

CARVALHO, Horácio de (1888) – *O chromo (Estudo de Temperamentos)*. Rio de Janeiro, Tipografia de Carlos Gaspar da Silva.

COSTA, Horácio Rodrigues da (1970) – *Horácio de Carvalho: biografia de um iniciado*. São Paulo, Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais.

FONSECA, Gondin da (1970) – «Prefácio-Manifesto». In COSTA, Horácio Rodrigues da. *Horácio de Carvalho*: biografia de um iniciado. São Paulo, Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais. p. IX-XV.

LINHARES, Temístocles (1987) – «Ainda o Naturalismo». In *História crítica do romance brasileiro*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, p. 199-237.

MARTINS, Wilson (1979) – *História da inteligência brasileira,* v. 4. São Paulo, Cultrix.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia (1988) – *História da literatura brasileira: prosa de ficção*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP.

MOTA, Leda Tenório da (2017) – «Para uma epistemologia do Naturalismo». In GUINSBURG, Jacó; FARIA, João Roberto (Org.). *O Naturalismo*. São Paulo, Perspectiva. p. 49-61.

ROMERO, Sílvio (1949) – *História da literatura brasileira*, v. 5. São Paulo, José Olympio.

SÁFADY, Naief (1962) – «Um romance científico». *O Estado de São Paulo.* Suplemento Literário. Ano LXXXIII, n. 26.797, 1 set., São Paulo, p. 4

SCHWARZ, Lília Moritz (1992) – «O olhar naturalista: entre a ruptura e a tradição». *Revista de Antropologia*, v. 35. São Paulo, p. 149-167.

SIMÕES JR., Álvaro Santos (2012) – «Entre Zola e Eça: o naturalismo brasileiro em seu apogeu (1888)». *Olho d'água,* v. 4, n. 1. São José do Rio Preto, p. 11-20.

SODRÉ, Nelson Werneck (1965) – *O Naturalismo no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

SÜSSEKIND, Flora (1984) – *Tal Brasil, qual romance? Uma ideologia estética e sua história: o Naturalismo*. Rio de Janeiro, Achiamé.

ZOLA, Émile (1979) – *O romance experimental e o Naturalismo no teatro*. Trad. Ítalo Caroni e Célia Barretini. São Paulo, Perspectiva.

Critérios de Edição

Para além da tentativa de manutenção fiel do texto original, extraído da edição *princeps*, alguns critérios básicos de transcrição foram seguidos na presente edição d'*O cromo.* Embora o texto fixado esteja atualizado com base no Acordo Ortográfico de 1990, faz-se necessário assinalar algumas especificidades:

1. Manutenção da grafia de palavras estrangeiras, por constituírem marca de estilo do autor ou do tempo em que a obra foi escrita. Tais vocábulos estão em itálico o que, nem sempre ocorre no original (*polka; kilometros; grenat; etagére; nikel; morbus; bouquet; atelier; cognac; champagne; bibelots; bond; bonds; sandwichs; pince-nez; tribus; cactus; teléfono*);

2. Manutenção da grafia de palavras eruditas, antigas ou populares (espécimens; regímen; abdômen; rubim; animálculos; ramilhete; mui; mor; joalharia; polmão; curuz; ameixieira; camelieira; passeiando/passeiarem/passeiariam; papagueiando/papagueiar; receiando/receiava; meiados; arreiado; peior; grosseirias);

3. Manutenção dos ditongos OU e OI nos vocábulos que admitem dupla grafia (cousa/coisa; dous/dois; oiro/ouro; dourado(s)/

doiradas; doirava; doirando; doirou; noute/noite; poisava; poisando; bebedoiros; doido);

4. Desenvolvimento do ditongo EI, pronunciado desde o século XVII (idea ➔ ideia);

5. Atualização do S (sonoro: SS) em vocábulos compostos ou formados por prefixação (madresilva ➔ madressilva; presagiar ➔ pressagiar; presentimento ➔ pressentimento; proseguira ➔ prosseguira);

6. Atualização da 3.ª pessoa plural do presente do indicativo do verbo ver, sempre que necessário;

7. Manutenção de abreviaturas (S. Paulo; S. Tomé);

8. Uniformização do uso do itálico (nem sempre utilizado) em palavras estrangeiras, onomatopeias, termos ou expressões postas em destaque pelo autor (*Zum!... um... um... um... um...;* cumprimento da *ordem; animal*-homem; O *como* de Joana era o *cromo* de Ester);

9. Atualização do emprego do hífen, conservado em compostos criados pelo autor (galo-músico; sobe-desce; ideia-fixa; ideia-capital; ideia-pêndulo; alcova-salão; fino-*champagne*; *modelo-vivo*; homem-*cousa*; *animal*-homem);

10. Emprego de maiúsculas em palavras e expressões destacadas pelo autor, distinguindo versais e versaletes (Universo; *Herbário*; JOAQUIM FERNANDES DE BARROS; AQUELE ENGANO D'ALMA LEDO E CEGO; O APARECIMENTO DA MORTE);

11. Uso da maiúscula inicial nas abreviaturas (Dr.; D.);

12. Emprego da inicial minúscula nos nomes de meses e estações do ano;

13. Mantenção das formas sintáticas, da concordância, do gênero e da colocação dos pronomes conforme o uso da época em que o texto foi escrito (Era duas horas; deviam de pagar; começara de sentir; quatrocentas gramas; abdicar essa própria vontade; matou ao João; para que se não lograssem; achegava-se dele; que se lhos não desse; não lhe interrogava sobre; convidou ao pintor; cismava no moço);

14. Manutenção, na quase totalidade dos casos, da grafia original de topônimos (Bourges, Lião, London);

15. Manutenção da notação original de valores financeiros (1$800 réis);

16. Manutenção, em geral, dos pormenores de pontuação, como forma de não comprometer o estilo do autor, a par com o uso da maiúscula ou minúscula correspondente;

17. Correção de gralhas tipográficas evidentes, sem menção em nota;

18. Manutenção de textos em língua estrangeira, acompanhados por tradução em nota;

19. Manutenção das notas da edição *princeps*, antecedidas pela indicação: «Nota do original».

O cromo

(estudo de temperamentos)

A
JOAQUIM FERNANDES DE BARROS,
homem de inteligência,
homem de caráter e homem de coração,

oferece cheio de reconhecimento

O AUTOR.

S. Paulo, abril de 1888.

Meu caro Rodolfo de Abreu,

Hoje, que este meu primeiro romance sai à luz, compreendes o prazer que tenho de registrar teu nome nesta página: – é um testemunho de nossa velha e boa amizade.
Abraça-te cordialmente

Horácio de Carvalho.

Rio, julho de 1888.

I

– Olé! exclamou o Alcântara, afrouxando um cigarro e com a flauta debaixo do braço. – Temos alto forrobodó! Hoje é dia de catinga!

E ficou parado com os outros companheiros diante do sobrado do tenente-coronel Jerônimo de Aguiar, à direita da matriz, a ver e comentar o movimento que havia no salão, através das cortinas transparentes, abertas embaixo e presas aos portais das janelas.

A frase baixa do Alcântara referia-se ao baile.

Com efeito, dançava-se no sobrado, em homenagem a uma data de família, e lá se achava reunida a melhor gente da terra.

A noite estava clara e fresca.

De vez em quando, e do lado de dentro, passavam pelas janelas iluminadas bustos conhecidos de moças bem-vestidas e rapazes de sobrecasaca.

Fora, pendentes de ganchos de ferro, presos à sacada, havia globos de vidro, que iluminavam toda a frente da casa.

O Alcântara, 30 anos de idade, muito pândego e grande fumista, era dono do leme, chefe dos foliões do lugar, fazedor de serenatas, bom copo, bom garfo, prosa chula e livre e – diretor da banda de música. Disto é que ele vivia. Quando não havia festa, comprava fiado; quando havia, ganhava seus cobrinhos e dava alguma cousa por conta.

As serenatas eram sempre um pretexto para beberem. Paravam à porta das vendas, tocavam uma *polka* ou uma valsa, e o vendeiro se levantava, recolhia-os ali mesmo, e lhes dava cerveja ou vinho. Bebiam, tocavam, fumavam; tornavam a tocar por despedida, e retiravam-se depois, indo em seguida à venda de diante, e assim, até alta noite.

Era um musiquim[1] raquítico – o Alcântara; tinha a pele encarquilhada, muito moreno e quase sem barba; magro, olhos pequenos e acesos; maledicente, sarcástico e muito susceptível; metia as botas nas pessoas de posição, porque não lhe davam importância,

e o tinham deixado de parte, de uns tempos para cá, mandando chamar a música da cidade vizinha para as festas de S. Sebastião e do Espírito Santo.

– Tudo ali era ruim! dizia ele. – Aquilo? meia de seda em cima de chulé. O Seixas! pois o que era o Seixas? – cem contos de réis, ganhos infamemente com o suor do escravo! Um analfabeto! um safado que passara a ser conservador para ter o título de capitão! O major Cornélio! – um lorpa todo emproado, incapaz de fazer um benefício; um estúpido afinal de contas, com uma filha muito bonita e um filho tão besta que não tinha podido estudar por falta de inteligência... – tipinho repugnante como um papo à mostra. O Aguiar! tenente-coronel, ora esta! burro como uma cangalha! O vigário... religiosa besta, de óculos, a carregar um missal de missas; um sujeito cuja vida era escandalosa! E eram esses os donos da terra, os que davam cartas no baralho!

– Para eles todos, olhassem! disse aos companheiros, dando uma pancada no meio do braço e sacudindo a mão em figa.

– Não precisava deles para nada! Pílulas! Àquela cousa e água longe.

No entanto, dentro tiravam-se pares para a quadrilha.

– Quando desse o sinal, disse o Alcântara num requinte de maldade, romperiam cá de fora num dobrado, com toda a força e que os atrapalhasse. E perguntou?

– Pronto?

– Pronto, responderam os companheiros.

Eles tinham vindo da rua de Baixo, da casa da Aninha Paçoca, onde havia um *fuzo*[2] descabelado, e onde tinham tocado muito e bebido muito.

O Chico Antônio aprumou o oficleide[3], o Salustiano tirou a saliva do *piston*[4], o Alvarenga e o Eneias levantaram os saxes e o Pereira preparou a clarineta.

O Alcântara tragou uma última fumaça, atirou o cigarro fora, e:

– Sentido! avisou, que eles iam começar.

Um rapaz vistoso, que aparecia no vão da sacada e que servia de par a uma filha do Aguiar, bateu três palmas e a música começou uma quadrilha.

Quase ao mesmo tempo, do lado de fora e em frente às janelas, rompeu a banda do Alcântara num barulho infernal, a *rasgar* nos instrumentos de metal um dos dobrados clássicos da música da roça.

Foi interrompida a quadrilha; ninguém mais pôde entender-se.

Estava tirada a vingança do Alcântara.

A música que tocava no baile era da vila vizinha.

O povo que estava na sala apinhou-se nas sacadas, e foram reconhecidas todas as pessoas da terra.

Quando pararam com o dobrado, riram muito e começaram a comentar.

– Lá estava o Oliveira, o sabugo de quanto rico havia.

– Não viam o Chico caixeiro, lá, encostado ao portal? E o Ernesto? que patife! com um fraque do tempo da zagaia[5] e um nariz que entrava em toda a parte.

– Vissem! As Silvas todas de branco! Olhassem as Melos como estavam impostoras! Naquela hora nem se lembrariam de que compravam feijão com costuras.

– E o Albuquerque? Ah! pedante! a puxar o cavanhaque de bode e a aproveitar a distração dos outros para enfiar a unha no nariz! Não tinham visto a Eugênia passar? Falava-se que ela andava numa *paixa*[6] preta pelo promotor público, o Dr. Pedrinho, um caguinchas de primeira força, e que até lhe escrevia bilhetinhos que iam enrolando flores pelo talo...

– Só isso? diziam mesmo que ele dava-lhe beijos descaradamente na janela. Ela que fosse pobre que não encontraria mais noivo.

– Um escândalo! uma pouca vergonha! sentenciou o Chico Antônio, tirando a primeira volta do oficleide e virando a saliva fora; pediu em seguida uma palha de cigarro.

– Aquilo sim! Vissem! falou o Alcântara, mostrando um belo vulto de mulher, que havia assomado à sacada, e que se recostara ao portal, junto de um globo de vidro.

– Ah! aquilo sim! concordaram os outros. Que pena ser clara aquela rapariga! Dizia-se também que o Chico do tenente Aguiar dava a vida por ela, e que ela gostava tanto dele como o burro gosta da cangalha.

Era uma rapariga de estatura regular, cadeiras amplas, ombros largos, colo que era um primor, cabelos escuros, abundantes, finos e longos, muito leves e lustrosos, partidos em dous bandós, ao meio da cabeça, por uma risca muito branca, e enleados atrás, em rodilha fofa, presa a grampos de tartaruga. Um penteado simples e de muito gosto, que lhe ficava muito bem, a acompanhar pela frente, sem a menor onda, a curva graciosa de uma cabeça belíssima. Esse penteado descobria-lhe a nuca, uma nuca sem cova, de uma brancura de louça, onde se movia, solto, um punhado de cabelos doidos, numa revolta constante.

– Aquilo era fazenda! disse o Eneias, batendo com a palma da mão no bocal do sax.

– E muito distinta, continuou o Alcântara. Diziam que ela sabia mais que o próprio juiz de direito. Que boca hein? Nunca a tinham reparado de perto? E os olhos, grandes como o diabo, serenos, negros que nem duas jabuticabas?

– E o nariz? perguntou o Pereira, raspando com o canivete a palheta que estava um pouco estragada. E de ventas que bolem, e vermelhas por dentro. Sabiam o que era aquilo? – fogo.

– Tinha ouvido dizer que ela era dona de uns pés que cabiam na algibeira do colete, falou por sua vez o Salustiano, que tinha até então guardado silêncio.

– O que ela devia de ter era umas pernas muito grossas e muito direitas, replicou o Alcântara.

E em seguida tocaram uma polca e foram subindo o largo até desaparecerem por detrás da igreja.

Era duas horas da madrugada. Na casa do tenente Aguiar recomeçou-se a quadrilha.

Ester, filha do major Cornélio de Ataíde Paiva, era a moça que estivera na sacada e sobre quem versara a conversação dos músicos do Alcântara.

Tinha completado 20 anos em outubro: nascera em 1866. Era de uma inteligência brilhante, belíssimo talento, fidelíssima memória, verdadeiramente excepcional, – dons esses que se revelaram com muita precocidade, e que obrigaram o major a tomar

professores, e a mandá-la mais tarde para um dos colégios mais afamados da província, onde se fizera mulher sobre os livros, com distinção em todas as matérias, secundando, ainda menina, as próprias professoras em suas cadeiras.

Lia extraordinariamente. Devorava livros. Era de uma adoração fervente pela história natural, pela física, pela botânica, pela astronomia; enfim, por todas as ciências positivas. Ardia de desejos de ver uma estrela através de um telescópio. Idolatrava Flammarion, abençoava a memória de Hiparco.

Era de um natural pensativo, quase melancólico, que lhe ficava muito bem no rosto oval, nos olhos negros e cismadores, brilhando sob longas pestanas, por baixo de uma fronte larga, muito bem feita e ampla. Seus próprios sorrisos, de uma bondade à vista, tinham alguma cousa de refreiados: mostravam com avareza, e apenas até ao meio, a linha branca dos dentes, muito iguais e de um esmalte opalino. A pele, alvíssima, era de uma sensibilidade muito delicada; reagia ao pousar de uma mosca; vibrátil em extremo, um pouco seca e macia, tornava-lhe as mãos como feitas de cera preparada, como espécimens artísticos para estudos de anatomia. Todo o seu corpo, opulento de formas e proporções, ressumava um belo movimento de vida, adorável frescura de mocidade e grande força de um temperamento forte, a arrebentar sob a pele, por dentro dos nervos, numa florescência de desejos, de sonhos e quimeras.

Andando, tinha nos movimentos um balanço característico, elegante, muito pessoal e gentil. Todos os seus modos eram distintos: todo o seu aspecto se impunha logo ao primeiro olhar.

Seus pais, o major Cornélio e D. Eufrásia, eram mineiros, dous dos mais probos emigrantes de 1866, ano em que Ester lhes nascera, já na província de S. Paulo.

Compraram nesta província, e no norte impropriamente chamado Oeste, léguas e léguas de terra, em matas virgens de primeira ordem. Por esse tempo toda aquela zona era boca de sertão, e ele, o major, adquirira alqueires de terra à razão de um por um carro de milho e muitas vezes a 1$800, e a 2$000.

Fizera um rancho de beira no chão e aí se aboletara com a

mulher e seis escravos, herdados de seu pai, crias de casa – como costumava dizer.

E começou a derrubar mata e a plantar café. A pouco e pouco foi estendendo os cafezais e comprando mais escravos.

Em 1878 começaram a aparecer pelo Oeste fazendeiros da província do Rio, que procuravam terras para se estabelecerem de novo. Os cafezais do major cobriam já uma extensão de muitos *kilometros* e apresentavam no fim de cada safra um resultado que espantava. Nesse ano fez ele 33 contos de réis, afora toda a despesa. Os seus terrenos eram magníficos, livres de geada, e ele aumentava cada vez mais a plantação, numa sede devoradora de riqueza, num trabalho brutal, esmagador.

Vendeu em 79 muita terra por lhe ser impossível cultivá-la. Vendera o alqueire a 200$ e 250$ da roxa, *sangue-de-tatu*[7], de segunda ou terceira qualidade.

A província de Minas continuava a mandar gente para o Oeste de S. Paulo.

A energia do solo fazia o estímulo do operário, transformando o seu suor em oiro, com a generosidade de um nababo. A divisa do fazendeiro era: – *ganhar muito com pouco trabalho*.

Seguiu-se então uma cena verdadeiramente selvagem, que ainda dura até hoje: – a derrubada.

Aos golpes de cem, duzentos, trezentos machados, abatiam-se as florestas, – três, quatro, cinco vezes seculares, – e toda essa riqueza admirável era queimada em agosto, escurecendo os ares, avermelhando o sol e fazendo quase que uma noite de dous meses por todo o interior da província. Reduziam-se a cinza os lenhos mais gigantescos da flora paulista, que eram substituídos pelo cafezeiro, a desdobrar-se num lençol de esmeralda, léguas, dezenas de léguas, sobre as vertentes ubérrimas, úmidas e quentes do Rio Pardo, do Tietê, e do Paranapanema.

E foi assim que os vales se cobriram de labor, que as colinas, as serras, e as encostas se vestiram de culturas, alvejando em setembro num lençol alvíssimo de flores, a ondular, a perder-se de vista pelas terras além, atestando a grandeza do trabalho, elevando o labor humano, engrandecendo a gloriosa província.

Foi assim que o major se tornou milionário, e que chegou a ser a maior influência política do seu distrito, militando como liberal, fiel sempre ao programa de 1835.

Tivera ascendentes revolucionários, e quando falava na *Inconfidência Mineira*, os seus olhos se arrasavam de lágrimas e cria na vingança do futuro.

Ele tinha três anos quando arrebentara a revolução de 42; era o caçula, e os seus dous irmãos mais velhos haviam marchado com o pai e tinham abrilhantado as fileiras liberais, honrando as aspirações livres de sua província.

Sempre que falava em política, exaltava-se logo, e aconselhava a Ricardo, seu filho único, que nunca se metesse na *tal* política.

Era esse o fazendeiro, o ricaço cafelista do Oeste, o pai da rapariga mais formosa do lugar, sobre quem versara a conversação dos músicos do Alcântara.

Não contente com os estudos que a filha fizera no colégio, o major pusera em casa uma professora de piano, alemã, que ensinava ao mesmo tempo música e alemão a Ester e com ela falava em francês.

Por seu lado o médico do lugar, o Dr. Lins Teixeira, homem de grandes estudos, dava-lhe, às quartas, e sábados, lições de física, de química e de matemáticas, iniciando-a a pouco e pouco nas vastas generalizações da ciência positiva, aproveitando-lhe, com sumo prazer, as aptidões admiravelmente distintas para tudo que fosse investigar e aprender.

O Dr. Teixeira vira a sua discípula completar-se mulher de 84 a 86; despir-se das infantilidades e do desembaraço dos primeiros anos; aprumar-se em formas cheias e já irrigadas de novo sangue, do sangue traiçoeiro da juventude; muscular-se com vida; projetar-se em dous belos seios, alargar-se em pesados quadris, de uma virilidade poderosa; arredondar-se em espáduas de creme; corar às vezes, empalidecer outras, a um pensamento rápido, agudo e cortante, que lhe descia do cérebro, que lhe picava as fibras de mulher.

Acompanhava com indiferença, até então, todas essas cousas que eram próprias daquela rapariga, e acabado o tempo da lição, já nem se lembrava mais da moça e ia cuidar de outros deveres.

Ela era para ele, até então, uma criatura estimável que ele admirava como talento, como memória, como ilustração mesmo, entre as moças brasileiras. Mais nada.

O baile continuava.

O relógio da matriz tinha dado, havia pouco, três horas da madrugada.

Poisava sobre a cidade adormecida profundo silêncio, interrompido a espaços longos pelo cantar dos galos, amiudado naquela hora adiantada da noite.

Uma noite clara, de palidez astral, puríssima e tranquila, a passar devagarinho por cima das casas, à luz mansa, duvidosa, das estrelinhas do azul...

Para os lados da Aurora, à meia altura do horizonte, *Sirius* fulgia, o mais luminoso dos diamantes do céu. Via-se o *Orion*, esplendorosa constelação, que fixou no firmamento uma página da mitologia grega, relembrando Híreas, o caçador vitimado pelo orgulho de Diana! Viam-se as *Três Marias*, como o povo as chama, – brilhando no *cinto do Orion*.

De veludo azul, abóbada estrelada de brilhantes era o céu silencioso dessa formosíssima noite. *Prócion*, de fulgor macio e delicado, parecia recordar ainda os calores do estio na pátria de Aristóteles; as *Plêiades*, suspensas, irmanadas, eram como um broche no regaço da noite... Uma orgia de cintilações, longe, nos confins intérminos do espaço, a descer vagarosamente, silenciosamente sobre a cidade em sossego, na solidão simpática de um interior de província.

Boiava nos ares, a embalsamá-los, a suave fragrância dos vegetais orvalhados, bulindo com o olfato, provocando lembranças, fazendo brotar desejos...

Na porta do tenente Aguiar apareceu o vulto de uma mulher, envolvida em uma capinha de lã, e de braço com um rapaz.

Desceram as escadas e tomaram para a direita, largo abaixo.

Era Ester, que voltava do baile em companhia do irmão.

Vieram a toda pressa. Era já tarde.

A filha do major Cornélio subiu para seu quarto, um grande sótão, por cima da sala de jantar.

Despiu-se e deitou-se.

Quis ver se lia; não o conseguiu. Estava pensativa, faltava-lhe o sono e achava o leito quente, desagradável. Na altura da fronha bordada, belo e imóvel, via-se-lhe o rosto afogueado pelo movimento das valsas, e, mais abaixo um pouco, caía-lhe o torso indolente, em grandes linhas comprimidas do peso dos músculos, nas partes mais vizinhas do lençol!

As rendas do decote iam morrer-lhe, frouxas e enrugadas, nas primeiras elevações dos peitos, de uma candidez de camélia... que terminasse num botão de rosa. Das rendas das mangas, nédios e macios, saíam-lhe os braços corretos, esquecidos à toa, imprestáveis das fadigas da dança.

Pensava muito aquela criatura, ali deitada, a esperar o sono, à volta do baile. Passavam-lhe pela imaginação todas as peripécias, que a tinham impressionado, e o sangue lhe latejava nas veias, a dilatar-lhe as pupilas, a secar-lhe os lábios, a picar-lhe os nervos de vontades esquisitas, encurtando-lhe a respiração, castigando-lhe os pensamentos, sacudindo-lhe o espírito.

Fechava as pálpebras em vão: – desaparecia o seu quarto iluminado, mas surgiam-lhe na mente os salões do tenente Aguiar, com todos os convivas que lá estavam, todas as caras, uma por uma, tudo! Abria-as de novo, lentamente, como se as suspendesse um desejo preguiçoso, – pálpebras transparentes, pétalas esbranquiçadas de rosa amanhecida, que descora e amolece aos calores do sol.

E os galos *amiudavam* e ela os escutava, combinando ideias, pensando a sonhar, quase a dormir, quase acordada.

O galo que primeiro cantava, que dava o primeiro sinal à orquestra, era o do vizinho: – um galo-músico, vermelho, elegante e grande, de um *ca-ca-ri-a-có* muito longo, que ele fazia a descer o bico no ar, lentamente, tristemente, até encostá-lo ao solo, quase exausto, quase morto de falta de fôlego. Esse cantar começava alto, vibrante, forte, – e depois vinha descendo gradativamente, a passar, quase imperceptível, por todas as nuanças da escala musical, perdendo de intensidade, diminuindo de vibrações, até desaparecer, e não ser mais ouvido... e ele o galo-músico, ainda ficava imóvel, com o

bico em terra, até que em seguida tomava o fôlego de novo, ruidosamente, num gemido inspirado, longo, triunfante.

Conhecia-o muito; via-o sempre cantar no largo, fora do seu terreiro, airoso e belo, entre as galinhas que cortejava, alegre e bom, a rufar as asas na espora, a subir-lhes em cima, preso o bico ao pescoço delas, com a cauda baixa e endurecida, aberta em recurvado leque.

Ele parecia, ele – o galo-músico, o mais vigilante da cidade. Era no seu poleiro, entre as suas amantes, que nascia a primeira nota de música, intensa e melancólica, a quebrar o silêncio da noite, a subir para o céu na luz das estrelas, a despertar nos galinheiros vizinhos os outros galos que o sono prendia. Bom chefe de família, ele guardava o seu bando com zelo, alerta sempre, para que os gaviões não lhe levassem os pintinhos, e os gambás, à noite, não lhe pegassem as companheiras. Tinha uma linguagem terna para os pequenos, junto dos montes de cisco, a esgaravatá-los, a catar bichinhos para eles, falando baixinho e com meiguice um *coró-coró* amoroso. Era arrogante e imponente quando o inimigo se aproximava, com as intenções inconfessáveis de transgredir o nono mandamento; – alçava a crista, estufava o peito, cantava em desafio, e marchava para a frente.

– Se os homens fossem como o galo-músico! pensou a moça às luzes da alvorada nascente.

Entraram-lhe no quarto os primeiros pios dos passarinhos acordados, e dentro em pouco chilreavam todos, ruflando as asas no arvoredo, aos primeiros clarões do dia que aí vinha.

– Agora que ia amanhecendo, que tudo entrava em movimento, agora é que ela procurava o repouso, aliciava o sono, o bom sono desejado, restaurador e amigo, aquele mesmo que os seus pensamentos afugentavam!... pensava a rapariga.

E fora, entre o mugir das vacas, do meio do rumor vago da cidade a despertar, vibrava nos ares a sinfonia das aves, saudando a luz, solenizando a Natureza.

E Ester pôs-se a escutar, reconhecendo pelo canto a muitos dos passarinhos.

– *Fiau! fiau-fiau; fiau-fiau, fiau!*

– É o beija-flor! falou consigo a moça.

E pareceu-lhe vê-lo, pequenito e furta-cor, de mil nuanças doiradas, aberto no ar o biquinho, a formar um ângulo de dous lados semicurvos, e no mesmo sentido, pretos e finos, como que riscados sobre o azul do céu; via-o de pé, imóvel, no galhito mais alto do pessegueiro, dando os bons-dias à manhã de rosas, a espenejar[8] nos intervalos as alegrias de sua alma, que devia de ser pequenina como um pingo de luz e leve como o olhar das crianças.

– *Ti-ú! ti-uti-utiu, tiu! ti-utiu, ti-ú!*

– É o tico-tico, pensou Ester.

E mentalmente o via a voejar do muro ao chão, do chão às árvores, de galho em galho, irrequieto, sem parar um segundo; aqui, a catar vermes que a fresca da noite puxara para fora dos buracos; ali, a espalhar a esterqueira; acolá, saltitando, a dar pequeninos voos, e sempre alegre, rápido e nervoso – a estalar *tic! tic!*

Chegou-lhe depois aos ouvidos um gargantear áspero, seco como se fosse o rasgar de um pano engomado, tecido de fios sonoros e em diversos tons.

– É o sanhaçu que acorda, o azulego comedor de laranjas!

E pôs-se a pensar na facilidade com que os sanhaçus gulosos caíam nas esparrelas que a meninada armava pelas pontas das cercas.

– O sanhaçu morria como o peixe: – pela boca.

E mil pequenas lembranças, todas elas associadas, lhe surgiram no espírito: – eram trechos verdes de grandes terrenos, lá para os lados da serra, e onde achara um dia um papagaio com a perna quebrada a chumbo e a asa deslocada. Aquilo tinha sido a obra pérfida de algum caçador vadio.

Levara o papagaio para a casa e lhe encanara a perna com pedaços de taquara, dando-lhe a beber duas colheres de sumo de *santa-maria*, erva que era assim aplicada, e para o mesmo efeito, às galinhas que quebravam a perna. Vira-o tantas vezes! e assentara de dá-la ao *loiro*, e o sumo verde descera direitinho até a fratura, curando-a e esverdeando-lhe toda a vizinhança.

A ave, agradecida, nunca lhe dera uma bicada e já estava aprendendo a dizer alguma cousa.

Depois seguiam-se ninhos que ela cercara de ramos, nas árvores

do pomar, para iludir os gaviões e garantir às mães os seus filhotes, às mães, tão extremosas quando são aves!

Vira uma vez um sabiá quase doido porque a rapina lhe levara o filho.

Voava de moita em moita, piando tristemente, chamando em vão, numa aflição dolorosa. No dia seguinte, ao pé do ninho, estava morto um sabiá. Fora o mesmo, decerto; fora sem dúvida a mãe que não pudera sobreviver à morte do filho. As aves... ah como as aves se amavam! As pombas!

E assim por diante.

Já agora, longe, nas alturas do espaço, passavam galrando nuvens de maitacas, maracanãs e periquitos, num barulho infernal:

– *Crau-crau, crau! crau-crau, crau!...* e eram gargalhadas estridentes a arrebentar nos ares, num voo vertiginoso.

Demandavam, todos, as palhadas de roças colhidas nos lançantes dos espigões ou pelas vertentes da serra. Serviam de graves a essa orquestra os grasnidos roucos dos patos bravos que vinham do poente, das lagoas da várzea, no vale poético do rio.

No sótão, pela fresta da janela, um pouquinho empenada pelo rigor do sol, entrava em leque uma réstia duvidosa de luz matutina, que ia tirando da sombra os objetos e os apresentando, ainda que malcontornados, aos olhos preguiçosos de Ester.

Lá estava o cabide com as saias penduradas, um vestido de chita e mais outras peças; – o espelho, gravemente reclinado, à espera de luz para refletir as cousas da frente; – no espaldar de uma cadeira, o vestido de seda, de um azul claro muito chique, e que fora muito apreciado no baile, – posto sem cuidado sobre a cadeira, com parte da barra caída ao soalho; – no tapete, o espartilho que também caíra da maçaneta da cama, depois que ela se deitara; – num ângulo do sótão, a vasquinha[9] branca, de andar em casa, passada a ferro na tarde anterior, fazia uma imagem confusa na ensombrada parede, – parecia uma cara muito feia, com a boca aberta, a querer mordê-la, a ela que tivera um estremecimento; – da parede, numa parte mais iluminada, havia uns traços pretos que pareciam duas argolas amassadas, – eram as ligas, com que prendera na véspera as meias de seda

rosada. Pregara-as ali com um alfinete. As meias, murchas e penduradas, essas pendiam sobre o espelho oval do aparador de bálsamo, um velho móvel que seu pai comprara em leilão.

Das roupas desvestidas levantara-se durante a noite o perfume sutil das suas essências prediletas; pairava, no ar imóvel do quarto fechado, de envolta com os perfumes, o cheiro bom da sua carne de moça, a ressumar vida, a descansar do baile sob a alvura das colchas: e esse misto de natureza e arte, represo numa alcova de virgem, dava ao ambiente todos os encantos do desejo, todas as provocações dos vinte anos.

Sobre o leque de luz, aberto na parede, passava de tempo em tempo a sombra aumentada, quase informe, dos passarinhos que voavam fora.

E a moça ia ouvindo, ia vendo tudo Ester.

Havia mugidos de vacas de leite, que iam se achegando aos currais; sons de falas incompreensíveis dos madrugadores da cidade, poucos e conhecidos, que passeavam de manhã por velhos hábitos.

Um deles era o Oliveira, o capitão Oliveira, oitenta anos de carne e osso, que às 6 horas da manhã já tinha tomado um banho de água fria, e por cima um copo de leite, que era sair do úbere e lhe descer pela goela. Todo vermelho, cabecinha branca e muito asseado, lá estava ele, antes do sol, de pé na soleira da loja, fazendas e armarinho, a fumar o seu charuto, cuspinhando na areia do lado de fora e dando cabeçadinhas para trás: – um cacoete que, dizia, lhe tinha vindo de uma constipação na nuca, quando era rapazito.

Cansada a rapariga, foram-se-lhe os pensamentos perdendo os contornos, como as árvores isoladas quando a noite desce; eram como sombras, como visões fugitivas que se lhe abeiravam da penumbra do espírito.

E os seus membros iam se afrouxando a pouco e pouco. A lei do repouso ia substituir a do movimento. A carne pedia descanso; os nervos negavam combustível ao pensamento.

Já do ouvido lhe fugia sorrateiramente o concerto das aves, a nota harmoniosa do galo-músico; fugia-lhe do olhar a luz que ia tomando o quarto, coada pela fisga da janela; esmaecia-lhe a cons-

ciência do tato, perdendo as sensações de peso e pressão muscular sobre a própria cama.

Todos os seus sentidos foram-se imobilizando na anestesia do sono, num declínio gradual de atividade, num *minuendo*[10] ininterrupto; era a alma que se lhe escurecia, a noite que se lhe fechava no pensamento.

Seus grandes olhos, de espaço a espaço, estes cada vez mais distanciados, seus grandes olhos se abriam e cerravam serenamente, mostrando a córnea de mármore, branca como o susto da Samaritana, a adúltera da Bíblia. Que indolência poética a de suas pálpebras azuladas!

Do rosado das narinas, matematicamente movidas, já manso e lento se lhe evolava o respirar medido; e do seio, que levantava os lençóis, diminuía o arfar, porque o sangue sossegava.

Houve um momento em que aquelas pálpebras desceram, desceram tanto – que se uniram de vez, confundindo os cílios.

Não se levantaram mais.

Pouco depois, num respirar crescente, ruidoso e longo, subiu-lhe o seio túrgido, ao ruído simpático do ar inspirado fortemente; parara um pouco, em cima, e descera rápido, abrindo-se-lhe em seguida em torno da boca, fugitivo e leve, o ramilhete de um suspiro profundo.

Tinha adormecido.

Dormira abraçada com os seus pensamentos, os seus maiores algozes. Eles lhe haviam plantado no espírito a erva brava das impressões daninhas. A sua sensibilidade, o seu coração, apercebiam-se de cousas desconhecidas até esse dia: – um querer indefinido e um não querer caprichoso; um desejar vago, com medo de muito desejar; um devaneio que não era cisma, ou cisma que não tinha perspectivas; um estado dúbio finalmente, um despertar de sentimentos embrionários, primeiros balbucios, talvez, de um coração que se ia completar, de uma criatura que surpreende em si mesma os uivos instintivos da carne, as primeiras revoluções do cio.

Como em noite de janeiro, sob um céu escuríssimo e tempestuoso, brilha o relâmpago, e ilumina momentaneamente céus,

montes e vales, – assim, na noite espessa de seu cérebro fulgurava, instantânea, uma imagem viva que desaparecia logo, depois de iluminar todos os recônditos de seu grande pensamento.

Parecia-lhe, então, ter destacado situações difíceis, cujo desenlace dependia de dolorosas provações morais; ter despertado inconscientemente às bordas de um abismo insondável, sem poder dar um passo, um só que fosse, em nenhum sentido, vendo-lhe no fundo uma dessas miragens que se não imitam e que aprouve à Natureza criá-las para imobilizarem o espírito num hipnotismo delicioso. Compreendia então que há dores e desprazeres agradáveis ao sentimento.

Daí por diante, acordada ou dormindo, pensava sempre a mesma cousa, amando os seus pensamentos, amando-os tanto mais quanto mais a martirizavam.

E, hora a hora, e, dia a dia, passaram-se dois meses assim, sem que a noite do baile lhe abandonasse a memória, libertando-lhe o coração.

A lembrança, que preferia não ter, ainda que necessária, como que se tornava mais nítida, mais destacada e brilhante à proporção que aquela data ganhava no passado.

Emagrecia e concentrava-se mais.

Esse estado tornou-se patente aos olhos de todos. As indagações foram porém inúteis.

Se dantes o seu olhar era como que indiferente aos objetos, às cousas que lhe ficavam em torno, agora não se dava o mesmo; sereno e triste, pensativo e meigo, ele quedava-se nas cousas, tempos e tempos, para fugir das pessoas; e lá se deixava ficar, como uma carícia de veludo, manso e doce, sem um movimento de pálpebras.

Todos os objetos, todas as cousas tinham vozes para ela; pareciam segredar-lhe a sua missão no Universo. Tornara-se de uma amizade extrema para com os animais e principalmente para com os insetos. Ia observá-los nas plantas, no seio das flores, e lá ficava a esperar que eles subissem uns nos outros, para repará-los bem, a pensar em cousas desconhecidas, a induzir e deduzir conhecimentos secretos, estudados diretamente, cousas que se não diziam alto, senão baixinho, à inteligência e à consciência.

Gostava de ver as moscas nessa luta e já conhecia o macho por observação repetida.

Do lado da cozinha, entre o telhado e a linha, as pombas viviam arrulhando, a esfregar os bicos em beijos, sempre com a mesma missão, a de ter filhos, que era a missão de todas as fêmeas, – enquanto os machos cuidavam de prover o lar e defender as suas companheiras.

Sabia que as próprias flores tinham os seus momentos de fecundação. Via o império dos sexos a alastrar-se, a dominar todas as cousas organizadas. Admirava-se desse eterno movimento; comprazia-se de se deixar perder nessa cadeia de relações inseparáveis, onde a solução de continuidade é um nome vão, que só existe no pensamento do homem.

E filosofava:

– A folha da árvore! A folha, perdida no oceano das folhas, nascera um dia, crescera, vivera e caíra. Donde viera a folha? Nela pousara um dia a borboleta que lhe havia confiado os ovos, entregando-lhe a futura prole. Donde viera a borboleta? A folha... fabricara o oxigênio, protegendo a vida; absorvera o carbono, inimigo da existência. E, um dia, descera finalmente à terra de onde havia subido anteriormente ao tronco, energia e seiva, em transformações infindas. Caída, entrava em putrefação, sustentando ainda milhares de animálculos, invisíveis a olho nu. Um moto contínuo! O movimento não parava! O inseto, antes de ser inseto que cousa fora? E agora, dourado, era uma nota de música, ambulante e viva, a sulcar os ares, poisando nas flores, impregnando-se de aromas! Teria uma alma o inseto? – alma imortal? Qual o seu destino no mundo? qual o destino de todos os seres vivos? A julgar pelo que via, muito simples: porque tinham nascido e sentiam, – *amavam*; porque amavam – *perpetuavam-se*. Mas... como ia nisso tudo uma inconsciência atroz, um individualismo brutal! Sabia lá o inseto os interesses da espécie? Perpetuando-se na prole, só tinha um fim: – satisfazer a si mesmo, à sua sensibilidade nervosa. E depois morria, à sombra dos muros, sob as pedras, debaixo das folhas ou no cálice aveludado das flores; os filhos, sem saber dos pais, continuavam a obra começada! Sempre

a mesma cousa, a nota individual, a maior porção de prazeres e a menor quantidade de desgostos – eis o fim dos seres vivos! Nessa imensidade de sons e cores, de luz e trevas, de seres orgânicos e inorgânicos, de rumores, de silêncio, de harmonias, de júbilos, de mágoas, de pequenas e grandes cousas, todas se movendo, se procurando umas às outras, se confundindo, – não haveria um laço que as prendesse em conjunto, numa relação ininterrupta de existência comum, de vida universal? Em tudo isso não se apascentava o pensamento, tudo repetindo, copiando e amando, e servindo tudo para novos pensamentos, para novas ideias, para emoções que engrandeciam e estudos que nobilitavam? Qual a ideia, menor que fosse, que não contivesse em si um gérmen, um pedacinho de todas essas cousas, ou que a elas se não pudesse associar, intimamente, sob relações lógicas? Que era *pensar* senão *ver no espírito* as cousas de fora, com uma certeza e uma consciência relativa de as estar vendo, como se estivessem presentes, ligadas aos sentidos pelas relações moleculares? Ah! tinha lido Alex Bain! Ao professor de Aberdeen devia muita luz, a luz com que sabia ver as cousas ocultas! E então o sol, que iluminava, não estaria no espírito com as próprias cousas iluminadas? A noite, tão escura, podia surgir no pensamento sem os raios da estrela? O rio, que rola, não levava em suas águas a imaginação ao mar? – e o mar, tão grande, não se acomodava num pequenino canto do pensamento? Na morte dos animais domésticos, na dor alheia que os olhos veem e os sentidos sentem, não havia um pouco da dor própria que o coração padece e o espírito percebe sem se achar afetado? Ah! tudo isso se prendia nesse todo maravilhoso que sacode o corpo e a alma, que neles se infunde e transforma, sob milhares de miniaturas infinitas, debaixo da abóbada azulada dos céus, essa grande vulva da Natureza-Mãe, em cujo útero, eternamente fecundo, se geram na treva dos tempos as maravilhas do espaço e os aleijões do Universo! Havia em tudo isso uma fatalidade cega, que subjugava a vontade humana! E entre todas as cousas, na luz ou na escuridão, passava a serpente do amor eternizando os organismos vivos! Descobria-a em todas as cousas, desde a matéria bruta até à matéria consciente, tudo unindo, transformando tudo! Eis a lei,

eis o fato! E ela, pobre filha de um interior de província, é que havia de fugir à corrente vertiginosa da vida!?

E pensativa, perdia-se na voragem dos próprios pensamentos.

Mais que nunca, ligava-se agora a tudo que lhe ficava em torno e que tinha para si uma entidade real. Era o fetichismo da afetividade emprestando às cousas externas aquilo que, até certo ponto, só tinha existência dentro da sua própria cabeça.

Passeiando uma tarde com amigas, veio a parar por acaso junto à vitrina de um armarinho, o melhor dos poucos regulares que havia no lugar. Lá estavam meias empilhadas, objetos de luxo e fantasia, estojos de costura, tesourinhas de unhas, sabonetes de Lubin, perfumes de Pinaud, tudo posto em ordem, bem destacado para que o olhar dos transeuntes nada perdesse; – caixas de lenços com os preços marcados em cartões da casa; *boites*[11] de pó de arroz, com frisos dourados; cintos de metal prateado; pulseiras, abotoaduras, óleos, espartilhos, leques abertos, com paisagens chinesas; e, em cima, naquele pequenino bazar – uma boneca mecânica, a fazer o almoço num fogãozinho de madeira que imitava ferro.

Os olhos de Ester andaram por todas aquelas miudezas, vindo a estacar em uma das caixinhas de lenços.

A moça empalideceu.

Seus lábios rosados ficaram brancos de magnólia, e um desfalecimento instantâneo enfraqueceu-lhe todo o corpo. Naquele momento, o chão como que lhe quis fugir de sob os pés e a vista se lhe turvou, sentindo que o coração parava. Firmou-se no corrimão da vitrina e tudo se passara sem que as suas companheiras o percebessem.

Quando voltou à casa, falou-lhe a mãe de que precisavam ir à loja fazer compras:

– Que já era tempo, sentenciou D. Eufrásia. Os crioulinhos estavam sem roupa. Tinham muito que comprar, muito mesmo, e isso é que era o diabo! Dinheiro houvesse, que não parava. Era um gastar de cobre, que não tinha mais jeito! mandar buscar, isso é que ela não fazia, – já estava escarmentada! Outra cousa não queriam eles, os lojistas, acostumados a impingir gato por lebre, e depois a

conta é que eram elas! Se os conhecia! Preços para mandarim, porque o marido tinha o café! O café dava para pagar tudo! Desaforo! Então porque tinham dinheiro deviam de pagar mais que os outros? Estavam muito enganados, porque ela nunca deixava de ir e de regatear até o último preço.

– De sua parte só queria lenços, falou Ester. Era do que precisava e nada mais.

– Comprava-se tudo, tudo, tornou a mãe, e muito baratinho, lá isso é que não havia dúvida; porque para especular desafiava que houvesse outra. A própria D. Aninha, que era de fama, não podia com ela! Tinha concorrido muito para a fortuna do marido, afirmou satisfeita. Olhasse, que se não fosse aquele olho vivo (e puxou com o dedo a pálpebra inferior) e as suas economias no princípio da vida, talvez que hoje não tivessem nada.

Ester sorria-se bondosamente, pois já não tinham conta as vezes que costumava ouvir esse mesmo pedacinho, eivado de amor à ordem e à economia doméstica.

D. Eufrásia o repetia para incutir no espírito da filha essas lições de dona de casa. Ia às vezes ao excesso, parecendo até miserável, ela que era generosa e boa, exemplar e franca.

Dias depois lá foram, juntas, à loja intitulada *À Flor do Chiado*, fazendas e armarinho, do Zé *Novato*, como o chamavam na cidade.

Era ele português, estabelecido no Largo da Matriz.

Foi n'*À Flor do Chiado* que Ester viu a caixa de lenços e que sentiu aquele desfalecimento nervoso.

Almoçaram e saíram.

O dia, formosíssimo. Um sol quente e desanuviado descia em jorros de luz, castigando os vegetais alegres com as suas ondas de calor.

Havia nos ares pios de andorinhas, e dos beirais desciam os *birros* havanados, num voo curvo, de abertura formada pela linha das telhas, batendo a meio caminho as asas num estalo seco, e chilrando – *Birrr...ro!*

Ao longe, para o norte, azulava a serra, denteando o fundo do céu com os côncavos e as agulhas de seus topes.

A prumo, no *gris-perle*[12] do azul, desmaiado pelo sol, enovelavam-se

corvos em revoada, como pingos pretos distantíssimos, ou pequenas esferas que tivessem a noite voltada para a terra.

Para o sul, após colinas sobre colinas, fechava ao horizonte o tapete verde da mata, onde, às tardes e às madrugadas, atravessavam manchas brancas balançadas, às duas, às quatro, às seis e mais, em longas curvas, lentas e graves, de um a outro extremo do horizonte: – eram as garças, que buscavam as lagoas do rio, grandes estagnações formadas pelas enchentes de dezembro, lá, a légua e meia de distância do povoado.

Para o nascente, a nivelada elevação do terreno, em plano inclinado ascensional, roubava em dez minutos de marcha a liberdade da vista. Daí por diante sobrepunham-se os terrenos em tabuleiros, e desciam graduados, em escaleiras colossais, espacejando-se cada vez mais, até aos campos de nordeste, embaixo, ao fundo do vale, a duas léguas da cidade, lá onde o caminho de sacramento se entroncava na estrada real, por onde passavam diariamente, no tempo da safra, dezenas e dezenas de carros, que iam levar aos mercados de Santos o fruto sagrado dos vastos cafezais daquela zona.

Da Serra, via-se ao longe, nos campos, uma onda imensa de pó, como uma serpente apocalíptica, acompanhando por cima o leito sinuoso, longo a perder de vista, dessa grande estrada batida.

Aqui e ali, no verde-claro dos prados, entre as sombras gigantescas das nuvens, nas clareiras de sol, as éguas, em manadas, galopavam ciosas; o gado, reunido, quedava-se nas horas de sesta, em *malhadouros* pelados: – quebravam todos a monotonia esmeraldina das pastagens, bordavam de movediças manchas todo aquele panorama, que seduzia e assombrava.

Para o ocaso, porém, num rasgão enorme, abria-se toda a perspectiva do poente, em terrenos lançantes que desciam suavissimamente até perder-se, a duas léguas mais ou menos, nas primeiras elevações das serras, que pareciam encontrar-se aí, uma de norte a oeste, outra de sul a sudoeste, muito ao longe, por trás das colinas, cobertas pela floresta.

Sobre toda essa imensa extensão, em que o dedo das convulsões do globo pusera tão linda vista, caía límpido o sol, numa termorragia ciclópica, num dilúvio brutal de luz, verdadeira fotorreia solar,

refletida de mil modos, pela mica cintilante dos cascalhos em veios, pelos cristais errantes das pequenas elevações, pelo verde metálico dos renovados arbustos.

E entrava pelos ouvidos, numa violência capciosa, o pesado sussurro, o *zum-zum* monótono e vago dos insetos, que voavam zumbindo, rasteiros às ervas florescidas... desde o loiro *jataí*, a mosca e o maribondo, até a negra e brunida mamangaba, poisando nas flores moles, enervadas de calor, lambendo-lhes as carpelas, saindo, voando, com os tarsos doirados de pólen. Milhões de asas variegadas de luz, numa ótica esmagadora, refletiam instantaneamente facetas de sol, em fulgores rápidos de argentada refração.

Ouvia-se, de tempo em tempo, balir uma ovelha que pastava, nos gramados vizinhos. De espaço a espaço, triste e manso como um olhar de mãe, que sonoro se cristalizasse nos ares, ecoava o mugir longínquo, profundamente humano, das vacas de cria.

Nos recantos frescos, à sombra das bananeiras, pelos quintais sossegados, cacarejavam as galinhas.

O mais era o silêncio, o silêncio pavoroso das solidões oceânicas, iluminado em toda a sua grandeza, por esse jorro imenso, poderoso e sagrado, da luz do sol.

Quando elas entraram na loja do Zé Novato, n'*À Flor do Chiado*, nome que brilhava na tabuleta, sob letras doiradas, como um lembrete de Lisboa, a cidade natal do lojista, na pátria distante, – o Novato desfez-se em amabilidades, tornou-se todo atenções e cuidados, porque sabia que, quando ali apareciam, o dia era de venda gorda. Trouxe cadeiras e fê-las sentar-se junto do balcão, dando de língua às deveras, palreiro a valer, papagueiando sobre as últimas determinações da câmara municipal, que tinha mandado desapropriar as casas das Veigas, na rua da Ponte, aleijões salientes, que deformavam o alinhamento. Achara muito correta e patriótica a medida. Se fosse naturalizado, o seu desejo era ser vereador. Aí, sim! queria mostrar!... Falou depois dos passeios e precintas, que a mesma câmara ordenara, na rua do Feijó e na Sete de Abril. Só o que não achava bom eram os impostos sobre o comércio, um tanto pesados, não havia dúvida.

Dissertou em seguida sobre um assassinato que se dera, havia dous dias, no *Rancho do Serpa*, lugarejo de quatro casas, um rancho e uma venda, à entrada sul da cidade, lá onde, à noite, havia reuniões e bebedeiras, grandes cateretês[13] de rachar calcanhares... Isso é que a câmara devia de proibir, porque daí é que derivavam quase todas as balbúrdias que se iam liquidar nas sessões do júri. Fora um assassinato bárbaro... O Chico do Canavial estava em talas; não tinha uma atenuante a seu favor. Ele mesmo é quem tinha provocado o João Torto; e não satisfeito com isso... que tiro! arrebentara-lhe todo o canastro, deixando-lhe a caixa do peito em pandarecos... Caíra já morto o coitado! E tudo isso por quê?

Aqui o Novato fez uma pausa por discrição.

O motivo do crime fora o ciúme. No cateretê, a Joana Bicuda não quisera dançar com o do Canavial; preferira o Torto, que era mais destro no sapateado, mais *destorcido* na língua e mais homem na cama.

A Bicuda era uma mulatinha bonita, que se vestia com elegância, cantava ao desafio com graça e naturalidade, e punha *Oriza*[14] nos cabelos. Muito sopapo já tinha havido por seu respeito, lá mesmo, no *Rancho do Serpa*. O Chico do Canavial, que lhe pagava as contas nas lojas, vira-se humilhado pela preferência dada ao João Torto, um sujeito sem eira nem beira, além de tudo corcunda, e que, quanto a dinheiro, andava sempre como Jó; mas era o *enrabichado*. Em cima de tudo um pouco de cachaça – e aí estava o assassinato do Torto.

O Chico do Tenente, filho do tenente Jerônimo de Aguiar, lá se achava com a gente do Alcântara, e estavam todos arrolados como testemunhas do fato.

O Novato ia continuar, falando do desleixo em que se achava a igreja; mas a mãe de Ester cortou-lhe o verbo pela raiz, porque, senão – aquilo não se acabava mais.

Começou-se a compra.

– Que aquilo não era preço! repetia D. Eufrásia, referindo-se às cassinetas[15]. Despropósito! Daquele jeito via-se obrigada a mudar de freguesia...

– Perdão! insistia o lojista. Que estava completamente enganada! afirmava em tom amistoso, de uma sinceridade estudada. Fizesse

o favor de examinar a qualidade da fazenda. Aquilo era tecido para um ano de zurra[16]. Era exato que há tempos se vendera mais barato; mas agora tinham subido as tarifas da Alfândega, e... Um horror! uma ladroeira! Nem ela pensava.

E falou sobre o governo:

– Um governo inepto, – composto só de comedores... Na sua terra não era assim. Aqui cada um para si. O de que se precisava não era a república como queriam muitos, mas homens que soubessem legislar para as necessidades do país. A república para quê? No Brasil havia liberdade até demais.

Desconcertou-se um pouco, porque Ester lhe observara que havia liberdade até para aumentar escandalosamente as tarifas da Alfândega.

Daí por diante ele começou a trocar o *b* pelo *v*, e vice-versa. A *pitada* fora um pouco forte.

Já agora tinham passado a outras compras.

As cassinetas, os brins, os algodões das fábricas da província, grossos tecidos para o serviço diário, estavam já apartados. Peças de lenços de chita, de 300 a 500 réis cada um, atopetavam o balcão para a escolha. Foram separadas umas duas ou três.

– Eram a última novidade no gênero, aventurou o Novato. Vissem aqueles retratos finos de princesas europeias, aquelas vistas soberbas de monumentos históricos! Ali estava o Alhambra, onde morrera o conde de Aljubarrota! a catedral de Bourges, que guardava os restos do marquês de Pombal, junto do mausoléu do patriarca de Jerusalém!

– Onde estava Alhambra[17]? perguntou Ester.

– Alhambra? em Espanha, respondeu triunfante.

– E Bourges?...

– Bourges...? Bourges, na Europa, falou com ênfase, e acrescentou:

– Ah! pensava que ele não sabia geografia, hum? Pois era verdade, – aqueles lenços eram o que havia de mais novo no gênero... As tintas, as mais firmes possíveis.

A moça sorria-se, deixando-o com a satisfação de sua ignorância, com o atrevimento de sua coragem mentirosa.

Peças de morins, e «americanos»[18], de todos os preços, qualidades e larguras, tinham sido também separadas e postas na outra metade do balcão, junto às prateleiras, lá onde dous caixeiros serviam aos fregueses que entravam para logo sair.

Agora estavam nas chitas.

– Era o último padrão e a última novidade! afirmava o Novato, pondo as peças à vista, umas sobre as outras, como cartas do baralho na mão de um jogador.

Virava os cantos das dobras, para mostrar o lado direito, e falava da pintura, feita a capricho, nas melhores fábricas de Manchester, Oxford, Paris, Lião, etc. mentindo sempre, constantemente, sobre os processos do colorido, para convencer de que ele não desbotava; fazendo-se de erudito, para angariar-lhes a simpatia, e empurrar-lhes a fazenda por bom preço.

Ester ouvia-o com um sorriso irônico, que ele fingia não compreender. A rapariga admirava no português a tática tradicional da venda, essa tática lusitana que falta ao brasileiro, e que fez do povo luso um dos mais comerciantes do globo, no pequeno comércio a retalho. Via nele o representante genuíno das casas fluminenses, grandes casas de atacado, de que eram proprietários os filhos de Portugal, os quais se enriqueciam no Rio, em poucos anos de trabalho e suor. Nunca fora à Corte, mas o Dr. Teixeira tinha-a posto ao fato do que era o comércio na capital do Império.

Depois de muito especular, foram também apartadas algumas peças de chita.

Ultimamente, já o Novato dava um preço muito elevado, para, feitas muitas reduções, e dizendo sempre que «era só por ser para elas», – vender ainda por mais de que o preço marcado.

Passaram às meias.

Foi apresentado o que havia de melhor na casa. Ester achava-as muito boas, apesar de um único defeito que disse baixinho à mãe: – estreitas em cima; aquilo incomodava.

O Novato, homem de bom ouvido, o ouvira; e teve uma indiscrição que pôs sangue no rosto da rapariga:

– Como estreitas! Eram meias para pernas e companhia!

Vissem! falou, abrindo-as sobre as chitas e as medindo logo acima dos joelhos. Que tinham quase um palmo, reparassem! Um palmo quase de diâmetro, faltando só três dedos!

Quando a manopla do português, leviano e grulha, se espalmou sobre a meia, pareceu a Ester que aquele contato, pesado e bruto, não era sobre o pano – mas sobre a macia brancura de sua coxa.

E uma onda de pudor subiu-lhe da perna à belíssima palidez do rosto.

Tinham ficado as meias.

Chegara a vez dos lenços de linho. Prateleiras abaixo.

O que estava comprado, entre miudezas e fazendas, já passava de quatrocentos mil réis. O Novato não podia estar mais satisfeito.

Tudo que havia de melhor em lenços de linho, n'*À Flor do Chiado*, foi trazido à vista com suas qualidades explicadas, e preconizadas como de maior duração.

Nenhum deles havia que agradasse a Ester.

– Se não tinha mais na vitrina? perguntou ela, visto que os das prateleiras estavam esgotados.

– Tinha, mas eram ordinários em relação àqueles.

– Não queria mesmo cousa muito fina, acrescentou a rapariga. Lenços... perdia-se muito lenço.

– A comprar, devia de ser fazenda boa, repetia a mãe. O barato saía caro, e os que o Sr. Novato tinha mostrado eram bons...

– Bons? o que havia de superior! atalhou o lojista.

– Mas que sempre mostrasse os da vitrina, insistia a moça. Era favor.

E os da vitrina vieram para o balcão. Eram realmente menos que regulares.

Dentre as caixinhas tirou Ester uma que destampou, fingindo examinar a fazenda.

– Ficava com aqueles, disse resolutamente.

– Oh! exclamou o Novato, abrindo muito a boca, numa admiração sincera.

– Pois que fosse! falou D. Eufrásia satisfazendo o desejo da filha.

Esta fechou a caixinha, reparando com amor na pintura da tampa.

Estava com as mãos trêmulas, brancas mãos mimosas, feitas para o carinho das pétalas e para os segredos do coração. Tinha ficado mais pálida, talvez... por preferir lenços ordinários a bons lenços.

Não quis que a caixinha fosse para o monte das outras compras.

– Ela mesma a levaria, disse. Era muito leve.

O Novato foi embrulhá-la.

Ester tomou-lhe das mãos o papel de seda e embrulhou com afeto a sua caixinha de lenços, dirigindo-se em seguida para a porta da loja. E pôs-se a ver no largo a correria das galinhas de Angola, acossadas por um cão da Terra Nova.

O sol tinha declinado. Havia seguramente três horas que elas lá se achavam, n'*À Flor do Chiado*, a escolher e a comprar fazendas.

Agora, as casas destacadas projetavam para o nascente grandes sombras, chão afora. Havia um carro toldado, imóvel no meio do largo, um desses enormes carros do interior, que são puxados por oito a dez juntas de bois. Perto da porta da matriz dois cavaleiros conversavam fumando grandes cigarros de palha, cujas baforadas azuis se desfaziam lentamente na limpidez do ar parado, quente e luminoso. As vidraças que deitavam para o poente tinham revérberos que doíam nos olhos. As andorinhas já não voavam. Para a esquerda subia em curva, pelo céu acima, uma nuvem prateada, de grande extensão, toda escâmulas[19] e jaspe, desmaiando gradativamente para o zênite, até confundir-se com a cor natural da atmosfera.

Os *birros* tinham desaparecido, e o rumor dos insetos ia diminuindo pouco a pouco.

Recostada ao portal d'*À Flor do Chiado*, contemplava Ester o aspecto monótono da tranquila cidade, e, satisfeita de si mesma, pensava na tampa da caixinha de lenços.

Estavam terminadas as compras.

De volta para a casa, ao lado da mãe seguia a rapariga, elegante e nervosa, com um belo movimento de cabeça, alegre e rindo, – ela que precisava de um pretexto qualquer para expandir francamente o júbilo que lhe ia n'alma.

Contou com ruidosa alegria a história das galinhas de Angola perseguidas pelo *terra-nova*, e o fez inventando situações grotescas,

risíveis, que provocavam a gargalhada. E se a mãe ria, a filha ria por si e pela mãe. A moça estava rubra, rubra por excesso das funções do espírito, sujeitas a uma emoção benéfica e permanente desde a compra dos lenços.

As suas risadas eram cristalinas, comunicativas, de uma franqueza anormal, de uma coragem que ela não costumava ter; provocavam admoestações da parte de D. Eufrásia.

– Olhasse, que estavam na rua! Aquilo chamava a atenção! censurava a mãe.

E ela ria-se mais, nervosamente, parando a cada instante, com o corpo mole. Eram risadas límpidas, de um timbre metálico, cromáticas como uma escala musical, livres como o sentimento secreto que as repelia de um prazer concentrado. E a sua gesticulação era larga, vibrante, incisiva e à italiana, enquanto o seu corpo se vergava para trás, e os seus lábios, separados, mostravam ao céu a linha correta de uns dentes encantadores.

O sol, por sua vez, ruborizava-lhe também a fisionomia distinta, a lamber-lhe a tez fina e aveludada, dando-lhe uns tons sadios de sangue quente, de tenacidade vital, com uns longes adoráveis de sensualidade educada e reprimida, e uns pertos de revoltados desejos.

No diamante das pupilas passavam-lhe clarões instantâneos, de uma vibração fulgurante, e simultaneamente, num respirar poderoso, batiam-lhe as narinas vermelhas, – asas feitas de duas pétalas de rosa, a voar, a voar para o país incógnito dos prazeres da mocidade.

Riu, falou, moveu-se durante todo o trajeto.

Chegaram.

Ester subiu de dous pulos os seis degraus da escada, e rápida – desapareceu como sombra pelo interior da sossegada vivenda.

Fora, ao pé da matriz, já não conversavam os dous cavaleiros.

O carro estava no mesmo lugar. Uns deitados, outros de pé, sonolentos e graves, ruminavam os bois silenciosamente, abanando as moscas com as caudas preguiçosas; e de um deles, do meio da barriga para o chão, caía um fio contínuo, amarelado e líquido, que o sol doirava – manso e manso, a descer para as terras de oeste.

II

São passados dous meses mais ou menos.

Desde o dia das compras, em que Ester riu a não poder mais, satisfeita, alegre, mas de uma alegria nervosa, anormal, – desde aquele dia nunca mais ninguém lhe viu soabrir os lábios à carícia instantânea de um sorriso.

Entremos em casa do major Cornélio.

Como tudo está mudado! Dir-se-ia que grande fatalidade pesava lugubremente sobre a amorosa família. Havia no olhar, no rosto de todos um não sei quê de desesperança e desânimo, que se revelava logo, mesmo aos olhos do observador menos perspicaz.

Um grande silêncio povoava a outrora alegre vivenda; hoje, como sombras, esgueiravam-se todos da casa pelos corredores e salas, pisando de leve, falando baixinho... As vidraças conservavam-se quase sempre descidas. Os almoços eram muito tristes; comia-se sem dizer uma palavra, sem o menor apetite. Agora faltava sempre uma pessoa à mesa. Os jantares eram da mesma forma.

À noite, na mesa de jantar, o grande lampião, de quebra-luz de porcelana, já não iluminava as antigas palestras da família, nos serões, à espera do chá.

Naqueles tempos felizes, as horas passavam ligeiro, enquanto D. Eufrásia lia as folhas de S. Paulo, chegadas pelo trem da tarde, e Ester comentava as notícias, bordando ou fazendo crochê. Havia então gente de fora, sempre, velhos conhecimentos da família.

Nesse tempo a prosa era animada. Falava-se de tudo com chiste e sem maledicência.

O riso franco borbotava às vezes em gargalhadas convulsas, que dobravam as cabeças sobre o espaldar das cadeiras. Posto que pouco risonha, ainda assim ria-se Ester, feliz, despreocupada de tudo, porque nada lhe faltava; vivia sem saber o peso da vida, na plácida harmonia de satisfeitos, pequenos desejos.

Vinha depois o chá, que se prolongava às vezes até tarde, com as expansões contínuas das boas conversas.

Agora, solitário, iluminava o mesmo lampião a mesa deserta; ou então, sobre uma cadeira, pensativo e triste, o vulto imóvel de D. Eufrásia, a conjecturar sobre negras possibilidades, profundamente abismada, como feita de pedra – estátua que não se move. Já não lia os jornais. Andava agora nas pontas dos pés, por todos os cantos da casa, como visão idiota e leve, embalada pela oscilação, pelo movimento preguiçoso de um sonho difícil e mórbido.

O marido... O major Cornélio, esse entrava e saía, às vezes sem uma palavra, fraco e fingindo-se forte.

Ricardo tinha apreensões terríveis, que revelava à mãe e que lhe provocavam as lágrimas.

Todos os crioulinhos da casa, uns quatro ou cinco, filhos das escravas empregadas no serviço doméstico, foram mandados para a fazenda, para não haver barulho.

Punha-se a mesa sem um tinir de pratos. Rachava-se a lenha longe da cozinha. Fez-se, enfim, tudo que se pode fazer numa casa de família, para que um silêncio necessário não fosse perturbado.

Vieram dizer que o médico estava na sala.

Havia seguramente uma semana que o Dr. Lins Teixeira lá ia, três e quatro vezes por dia.

Situada embaixo, no largo da matriz, o qual descia de nascente a poente, a casa do major fazia esquina e frenteava para o sul. Era a última do correr daquele lado, e, assobradada, deitava da parede lateral inferior grande vista desimpedida para os campos de oeste a noroeste. Da porta da rua subiam-se seis degraus, abria-se então uma porta de vidro e, à esquerda, entrava-se logo para a sala de visitas. À direita estava a sala de espera, bem menor que a outra e de mobília simples; nesta é que o major liquidava negócios, tendo o escritório ao fundo.

A sala de visitas, para interior de província, era uma das mais confortáveis, e vestida à moderna. A mobília fora encomendada de propósito e com luxo, em uma das principais fábricas de S. Paulo, para a recepção do imperador, quando em 1878 andou visitando a província. Os acessórios, – reposteiros, cortinas, tapetes, estores, vasos, estatuetas, flores artificiais, litografias, supedâneos[20], quadros, espelhos, etc., – tudo isso ficara num dinheirão.

Nessa época foram aí recebidos os imperiais viajantes que dormiram no grande quarto do fundo, verdadeira sala, iluminada por três janelas que deitavam para o nascente. Tinha então Ester 12 anos de idade e já prometia, pelo vigor e proporção das formas esbeltas, uma dessas mulheres raras que, sem serem formosas na acepção restrita do vocábulo, vêm ao mundo como que predestinadas a prender toda a gente. Nunca se esqueceram de que o Imperador, o divino *Banana*[21], lhe beijara a boca vermelha e limpa, correta e fresca, depois de lhe fazer um elogio de beleza.

Nesse ano de 78, como um broto de bambu a romper o solo, já a primeira intumescência do seio lhe levantava no peito o corpete rendado... Começava ela os primeiros exercícios de piano.

As janelas estavam cerradas. No sofá estofado de veludo *grenat*, esperava o médico, sentado, triste, na sala de visitas.

Quase imperceptivelmente abriu-se a porta do fundo e assomou-lhe no vão o vulto embrulhado de D. Eufrásia, destacando-se na luz posterior e mortiça, que havia no quarto fechado.

O médico levantou-se e penetrou naquele aposento, depois de cumprimentá-la.

Na frente, unida à parede defrontava-se logo com uma grande cômoda, encimada por uma *étagère*, onde havia livros, frascos de remédios, caixinhas de farmácia, garrafas rotuladas a manuscrito, um mundo enfim de miudezas. Numa grande serpentina, imóvel sobre o oleado da cômoda, ardiam quatro estearinas, e seis estavam apagadas. À direita, um sofalete, no primeiro ângulo da parede; depois a porta que comunicava com o corredor, e no outro ângulo – um consolo. À esquerda, no primeiro canto, a cama de Ester, ao longo da parede da sala, e no outro canto uma outra cama, em que D. Eufrásia velava de noite.

Entre os dous leitos – um canapé e algumas cadeiras austríacas. Sobre o tapete, à beira da cama da moça, e unida ao criado-mudo – uma cadeira vulgar. A sala comunicava com essa grande alcova por duas portas de vidro; só a mais próxima ao corredor é que estava de serventia. Nessa, o pesado reposteiro de damasco vinha solto até o soalho, impedindo que a claridade do dia entrasse no sossegado

recinto; na outra tinham-se fechado os batentes de vidro e, além do reposteiro todo descido por fora, haviam pregado de alto a baixo, por dentro, uma colcha de seda.

Havia naquele quarto uma atmosfera abafada, mais carbono que oxigênio, tornando quase insuportável o majestoso silêncio que pesava entre as quatro paredes. A luz das velas tinha a imobilidade solene dos círios mortuários, e dava à espaçosa alcova um aspecto de câmara-ardente, uns tons místicos de cerimônias religiosas.

A doente havia adormecido há pouco. O médico sentara-se no canapé.

De frente para o canto, achava-se a moça num desses estados indecisos do letargo que a perseguia, havia muitos dias. O cortinado branco, caído do alto da cúpula pendurada ao teto, e quase fechado à beira da cama, filtrava-lhe sobre o busto descoberto um misto de sombra e luz. Via-se, quase bem, todo o seu corpo desenhado em alto-relevo na brancura do leito. Era uma alma de santa, era um corpo de virgem. Alva, passava-lhe a colcha dobrada por baixo do braço direito. Vestia sobre a camisa de morim uma outra de flanela azul, de mangas descidas até aos pulsos. Acordava a cada instante, assustada, falando confusamente, com o olhar fixo em qualquer ponto, quase sempre vago, pelo ar, à toa.

O Dr. Teixeira conversava baixinho com D. Eufrásia, sentados no canapé.

A porta do corredor abriu-se, e o major entrou com todo o cuidado, pisando sem o menor barulho. Cumprimentou e sentou-se de lado.

– Se os delírios tinham continuado e também a dor de cabeça? perguntara o doutor.

– Que sim. Ainda a noute passada quase não dormira com a tal dor de cabeça, respondia a mãe da doente. A cobra que ela via em delírio, a persegui-la, continuava ainda. Metia dó ver a aflição da menina para escapar de semelhante bicho. Uma excitação horrível... Às vezes quase que saltava da cama. Vinham-lhe depois os suores... Aquilo então era uma bica. Outra cousa: na excitação – muito vermelha, e quando começava a suar, pálida como cera!

O médico ouvia com toda a atenção.

– Se a dor de cabeça continuava, e se era no mesmo lugar? Que ele tinha perguntado e ela não lhe respondera.

– Era verdade, não tinha respondido. Mas, se também nem sabia como andava com a cabeça. Punha uma cousa ali, por exemplo, e quando precisava já nem sabia onde a tinha posto. – Mas... que continuava, sim, e no mesmo lugar, por cima do olho esquerdo, na altura da fonte, latejada às pontadas, como se lá pusessem um flame[22] e o fossem batendo... Que eram as próprias palavras dela.

– Bem... bem, prosseguia o médico. E... se a barulhada dos ouvidos não tinha desaparecido?

– Também não. Uma cousa... horrível! Ora, um sussurro constante e surdo, vago como o barulho do mar ao longe, ou como a ventania no mato; ora, pancadas como de campainha, ou um zumbido que não acabava mais, como o dos besouros.

– E... quanto ao calor da pele, que havia de novo?

– De novo não havia nada. A pele continuava fria, do mesmo modo.

– Mas... quando é que ela tinha mais sossego: quando estava deitada ou quando sentada?

D. Eufrásia pensou um pouco e depois respondeu:

– Quando estava deitada parecia estar mais assim... Era sentar-se e ter logo sono. Cansava-se muito...

– Se tinha dado fielmente os remédios?

– Oh! muito fielmente. Que isso, – ele não se incomodasse, porque ela ali dormia ao pé. Dormir era um modo de dizer, porque até não dormia; mas, se queria passar por uma madorna, avisava a Joana, que ficava então de guarda... Todos os remédios – dados à horinha certa.

Joana era uma escrava de bem, honestíssima criatura, alma grande, mãe de leite de Ester e Ricardo, e que os queria mais que a seus próprios filhos. Muito inteligente, era ela a pessoa de confiança da casa, a enfermeira fiel e prática, e em muitas cousas confidente e conselheira.

– E... como tomava D. Ester os remédios? se tinha repugnância?

– Repugnância não tinha; mas percebera a grande parte de aguardente que havia em todos eles e até gracejava sobre o conhaque...

– Mas... se ficara tonta? se sentira novidade?

– Nada, absolutamente nada, atalhou o major, que até então se conservara calado.

– Pois era admirável ter ela percebido o álcool, porque a dose de quinina devia de tirar-lhe o gosto... E quanto à alimentação?

– Quanto à alimentação... continuava sem apetite, mas que só lhe dava o que estava prescrito. Os ovos moles iam-lhe muito bem, porque ela gostava; o leite é que lhe repugnava, e só com grande esforço é que bebia três ou quatro xícaras, das pequenas, por dia.

– E os bifes, uns bifinhos bem macios e sangrentos?

– Os bifes, esses então é que de todo!... não iam mesmo; mas o extrato de carne, muito bem, na canja ou na sopa. Que ia-se esquecendo: – os lábios continuavam sempre vermelhos, apesar de toda ela estar pá... lida mesmo!

– Isso não valia nada para o caso.

Neste ponto entrou Ricardo, tão manso como entrara o pai. Cumprimentou e sentou-se numa cadeira, do outro lado.

– Se tinha mantido todo o silêncio, todo o repouso? porque o menor barulho, a menor emoção lhe fazia mal, reatara o médico o longo interrogatório.

– Todo o silêncio, todo o repouso.

– Mas, tinha-se esquecido de trazer o quarto sempre arejado. Aquele ar não prestava... A doente precisava de ar novo, constantemente.

– Se estava tudo fechado é que na rua havia muito barulho. Por isso...

O médico mandou abrir de par em par a porta que dava saída para o corredor e as janelas da sala de jantar.

Seguiu-se depois uma grande pausa, em que todos ficaram pensando, imóveis em seus lugares.

O médico prosseguiu:

– Mas... se enfim não tinha mesmo aparecido melhora alguma depois das últimas receitas?

– Se tinha, era muito pouca, porque...

– Que qual o quê! cortou o major a frase de sua esposa.

Que sempre tinha aparecido alguma melhora; por exemplo: – a sonolência já não era tanta e a dilatação das pupilas tinha diminuído... Lá que diminuíra é que não havia dúvida.

Mas o Dr. Teixeira estava pensativo.

– Quem sabia lá se não teria errado no seu diagnóstico? parafusava consigo mesmo.

E, voltando-se para Ricardo, por um escrúpulo que lhe era comum, pediu-lhe que se retirasse.

Quando o moço desapareceu pelo corredor adentro, recomeçou o médico as indagações.

Solícito, sincero, interessado pela cura, queria até descobrir novos sintomas. Nada lhe escapava. Inquiria sobre tudo, ainda as menores cousas.

– Que ela lhe tinha dito, outro dia, que havia cerca de dous meses Ester se apresentara muito demudada, muito triste, sem apetite; que quase não comia, quase não falava a ninguém, muito impertinente; que nada lhe satisfazia, nada a alegrava, etc., etc... Quisesse contar tudo aquilo, mas com todas as particularidades, tudo! tudo! sem cousa alguma omitir!

– Sim senhor, pois era tudo exato, confirmara D. Eufrásia.

E tornou a dar minuciosamente as mesmas informações. Depois acrescentou:

– E, à proporção que os dias iam passando, mais pálida ela se tornava.

E dirigindo-se em seguida ao marido, continuou a falar para este:

– Que aquilo começara, como ele sabia, desde o dia das compras; não, das compras não; – desde o dia seguinte ao das compras. No das compras ela estivera muito alegre, mas de uma alegria doida, disposta mesmo a brincar e a rir. Pois se um cachorro *terra-nova*, que correra atrás das galinhas de Angola, quase que a fizera arrebentar!... Então? Depois amanhecera triste, tris... te mesmo! e assim fora indo até... Não comia; não dormia... Noites inteiras de insônias e sonhos que ela nunca quisera dizer o que eram, mas só que eram horríveis, funestos... E, depois, piorou mesmo de uma vez com... *aquilo*; o Dr. já sabia, pois já lh'o dissera.

– Ah! Fez o médico. A hemorragia, disse ele abanando a cabeça, profundamente pensativo.

Tratava-se de um caso de metrorragia[23], aparecido em Ester alguns dias antes de cair de cama. Fora uma aparição extemporânea, pois havia pouco passara a moça pelo seu mês feminil; causara por isso um grande mal à sua saúde.

O Dr. Teixeira tornou a perguntar o que já havia perguntado há dias:

– Se fora muito abundante.

– Ih, doutor! muitíssimo. Isso ficara fraca mesmo de todo. Ora, já antes tinha havido o mesmo, mas não tanto, e também fora de tempo.

– Se durante esses dous meses ela continuara a ler muito, até tarde da noite, como era de costume?

– Continuara.

– Se não desconfiava de alguma... causa moral?... algum desgosto? – porque, enfim, ela estava numa idade em que a gente não sabia prender o coração...

– Que nada! atalhou o major. Sua filha só tinha amor aos livros, ciências, artes, etc. Nenhum moço, até ali, lhe merecera ainda o olhar, – senão ele teria percebido.

E o médico, voltando-se para D. Eufrásia, a surpreendeu abanando a cabeça.

– Que achava? perguntou.

– Não sabia... respondeu ela, hesitando. Mas... desconfiava, sem saber de quem desconfiar.

E acrescentou sorrindo:

– O coração das mães, naquelas histórias, não se iludia.

O médico também sorriu-se, ferido de ternura, pela maneira simples e simpática por que aquela senhora enunciara essa verdade tão grande. Ele preferiu a opinião de D. Eufrásia à do major Cornélio. Calaram-se de novo e todos pensavam sobre o mesmo assunto.

Passado muito tempo exalou o médico um suspiro e prosseguiu:

– Que não seria nada, se não aparecessem, como dissera, as náuseas, as convulsões, e os vômitos; que confirmava o seu diagnóstico, e que continuasse com os remédios. A alimentação, sempre a mesma.

E levantou-se para sair.

Nesse instante, quando os outros também se levantavam, uma das cadeiras fez barulho no soalho.

Ester engrolou algumas sílabas ininteligíveis e voltou-se para a beira da cama, acordando aos poucos.

– Ah! Era o doutor?... disse ela, lentamente, vendo-o aproximar-se.

– Ele mesmo, respondeu o médico. Folgava muito de vê-la tão melhor.

– Obrigada, respondeu; mas supunha que não estava «tão melhor» como ele pensava.

O doutor, que tinha ido à cômoda, voltava agora com um castiçal aceso.

– Não tinha querido despertá-la, disse ele. Ela estava tão sossegada... Já se ia retirando. Que era bom respeitar o sono dos sãos, quanto mais o dos doentes.

– O dos mortos, dissesse, – era mais respeitável, acrescentou a rapariga numa expressão de desânimo.

– Que ideia!... Deixasse-se disso! tornou o médico um tanto comovido.

E sentou-se na cadeira, ao pé da cama, pondo o castiçal no criado-mudo.

– Mostrasse a língua, pediu ele, mudando a cadeira para juntinho do leito.

Ela pôs a língua de fora, e ele a examinou atentamente. Depois, pegando a vela e aproximando-a do rosto da doente, observou-lhe as pupilas, – acesas, muito dilatadas, negras e brilhantes como pedras de ônix.

Encostou-lhe, brandamente, com um misto de respeito e quase religião, as costas da mão à pele das faces e depois à curva de neve do formosíssimo pescoço.

Continuava fria, fria como cadáver.

Pediu licença e apalpou-lhe os pés; também frios, menos contudo que a parte superior, o tronco.

Tinha muitas perguntas que lhe queriam voar da boca, e que não fazia de vergonha. Seria um certo acanhamento diante daquela

criatura frágil, que o fitava suavemente, sem pestanejar, cobrindo--o todo com a luminosa redoma de um olhar inteligente e plácido. Essas perguntas, fá-las-ia em particular a D. Eufrásia.

– Queria agora escutar o coração, disse ele, com rapidez e veemência para não tremer ao pronunciar essa palavra traidora.

A doente quis sentar-se. Ele não consentiu.

Ela virou-se de costas, e ele, sentando-se na beira da cama, passou um braço para o canto, por cima dela, e o firmou no colchão; depois desceu com todo o cuidado o corpo e colocou o ouvido ao seio da enferma.

Esteve assim – talvez mais de um minuto.

Era falsa aquela posição. O sangue descera-lhe ao rosto, agitando-lhe os pensamentos no cérebro. A imaginação começou--lhe a voar e a atenção fugiu-lhe do objeto de seus deveres: – verificar em que estado se achava o coração da enferma; se ainda era perceptível o ruído de sopro, sintoma esse que muito o auxiliaria na confirmação do diagnóstico.

Mas... como não esquecer? – estava tão bem ali! Um pedaço do *paraíso perdido* através de um exame médico.

A luz da vela dava-lhe de chofre no rosto afogueado e ele parecia nunca mais se levantar!...

Entretanto, notara-lhe o major Cornélio a má posição, vendo que o sangue lhe descia todo para a cabeça.

O doutor levantou-se. Não tinha ouvido nada.

– Talvez fosse a camisa de flanela que impedisse o som... balbuciou. – Era muito encorpada, disse com indiferença.

– Que estava justamente a pensar aquilo mesmo, ponderou D. Eufrásia.

E, chegando-se para a filha, desabotoou-lhe três botões da primeira camisa de lã, dobrando-lhe as pontas para os lados.

Ficou descoberto um triângulo branco na outra camisa que estava por baixo.

Parecera ao médico que o que se abrira, ali, a seus olhos, não foram simplesmente as duas metades de uma simples camisola de flanela, senão as cortinas imaculadas de um santuário divino.

Ainda uma vez, a camisa branca, em forma de triângulo, cuja base corria de clavícula a clavícula, veio lembrar-lhe o nome do músculo misterioso que na anatomia do corpo governa a circulação do sangue, e na anatomia do espírito é governado pela fisiologia das emoções.

O Dr. Teixeira, alma de seleção, tinha 33 anos de idade, dos quais os últimos 10 consumira-os ele conscienciosamente, e sem tréguas, no culto de Hipócrates. Muito modesto, tinha o Dr. Teixeira uma grande reputação merecida, como médico e como homem de bem, em toda a extensão do vocábulo. A natureza dera-lhe um cérebro forte, de brilhante talento e invejáveis sentimentos morais. Pelo vigor da imaginação a sua alma era uma alma de poeta.

Era homem de estatura regular, olhos mansos de observador, castanhos, enérgicos em expressão. De forte virilidade e bem-disposto, parecia gordo e não o era. Ombros largos, tórax bem desenvolvido, rico de sangue, tinha ele pouca barba, quase nenhuma mesmo e o cabelo da cabeça, anelado e negro, já lhe ia fugindo aos poucos da fronte, prometendo futura calvície. Uma bela cabeça a do Dr. Teixeira, um tanto grande para a sua estatura, mas admiravelmente contornada. Na fronte, a pele se lhe contraía em três grandes rugas horizontais e fundas, acompanhando a volta das sobrancelhas. Moreno, desse moreno macio e doce dos filhos do norte, produto bem acentuado de diversos cruzamentos, ele usava só o bigode, um bigode quase castanho, que custara muito a crescer. Era filho do Ceará; mas não tinha, como a maioria dos cearenses, os pômulos salientes e a cabeça japonesa. A sua sensibilidade nervosa era riquíssima. Sentia sempre, antes que outros o sentissem.

Este grande médico e grande materialista nunca se apercebera até então do verso de Camões

> ... AQUELE ENGANO D'ALMA LEDO E CEGO[24]

que para uns é riso feliz, céu sem nuvens, e para outros – desventura e lágrimas, e para todos necessidade.

Esse curto espaço da existência de Cristo, 33 anos, a média em geral da vida humana, passara-o ele automaticamente. A infância

voara-lhe descuidada, à beira dos sertões de sua província natal, sob os raios de fogo de um sol quase eternamente a pino, ouvindo à noite as lendas indígenas da tradição. Nessa época, nunca pensara que houvesse de um dia, no futuro, viver longe do solo amado, do seu berço de nascimento, entre outros usos e costumes, ligado aos homens pelos elos apenas da linguagem, sem outras simpatias que as de estranhos, conquistadas no entanto pela elevação de sua própria índole, ato afinal de contas que lhe não dependia da vontade, mas da fatalidade seletiva que presidira à evolução de sua linhagem.

Todo esse percurso de tempo, que é a existência de uma geração inteira, passara-o ele: – infância, quase sem recordações; juventude, quase sem história, e virilidade – completo olvido, nome sem eco, ciência ignorada, vida vegetativa. As funções da vida de relação em seu organismo, por circunstância dolorosa de fatos sucessivos, tiveram âmbito estreito de atividade; não chegaram, nunca, ao seio vasto e agitado do mundo. Como inseto do inverno, noctívago antófilo[25], recolhera-se ao cálix solitário de sua imaginação, que sobre ele dobrara as pétalas, e, ali, vivendo pensativo e só, era o voluntário anacoreta dessa outra Tebaida[26] que se chama – coração humano.

Depois formara-se em medicina.

Nessa quadra começava de chegar ao Rio de Janeiro o rumor volumoso de que a província de S. Paulo distendia as asas e sacudia os músculos, – S. Paulo, a águia do Sul, abrindo no azul infinito do progresso um caminho de luz, uma era nova de prosperidade às outras suas irmãs. E ele via ao longe, de colo alçado, a ema de Piratininga mondando os campos férteis do Tietê, abatendo florestas três vezes seculares, transpondo serras gigantescas como o Cubatão, levando no dorso, avestruz do Transvaal[27], a imagem soberana da civilização, ou – Júpiter feito touro, conduzindo Europa através do Mediterrâneo, que separava terras virgens de cultos, povoados solos.

Tentara fortuna, vindo para esta província; que a sua, flagelada pela fome, só lhe podia oferecer um horizonte tenebroso, uma sorte precária. Demais, filho único, já não tinha pai nem mãe. Ia na corrente da vida como a folha seca da figueira silvestre, entregue pelo vento às águas do rio...

E viera.

Percorreu diversas cidades até que se fixara ali, desde 1878, solitário espontâneo de uma casa deserta, onde por amigos só tinha os livros e por distração ainda os mesmos livros. Mas ah! como estudara nesses dez anos de plácida soledade! Subira gradativamente, desde os médicos olímpicos da culta Grécia imortal, com escalas por Alexandria e Roma, século por século, autor por autor, até às grandes generalizações de Claude Bernard e de todos os grandes homens que deu o século dezenove para a glorificação da Medicina. Nem fora tão somente a esse ramo da ciência humana que ele se consagrara. Fizera uma recapitulação conscienciosa das ciências preparatórias, revolvera toda a História-Universal e surgira na Filosofia, o oceano de seus melhores prazeres intelectuais. E, chegado ao último juízo, feito de pedra e cal, de que a vida era isso mesmo, – *folha sem alma* no rio do destino, sentiu pela primeira vez, depois dos derradeiros estudos sobre o método de Pasteur, o tédio da existência, essa nostalgia atávica do *Nada* que nos precedeu, ou essa aspiração búdica, pessimística do *Nirvana*, do mesmo *Nada* que nos vai suceder.

Tinha necessidade de alguma cousa mais, que não estava nos livros, que os livros não podiam dar, e que nem estava na ave que canta, na aurora que arrebata, na estrela que deslumbra, na música enfim solene e eterna da Natureza infinita. Precisava de um *não sei quê*, que não sabia o que era, e nem onde estava, mas que era uma cousa que se não define e que estava na própria espécie; – precisava talvez de uma mulher, que lhe fosse a companheira da existência, porque a vida sem a mulher era um nome vão, era um crime de lesa-Natureza perante as leis fatais do Universo.

Esse fenômeno de ordem psicofísica vibrou-se-lhe em todo o organismo, nervo por nervo, músculo por músculo, artéria por artéria, despertando-o do sono mórbido do sexo, daquele sono dormido numa noite de dez anos, virgem como Jesus, embalado pelo canto da Sereia do século, – pelo cântico hipnótico das ciências da Natureza.

Foi por isso que ele suspirou ao afirmar D. Eufrásia – que o coração das mães não se iludia quando estudava os corações das filhas. Ele sabia que na esfera dos *sentimentos* o olhar da mulher vê mais, engana-se menos que o do homem. Era por isso que ele

evitava pronunciar o nome dissonoro do grande músculo triangular, que oscila na caixa do peito, como a pêndula do relógio da existência.

Depois de descansar algum tempo, curvou-se o médico de novo sobre o corpo da enferma, e com as mãos trêmulas desenrugou-lhe a camisa que lhe acompanhava a curva macia do seio esquerdo. Depois passou o braço outra vez para o canto da cama e encostou-lhe o ouvido na altura do coração.

O hálito da moça afagava-lhe brandamente a cabeça cheia de sonhos, imprimindo aos anéis de seus cabelos um movimento vagaroso de sobe-desce.

Ele escutava, sério, atento. Parecia sondar menos um sintoma da moléstia do que mesmo a linguagem divina que devia de ter aquele órgão. Não encontrara o ruído anormal que surpreendera nas primeiras auscultações. Virou-lhe depois a cabeça para o canto e colou o ouvido à veia jugular direita, sondando aí a circulação do sangue. Mesmo ali, lembrou-se do médico Harvey, e das primeiras descobertas médicas do século dezessete. Em seguida, voltando-lhe a cabeça para a beirada, examinou a jugular esquerda, auscultou-a também. Encontrara nelas o que não tinha ouvido no coração.

Quando se levantou – esteve pensativo por muito tempo.

– Se ainda sentia muita fraqueza nos músculos?

– Assim..., respondera Ester.

Ele foi à *étagère* e trouxe um dicionário francês. Pediu-lhe que o segurasse e visse se o sentia mais pesado que dantes.

– Sim, estava mais pesado. Parecia ter mais umas quatrocentas gramas de peso.

E ele fez-lhe perguntas sobre o estômago enfraquecido, que não favorecia as digestões. Para restabelecê-lo tinha ajuntado a todos os remédios outros que operassem nesse sentido.

– Melhor, muito melhor, respondeu ela.

Vencendo uma luta externa, pediu para examinar o fígado.

E a sua mão esquerda passou fria e trêmula sobre o fígado da enferma, e depois sobre o baço, e com o dedo médio da mão direita dava ele as pancadas do exame, aqui, ali, mais adiante, mais para baixo, mais para cima, ouvindo com atenção os sons, conferindo-os

com os sons sintomáticos que tinha de memória. E, no seu pensamento, estava cometendo um quase sacrifício em tocar com mão profana aquelas formas virginais, hostiário de virtudes inconsúteis.

Sentia a boca seca, os lábios presos aos dentes, e a cabeça a arder. Faltava-lhe ar naquele quarto, a ele que não estava doente.

Terminando, achou que não havia novidade, e pediu água para beber.

Depois fitando-a, pôs-se a gracejar para animá-la, e viu que ainda estava desabotoada a camisola de flanela, emoldurando em triângulo a alvura da camisa de morim. Teve um ímpeto de abotoá-la, mas poderia parecer galanteio; em outra tê-lo-ia feito, porque nada haveria que lhe falasse à alma; nela... não!

E, levantando-se da beira da cama, pediu a D. Eufrásia que lhe abotoasse a camisa de lã.

– Aquilo não era nada! acrescentou sorrindo. Dentro de poucos dias estaria de pé. E... quando se levantasse, havia de tocar ao piano, para ele ouvir, – em *primeiro lugar* sabia o quê?

E como ela dissesse que não:

– O trecho... *que quisesse*, respondeu ele intencionalmente, comunicando às palavras uma inflexão que lhe desse a entender o quanto ele se submetia à vontade dela.

Nem queria escolher a música; ela que a escolhesse!

E depois, pegando o chapéu, tornou a afirmar que não seria nada.

– Morava ali mesmo, pertinho; se houvesse alguma cousa, fosse o que fosse, e a que horas fosse, que o chamassem logo, sem o menor receio. Mas... que aquilo era passageiro, tinha toda a certeza.

E estendeu a mão à moça, e esta lhe deu também a sua, que ficou dentro da dele, um pedaço, – álgida e branca, macia e mole, largada e insensível. E ela o olhava com um olhar pensativo, parado e grande, sem a luz de outros tempos, como uma estrela que se fosse apagando, ao romper do dia, às claridades róseas da manhã.

Ele despediu-se de D. Eufrásia, e saiu do quarto em companhia do major, com quem ficara a conversar na escada, a respeito da doente.

– Se o doutor ainda estava pelo que dissera, isto é, que a doença fosse um caso de anemia cerebral?

– Perfeitamente, e que, depois daquele exame, mais confiança tinha ainda no diagnóstico.

– Mas que usasse de toda a franqueza; que lhe dissesse se achava grave o estado de Ester e se não seria bom convocar uma junta médica, escolhidos por ele mesmo os facultativos que tivessem de tomar parte nela? O doutor compreendia que aquilo não era desfazer no seu mérito, mas simplesmente desresponsabilizar uma consciência de pai.

– Falava com toda a franqueza e sabia avaliar a posição de um pai extremoso, nessas circunstâncias, diante de uma filha única e idolatrada, – respondeu o médico. Por enquanto nada havia de gravidade, pois não tinham ainda aparecido as náuseas, nem os vômitos, e nem as convulsões. Se sobreviesse outra metrorragia, então se tornaria *grave* o prognóstico, porque apareceriam também outros sintomas. Se isto se desse, seria ele o primeiro a convocar uma junta; mas confiava que nada aconteceria, porque quase todas as válvulas, por onde podiam chegar semelhantes fenômenos, ele as impedira com apropriados medicamentos. Pedia sobretudo completo sossego, posição horizontal, fidelidade na aplicação dos remédios, e observância dos alimentos prescritos. Quanto às causas morais, que pudessem porventura prejudicar o tratamento... isso, que poderia ele fazer para evitar?... ele que não conhecia bem o espírito da moça e nem tinha a liberdade e os meios necessários para sondá-lo? E, no entretanto, desconfiava, como D. Eufrásia, do coração silencioso, do nobre coração daquela enferma.

E ia descer os degraus, quando a porta da sala se abriu e D. Eufrásia apareceu, toda desfigurada e em susto, a gritar que a filha estava em delírio.

Correram todos para o quarto.

Com efeito, tinha a rapariga entrado em luta com a visão horrível, com a tremenda alucinação visual da cobra que a perseguia.

Desde os primeiros momentos viu logo o médico que havia uma complicação na moléstia de sua doente, complicação resultante de um desequilíbrio funcional dos centros nervosos.

Isto o assustou a princípio; pareceu-lhe vento em fogueira. Se o combustível era pouco, desapareceria rapidamente. O fato que acabava de observar filiava-se para ele àqueles que os neurologistas

denominam de *eretismo cerebral*, *cerebração inconsciente*, etc., em que, involuntariamente, em relação à vontade, e, espontaneamente em relação ao cérebro, este vibra, e desdobra, sem antecedentes de associação de ideias, as imagens que contêm na parte afetada, apresentando casos de verdadeiras alucinações sensoriais. Se isto continuasse, prejudicaria em extremo a cura da anemia cerebral, porque gastaria o sangue depauperado da enferma na feitura de imagens, pensamentos, ideias e outros fatos mentais. Convinha portanto cortar a causa pela raiz. Mas, se a causa era moral, de que serviria um remédio físico?

E conservava-se imóvel, vendo-a, estudando-a nos menores movimentos, nas mais insignificantes particularidades.

– Era uma cascavel enorme, que para ela avançava, com as presas de fora, trêmula a bipartida língua.

– Uma impressão talvez da infância, pensou o médico consigo.

Num desespero enorme, debatia-se a moça a fugir da visão horripilante. Fitava-a de olhos fixos, acompanhando-lhe no espaço a suposta evolução, tirando-a do pescoço, onde ela se enrolava, com mãos rápidas, nervosas, e gritando de uma maneira horrorosa, com o rosto desfeito nas expressões do pânico.

– Que diabo fazer? Pensava o doutor, sacudido por aquela situação, quase bestificado.

E teve uma ideia: – impor-se pelo terror.

Lembrou-se de casos parecidos com aquele, de mulheres nevropatas e histéricas nos hospitais de Paris, e em cujas crises o terror, imposto até com armas de fogo, tinha sido de resultados espantosos.

O segredo da cousa estava em desviar a atenção da doente da imagem que absorvia, essa espécie de hipnotismo espontâneo, de autossugestão.

E de um pulo, com os olhos estatelados, a fronte carregada como a de um assassino, convencido do bom êxito de sua tentativa, – deu um formidável berro, cara a cara com a doente, prendendo-lhe os pulsos com força e sacudindo-a brutalmente.

Ela ficou estupefata, a olhá-lo espantada, como se acordasse de um pesadelo, ou como se fosse a primeira vez que visse um homem.

Reparava-o traço por traço, todo o semblante, todos os contornos do rosto, até que afinal não pôde tirar os seus olhos dos olhos dele, que se enterravam nos dela, agudos e ferozes, a refletir a luz como um revérbero, umedecidos, espelhados pela intensidade da emoção.

– Então? Que era aquilo? perguntou ele e começou a falar.

Não havia palavras que a deixassem bastante convencida de que era falso o que ela vira, de que tudo aquilo era delírio, de que a tal cobra só tinha existência no pensamento dela.

E quis fazê-la deitar-se, e não o conseguira.

Já agora, depois que ele afrouxara, dirigindo-lhe mansamente a palavra, havia ela tirado os olhos dos olhos dele, que tinham voltado à sua expressão natural.

Ela se desprendia do fio moral com que ele a prendera um momento antes, e, mais senhora de si, ia voltando de novo, a pouco e pouco, às mesmas excitações, sentada no leito, segura pelos outros para se não levantar em camisa, para se não descompor aos olhos do médico, acusando de novo os sintomas característicos do medo: – o olhar atônito; as pálpebras, em espasmo nervoso, muito abertas, arqueadas quase em círculo; os músculos frontais, contraídos sobre os supercílios; a boca, em desânimo, caída nos cantos, mole e também um pouco aberta; desfeitas as faces e decomposta a fisionomia toda.

Seu colo arquejava numa excitação extraordinária, e os seus braços começavam a bater no ar, a arrancar de si o monstro, que neles se enrolava espiralando.

E pegou a gritar, e agarrou a camisa pela cintura, tentando desfazer-se da cascavel.

O Dr. Teixeira lembrou-se de hipnotizá-la. Não seria difícil consegui-lo, pois a experiência que acabara de fazer dera bom resultado. Mas a um novo grito, a um novo berro, quereria ela prestar-lhe atenção, esquecer-se um momento, um só que fosse, da visão que tinha em mente?

Os gritos da moça eram terríveis, cortantes.

Então, cara a cara, deu-lhe o doutor outro grito formidável... e ela não o ouviu.

O médico empalideceu.

A situação era desesperadora para os da família. Havia lágrimas e dores imensas. Todos julgavam que era chegada a hora da morte.

E o Dr. Teixeira perguntou se não havia um metal qualquer que produzisse som, – uma lata, um bronze, uma campainha, fosse o que fosse?

Nada! absolutamente nada!

E ele entrou pela casa adentro, ligeiro, esquadrinhando, perguntando, nervoso quase como a própria doente.

Passou a mão numa lata de querosene vazia e num pedaço de pau, e subindo em cima da cama, de pé, meteu o pau na lata com toda a força que tinha.

A moça levantou os olhos para cima e ficou de novo estupefata, a olhá-lo espantada...

Ele atirou a lata a um canto e desceu, do alto daquele barulho, como uma estrela salvadora, tomando-lhe os pulsos com força, sacudindo-a novamente e repreendendo-a com severidade. Os seus olhos estavam dilatados, agudos e ferozes, enterrando-se nos dela que pararam, tranquilos, mansos como o cristal de um lago, presos aos dele, imóveis, enquanto lhe ouvia a palavra sugestiva, que lhe desviava as imagens opressoras, substituindo-as por outras aproximadas, gradualmente, até chegar, como ele queria, a uma outra imagem inteiramente diversa, que não relembrasse nem de longe as primeiras.

E fê-la ver que o que ela supunha cobra, não passava de um cinto que lhe estava atado à cintura, e até com muita elegância.

Para tornar o efeito seguro, mesmo porque eram as primeiras experiências que ele fazia, tinha mandado que lhe rodeassem a cinta com um cadarço. E nele pegando, junto à pele da rapariga, puxava-a para um e outro lado, mostrando-lhe que era um cadarço, e que ela se havia enganado.

E como os seus olhos se não movessem ele desceu-lhe as pálpebras, e as pálpebras não se levantaram.

– Abrisse-as! ordenou com império.

Ela as abriu.

– Levantasse os braços!

Ela os levantou.

O Dr. Teixeira estava que não cabia em si de alegre.

– Que se deitasse!

Ela deitou-se.

– Se quando ela acordasse viesse a se iludir mais uma só vez que fosse, com a cobra, ele lhe cortaria a cabeça.

Depois acrescentou:

– Queria agora, *ordenava* que ela desse uma risada, muito boa, muito chique.

E o rosto da doente se iluminou e ouviu-se no grande quarto uma risada cristalina, bela, comunicativa.

Todos riram-se também.

Finalmente o médico *ordenou-lhe* que dormisse uma hora, muito sossegadamente, muito quietinha, sem sonhos, sem sobressaltos, acordando ao fim desse tempo.

Ela, fechando as pálpebras, imobilizou-se num sono delicioso.

O Dr. Teixeira era desses médicos para quem o bom êxito da maior parte das curas dependia em muito da influência moral, especialmente nas moléstias do sistema nervoso. A sua tranquilidade era absoluta; a própria respiração quase que se lhe não ouvia.

O médico estava rente. Solícito, amoroso, tomava-lhe o pulso, pequeno mas frequente, sossegando a pouco e pouco.

Pouco se falava também, isso mesmo baixinho. Era como se estivessem num templo, respeitosos e crentes. Vigiavam religiosamente o sono da doente.

O médico mandara abrir as portas para correr novo ar. Ele ia, voltava, pisando devagarinho, e, sempre que passava pelo leito da moça, curvava-se sobre ela, reparava-lhe todo o rosto, a linha negra dos cílios selando-lhe as pálpebras; a fronte branca como louça; a boca bem feita, correta; as orelhas de uma curva graciosa; o queixo meio redondo e gordo; o nariz tão bem-lançado e nobre.

Na cômoda acenderam-se mais três velas, da serpentina, e sobre o criado-mudo, um castiçal de prata, com manga de vidro, iluminava fixamente o sereno, pálido rosto de Ester.

O médico mandou colher todo o cortinado e pô-lo para os pés da cama.

A noite ia cair.

O reposteiro da porta que dava para a sala, foi apanhado e preso ao embrace do portal, e aberto o último batente da porta de vidro.

Fazia calor forte, abafadiço. Era um desses dias tristes, raros no entanto nos climas do interior.

Fora, na sala de visitas, descorado pelos vapores da tarde, subidos da grande planície de oeste, o sol poente entrava por uma vidraça e vinha até ao reposteiro, reverberando dentro do quarto uma luz melancólica, duvidosa, a misturar-se com a das velas. Ia talvez ser uma noite de chuva e trovoada. Para o nascente, e em silêncio, acumulavam-se grandes nuvens preguiçosas, verdadeiros nimbos, pesados, e escuros, que naquela direção, segundo a meteorologia dos velhos do lugar, eram seguro prenúncio de grandes águas.

Ouvia-se, na rua, o vozear da criançada, brincando pelo adro da igreja. Vinha até ao quarto, distintamente, o som das palmadas que uns rapagotes davam do outro lado do largo, jogando a peteca. E ao fundo desses ruídos distintos pairava o rumor confuso de vários sons simultâneos, que não podiam ser determinados, apesar do completo silêncio da alcova.

À proporção que o tempo corria, que o dia ia morrendo, mais o losango de sol, entrado pela janela, ia subindo pelo reposteiro. Já agora invadia a luz vespertina a grande alcova, onde penetrava mansamente, batendo em parte no reposteiro e em parte na porta do corredor. Pairava no ar, em tudo, uma melancolia doce, um triste cair de tarde sertaneja, um suave e sombrio descer de noite plácida, de noite cismadora e morna.

Ester conservava-se na mesma posição, na imobilidade das cousas inanimadas, no volumoso sossego de um sono tranquilo, sugerido e benéfico.

O médico tomara-lhe ainda uma vez o pulso, palpara-lhe a pele da fronte, dos braços, dos pés; fria, sempre fria! Ela parecia morta sobre o seu leito de virgem. E se ela morresse, que dor que ele sentiria!

E em seguida foi à *étagère*, lentamente, pensativo.

Pegou, um por um, os vidros e as caixinhas de remédios. Examinou todos os rótulos, que reproduziam as suas receitas,

pensando sempre, cogitando, fazendo em sua memória uma recapitulação dos conhecimentos que tinha da moléstia. Interessava-se muito por aquilo, nem sabia mesmo por que razão. Lembrara-se de muitos casos, uns graves, outros não, em que os doentes, – ora sem a menor esperança de salvação, se levantavam do leito, – ora sem sintomas aparentes de gravidade, tinham-se despedido da vida, quando a volta da saúde era esperada.

– Se ele pudesse adivinhar as causas *fundamentais* daquela doença!... porque as *ocasionais* – o enfraquecimento, vagaroso por diversos motivos; a hemorragia, as insônias, o abuso do trabalho mental em leituras prolongadas durante a noite, essas, combatiam-se facilmente, ainda era tempo; mas as outras? as *primeiras*, que haviam determinado de longe o aparecimento do mal, quando as segundas causas também aparecessem? Ah! parecia-lhe um enigma. Essas, com certeza que ele nunca... Oh! talvez que ele nunca as descobrisse!

Estava triste o médico.

Depois continuou a pensar:

– Se a metrorragia reaparecesse... talvez que estivesse tudo perdido. Só lhe restaria uma confiança, irrefutável nesse caso, ainda que hipotética: – a idade da doente. – Com efeito, moça como era, de uma organização forte, sadia, ainda que aparentemente quase anêmica, tinha ela todas as predisposições para um temperamento invejável, daí por diante, salvo um caso de atavismo; porque conhecia-a bem e ali estavam pai e mãe, ambos ricos de sangue, bem mantidos e equilibrados, com excelentes estômagos, em que a digestão se fazia perfeitamente. Se o sangue aparecesse de novo e trouxesse as náuseas, as convulsões e os vômitos, ele convocaria uma junta médica, porque... para que mentir a si mesmo? iludir a própria consciência? – a verdade é que ele se interessava pela saúde daquela rapariga, de tal forma como nunca se interessara por nenhum de seus doentes. Via nela um bom talhe, tanto físico como moral, da mulher-esposa.

E pensando em sua própria pessoa, teve raiva de si mesmo.

– Tão bruto, seco mesmo que o era às vezes no tratamento! Outros, na realidade *brutos*, sabiam ser corteses, captar as afeições alheias... Ele, não! Ignorava como se falava à alma das mulheres.

Essa arte, bem que a compreendia; mas, – pô-la em prática – aí é que estava o busílis. Não era homem para essas cousas, tão necessárias quando o coração tratava de fazer a sua escolha!... E *sentia*, *percebia* que ela o olhava com o olhar bondoso, tão manso e firme como se fosse parte de sua alma, como se ela estivesse ligada ao destino dele, para todo o resto de sua vida, para todo o sempre. Se ela sarasse... Se ele a curasse, nada receberia, alegando que os seus melhores honorários eram a satisfação que lhe ficara da própria cura. E como eles não precisavam de favores médicos, de curas gratuitas, o seu proceder não podia ser tomado como *esmola*, como *caridade*, que lhes magoasse o orgulho, se o quisessem ter, ou lhes ferisse a modéstia ou mais verdadeiramente o amor próprio. Ela ficaria agradecida, e compreenderia que os seus esforços não tinham sido *por dinheiro*, senão e simplesmente porque...

E quando chegava a este ponto, em que a conclusão se impunha, ele reagia com a sua vontade, e os pensamentos fugiam voando, como um bando de melros-pretos levantando-se de um curral.

Ele tinha medo de concluir, mesmo tendo a conclusão dentro de seu pensamento, sem um olhar, sem um ouvido, sem uma testemunha que fosse.

E voltava fatalmente à mesma ordem de ideias.

– Mas depois, que diriam os outros, a boca do mundo, quando soubesse que ele não quisera receber nem num vintém por aquela cura? Como interpretariam o fato? Ah! naturalmente que as línguas desocupadas teriam que bater nos dentes. Mais isto, mais aquilo, dichotes, alusões, murmúrios!... Mas que importava a ele? Que tinha com o mundo? Não era esse o seu desejo – salvá-la de todo o coração? Que viesse a borrasca! Forte, suportá-la-ia! E havia de curá-la... sim!... e... ela havia de sarar! E... se ela sarasse... Se ela lhe ficasse agradecida, e ficaria decerto, porque era alma elevada, – ele teria nela uma boa amiga, uma criatura adorável, que se sarasse...

E as suas pálpebras se fecharam numa contração involuntária, e lá, no fundo, bem dentro do cérebro, num canto silencioso da alma, baixinho disse o pensamento a frase inteira:

– Se ela sarasse, ele a pediria em casamento.

Depois abriu as pálpebras, lentamente, e continuou:

– Ela e ele! que formosa prole não viria, gente forte e talentosa! Ela era tão inteligente! – alva! tão alva como o peito de uma garça! bela! tão bela quanto bastava para ser adorada. Que equilíbrio para os filhos! porque ele era moreno e forte, tinha talento e era homem superior. Nunca tivera uma moléstia! Se ela pensasse nessas cousas, e as pensasse com um pouco de amor, seu coração o escolheria, e ele, ele seria... amado por ela!

E fantasiava um lar alegre, vivificado pela barulhada das crianças, risos, choro, gritos, gargalhadas, notas cristalinas, concerto de aves no ninho, – sonho! sonho do amor da vida, suprema felicidade da existência!

Nesse tempo, enquanto ele receitasse ou estivesse visitando os seus doentes, ela cuidaria dos anjos no remanso da família, toda amor e cuidados, e iria esperá-lo à porta quando ele voltasse!

E já lhe parecia vê-la, recostada ao portal, de pé na soleira, sorrindo aquele sorriso doce, honesto, simples, bondoso e divino, que lhe abria as pétalas dos lábios, para mostrar vaidoso a alvura dos bonitos dentes.

Nisto estremeceu e voltou a si. Tinha notado que ali se esquecera de si próprio, junto da cômoda, todo entregue a pensamentos cruéis, – enquanto, perto da cama, velavam D. Eufrásia e o major Cornélio.

Pegou outra vez os vidros e as caixinhas, e tornou a reler os rótulos...

E voltando-se, encontrou o olhar de D. Eufrásia, que o cobria de uma bondade maternalmente perscrutadora.

Embaraçou-se um pouco, mas recobrou logo a calma habitual.

– Precisava de ir-se embora, disse. Dali a 30 minutos D. Ester despertaria; era o tempo que faltava para o cumprimento da *ordem*: – uma hora de sono. Ia entretanto dar uma receitinha nova... Se houvesse alguma cousa, era só chamá-lo.

E entrou com o major no escritório para receitar.

Fora começava a cair a noite, rápida e pesada. O sol já tinha entrado, havia pedaço. No nascente os nimbos carregados abobadavam-se cada vez mais pelo céu acima, baixos na atmosfera, enegre-

cendo os ares. Para o poente, pequenas nuvens alongadas, sobre um fundo pardacento e moreno, algumas horizontais, algumas sobrepostas, passavam lentamente, e a sombra descia em silêncio, sem um movimento de arbusto, sem um rumor de folhagem. Um pequeno vermelhão marcava, bem no lugar do poente, o ponto por onde o sol desaparecera. O mais do céu, em cima, tinha uma cor indefinida, nem azul nem parda, uma cor triste, homogênea, que tapava o anil de além e caía nos olhos como um crepe de saudade, envolvendo ao longe alguma criatura amada.

A sala já estava escura, fechando com as suas quatro paredes um silêncio mortuário; pois os meninos do largo tinham-se recolhido e nem mais se ouviam as palmadas do jogo da peteca.

Agora a luz da serpentina vinha do quarto da enferma e desenhava fora, na sala de visitas, perto de sua porta de entrada, e vão da porta do quarto, feito de luz sobre o soalho; vinha também bater em um quadro litográfico, que lá estava suspenso à parede, uma obra fina de grande artista, e que representava as núpcias de um dos antigos reis da Espanha. E, logo acima desse quadro, via-se a sombra do reposteiro, a cortar obliquamente a luz que passava por entre os dous portais.

O médico voltou do escritório do major.

Trocou ainda algumas palavras com D. Eufrásia, tomou pela última vez o pulso da doente, palpou-lhe a pele, despediu-se e retirou-se.

Em seguida, Ricardo foi à botica levar a receita. Também o major Cornélio assentara de dar uma pequena volta, pois durante todo o dia não arredara pé de casa.

Só, na grande alcova muda, velava D. Eufrásia o sono da filha.

O castiçal ficara aceso sobre o criado-mudo. Havia um silêncio completo, um silêncio terrível. Ester conservava-se na mesma posição, voltada para a beirada, dormindo tranquilamente. Não se lhe ouvia o respirar; via-se-lhe apenas o movimento das narinas quando o ar entrava e saía.

– Como estava aquilo tudo mudado! começou a pensar D. Eufrásia, iniciando uma ordem de pensamentos tristes.

Nesse momento principiou a ouvir o zumbido monótono de uma mosca perdida, que parecia pousar aqui e ali.

Aquele zumbir periódico, intermitente, que se levantava, ora numa direção, ora noutra, e que percorria o ar silencioso do quarto, sempre no mesmo tom, começando forte e terminando fraco quando vinha de lá para cá, e vice-versa, quando ia de cá para lá, foi a pouco e pouco invadindo o espírito da pobre senhora, e terminou por parecer-lhe um mau agouro, produzindo-lhe um mal-estar penoso.

– *Zum!... um... um... um... um...*

D. Eufrásia espiava atentamente por toda a parte, a ver se descobria o impertinente inseto que lhe estava irritando o sistema nervoso, tão sensibilizado naqueles dias pela doença de sua adorada enferma. E o agouro parecia avolumar-se cada vez mais, no silêncio solene daquela alcova em sossego, guardada como um sacrário.

E em seu espírito de mãe amorosa foi-se acumulando uma nuvem pesada de imaginações sinistras, de possibilidades de futuro, de receios dolorosos.

Zum!... um... um... um... um...

Levantou-se em busca do inseto.

Ora era aqui que ele zumbia, e ei-la na direção do som; ora ali, no outro extremo do quarto, e ei-la a caminhar para lá, nas pontas dos pés, sem o menor barulho, procurando-o no ar, com a sua vista cansada e trêmula, com todo o empenho, com uma insistência silenciosa e estoica.

A mosca, porém, não aparecia.

E assim andou D. Eufrásia longos minutos, supersticiosa e triste, por todo o aposento, até que finalmente foi descobri-la pousada no lábio superior da filha, provocando-lhe, com o movimento dos tarsos, estremecimentos de cócega nos músculos daquela região.

– Não fosse o lugar em que estava! pensou consigo a mãe da doente.

E chegou-lhe perto o castiçal, e esperou que ela voasse, para matá-la em outra parte. Com efeito, levantou a mosca o seu voo, um voo lento, duvidoso e em curvas, e veio pousar na vela. Com todo o jeito e devagarinho dirigiu-se então a pobre senhora para a cômoda; mas vendo que ali o inseticídio ainda era difícil e poderia ser malogrado,

abriu perto da vela um jornal, para que a cor branca atraísse a mosca: – elas gostavam das paredes caiadas, dos lugares claros. E tocando-a com o dedo, deu ela um voozinho e pousou sobre a palavra MORTE, escrita em letras grandes na quarta página do jornal.

Essa palavra era a última da frase O APARECIMENTO DA MORTE, de um pomposo anúncio de taumaturgia, em um dos teatros de S. Paulo.

Aquela coincidência alegrou o espírito de D. Eufrásia, que viu no fato a sentença irrevogável do inofensivo inseto. Baixou com todo o vagar a mão direita, recurvada em concha, aproximando-a da mosca a pouco e pouco, e quando julgou oportuna a distância – zás! e prendeu-a entre dous dedos.

– Quase que escapara, mas estava segura! Agora não zumbiria mais!

E foi mergulhar a mão fechada na bacia d'água do consolo; o inseto boiou e começou a lutar pela vida.

Satisfeita e sossegada, sentou-se de novo D. Eufrásia junto da cama da filha. Agora o silêncio era absoluto, inteiro como numa solidão marinha em dias de grande calma.

Seguindo o curso dos pensamentos, depois de muito divagar, lembrou-se do anúncio – O APARECIMENTO DA MORTE, e começou a ver a medalha pelo anverso.

– Aquilo era um aviso que lhe fora feito para que ela poupasse a vida à mosca. E como não lha poupara, ia a *Morte aparecer* no leito de sua filha. Se ela tivesse poupado o inseto, teria salvo a enferma!...

E sentiu de súbito faltar-lhe o ar, subirem-lhe as lágrimas aos olhos, falecerem-lhe as forças.

– Talvez que ainda fosse tempo!

E rápida, num ímpeto de energia, encaminhou-se para o consolo, a ver se ainda era tempo de salvar o inseto. Enfiou um dedo n'água e o tirou para fora.

Era tarde. A mosca estava morta.

Então, numa luta horrível com o próprio pensamento, misto de remorso pelo crime de inseticídio, – e de receio, pela salvação da filha, deixou-se cair numa cadeira, e chorou baixinho e amargamente, por longo tempo, só! completamente só, na triste soledade daquela alcova mortuária!

Desse estado nervoso, devido a noites em claro, foi despertada pela voz de Ester, que acordava chamando-a.

Estava outra a rapariga, depois daquele sono tranquilo de uma hora.

Um relâmpago intenso iluminou toda a sala, e arrebentou sobre a cidade o estampido volumoso do primeiro trovão.

Tinha anoitecido.

III

Quando o médico ia entrar em casa começaram a cair as primeiras gotas d'água, muito grandes, fortes, porque a chuva vinha de muito alto.

Apesar da escuridão da noite, via-se no céu sucederem-se grandes extensões negras, que indicavam o movimento tempestuoso das nuvens. Essas primeiras gotas de chuva estalavam estrepitosamente nas vidraças e sobre os telhados, levantando do chão, torrado pelas últimas soalheiras, uma poeira que se não via com a noite, e que chegava até ao nariz, trazendo o cheiro incomodativo da terra molhada.

O Dr. Teixeira apanhou nas mãos e no rosto algumas dessas grandes gotas, e, ao senti-las tão frias e fortes, pensou lá consigo:

– Temos obra! A cousa vem de longe!

Um relâmpago enorme abriu-se de leste a norte, numa extensão imensa do céu, iluminando à luz elétrica toda aquela grande área correspondente a essa direção. Campos, matas, serras, a casaria branca da rua, o solo poeirento, salpicado de negro pelas gotas d'água, os telhados umedecidos, as árvores ramalhadas do vento, os bambus dobrados, tudo isso surgiu momentaneamente aos olhos do médico, feridos de súbito pela energia da luz celeste. E quase ao mesmo tempo fez-se a treva, o trovão rolou medonho, ecoando de vale em vale.

Novo relâmpago, agora pelas costas, rasgou toda a parte do céu do poente para o sul, seguido de outro fragor mais terrível ainda; e a chuva, como se de uma represa arrombada, rolou por terra, numa fúria diluvial.

O médico tinha apertado os passos, e quando o terceiro trovão estremeceu as vidraças das casas fechadas, já ele, à sua recolhido, mudava o fato[28], dando-se por feliz de morar perto.

Com efeito, da porta do major Cornélio era só tomar à direita, voltar o ângulo da casa, descer todo aquele lado de uma quadra, voltar outra vez à direita, passar as duas primeiras casas, e entrar na terceira, que era a sua. Edifício grande, de dous lanços, dava a frente

para o norte. Aí, seis janelas; duas logo à esquerda, na sala de espera; depois a porta e depois o salão de quatro janelas, todas elas espaçadas, ao gosto português; no salão é que ele assentara o seu gabinete-laboratório, todo cheio de vidros e instrumentos, grandes estantes com livros, lâmpadas, algodões, frascos de drogas, filtradores, etc.

Em uma grande mesa de tábuas toscas, coberta de velho oleado, uma infinidade de pequenos aparelhos de metal, de vidro, e de madeira; várias bobinas soltas aqui e ali; – um lúdion[29] grande, que tinha dentro um polichinelo risonho, de grandes beiços revirados, e pernas soltas, que fazia as crianças rirem às deveras, quando subia ou descia, dentro do tubo de vidro, à pressão da mão do médico; – uma máquina pneumática, onde fazia as suas experiências, que lhe roubavam grande parte do tempo; – várias retortas de diversos tamanhos; uma *fonte de Heron*[30], que pasmava os seus visitantes, que não compreendiam o motivo do jato contínuo de água; – um microscópio, uma balança hidrostática, um baroscópio[31], mil pequenos instrumentos; – espécimens lindíssimos de mineralogia, desde os quartzos mais simples e grosseiros até às pedras mais finas, poucos exemplares, porque não havia repetição, poucos mas classificados, numerados, e postos em ordem sobre pequenas tábuas, em degraus, forradas de papel azul. Ficava muito bem na segunda tabuinha um belo e grande rubim, de delicadíssima cor vermelha, preso por um arame de ponta, fincado embaixo. Várias calcedônias, das quais uma ágata incolor, outra branca e uma cornalina cor de vinho nacional. Turquesas, um pequeno diamante, carvão de pedra, folhas de mica, alguns fragmentos de xisto com restos fósseis, pequenas curiosidades, tanto animais como vegetais.

A um lado, no portal, um grande termômetro duplo de mercúrio, centígrado à esquerda, Fahrenheit à direita; fora aí que ele aprendera as oscilações térmicas daquele clima, podendo ao fim de certo tempo marcar-lhe a média, os máximos e os mínimos. No outro portal um segundo termômetro, de álcool colorido de vermelho, velho e inválido, que andava às cegas com as mudanças da temperatura.

Apenas se entrava nesse salão via-se ao fundo uma grande cortina de chita, que corria sobre um varal de bambu, distante do soalho

uns dous metros e pouco: era aí o gabinete de exame. Um grande sofá estofado, com almofadas e cadeiras ao pé; nele deitavam-se os doentes para o doutor bater o fígado, escutar os pulmões ou examinar as partes afetadas. Muita coisa feia vira o médico sobre aquela peça; dessas lembrava-se ele de uma hérnia colossal, que atacara um carreiro, e que deixara o homem a andar de rastos, com as pernas abertas, a carregar um grande volume; em compensação, vira também cousas bonitas, entre as quais lembrava-se de um pequeno tumor que fora preciso examinar, abaixo do umbigo, para o lado esquerdo do ventre, numa camponesa morena e forte, em pleno vigor de juventude, 14 anos, 14 anos de bela carnadura e negra pubescência. Fora uma luta. A mãe da rapariga, mulher grande e despachada, achava-se presente e ordenava à filha que mostrasse o «polmão»[32]:

– Que duas gentes havia a quem se devia mostrar tudo: o corpo aos médicos, a alma aos padres. Que o Sr. doutor era de confiança; – a mesma cousa que o Sr. vigário.

E a rapariga resistia, com as mãos nos olhos, rubra de vergonha.

– Era preciso ver o tumor, acrescentava o médico, com uma paciência honesta; que até ali andara a receitar por informações; visto, poderia sarar logo, porque ele saberia o que era.

E fez ver que bastava cortar a camisa no lugar.

– Isso é que não, retrucava a velha; perder uma camisa de morim, nova, por causa de secas de nhanhá!... pois não!

E a morena teve que levantar o vestido. E tapando as pernas, das cadeiras para baixo, com uma colcha que o médico fora buscar, levantou timidamente a camisa. Era um belo ventre boleado, sem uma ruga, cor de jambo, descendo em bonita curva até às virilhas; o umbigo, redondo e pequeno, parecia o sinal de um dedo calcado sobre uma parte inchada. O médico olhava com indiferença para aquele fragmento de beleza feminil. Para ele, que estava de lado, destacava-se bem o arredondado do cinto, descansando sobre largos quadris cobertos de carne, sem a aresta de um osso. Teve que descer um pouco a colcha que encobria o tumor e também virar a moça um pouquinho para a direita. Os seus dedos sondaram os arredores inflamados da pequena excrescência mórbida. A pele daquela

rapariga tinha um calor provocante, que começou de fazer tremer as mãos do médico. Era preciso rasgar. Trouxe a lanceta e deu o golpe. Foi uma dor enorme, cheia de movimentos bruscos, de gemidos abafados. A colcha descera até aos joelhos; o pus saía às golfadas, e ela, com as pernas unidas, as espichava e encolhia, enquanto ele espremia as vizinhanças do golpe. Seu olhar, tímido, não ousava fitar, senão de soslaio e rapidamente, os encantos secretos daquele corpo de Vênus.

Esse quadro nunca lhe fugira do pensamento; sempre que se falava em tumores, vinham-lhe ao espírito aquele ventre moreno e liso, todos os mimos da formosa camponesa, ocultos por saias brancas.

A chuva caía a cântaros. O vento esfuziava com uma cólera destruidora. Os relâmpagos, os trovões, rolavam de vale em vale.

O Dr. Teixeira mudara a roupa e viera sentar-se junto à sua secretária, no salão.

Despegou uma mortalha, abriu a bolsa de veludo azul, tirou fumo turco, fez vagarosamente um cigarro, correu a língua pela orla do papel, pô-lo na piteira, esta na boca, e depois de pensar alguns segundos, riscou um fósforo e tirou a primeira fumaça: – uma fumaça azulada, lenta, que pairou no ar imóvel e quente da sala fechada.

Seu cérebro estava em casa do major; todo ele lá estava, em corpo e alma, a examinar a sua doente, a prestar-lhe cuidadosamente os seus serviços.

Via-a deitada no leito, branca de neve; divinamente bela, com as negras pupilas dilatadas; acordada ou em letargo, em delírio ou em repouso, com a flanela aberta em triângulo sobre a saliência intacta das mimosas pomas. Via-lhe os altos e baixos do corpo, sobre o leito, e sentia-lhe ainda, o hálito fresco a acariciar-lhe a cabeça, de quando lhe auscultara uma das veias do pescoço. Havia de curá-la, pensava com satisfação imensa. À tenaz enfermidade ia opor toda a resistência da terapêutica moderna. Conhecia-lhe bem a natureza, o temperamento, a impressionabilidade nervosa. Não era um médico estranho que tivesse de sondar primeiro as idiossincrasias daquela organização. Pô-la-ia de pé, dentro em breve; queria vê-la passeiando, a jogar o corpo com aquela graça natural e largada, ao ritmo de um

sangue bom, balançando as formas, embalado o seio, a boca em risos, o olhar em luz, alegre o espírito. E, quando ela sarasse, mostrar-lhe-ia... dar-lhe-ia a ler a enfermidade de que sarara, para ela compreender a grandeza da cura, o interesse que ele tomara por sua saúde.

Saíra de lá, havia pouco, e parecia um século. A saudade já lhe punha no espírito esse grato mal-estar que nos amolece e eleva, purifica e humaniza. Já estava aflito para que amanhecesse o dia, para ir vê-la, tomar-lhe o pulso, palpar-lhe a pele, auscultar-lhe as jugulares e o coração, aquele santo coração que lhe martirizava o cérebro, sendo, talvez, quem sabia lá? – a causa primeira da terrível moléstia! Queria fitar-lhe de frente, sob os recurvados, longos cílios, as dilatadas pupilas, cujo negror refletia a luz como um brilhante enorme, sem preço nas rendas do mundo. Queria sentir, embevecer-se no ar morno daquela câmara quase funerária, suspensa num silêncio profundo, à luz imóvel da serpentina, sobre o oleado da mesa; sentar-se junto ao criado-mudo, ao pé da cama, para ver-lhe a sonolência mórbida, a fechar-lhe as pálpebras frouxas, numa união branda, sem resistência, sem força de sono.

E, entregue a esses pensamento íntimos, que a ninguém dizia, deixou-se arrastar pela imaginação, fumando espaçadamente, inconscientemente os seus *turcos*, uns sobre os outros, a rabiscar a lápis cousas incompreensíveis, numa folha em branco, pousada na secretária. A luz do lampião transmitia-lhe a sombra à parede da frente, – grande sombra aumentada, que de trecho em trecho era rodeada de outras sombras informes, movediças, e que, a desaparecer, iam subindo até ao teto: – as fumaças, as baforadas espessas que ele tirava do cigarro.

Fora, com menos fúria, caía agora a tempestade, e os trovões rareavam.

Ele foi a uma das janelas, que soabriu, e, chegando-se à vidraça, ficou a olhar a escuridão da noite. Um relâmpago forte clareou toda a área que seus olhos podiam alcançar. Viu então rapidamente que o céu se desanuviava, a rua era um rio, tudo estava silencioso, menos a chuva; e ao longe rolou a trovoada. O relâmpago tinha sido para o sul, e o espaço, entre ele e o trovão, de muitos segundos,

o que provava que a tempestade se ia retirando, mesmo porque esses espaços intermediários já tinham sido menores, e porque a parte do céu, do lado do norte, para onde frenteava a sua casa, já tinha estado mais escura e mais tapada de nuvens. Voltou à secretária e trouxe o relógio que tinha posto no descanso; e, outra vez junto à vidraça, aí fitava atentamente o ponteiro dos segundos. Assim esteve muito tempo, imóvel, até que, quando um relâmpago iluminou de novo a janela, marcou ele com a unha um lugar no mostrador. Continuou atento, à espera. Tempos depois ouviu-se surdamente a trovoada, que começara forte e terminara fraca, provando ainda para ele a direção da chuva. Tinha marcado o outro ponto no mostrador. Voltou à secretária, verificando que o espaço de tempo entre o relâmpago e o trovão fora de 21 segundos; multiplicou-os por 337, número de metros que o som percorre em cada segundo, e teve mais ou menos a distância em que a chuva já ia de sua casa, na direção de norte a sul: – uma légua e pouco ou 7,077 metros, ou 7 *kilometros* e 77 metros. Portanto era provável que o dia amanhecesse limpo e formoso, cheio de sol e calor. Gostava do calor. Filho do norte, tinha a pele adaptada aos rigores do sol. O frio fazia-lhe mal, irritava-lhe todo o sistema nervoso. Tinha alguma cousa de sáurio. Ia, pois, ter um dia bonito para vê-la. Lá iria bem cedo, às 7 da manhã, melhor hora possível para examiná-la, para vê-la a sair da noite tempestuosa como flor que a madrugada abrisse aos raios benéficos da estrela d'alva.

Sentara-se de novo à secretária; acendera outro cigarro e pusera-se a contemplar o barômetro, pendurado à parede.

– Tão caro e de nada servia; completamente inutilizado; único préstimo que tinham as nossas alfandegas: – quebrar, escangalhar os instrumentos que nos vinham da Europa, e deixar passar as notas falsas.

E lembrou-se da história popular fluminense «B. N. F.»[33].

O relógio da matriz dera três quartos. Três quartos depois das onze! Era tarde e não tinha sono. Já agora seu pensamento revoava de novo sobre o leito de Ester; misturava-se com ela em todos os seus membros; passeava-lhe pelo corpo como uma pulga incômoda, a se lhe embaraçar pela penugem da epiderme; subia-lhe o seio em espiral, até ao bico rosado e teso, aspirando-o, embriagando-se das

emanações frescas e sensuais daquela pele de vinte anos; descia outra vez em espiral, para fazer o mesmo a outro seio, para descer depois pelo ventre, passear pelos ilhais, deslizar ao longo das coxas, subir até às axilas sombreadas de pelo fino, morder-lhe o lábio num beijo doloroso, ser preso pelos dedos dela, torcido e atirado ao soalho, como animal imundo e... arrebentar sonoramente sob a ponta do chinelo. Depois já não era mais pulga; era agora o lençol em que ela descansava o corpo doente, lençol tranquilo que aguentava com alegria o peso de seus membros, ou que se lhe aderia às depressões e saliências da forma, quando ao sair do banho ela as enxugava carinhosamente. Deixava de ser lençol para ser-lhe os dedos, os dedos com que ela devia de apalpar os próprios membros esculturais, em frente ao espelho, ao despir-se para o banho ou para deitar-se. Depois era os chinelos a apertar-lhe, a conter-lhe numa satisfação indizível os pequenos pés brancos, de superfícies veiadas de azul; depois – as meias de cetim rosa, as meias rendadas que lhe subiam até às primeiras grossuras da perna, acima dos joelhos, presas por belas jarreteiras de elástico, folhadas de seda azul, fechadas a broche de *nikel*. Chegou a ser-lhe a própria boca, para receber dele mesmo, médico, à sombra de uma janela cerrada, sob a folhagem do arvoredo, ou de noite no tálamo, os seus beijos virgens, intactos, que ele guardava, havia 33 anos, e que ela os despertara agora, com a simpatia dos seus modos, a luz de seus olhares, o fulgor de seu talento, o viço de suas formas, a beleza de seu espírito, a maravilha de seu todo, quer físico, quer moral.

E foi-se! E foi-se por esse mundo em fora, das fantasias e dos devaneios, mundo presidido por *La Folle du Logis*[34], que faz do homem – máquina, e da existência – martírio.

Tempos depois voltou ele o rosto para a janela que ficara aberta, e vira através da vidraça, num trecho azul do céu, a nordeste, uma grande estrela, de luz trêmula, a entrar-lhe pela sala tranquila.

Levantou-se, abriu todas as janelas e debruçou-se ao peitoril, a contemplar a beleza do céu, limpo de nuvens, de azul escuro, crivado, em abóbada, de estrelinhas distantes, a cintilar, a cintilar tão longe, na infinita e curva profundeza dos espaços.

Era quase três horas da madrugada. O ar tinha a leveza, a alegre frescura das consciências limpas; parecia uma alma de criança, que é raio de estrela, – ou o júbilo de uma ação generosa, que é o encanto da existência.

Com efeito o ar chovera, beneficiara as plantas. Ia ser belo o domingo, o dia mais alegre das pequenas cidades, e das grandes o mais triste. Rejubilava-se, com a ideia de acordar e ouvir pelos ares lavados o repique dos sinos a anunciar a missa do dia, assistida pelos roceiros, pela população do campo e das matas. O verde das árvores seria mais brilhante, mais fresco e metálico, depois do grande banho. Renovada, limpa, ia surgir a cidade da escuridão da noite. Mais oxigênio, mais luz, menos pó, mais vida! Se o dia fosse bonito, mandaria abrir as janelas do quarto dela, para que o sol lhe trouxesse a alegria e ele a visse à luz natural.

E, com essas esperanças, e com esses pensamentos, deitou-se, e o sono lhe selou as pálpebras sobre os seus olhos cansados.

Às 6 horas da manhã foi o criado acordá-lo, que o major o mandava chamar.

– Quem viera?

– Joana.

– Mandasse entrar.

E, puxando a colcha até ao queixo, esperou, deitado, a velha mulata, mãe de leite de Ester.

Ela pediu licença e penetrou na alcova.

– Então? Que novidade havia? perguntou ele.

– Ah! muito grande! Que a menina passara a noite bem até às 4 horas; mas que daí por diante começara numa grande aflição, com pequenos delírios interrompidos. Pedia umas coisas, delirando, que ninguém sabia o que eram. Chorava...

– Que cousas pedia ela?

– Pedia... nem sabia o que, só falando uns *como, como*... uns *como*, que a gente ficava assim, porque que coisa é que era *como*?

– Se a Joana, que era fina, que a criara, e portanto devia conhecê-la bem, não desconfiava de alguma paixão?

A mulata riu-se, satisfeita do elogio, e acrescentou:

– Que já não era desconfiança, mas quase certeza.

O médico sentou-se rapidamente, coçando o pescoço por baixo do queixo.

– Que contasse, porque a cura dependia disso; já o dissera à própria D. Eufrásia e ao major Cornélio.

– Desde um baile, a que fora, que voltara com a bola virada. Não sabia que passarinho verde estivera por lá. O fato é que daí por diante as suas palavras podiam ser contadas. E uma tristeza que fazia pena. Fugia de todos; andava sempre só. E, no piano, as músicas que tocava pareciam feitas para defunto. Saía para a horta e ia se esconder por baixo das árvores, a fazer crochê. Ela... não podia dizer nada; contentava-se de espiar. Se estava em casa, queria mais os lugares escuros de que os claros; parecia ter medo de se lhe ler no rosto o que lhe andava pela alma. As comidas não lhe agradavam; cada dia faltava uma coisa: agora o sal, depois a gordura, depois isto, depois aquilo. De uma impertinência... danada mesmo, ela que era tão boa dantes! Uma nervosia que ninguém podia aguentar. Um dia a acompanhara de longe, sem ser vista. Ela fora para debaixo das laranjeiras e se sentara no caixão. Nesse dia então parecia mais triste de que nos outros. Para melhor reparar, fora ficar atrás do marmeleiro. A menina suspirava muito. Depois, abrindo uma caixinha, onde guardava os trens de costura, tirou de dentro um figurino pintado, que não pôde ver bem, por causa da distância. Ficara olhando nele muito tempo, um tempo que dava para ir à igreja e voltar. Depois chorou; chorou sim, jurava se fosse preciso, e uma lágrima caiu na figura... e ela levou um susto, olhou por toda a parte, limpou a figura com o crochê e a tornou a guardar depois de lhe dar um beijo...

Aqui o médico gesticulou, interrompendo-lhe a narração, como se fosse fazer uma pergunta; mas conservou-se calado. Estava radiante. Aquela história entrava-lhe no espírito em trevas, como um feixe de luz através de uma fechadura, num quarto escuro. Ao mesmo tempo desceu-lhe pela alma, lentamente, uma tristeza gelada, que lhe resfriou as extremidades. Ele tinha esquecido o braço no ar, na mesma posição em que o pusera para interromper a mulata. O braço desceu-lhe vagarosamente, como gota de azeite sobre

um plano inclinado. Quando a mão pousou na colcha, ele disse simplesmente:

– Continua.

Ela continuou:

– O apetite nunca mais lhe voltara. Queixava-se de não dormir, e era verdade. Passava quase noites inteiras a ler, a escrever, a pensar. Quantas vezes ela subira a escada, porque o quarto da menina não era aquele, mas o sótão; subira a escada para espiá-la, e a vira a escrever, a ler ou a pensar, passeando pelo soalho, falando às vezes alto, mas umas falas que a gente não entendia. Dava com os braços; assim como agora tinha cara de choro; assim como logo já ria, parecendo feliz. De dia mesmo, lá se fechava e não saía, nem a chamados da mãe; e, quando saía, só mesmo um tolo é que não havia de ver que ela chorara. Tinha dias que... nossa Senhora! – contrariava a todo o mundo. Foi emagrecendo, emagrecendo... cada vez mais pálida, até que teve muito antes de tempo, a «visita do mês» e... bumba! Aí não resistiu mais... Fora para a cama e lá estava. Se Deus e o Sr. doutor não a pusessem de pé, na sua opinião – dali ela saía deitadinha para o cemitério.

Os grandes seios de Joana incharam num suspiro, e a boa da mulata levou a ponta do xale aos olhos para enxugar as lágrimas.

– Se era capaz de arranjar o figurino para lhe mostrar? perguntou o médico.

– Já o havia procurado muito, mas qual o quê!

O Dr. Teixeira pôs as pernas para fora da cama e calçou os chinelos.

– Que fosse, que ele ia já.

Joana retirou-se e ele tratou de preparar-se.

Vinte minutos depois, quando saiu à porta, correu os olhos pelo céu desnublado.

Rompera com efeito um belo dia. A poeira da rua, úmida e assentada, rolara com as enxurradas para os pontos mais baixos, retratando aqui e ali as pegadas dos transeuntes, dos vários animais que já haviam passado por ali. Nesses grandes trechos de areia viam-se filões de esmeril em pó, serpenteando pela superfície lisa e ainda molhada. Para o norte, frente da casa do médico, destacavam-se ao longe, perfeitamente, as elevações graduadas da serra, rasgada em boqueirões e vales.

Para a direita, seguia a rua direção de leste, e terminava em pequenas casas isoladas, já nos campos que subiam para nordeste, cortados do caminho de sacramento, que ia desembocar na estrada de Santos.

Essa estrada era, nem mais nem menos, a estrada velha, que seguia para S. Paulo, em direção à primeira estação da linha férrea. Ficara com o nome de *Estrada de Santos* por causa de ser por aí a exportação de café para aquele porto de mar.

À esquerda, como do fim da rua começasse o lançante da grande planície de oeste, nada se via senão, mui vagamente e muito ao longe, por entre o corredor das casas, os últimos topes das colinas, que quase fechavam de noroeste para o poente aquela enorme baixada.

O médico saiu; dobrou a esquina à esquerda e começou a subir a rua.

Já agora o seu olhar descortinava quase toda a esplanada do poente. Não tinha casas à direita, e pela frente, que era sul, via ele os outeiros daquela zona, cobertos de mata, sobre o fundo azul das serras, que corriam para sudoeste. A manhã estava de uma frescura deleitosa. O sol, galgando o horizonte, projetava à direita do médico a sua sombra que lhe acompanhava os passos. Era uma luz franca, livre, que o grande astro despejava sobre a terra. Chilrando voavam as andorinhas rente do solo, a catar-lhe os vermes, que a chuva da noite arrastara em suas enxurradas. Ouvia-se o *pin-nhé* dos caracarás[35], atravessando alto pelo azul do céu. Toda a Natureza recendia uma onda de suaves perfumes, exalada dos vegetais lavados. Gentes, de trajes domingueiros, a roupinha de ver a Deus, atravessavam solícitas as ruas da cidade. Já começavam a chegar a cavalo os fazendeiros que moravam em sítios mais vizinhos.

O major estava de pé na porta, à espera do médico. Recebeu-o e o levou para o quarto da filha.

A moça achava-se em delírio nesse momento. Pedia, numa aflição dolorosa:

– O cromo, o cromo! Tragam-me o cromo! Eu quero o cromo!

Com efeito a moléstia havia cedido um pouco. Este estado mórbido era muito menos intenso que o da alucinação da véspera. Era porventura a causa da doença que se revelava.

O *como* de Joana era o *cromo* de Ester.

Para o médico fora isso a prova de uma ideia-fixa que dominava o cérebro da rapariga. Urgia combatê-la, fazê-la desaparecer inteiramente de seu espírito.

Aí estava o lado moral da enfermidade, aquele em que se lhe esgotara a força nervosa, na grande tensão dos pensamentos afetivos. Se ele pudesse descobrir o *cromo*! Mas ainda era cedo. Devia fingir que nada sabia, para poder saber o resto.

Ficou a pensar muito tempo, e concluiu que na grande excitação em que ela estava, a delirar, fora de si, sentada no leito, naquele estado mórbido do espírito, devia ainda operar o método sugestivo; e, por isso, ele que tinha começado a abrir uma das janelas, tornou a fechá-la.

Convinha pouca luz.

Dirigiu-se a D. Eufrásia:

– Se não tinha alguma pintura pequena, por exemplo: – dessas que vêm nas chitas; um cromo, ou finalmente cousa que com isso se parecesse?

Foi Ricardo quem a apresentou ao médico.

Era uma pequena tela, a cores: representava uma ceifeira erguendo um molho de trigo.

– O cromo, o cromo! Tragam-me o cromo! Eu quero o meu cromo!

O médico chegou-se a ela; fitou-a algum tempo e, fechando--lhe as pálpebras, ordenou que dormisse.

Quando verificou que ela havia adormecido, sentada mesmo, abriu-lhe as pálpebras e apresentou-lhe a ceifeira:

– Que belo moço! Visse! dizia-lhe, fazendo a sugestão.

– Ah! o meu cromo, o meu querido cromo! exclamava a rapariga, entristecendo-se numa expressão de resignada, a fitar a ceifeira.

Tinha o olhar parado, os lábios descaídos, profundamente pensativa.

– Era um belo moço, não achava?

E ofereceu-lhe o quadro *ordenando-lhe* que o pegasse. A ordem foi cumprida.

– Que se deitasse.

E ela deitou-se.

– O que ele estava vendo ali era um moço muito chique. E ela o que via?

– Também um moço.

– Que moço?

– O do cromo.

O Dr. Teixeira podia *ordenar-lhe* que contasse tudo; mas não o quis à vista dos pais. Pretendia chegar ao mesmo resultado sem ser por esses meios. Preferira ficar no claro-escuro, na meia-luz de seus pensamentos discretos.

– Para acreditar que ela estava vendo o moço, era preciso que ela lhe dissesse que mais via ao redor dele.

A doente pensou por muito tempo e depois sorriu-se.

– Dissesse! Queria ver se ela não lhe estava enganando. Que cousa via depois do moço?

– Depois o lago e o jardim... O jardim à beira do lago.

O médico estava de uma satisfação luminosa; fitava-a com olhos acesos, fortes, dilatados. Parecia querer arrancar-lhe, com o pensamento armado em garras, a confissão de um segredo. Sentia nova luz por sobre a cura em que se empenhava. Estava obtendo a descrição inconsciente do cromo. *Havia um lago e um jardim. O jardim ficava à beira do lago.*

– E depois?

– Depois a grade...

– Que grade? Ouvira o galo cantar e não sabia aonde! Queria enganá-lo que estava a ver o cromo! Que grade? Falasse!...

E tomou-lhe os braços, apertando-os à altura dos pulsos.

– Olhasse para ele! Olhasse!...

E ela olhou-o fixamente.

– Que grade? Dissesse! *Ordenava*.

Todos prestavam extraordinária atenção ao médico, sem compreenderem por que maravilhas entrava a moça em sossego.

– A grade do jardim...

– E aí que cousa via?

– Ele!

O Dr. Teixeira julgou que era o suficiente. Não quis ordenar-lhe que dissesse quem era esse *ele*. Parecia-lhe um proceder indigno abusar do estado de inconsciência da enferma, para humilhá-la a ponto de revelar à vista de todos o que em seu estado normal talvez nunca dissesse a ninguém.

Se estivesse a sós com ela, talvez que cometesse tal crime, semelhante sacrilégio, que perante seu caráter equivalia a uma desvirginação mental.

Ordenou em seguida que ela fechasse os olhos, que dormisse tranquilamente duas horas, que acordasse com as melhores disposições possíveis de sarar depressa, envidando de sua parte todos os meios para chegar a esse fim.

Ester adormeceu naturalmente.

Ele tinha escrito na sua carteira de lembranças esta nota: – *Um cromo representando um lago que banha um jardim, em cuja grade está um moço*.

Tímido, porque eram essas as primeiras vezes que hipnotizava, tinha ele receios de que, se voltasse o delírio, ela reconhecesse a ceifeira. Previdente, ia pois mandar fazer um pequeno quadro sob aquelas indicações, de modo que ele ajudasse a sugestão, caso ainda tivesse de empregá-la de futuro.

E dizendo aos outros que continuassem com os mesmo remédios e a mesma alimentação, foi apressadamente buscar ao canto o guarda-chuva e o chapéu, e, sem mais palavra sobre a sua doente, despediu-se nervoso e preocupado com as suas ideias, e saiu a toda a pressa.

No fim da rua Aurora havia um moço, pintor, rapaz de muita habilidade, que copiava, da natureza, folhas, flores e pequenos espécimens de arbustos, para o grande *Herbário* que o Dr. Teixeira estava compondo, havia três ou quatro anos. Foi para a casa do pintor que o médico se dirigiu. Ia apressado, pálido. Tinha deixado em casa do major todos desconfiados, perplexos com a sua brusca retirada.

O major, a mandado da esposa, que ficara em lágrimas, pusera-se em marcha, a correr, para alcançá-lo, o que conseguiu, todo esbaforido e suado.

– Doutor?

E o médico sustou os passos.

– Então? continuou o major, arquejante de cansaço. Não havia mais remédio? Aquela sua saída fora um desengano para a família.

O Dr. Teixeira riu-se daquele susto.

– Como? Se ele ia buscar o remédio, o remédio que procurava havia tanto tempo, aquele remédio secreto, que só agora descobrira, e que lhe ia acabar de uma vez com a pertinácia da moléstia, com os tenebrosos delírios! Não se assustasse que a moça estava salva!

O major Cornélio não queria acreditar no que estava ouvindo.

– Sim! Era verdade! O *morbus* já tinha dado de si, alegre repetia o doutor, convencido. A mudança do objeto do delírio significava uma baixa na excitação nervosa da doente. A cobra, até ali, tinha sido uma prova genuína de desarranjo propriamente fisiológico, anatômico; o cromo, não; para ele era a prova de uma ideia-fixa, que deixava de ser latente, e evidenciava portanto que, já agora, em vez da moléstia subir da carne para o pensamento, descia do pensamento para a carne. As ideias-fixas eram vícios elevados que o espírito contraía, e que, em muitos casos, conduziam à loucura. Elas é que tinham feito os grandes artistas; elas, também, é que tinham feito os grandes degraçados, os grandes homens, os gênios!

E falava apressado, nervoso, eloquente, profundamente satisfeito. Estava radiante, fulgurava o doutor Teixeira.

– Agora tinha achado o remédio, um remédio... porventura o mais importante de todos que tinha aplicado até então, e dos quais ela continuaria ainda em uso, porque falavam à matéria, e este outro ia falar à alma.

E o major estava tão alegre que parecia idiota. Ousou perguntar:

– Mas... que remédio?

E o médico batendo na testa, num arroubo de justo orgulho, disse:

– O hipnotismo! e deu-lhe o braço.

Deixou-se conduzir o major sem resistência; para ele o fato de ontem e o fato de hoje pareciam magnetismo; como o médico, porém, chamava àquilo de hipnotismo, assentou de nada perguntar, para não expor a sua ignorância.

Era longe a casa do pintor. Iam ambos alegres; duas alegrias diversas, volumosas, derivadas de uma só causa, a salvação da rapariga.

No santo amor e egoísmo de pai, sentia-se o major Cornélio outro homem, por ver livre da morte a única filha «com que Deus o presenteara», na sua frase sincera de afetos e de crenças religiosas. Nesse momento pouco se importava o major que o médico tivesse feito uma áfrica[36] na medicina moderna ou tivesse descoberto o antídoto daquele mal; o que queria era a certeza de que a filha, a sua querida Ester, ia se levantar do leito. E até, em sua imaginação pouco dada aos exercícios da fantasia, já parecia vê-la de pé, a encher a sala com o piano, e as horas com suaves risos e ditosos passatempos. Via-a pelas ruas, a passear, sacudindo as formas que ele adorava, no seu balanço congênito, que tinha um *quê* de preguiçoso e outro *quê* de meiga, natural faceirice. E fazia intimamente, de si para si, grandes protestos de generosidade para quando ela sarasse. Havia de lhe fazer todas as vontades, ainda as mais esquisitas; acumulá-la de presentes, todos os dias, sem parar, enquanto ela existisse. Podia fazer tudo isso, era rico; e de filhos só tinha ela e a Ricardo. E ela era o que todos sabiam – um grande talento e um grande coração! Não seria muito que lhe satisfizesse todos os desejos... Depois, que desejos poderia ter, que lhe entrassem às deveras pela fortuna? Pobre dela! Era até econômica! Nunca quisera demais!

E iam caminhando.

Agora desciam eles o beco das *Taquaras*, que desembocava na rua Aurora.

O médico ia calado, olhando para o chão, pensando grandes cousas, com a sua alegria explosiva, vibrante, e também sincera; alegria dupla: – de salvar a rapariga pela própria rapariga, e de verificar duas cousas – uma, que o hipnotismo era uma verdade, – outra, que ele médico se revelara hipnotizador.

E a seus próprios olhos surgia o seu talento de Esculápio com proporções colossais, jogando com a natureza humana como se jogasse em seu laboratório com os sais da química, em precipitados anteriormente determinados.

Estava ganha a batalha. Aquela verificação de suas qualidades de hipnotizador ia servir-se de muito junto de seus doentes, diminuindo evidentemente a porcentagem dos casos graves. Estava resolvido a fazer em todos os sentidos uma série enorme de experiências de hipnotismo. Não era esta a descoberta científica mais importante do fim do século, deste século de tremendas catástrofes e de uma nevrose geral? A ela mesma, à sua doente, ainda esperava ter ocasião de hipnotizá-la, a sós, sem mais testemunha; aí então saberia tudo, reduzi-la-ia a um autômato. A cousa marchava às mil maravilhas. Torcera-lhe a individualidade pelo método sugestivo; anulara-lhe essa nota mais íntima, essa nota-base da matéria organizada e consciente. Descobrira-lhe a madrigueira[37] do espírito, lebre ociosa que lá dormia ao sol de uma paixão desconhecida; entrara de vez no caminho da cura; fizera-lhe a autópsia do organismo moral; deitara o dedo sobre o nervo ofendido. – Ia agora proceder à cura, livre, desassombrado de receios constantes. Era esse um dos casos em que a medicina do espírito podia mais que a terapêutica das farmácias, em que a fisiologia do cérebro dava melhores resultados de que toda a ciência patológica.

– Operando sobre o espírito da doente, continuava ele a pensar, guiá-lo-ia na própria direção tomada, desviando-o, conforme as conveniências de ocasião, deste ou daquele precipício à margem, transformando-o evolutivamente em seus elementos de existência, domando-o, subjugando-o dentro da jaula de seu sistema nervoso, dando-lhe aí dias de paz, de perfeita tranquilidade, para que ele espírito não descesse, leão feroz, pelos nervos de seu corpo, sob a forma de emoções candentes, que lhe perturbavam a ele médico a vitória da cura, e, no organismo da doente, os efeitos dos remédios. Aquele corpo de neve, que sobre o leito mortuário ele medira com afetuoso olhar, nas convulsões do delírio; aquele seio de Madona, que guardava o coração que ele ouvira bater sob o triângulo da camisa; aquelas veias jugulares que tinham ruídos sinistros... tudo isso ia entrar no período da quietação nutritiva; e o estômago da doente, livre de ímpetos do cérebro, assimilaria com proveito a sua prescrita, benéfica alimentação. Traria, pois, assim, nesse estado de cativeiro, o cativo espírito daquela mulher formosa, que,

na história da conservação da espécie, lhe atirara inconscientemente, aos seus 33 anos de idade, pela primeira vez no mundo, a luva fatal de um amor que ele não vencia. Trá-lo-ia pois nesse estado até que o corpo, já refeito e reconstituído em seus princípios anatômicos, pudesse suportá-lo, a ele espírito, em toda a sua personalidade, sem prejuízos para si ou perdas para ele; porque nessa ocasião, e ocasião que só apareceria quando a julgasse oportuna, esse grande espírito de grande mulher já não seria o mesmo de hoje, demudado em suas partes e em seu todo, em seu *modo* e em sua suscetibilidade, pela influência contínua que a sua palavra de médico (mais que de médico, – de escravo, senhor e amante) ia sobre ele exercer. Nesse tempo, então, soltá-lo-ia da jaula, dizendo-lhe com ironia – que fosse agora abalar nervos e músculos, como os leões da Índia abalando vales e montes, com seus descomedidos urros. Fosse, se tinha capacidade para tanto, e se na sua juba, outrora indomável, não havia ainda pousado o guante em brasa do domador hipocrático. Esse grande espírito, de grande e formosa mulher, seria como o leão de Ândrocles[38], que, reconhecendo a mão que o beneficiara, humilde a lambera, a vida poupara ao escravo romano, mesmo quando a fome lhe castigava o estômago. Humilhar-se-ia em sua grandeza; fitá-lo-ia cheio de bênçãos, de simpatias, de amor talvez; abraçá-lo-ia nesses intangíveis abraços daqueles que se amam e que se não tocam; procurá-lo-ia em toda a parte, como o heliotropismo das plantas, imitando na terra, a 38 milhões de léguas, o curso de fogo que o astro do dia faz na azulada abóbada do céu. Sim! abraçá-lo-ia nesses intangíveis abraços daqueles que se amam e se não tocam! Os que se amavam e se não tocavam! – esses é que eram os povoadores do mundo, raça fértil de desventuras, grandes, prolíficos progenitores de um povo de misérias a encher a superfície do globo, sem pátria nem língua perante a Natureza, a não ser a pátria das misérias e a língua das dores da vida! Esses brotavam a cada canto do planeta, como os cogumelos das épocas primitivas, sem nome na história; em sua maior parte, párias irreconciliáveis do destino, vítimas antropogênicas das transformações do Universo! Com a fatalidade das leis sociais, num regímen distintamente plutocrático,

na luta pela existência, não tinham eles o direito de fazer escolha para a conservação e perfeição da espécie. Aí só se notava a conservação do indivíduo, num meio em que todos os inimigos foram criados pela fome do ouro, ficando de parte todos os elementos morais que podiam fazer do homem o verdadeiro deus no centro do infinito. Era por isso que nas velhas nações da Europa decrescia a importância intelectual das famílias, e quando um vulto conseguia elevar-se até às eminências da contemplação do mundo, ele era só, fechado filosoficamente no subjetivismo de sua personalidade egoística; viera de longe através de mil gerações e vagarosos séculos, anônimo em genealogia, passando de ventre a ventre na onda da evolução espermática, crescendo em meditação e saber, na soledade imensa de seu pensamento iluminado, em cujo círculo não vibrara o tinir dos valores convencionais, e nem passaram os fantasmas adoráveis dos opulentos regalos. Esse, e seus companheiros de luta – vieram no vagalhão lodoso da vida; brotaram nessa fermentação cósmica, que ainda cobre a crosta do planeta, mas que, como séculos são momentos, há de desaparecer, e com ela a vida e com esta a dor. Esses, aí mesmo, à margem da existência, no curso vertiginoso dos dias, davam pasto, bestialmente, às necessidades de seu corpo, na grande confusão de um comunismo natural; e passavam adiante, até que as vísceras irritadas pediam novas cousas, e novas cousas lhes eram dadas! No templo imenso da Natureza, na inconsciência eterna das cousas tangíveis, não havia a *Moral*, essa obra dos homens, nem a *Lei*, nem *Deus*, nem *previdência*, nem *predestinação*, nem *princípio*, nem *fim*! Não era a *Lei* que determinava o fenômeno, mas este que, por parecer sempre o mesmo, fora estupidamente chamado eterno e metido dentro de um molde mental que os habitantes do globo batizaram *Lei!* Tudo isso, no curso intérmino do tempo, desta abstração que tem por nome *eternidade*, desapareceria na forma, mas subsistiria na essência. Mas o que se conhecia era simplesmente a forma, que mudava o aspecto das cousas, que lhes alterava a unidade da existência! O espírito, um modo de ser da matéria, ainda que atualmente não explicado como tal, só junto dela tinha a sua existência, comunicando-se de organismo a organismo por intermédio

dos recursos orgânicos – a voz, o gesto, o olhar, a expressão das emoções, etc. etc. Na grande esfera desse mundo moral, ficado em trevas até quase os fins do século dezenove, ia fazer-se a luz pelos estudos de então, pelas pesquisas dessa força imensa de atividade, cujos nomes *espírito* ou *alma* guardara da antiga a moderna filosofia. Ia escrever uma obra, para a qual já tinha inumeráveis dados, e em que encontraria a ciência de Galiano[39] e Boerhaave, o médico de Leiden[40], novo rumo para as conquistas da família humana. Aí o estudo do espírito seria mais desenvolvido cinquenta vezes que os estudos do corpo...

Neste ponto teve que parar, porque o major que o chamara diversas vezes, vendo que estava surdo, e que não parava, sacudiu-o com força para despertá-lo de suas altas cogitações.

– Onde iam afinal de contas? perguntou o major.

O doutor Teixeira, entregue à onda sanhuda de seus volumosos pensamentos, havia deixado atrás a casa do pintor, para onde se dirigia.

Voltaram ambos e bateram palmas.

O pintor era um moço de 26 anos, mais ou menos; – Jacob Despois, o seu nome. Filho de um proletário francês, de Paris, abandonara o teto paterno aos dezessete anos, e fugira para o Brasil em fins de 1868, a fim de tentar fortuna, não como pintor, mas como qualquer outra cousa. Fisionomia serena, inteligente, de traços delicados, encimava-lhe a fronte uma cabeleira fina e loira, que lhe caía pelos ombros em aneladas madeixas, dando-lhe ao busto aqueles tons românticos e adoráveis que os escritores idealistas emprestam ao velho, pálido e triste Nazareno.

O pintor os recebera em sua salinha de trabalho. Fumava nesse instante a primeira cachimbada após o cheiroso café da manhã.

Sem mais preâmbulos, o doutor tirou da algibeira de dentro a sua carteira, e, abrindo-a sobre a mesa, junto do pintor, leu:

Um cromo, representando um lago que banha um jardim, em cuja grade está um moço.

E acrescentou:

– Preciso disto hoje; daqui a pouco, o menor tempo que for possível. É um pequeno quadro... Tem aí um lápis... uma folha de papel?

O pintor trouxe o papel e o lápis.

O médico deu os traços, como ele queria a obra:

– E que fosse a cores; não precisava perfeição: o quadro podia ter uns vinte centímetros de largura sobre quinze de altura. Fizesse o jardim para esquerda; o moço bem distintamente na grade; o lago para a direita... o céu... só, nada mais. A que horas estaria pronto?

– Ao meio-dia mais ou menos, para ter tempo de secar... Ia fazer com tinta que secasse logo...

– Isso mesmo! acrescentara o médico, dando-lhe a mão e saindo acompanhado do major.

Quando tinham andado um pouco, o major adiantou dous passos e, parando-lhe à frente, pôs-se muito sério a olhá-lo interrogativamente.

– Que era aquilo? perguntou o médico.

– Boas! então que era aquilo, não? E o remédio?

– Pois o remédio estava se fazendo... Era o quadro.

O pai da doente teve a princípio desconfianças do bom senso do médico. Depois lembrou-se das últimas cenas do hipnotismo. Pediu explicações.

O médico explicou-lhe com certas reservas, necessárias à cura, o seu pensamento; como pretendia proceder; os resultados que ia tirar... e invocou a história da cobra, desfeita pelo cinto, para convencer ao velho major. Contou-lhe oito ou dez fatos semelhantes; falou-lhe de Charcot, de Feré, de Bernheim, uma imensidade de curas pelo hipnotismo; e na esquina das *Taquaras* despediu-se, ficando de lá ir ao meio-dia mais ou menos.

De toda a parte agora chegavam cavaleiros e gente a pé, que vinha do campo ou da mata, de fazendas ou de pequenos sítios, para assistir à missa do dia.

O grande empenho do Dr. Teixeira era substituir quanto antes o quadro da ceifeira pelo do pintor, porque o deste ia representar mais ou menos a ideia-fixa da rapariga. E só lhe seria apresentado quando ela entrasse em delírio, para aproveitar-lhe, assim, o momento de excitação em favor de suas sugestões, caso ela desobedecesse a *ordem* que ele lhe pretendia dar ainda, durante um *sono provocado*,

de não pensar mais no *cromo* enquanto não sarasse de todo. Esperava que o seu artifício apresentado no momento de delírio, se lhe inoculasse no espírito, dando-lhe nova direção de funcionamento, como certos remédios, cuja ação só se acentua e aparece quando aplicados no momento fisiológico do mal.

E enquanto esse tempo decorresse, as suas receitas, físico para o físico, lhe iriam concertando o organismo, preparando-o para poder ter em equilíbrio o grande movimento de composição e decomposição, que é a base condicional da existência. E dado que fosse esse fato, – moral para o moral, a sua palavra se fundiria no espírito dela, numa endosmose de luz, modificando-o, iluminando-lhe a rota, vivendo com ele, com ele unificada, abrindo-lhe as asas, voando... voando para o azul, porque o azul era o futuro, onde, como seus dous espíritos – seus dous corpos se identificariam para a eterna glória da espécie, e do egoísmo que a paixão dele tinha. Assim o pensava.

Ao meio-dia fora o médico buscar o quadro, que estava pronto.

Jacob Despois fizera obra limpa, posto que às pressas. Lá estava o jardim à esquerda, segundo ordenara o doutor, e recostado à grade, bem distintamente visível, um belo moço que cismava fitando ao longe, sobre o azulado espelho do lago, um barquinho que lhe sulcava a superfície tranquila.

– Bom! que estava magnífico! replicou, agradecendo a Despois a presteza e consideração com que o fizera, trabalhando em domingo.

Nesse dia voltou o médico mais de uma vez à casa do major, sem ocasião de pôr em prática a sua medicina moral.

E, assim, passaram-se ainda dous dias, chegando ele a supor que a almejada ocasião não apareceria mais. Engano.

À noite do terceiro dia voltou o delírio do cromo, com uma intensidade assustadora.

Eram 10 horas quando Joana entrou no gabinete do médico, que lia nesse momento uma obra moderna sobre o sistema nervoso, tendo a um lado três tiras de papel cheias de notas, e ao outro lado um livro de Mr. Charcot, em que as mesmas questões vinham brilhantemente estudadas.

Joana começou a falar, e ele fez sinal com a mão que esperasse um pouco. Leu mais algumas linhas, foi à estante, abriu-lhe as portas de vidro, tirou um volume de Mr. Luys – *Iconographie photographique des centres nerveux*, percorreu sofregamente o índice e voltou atrás ao capítulo desejado, em que passou os olhos, com uma rapidez quase incrível, nas duas primeiras páginas, terminando por esta exclamação:

– Ah! cá está!

E, pegando da pena, acrescentou mais uma nota à terceira tira. Fechou os livros e ouviu a Joana.

Apenas soube de tudo, pegou o quadro que estava embrulhado em um jornal, apagou o lampião e partiu a toda a pressa.

– O cromo, o cromo! Tragam-me o cromo! Eu quero o meu cromo! – repetia Ester, quando o Dr. Teixeira abriu o reposteiro e penetrou na alcova.

A sala estava no escuro.

No quarto, encostado à grande cômoda da frente, Ricardo acendia mais três estearinas na serpentina de cristal que já tinha três acesas. Junto do leito de Ester D. Eufrásia consolava-a, segurando-lhe os braços, detendo-a em cima para não saltar fora. O major a ajudava nessa empresa de amor paternal, falando à filha com palavras doces, prometendo-lhe o cromo que estava com o doutor, que não tardaria.

Numa aflição estranha, tinha a moça tirado a camisa de flanela, que, com a febre daquela emoção nervosa, lhe aumentara na epiderme a cópia[41] de suor. As manguinhas bordadas da camisa de morim morriam-lhe em meio da curva umeral, em lágrimas de renda, que caíam até um pouco abaixo, mal tapando, quando ela erguia os braços, o feixe mimoso de uma penugem cetinosa e curta que lhe escurecia as axilas, não como sombra, senão como penumbra, na láctea candidez de sua pele finíssima. Os braços nus saíam daqueles anéis de renda como dous modelos de mármore, refletindo a alma artística de algum escultor grego. Depois rodeava-lhe o afogado decote a todo o formoso colo, em quem uma longa seleção natural pusera o esmero que só os séculos podem dar; mas, nem tão afogado era esse decote que ocultasse as primeiras elevações do

seio abundante e tenro, suspenso em si mesmo pela vitalidade daquele temperamento, pela natureza de sua musculatura e pela força daquela mocidade. Era como quem visse as bases de um outeiro ubérrimo, com os topos escondidos na cima, lá onde se estendessem fertilíssimas vinhas de saboroso suco. Era como quem sentisse a vontade de galgar o lombo dessa pequena montanha, para lá, bem do alto, se embriagar de néctar, não do que prostrou Noé, mais dessa divina ambrosia que a volúpia estila no olhar, e o contato a derrama nos nervos.

Ester, sentada na cama, estava com o rosto afogueado. Pobre de sangue, ainda assim a força nervosa das emoções dilatava-lhe os capilares faciais, a ponto de alemanizar-lhe o semblante.

– O cromo! O cromo! Tragam-me o cromo! Eu quero o meu cromo!

– Então? que vinha a ser aquilo? com severidade perguntara o médico.

Ela pôs-se a fitá-lo, sossegando com a sua presença. Tinha erguido os braços e trançado as mãos na nuca, com o corpo vergado para trás, o olhar súplice sobre o olhar do médico.

Naquela posição, saltavam-lhe os seios para a frente, debaixo da camisa de morim que sobre eles se encartuchava, lhes desenhando as pontas culminantes. Via-se um pedaço do colo, e nas conchas axilares, entre a pele e as mangas repuxadas, o pelo negro brilhava, curto e macio, atapetando a brancura da epiderme.

A pupila do médico teve uma fosforescência momentânea. A sua imaginação viu-a nua naquele momento.

> Tão formosa no gesto se mostrava,
> Que as estrelas e o céu e o ar vizinho
> E tudo quanto a via namorava![42]

pensou o médico, lembrando-se de Camões.

> Pelas lisas colunas lhe trepavam
> Desejos que como hera se enrolavam.[43]

Mas foi um momento só. Vendo-lhe o olhar súplice, perguntou-lhe baixinho ao ouvido:

– Noiva?

E ela teve um movimento brusco de cólera, e ele verificando que não devia de ir por aquele caminho, fechou-lhe as pálpebras, ordenou-lhe que dormisse uma hora, e que enquanto não sarasse não pensasse mais no cromo. E ela adormeceu tranquilamente.

Perguntaram-lhe mil cousas sobre o estado da doente.

– Não seria nada, já agora garantia. E, até certo ponto, estava mesmo a querer supor que os últimos delírios, causados por motivo estranho à moléstia, lhe fossem favoráveis à evolução da cura, porque até certo ponto, também, vascolejavam-lhe o sangue por todas as veias, sendo portanto a irrigação cerebral completa, o que não se dava na anemia e justamente o que se tratava de conseguir em casos como tais. Quanto ao delírio do cromo, esperava que não voltasse, pois assim ordenara. Guardassem o cromo; se o delírio voltasse e ela o pedisse, dessem. Não acreditava que isso acontecesse; havia todas as probabilidades de manter-se incógnita ou indiferente como dantes, guardando no entanto a recordação sugerida com proveito durante o último delírio. Ficara-lhe a consciência tranquila. Era o bastante, cria, para que a fortíssima emoção não se repetisse. E assim sendo, dentro em pouco, com os remédios que tinha aplicado, ela estaria de pé e em convalescença franca.

Era quase meia-noite quando o médico se retirou.

Ester dormia com uma serenidade imperturbável. Tinha no rosto um aspecto de venturas indizíveis.

Com efeito o delírio não voltou mais.

Todos os dias ia vê-la o médico, auscultá-la, interrogar... Soube em palestra que D. Eufrásia, mais ou menos naquela idade, tivera também a doença da filha, só com a diferença de não ter tido delírios. O médico soube disso com alegria.

Estava a ver cada vez mais confirmadas as suas crenças científicas, triunfante o hipnotismo – o verdadeiro, único e luminoso futuro da medicina em sua opinião.

O tratamento prescrito era administrado com todo o rigor.

O doutor Teixeira, ao mesmo tempo que cuidava de impedir a marcha da moléstia, fortificava o estômago de sua doente para que as digestões fossem as melhores possíveis e houvesse completa assimilação.

Leite em grande quantidade, preparado com ovos; extrato de carne em sopas substanciais, gemadas quanto ela quisesse e cálices de fino *Porto*. A genciana[44], o ferro, a quinina, o álcool, entravam constantemente nas receitas do médico, que os revezava conforme entendia. Tinha pedido a Ester o sacrifício de não se levantar senão em última necessidade, de se conservar sempre deitada, ao menos por alguns dias.

E assim foi.

Ao fim de algum tempo, já o calor lhe aparecia pelo corpo e todo o seu rosto revelava outra vida, outra expressão.

Todas as noites, agora, lá ia o médico a passeio, e se deixava ficar na prosa até tarde, numa intimidade cada vez maior, cada vez mais confidencial, em grandes palestras humorísticas, em que ele dera a conhecer esse lado de sua alma até então desconhecido, – o da pilhéria. Riam-se todos a valer e, como caso puxa caso, cada qual contava o seu, menos a doente que estava proibida de falar muito. Eram histórias de outros tempos, de cousas engraçadas, e às vezes um tantinho livres, que só podiam ser referidas em concílio familiar, onde há confiança recíproca que estabelece o respeito mútuo.

E assim era, todas as noites, e lá estava constantemente o doutor, preparando ele mesmo os remédios, e os dando, e também os alimentos, às vezes, à sua enferma, que já lhe fitava os grandes olhos agradecidos, com um sorriso tão suavemente doce e iluminado, que o doutor sentia-se leve, feliz, dilatado em seu próprio orgulho, só pensando nela, só vivendo do grande eflúvio promanado de toda aquela individualidade angélica. Ele via quase coroada a obra de seus esforços, de sua dedicação ilimitada, de suas pesquisas íntimas, únicas que lhe lançavam no espírito a ponta aguda de um espinho amoroso, no tubo por onde lhe passavam todos os pensamentos que saíam feridos do outro lado.

Foi preciso ainda hipnotizá-la diversas vezes. Já agora fazia-o ele sem a menor dificuldade, ordenando às vezes de longe, com um aceno às vezes.

E, hipnotizada, ele fazia-a rir, provocava-lhe cousas admiráveis, enganos que espantavam os assistentes, casos de completa insensibilidade localizada onde ele quisesse, ilusões sugeridas a todos os sentidos, até à alienação da própria consciência.

Fazia-a obedecer às ordens dos outros e ela obedecia passivamente.

A convalescença marchava com rapidez.

Ela comia bem e de tudo que era prescrito, pois com as sugestões desfizera o médico todas as repugnâncias da moça.

Quinze dias depois já Ester passeava em moderados exercícios por todos os cômodos da casa.

Ao fim de um mês começou ela a dar pequenos passeios fora, manhãs e tardes, a alongá-los a pouco e pouco, a oxigenar-se de ar livre, a plenos pulmões, nos belos dias de outubro, ao sol da primavera, mês alegre e criador, que enfolha as árvores despidas e enverdece os campos queimados.

Quando o seu organismo teve capacidade de suportar maiores provas, mandou o médico que ela tomasse banhos de chuva, sujeita a regímen severo de alimentação tônica, em que os oleosos e ferruginosos entravam em grande escala, refundindo-lhe toda a economia vital.

Nesses passeios, manhãs e tardes, o médico estava rente, sempre amável e atencioso, infantilizando-se a cada instante, a propósito de qualquer cousa.

Já corria pela cidade o boato de que o doutor ia casar-se com a rapariga.

Dous meses depois, quem a visse não diria que ela, a filha do major Cornélio, tivera estado tão doente. Completamente outra. Pleno equilíbrio de circulação sanguínea; pleno estado de funcionamento nervoso; plena harmonia de movimento em todos os seus órgãos e aparelhos anatômicos.

E agora, mais bela do que dantes, porque tinha mais carne e mais sangue, todas as suas formas apresentavam soberbos tons de uma vitalidade adorável, em que as graças e os risos corriam de porfia.

Restabelecera-se a paz na extremosa família; voltaram-lhe os dias de luz da eterna primavera, que se enublara um momento.

IV

Sobre velhos – novos dias se acamavam.

Todas as cousas em casa do major tinham voltado ao seu primitivo estado.

A grande questão de atualidade, no seio da pequena família, era o que se devia fazer de Ricardo, não como garantia de futuro – porque o pecúlio que o major conseguira reunir, graças à pequena herança e a inteligente trabalho agrícola, representava uma soma, um capital volumoso, bela e sólida fortuna, que já havia alguns anos estava ele tratando de reduzir a títulos da dívida pública, a dinheiro seguro. Depois de um trabalho constante e penoso, em que a sua atividade e o suor do escravo haviam se transformado em vastos cafezais, que ocupavam enormes áreas de fertilíssimos terrenos, livres de geada, em terras roxas, no *Oeste* de S. Paulo[45]; depois de uns quinze anos de luta permanente com o solo virgem e portentosamente recompensador das terras do poente desta laboriosa província, com proporção espantosa crescia em cada safra a avultada fortuna do major Cornélio. Não se tratava, por isso, de formar o futuro monetário do rapaz, senão de dar-lhe educação consentânea com a posição que ele pudesse ocupar um dia na sociedade brasileira.

Ester opinava que devia de ir para os Estados Unidos, – estudar engenharia, carreira de muito futuro; pois que dentro de poucos anos o pensamento do paulista, expansão natural da direção que já hoje lhe tomava o espírito, seria o de *americanizar* o mais possível o seu solo, com grandes vias férreas, assentadas em todos os sentidos, religando ainda as mais pequenas aldeias ao grande centro comercial e intelectual – S. Paulo. Não teria Ricardo necessidade da carta de engenheiro para viver; mas tanto melhor, – porque trabalharia pelo amor do trabalho, pelo sentimento do patriotismo, unindo seu nome à história de sua província, e tornando-se dela um filho benemérito.

– A ideia era bonita, afirmava o major; um tanto impraticável, porque: – quando em S. Paulo, que se falava português, Ricardo estivera dous anos sem nada aprender, quanto mais nos Estados Unidos,

onde se falava língua estranha e difícil! Lá, então, decididamente que o rapaz levaria a vida a estudar o inglês...

– Que não, interrompera-lhe a filha. Era fácil o inglês; muito mais que o francês. E, como a fome e a sede é que punham a lebre a caminho, em terra estranha, a língua que na pátria da gente se aprendia em um ano, sem ocasião de exercitá-la porque se tinha o recurso da língua própria, – lá era aprendida em seis meses, porque faltava esse recurso, vendo-se o estrangeiro obrigado a falar, bem ou mal, na língua do país, para poder ser entendido e nada lhe faltar. Demais, acrescia que era falso o juízo feito pelo pai sobre a inteligência de seu irmão. Muito talentoso que o era. A sua inteligência (e nisso é que se podia conhecer a força intelectual de uma pessoa), a sua inteligência era de uma rapidez quase instantânea de compreensão; o defeito dela estava na falta de energia para manifestar-se de moto-próprio[46], espontaneamente, por impulsos de temperamento; faltava-lhe certa dose de calor e imaginação, certo colorido próprio da inteligência de um brasileiro. Era muito inteligente, mas assim inteligente à moda inglesa. E aí estava porque supunha que lhe ficava melhor o estudo das matemáticas que qualquer outro; – e nos Estados Unidos, porque, de temperamento um pouquinho passivo e um tanto indolente, entre nós Ricardo não encontraria exemplo de estímulo, tendo pelo contrário em seus colegas quem o desencaminhasse das obrigações a cumprir. E fora o que se dera em S. Paulo: – pândegas e sempre pândegas. O brasileiro nunca poderia se divertir à inglesa, lá; depois de se desviar duas ou três vezes, lhe apareceria o cansaço, o tédio da diversão; porque nas diversões inglesas era a monotonia quem presidia a festa. Talvez fosse uma questão de sangue, uma questão de raça, e os filhos de Albion[47] achassem nisso grande júbilo.

Falou D. Eufrásia:

– Que eram só dois os seus filhos: – ela e ele. Mandá-lo para lá... tão longe! Sem um parente e sem um amigo! Estudar engenharia, para quê? Achava que os doutores em engenharia, e ainda por cima doutores que assim ficaram na terra dos outros, eram menos doutores que os de direito ou de medicina ou mesmo de engenharia,

mas ficados doutores em sua terra. Isso de trabalhar de graça, só para ter o gostinho de ver o nome em letra de forma, por todos os jornais... ora bolas! Era o mesmo que fazer a esmola só pelo prazer de ouvir o «Deus lhe pague». Depois... ela já estava velha e adoentada como não ignoravam. A maior dor, que poderia sofrer, seria a de morrer sem ter, na última hora, de um lado a filha, do outro o filho, e o major, o seu velhinho, à frente. Assim, sim; morreria contente e se apresentaria a Deus Nosso Senhor limpa de pecados e de mágoas, pedindo-lhe pelos seus que cá ficassem na terra!

Ester, que estava fazendo crochê, levou a ponta do avental branco aos olhos umedecidos e o major disse à esposa que ela sabia que ele não gostava daquelas conversas.

Continuou D. Eufrásia:

– Pois que era isso mesmo. Ora, se tinha propósito: – a família, tão pequena, só de quatro pessoas, perfeitamente unidas e estimadas entre si com grande amor; uma coisa que até fazia inveja a todo o mundo, pois todos diziam... Se tinha propósito desmembrá-la, pegando o pobre do filho e o mandando para uma terra de bárbaros, gente só do dinheiro, onde o menino podia até morrer em completo desamparo! Deixassem-se de histórias! S. Paulo ali estava, e S. Paulo era feito de gente brasileira. Mandassem-no para lá, e que ele fosse doutor em direito; isso é que era... o mais – peta! Ao menos lá estaria entre gente que falava a sua língua, e que, quando ele dissesse *ai ai*, havia de lhe perguntar o que tinha. E, se fosse uma coisa grave, eles saberiam logo e poderiam dar as providências necessárias. Para que servia o telégrafo e a estrada de ferro?

Depois assentou-se que Ricardo não precisava de ser formado em nenhum curso superior. Ter uma carta, só pela vaidade de ser tratado de doutor, era luxo vergonhoso. Para tornar-se grande, impor-se como homem de mérito, como filho extremoso e prestante de sua província, como homem respeitável por serviços relevantes prestados ao público, não era preciso graduar-se, senão ilustrar o espírito.

Ester era até de opinião que o mérito de um leigo dos cursos do país tinha mais valia que o mérito dos profissionais, oficialmente recomendados como bibliotecas ambulantes; porque o leigo

representava um trabalho real, feito de longos anos de conscientes estudos de gabinete, sólidos pelo estímulo que os ditava, – amor ao saber, constância no trabalho. Quando na vida o homem se via só na luta pelo pensamento, sem a proteção oficial da falsa ciência, os seus conceitos, por isso mesmo que mais emulação e mais sede o indivíduo tinha de triunfo, os seus conceitos se avizinhavam mais da verdade, porque as suas pesquisas só visavam a verdade.

E nessas considerações, o espírito da moça abundava em exemplos bebidos na história de todos os povos, onde a liberdade, estabelecendo a concorrência, a luta pela ideia, tinha sempre marcado o verdadeiro progresso na atividade humana.

– Prender-se um homem a fórmulas sagradas, com fanatismos de grande crente, em fofa ortodoxia de classicismo em qualquer cousa, era imobilizar-se no passado, tentando imobilizar o presente; era colocar-se como montanha na estrada livre da evolução, fazendo o mal quando supunha fazer o bem. Por isso deixassem livre curso às tendências de seu irmão, aproveitando-as apenas no próprio sentido em que se revelassem. Se aconselhara a sua ida para os Estados Unidos, não o fizera com ânimo menos afetivo de que o fizera a mãe opondo-se àquela ideia, – senão dentro dos limites dessas mesmas e últimas considerações que acabava de exibir; pois lendo-lhe na alma, supusera que lhe estava de conformidade com as tendências, com o modo de ser do espírito, o estudo da engenharia. Para si, o maior prazer no mundo seria o de vê-lo um dia nome célebre na história de sua pátria, credor da gratidão póstera por serviços anteriormente prestados à causa do homem na terra. Pertencia a essa ordem de sonhadoras cabeças, para quem a glória tinha mais realce que as riquezas do mundo, – para quem não havia distâncias no espaço nem impossíveis no tempo. Acreditava que era mais eloquente e duradoura a figura de Victor Hugo arrancando ao patíbulo o, dentro em pouco, cadáver de um condenado, que a prepotência de um Rothschild[48], fundando bancos pelas capitais do globo. Sabia que muitas vezes, ou quase sempre, as ideias que professava não tinham apoio e nem compreensão no cérebro dos que a ouviam; ou eram então mal compreendidas e levadas à conta de loucura ou má

índole; – mas nem por isso deixaria de tê-las e abraçá-las, pois que eram frutos de suas leituras, colhidos pacientemente com esse amor desesperado que ela sentia pelas cousas desconhecidas. Tais ideias devia-as ao pai, a quem agradecia do fundo da alma pela liberdade de leitura que lhe dera, nunca lhe recusando um livro pedido. E a iniciação desse modo íntimo de compreender, sentir e aceitar as cousas, devia-o ela ao grande e bom amigo comum de toda a família, ao doutor Lins Teixeira, cujo ilustradíssimo espírito empreendera, havia muito, a ilustração do seu espírito, dela. E nem sabia, confessava, como provar àquele homem, tão profundamente bom e generoso, o quanto lhe era grata, ela a ele – que lhe ensinara a conhecer as cousas do mundo e a posição que ocupava no planeta, o planeta no sistema solar, o sistema solar no Universo; – a ele que a fizera sentir o que era a vida, o nada das grandes cousas, o valor *constantemente*, *absolutamente* relativo de tudo. Sabia qual era o seu papel na vida, – ser frágil e passivo no curso da existência... Sabia como aproveitar para si todas as circunstâncias favoráveis que a Natureza lhe atirasse à frente de seus passos, sem jamais desobedecê-la em suas leis, cuja vingança, insultadas que fossem, era tão fatal como a queda dos corpos. Era muito feliz e... muito infeliz também; toda a sua alma se embalava entre essas duas alternativas. Lançando o olhar por todo o passado, e generalizando todos os conhecimentos particulares adquiridos por seu entendimento, via-se ela na escala ascendente da espécie, em um degrau donde se lhe desdobrava um horizonte de raio imenso e donde contemplava todo o resto descendente da escala, diminuindo cada vez mais em seu caráter progressivo, até confundir-se com os primeiros seres rudimentares da vida. E a extensão percorrida por sua imaginação ia a perder de vista, pelos séculos passados, até às épocas primitivas das primeiras revoluções do planeta. E então, enaltecido o seu espírito do muito que o homem tem assinalado na história da terra, ela se expandia nas grandes alegrias morais de sua belíssima inteligência. Vivia no mundo das evocações da memória, sentindo as grandes emoções das eras de luz que marcaram as grandezas dos povos em contraste com a decadência das nações. Era muito feliz quando assim se via – ser elevado entre os seres – cá,

tão longe daqueles tempos, ao pé dos pórticos do futuro, quase no século XX, cuja maravilhosa história era concebida por sua imaginação. – Depois... era muito infeliz. Abandonando todas essas cousas que, num presente de muitos séculos, lhe entravam pelos sentidos, formando-lhe no espírito esses estados de consciência, e subindo ainda mais pelo fio do pensamento até às últimas especulações mentais de que era capaz o seu cérebro; concentrando-se tão somente em sua inteligência; completamente fora do mundo; jogando apenas com todas as suas potências subjetivas, com todos os seus conhecimentos puramente abstratos, sistematizados por método, religados pelas relações crescentes do simples para o complexo, do homogêneo para o heterogêneo, do concreto para o impalpável; – espiritualizando-se enfim; libertando-se por esse modo, num momento, dos laços da matéria, ah!... como era infeliz! Que triste, tenebroso e lúgubre o panorama que se lhe abria diante da pupila intelectual! Oh inconsciência do Nada! Como tudo se desfazia num instante! Que era a história do mundo senão um punhado de átomos congregados num canto do espaço; átomos que formaram montanhas e rios, planícies e mares; átomos que formaram os animais, átomos que se resfriaram e não puderam mais produzir a vida, a vida que desapareceu do planeta, o planeta que há de desaparecer do sistema solar?! E perante a grandeza dessa concepção real do Universo (divino Demócrito!) que era da obra dos homens representando o esforço de milhões de séculos? E perante a obra dos homens, que ainda permaneceria sem espectadores na crosta gelada da Terra, como acervo de insepultas glórias, que era um homem só, por maior que fosse? que valia um nome? E à frente desse homem, o maior que houvesse na terra, que vinha a ser ela, frágil, tímida mulher, sem a capacidade de perdurar na memória coletiva de seus semelhantes, sem a capacidade de se impor à consideração dos pósteros?! Entristecia-se até à mais negra das melancolias. Tudo isso era o *Nada*! A história da vida no planeta, em todos os planetas do espaço, seria eternamente isto: – antes a eternidade inconsciente, o *nada*, a matéria bruta em suas transformações constantes; no meio um pedacinho de consciência (a vida), a brilhar na escuridão de uma noite sem aurora, como o lapso

de luz de errante vagalume; depois... depois ainda o *nada*, a eterna INCONSCIÊNCIA para todo o sempre! E lá se ia a imaginária imortalidade da alma, outro edifício humano em que se trabalhara com afinco depois da vinda de Platão, edifício modernamente derrocado pelo escalpelo da Fisiologia, que invadiu triunfante os velhos domínios teológicos. E lá se ia Deus com toda a sua majestade nunca vista, com todos os seus atributos incompatíveis, com toda a sua glória inimitável (divino Demócrito!)...

Pensava assim; assim o pensava o médico. Ele soubera aproveitar-lhe as tendências livres do seu espírito.

E nessa ordem de pensamentos continuou Ester por muito tempo, falando, demonstrando aos pais como havia razão de assim pensar.

D. Eufrásia, que sentia o «desnorteamento» daquela cabecinha de anjo, deixava-se levar na onda veloz da convencida e simples eloquência da rapariga, sentindo com ela os próprios sentimentos, pensando as mesmas ideias e convencida, enquanto ela falava, de tudo que ela falava. Depois, por não ter memória que guardasse os argumentos, por falta de certo preparo e por inveteradas crenças, tudo terminado, continuava a ser a mesma D. Eufrásia de sempre, isto é: alma muito boa, religiosa, temente a Deus, boa esposa e boa mãe.

O major, esse sorria orgulhoso de ver tanta «ciência de filosofia» na cabeça da rapariga, e posto que nesse sentido estivesse no mesmo nível da esposa, tinha até certo garbo e prazer em ouvi-la, e a provocava quando estava de veia. Habituara-se, havia muito, a ouvir a esse respeito grandes discussões entre o doutor Teixeira e outros doutores, e das quais saía vencedor o médico seu amigo.

Ricardo era do lado da irmã, e quando a esta faltava um exemplo, um termo próprio, um fato que corroborasse o que estava afirmando, ele o fornecia calmamente, pois que com ela passava horas inteiras a ler tais cousas ou a conversar sobre semelhantes assuntos. O que não fazia era provocá-los: não lhe estava na índole.

Com tal temperamento e disposição para aprender, constantemente sequiosa de tudo saber, ainda os mais íntimos segredos da Natureza que não se nega a quem a procura; tendo por espontâneo, oficioso explicador, um homem de elevados conhecimentos,

um verdadeiro filósofo pelo seu poder de generalização, como o era o doutor Teixeira, – completamente restabelecida, passava agora Ester as suas horas vagas a devorar livros proveitosos de assuntos científicos.

– Um cérebro de homem sobre um sistema nervoso de mulher, era como a definia o médico, quando a seus amigos falava intimamente dela.

Com efeito o poder de compreensão e conservação de ideias marcava naquela moça um fato admirável de ordem mental entre mulheres.

Já agora, em pleno estado de saúde, tinha-se ela passado de novo para o seu quarto de dormir; um sótão espaçoso, mais sala que alcova, para cima do telhado da casa, alto, com oito janelas, duas em cada parede; estas deitavam para os pontos cardeais. As janelas de norte e leste, essas, ela as conservava sempre fechadas; as outras, as de poente e sul, abertas sobre o grande panorama de oeste, vasta planície em suave declínio, que ia a perder de vista até às últimas linhas do horizonte, a duas léguas de distância, batida de sol, mosqueada, aqui e ali, das sombras ambulantes das nuvens que voavam por cima. Nessa grande área, de verdes campos e viçosas moitas, semeada de pequenos capões que acusavam formas bizarras, gostava Ester de engolfar os seus olhos, perdida na cisma, ou acompanhando, de novembro a março, as nuvens que sobre os campos passavam, peneirando grandes chuvas como regadeiras do céu.

As janelas fechadas davam para a rua em que morava o médico; devassavam aí algumas casas pelo fundo, principalmente a do doutor, que não tinha arvoredos que a tapassem diretamente e que era vista até à sala de jantar. Ester, pois, as conservava fechadas, por natural discrição para com aquele homem, a quem consagrava profunda estima, cheia de um respeito quase paterno, quase religioso, e não porque os seus olhos pensativos não gostassem de se apascentar, como nas outras, naquelas paisagens que o norte oferecia com a sua serra ao longe, e o levante com o seu solo crescente, até aos tabuleiros que deitavam para os campos do nordeste.

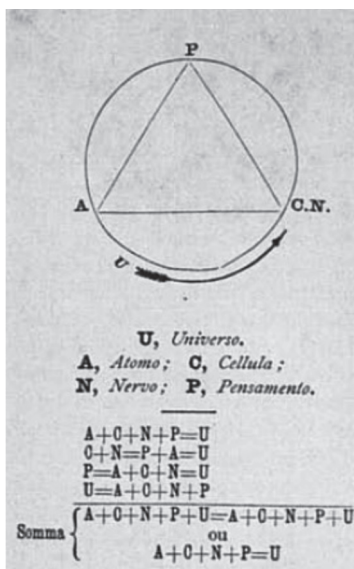
Nesse sótão estava tudo quanto era seu, exceto o piano, que tinha o lugar de honra na sala de visitas: – pequenas estantes com

os livros prediletos, cômodas, cabides, guarda-roupas; uma pequena mas elegante secretária, onde ela estudava e escrevia; dois consolos com vasos de flores; duas mesinhas, uma à cabeceira da cama, pequena cama, muito limpa, sempre cheirando ao rosmaninho em que os lençóis e fronhas coravam, secavam na fonte – belas fronhas de crivo que ela mesma fazia com flores ou nomes, trabalhados admiravelmente. Era aí que as suas horas se deslizavam agora, povoadas de pensamentos vibrantes, fartos de emoções sempre as mesmas, e com que, mau grado seu, ainda se não acostumara a sua atividade cerebral. Era aí que ela passava a maior parte do tempo, quando só, quando não havia visitas, ou quando a figura insinuante do médico se lhe não derramava pelo espírito, no brando aconchego de proveitosos ensinamentos, de despretensiosas – ilustradas palestras.

Nessas longas conversações, em que o resto da família entrava apenas com pequenas perguntas, que lhe traduziam a admiração dos assuntos tratados, falava-se de astronomia, e então o cearense subia tanto no justo entusiasmo da ciência caldaica[49] – que todos voavam com ele de estrela em estrela, medindo as distâncias dos astros, embrenhando-se em longínquos, formosos, planetários sistemas, conjecturando sobre a pluralidade dos mundos habitados, perdendo-se no infinito do espaço, donde viam, sobre a imensidade do Universo, a Terra, grão de mostarda, coberta de um *formigueiro* de homens, cuja vaidade os fazia suporem-se os reis, os primeiros produtos da criação viva; – falava-se da física, com todas as suas maravilhas, descritas diretamente da Natureza – desde a simples tendência da unificação dos átomos, das moléculas e dos corpos, pelo princípio de Newton, até aos grandes fenômenos celestes de que trata a cosmologia; – falava-se dos *mistérios*, assim chamados, de todas as cousas, desde a planta pequenina e humilde, desde a agregação do seixo que os séculos arredondaram a mudá-lo de lugar com as mutações físicas do globo, até os últimos, complicados problemas do homem na sociedade, da moral no homem.

E qualquer que fosse o assunto tratado pelo médico, a sua convicção era sempre a mesma, forte, imutável, – de uma origem única de todas as cousas; origem, que não poderia deixar de existir; origem

inconsciente, ponderável, eterna, transformável, constantemente transformada.

E nos arroubos de seus pensamentos, subido à última esfera de uma generalização lógica, dizia ele sempre à sua discípula, ao ouvido mais atencioso que encontrara no mundo, ao talento mais dócil que vira na terra, à amiga mais íntima que o seu coração lhe aconselhava, – a Ester, – dizia que o Universo, como ele o via, era como se fosse graficamente uma circunferência imensa e vertical, passando pelos vértices de um triângulo interno a começar do primeiro vértice, embaixo, em que estava o *átomo*, a matéria inorgânica, passando por transformações ao segundo, ainda na base, onde já se achava a matéria organizada, a *célula*, o *nervo* por excelência, e subindo daí ao terceiro vértice, em cima, onde estava o *pensamento*, que era como a última transformação, que era como o vapor ou como a eletricidade, movendo impalpável a máquina do mundo. Três, portanto, seriam as faces de toda a Natureza; sob esses três pontos capitais do Universo é que girava a obra instável do infinito. O curso de todas as cousas partia do primeiro vértice, chegava ao segundo, subia ao terceiro e daí voltava ao primeiro, invariavelmente, eternamente, para recomeçar o movimento que não parava; três, portanto, eram os pontos cardeais do vento do Nada: – o *Átomo*, o *Nervo*, o *Pensamento*! Fora daí, nos espaços intermediários, nos lados do triângulo, só havia gradações que explicavam a descendência das cousas e que, a meia distância de cada dous vértices, acusavam o ponto de transformações, que, ainda que às vezes rebelde, provisoriamente inacessível à inteligência humana, nem por isso deixava de exprimir uma verdade de ordem científica.

Na cadeia das cousas não faltava um só elo que fosse! Quanto mais perto se achasse um fenômeno de um desses pontos dados, tanto mais a ele pertenceria na classificação das cousas universais. A ordem era sempre a mesma, crescente em complexidade, imperturbável: – *partir, chegar ao cimo, voltar à base*. Isto na pedra, isto no homem, isto na sociedade. O círculo da vida era interminável na infinita parábola dos espaços. A degeneração do homem coletivo desapareceria com a degeneração do planeta, do mesmo modo que a degeneração do homem individual começava com a degeneração do meio particular. Antes fora o *nada*, depois seria o *nada*! A imortalidade subjetiva do grande filósofo da França[50], era simplesmente uma concepção CONSOLADORA, vazia de verdade, falsa em filosofia, a mais elevada das especulações lógicas. Os termos *imortalidade subjetiva* eram contraditórios com o desaparecimento da vida no planeta; falsos mesmo, ainda que empregados para o incalculável lapso de tempo que pudesse porventura perdurar a humanidade na Terra! Desaparecido o último homem, estaria desaparecida a *imortalidade* de Comte e voltado o pensamento para o primeiro ponto de partida – o ÁTOMO! Só conhecia a imortalidade ponderável do átomo, a imortalidade da matéria eterna! Fora daí todas as concepções seriam produtos de cérebros doentios, ou tendências hereditárias do homem para o país do maravilhoso! Essa era a sua síntese universal, esse o seu modo de ver e sentir, de pensar e julgar tudo que lhe caísse sob o campo absorvente de seus aperfeiçoados sentidos.

Todas essas ideias, todos esses juízos, assimilava-os a moça, reforçando-os dia a dia com a leitura de obras por ele indicadas. E seu amor a tal ordem de conhecimentos tão intenso se tornava, que toda a sua atividade espiritual neles se concentrava, num retumbamento crescente, cheio de poesia e nevrose, separando-a do resto do mundo que lhe não podia compreender o conceito das opiniões.

Entrou ela daí por diante numa luta íntima, travada entre suas faculdades. Tinha já percebido que o médico não lhe consagrava tão somente o amor insuspeito que os mestres votam aos bons discípulos. Com a intimidade que crescia de sol a sol e de mês a mês, na doce e bem fundada confiança que todos da família depositavam na

pessoa que, com todos os sacrifícios, com toda a abnegação e amizade, a arrancara aos braços da morte, sem querer aceitar a menor recompensa, – de tempo em tempo, conforme o rumo da palestra, deixava o médico escapar frases à meia-voz, que lhe caíam no espírito, revolvendo-o em suas bases, vibrando-lhe todas as células, num rumor diabólico, que lhe agitava o sangue nas veias e lhe desnorteava os pensamentos.

Aquele homem, frio outrora, prudente e timorato, assumia-lhe agora aos olhos as proporções de um dominador invencível; tinha às vezes olhares que lhe paralisavam o coração no peito ou lhe arremessavam ao rosto ondas de sacudido sangue.

– Amava-a, pensava ela; dúvida alguma havia sobre isso. Amava-a com todo o pensamento, com todos os nervos, com o coração inteiro. Amava-a como pode amar um grande homem que nunca amara! – um organismo passivo, neutro durante 10 anos, todo entregue a um outro amor, o amor intelectual da ciência; um organismo que despertava agora, jovem como nos primeiros tempos da mocidade, agora – depois de longa hibernação sob os gelos anestésicos da pesquisa científica. Via-lhe às vezes no olhar o relâmpago dos desejos. Na febre daquela paixão, cuja intensidade ela sabia avaliar, percebia a sede que ele tinha de seu corpo, a necessidade do contato de sua alma, a fome de sua voz, a profunda cobiça por toda ela. Não era vaidade, nem pretensão, que bem o conhecia. Amedrontava-se de pensar naquilo. Onde iriam parar as cousas? Se ele lhe falasse, teria ela coragem de desiludi-lo? Se ele a pedisse, que seria feito dela? Se, num momento, tornado oportuno pela intimidade da conversa, lhe segredasse uma palavra... uma só! cheia do fogo de seus lábios, das lavas de seu amor, e se por acaso se lhe achegasse, e lhe tomasse as mãos, e lhe enlaçasse o cinto, – ele que era honesto, que era grande e que era para seu espírito quase um Deus, um Deus bom e de respeito, que se adora com o pensamento, mas que se não ama com o coração, que faria ela? Tirar-lhe-ia a mão do cinto? Afastaria o rosto do beijo que os seus lábios espichassem no ar? Formalizar-se-ia, para despachá-lo de sua casa, com um escândalo inaudito, que lhe prejudicasse a clínica naquela cidade, a ele que era tão bom, e a quem ela

devia tudo, desde a saúde até ao justo conhecimento que tinha das cousas? Mas, se não reagisse, consentiria tacitamente naquele amor que era impossível, naquela união que jamais se efetuaria; – porque sua alma, como a dele, voava longe, presa nas asas de outro amor infeliz, na pessoa de um ser, moço e belo, uma dessas visões celestes que surgem uma só vez na existência.

– Ah! se ela o pudesse amar... a ele, o médico, o seu mais íntimo amigo, o seu estremecido pai espiritual!

E um amargor profundo começou desse momento em diante a travar-lhe na alma.

– Devia amá-lo! Tinha essa obrigação contraída pela própria consciência. O coração era um músculo que não devia pensar. O sacrifício, uma palavra vã. Sim! amá-lo-ia... e perto dele, como duas borboletas que ora juntas, ora mais afastadas, vão-se, vão-se a perder no azul do céu, sempre amigas, e como ligadas por um filete de pensamento, viveria, viveriam unidos, a voar na vida sob o firmamento azulado dos sonhos que ambos sonhavam. Não era ele um dos seres mais perfeitos que os seus olhos viam na Terra? Então!? – de que valiam os maiores dotes exteriores, desses que o homem chamou beleza, quando o curso incessante dos anos, ou a fatalidade de uma moléstia os desfazia num momento – nuvem que o vento sopra? Demais... ele não era feio. Num homem, para que exigir mais?

E continuando a pensar, chegou mesmo a achar belos os seus olhos, castanhos, de olhar vivo, às vezes tímido, petulante às vezes. Pareceu-lhe um grande sinal distintivo a esterilidade do couro cabeludo que lhe ia desnudando a frente. A sua começada calvície tinha qualquer cousa, para ela, do resfriamento do planeta – época do aparecimento da vida, e que exprimia portanto estado mais aperfeiçoado na história da criação dos mundos: era um paralelo entre o crânio do doutor e a crosta da terra. Que importava a cor morena do cearense, mesmo que ela não amasse essa cor, se a raridade do pelo devia significar, assim o pensava, o afastamento do macaco? Que importava a idade, se os 33 anos de médico concretizavam uma grande economia de todas as funções orgânicas, donde a probabilidade de durar para educar filhos e netos? Ah! queria amá-lo! tê-lo junto de si!

unificar-se com ele! dar-se toda inteira, corpo e espírito, ao corpo e espírito daquele grande vulto moral que lhe soubera desenvolver as aptidões!

Depois... acostumar-se-ia com ele. Na história do amor, o *hábito* era de uma influência real, incontestável. Conhecia os ímpetos de seu temperamento... Que fazer? modificá-los-ia. E nessa obra, de regeneração e disciplina cerebral, construiria, à mais elevada das faculdades humanas – à *Vontade raciocinada*, o trono que lhe têm levantado poucos, tão poucos na superfície do planeta. Seria para ele uma irmã; teria uma passividade à toda a prova; buscaria adivinhar-lhe os pensamentos; cega, automática, faria tudo que ele quisesse – um crime mesmo! No ódio ou nas carícias, na dor ou no prazer, seria o seu ódio e a sua carícia, a própria dor e o próprio prazer. E, assim, depois de certo tempo, que júbilo, ah! havia de ter decerto, em sentir nos seus lábios a boca faminta daquele homem que seria então o seu marido.

Aqui a expressão de seu rosto protestou contra a generosidade do espírito. Viera-lhe à mente a imagem viva de um belo moço que, havia muito, lhe povoava a imaginação.

E de um salto, e nervosa, fora ela à cômoda e, abrindo uma das gavetas fechadas à chave, tirou de um cofrezinho, que também abriu, a tampa de papelão daquela caixa de lenços, que escolhera misteriosamente no dia das compras, no Zé Novato, n'*À Flor do Chiado*.

Era a primeira vez, depois de sã, que abria aquele cofre e que revia a tampa da caixa de lenços.

Representava ela um cromo delicado, em que formoso mancebo cismava recostado à grade de mármore de um jardim, que deitava para um grande mar ou lago, em cujo último plano o azul das águas se confundia com o azul do céu.

O moço ali representado era quase o retrato de um outro moço que ela vira no baile de que voltara, no primeiro capítulo desta narração; – tão semelhante o fizera a coincidência, exceto alguns pequeníssimos traços (que em nada alteravam o conjunto da parecença) – que ela timbrara em possuir o cromo, desde o momento em que, de passeio com outras amigas, o vira pela primeira vez na vitrina

d'*À Flor do Chiado*. E nessa época, entretanto, já a sua impressão amorosa, apesar de tê-la feito sofrer bastante, estava quase que de todo apagada pela longa ausência da adorada imagem.

Ao vê-lo, ao ver aquele cromo, despertara-se-lhe o sentimento com toda a força de sua capacidade nevrótica, revivescendo-lhe adormidos desejos, escaldando-lhe o sangue, secando-lhe a boca com a febre das necessidades sexuais.

Agora, ao pôr os olhos no cromo, iluminara-se-lhe toda a fisionomia, numa dilatação rubra e visível de prazer muscular, sugerido por ideias íntimas, por secretas imagens, que lhe faziam arfar as narinas e bater as fontes.

– Não! pensara ela resolutamente, dando com o braço para baixo. Nunca! Seria vender-se; seria abdicar essa própria *vontade* à qual supunha levantar altares; seria manchá-la, amesquinhá-la perante a própria consciência, alienando-se da individualidade, do caráter que a Natureza lhe dera, – aniquilando-se na passividade estúpida de um sacrifício sem igual, digno dos seres inferiores e inconscientes da família humana. Era aquele o seu noivo, o noivo predileto do seu coração. A ele sim, dar-se-ia inteira, de corpo e alma. Tão formoso! No azul dos seus olhos via-se um pedaço do céu, por onde se adivinhavam as constelações deslumbrantes de um espírito alevantado! Tão claro – que parecia de neve! e sobre o vermelho dos lábios como lhe ficava bem o pequeno, macio bigode, onde a cor do ouro substituíra a do ébano! A proporção dos seus membros, o correto dos seus traços, a distinção de suas maneiras, tudo indicava nele as mais elevadas qualidades. E nem sabia o seu nome! e nem donde era! Desde que o vira tivera medo de perguntar. Fitara-o de relance, naquela noite funesta, única em que seus olhos se encontraram com os dele, e... nada mais! Que noite, que não dormira! Lembrava-se de tudo; do amanhecer daquele dia; da luz entrando em leque pela fisga da janela; dos passarinhos em bando a saudar a madrugada, cantando, ruflando as asas, no arvoredo, fora. E depois – tudo que passara daí por diante! Nem uma cousa, por menor que fosse, lhe morrera na memória! Soubera depois que ele cursava a Academia de S. Paulo; que faltavam dous anos para se formar. E lá estivera apenas oito dias.

Lá fora para passar um mês pelo menos. Era o tempo das férias. E nem pudera estar mais de oito dias! Desagradara-lhe decerto o aspecto da cidade! a monotonia da vida pacata de interior de província. Não! não seria isso talvez! Ele era uma alma nobre, com certeza. Ouvira-lhe a fala, o modo de ver e sentir as cousas! e ainda conservava no ouvido a música divina de sua voz, o acertado dos seus conceitos. Ele parecia triste. Voava-lhe diante do olhar, pensativo olhar azul, a tristeza de uma saudade... talvez! Ele era um grande coração... – amava com certeza! Eis porque deixara logo a cidade. E ela... nem dançara com ele! Fora-se! Fora-se como o pombo ingrato, que abandonou a mão que o acariciava! que o alimentava! Sim! porque o seu olhar dela, o seu amor, ser-lhe-ia a maior carícia do mundo, o maior alimento, talvez, para o espírito dele, ao menos em sua vaidade! – porque ela... não era feia, tinha consciência; era até... – formosa mesmo, diziam todos! – rica, inteligente, distinta (à parte a modéstia); ele devia lisonjear-se de seu amor, de seus tímidos, rápidos olhares. E, pobre de si! vê-la-ia ele? Achá-la-ia bonita? simpática ao menos? Ah! que não acreditava nisso! Tão grande que era S. Paulo! Tantas moças do grande tom, filhas de outro meio, com outros modos de civilização! Decerto que ele tinha o coração ocupado! Não pudera passar... nem um mês de ausência!

E ardia de desejos de conhecer aquela que lhe conquistara os domínios afetivos.

E com o olhar preso ao cromo, que segurava perpendicular ao seio, estremeceu, quando uma lágrima caiu de chofre no rosto do bem-amado. Limpou a lágrima e, beijando o quadro, fechou-o no cofre, fechando em seguida a gaveta.

– Se pudesse vê-lo outra vez, que alegria! continuou a pensar.

A tristeza que lhe invadiu o espírito era filha da desesperança que lhe dilacerava o pensamento. A ideia de nunca mais o ver recomeçou, como antes da anemia, a influir-lhe em todas as suas ações.

– Porque era tão infeliz!? Que estúpida a sociedade que a fazia desgraçada com a norma de suas convenções! Oh, se não fosse essa sociedade! – tomaria o trem, sozinha! Iria para S. Paulo, – que tinha isso?

Iria procurá-lo! Havia de encontrá-lo por força, nas ruas, nos jardins, nos cafés ou em qualquer parte. Seria dele... Entregar-se-ia a ele... se ele a quisesse! Não faziam assim os outros animais? Não andavam léguas e léguas, afrontando a fome e os perigos, em busca daqueles ou daquelas que amavam? Quem mais livre neste caso, na história da vida: – eles ou o homem? Ah! queria toda a liberdade! Viveria para ele num desvelo incomparável! Se tivesse asas, voaria com ele para a região das estrelas, lá, de onde o mundo não pudesse ouvir o sonido de seus beijos, a música de seus nervos sob a corda do grande arco das emoções! Se lá nessas alturas morresse, se morresse à explosão medonha de um prazer arrebentado, todos os fragmentos de seu corpo cairiam no espaço como novos mundos, pequenos asteroides, iluminando por um momento a grande escuridão do Nada. Mas, como tudo isso era sonho! Como sair daquele degredo? Odiava o seu berço! a cidade-mãe, mãe inconscientemente cúmplice em sua desgraça! Odiava tudo aquilo, – árvores, prados, montanhas, vales, amigas; quase que odiava a si própria.

E o pensamento lhe crescia em concentração. Ficara imóvel, sentada junto à janela do sótão, a qual deitava para o poente. Era quase meio-dia. À sombra da parede e junto a ela, sobre o telhado e por baixo da janela – dormia o *General*, grande gato da casa, que assim era chamado, numa sensualidade tranquila, amolecido às ondas acariciadoras de um brando calor.

Ester levantou-se; debruçou-se ao peitoril da janela. Cismava, lutava com os seus pensamentos.

– Quanto era mais feliz do que ela o gato que ali dormia!

E o *General* pôs-se de pé. E com a cauda eriçada para o ar, em movimento vagaroso de manômetro, espreguiçou-se, arqueando extraordinariamente a espinha, numa descarga sensual. Tinha percebido a fêmea que repontara na cumeeira, e que já agora dava uns miadinhos ternos, à surdina, trêmulos, amorosos. E ele respondia no mesmo tom. Caminharam um para o outro, parando aos poucos. Ele espichava o pescoço, encolhia o corpo como se fosse dar um bote. Ela o chamava miando, miando baixinho, para não perturbar o silêncio que reinava, e nem chamar testemunhas.

Houve alguns minutos de negaça, de parte à parte. Excitavam-se. Aproximavam-se cada vez mais. Menos prolongados, mais brandos tornavam-se agora os seus convites. Agora era ela que se espojava sobre as telhas quentes, batidas de grande sol, dobrando-se em mil contorções suaves e elegantes; depois era ele que se arqueava de novo, que se coçava eletricamente, que se lambia em diversas partes do corpo.

De um pulo caiu perto dela que se deixou ficar de costas, apesar de fingido arrufo.

Ester acompanhava com o maior interesse todos os pródromos daquele amor felino. Nascia-lhe n'alma imperiosa vontade de gritar, de dar um grito imenso, agudo. O seu pensamento ardia-lhe em chamas na fornalha do cérebro. Sentia por todo o corpo um aumento de calor, uma indolência brutal, que lhe pesava principalmente sobre as pálpebras. Parecia-lhe sentir brasas pelos quadris. Com as mãos nervosas machucava distraidamente o seio túmido, apertado ao peitoril da janela. Seu pensamento estava no cromo. Via distintamente o estudante de S. Paulo. Amava-o mais naquele momento. Via nos gatos uma página do seu futuro.

Agora, todo arrepiado, todo grande, belo e senhor de si, mordia o *General*, carinhosamente, o corpo flexível da companheira amada. Aparelhou-se com ela, e num ímpeto selvagem fisgou-lhe com os dentes a pele do pescoço.

Nesse momento a gata abaixou-se e... Ester soltou um grito agudo, rápido, como se recebera uma facada.

Fora o único meio, e meio instintivo, que achara para dar saída à explosão de força nervosa que se lhe tinha acumulado dentro do cérebro.

D. Eufrásia que subia as escadas do sótão, ouvira o grito e apressara os passos. Ia anunciar-lhe que as Oliveiras lá estavam.

– Que era aquilo? perguntou assustada.

Ao ver a mãe, dobrara-se a rapariga em gargalhadas. Riu até às lágrimas.

– Fora um inseto! Um pobre bichinho que, voando, lhe batera no ouvido. Não sabia como ela era, - que se assustava à toa?

– Pois que descesse, porque as Oliveiras estavam na sala.

Ester chegou ainda à janela; mas do quadro de amor só avistou, levantado ao ar, o rabo do *General* a desaparecer de galope pelo ângulo do sótão, atrás da amante.

Desceu a receber as Oliveiras.

As Oliveiras eram Júlia e Branca, filhas do Oliveira, velho capitalista e vereador da Câmara Municipal. Muito mais amigas de Ester do que esta o era delas; contudo das duas preferia a filha de D. Eufrásia a mais moça, Branca, que era de mais siso.

Branca, um pouquinho estrábica, um tanto reconcentrada, era alma sensível e coração de pomba. Consumia-se, haveria quase um ano, numa paixão sincera pelo Chico do Tenente, rapaz bonito, mas estroina, que lhe escrevia umas cartinhas melodiosas, mas que na roda dos outros rapazes caçoava por ter ela um olho vesgo.

Com Ester é que Branca se desabafava. Contava-lhe tudo, todos os seus sonhos, todas as suas aspirações, todos os seus cálculos de futuro. Ester cansava-se de dissuadi-la daquele amor; de mostrar-lhe quanto era inferior, sem atrativos e sem caráter o Chico do Tenente. De que valia ser ele um rapaz bonito, porque lá isso o era, e também rico, – se lhe faltava o essencial: – talento, caráter, coração? Demais, era um debochado. Naquela questão do *Rancho do Serpa*, quando o Chico do Canavial matou ao João Torto por causa da Bicuda, ele lá estava. Andava sempre com essas mulheres. Um sujeito sem moral, sem educação para bom pai de família, sem títulos para merecê-la. Agora andava ele com a *Quebra-mato*, aquela grandalhona de buço, que ia à missa com aquele chapéu muito grande e que dava logo na vista por causa do penacho vermelho...

Ester sabia todas essas cousas por intermédio de Joana que lhe contava tudo, porque tudo indagava. Joana era curiosa e tinha entrada em toda a parte. Não o fazia com o caráter de intrigante, honra lhe seja, mas simplesmente pela vaidade de provar que andava em dia com o movimento da pequena cidade.

A *Quebra-mato* fora para lá, havia pouco, procedente de Campinas, onde o câmbio baixara; essa alcunha lhe viera das maneiras brutas que ela acusava no andar, nos modos e nos membros

muito desenvolvidos. Era agora a *ordem do dia* naquele lugar, e, depois que escurecia, lá se encontravam na sua sala os principais pândegos da terra, tanto os velhos como os moços. Ela tocava violão, fumava fumo Daniel e dava umas risadas que iam parar longe. Em casa andava de saia curta sobre a camisa, sem paletó, nem corpete e nem espartilho, com o torso à mostra, grande torso moreno, de seios fartos, descobertos; chinelos, sem meias; grossas pernas barrigudas, cor de velha pelica, lisas de todo, sem um fio de cabelo, nem para remédio; tinha boca bonita, grande, dentes claros.

Ester, retirada a um canto com Branca e Júlia, acabava de falar àquela sobre a *Quebra-mato*, quando entrou o doutor Teixeira.

O médico vinha carregado de livros. Eram os livros que lhe prometera, e que tratavam da doença que ela tivera. Queria que a moça os lesse para ficar ciente do perigo por que passara e da cura que ele conseguira. Demais, conhecedora da moléstia, saberia melhor evitar-lhe a repetição, caso isso fosse possível.

Os livros estavam todos com os respectivos lugares indicados, anotados à margem; certos tópicos, sublinhados a lápis de cor, desde as metrorragias extemporâneas até às vigílias intelectuais, obrigadas por trabalhos mentais ou excitações afetivas; na parte concernente ao tratamento, abundavam eles em comentários, talhados a propósito. Estava também indicada a ordem da leitura, em qual devia começar, em qual devia acabar; e, depois da última palavra impressa no último livro, havia entre parênteses o número um – (I) –, que ele pusera para chamar-lhe a atenção para uma nota que escrevera em francês, na mesma página, embaixo, e a qual rezava assim: – *Não é bom pensar em cromos; fazem anemia cerebral*.

Ester foi guardar os livros e voltou.

Tinham chegado o major e Ricardo. A palestra estava animada; falava-se de banalidades. Havia pilhérias, casos já sabidos e repetidos com mais ou menos graça. Veio a conversa a cair sobre artes, particularmente sobre música.

Ester teve que ir ao piano a pedido do médico.

– Que não! havia muito tempo que não estudava nada!

– Que tinha isso? redarguiu ele. Que todos o sabiam, – e que

depois que ela sarara nunca mais a ouvira ao piano. E que ela tinha uma promessa... Se não se lembrava?

– Que promessa? perguntou.

– Fingia-se de memória fraca, tornou ele. Se não se recordava de que lhe havia prometido *tacitamente* uma música, para quando sarasse, no dia em que, ainda doente, ele lhe mandara segurar o dicionário francês, para ver se o achava mais pesado, e que ela dissera que o dicionário parecia ter mais umas 400 gramas de peso? Então!?

– Recordava-se, respondeu sorrindo Ester; mas qual fora a música prometida? Agora queria ver também se ele não se esquecera.

E ele, para verificar se ela não estaria lançando mão daquele expediente, a fim de saber qual tinha sido a música pedida, não quis dizer, provocando-a a que o dissesse.

Ela, por sua vez, vítima da mesma desconfiança, acrescentou que era até capaz de dizer com as mesmas palavras a frase dele.

Ele afirmou a mesma cousa.

– Bom, tornara ela, sorrindo-se e com o olhar brilhante e vaidoso, – para que se não lograssem reciprocamente, propunha que escrevessem ambos a frase, cada um em seu pedacinho de papel, os quais seriam abertos depois, ao mesmo tempo, um por Júlia e outro por Branca.

E ela foi buscar um lápis e trouxe dois pedacinhos de papel.

Ambos escreveram e dobraram; ele entregou o seu a Branca, de quem era Ester mais amiga, e ela entregou o outro a Júlia.

– Podiam abrir, disseram.

Foram abertos os papelinhos.

Leu-se no dele:

– *O trecho que ela quisesse...*

No dela estava o seguinte:

– *O trecho que eu quisesse...*

Eles se levantaram e quase que se abraçaram. Depois ficaram calados, pensativos.

Pensaram talvez a mesma cousa; tinham quase a mesma índole, quase a mesma educação. Quando nada, provaria aquele fato a mútua consideração que se tributavam. Não se tinham esquecido, nem um nem outro. Envergonhados, agora, da expansão que não

souberam reprimir ao ver a mesma frase escrita por ambos, deixaram-se ficar calados, a ruminar a indiscrição que tiveram.

Era quase três horas da tarde. O sol, caminho do ocidente, verberava do lado do beco as janelas cerradas da sala de visitas. Havia duas lâminas finas de luz que as atravessavam, a duas delas malcerradas, e que, caindo obliquamente, vinham morrer no meio da sala, perto do tapete do sofá. Nessas tábuas de sol passavam e repassavam milhares de pequenas faíscas, invisíveis na sombra e ali visíveis, microscópicas, atômicas: – fragmentos de matéria quase imponderável, levantados do soalho ao menor movimento do ar sacudido pelas falas, pelo movimento das pessoas, pela agitação da brisa. Havia pequeninas ondas de pó que, como cobras que se achatassem ou alargassem, se enroscavam na luz, formando fugitivos, belos desenhos de arquitetura. De tempos em tempos, um ou outro filete de fumaça, da fumaça dos cigarros, enrolava-se também naquelas tábuas de sol, por entre as roscas da poeira do soalho, encaracolando-se no ar, formando no espaço momentâneas, plácidas, bizarras figuras; ou então, pequenina explosão de luz, passava a asa da mosca no raio quente do sol, formando o ponto de incidência entre o astro do céu e a pupila do observador: eram cintilações rápidas, que desapareciam num momento, cedendo lugar a outras, naquele lençol de luz, em que os pórticos do infinitamente pequeno se deixavam antever pelos olhos do artista.

Fora, quem olhasse da sombra veria, sobre o solo abrasado, todo o mundo infinito dos insetos, no delírio eterno do movimento da vida; povoavam, zumbindo, a camada mais baixa da atmosfera, hálito criador da Terra, que a terra expira às emoções grandiosas que o sol lhe provoca nos flancos, com a língua de fogo de suas carícias selvagens. As laranjeiras, cobertas de nova folhagem, de brilhante verde-escuro, tinham revérberos metálicos que dançavam no ar, ao deslocamento das folhas, movidas de morna aragem. Ouvia-se, de tempo em tempo, saltando a frincha da janela, a cair no centro da sala como uma pérola sobre fino vaso de porcelana chinesa, o triste, poético, mavioso trinar das perdizes que andavam a pequena distância, à entrada da cidade, lá onde começava logo a grande planície de

oeste, que ia morrer às margens do rio, longe, duas léguas. Quem olhasse para o largo acima, teria de abrir a mão diante dos olhos, para não receber na pupila, de ricochete, os socos do sol, vibrados sobre as vidraças da matriz. Sombras, aqui e ali, para o nascente, das casas e das árvores, albergando galinhas, gárrulas crianças, animais domésticos. No alto, grande azul sem nuvens, arqueado a perder de vista, abobadado em curva intérmina; nas vizinhanças do sol, desmaio de anil, esbranquecimento de luz, projeção de raios oblíquos, de variadas nuanças entre pérola e verde-claro; para o levante fios de nuvens tênues, horizontais, quase terra a terra, confinando com a linha do solo, que separava o céu, 10 minutos de distância.

Ester foi para o piano.

– *A que eu quisesse!*... murmurou ela pensativa, sorrindo-se, de pé, com a mão esquerda sobre o teclado, recostada ao *Herz*[51], o indicador da direita sobre os lábios.

Escolhia mentalmente *a que ela queria*, fingindo desintenção, aparentando indiferença. Sorria.

Depois, foi-se-lhe anuviando o semblante, e na expressão do olhar tremia o sonho de uma tristeza. Tinha escolhido a música. A lembrança da melodia dava-lhe ao rosto os tons suaves, melancólicos, de uma emoção branda, já sentida.

Sentou-se.

Indolentemente, os seus dedos calcaram as primeiras teclas. Era a *Serenata* de Schubert, velha e sempre nova melodia, admiravelmente vazada para a alma tropical. Desde os primeiros compassos, – imobilizara-se o doutor na poltrona, bebendo pelo ouvido as melodias de Schubert, com a satisfação íntima da caravana árabe, que, após longos dias de sede, encontra no areal do Saara um oásis de cristalinas fontes.

O ritmo preguiçoso daquela música do coração, ora avolumado em progressivos *crescendos*, ora alongado e flexível em curvos *minuendos*, parecia uma cobra coral feita de sons, brilhante de anéis coloridos, ungida de óleo santo, mansa, sem veneno, a lhe espiralar pelos nervos, a serpear-lhe no pensamento sonorizado de amor, hipnotizado de imaginação.

Quando a frase dominante da música de Schubert chegava ao fim, e que os dedos de Ester feriam as primeiras notas da repetição, ele sentia no cérebro uma pressão de dentro para fora, como se a campana de um instrumento ou a boca de uma ventosa lhe arrancasse das células a melodia que lhe acariciava os ouvidos.

Terminada a música, o médico ficou triste.

Era uma tristeza doce, agradável de sentir; parecia o pensamento saudoso de amada pessoa ausente, pensamento que ao mesmo tempo encerra duas realidades opostas: – a ausência, objetiva, com todo o seu cortejo de pequeninos fatos, circunstâncias e lembranças; – a presença, subjetiva, rodeada de desejos, apascentando-se em si própria, vivida e contornada, sugerindo imagens, tramando perspectivas num mundo todo à parte, real também, reflexo intangível, luminoso, do mundo ponderável. Sentia dentro de si, a povoar-lhe toda a individualidade, uma sensação geral de peso e bem-estar, uma como pressão sonora de atmosfera desconhecida, que o obrigava a se deixar ficar na poltrona, imóvel e calado, ruminando com os sentidos as últimas ondulações daquela música que se lhe alastrava pelo organismo, pelas planícies da memória, como os sons de um grande sino, enovelados no côncavo do bronze, depois da última badalada. E nessas ondas sonoras que se lhe sucediam no espírito, como no campo do oceano as ondas marinhas, via ele, quando uma se abaixava e outra se levantava, no vão das duas, a imagem de Ester, a boiar sobre o pego, sobre aquele pego indeciso e insondável das suas emoções, da sua sensibilidade acústica ferida.

Respeitou-se por algum tempo o seu silêncio; depois, a pouco e pouco, e com certa gravidade, foi se encetando a palestra, até que, dez minutos depois, estava ela francamente estabelecida, em seu nível natural.

Então falou-se largamente de música, dos efeitos que tais e tais peças produziam nesta ou naquela pessoa.

– Em si, disse Júlia, nunca encontrara música que influísse tão poderosamente como *O Trovador*. Ouvira-o uma só vez em S. Paulo e não pudera dormir toda a noite. Quem só o conhecia do piano não podia fazer uma ideia do que ele era na cena, na boca dos cantores.

O *coro dos ferreiros*! – *tan-tan*! *tan-tan*! e a música por detrás... Aquilo era esplêndido...

E citou uma porção de pedaços da velha ópera de Verdi.

– Quanto a si, repetia a irmã, gostava mais da *Norma*. Ah, a *Casta Diva*! Aquilo é que era! Um mundo de melodias! A gente ia-se arrebatando a pouco e pouco, até...

O médico sorria-se. Depois perguntou a Ester:

– E a senhora?

– Não sabia. Nunca tinha ouvido uma ópera... Nunca fora a S. Paulo. Conhecia-as apenas do piano, nada mais, e – por alguns pedaços que cantava, sem método, sem escola, sem professor...

E por sua vez perguntou ela ao médico:

– E o senhor?

Ele sorriu-se. Esteve calado algum tempo, a torcer um fiapinho de lã, ressaltado da calça de casimira[52], perto do joelho. Depois levantando os olhos que se encontraram com os dela, que esperava resposta, ele disse:

– Para mim...

E parou. Hesitava.

– Dissesse, tornaram todas impacientes.

– Para mim, de hoje em diante, parece que a música que mais efeitos deixará é a... *Serenata* de Schubert.

As Oliveiras disseram que já esperavam aquela resposta.

Ester corara. Ficara pensativa.

D. Eufrásia entrou na sala. Viera buscá-los, que o jantar estava na mesa.

O médico pegou o seu chapéu para sair.

– Que não podia ficar. Esperava que o desculpassem...

Ester o havia segurado pelo braço com as duas mãos.

– Não tinha desculpas, dizia ela. Havia de jantar... eram horas!

Ele insistia, ela teimava.

E sentindo-se vencida, escondendo grande ressentimento que, apesar de tudo, se lhe retratou nos traços do semblante e no quase pranto dos olhos, deixou-lhe o braço, dizendo:

– Também, para que a companhia delas? Em que lhe poderiam ser agradáveis, *elas*, pobres moças?

A entonação que a sua voz vibrara ao pronunciar aquele pronome pessoal, que por forçada discrição ficara no plural, denotando que o seu lugar era no singular, desfez a resistência do médico, que tocado nas fibras íntimas, encostou o guarda-chuva e o chapéu a um canto do salão, e entrou com as moças para a sala de jantar.

Do corredor já se começava a perceber o cheiro agradável das iguarias bem feitas que as terrinas guardavam. Pelo furo da sopeira, de onde emergia obliquamente o cabo da concha, saía também um filete de fumo aromático, desprendido da sopa juliana. Doirado e luminoso, entressachado de folhas de repolho rasgadas, desafiava o arroz, em forma de monte sobre a travessa e sob o mosqueiro[53], o mais rebelde apetite do mais sóbrio equatorial. Um palmo de lombo de porco, tostado a forno, coroado de rodelas de limão, pregadas a palito, todo cercado de azeitonas, cebolinha e cebola de cabeça – ficava ao pé da fruteira de jaspe, peça de andares sobrepostos em forma cônica. Tinha uma gravidade de dom abade o gordo e sangrento rosbife, em cuja parte superior o garfo bidentado prendia contra a carne o luzidio trinchante. Sobre pequena travessa, e entre quantidade parca de fino molho, um frango assado e com recheio, loiro do calor do forno, prendia graciosamente a mitra, com um só bico, o inferior, fendido ao meio pela cozinheira. Dous ou três pratos de diversas ervas. Na saladeira de *pó de pedra* tinha bonitos reflexos uma salada – coisa assim à maneira de tríplice aliança – composta de agrião, alface e beldroegas, ungida de azeite doce, irrigada de limão galego. Sob outro mosqueiro, e numa terrina pequena, – um guisado de palmito picado miudinho, com cebolada, cor de pérola e coroado de ovos estrelados. Nos extremos da mesa, dous vasos de flores, poucas domésticas, quase todas do campo, entremeadas de ramos de murta, e touceiras de capim florescido. Ao pé desses vasos e sempre para os extremos – jarros de vinho; mais adiante um pouco – molheiros de comari e malagueta, vidros de conservas inglesas... Havia ainda alguns pratos cobertos, cujo conteúdo não se sabia por enquanto. Ao longo da mesa e um pouco afastada, uma mulatinha gorducha e de olho vivo, uns 15 anos de idade, com uma vara de bambu na mão, espécie de

bandeira, porque lhe pendessem do extremo livre dezenas de tiras de papel, afugentava as moscas, abanando-a sobre os pratos, num movimento automático, que lhe levantava ou descia os seios, frutos do outono, conforme os braços iam ou vinham, compassadamente, naquele movimento horizontal.

Essa mulatinha era cria da casa, e cria de muita estimação, pois era a última filha de Joana; inteligente, viva, cuidadosa, todos diziam que ela era filha do capitão Oliveira, o da loja, um dos mais madrugadores da cidade, aquele que às 6 da manhã já tinha tomado um banho de água fria e por cima um copo de leite quente; – aquele das cabeçadinhas para trás, velho cacoete que, dizia, lhe viera de uma constipação apanhada na nuca, quando era rapazito e andava nas folias da meia-noite.

Leonarda, – era o nome dessa mulatinha, o *favo de mel do major* como a chamava o Chico do Tenente e todos os demais bilontras da cidade, depois que ele lhe pusera esse apelido honroso, o qual não dizia sem apinhar os dedos na boca, num estalo de beijo indecente...

Sentaram-se todos à mesa.

Como dos filhos era Ester a mais velha e mesmo bem mais desembaraçada que o irmão, desde que ela saíra do colégio, conferira-lhe o major a honra da cabeceira da mesa, lugar que antes pertencera a D. Eufrásia. Era ali que ficava a sopeira. E, como em casa jantava gente de fora quase que todos os dias, quiseram os bons velhos ver-se livres da maçada de servir a sopa e o mais, transferindo à filha a cadeira principal. E passaram-se para a direita, ambos juntinhos; à esquerda ficava Ricardo.

Nessas ocasiões, porém, extraordinárias, a ordem se alterava sempre.

Ester colocou os hóspedes: à sua direita o médico, depois D. Eufrásia, e em seguida Júlia; à esquerda Branca, depois o major e depois Ricardo.

Foi servida a sopa, que desde logo recebeu sinceros elogios. Serviram-se os copos – velho vinho português gabado pelos entendidos na matéria.

– Devia de ser bom; tinha custado caro. Era a opinião do major.

E a prosa recomeçou.

– Aquilo de vinhos era tudo falsificação, sentenciara o médico. – Vinho puro, caldo de uva, num país importador, em 1886..., que esperança!

– Em todo o caso aquele seria um dos menos confeitados, assegurava o major, para não ver de todo sem valor a sua compra.

– Ah! não havia dúvida nenhuma! Aquele era um dos melhores que tinha bebido na vida, repetia o médico, a consolá-lo.

Bateram palmas.

Era o capitão Oliveira, o do cacoete, o dos 80 anos. Amigo do major, desde longo passado, esse bom velho, das cabeçadinhas para trás e da constipação na nuca, nunca encontrara no mundo uma mulher em quem achasse as qualidades de esposa.

– Das mulheres sempre longe, longe! repetia ele constantemente, sacudindo a mão na altura dos olhos, num movimento negativo.

O major foi buscá-lo para a mesa. Sentou-o ao pé de Júlia e fê-lo começar pela sopa.

A palestra agora versava sobre manjares. Falava-se da cozinha.

Oliveira achou ocasião para se expandir como gastrônomo, que o era, e um dos garfos mais respeitados do lugar, pelo vigor com que se desempenhava nas refeições, apesar de servir a pátria do estômago havia cerca de 80 anos.

– Um benemérito, um benemérito! diziam todos nesse sentido, enquanto ele ia fazendo desaparecer rapidamente as iguarias de que era servido.

– Mais vinho, capitão?

– Oh, pois não, pois não! Deixe ver, deixe ver, que é bom.

Contavam-se casos alegres, que vinham a propósito. Ria-se com satisfação, com franqueza.

O lombo de porco, de rodelas de limão espetadas a palito, teve um elogio geral; mas ninguém discorreu sobre ele com mais proficiência do que o capitão Oliveira, sempre risonho, ligeirinho, vermelho como lacre, a limpar os bigodes brancos no fino guardanapo.

– Era um forte o capitão! diziam.

– Ah, lá isso então não tinha que ver! E por causa daquele

apetite e da boa saúde que tinha, devida aos banhos frios, é que ele era daquele modo.

E espichava os braços para diante, rijos, sacudidos, punhos fechados, com bazófia, para indicar fortaleza, excesso de vida.

– Não dava uma perna pelos moços de hoje! Uns anêmicos, uns pulhas!... No seu tempo... «cala-te boca!». Nem era bom falar!...

– Falasse, falasse!

– Que dizia, hein, major? perguntava piscando um olho.

– De si não havia nada a contar, acrescentara o major; mas dele capitão, – talvez que houvesse provas... ali mesmo na sala.

E o Oliveira, levantando os olhos, enfrentou com Leonarda, que, indiferente, não compreendia a alusão da frase.

O Oliveira encalistrou-se, e de ambos os lados da mesa subiu ao teto uma gargalhada geral.

O gracejo do major fora um tanto indiscreto; o médico fitara Ester, cujo rosto se tingira de pudor. Todos sabiam da história.

Mas o homem recuperou logo a calma habitual, o seu humorismo fácil.

Agora ia-se trinchar o frango, o loiro frango de bico preso à mitra. Era o major quem estava de trinchante. E, ainda para gracejar, dirigiu-se ao velho:

– Olá! que dizia o capitão? Visse aquilo! Que dizia daquela posição? acrescentou com malícia, batendo com a faca no bico do frango.

– Dizia que era uma posição antissocial, posição em que o major não seria capaz de ficar.

Nova gargalhada subiu outra vez ao teto.

Ester olhara para o médico. Ambos não tinham rido.

– Se o capitão já não estivesse um tanto no vinho não teria dado aquela resposta; – foi o que todos pensaram.

Foi servido o palmito com ovos estrelados.

– Um petiscão! afirmara o Oliveira.

O médico sorrira-se de um modo suspeito.

– De que se rira? perguntara Ester curiosa.

Ele explicou-se do melhor modo possível; mas deu-lhe a explicação em francês.

E distraidamente continuaram a falar em francês. Diziam na língua estranha amabilidades que não tinham coragem de dizer na sua. Chegaram mesmo a fazer calembures[54]. O médico amava o calembur[55], a homonímia, a alegoria, a charada, e até o logogrifo[56]. O seu espírito, habituado aos grandes pensamentos filosóficos, descia também com a mesma facilidade e prontidão às cousas frívolas, educado por uma ginástica mental, que havia começado na charada e terminado nos enigmas.

De repente gritou o major Cornélio:

– Hein? falava-se francês por ali? Qual *souvenir* nem meio *souvenir*! O bom era isto: pão pão, queijo queijo... O mais era história!

E a sala encheu-se de estrondosas gargalhadas.

Estavam agora na sobremesa. Entravam a valer nas frutas, nos doces. Os copos se sortiam, se esvaziavam de novo.

O Oliveira achava-se radiante.

– Capitão, mais um trago?

– Nem mais um pingo! respondeu, batendo com ambas as mãos na saliência do abdômen.

Serviu-se o café e levantaram-se todos.

Era quatro horas e pouco. Uma tarde simplesmente bela.

Inventou-se para ir fazer o quilo[57] ao campo, um passeio higiênico.

E foram.

Durante o percurso, e um pouco separados do rancho, iam a sós o major, o Oliveira e o médico. O major contava ao médico tudo que tinha observado na filha, depois da cura. Andava agora apreensivo, receiando que a moléstia voltasse. A rapariga, de uns tempos para cá, dera de novo em ficar triste, pensativa, com falta de apetite...

– Achava bom que fossem passar um mês fora, interrompeu o Oliveira. Mudança de ares, mudança de hábitos, de panoramas, de atividade... Nada como isso nas doenças dos moços! E perguntou a opinião do médico?

– Não seria mau... respondeu este contrariado.

– Essa intenção já ele tinha em segredo, tornara o major. Só a comunicara à mulher. Queria ir passar um mês, mais ou menos,

lá para S. Paulo. E a quadra não lhe corria peior para isso. Que achava? perguntou por sua vez ao médico.

– Não seria mau... repetiu ainda, fingindo-se calmo ao receber aquela notícia que, em fundo, lhe desagradava.

– Pois então... era isso, isso mesmo. Iriam nos primeiros dias do mês, concluiu o major.

As raparigas corriam pelo campo agora; apanhavam flores, saltavam montículos de terra.

Depois do vinho – Júlia deitava ternura para Ricardo; dizia-lhe amabilidades, e em troca também as recebia.

Branca falava a Ester sobre o Chico do Tenente, sobre o médico depois.

– Que aquilo estava claro: para que negar? Todo o mundo via. Ah! como ela era feliz! Ele gostava muito dela, e era bom homem e bom médico.

D. Eufrásia ia sozinha, à meia-distância dos dous grupos extremos; ora esfregando uma folha e cheirando-a, ora abanando um ramo, com que tapava o rosto dos últimos raios do sol poente.

Ia anoitecer. Trataram de voltar. Tinham andado um *kilometro*.

Entraram na cidade já com o luar.

Quando o médico se despediu nessa noite, apertou a mão de Ester mais que das outras vezes. Estava trêmulo.

A sua voz, mesmo gracejando, acusou certo ressentimento: – era o seu espírito que entrava na penumbra de uma tristeza futura.

Começava a esmagá-lo a imagem da solidão.

V

Fins de abril.

Já a temperatura acusava graduado declínio para as baixas termométricas do inverno.

De dias em dias registrava-se às vezes um ou outro de 20 graus; não havia muito descera o termômetro excepcionalmente a 15. O tempo, porém, corria com regular equilíbrio e o céu se mostrava de beleza completa, lavado de nuvens, imensamente azul. As noites eram transparentes, de um sossego monástico, de uma frescura deleitável.

Comia-se bem, sentia-se renascer a vida, com o começo da consolidação anatômica de todos os tecidos do corpo: – chegava o tempo de não se suar mais. Respirava-se um ar alegre, benéfico, embalsamado ainda das acácias silvestres, brancas de flor, bordando os campos e os pequenos outeiros com os seus aspectos à maneira de *bouquet*. Pelas velhas cercas, denegridas do tempo, as trepadeiras comuns, de flores em campainha, roxas e brancas, leves e delicadas, mimosas inimigas do sol, abriam, manhãs e tardes, os cetinosos cálices, que recebiam no seio o licor de luz que a Natureza infunde do grande filtro da atmosfera.

No jardim de Ester primavam as palmas, rajadas de topázio, ou nuançadas de amarelo vivo sobre vermelho-sulferino. As dálias, variegadas, variavam na postura. Abriam-se as primeiras papoulas. Os brincos-de-princesa, dobrados, pendentes para o solo, estrelas de escarlate, guardando ao centro uma pérola de pétalas, despediam-se do seu tempo para reaparecerem depois, quando fevereiro e março lhes trouxessem as primeiras intumescências da próvida ântese[58]. Dessas flores já os insetos se apartavam, correios alados do loiro pólen, que vai do estame à recatada, virginal carpela[59]. – Os insetos! mundo infinito de belezas aéreas, músicos do azul, Beethovens e Mozarts no concerto da Natureza, transmissores da vida e da perpetuidade antológica...

Na folhagem verde e abundante dos copados limoeiros, amarelos de oiro opaco – estrelavam limões a abóboda daquelas auranciáceas[60]. Pelos recantos abandonados viçava o estramônio[61] com as

suas flores de neve, em trombetas de pétalas. De tempo em tempo, persistente, um raio amigo de sol estalava, no corimbo de pevides[62], a noz já seca do frondoso mamono[63]; e a semente, rajada e luminosa, saltava ao solo como saciado carrapato, que, exausto de sangue, entorpecido, caísse à contração lombar de já sugado corcel.

Todo o reino vegetal dessa época do ano tinha atingido o periódico desenvolvimento de suas funções genésicas, rodeadas do cortejo de mil belezas, desde a mocidade dos troncos, o revestimento dos galhos, a inflorescência, até às flores e frutos, últimos termos do renovamento vegetal. Daí por diante, após uma parada de algum tempo, que simboliza o descanso criador no cimo da atividade, começaria então o período da reação: – essa história eterna da intermitência, que tanto se manifesta na ordem física como na ordem moral.

No centro dessa alegria virgem da Natureza, sentindo-a por todos os lados, a invadir-lhe os poros como diafaneidade atômica; os ouvidos, como sinfonia do céu; os olhos, como um poema do azul; as narinas, como onda de perfume; o paladar, como sabor de frutos deliciosos; toda a epiderme, como um banho de vida, poderoso e fecundo: – embalada nessa poesia adorável do planeta, foi que Ester recebeu da mãe a comunicação de que a 1.º de maio partiriam para S. Paulo. Um mês apenas de estada, passeios, divertimentos, teatro, saúde!

Antes que ela o soubesse, já o médico estava ao fato da partida.

Como um inseto de junho, toda a sua alma se contraía a pouco e pouco no casulo da dor, – imobilizada, presa pelo fio da vida a esse velho, musgoso paredão da afetividade humana.

Agora escasseava as visitas à casa do major. Temia ser fraco e, num momento de fraqueza, revelar a pusilanimidade amorosa de seu coração; o coração – esse anverso ridículo da coragem masculina! Depois, não tinha direito de dizer nada. Como? em que qualidade, intervir nos desígnios justos daquela família? Magoara-se, até a medula, no dia em que, radiante de júbilo, contara-lhe a rapariga que a 1.º de maio partiriam para S. Paulo!

– Ia em busca do *cromo*! Leve como a andorinha – voava o seu espírito de moça atrás de... uma quimera! Ela não o amava, sabia. Ingrata, não o fizera a Natureza para adaptar-se em todos os pontos

ao molde da estética individual daquela moça. Por mais que se dilatasse ou contraísse em si mesmo, ele não cabia com justeza nas exigências afetivas de Ester: ora passava inconscientemente algum dos pontos do molde; ora não chegava a outros, dando-se ao ridículo desfrute de uma sujeição inqualificável, indigna até do seu caráter, do seu valor como homem de ciência. O papel que representava competia a ela como mulher, como ser naturalmente mais fraco e de menos vontade na vida intelectual...

Depois continuou a pensar:

– Ela ia partir. Ele ficaria só. Quem partia estava de melhor partido; sofria menos; ia encontrar, no lugar para onde seguisse, elementos de distração. Tudo seria novo, falaria tudo aos sentidos pela primeira vez, desviando o pensamento do lugar deixado. Não se lembraria mais dele! Novas relações, novos hábitos; novidades visuais, auditivas, olfativas, gustativas, sensitivas, intelectuais, emocionais, morais! Para ele nada disso: – tudo velho, repetido como sensação, como impressão! Nada lhe impediria, a ele, que a imagem dela lhe povoasse o espírito, unida a todas as cousas dali, desde a nota do piano até ao sacrifício da missa, a que ela ia, acompanhando a mãe, e em que ouvia com discreta conveniência o escalavrado latim do velho pároco. Ele ficaria, pois, só; completamente a sós! Sem ela, tudo seria estúpido. E agora! – agora que ia entrar o inverno! E ele sentia tanto o inverno! Já as figueiras, quase despidas, apresentavam poucas folhas, e essas mesmas engrouvinhadas, esfaceladas nas margens, mosqueadas de manchas ferrugentas... A relva amadurecia! As primeiras nuanças de amarelo já lhe davam esse tom triste do fim da vida. Pelos ares, todas as manhãs, já os papagaios, maitacas e periquitos passavam alto na atmosfera, gargalhando estridentemente a canção das colheitas, nas roças amadurecidas do distrito. Na linha do horizonte, pelas tardes curtas desse mês, em voo rápido, núncias hiemais, as pombas do mato, as pombas torcazes, *legítimas* ou *do ar*, passavam em bandos, desapareciam tão longe, sobre a copa verde das florestas! Chegava o tempo da descida dos peixes para as grandes águas; que as pequenas secavam. Aí vinha a época dos paris, dos covos e dos giquís, das tarrafas e

espinhéis[64], das caçadas ao campo, sob a luz branda e clara, de frescura deleitável, do sol no começo do inverno. Codornas, perdizes, já trinavam pelas verdes esplanadas daquele ponto do globo. Todo o bando volátil, de penas mudadas em março, tinha ao sol cintilações metálicas. Pelas sebes vizinhas, em descuidados grupos, cantavam os melros pretos, ou vira-bostas, em coro, nas horas da sesta. Pelos currais, cobrindo o solo repisado da alimária doméstica, centena de rolas, desde as esbeltas de cor havana escura, até às mais curtas, de cinza claro, essas *fogo-apagou*! que já em abril e maio celebram o decrescimento dos raios solares, pronunciando essa frase que o povo interpretou e lhes deu por nome. Pelos galhitos secos ou varais do quintal, da estaca de uma cerca ou da cumeeira de uma casa, eolípilo[65] plumi-animado de algum tubo invisível, dava um voozinho vertical o *tziu*, de acobreada plumagem e penacho de fogo, chilrando no ar os sons do seu nome, e caindo depois no mesmo ponto de que se elevara! Dobravam ao redor das casas os doirados canários. Pelas hastes das ervas espigadas do campo poisavam, revoavam as *viuvinhas* e as *tesouras*... Triste piava o bem-te-vi! Com o voo rasteiro, em curvas verticais, passava piando o pica-pau *xem-xem*, a vigilante alegria dos campos. Revestidos de novo pelo para os rigores de junho e julho, os rebanhos nédios de gado vacum moviam-se pelas várzeas, lentamente, demandando ao meio-dia os bebedoiros cristalinos, onde saciados quedavam-se, à beira d'água, d'água que lhes recebia do focinho um fio líquido de argentada baba; – ou voltavam, ruminando, pacatos e bons, recendendo, à emanação de um sangue forte, esse delicioso e salutar odor que lhes evola do couro! Frio entrava o sol, cedo, e os dias eram sem tarde. Às 6 horas chegava a noite, e no céu infinito acordavam as pequeninas estrelas, abrindo no seio dos espaços as suas pálpebras de luz através da cortina das trevas. E quando a noite vinha, as cabras mansas voltavam dos gramados de derredor da cidade, acompanhadas de cabritinhos a saltar, buscando para pouso as escadas da igreja ou os telheiros abertos, que resguardavam de sol e chuva as madeiras de construção. Rápida fechava-se a noite, rápida descia a temperatura. Era assim também que ia anoitecer-lhe a sua alma, alma azul, transparente, constelada dos olhares de

Ester, povoada de sonhos, colonizada de aspirações. E nessa quadra do ano, nesse tempo em que os organismos renovados, fortalecidos, mais precisavam do aconchego feminil, era aí então que ela se ia embora, que o abandonava na boca do inverno, como tresmalhada ovelha, sob desconhecidos pinheirais! Para contraste com toda essa natureza previdente das cousas, quando fora ainda havia luz, movimento e vida, num bruxulear de formoso outono, – em seu espírito, da esperança – a lâmpada, tenebrário isolado, diminuía de chama, e a sombra... a sombra se aproximava, limitavam-se os horizontes, sedimentava-se-lhe o pensamento ao sopro gelado de uma tristeza profunda! Não! não iria lá mais! Estava tudo acabado! Afinal de contas precisava provar que era homem, que era forte, que estava acima dessas misérias do coração! Se ela se alegrava, porque ele havia de se entristecer? Se o não amava, porque insistir em amá-la? Cansava-se de ser tolo! Iludira-se tantas vezes! Ah! como era tão fácil iludir-se a si mesmo quando se amava alguém! Ainda em uma das últimas vezes em que lá estivera, ao vê-la recordar-se da música pedida e da frase com que a pedira, crera-se amado pela persistência das palavras na memória dela e pela maneira com que as rodeara de meiguice ao escrevê-las no papelinho!.. Como eram as cousas do mundo! Como se enganara! E, no entretanto, sabia o extraordinário poder daquela memória de mulher! Não o amava e o cruciava! Cruciava-o, sim; pois dias depois daquele, aludindo à nota que ele escrevera na última página de um livro, dissera-lhe entre risonha e maliciosa, que *não pensaria mais em cromos*. Pela inversa, – *pensaria, talvez, nele*; ou pelo menos, dava-lhe o direito, fornecia-lhe a ocasião de assim o interpretar. Finamente pérfida, manhosamente delicada, era contendora terrível, inimiga inteligente, que lhe tomava os caminhos por onde devia ele de chegar à rude franqueza da manifestação de seus sentimentos. E parecia, até, sob aquele véu dulcíssimo de hipocrisia, comprazer-se de sua humilhação, exultar de sua própria dor! Não! não voltaria lá mais! Estava tudo acabado! mas – COMPLETAMENTE ACABADO!

E, levantando-se da cadeira, espreguiçou-se longamente, pegou as calças pelos cós, junto aos flancos, e olhando para as pontas das

botinas, deu dous pulos no mesmo lugar e pôs-se alegremente a cantar o *La donna è mobile*[66], do *Rigoletto*.

Cantava fora dos seus usos, alto, muito alto, com elegância, bonita voz, bem timbrada, que, com o sossego do dia, ondulava pelo ar, indo morrer longe, dentro das casas da vizinhança, cujas janelas saltava.

Ester, que se achava no sótão, ao ouvir aquela voz, supôs que fosse algum amador que estivesse em casa do médico, porque a este nunca ouvira cantar. Curiosa, abrira uma das janelas da direita, que andavam fechadas por deitarem para os fundos daquela casa. Surpreendera-se, estacara, recostada ao peitoril, ao verificar que era ele, ele em pessoa, o cantor de *La donna è mobile*; pois dali o via, vestido de brim branco, encostado ao portal da porta do terreiro, de charuto entre os dedos, a cantar com elegância aquele trecho que ela tanto apreciava! Uma verdadeira revelação para seu espírito, a de semelhante voz cristalina e natural, expressiva e fresca, de uma tonalidade macia e agradável, que lhe chegava aos ouvidos por cima da copa do arvoredo, como canção de despedida, vibrada num momento supremo do coração dele, dele que a amava!

E não a tendo visto, continuava o médico o seu canto. Quando chegava ao fim, tirava uma fumaça do charuto e voltava ao princípio.

A manso e manso, como quem vai cometer um sacrilégio, ela se foi debruçando no peitoril da janela, serenamente, projetando para fora o seu busto escultural, opulento de formas, adorável de perfeição.

Ouvia, escutava com um prazer egoísta aquele grito lírico de uma alma sem esperanças, voltada para a realidade das cousas, martirizada de afetos.

La donna è mo...

Aqui parou o médico, sem terminar a palavra, como se lhe degolassem o pescoço a golpe de guilhotina. Tinha-a visto, nesse momento, à janela do sótão, sobre o peitoril, atenta, toda ouvidos.

Ao parar, ela recuou, escondeu-se e fechou a janela.

Ele não cantou mais.

Aquelas janelas não se abriam nunca. Foram abertas naquele dia, naquela mesma hora em que ele, triste, passara da tristeza à alegria, rumorejando com sarcasmo a canção dos descrentes, num dia de abril, esplêndido de luz, belo de movimento!

Calado, deixou-se ficar no mesmo lugar, tempo esquecido, parafusando ideias íntimas, vivendo dentro de si mesmo, num subjetivismo cruel. E assim permaneceu, até que duas borboletas emendadas vieram dançar-lhe diante dos olhos, presas de amor, leves como um pensamento, a edificar nos ares a espécie, a garantir a própria existência com a perpetuidade da prole. Delas, a menor estava extenuada; era a que voava por baixo, quase pendurada, sem forças já para mover as asas, arrastada no azul pela fêmea, que era a maior e a de cima, radiante de prazer, rápida no movimento, elegante, num delírio de júbilo, doudejando no ar, brincando, pairando sobre as asas, descendo ou subindo. Volteava em torno dos arbustos, voejava ao redor das folhas, como procurando lugar próprio em que pousasse. E o achara, junto ao muro, à sombra de um galho maior, na folha verde de uma ameixieira pequena. O médico, que acompanhava com os olhos aquele belo par de nevrópteros[67], das borboletas se achegou, com todo o cuidado, para vê-las de perto.

Sobre a larga folha, que estava oblíqua na linha horizontal, viu ele a grande, com as asas caídas, e de pé, alta sobre a folha, a empurrar com os tarsos posteriores a menor, o macho, já morto e mole, e ainda preso à companheira amada.

E ali ficara-se o médico, até que os tarsos da fêmea conseguiram desprender o macho, que escorregou, inerte, pela ponta da folha e... caiu ao solo. Não resistira à luta eterna da continuação da espécie. Morrera no seu posto de honra, depois de ter garantido a sua existência e a de seus antepassados na prole que ali fecundara sobre dezenas de óvulos.

O médico a apanhara, levara-a para dentro e a estudava agora sob um vidro de grande aumento. Fez-lhe uma autopsia completa.

– Ele não morreria assim! A sua borboleta não lhe amava a cor das asas; voava para longe, em busca de outro macho que lhe quadrasse melhor na sensibilidade! Ele morreria, triste e só, na soledade

de uma alcova sem gente, à luz escassa de um inverno rigoroso, ou em uma noite de trevas, completo isolamento, alumiado apenas pela grande lâmpada da imagem dela, pairada horizontalmente sobre o seu leito, com as vestes virginais, brancas de neve, ondulantes no ar, risonho o rosto, satisfeito o espírito, sossegado o coração! Ausente que estivesse, longe, no extremo do mundo, ele morreria ao pé da sua imagem, – como aquela borboleta infeliz, ou antes feliz, ao lado da companheira que a matara. E quando o seu corpo caísse da folha da existência no solo do nada, os vermes dos mortos, cirurgiões dos corpos sem vida, na luta da existência, fariam a última autopsia de seu cadáver...

Nesse momento bateram à porta.

Era Joana.

– Que a senhora mandara perguntar se estava mal com eles, disse.

A *senhora* era D. Eufrásia.

– Que tempos que o *seu* doutor lá não ia! Pois o ficaram esperando para a janta.

Esteve calado por muito tempo. Depois num movimento de rápida resolução:

– Que ia, disse.

E puxando o relógio viu que era duas horas.

– Lá, jantava-se das 4 às 4 e meia, no máximo, não era exato? perguntou.

– A-q-u-i – qui, soletrando respondeu a mulata.

E ficaram calados por muito tempo. Depois prosseguira o médico:

– Se Ester não tinha ficado muito alegre com a partida para S. Paulo?

– Nem fazia ideia! Isso ela ficara que parecia um foguete com o tição por baixo, disse Joana, sem malícia.

O doutor Teixeira achou grosseira a comparação mas não disse nada. Sabia desculpar os que erravam; perdoava sempre. Limitou-se a ficar pensativo, ruminando a alegria da moça.

– Então? tornou a mulata, interrompendo-lhe o fio secreto dos pensamentos.

– Então, respondeu ele, é que não ia.

Joana ficou séria. Depois de pequena pausa continuou:

– Não ia, como? Ora se havia de ir! Apostava até. Agora que já tinha dado a palavra é que queria voltar atrás. Bonito! E pensava que ela não havia de dizer tudo aquilo! Não ia... agora! agora – só porque ela dissera que a menina ficara alegre. Supunha que era tola? Ah! ah! como se enganava! Sabia tudo!...

O médico deu sua palavra de honra em como não era pelo que ela pensava que ele deixava de ir, e interrogou:

– Que tinha uma cousa com a outra?

– Que tinha, não era? – tinha muito. E... Pois se não tinha, ele devia de ir. Fosse!

E ficou esperando a decisão. O médico conservava-se calado, irresoluto.

– Bom! Que não podia perder tempo. Ia ou não ia? Precisava levar uma resposta.

O doutor não dizia palavra.

– Ah! se ele soubesse... disse ela como quem mostra um brinquedo a uma criança, e em seguida o esconde.

O médico levantou a cabeça. Olhou-a. Em sua pupila acendera-se momentaneamente a chama de uma esperança. Esperava. Ela repetiu a frase, frase capitosa, dizendo-a com mais mistério, com as evidências de uma promessa.

Estava indignado. Parecia-lhe um laço, uma especulação talvez; seria ao menos uma zombaria. Quem era aquela mulata para medir-se com ele frente a frente, atrevidamente, humilhando-o daquele modo, tomando-lhe contas pelo seu procedimento? Quanto se tinha rebaixado! Acordava agora! Que leviandade em ter-lhe dado confiança! Ora *se ele soubesse*! fosse pra o diabo que a carregasse! Uma estúpida é que ela era! Canalha, e canalha de baixa classe, com ares de alcoviteira mercenária!

E continuava a fitá-la; no rosto uma expressão feroz que acusava as metamorfoses coléricas de seu pensamento.

A mulata percebera tudo.

– Não se zangasse! pedia-lhe com meiguice, arrependida.

– Desembuchasse! gritou ele, ameaçador, com ímpetos de dar-lhe um sopapo que a revirasse de pernas para o ar.

– Quisesse perdoar, mas é que o recado não fora só da *senhora*.

– Pois de quem mais? berrou com maior força ainda.

Fora também do *senhor* e...

Aqui Joana sorriu-se outra vez como quem, tendo mostrado o brinco, o escondesse de novo.

E, quase chorando, também sorriu-se o médico.

– Acabasse! pediu ele, impaciente, quase abraçando-a.

Joana não queria concluir, temendo agora, e justamente, que ele a tomasse por alcoviteira.

– Acabasse! Acabasse! suplicava.

E ela, hesitando e encanudando a mão ao redor da boca, disse baixinho, em segredo:

– E... *dela* também.

– Dela! murmurou o médico vagarosamente, com ar de incredulidade, e depois deu um muxoxo. – Mentira! gritou para a mulata.

– Jurava! Mas a *senhora* não tinha visto, e nem o *senhor*.

– Falasse! Falasse! suplicava o doutor, com dulcíssimo, grato, apaixonado olhar.

– Fora quando ela vinha saindo no corredor. A menina chegara e lhe dissera: – Dindinha, se ele não quiser vir, não deixe de trazê-lo, ouviu? ouviu Dindinha? custe o que custar.

E, ele, calado e pensativo, pendida a cabeça, cruzara as mãos e ficara a olhar vagamente.

Sentara-se. Sentia-se fraco.

– Jurava! tornou ela. Mas olhasse! acrescentou, pondo o índice da mão esquerda sobre a boca toda contraída, – aquilo, bico! entendera? Nem um pio!

– Ah! tinha entendido, afirmara. Estava claro! Podia falar sem susto, que falava a um túmulo.

E tirando uma nota novinha de cinco mil réis, lha deu em sinal de gratidão, à mãe de Leonarda, que não a quis aceitar, mas que foi forçada a recebê-la, o que fez fingindo indiferença, ou melhor – contrariedade, e perguntando-lhe se afinal de contas ia ou não.

– Ia! concluiu ele, encolhendo os ombros, como disposto para o que desse e viesse.

E ela retirou-se.

Ele ficou pensativo:

– Tinha ainda uma hora de espera. Para se avaliar o tempo de uma hora... sessenta minutos, 60! – só se ficando à espera de que esse tempo passasse! Uma hora era um século para um coração como o dele. Quando se tratava de ver uma mulher amada, – uma hora de espera, que martírio! E, uma vez junto dessa mulher, uma hora era um segundo!

E, olhando para o relógio, pendurado à parede, sentiu um desejo invencível de adiantá-lo.

– Era uma asneira! De que servia adiantá-lo? Não! servia de muito; – se apresentasse o relógio adiantado, mentiria com mais convicção, quando lá comparecesse antes da hora.

E, levantando-se rápido, abriu a tampa de vidro e com o dedo correu o ponteiro vinte e cinco minutos para adiante. Adiantou o mesmo tempo ao seu relógio de algibeira.

– Agora já não faltava uma hora para as 3, mas somente 35 minutos. Ia vestir-se; fá-lo-ia devagarinho e... gastaria 20 minutos. Quando estivesse pronto, só teria de esperar um quarto de hora. Um quarto passava mais depressa... Eram só dez minutos e depois mais cinco. Os dez minutos ele os passaria sem sentir, – lendo qualquer cousa. Mas... que cousa seria? Ora que cousa seria! – qualquer. Leria, por exemplo, o...

E, olhando para os seus livros, concluiu:

– O Topinard... Um pouco de Antropologia! E, depois, os outros cinco minutos, com uns dous passeios vagarosos, da porta da rua até ao fundo do quintal, iam-se que era um gosto.

E entrou para o quarto, a vestir-se.

Pôs água na bacia. Despiu-se, tirou a roupa dos baús, mudou os botões da camisa e dos punhos, e pôs-se a lavar o rosto, a escovar as unhas.

Dando casualmente com os olhos no espelho, viu que estava a rir e completamente nu. Foi a primeira vez que viu rindo um homem nu. Achou graça naquilo e riu alto, às gargalhadas, caindo na cama, as mãos e o rosto brancos, brancos da espuma do sabão.

Riu-se muito, sozinho, como um doido. Cansado, voltou para o lavatório e, tornando a fitar-se no espelho, viu que o seu começo de calva estava sem sabão.

E começou a falar alto com ela, como se ela o entendesse:

– Então, a senhora calva, hein? Pensava que era muito nobre por guardar o que havia de mais nobre, a inteligência? Pensava, talvez, que por isso não poderia levar umas lambadinhas de sabão! Enganava-se a queridinha; havia de levá-las, olé! e já! Perante ele, e perante a Natureza, dona calva era perfeitamente igual à mais repugnante das imundícies.

E com as mãos cheias de espuma – bumba! arrumou sabão às deveras por toda a cabeça.

Lavou-se, esfregou-se, poliu-se. Depois, sobre as pernas, morenas e musculosas, enfiou a ceroula de linho, cheirando ainda às ervas em que corara; amarrou-lhe as alças embaixo, logo acima dos tornozelos e levantou-se para vestir a camisa, que estava aberta em cima da cama, com o peito para baixo. Pegou-a pela fralda posterior e, de um arranco, descrevendo uma curva no ar, meteu-a pela cabeça que saiu em cima, pela abertura da gola. Enfiou os braços nas mangas, abotoou os botões de brilhante, prendeu o colarinho, atou a gravata e pôs os punhos.

Em seguida calçou as meias, depois as botinas; vestiu as calças e acomodou as fraldas da camisa por dentro da ceroula. Nunca pode tê-las por fora, o que o incomodava muito. Abotoou os três botões da ceroula e em seguida os cinco da calça. Vestiu o colete, puxou as mangas para cima e foi ao espelho: concertou o cabelo e, com a escova, andou torcendo os bigodes; escovou os dentes com a *Eau dentifrice du Docteur Pierre*[68], uma «porcaria de primeira qualidade», e voltou a vestir a sobrecasaca.

Pegou o chapéu, pô-lo na cabeça e saiu para a sala.

Aí chegado, olhou para o relógio: - duas horas e trinta e sete minutos! Faltavam ainda vinte e três minutos para as três horas! Lavara-se, vestira-se, aprontara-se em doze minutos!

Pensava tê-lo feito com todo o vagar e o fizera a vapor! Estava furioso e repetia:

– Vinte e três minutos! Aquela só a ele acontecia! Agora o que

devia de fazer era ir tirar a roupa para tornar a vesti-la. Doze e doze vinte e quatro... *noves* fora 6.

Sentou-se, fez um *turco*, acendeu-o e tirou da estante o Topinard (*Anthropologie*, 3.ª edição). Abriu o livro ao acaso na página 374 onde há um espécimen, em gravura, da *esteatopigia* (nádegas colossais) da mulher bosquimane, e logo em cima na outra página começou a ler:

«Les deux particularités connues sous le nom de *tablier* et de *stéatopygie*[69]» etc., e foi até ao fim do período, décima quinta linha, que assim termina – «c'est cela qu'on appelle le tablier des Hottentotes[70]».

Este trecho, por associação de ideias opostas, fê-lo pensar na correção, na harmonia de traços e proporções que ele antevia em Ester, percorrendo mentalmente a topografia anatômica de seu corpo. Aí, nada de *tablier*, nada de esteatopigia. Produto quint'essenciado de uma raça superior, todos os seus órgãos, bem desenvolvidos, apresentavam uma opulência encantadora, uma vitalidade que seduzia! Aí, nem o menor traço teratológico; – tudo harmônico, simétrico, escultural! Vira-a tantas vezes, em casa, sem espartilho, trêmulo o seio, de pé sob a camisa que parecia ter por cima – apenas o vestido. Ao menor descuido, no sentar-se, no mover-se, repuxavam-se-lhe as vestes, destacavam-se-lhe as curvas dos membros – numa beleza assombrosa, martirizante, diabólica! Tinha ímpetos de agarrá-la, despi-la toda, arrancar-lhe as carnes a dentadas, no frenesi de um abraço, havia tanto tempo impedido, e sempre pronto para a primeira ocasião! Se quisesse gritar, presa nos seus braços, tapar-lhe a boca com a sua boca, lábios prendendo lábios, na aspiração indomável de um longo beijo, tão longo como os seus sofrimentos e como os seus desejos! Tapar-lhe-ia o fôlego com a língua, até que ela morresse em seus braços, sem ele saber e, vendo-a morta, ele morresse também, numa síncope fatal que lhe paralisasse nas artérias a circulação do sangue, naquele momento de dor suprema, dor de tê-la matado, de tê-la perdido para sempre... E cairia com ela ao soalho, ambos mortos no mesmo gozo, para darem às borboletas um exemplo de amor: – de que na humanidade, nas grandes paixões, os machos não sobreviviam às fêmeas, e nem as fêmeas aos machos!

E olhou para o relógio. Faltavam 10 minutos para as 3.

Ficou danado. Tirou o chapéu e o bateu furiosamente sobre a mesa. Fechou o Topinard e o colocou na estante. Pegou de novo o chapéu, desamarrotou-o, passou-lhe a escova com carinho, pô-lo na cabeça e começou a andar cabisbaixo, de um lado para outro. Estava frenético.

Principiou a sentir cheiro de fumaça de cachimbo.

– Diabo! donde viria aquilo?

Levantando a cabeça, de repente, assustou-se, um grande susto, ao ver de pé, tranquilamente a fumar, braços cruzados, encostado à porta da sala – Jacob Despois, o pintor francês, fisionomia inteligente e serena, 26 anos mais ou menos, bela cabeleira loira, que lhe caía em aneladas madeixas pelos ombros, semelhando-o a Cristo, – com um gorro de veludo preto, bordado a ouro, sobre a cabeça!

O pintor falou-lhe, com a sua pronúncia toda gutural e áspera, carregando muito nos erres.

– O senhorr doctorr estava hoje muito nervoso!... Tinha muitos dias que ele não via o senhorr doctorr, vinha hoje matarr a saudade.

– Ficava muito agradecido, disse o médico, abraçando-o.

E começaram a prosear.

A conversa foi sobre artes, o que deu ocasião ao pintor de perguntar para que fora aquele quadro do lago, com um moço à grade de um jardim.

– Para uma cura por meio do hipnotismo.

– Não sabia o que era isso, hipnotismo...

– Uma descoberta moderna da ciência. Um processo com que, por meio da *sugestão*, se conseguia dos doentes tudo que se queria – até a alienação da própria individualidade. Que em rigor ele não precisava do quadro, bastava que conseguisse o sono artificial, o sono nervoso, como o tinha conseguido, para dar as suas ordens, que haviam forçosamente de ser executadas, como foram. Mas, como era uma das primeiras vezes que tentava a cura por meio do hipnotismo, tivera seus receios e quisera fazer a cousa mais ao vivo.

– E... sorrtira o efeito querido?

– Perfeitamente. Ordenara à doente que não se inquietasse,

que não pensasse mais no *cromo*, que tivesse apetite, que digerisse bem, que se esforçasse por sarar, que dormisse tranquilamente todas as noites, que não tivesse sonhos nem delírios, que se conservasse o maior tempo possível deitada.

– E ela fizera tudo isso?

– Mas sem a menor discrepância.

E o pintor, sorrindo, com o cachimbo na mão, abanou a cabeça, como quem duvidava.

O médico falou-lhe de curas admiráveis, de paralisias crônicas de 10, 15 anos, desaparecidas em poucas horas. E, a cada pergunta que o pintor fazia, dava ele uma resposta cabal, autenticando-a com fatos descritos na clínica de vários médicos. Tinha apenas o trabalho de abrir os livros, porque os fatos comprobatórios do que afirmava estavam marcados a lápis, à margem das folhas, com a indicação bem clara, para facilitar-lhe as consultas.

Jacob Despois, à vista de tantos argumentos, cedeu à evidência da nova descoberta científica.

E, dizendo ao médico que passava de um polo a outro, foi ao corredor e trouxe de lá para a sala um grande embrulho chato.

Era uma tela, cópia do natural, que ele tinha concluído, havia três dias. Representava um canto da grande várzea, à beira do rio, na planície de oeste.

Viam-se aí, num traço genial, todos os planos bem destacados; ao fundo o rio, um pedaço de bosque, uma canoa presa à estaca, o tapete verde da relva, interrompido por uma trilha admirável, que ia dar no porto e continuava do outro lado até à porta de uma casinha rústica, onde morava o Maneco *Zarolho*, velho pescador muito conhecido em toda a cidade, aonde vinha trazer o seu peixe todas as sextas-feiras, havia mais de vinte anos. Coqueiros aqui e ali, que iam diminuindo gradativamente do primeiro ao último plano. Uma felicidade extraordinária de luz e sombra. O rio, com os revérberos do sol poente, quase estagnado como ele era nesse lugar, largo, majestoso, a refletir do lado oposto a barranca, alta em alguns pontos, com filões brancos de grandes cascalhos, coroada de touceiras de capim; e, depois, mais para cá, uma explosão de sol, num incêndio que

doía na vista e se dilatava em raios laterais, como de prata líquida. Uma cousa esplêndida! tanta naturalidade como se fosse apanhada por uma fotografia a cores! A óptica nunca fora tão respeitada como naquela cópia da Natureza.

O médico sentira-se profundamente tocado em sua sensibilidade estética. O que ele via ali não era a obra das tintas, as regras da arte, o engenho do homem, senão o próprio lugar, o próprio rio, a relva, a barranca, a choupana do pescador, a canoa sobre as águas. Era a *Estiva* (que assim se chamava o lugar), a própria *Estiva* que ele estava enxergando, iluminada por um sol de abril, sobre um céu sem nuvens, imensamente luminoso, azul a perder de vista, numa tarde serena, tranquilamente doce, dessas em que o espírito rejuvenesce e os membros se dilatam no movimento alegre de uma vitalidade inconsciente.

– Se pretendia vendê-lo?

– Sim; mas depois que com os outros da sua coleção figurasse em S. Paulo, numa pequena exposição que pretendia fazer.

– Em quanto o estimava?

– Não sabia; mas supunha que duzentos e cinquenta mil réis não era caro.

– Pois tinha gostado muito do quadro e achava-o muito bom para um presente... Se consentia em desirmaná-lo da coleção, dava-lhe por ele 300$000.

Jacob Despois quis oferecer-lho; não vendia, oferecia-lho em sinal das obrigações que lhe devia, em lembrança de uma grande amizade.

– Se já lhe não tinha oferecido *A Estiva*, é que para o doctorr estava destinado um outro quadro atualmente em obra, e que ele supunha dever agradar-lhe mais.

E, como o médico se negava a aceitar, insistia para que o aceitasse.

– Não aceitava por nada! Além do mais, não era para si. E como dar de presente um mimo que recebesse de presente? Era simplesmente descortesia, pouco caso. Comprava-lhe aquele e ficaria então com o outro como lembrança, da qual se não esqueceria nunca.

– Se não fosse o doctorr, Jacob Despois já estava no cemitério!

murmurou o pintor entregando-lhe o quadro. – E o doctorr fora tão generoso que não levara nada!..

– Vendido ou dado?

– Vendido não.

– Dado é que não, replicou o médico.

E vendo o pintor que não havia outro remédio senão ceder mais uma vez à tenacidade do doutor:

– Pois que fosse! concluiu, fechando o negócio.

E o médico pegou o quadro e foi buscar o dinheiro.

Ainda quis o pintor teimar para receber só os 250$000 em que tinha, quase de graça, calculado o valor da sua obra; mas foi em vão.

– Ou os 300$ e o quadro ficava, ou nem um vintém e ele voltaria com a sua *Estiva*! intimou o médico.

O pintor aceitou o dinheiro.

O Dr. Teixeira lembrou-se então de que tinha de ir jantar em casa do major. Olhou para o relógio que marcava 3 e 35 minutos. Levou um susto.

– A prosa tinha-o feito passar das horas, observou ele ao companheiro.

E contou tudo a Jacob, que, puxando o relógio, mostrou que o do médico estava adiantado 25 minutos.

– Mas, não era possível! Olhasse também o da algibeira.

E, puxando-o por sua vez, mostrou ao pintor que também ali eram 3 e 35.

– Embora! O que lhe podia garantir é que eram 3 horas e 10 minutos da tarde.

– Tinha certeza?

– Toda a certeza.

E dirigindo-se para o relógio da parede, o atrasou o médico 25 minutos e fez o mesmo ao da algibeira.

No íntimo, pensava ele que fora uma providência a visita do pintor; senão, iria fazer má figura, apresentando-se tão cedo para jantar às 4 ou 4 e ½ da tarde.

Chamou o criado, mandou-o embrulhar em jornais a formosa tela, que media seguramente mais de um metro de comprimento

sobre altura correspondente, e ordenou-lhe que, um quarto de hora depois, fosse levá-la à casa do major onde ele se acharia então.

Jacob Despois despediu-se, e o médico retirou-se também.

A sua recepção fora cordialmente jubilosa. Fazia muitos dias que ele lá não punha os pés. Houve ajuste de contas, «porque seria, porque não seria», terminando tudo em paz.

Ester foi para o piano e perguntou-lhe propositalmente que música preferia.

– A que ela quisesse, respondeu ele também propositalmente.

E ela, sentando-se, tocou um trecho do *Rigoletto*. Estava muito séria e ele também. Executava com alma; seus movimentos eram nervosos, desembaraçados. Não tinha ainda voltado o rosto para ninguém. A música a absorvia. Virava as páginas com uma rapidez que não prejudicava o compasso. Era a música que ele cantara... Seguia-lhe os passos do pensamento, bebia-lhe na mesma fonte das emoções. Quando chegou ao *La donna è mobile*, voltou rápida o rosto, fitou o médico entre duas notas e olhou logo para a música. Fugiu-lhe dos lábios, nesse momento, o esboço de um sorriso, – sorriso malicioso, alusivo, sorriso instantâneo que se desfez logo, que desapareceu voluntariamente ao mando de uma vontade autoritária, altamente educada.

E tocou com mais calor.

Era uma negaça inatingível, incompreensível a todos os assistentes menos a ele, inacessível a todos os ouvintes. Era, para o médico, uma espécie de adesão tácita aos seus sentimentos, uma prova finamente urdida, delicadamente posta em prática, de que... – o amava talvez! e de que *la donna*, que neste caso seria ela, não era tão *mobile* como ele pensava, pois que ali estava, *la donna*, a repetir o que ele cantara pouco antes, ele que a amava e que nela nem ousava confiar. Sim! *la donna* ali estava a despertar-lhe o espírito, a puxar-lhe a memória para as mesmas cousas em que pensara, não havia muito, a ungi-las agora com a sua presença, com as graças virginais do seu todo, a intencionalidade de seus pensamentos... – ali, junta do piano, adorável de encantos, infinita de seduções. Era um espírito irrequietamente fino! um'alma artisticamente delicada.

O criado do médico entrou, entregou-lhe o quadro de Jacob Despois, quadro que foi oferecido a Ester, com uma simplicidade encantadora de verdade, nas palavras, no gesto, no tom da voz.

Uma surpresa, uma surpresa enorme!

– Era a *Estiva* mesma! Uma tela admirável, um primor de arte, de naturalidade! – Que extraordinária identificação das cores! – Nos vegetais – que maravilha de tons! E os coqueiros! E a barranca separada horizontalmente pelos filões de cascalho branco! Olhassem! olhassem a sombra da barranca dentro do rio! e mais para cá a explosão do sol no centro das águas! Ah! e lá adiante então? Não viam? Reparassem a casa do Maneco Zarolho! E o caminho! e o caminho pelo meio do capim, saindo do lado de lá do rio, continuando por ali afora até à choupana. Até o mastro ele pusera! o mastro de S. João, que o Maneco levantara em junho passado! Como era natural! Ah! não tinham visto a canoa presa à estaca! Vissem a canoa! como era chique! como se destacava com a sua sombra pela tona d'agua. A corda que a prendia à estaca... que primor! E mais para baixo, ao fundo, como era verdadeira a imitação do bosque! E depois o céu, o céu! grande, luminoso, transparente – *gris-perle*[71] para o poente, azulando aos poucos para cima, que era o nascente, num quadrante de curva admirável, num trabalho assombroso de perspectiva! Como os olhos se enganavam! Quem havia de dizer que tudo aquilo, tão bem destacado, de objetos e planos tão separados, estava num plano único, a superfície chata de um pano, esticado a tachinhas, sobre um quadro de pinho!

Cada qual fazia a sua exclamação. Todos sentiam o mesmo entusiasmo, a mesma emoção que desperta a Arte quando em seus segredos profundos se encarna em verdade tangível, confundindo-se com a própria Natureza!

Foi, sem dúvida nenhuma, um presente inestimável, uma lembrança feliz, um pensamento luminoso, a oferta daquele quadro.

– Iam para S. Paulo e lá, distante dali, veriam a *Estiva* todos os dias, viveriam mentalmente ali, ali com os amigos, ali com todos, no meio das recordações, ao balanço da saudade, lento e bom, que faz ver o passado, que nobilita o coração.

Anunciou-se o jantar.

Foi um jantar em família, sem a menor formalidade, cômodo, de prosa animada, de certa alegria fingida; fingida porque todos se queriam, se estimavam muito e iam separar-se. Era um mês, um mês só. Mas a conjetura de cada um, do que poderia suceder, sem poder ler no futuro, entristecia-os a todos, obrigava-os a não tocar no assunto.

Ester, essa estava de uma brandura desusada para com o médico: – terna, meiga, achegava-se dele, falava-lhe unidinha, com uma confiança estranha, confiança de criação doméstica, mansa, que nos roça pelas pernas, que nos acaricia até aborrecer. Toda afetos, toda atenções! Parecia sua irmã; brincava com ele, fazia-o rir, quando de espaço em espaço, distraído, ele, que suspirava, ficava sério, com o olhar vago, velado de misterioso, pensativo cismar.

– Que ele havia de escrever-lhes, não era exato? Dar sempre notícias, sempre! Ir mesmo até lá, para passeiarem juntos... Ele lhes mostraria a cidade, pois que a conhecia bem, que lá estivera um ano... Se ia?

– Era possível, respondia secamente, sem fitar ninguém, com um desejo imenso de pôr-se ao fresco, de ver-se livre daquele meio asfixiante, tenebroso, que lhe estava a roubar, barbaramente, no futuro, dias, anos de vida.

– A ele não custava nada ir, diziam. Era um corpo só... Esperavam que não faltasse. Prometesse! pediam.

– Era possível, já tinha dito.

Teve uma ousadia enorme: - perguntou:

– Quando iam? Se não tinham adiado a viagem?

– Não; não a tinham adiado. Iam depois de amanhã, a 1.º de maio mesmo... Hoje era 28 do mês.

Inventaram um passeio pelo campo.

Devia de ser um passeio magnífico, tão sós, ele e a família, à fresca da tarde, pela relva afora...

Negou-se. Não podia ir. Pretextara serviços de sua profissão:

– Tinha uma doente de febre, longe, lá para os lados do Antunes. Não fora vê-la ainda hoje... Uma pobre rapariga... Não acreditava que escapasse...

– Coitada! Que febre era?

– Perniciosa, no último grau.

– Uma pena!

– Com efeito o era. O mundo, porém, tinha dessas cousas. Moça e robusta, havia 15 dias e, amanhã, – talvez cadáver.

Estiveram calados muito tempo. Precisavam de um pretexto para poderem se mostrar tristes, eles que já o estavam.

Tentaram por mais de uma vez refluir a conversação para pontos já tratados.

Duas, três frases, e aí vinha o silêncio, esse silêncio pesado, incomodativo, que é filho das situações falsas. Era o tédio da ausência, dura ausência que se ia abrir entre aquela cidade pacata e monótona, de interior de província, e S. Paulo, tão longe, festivo e ruidoso, cheio de movimento e vida.

Dificultavam-se cada vez mais as cousas.

O médico esperava um acesso de coragem para despedir-se. Sim, ele não queria voltar mais ali; não queria passar instantes como aqueles.

E para ter ânimo, procurou, inventou uma pilhéria, para que todos rissem, porque ele riria também, e, aproveitando logo aquele momento de passageiro riso, pegaria o chapéu, e em seguida, pensando na pilhéria para fugir à tristeza, despedir-se-ia, forte, sem revelar nada, impassível, indiferente.

Colocou a pilhéria, associada habilmente à última frase dita, uma frase gordalhona do major.

Em outra qualquer ocasião seria um sucesso! Ali, fora simplesmente um desastre. Riram-se para agradar-lhe, uns risos curtos e amarelos.

Ester abanou a cabeça, indicando que conhecia todo aquele jogo íntimo dos pensamentos dele; e ele, nervoso, rápido, levantou-se, bateu a botina para desenrugar as calças, tomou o chapéu, despediu-se e... saiu.

Foi a primeira vez em sua vida que percebeu claramente que Ester lhe apertara a mão; um aperto anormal, tremido, quase convulso, significativo. E ele, ele não lhe fizera o mesmo, não lhe apertara a pequenina mão, aquela mão macia e fina, feita para as

carícias do grande amor, do amor elevado e honesto, para o beijo dos afetos profundos, para as bênçãos da felicidade. Tocara de leve, doce como uma pena, calculadamente, significativamente também.

Saiu, saiu veloz, triste como a fome, desnorteado, infeliz.

Fora direitinho para a casa; não tinha nenhuma doente de febre. Qual Antunes nem perniciosas! O que tinha era uma tristeza imensa, um mal-estar invencível, uma dor moral que se não media por falta de grandezas comparáveis.

Seu espírito, timorato por natureza, sentia, ainda que livre em todos os juízos, um como que pressentimento funesto, uma como visão anterior de que lhe começara a segunda parte de sua história, lúgubre história de uma vida desconhecida e pesada, toda cheia de golpes e gemidos, de páginas íntimas de dor, sem compensações, sem risos, sem nada.

E o seu passado, inteiro, surgira-lhe no espírito, fato por fato, cronologicamente, desde os primeiros dias da infância, de que conservava memória, passada na província natal, à beira dos sertões de oeste, tão descuidosa e automática, – de dia pelos campos a ajuntar o gado, – de noite, a ouvir, ao luar, as histórias indígenas de Anhanguera[72] e Caapora[73], enquanto ao longe, no escuro das matas, gemiam os noitibós[74] ou passava o jaguar, caminho das presas. Depois viera para o Rio dar pasto à sua vocação; formara-se em medicina e, ouvindo a fama de S. Paulo, viera para cá, sempre isolado, sempre triste, sem um afeto, sem um pensamento humano! Pai, mãe, nada disso possuía. Nunca tivera irmãos. Cada hora de sua existência crescia proporcionalmente em minutos e mágoas; contava-os, por séculos àqueles, a estas por centenares em cada um dos minutos. Sabia que tudo isso era exagero, um grande exagero mesmo de sua afetividade; mas com ser exagero não deixava de ser real perante a sua consciência. Sofria portanto, e sofria muito. Tão delicada, tão fora da compreensão comum dos homens era a causa das suas mágoas, – que não a revelava a ninguém, porque a todos pareceria ridículo, infantil até. Ah! não se compreendia facilmente que quanto mais fina é uma alma, quanto mais elevado um espírito, tanto mais se engolfa em pequeninas exigências, imperceptíveis às vezes,

necessidades morais, meiguices de asas brancas, transparentes e leves, e que, não satisfeitas, não realizadas, deixam, nesse espírito, que as concebe e cria para si, – grandes trechos de escuridão impenetrável, como soluções de continuidade na plena luz dos cérebros de seleção. Dizê-lo era expor-se ao riso de todos, passar por... lunático, doido talvez! Quem assim pensava, quem assim sentia, quem tinha nos nervos, na sua natureza fisiológica essa irradiação por assim dizer, – dinamizada, espiritualizada, até ao último grau das transformações cada vez mais complexas do espírito, das funções do cérebro, *disso* que se chama – a alma, quem assim era, por isso mesmo que o era, estava muito além do nível comum dos homens, não podendo ser compreendido por eles, isolado na esfera da vida, solitário cometa no infinito das dores, no incomensurável do Universo.

Essa solidão de si próprio no centro da expansão assombrosa, intérmina e movimentada de todas as cousas; essa unidade cética, de um individualismo severo e inamolgável, mais ainda o pungia à vista do portentoso contraste de todas as manifestações da matéria.

E assim pensando chegou à casa.

Ordenou ao criado que tivesse os animais prontos para o dia seguinte; tinha que ver um doente a nove léguas de distância.

E recolheu-se, fechando-se à chave depois de dizer ainda ao criado – que não estava em casa para ninguém.

Ao fechar-se, sem saber porque, lembrou-se instantaneamente de Jacob Despois, do pintor francês que traçara *A Estiva*, tela primorosa que valeria na Europa um dinheirão.

E, pensando no pintor cerrou as janelas da sala depois de descer as vidraças.

Nesse fim de mês, o sol passava quase justinho por cima da rua em que o médico morava, de nascente a poente, pouco descambando para os lados.

Dentro de meia hora seria noite. Uma temperatura deliciosa poisava docemente de sob o azul do céu por sobre a tranquila cidade, preguiçosa nessa hora do dia como um bocejo de sono; poisava mansa, a 19 graus Centígrado, sobre todas as casas, sobre todas as cousas. A luz poente, acariciadora e doce, entrava pela rua

afora como o clarão de uma lâmpada elétrica, que penetrasse por uma galeria subterrânea. Para a direita, as paredes brancas e laterais tinham revérberos que doíam na vista; as árvores dos quintais se destacavam no fundo luminoso das paredes caiadas; os canários, que voavam, mostravam os peitos cor de fogo ao brilho do sol; – longe, muito além do alcance visual, sempre para a direita, escurecia o firmamento, num azul-ferrete pesado, à proporção que se avizinhava da terra; e, à proporção que subia, clareava, clareava sempre, interrompido às vezes por pequenas nuvens, quase imóveis, quase informes, separadas, brancas à frocos de algodão, leves à sonhos de estio. Para a esquerda, todas as paredes laterais estavam na sombra e os passarinhos que voavam pareciam pequenos pontos negros sobre o fundo ocidental do céu, iluminado a tons de pérola pelo sol no ocaso, – pontos ambulantes, rápidos, que se perdiam nos ares à medida que se distanciavam. Aí não tinham as árvores cintilações, e nem se destacavam bem os planos do campo visual. E longe, quanto a vista podia alcançar, clareava o céu cada vez mais, à proporção que se aproximava do sol, que parecia então o vértice de um cartucho de luz, na sua expansão universal de movimento e força.

Talvez fosse esse quadro que despertasse inconscientemente no cérebro do médico o compartimento anatômico que guardava latente a imagem do pintor.

E o via diante de si, feliz na vida, tendo uma única paixão, fácil de satisfazer bem ou mal – a pintura; – porque essa paixão artística só dependia dele para a convivência íntima, para o fetichismo necessário de suas tendências plásticas. Via-o diante de si, gorro ao lado, sobre as doiradas madeixas, olhos úmidos e tristes, de uma nostalgia indecisa, vaga como o nascer de um desejo, a olhar, a olhar, como combinando mentalmente os primeiros traços de um quadro, cachimbo à boca, fumaça a boiar nos ares; ou então – sentado no seu *atelier*, tintas à mão, pincel sobre a tela, todo absorvido num pensamento, todo alegria e paz, vivendo em si mesmo, esposo da arte, dessa arte que ele tinha dentro da própria cabeça! Invejava a sorte, o plácido viver daquele amante da Natureza, dessa Natureza admiravelmente bela, que se despe para aqueles que a idolatram,

para aqueles que a adoram e que, em compensação, nela descobrem cada vez mais ensino, cada vez mais beleza.

Sentia uma pressão imensa sobre toda a sua individualidade; um desespero profundo de não ter na existência uma arte que o consolasse nos transes da dor; uma necessidade inadiável de se expandir, de falar francamente a um amigo, de arrancar o coração, pô-lo numa salva, e, de bisturi em punho, fazer-lhe a autopsia à vista do amigo, mostrar-lhe o estado penoso daquele músculo, chorar, pedir conselhos, pedir remédios... ele que era médico e que descria nesse momento da sua terapêutica – conscienciosa e sábia.

Tinha acendido o lampião e as velas, e fumava, passeando apressadamente ao longo da sala.

Escreveu um bilhete em que chamava o pintor e mandou o criado que o fosse procurar e trouxesse a resposta sem demora.

– Ah! ia romper com o seu segredo! Não podia suportá-lo mais. A alma do artista, seleta e generosa, seria o cofre de suas expansões. Encontraria nele o conselheiro amigo, o refúgio da dor, consolo das mágoas! Sim! de sangue frio, não lhe poderia dizer nada! falecer-lhe--ia a coragem; parecia-lhe até uma deslealdade para consigo mesmo! mas que pretexto que não eram as bebidas! O vinho, o *cognac*! Ah! o vinho e o *cognac* dar-lhe-iam essa coragem; e animado, animados ambos, dir-lhe-ia tudo com a maior franqueza, e lhe pediria conselhos, que, se lhos não desse, restar-lhe-ia ao menos o sossego, a satisfação de se ter desabafado em voz alta, com verdade e calor. Sentir-se-ia aliviado, dormiria tranquilo até que amanhecesse e, prontos os animais, partisse, partisse para longe, a fim de não se ver obrigado a ir à estação acompanhá-los, – ato esse para o qual não se sentia com forças.

E entrando para a sala de jantar, trouxe da copa uma garrafa do velho *Porto*, outra de *cognac* fino-*champagne* e três ou quatro de cerveja. Pô-las todas em seu quarto sobre um aparador. Trouxe depois uma bandeja com copos e cálices, e continuou a esperar o pintor.

Abriu uma janela; debruçou-se.

Já agora, posto o sol, caía a noite docemente, com um sossego virginal. Pelo azul distante, gotas de luz – as estrelinhas do céu abriam

as pálpebras, para iluminar o caminho do sono, amigo sincero e reparador, que rodeia o mundo em 24 horas, de leste a oeste, fechando as pálpebras dos homens, para que estes não vejam os olhos das suas estrelas.

Com o cair da noite refrescavam-se os ares, descia a temperatura, e quando os últimos clarões do ocaso se confundissem com as sombras do quadrante de este, quase a pino, a lua, branca e silenciosa, iluminaria a terra à meia-luz; e, pelas estradas solitárias, em voos curtos e rasteiros, ao redor da cidade piariam os curiangos; e, pelos brejos da várzea, lastimando o calor que ia desaparecendo, e a chuva que ia emigrando, as rãs e os sapos, antes da hibernação do inverno, coaxariam as suas últimas canções.

– *Bon soir, docteur*[75].

– *Bon soir, Jacob*. Entrasse, respondeu o médico.

E, fechando a janela, veio abrir a porta da sala.

O pintor sentou-se, embrulhado em sua manta de casimira, e, calado como quem esperava, começou a deitar fumo ao cachimbo.

– Como tinha passado de hoje? perguntara o médico.

– Bem. Agora ia esfriando mais. O inverno aquele ano parecia prometer, – respondeu Jacob com a sua pronúncia cheia de erres e pausada, docemente pensativo, quase sorrindo.

– Se estava frio fora?

– Bastante frio. A temperatura descera muito logo depois de entrar o sol. E a noite estava limpa e bonita.

O médico fora até à porta do quintal, a ver o seu centígrado: – 14 graus.

– Não seria nada; desapareceria logo. O que ele preferia: vinho do Porto, cerveja ou *cognac*?

– Cerveja com aquele tempo, oh!... respondeu o pintor. – *Cognac*; preferia *cognac*.

Foi aberta a garrafa de fino-*champagne*; encheram-se os cálices.

O doutor sentia-se deslocado. Estava visivelmente triste; pálido, acusavam-lhe a expressão do rosto e a maneira de olhar uma grande preocupação de espírito.

– Que o doctorr hoje... não estava bom, – aventurou o autor d'*A Estiva*.

– O médico sorriu-se com ares de quem concordava com a afirmativa de Despois.

Longos trechos de silêncio se sucediam, interrompidos, apenas por frases curtas, ditas rapidamente.

Quando o pintor virou o resto do *cognac* do primeiro cálice, o médico bebeu de um trago o terceiro. Havia uns 20 minutos que a garrafa tinha sido aberta.

Mais animado agora, e enchendo de novo os cálices, censurava o Dr. Teixeira a sobriedade do pintor.

– Não era sóbrio, respondia; mas gostava de ir devagar. Se não conhecia o ditado: – *petit a petit*...

– *l'oiseau fait son nid*[76], conhecia, respondeu por sua vez, e acrescentou:

– Que, então, iria também devagarinho. Queria fumar.

E pôs-se a fazer um *turco*[77].

O pintor tirou a manta e a arremessou ao espaldar de uma cadeira que estava à pequena distância. A manta caiu ao soalho e o médico que se tinha levantado e lhe ficava mais perto, apanhou-a e a repôs no mesmo lugar.

O pintor agradecera, acrescentando com malícia:

– Aquelas *cadeiras* eram de pau, por isso é que a manta caíra.

O médico, tão perspicaz em descobrir as intenções das palavras, não entendera a alusão do pintor, tão mergulhado se achava em seus pensamentos. Fora preciso ao francês explicar-lhe a que ligara a palavra cadeiras.

Então, sorrira-se o médico; achara boa a frase e fino o pensamento:

– Hein? Se aquela manta falasse!...

O pintor, que acabava de tomar um gole, concluiu pelo médico:

– Muitas cousas bonitas ouvira o doutor. E... se fosse uma chapa sensibilizada – belos quadris de mulheres formosas, coxas alvas como as camélias, bem feitas como os primores de escultura, ventres docemente abaulados... Tudo isso passaria diante dos olhos dele, como uma tentação invencível; porque, quanto mais o homem se continha em suas... necessidades, tanto mais nítidas e mais fortes lhe eram as imagens delas no cérebro.

E contou-lhe a história de uma conquista recente para os lados da *Estiva*, quando andava por lá a tomar nota para o seu quadro.

– Uma morenita sacudida, *chic* mesmo, com os cabelos que davam pelas nádegas, uns cabelos pretos luzidios... uma boca que era um mimo. Seios magníficos, gorducha... – coisinha muito x-p-t-o, -London[78], como dizia o capitão Oliveira, o da loja. Lá isso é que não padecia dúvida.

Contava isto friamente, com um sorriso sincero de quem, não mentindo, dizia uma cousa natural, e ficara-se a olhar para o médico, que o contemplava, vendo nele um homem feliz.

De fato, belo, de uma fisionomia profundamente agradável, bem proporcionado e atencioso, olhar doce e enérgico, de limpidez admirável, boca bem feita, vermelha, dentes claros, mãos mimosas, – era Jacob Despois querido das mulheres que não procurava, mas que de pouco em pouco iam-se engraçando com ele, dando e tomando liberdades, até que enfim, sem ser um conquistador, era um homem feliz, que sem paixões genésicas, sem trabalhos de estratégia, tinha mulheres que o adoravam... prazeres sem gastar dinheiro.

– Era a Tonica. O doutor a conhecia... Ela já tinha estado ali.

E apontou para o gabinete reservado.

– Tonica! tornara o médico pensativo, fazendo esforço por se lembrar. Não! não conhecia nenhuma Tonica!

Ora se conhecia! A filha da Madalena!

– Peior ainda! Ora Madalena! Sabia lá quem era Madalena!?

– É porque não se lembrava. Elas o conheciam muito. E a mãe confessava-se até muito reconhecida, porque o doutor não quisera levar nada!

– Mas o que tinha ele feito afinal, para esse reconhecimento? – perguntara o Dr. Teixeira.

– Havia um ano mais ou menos... começara o pintor a responder. Já nesse tempo andava de olho com a Tonica. Não é que ele fosse um sedutor, isso não; mas, muito bonitinha, ela passava de manhã e lhe jogava flores para dentro da sala. Um dia aparecera lá com a mãe. Queriam uma bandeira de S. João. Ele fizera a bandeira e não quisera cobrar nada. Ficaram amigos, e, de vez em quando,

lá ia tomar uma xícara de café. Mas por esse tempo não havia ocasião; era impossível. Os vizinhos podiam ver, e... seria o diabo! Mas quando menos esperava soube que elas se mudaram para a *Estiva*, onde tinham uma pequena chácara, e que, aos sábados, vinham à cidade vender fubá de milho, que moíam no seu moinho, a semana inteira. Só por causa dela estava claro que ele não iria à *Estiva*. Mas, lá fora, para tomar nota para o quadro, e lá se encontraram. Isto havia um ano mais ou menos. A mãe começou a se queixar, nesse tempo, de que a filha estava muito doente, de que o major Zé Antônio, que sempre fora o médico dos pobres e a quem Deus tivesse no Reino da Glória – tinha falecido, e que agora os doentes pobres morriam à mingua, porque não havia dinheiro para os médicos; e os médicos não curavam de graça, etc., etc., – todas essas lenga-lengas... Então aconselhara ele que viessem à cidade e procurassem o Dr. Lins Teixeira, homem... (não precisava dizer o que lhes dissera). E elas vieram e o doutor não cobrara nada, como era de costume aos pobres.

– Mas qual tinha sido a doença?

– Um tumor...

– Para baixo do umbigo, no ventre, do lado esquerdo? interrompera o médico.

– Justamente!

– Ah! conhecia e muito, respondeu, já de pé, e batendo palmas de admiração. – Mas a mãe não era Madalena, era a Nhá da Porteira, morava na rua da Porteira, lá adiante, e o nome da filha, esse ele não sabia.

– Pois era essa mesma. Chamava-se Madalena; a filha, Tonica; mudaram-se pouco antes da operação.

– Ah! mas aquela rapariguinha era coisa fina. Lembrava-se ainda e perfeitamente!

E contou-lhe em seguida a história da operação. Que a mãe não quis que cortasse a camisa; que ele trouxera uma colcha para tapar-lhe as pernas até às virilhas, mas que, ao golpe do bisturi, ela não resistira, descobrindo-se toda... etc., etc.

– Pois era essa mesma, confirmara o pintor.

E continuou:

– Depois de muito amigo, fazia agora uns dois meses... Agora

no que ia entrar, em maio, completava a Tonica 15 anos. Mas, uns dois meses atrás, tudo tratado, ficara ela em casa, à beira do rio, e a mãe viera vender fubá. Era um sábado... Não imaginava! Depois disso, todos os sábados, – lá estava. Agora o engraçado (e só por causa disto é que ele estava contando aquela história) é que a Tonica já estava de filho na barriga e... era ele o pai. Ora Jacob Despois, o pintor, reduzido a pai! – assim terminou ele sua aventura.

– Tocasse! falou o médico com entusiasmo e levantando o cálice. Bebia à sua saúde, às suas aventuras, à sua felicidade!

O pintor tocou o seu cálice no do médico e ambos beberam até o fundo.

– Felizes! começara o doutor a falar com grande intensidade, de sentimento e à maneira de discurso. Felizes os que na vida contavam, como o pintor, os dias por minutos. Essa era a expressão do bem-estar, a desejada paz do espírito, a ausência das mágoas, a ignorância do lado mau da vida! A mulher não se devia amar com o coração: amá-la, sim, devia-se, mas com a inteligência ou com esse novo sentido, que tem sido proposto em anatomia e fisiologia por se compor de um verdadeiro e completo aparelho, – o sentido genital. Quanto mais animalizada a criatura, quanto mais bruta, quanto mais carne fosse, tanto menos sofreria. Convinha não levar em conta a dor física. – A dor física percorria a gama da existência, com intensidade igual, desde os primeiros seres, os mais rudimentares, imperfeitos, desde os protistas[79] até às formas vivas mais complexas da matéria organizada. Portanto ficava de parte a dor física. Mas a dor moral! essa, cuja intensidade crescia na razão direta da complexidade e aperfeiçoamento dos organismos, por isso mesmo que o homem era o último termo da criação na Terra, – parecia ser nele a síntese de todas as dores de todos os outros animais precedentes na escala, a soma de todas as tristezas, o conjunto de toda a maldade do Universo, guardada na humana, pequenina caixa de um crânio. Quanto mais se descesse pela cadeia da vida, de tipo em tipo, de organismo em organismo, tanto mais se verificaria a simplificação, a diminuição da dor moral até que, nas camadas ínfimas, tão leve e insignificante ela se mostrava, – que desaparecia de

todo se a comparassem com a sua congênere nas camadas altas da humanidade. Por isso, felizes os que, por um atavismo de remotíssimos séculos, ainda que homens e talentosos como o pintor, eram os herdeiros da animalidade de seus antepassados, quanto ao que concernia à sensibilidade moral. Produtos inconscientes de gerações que pensaram do mesmo modo, eles iam se libertando, de pais a filhos, no correr dos tempos, – desse modo característico do coração do homem, o sentimento, grande útero fecundo que concebia da educação em sociedade – a dor, esse batismo das lágrimas, início da descrença e fonte justíssima das contemplações de Schopenhauer! Para esses fora justa a Natureza. Ao dar-lhes paixões, lhas aninhou nos próprios cérebros para que dessem livre expansão às suas tendências: – o estatuário abrindo no bloco de mármore a estátua que as suas paixões estéticas lhe erigiram primeiramente na região subjetiva do espírito; – o pintor, cobrindo na tela o debuxo ideal que a sua imaginação concentrada nela enxerga; – o músico, corporizando graficamente a harmonia que o ouvido do pensamento primeiro escutara; – o escritor, materializando, a pena e tinta, as diversas formas e percepções de sua atividade mental, como o construtor, reunindo a alvenaria com argamassa, para cobrir o plano que, antes do trabalho manual, levantara o da inteligência; – o poeta, essa corda sensível da Natureza, corda que vibrava a todas as suas vibrações, aumentando-as com o poder da imaginação, num fetichismo deslumbrante, numa homenagem à grandeza do Universo! – o poeta! tubo de vidro em espelho, como coluna no centro da Natureza, para que nele se incidissem todos os bulícios dela, todos os seus encantos, todas as suas maravilhas, e ele as transmitisse sonorizadas, na harmonia do ritmo, aos que passavam na estrada da vida, de *Nada a Nada*, de *Inconsciência a Inconsciência*; – todos esses, privilegiados do ACASO iam atravessando a existência, de princípio a fim, com o sorriso nos lábios e a alegria no coração; porque as mágoas que pudessem sofrer poderiam também vencer, como nascidas, crescidas, e vividas dentro de si próprios. Mas, os outros? Aqueles que, deserdados, estavam fatalmente acorrentados a cousas mais da superfície da terra, mais da contingência da vida? Aqueles que no caminho escuro da existência

tiveram que encontrar com o espectro das paixões afetivas, conglobadas todas numa única expressão – a mulher? O estatuário arrancava do mármore a imagem da mulher amada; – o pintor reproduzia-a na tela; – o escritor nos seus livros, nos seus escritos; – o poeta nos seus versos, e todos evocando assim o lenitivo da inteligência, evocando assim os sentimentos íntimos, artistas que o eram, se apaixonavam pelas próprias paixões, vivendo em si mesmos, numa realidade interior, mais bela que a realidade de fora, mais consoladora que a realidade externa. Os outros? Os outros não tinham evocações a fazer. O pensamento deles não possuía a força de se despegar das formas objetivas que o despertavam a si próprio. Nunca, uma vez preso, nunca mais voltaria esse pensamento ao cérebro, a constituir-se em autonomia, a aprumar-se na liberdade imensa de que o dos outros gozava. Esses desgraçados, nomes obscuros nos turbilhões do mundo, eram as hóstias do sacrifício, aos quais negou-se paz, negou-se repouso, negou-se alegria, negou-se a própria personalidade. Vivendo em outros e de outros, não viviam em si e nem de si; sofriam quando os seus desejos se não realizavam; e tanto maiores eram tais sofrimentos, quanto menos podiam eles desprender-se das causas motivadoras!...

Todos esses pensamentos o médico os expôs com uma entonação triste, dolorosamente sincera, deixando perceber a Jacob as mágoas que lhe iam pelo espírito.

Já em ambos se sensibilizara bastante a bossa[80] da ternura com as libações constantes ao *cognac*. O francês sentia por ver sentir; o médico, porque o sentia de fato.

Os cálices foram cheios de novo.

– Tocasse! tornou o médico, batendo com o seu cálice no do pintor. Assim, pois, bebia à saúde do amigo e ao desprezo que se devia votar às mulheres!

E notando que Despois não entrava em assunto, não lhe interrogava sobre aquela maneira pessimística de ver as cousas; que se conservava calado, sem nada dizer, pró ou contra, continuou, depois de virar o cálice:

– Se ele nunca experimentara a dor de uma paixão não correspondida? Fosse franco!

O pintor abanou a cabeça tristemente, e, mau grado seu, as lágrimas desceram-lhe das pálpebras numa queda súbita.

Ia envergonhar-se do fato, quando o médico o abraçou, pedindo pelo amor de Deus que não se envergonhasse de um sentimento tão nobre! O doutor também ficara com os seus olhos úmidos de lágrimas.

Estava aberto o caminho largo das confidências.

– «Era bem moço ainda, aos 18 anos, quando o seu coração florescera como um lírio virgem ao ar livre do campo», disse o pintor, e parou um pouco.

Sua voz tinha as flexões ternas e melodiosas de uma saudade imorredoura. O médico estava imóvel, suspenso por suas palavras; tinha os olhos fixos nos do pintor, e ternos e brilhantes.

– «Amava o calor e a luz... mas o calor das mãos dela e... a luz de uns olhos de azul, que a terra já tinha furado...»

Limpou as lágrimas com o lenço, pôs o cachimbo em cima da mesa e prosseguiu:

– «Quando veio o inverno, ele foi acompanhá-la ao cemitério da sua aldeia. Ela ia vestida de branco, uma grinalda de flores de laranjeiras na cabeça, e o caixão carregado por virgens...»

Os soluços embargaram-lhe a voz.

– Bebesse! impôs o médico, pondo-se de pé e franzindo as sobrancelhas. Homens como eles não morriam à míngua de coragem!

Viraram os cálices.

– «Sobre a sua cova fora ele o primeiro que pusera um punhado de terra... Quando o inverno foi-se, o *lírio* já não existia. Morrera à falta de calor e de luz; mas do calor das mãos dela e da luz de uns olhos de azul que a terra já tinha furado...»

E depois de uma pausa terminou.

– «Daí para cá aquele coração nunca mais pulsara com afeto, a não ser o amor da Natureza e a amizade dos homens. Como homem, satisfazia, quando muito perseguido, o desejo das mulheres que o procuravam, satisfazendo assim também o seu desejo.»

E sorrindo acrescentara ainda:

– Ouvira sempre dizer que, também, se não se casavam com sapo é porque não sabiam qual o macho.

E o médico, numa agitação contínua, vermelho e trêmulo, contou-lhe tudo, alternando com o pintor os cálices de *cognac*.

Desabafou-se a valer. Reproduziu a história da sua paixão infeliz, desde os primeiros movimentos afetivos, rudimentares como os do feto no ventre, até às convulsões sinistras em que ela se achava ultimamente, no período agudo da sensibilidade amorosa.

Esta narração durou cerca de duas horas, em que os menores fatos foram ditos minuciosamente, repisados e religados uns aos outros, acompanhados às vezes de protestos, de exclamações às vezes, de lágrimas e anátemas, de desespero e de dor.

Nos transes violentos da grande excitação alcoólica, quando ferido em seu amor-próprio, levantava-se ele da altura da própria dor e, dizendo impropérios contra a sua predileta, batia com o punho cerrado sobre a mesa.

– Fora sempre covarde! tímido! disse. Devera antes ter-lhe falado aos sentidos. Se a atacasse, num momento azado, talvez que ela o amasse – excitada pelos desejos. Havia mulheres assim. Se a sua mão, num ímpeto de atrevimento, lhe tivesse tocado as partes mais sensíveis do corpo, embora causasse um protesto, quase um escândalo, passada aquela hora, sossegado o espírito, amá-lo-ia talvez, porque teria visto nele a prova da energia viril, a nota do homem verdadeiramente apaixonado. Mas com a educação que recebera, nada disso era capaz de fazer, e – até pelo contrário – por uma educação aturada da vontade, tratara sempre de evitar que as suas emoções se revelassem no rosto e nos olhos, nas expressões próprias dos sentimentos que as produziam.

À meia-noite abriram mais uma garrafa de *cognac*. A primeira estava esgotada.

Dignos parceiros um do outro, viravam os cálices a miúdo, já muito tontos, com a língua meio presa, a se revelarem segredos mutuamente, a se conhecerem nessa noite mais que em todas as palestras do passado.

Sentiam a sala quente. Abriram as janelas, suspenderam as vidraças.

Fora descera o termômetro três graus. Estava a 11. Uma solidão imensa pesava sobre a cidade adormecida. O luar, baço, tinha uma

tristeza indizível, iluminando à meia luz todas as cousas daquela área. De tempo em tempo caía no céu uma estrela.

Juntos, deixaram-se ficar à janela, a conversar e fumar, a se excitarem cada vez mais. Sempre o mesmo tema, sempre a velha história do amor.

Agora discutiam, querendo cada qual que a razão estivesse de seu lado. Quase brigavam, mas voltavam logo às boas e, muito amigos, vinham à mesa do lampião, onde enchiam os cálices e os esvaziavam em seguida.

As suas pernas mal obedeciam já às ordens da vontade. E quanto mais fumavam mais os objetos se lhes moviam aos olhos.

Em rigor não deviam de beber mais. Timbravam, porém, de fazê-lo, para individualmente não darem parte de fracos.

O médico sentia-se bem. Parecia ter esquecido todas as cousas que o magoavam. Voltavam-lhe ao espírito as grandes alegrias de seus momentos felizes. E percebendo que se insensibilizava aos pensamentos tristes que lhe vinham ao cérebro – bebia cada vez mais.

Falaram de pintura, de música, de medicina, de caçadas, de natação, de cousas da mocidade, de mil assuntos, até caírem no verdadeiramente inesgotável, no assunto erótico, com uma liberdade que não teriam fora do *cognac*, a pronunciarem os termos próprios, descarnados, palavradas que doíam nos ouvidos de qualquer assistente, e fariam as próprias paredes corar.

E chegados aí, nessa região do espírito em que a influência do álcool anula o sentimento do pudor, e em que uma depressão moral nivela o homem com os próprios brutos, para os quais a luz do sol e o olhar do povo não impedem as cenas do cio – porfiavam em pilhérias, desfaziam-se em conjeturas, figuravam proezas estroinas em que eles eram heróis, e as heroínas as moças mais honestas da cidade. Despiam-nas mentalmente, lhes comentando as formas: – que deviam ser assim, que deviam ser «assado», etc., etc. E tinham gestos medonhos e desejos brutais, capazes de espantar as mulheres mais devassas, os D. Juans dos quartéis. E riam-se às gargalhadas, engasgando-se em seguida, tossindo, espirrando com o frio da noite, que lhes entrava pelas janelas, que foram logo fechadas.

Suavam na testa, limpavam constantemente o nariz que destilava uma aguadilha branca, como o começo de qualquer defluxo e... viravam os cálices.

Não levou muito tempo – o pintor caiu, a um simples esbarro numa cadeira. Perdera o equilíbrio, batendo com um dos pés por fora do calcanhar do outro, ao desviar-se da cadeira. E ao amparar-se, para não cair redondamente, esfolara o cotovelo e ia-se levantando com dificuldade, como um pobre boi, cansado de puxar um carro de café, por um dia inteiro de sol.

O médico quis ajudá-lo; caíram ambos, rindo-se muito e se deixando ficar no lugar.

Agora quase não falavam. Mastigavam as palavras, em sua mor parte ininteligíveis, rolando no soalho, suspensos nas mãos, caindo e se levantando, o pescoço sem governo, a boca aberta, o beiço inferior caído, a escorrer uma baba grossa e pegajosa; o nariz a fungar para que o catarro não descesse; os olhos vermelhos e contraídos; as sobrancelhas esticadas em arcos que se abriam e fechavam sucessivamente; as pálpebras frouxas, mal deixando ver as pupilas baças, quase desapercebidas sob os cílios.

– Ali não podiam dormir! gaguejou o médico. Era preciso ir para a cama.

E convidou ao pintor.

– Dali não saía, respondeu Jacob.

– Era preciso sair. Ele é que ali não ficava.

E quis pôr-se de pé. Não o pôde. Saiu a quatro patas pelo soalho afora, arrastando-se, praguejando contra o companheiro: – que era um estúpido! um canalha muito grande! um sujeito muito à toa!

Tinha chegado ao pé da mesa, onde estava o lampião. Virou-se ainda para o pintor e, com toda a energia de que podia dispor no triste estado em que se achava, fuzilou-lhe uma descompostura horrível, por tê-lo abandonado ali, em sua própria casa, deixando-o beber até aquele ponto.

E isso sempre calou no espírito de Jacob, que, imitando o companheiro, seguiu-lhe as pegadas, também a quatro patas, até à mesa, junto da qual se achava o médico, dentro da sombra projetada no soalho.

– Levantar... armas! gritou o doutor, agarrando-se à perna da mesa e pondo-se de pé.

O pintor chegou-se à outra perna e, fazendo o mesmo, gritou:

– Levantar... armas!

E seguros aos bordos daquele móvel, com os corpos caídos um para o outro, fitaram-se e romperam de novo na gargalhada.

– Que mona[81]... ih!

– Ih! que mona! han? respondeu o pintor.

E assim estiveram uns dous minutos.

Já lhes tinham aparecido os soluços.

– Apontar... armas!

– Apontar... armas! respondeu Jacob.

E com grande dificuldade o médico encheu de *cognac* os dous cálices, gritando em seguida:

– Fogo!

Mas Jacob Despois ficou quieto, a olhá-lo com uma pontinha da pupila, e com a cabeça caída ao lado, no ombro.

– Fogo! gritou com mais força o médico.

Nada.

– Fogo! fogo! repetiu ele furioso.

– Não podia mais beber, senão vomitava, respondeu o francês.

– Era só aquele! Só aquele cálice para irem deitar-se.

E a garrafa, que o doutor tinha conservado na mão, fez-se em pedaços no soalho. Também teria só a metade do *cognac*.

– Como era o último, que fosse! disse o pintor.

– Então... fogo?

– Fogo! respondeu Jacob Despois com arrogância.

E viraram os cálices.

O médico desceu pela perna da mesa, e, acompanhado pelo pintor, entraram ambos, a mãos e pés, no quarto onde havia outro lampião aceso.

Subiram à mesma cama, como uma lesma sobe a um tijolo, e deitaram-se vestidos, ofegantes, com o nariz em água e a cabeça em roda viva.

O pintor lançou... cargas ao mar.

No dia seguinte só acordaram às nove horas, despertados pelo criado que lhes batera à porta. Encontram-se no pote, a beber água, queixando-se de um mau gosto horrível na boca.

O médico fizera preparados para combater os efeitos terríveis daquela embriaguez.

Almoçaram juntos às 11 e meia e a uma partira o doutor, acompanhado de seu criado, para a viagem de que lhe falara na véspera, daí a 9 léguas.

Nesse dia, à tardinha, lá foram major e família, despedir-se dele.

Era a primeira vez que Ester e D. Eufrásia pisavam naquela casa.

Seriam 5 horas da tarde. Lá encontraram a cozinheira a fazer a limpeza da sala. Havia cadeiras caídas; sinais de cuspo e pontas de cigarro por toda a parte. Uma garrafa de *cognac*, em cacos, ao pé da mesa, e outra vazia sobre esta, – atestavam ainda, com os cálices sobre o oleado, que naquela noite fria o médico e mais alguém ali estiveram a beber.

Ester, curiosa, passara um olhar rápido sobre todas as cousas, uma por uma. Em um papel que estava perto do lampião leu escritas a lápis, letra do médico, uma meia dúzia de frases e palavras, que não se prendiam umas às outras, mas que tiveram para ela uma referência à paixão daquele homem. Examinou o gabinete particular; abriu um livro de obstetrícia que estava sobre a grande mesa do laboratório, mas o fizera tão infelizmente que o fechara logo, como se lhe tivesse queimado os dedos. Essa obra tinha estampas. E, voltando, enfiou a cabeça numa porta e ficou a olhar o quarto do médico.

Lá estava ainda a cama desarranjada, com dous travesseiros, como se ele fosse casado.

Ficou triste e veio para junto dos outros, que falavam com a cozinheira.

– Era exato; fora para daí a 9 léguas, chamado às pressas, dizia a cozinheira, escorando-se no cabo da vassoura.

– Mas, aquela noite ele deitara-se tarde? perguntou Ester.

– Tarde! deitara-se hoje mesmo, já para amanhecer o dia.

Retiraram-se.

No dia seguinte, às 6 horas da manhã, tomava o major Cornélio com sua família o trem de S. Paulo.

Quando o comboio[82] apitava para partir, chegara, a cavalo e a toda a pressa à estação, um escravo do tenente-coronel Jerônimo de Aguiar e, apeando-se, entregou ao major, na portinhola do vagão, uma carta da parte de seu senhor.

VI

O dia estava amanhecendo.

Era uma manhã fria, triste. Havia grande movimento de nuvens, e soprava com intermitência um vento incomodativo que vinha dos lados do norte.

Tinham dormido pouco essa noite. Tinham ficado até tarde a arranjar na sala tudo quanto era para embarcar no outro dia. A cada momento lembravam-se de uma cousa, de mais outra; e o tempo ia passando. Quando tudo esteve pronto, noite adentro, era quase duas horas; já os galos tinham cantado a segunda vez. Antes das cinco todos estiveram de pé, e a essa hora inundou a casa inteira o cheiro delicioso do café que Joana estava a coar na cozinha.

Ester dormira menos que os outros, e o pouco tempo que dormira tivera sonhos nervosos, rápidos, fugitivos como as ideias malconcebidas, que ficam sem permanência na memória.

Já agora, ao balanço do trem e ao ruído das rodas, encolhida a um canto da primeira classe, imóvel e com os olhos fechados, tinha a formosa rapariga, sem dormir, as aparências de quem dormia.

Eram os únicos que ocupavam a primeira classe. Ricardo estirou-se logo em um banco e adormeceu. D. Eufrásia vinha pensativa, olhando pelas janelas ora a fumaça da locomotiva, enovelada e branca, cintando o fundo verde da mata, ora as grandes árvores e cavas, pedaços de morros e trechos de cafezais, que lhe fugiam dos olhos numa sucessão interminável de movimentos.

Dentro em pouco o major adormeceu também.

Enrolada em sua capa de lã, sobreposta ao guarda-pó, ia pensando a moça num dilúvio de pequeninos nadas, que lhe foram crescendo no espírito a pouco e pouco, encorporando-se em formas vivas, se movendo e chocando, e lhe absorvendo inconscientemente todas as energias.

A princípio foi uma grande alegria, uma alegria secreta e amorosa, alegria livre da mulher que se supõe livre um momento para ir buscar o amante com quem nunca estivera, mas do qual tem a

certeza de que não será repelida em seus carinhos; alegria doida do lepidóptero que levanta o voo, voo livre e balançado, do lugar em que nasceu, e sobe, sobe pelos céus de julho, azulados e límpidos, à procura da companheira que se embriaga de azul; alegria do coração inexperiente que, às primeiras lufadas do amor, julga perto a tempestade que só o tempo e o martírio produzem.

– Ia vê-lo em S. Paulo! era a frase que o seu pensamento repetia.

E perto dessa imagem de um desconhecido, mau grado seu – surgia a imagem do médico, com todas as suas suscetibilidades e maneiras, gestos e opiniões. E, sem o querer, repartia fielmente nessa hora todos os seus pensamentos com ambos.

Mas, por um esforço intelectual que lhe comprazia, julgava que pensava mais no desconhecido de que no Dr. Teixeira. E, provocando a memória, via-o loiro, loiro como o Nazareno, embelezado por sua fantasia, apaixonado por ela, noivo, depois esposo, depois pai! Sentia mesmo com antecedência, por um fenômeno de concentração mental, por uma espécie de pré-sensação dos instintos maternos, – essa adorável ternura das mães, uma das mais belas páginas do livro da Natureza.

Ia pensando:

– Ah se ele soubesse o mundo de carinhos que ela possuía para oferecer-lho! – o que era capaz de fazer como sua escrava, que o era voluntariamente: como vítima daquele amor de fogo, desejoso e i superável! Se ele não a quisesse, ela... voltaria. Quantas vezes tinha pensado aquilo! E, voltada que fosse, iria confiar a vida ao fundo negro do rio ou à violência de um veneno qualquer. Seria Cleópatra... Antes assim, – o descanso! O descanso que todos buscavam e poucos encontravam. Na pesada escuridão que tem o fundo dos rios, nem sentiria ao menos o rolar das águas; não veria o olhar das estrelas, das longínquas estrelinhas, que lhe pareciam segredar todos os dias com seus raios de luz: – «Voa! Sê livre!» Lá, no fundo do rio, não sentiria mais o espinho daquele amor infeliz. Pensava como o seu mestre: – o silêncio da morte, na inconsciência do *Nada*, era incomparavelmente preferível ao borborinho da vida com a estupidez das convenções sociais. Depois – morrer era libertar-se, no sentido mais genuíno da palavra.

Grande homem que era aquele médico, seu mestre e amigo. E como devia conhecê-la! Se não a conhecesse, ela estaria morta. Com que zelo, com que interesse estudara profundamente a moléstia de que ela ia sendo vítima, chegando ao conhecimento de todas as particularidades anormais produzidas pelo seu temperamento! – chegando quase ao conhecimento da causa primeira que a originara, causa que ela ia agora buscar em S. Paulo, para satisfação de suas necessidades afetivas.

E, pensando sempre no mesmo assunto, foi-se a pouco e pouco entorpecendo, numa tristeza suave, docemente poética, alimentada em parte pelo *rum-rum* do trem que voava pelas fertilíssimas culturas do Oeste.

Perdia de tempo em tempo o fio do pensamento, quando o comboio apitava ou parava em alguma estação.

Já agora tinham entrado mais passageiros para a primeira classe. Pareciam todos membros de uma só família. Era uma velha de cabelos brancos, abertos em dous grandes bandós sob as abas largas de um grande chapéu, rosto vermelho e simpático, figura de uns 70 anos mais ou menos, tagarela e risonha, como se estivesse mais perto do berço que da cova; – duas moças loiras, bonitas e bem-vestidas, também risonhas; um velhote de seus 50 anos, queimado de sol, tipo de fazendeiro, e um mocinho débil, pálido, de olhos negros e brilhantes, o qual entrou com uma rapariga forte pelo braço, também loura e corada, seios grandes, e que parecia irmã das outras duas. Provavelmente eram casados, e ele era genro do velhote de 50 anos, que por sua vez parecia filho da velha de 70. Os que entraram de braço dado sentaram-se juntinhos e um tanto separados dos outros; envolveram-se ambos no mesmo xale e ele deitou a pequena cabeça sobre o ombro da companheira, e fechou as pálpebras. Parecia doente. Ela o acariciava e ele sorria; era um sorriso triste, de agradecimento. Veio-lhe uma tosse forte, convulsa, e, quando ele escarrou, os outros se reuniram para ver o escarro.

– Aquilo não era nada! disseram ao vê-lo ficar muito pálido. Que diabo! um rapagão forte, com medo de um escarro de sangue!

O incidente permitiu que as duas famílias travassem relações.

– Havia três meses que ele estava casado. Era forte, e não sabiam como tinha sido aquilo! A cousa começara pelo estômago; não parava nada dentro; depois febre, dores nas costas e no peito, tosse e escarros de sangue. Iam para Campinas consultar e tratar. Era outra cousa; lá havia médicos muito bons.

Todos estavam com dó. Ela, a esposa ficou... que parecia um cadáver. Agora deitara-se ele de banda, a conselho do major Cornélio, com a pequena cabeça sobre a coxa volumosa de sua mulher, que se ajeitara no assento para que ele estivesse a gosto. De vez em quando ela punha-lhe os lábios na face para ver se ele estava com febre, e, ao retirá-los, ouvia-se o pequenino chiar de um beijo; então ele sorria com malícia, voltava o rosto e, com os olhos abertos e lânguidos, fitava-a muito tempo; depois, suspirando, readquiria a primeira posição.

E assim foram até Campinas onde desembarcaram, e desapareceram do outro lado da estação.

Esse quadro impressionou extraordinariamente a filha do major Cornélio. Talvez que aquela esposa fosse cúmplice inconsciente do estado grave daquele pobre moço.

– Quando ele voltava o rosto para a mulher e sorria, disse Ricardo sem segunda intenção, ambos ficavam se olhando, com uma expressão tão triste e resignada como se se estivessem lembrando de uma felicidade perdida.

E perguntou se não estavam com fome.

Caíram na gargalhada e abriram os cestos onde vinha o almoço de viagem, que encontrou boa disposição em todos.

– *Jundiaí*, disse Ricardo à irmã, mostrando-lhe a pitoresca cidade no dorso de uma colina.

Começavam a sentir que ia esfriando muito.

– Desde que se passava de Jundiaí, ponderou ainda o rapaz, que era da roda quem conhecia mais essas cousas; – desde que se passava de Jundiaí, sentia-se logo a diferença. Ia esfriando cada vez mais até S. Paulo. Tinha, havia tempos, colecionado umas notas sobre a altura das principais cidades da província. S. Paulo era mais alta que Jundiaí. Não se recordava bem, mas parecia-lhe que a

diferença não era muito grande. Em todo o caso não chegava a 15 metros, tinha certeza; e entretanto S. Paulo era muito mais fria que Jundiaí. Campinas, sim; a diferença já era bem maior.

– De quanto? perguntaram.

– De cerca de 65 a 70 metros.

– Mas, então qual a altura de S. Paulo?

– Pouco mais ou menos, três quartas partes de um *kilometro* sobre o nível do mar: – 756 metros.

E ferraram na prosa.

O comboio, agora, voava com mais rapidez. O céu nublado parecia prometer chuva. Dentro de pouco tempo estariam em S. Paulo.

– Aquele ventinho frio que soprava, ponderou Ricardo, era o sudeste que, muito frio e garoento na capital, ia diminuindo até às alturas de Jundiaí, em cujas paragens desaparecia. Em S. Paulo era geralmente conhecido com o nome popular de «*Santo-Amaro*», porque vinha mais ou menos dos lados da povoação de Santo Amaro, a duas léguas e tanto distante da grande cidade. Um horror quando o *sant'amaro* caía forte. Em Santos, o vento temido era o *noroeste*. Uma cousa pavorosa; quente como a boca de um forno, violento e pernicioso, trazendo consigo grande carregamento de dores de cabeça e ferroadas de calo. Um horror! Um verdadeiro horror! Uma ocasião apanhara ele em Santos três dias de *noroeste*. Não imaginavam! Nunca sentira um mal-estar tão grande; perdera o apetite; não havia cerveja, nem refrescos, nem banhos frios, nem gelados para semelhante inferno: era um sol de fogo, areias revolvidas, árvores vergadas por terra, suor em bica, cabeça tonta, calos a picar... Não havia enfim uma posição, um recurso, um remédio para semelhante cousa! Contaram-lhe lá que as mulheres, então, – sofriam mais que os homens nesses dias. E que se fosse morar numa terra dessa ordem! Se não fora isso, o calor e a umidade, Santos seria um paraíso. Só o mar... quanto não valia o mar! A Barra! que bela cousa que era a Barra! Os passeios pelos canais, as variadíssimas paisagens, a sociabilidade da população, de mais fácil convivência que a de S. Paulo. Mas o diabo era o *noroeste*!

– Quando houvesse um dia de noroeste, acrescentou depois de alguma pausa, dirigindo-se à irmã – havia de levá-la a Santos.

Nesse instante escureceu. O trem tinha penetrado no túnel, o que os obrigou a mudarem de assunto.

– Ora que diabo! tão distraídos que nem viram a entrada do túnel! Mas ao menos iam ver a saída.

E ficaram prontos para quando começasse a clarear.

Zás! saiu o trem do outro lado.

– E esta! estava surda! disse D. Eufrásia.

– Era aquilo mesmo, natural. O barulho do comboio nos túneis, quando estes não eram pequenos, deixava no ouvido uma sensação de surdez, – ponderou ainda Ricardo.

Mais adiante:

– *Belém*! Gritou um empregado batendo nas portas dos vagões.

Estavam na estação de Belém. Foi um momento só; o trem partiu logo.

– Agora só faltavam duas estações, acrescentou Ricardo: *Perus* e *Água Branca*. Depois *Luz* – já em S. Paulo; – a última. Dali de Belém a S. Paulo eram...

E abriu a carteira para verificar.

– Dali a S. Paulo eram 39 *kilometros*: seis léguas e meia. Aquilo ia num ápice, enquanto o diabo esfregava um olho.

– Mas como estava frio, meu Deus! exclamou D. Eufrásia, enrolando-se toda num grande xale de casimira.

– Pudera! Pois se estava soprando o *noroeste*! replicou Ester.

– Que noroeste! tornou Ricardo, dobrando uma gargalhada. Sudeste! acrescentou para a irmã, demorando-se em cada sílaba para que ela tomasse nota.

Tinham já passado a estação dos Perus.

Cada vez descia mais a temperatura e mais nublado parecia o céu. O sol ia se mostrando mais raramente aqui e ali, por entre massas pesadas de nimbos: saía às vezes em fachas por clareiras nebulares, doirando uma encosta de colina, um topo de morro ou trechos verdes de algumas vargens. E desaparecia logo, com o movimento do comboio e o movimento das nuvens.

– *Água Branca*! gritou o empregado.

– Estavam distantes de S. Paulo uma légua apenas, disse-lhes o rapaz.

– Tão perto de S. Paulo, e tão longe de casa! replicou Ester.

E lembrou-se do médico. Quando foram despedir-se dele não o tinham encontrado. Bom, generoso, partira em cumprimento de seus deveres profissionais; e não o vira como queria vê-lo.

E teve uma representação viva do gabinete, dos móveis, da garrafa quebrada, dos cálices, de tudo que vira na sala do Dr. Teixeira. E, rápida, passara a mão pelo rosto, como para afugentar o grande calor que lhe subira às faces: – tinha se lembrado, também, nesse momento, do desenho que lhe aparecera repentinamente ao abrir o livro de obstetrícia. Com os olhos fitos no ar, como se estivesse a ver aquele desenho, pensou consigo mesma: – «Como sofrem as mães!» E instintivamente voltou os olhos para D. Eufrásia. Tinha vontade de ler um livro daqueles. Entendia que à mulher não se devia negar conhecimentos, fossem quais fossem. Se aquilo era tão natural, se estava na própria natureza das cousas, e nesse drama solene de dores e venerandos prazeres maternos, a mulher era o principal personagem, – porque conservá-la ignorante dessas dores que santificam e que tanto a enobrecem, completando o seu destino na vida – o ser mãe?...

E pensando que para ser mãe era preciso que houvesse um pai, lembrou-se outra vez, no correr desses pensamentos, da cama do médico, que ela vira com dous travesseiros seguidos, como se fosse uma cama de casados, como se ele não dormisse só!

Ficou triste por muito tempo.

– Quem seria? perguntou mentalmente a si mesma, e sentiu-se a picar de ciúmes, com um grande desejo de saber quem era. A cama estava desmanchada... parecia ter havido luta. Ele deitara-se de madrugada... mas antes de deitar-se estivera a beber. Sozinho, não teria bebido duas garrafas de *cognac*, nem teria deitado os móveis por terra, nem fumado tantos cigarros... O chão, todo cuspido, e cheio de restos... Como fora estúpida de não perguntar à cozinheira quem lá estivera! Provavelmente a *Quebra-mato*, que era quem estava na ordem do dia e a cousa assim mais limpa que havia na cidade. Mas nunca pensava que ele descesse tanto! Se não visse a desordem de tudo e os vestígios da orgia, nunca, palavra de honra, que nunca o julgaria capaz de...

– Lá estava o *Ó*, mostrou-lhe Ricardo, apontando para a esquerda.

– Que *Ó*?

– A povoação de *Nossa Senhora do Ó*, respondeu ele, célebre pela caninha que lá se fabricava, deliciosa aguardente conhecida pelo nome de *caninha do Ó*.

– Ao menos de nome era afamada, ponderou o major.

E ficaram-se a comentar a povoação, situada sobre o morro, nas elevações que vão subindo gradativamente até a serra da Cantareira.

Falou-se da cachaça do João de Souza; essa, sim, é que não tinha parelha; limpa como cristal, e forte que parecia restilada.

– Mas de mau gosto, afirmou Ricardo, e a caninha do Ó...

– Isso de mau gosto era por causa das terras...

– Sim, mas a do Ó não tinha esse defeito.

– Que estava muito cansada, ponderou D. Eufrásia.

– É que ela nunca tinha chupado um golito da do Ó, gracejou o rapaz.

E todos riram por causa da cara que ele fizera.

– Lá estava a *Penha*! mostrou ele ainda para a esquerda.

E enquanto olhavam todos para a Penha, contou-lhes as festas de setembro, que ali terminavam depois da novena, no dia 8, todos os anos, com uma concorrência de doze a quinze mil pessoas, rolo a cada instante, grossa pancadaria, camoecas de escachar pessegueiro[83], alta jogatina, em que se via tudo, desde quarenta ou cinquenta bancas de búzio, debaixo de grandes telheiros e toldos, bancas redondas, como tampas de caixas, envernizadas do contato das mãos, até às grandes roletas, o baralho, as rifas, as rodas, o víspora, a «estrada de ferro», mil diversas, variadas maneiras de sacar com jeito o dinheiro alheio. E... era uma verdade: – lá iam jogar figurões, altos coturnos da capital paulista. Mas era bonito! aquele mundo de barraquinhas, de circos mecânicos para crianças, de botequins, de cafés ambulantes, cervejarias improvisadas, realejos, cosmoramas, bandas de música, gabinetes particulares de grandes regabofes...

– Por isso é que ele perdera o tempo em S. Paulo, disse-lhe o major, que lhe estava a ouvir calado aquela descrição calorosa das festas da Penha!

Ricardo encalistrou-se um pouco e depois de se ter voltado para o lado direito:

– Olhassem! olhassem! disse. Não estavam vendo aquele grupo de árvores no alto?

E da janela do vagão apontava para o poente.

– Que vinha a ser aquilo? perguntaram.

– Pois era o cemitério de S. Paulo, no alto da Consolação. Estavam já na capital. Tudo aquilo eram casuarinas, aquelas árvores.

E o trem começou a apitar fortemente, seguidamente, dando o sinal de chegada.

– Dali é que era vista, – acrescentou Ricardo, depois de apontar outra vez para o cemitério.

E puseram-se a olhar as casas que iam desaparecendo, umas atrás das outras, com a velocidade do trem. Sentiam frio. Para a hora em que estavam, a temperatura era muito baixa.

O céu, todo tapado de nuvens escuras, tinha nas últimas camadas de cima um fundo pardacento, imóvel, cor de cinza molhada. Era um dia triste, úmido, que eles não sentiam por causa da novidade de estarem chegando à capital da província.

Essa data nunca mais lhes fugiria da memória, data de sua chegada a S. Paulo, – 1.º de maio de 1886.

Triste é o mês de maio em S. Paulo. Vieram encontrar a estação a meio-outono. Há grandes saltos de temperatura, descendo o termômetro rapidamente. Em geral o céu se conserva enfarruscado e os nevoeiros e garoas, manhãs e noites, se estendem pela cidade, envolvendo-a num como espesso lençol alvíssimo. É o mês dos grandes nimbos, constantes e pesados, lentamente movidos, nos baixos da atmosfera, pelos ventos frios do sul, núncios incomodativos de que o sol já se vai afastando para o polo do norte, e de que nos vamos aproximando da frigidíssima Antártica. Às 5 e meia já era noite. Anoitecia rapidamente, sem crepúsculo, sob um céu pesado e próximo, onde as estrelas se escondiam, longe, por trás da grande massa nebular. Em compensação, é maio o mês das camélias brancas, termo de comparação para o que houver de mais alvo, de mais cândido e fresco; são estrelas vivas por sobre o verde dos jardins, aos quais

adornam com graça, beleza e encanto. O mimoso bogari, a finíssima parasita, os cravos; a magnólia pumilia, de tamanho perfume, suave e doce; o singelo jasmineiro em flor, os cravos e o jasmim-manga... todos eles reunidos parecem compensar no olfato o que o céu turvo nega aos olhos. Os dias, já bem curtos, de 11 horas no máximo, e diminuindo cada vez mais. Às vezes trovoadas monótonas, a rolar pelos céus, em movimentos curvos e surdos. Floresce a ameixieira; amarelece a relva, porque junho aí vem com o seu solstício do inverno e os seus frios rigorosos. Poucos são os dias de luz do maio paulista, desse mês chamado das flores e de Maria.

O trem tinha parado na Estação da Luz. Agrupados, todos eles olhavam, reparavam, já fora, na plataforma. O burburinho do povo; o tinir dos ferros aos choques dos vagões; a maneira da estação; pelo fundo – as árvores do *Jardim Público*, com o seu alto observatório; o barulho dos carros na rua; o *rum-rum* dos *bonds*; o papagueiar dos cocheiros; o vento frio... tudo isso ao mesmo tempo lhes roubava a atenção a todos, que se sentiam alegres e dispostos a jantar, ansiosos por verem de uma vez a capital inteira.

Ester lembrou-se do momento da partida naquela manhã, às 6 horas; lembrou-se do médico, do seu gabinete, do livro de obstetrícia, da cama com os dous travesseiros e da bela figura daquele moço que ela adorava, formoso e louro, e que devia encontrar em S. Paulo.

Era essa, havia muito tempo, a sua ideia-fixa, caprichosa: – vê-lo, descobri-lo em qualquer parte. Depois... seria o que ditassem as circunstâncias.

E nessa doce esperança, intimamente, profundamente alegre, agitada e comovida, como o pêndulo de um relógio havia uma ideia tenaz que lhe oscilava no espírito, verticalmente, de um a outro extremo da consciência, dizendo em cada um deles – *S. Paulo*! Essa era a ideia-capital, em torno da qual todas as outras turbinavam. O mais que pensasse não lhe perturbaria a oscilação desse pêndulo; seriam os quartos de hora, os minutos, os segundos... É que só aquelas duas palavras lhe pareciam incorporar por assim dizer toda a sua aspirada felicidade, uma felicidade para o futuro, um sonho que sempre lhe parecera impossível.

Acomodadas as bagagens, sentados no carro, tudo pronto, partiram.

Ricardo vinha dizendo à irmã o nome das ruas, à medida que por elas passavam. Ele e Ester, num carro, na frente; os outros vinham noutro carro, atrás. Estes nada sabiam. O major já tinha vindo a S. Paulo algumas vezes; tinha mesmo ido ao Rio; mas eram sempre viagens rápidas, feitas à toda a pressa, viagens de fazendeiro que trata de seus negócios. Por isso ele e a mulher punham agora as cabeças para fora do carro e espiavam calados, atentos, reparando tudo: os *bonds* cheios de passageiros, as fachadas dos prédios, o movimento do povo, os grandes cartazes de diversas cores, sobre as paredes, iluminadas pelos lampiões de gás. Mais adiante, no horizonte, grandes montões de sombras, cortadas de quadriláteros de luz: – era o amontoamento das casas, iluminadas por dentro. O céu estava negro; aqui e ali algumas grandes nódoas brancas, refletidas da iluminação.

– Rua *Florêncio de Abreu*, antiga da Constituição, disse Ricardo.

E contou-lhe em seguida porque mudara de nome aquela rua. Feia, ruim, embelezou-a o presidente Florêncio de Abreu, rebaixando--a muito, calçando-a, organizando aqueles *passeios* de grades, etc., etc.

– Lá estava, para a esquerda, onde ela via aquelas luzes, o *Brás*, grande e populoso bairro de leste, sobre a várzea e mais terras baixas do Tamanduateí.

Perguntado, respondeu que o Tamanduateí era um pequeno rio, ou antes uma ribeira, banhando a cidade de sul a norte, separando-a do Brás e lançando-se afinal no rio Tietê, entre os arrabaldes do Bom Retiro e da Luz.

Depois contou-lhe as boas pândegas que ali fizera de dezembro a janeiro.

– Aquilo é que era. Pândegas de canoas, ao tempo das enchentes. Nesses meses toda a várzea era um mar. Tratavam então o dia... O Otávio, o Silva, o Correia, não faltavam. Na hora – era aquela certeza. Ia o vinho, ia o cuscuz, a mortadela e o pão; iam as sardinhas, a cerveja e muitas vezes a *caninha do Ó*, que quase sempre atrapalhava tudo...

Ester ouvia-o com meia atenção, porque a outra metade estava consagrada às outras cousas que lhe iam surgindo aos olhos. Sorria assim mesmo, fazia-lhe alguma pergunta, e ele continuava:

– Aí é que era então: grandes rodadas, rio abaixo, desde os *Ingleses* para os lados da Glória, sul da cidade, até à *Ponte-Grande*, bairro do extremo norte. Ah! que folias! que carraspanas magistrais! Voltavam às vezes com o luar, mortos de canseira, sujos, molhados e muitas vezes rotos e a pele ardendo de sol! Mas... como era bom! que sono à noite! Nunca passara tempo melhor! Viver era assim; o mais, asneira.

Já agora a moça não o ouvia mais. Distraída, engolfada em seus pensamentos, de braços cruzados, recostada ao fundo do carro, deixava levar-se mais pelo balanço agradável de sua imaginação que pelo do veículo. Cabeça sonhadora, coração mordido por afetos caprichosos, combinava com facilidade pensamentos e sentimentos e vivia em si mesma a maior parte das horas de sua existência.

Cismava no moço do cromo ou no cromo do belo moço do baile, ave de arribação que atravessara de um voo o céu de sua cidade natal.

Tinha-o diante de si, numa representação quase palpável, pensativo como naquela noite, simples em seus modos, tão formoso e modesto, poisando sobre as pessoas e as cousas a serenidade azul de uns grandes olhos melancólicos. Havia de encontrá-lo por força!

E oscilava a ideia-pêndulo, tocando-lhe os extremos opostos da consciência.

Nesse momento atravessava o carro por um pequeno largo triangular, onde havia muito povo, muita luz em todas as casas.

À direita, sobre duas portas de um edifício cheio de mesas e formigando de gente, acendiam-se vários bicos num cano de gás.

– Que era aquilo? perguntou a rapariga, aturdida com o grito estridente dos engraxates, dessas crianças italianas que anunciam os jornais do dia, e com o falatório dos transeuntes e o barulho dos *bonds*.

– Aquilo era o Java, o *Café de Java*, respondeu Ricardo. Pois lesse; não via o nome escrito a letras de gás no cano?

E ela pôs-se a ler o nome do café nas chamas batidas de vento, e por isso mesmo azuladas.

– Era sempre assim? perguntou ao irmão.

– Sempre, não. Nos domingos e dias santos... nos dias de festa enfim.

E perguntou-lhe Ricardo se aquele não era dia santo.

– Não, absolutamente.

– Então não sabia por que era. Naturalmente seria aquilo alguma sopa de tartaruga: – um reclamo para chamar os fregueses.

E contou em seguida que lá mais acima estava o hotel, onde iam ficar, o *Hotel de França*, o hotel do Guilherme como se dizia aqui. Bom homem que era o Guilherme; circunspecto e sisudo; olhava firme por cima do cavanhaque... um cavanhaque já grisalho e com ares de clássico, num rosto simpático, encabeçado por um boné preto de alpaca ou seda. Iam ficar mesmo no centro da cidade, rodeados de todas as comodidades.

E o carro rodava.

A moça ia imaginando que *ele* devia de estar por ali; tanto povo, tanto movimento, tanta luz!

A tensão de seu espírito, preso no dédalo constante das mesmas e repetidas ideias, como que lhe esbatia em cada músculo a sonolência preguiçosa dos desejos estagnados. Estava visivelmente triste. Ouvia-se, à pouca distância atrás, o rumor do outro carro que trazia D. Eufrásia e o major.

A irmã de Ricardo suspirou. Foi um suspiro profundo, doloroso; suspiro de quem sentia a vida como uma grande maçada prestes a desfazer-se.

– Não se incomodasse! disse-lhe o rapaz em tom animador. Que ela sarava, garantia. Havia aqui médicos de primeira água[84]. Escutasse: – o Dr. Barreto... que médico! que operador! Era um tigre, de virar a gente às avessas e tornar a concertar. Em operações então, – cortava a carne como quem corta manteiga! E, em cima de tudo, ainda filósofo.

E contou que houve aqui outrora um professor americano chamado Morton, que viu de que pau era a canoa, numa discussão científica travada na imprensa com o Dr. Barreto.

E continuou:

– Tinham o Carlos Botelho, formado na Europa, muito moço

ainda, filho do barão do Pinhal, e que tinha uma clientela enorme; era o fundador e diretor do *Instituto Cirúrgico, Hidroterápico e Ortopédico*, que funcionava lá para o Brás, rua do Gasômetro... Um rapagão bonito, o Carlos Botelho; sim senhor, lá isso é que era também uma verdade; mas que médico de mão cheia!... Afinal de contas o que ele lhe invejava eram os bigodes: – uns bigodes chiques, cor de peles de lontra preparadas, curvos e graciosos, uns bigodes educados que ficavam onde os dedos os deixavam, como os animais bem-ensinados. Sabia ela o que vinha a ser *hidroterapia*? Talvez que as duchas lhe fizessem bem!... Tinham também o Vergueiro, que estudara na Alemanha, e que era profundo. E, então, que duelista que ele não era! Batera-se muitas vezes lá. Tinha cada sinal!... E assim por diante, muitos outros médicos distintos: Campos, Miranda Azevedo, Mesquita... uma porção enfim.

E ia continuar, mas um forte *belém-belém*, de uma sineta, cortou-lhe a garrulice.

– Estavam no *Hotel de França*, disse ele.

O carro tinha parado.

Conduzidas as bagagens, lhes foram indicados os aposentos que tinham de ocupar.

Essa noite pouco mais dormira Ester do que a precedente. A diferença dos cômodos, trazendo a mudança de hábitos; a falta de *ninho* na cama, uma cama sem a forma de seu corpo; o aspecto do papel da parede; o barulho da cidade até alta noite; de madrugada o movimento dos passageiros que iam embarcar: todo esse fervilhar de diversos movimentos, que produzia diversos rumores e sons, conservara-lhe as pálpebras leves e o cérebro alerta. Parecia-lhe, a cada momento que iam abrir a porta de seu quarto e que mão desconhecida ia pousar-lhe no corpo. E preparava-se para dar um grito que afugentasse o atrevido que tivesse coragem de tal cousa.

Fora uma noite longa, entremeada de sobre-excitações, passada entre estados médios de sono e acordo, nem bem dormida, nem bem acordada. E agora, na escuridão da alcova, como na claridade de seus pensamentos nervosos, mesmo pelo isolamento em que se achava, a ideia-pêndulo tinha mais nitidez, movia-se com mais

amplitude e percepção. Vinham-lhe os pensamentos, uns após outros tripetrepe[85], como ladrões saídos de grandes furnas; e silenciosamente passavam-lhe a unha em todas as suas energias, que se achegavam mais umas às outras para lhes oferecer resistência, acotovelando-se como num incêndio a massa movediça dos assistentes. Esses pensamentos traiçoeiros, involuntários, tomavam-lhe toda a cabeça, nela tripudiavam e se sumiam depois, cedendo lugar a outros que vinham vindo perto.

Às vezes parecia que eles lhe saíam de dentro como emanações dos velhos túmulos, abrindo-se fora em flores de luz que iluminavam a escureza da alcova; e, meio alucinada pela grande concentração de força nervosa localizada numa ideia única, – via fora de si as imagens que tinha no espírito, as paisagens fantásticas do seu amor, leves como as asas das borboletas, variegadas de sentimentos, eterizadas de aspirações, povoadas de pequeninos lábios vermelhos, dois a dois, suspensos no ar como silfos, movendo-se em todos os sentidos, beijando-se repetidamente. Depois eram formas de homens, uns fortes e barbados, que lhe rodeavam o leito tramando uma conspiração contra a sua virgindade; e entre estes ela via a figura do médico, com o seu olhar penetrante e os lábios secos de febre, as mãos ásperas e nervosas, o aspecto levantado e resoluto; – outros, imberbes e fracos, tímidos como as meninas anêmicas, de olhares súplices e furtivos, adorando-a como santa, mas sem fitá-la como mulher; e entre esses teve a surpresa de ver o moço do cromo, que chamou para si, tendo também a decepção de vê-lo empalidecer cada vez mais e ir se sumindo gradativamente à medida que ia subindo em perpendicular pelo escuro do quarto, até desaparecer como um fumo que se desfaz. E, pelo mesmo caminho por onde subira, descia em substituição a imagem do médico, cada vez mais insinuante, mais poderosa e nobre, como se voltasse triunfante de uma grande luta – travada com o seu rival. Sentia-se tonta, atordoada. Passava a mão pelo rosto para afugentar aquelas ideias sinistras, como para verificar se estava dormindo, se não seria um pesadelo... Não! não estava dormindo; não era um pesadelo! – ou, antes, era mesmo um pesadelo, esse pesadelo eterno da incerteza, da indecisão em que o

seu coração se achava perante o médico e perante o outro. Sondava-se a si mesma, auscultava as próprias manifestações mórbidas do sentimento, e quando julgava que o seu amor, que toda a su'alma pertencia ao do cromo, uma parte havia que era do médico, daquele grande filósofo, cuja lembrança surgia sempre de par com a do estudante paulista. De tempo em tempo assustava-se num grande choque ao ouvir as horas dos relógios, dadas nas torres das igrejas. Contava-as todas, quarto por quarto. As noites do interior quanto eram melhores para ser dormidas! Como se atravessava uma noite dessas sem o saber!

Era já de madrugada. Cansada, cansadíssima de pensar e sentir, foi caindo numa sonolência doce, que dentro de algum tempo mais se acentuou, transformando-se finalmente em sonho. Estava de bruços, última posição que tomara no leito, para descansar das anteriores.

Veio-lhe então ao cérebro um sonho que já havia tido uma vez e que lhe fizera muito mal; um sonho cuja história ela quase que a contara ao médico num de seus delírios, sonho que lhe avivava sempre e por muito tempo as impressões afetivas que recebera do estudante e que com o tempo se iam esmaecendo. Esse sonho parecia-lhe uma vista de silforama,[86] iluminada por uma grande luz de foco invisível:

«Era um horizonte vasto, a perder de vista. Um mar sem fim, mar ou lago, imóvel, ao abrigo dos ventos. Lá, na extrema, na praia da frente, como uma *paisagem a óleo*, a verdura primaveril de um jardinzinho florescido, em cujo fundo alvejava uma casa de campo, cercada de arvoredo e palmeiras imperiais. Parecia-lhe aquilo um canto de Veneza. E, olhando para baixo, viu que estava dentro de uma gôndola. Vinha-lhe de longe até aos ouvidos a voz de outros gondoleiros. Era uma dessas barcarolas de amor, em que a poesia e a música popular tinham vazado tudo o que havia de mais sensível na alma italiana. O acento harmonioso e doce daquelas vozes parecia aproximar-se dela. Ora aumentava, ora diminuía de intensidade, segundo a brisa intermitente. Vinha dos lados da Ístria aquele concerto celeste que parecia dominar, fora do golfo, as ondas do Adriático.

Ela escutava, e a sua gôndola ia voando para a praia oposta.

Boiava nos ares dulcíssima fragrância dos campos da Dalmácia. Por cima, abrindo-se numa cúpula colossal, arqueava-se o azul da Itália, fechando a planura do horizonte com a circunferência de um raio gigantesco. E a *paisagem a óleo* lá estava, a chamá-la constantemente. O sol, no ocaso, doirava a copa das árvores no jardim. E a superfície do lago se estendia azulada a perder de vista.

A vela da gôndola era como as asas de um sonho, libradas na fantasia. E ela se deixava levar pelo voo macio da vela branca, ouvindo a barcarola de amor que vinha dos lados da Ístria; e sorvia os delicados perfumes que lhe mandavam os campos da Dalmácia. E à proporção que a gôndola voava, mais se aproximava a *paisagem a óleo*, destacando-se na grade do jardim o vulto de uma figura humana. E os gondoleiros que vinham, cantando sempre, chegavam as suas gôndolas para a gôndola em que ela ia.

Mais próximos agora, ela ouvia o que eles diziam na sua canção. Era a história triste de uma moça que se perdera por um príncipe. Mais ou menos o seguinte:

Nas noites de estio, quando o luar iluminava Veneza e as ondas do golfo espelhavam as constelações do céu, eles saíam na gôndola, vela às brisas, e, longe do bulício do mundo, iam amar por sobre as águas, dormir à luz das estrelas.

Um dia... o príncipe a abandonara.

Quebrado o vínculo que os prendia à vida, ela saiu sozinha na gôndola e foi-se pelo mar afora.

Quando a vaga passou, entregou-se à vaga. Boiou um pouco e desapareceu; desapareceu para sempre, porque ninguém mais tornou a vê-la.

Agora, porém, nas noites de estio, quando o luar ilumina Veneza e as ondas do golfo espelham as constelações do céu, em vez do amor sobre as águas, do sono à luz das estrelas, há uma gôndola sem gente, que voga sobre as ondas, buscando a gondoleira que a vaga levou.

A gondoleira não volta; mas gemem as ardentias e suspiram as estrelas.

E ele, o príncipe, recostado à grade de seu jardim, espera que a moça volte, a gondoleira que a vaga levou.

Começara o crepúsculo. Nos céus, ouro e púrpura; no golfo, miríadas de luzernas penduradas nas gôndolas que se aproximavam, formando um largo semicírculo ao redor da sua gôndola. E os gondoleiros repetiam a barcarola da amante do príncipe. E as lanternas de várias cores projetavam nas águas claridades cambiantes.

E ela ia à frente, vela às brisas, em busca de seu ideal – aquele moço que a esperava na grade, lá ao longe, onde o crepúsculo, a morrer, doirava ainda a casinha branca do jardim.

Ela era a amante do príncipe; não se entregara às ondas como os gondoleiros cantavam; viva, voltava agora para abraçá-lo...»

E acordou assustada, sentando-se na cama, ao rufar de uma banda de música que subia pela rua de S. Bento.

Eram 6 horas da manhã.

Recapitulou o seu sonho tim-tim por tim-tim. Sentia-se profundamente impressionada.

O príncipe que vira, pela segunda ou terceira vez num e mesmo sonho, era ainda o moço do cromo. O jardim, o golfo de Veneza, eram o mesmo jardim e lago do cromo. A história dos gondoleiros... seria um aviso, um desses pressentimentos que tantas vezes se realizam? Isso de crer em sonhos era uma tolice! Demais o moço do cromo não era nenhum príncipe, e se fosse príncipe ela não o amaria, com certeza. Ora que ideia! – um príncipe em Veneza, quando ela estava em S. Paulo! Muito podia a sua imaginação! Deitava-se aqui e ia acordar na China, no Spitzberg, em Veneza ou na lua! Outras vezes – caía eternamente no espaço!

E lembrou-se, nesse instante, de um outro sonho que tivera, havia tempo, e do qual nunca mais se esquecera. A lembrança desse sonho trazia-lhe o sangue ao rosto, num sentimento íntimo de pudor. Ah! mas esse – nunca o dissera a ninguém. Nunca o diria... nunca!

Uma hora depois, em uma das sacadas da sala de espera, observava Ester o movimento da rua Direita[87]. Acompanhava com os olhos o vendedor que gritava as suas verduras; o leiteiro que conduzia a vaca, parando às portas dos fregueses e sacudindo a campainha

para os avisar da sua presença; os carros que iam e vinham; os *bonds*, os passageiros; a rede telefônica, convergindo toda sobre o telhado da *estação-central* que era então no sobrado da frente. Lia as tabuletas, os letreiros das paredes, os números das casas, as suas firmas comerciais. Examinava cuidadosamente cada moço que vinha.

– Quem sabia lá! era mui provável que o visse, mesmo àquela hora da manhã.

Depois do almoço assistira da sacada de seu quarto, que dava para a rua de S. Bento, a subida e descida dos estudantes da Academia, os quais ou iam para as aulas ou delas voltavam.

– Ali estava à sua esquerda, e para cima, a Academia, pegada à igreja de S. Francisco; é o que lhe havia dito o Ricardo.

E sentia n'alma uma como ansiedade restauradora de quem espera a todo o momento encontrar ou ver o que mais deseja.

Amanhecera pálida, mais que de costume; queixava-se de um pouquito de dor de cabeça.

O dia não estava como o antecedente. Ia-se desanuviando a pouco e pouco, e repetidamente mostrava-se o sol entre nuvens, um sol amigo e bom, que abria sobre os telhados das casas um cortinado de luz. Cessara o *sant'amaro* e o termômetro subira à altura de uma temperatura agradável. Já não eram nimbos que percorriam o céu, mas cúmulos esbranquiçados, amontanhando-se uns sobre os outros, em formas bizarras e movediças. E os espaços entre os cúmulos eram azuis, de um azul vivo e belo que lembrava os olhos puríssimos da inglesa mais inglesa da Bretanha.

Depois do almoço saíram todos a dar um passeio de *bond*, para lançar uma vista geral sobre a cidade.

Foram a Santa Cecília.

– Que lindo que era S. Paulo! Que movimento, que luxo, que opulência! Esplêndida a edificação! Casas de muito gosto! Que bonitas chácaras! que jardins! Jardins por toda a parte... – que mundo de flores! Que belíssimas camélias! Nunca tinham visto uma camélia! Lá, elas não davam por causa do clima.

Viam tudo, reparavam em todas as cousas; nada lhes escapava.

– E os chalés? Aquilo era moda nova de casas que por lá não

tinha, disse o major. Muito bonitas e cômodas é que elas eram para morar. Assim é que ainda havia de fazer uma casa.

– E ela, o que estava há muito tempo a admirar entre outras cousas, disse D. Eufrásia por sua vez, – é como os burros eram fortes aqui. Olhassem que puxar um *bond* daqueles, com aquele despropósito de gente dentro!... Os burros de lá decerto que não podiam com aquilo. E bem tratados que estavam, gordos de alumiar o pelo. Vissem o que era o trato. Tudo neste mundo queria bom trato...

– E no outro mundo também, disse o major, que de vez em quando gostava de fazer pilhérias.

Visitaram a nova Misericórdia.

– Aquilo é que era monumento. Pois, senhores, não faziam ideia!... Se não fosse a necessidade de trazerem a filha para os médicos, talvez que nunca vissem tanta coisa bonita.

D. Eufrásia, que não era entendida em tecnologia, do que mais se admirava era «do talento do *carapina*[88] que tinha riscado e feito aquilo tudo».

O major Cornélio era da opinião de sua mulher.

Ester sentiu intensa e agradabilíssima emoção ao descortinar do terraço da Misericórdia o vasto panorama que se lhe desdobrava pela frente, limitado em semicírculo pelas montanhas da Cantareira. Não se cansava de proferir palavras que traduzissem a sua emoção estética; e nisto Ricardo estava com ela – de oposição aos pais que diziam ter visto cousa superior:

– Tinham-se casado de novo e foram ao sul de Minas visitar uns parentes afazendados perto do arraial de S. Tomé das Letras. Já sabiam da história, mas nunca o tinham visto. Passados dias, houve uma festa em S. Tomé e foram. S. Tomé ficava lá nessas alturas, em cima de uma serra que entrava pelo céu adentro. Eh! que cousa! que vista! Isso era uma imensidade de léguas ao redor que nem se contavam. As nuvens ficavam por baixo da gente; as baixadas iam... que a vista não alcançava mais: vales, montes, matas, campos, tudo ficava misturado lá no longe, enquanto mais para perto, e embaixo, estavam pequenos povoados, fazendas, manchas brancas do gado pelas *invernadas* de angola[89], lagoas refletindo o sol, rios com grandes

voltas, aparecendo e tornando a desaparecer... Ah que cousa bonita!

– E as letras, hein? perguntou D. Eufrásia.

– Era verdade, as letras! As letras é que tinham dado nome à povoação. Eram feitas na pedra e ninguém sabia o que era aquilo. Tinha uma gruta, com uma pia natural; de cima, tudo de pedra, caía de tempo em tempo um pingo de água dentro da pia e da pia caía outro no chão, também de pedra, sumindo-se por uma greta. A pia tinha uns lambaris dentro. Tudo aquilo é sagrado, dizem eles, e foi o santo que fez quando por lá passou.

– Visse! Dali via-se melhor a Penha, dizia Ricardo à irmã.

Depois, atirando o braço num largo gesto que descreveu um semicírculo no horizonte, acrescentou:

– Aquela era a Cantareira. De lá é que descia a água para a cidade. Os Ingleses «bicharam» com os paulistas. Aquilo era uma melgueira de primeira sorte.

– Não tinha nome aquele topo mais alto? perguntou-lhe Ester.

– Pois aquele era o Jaraguá. Não se lembrava? Haviam passado perto, na viagem, e ele tinha mostrado.

E enquanto reparava, distraída recitava baixinho, entre lábios, e como uma prece:

«É este o meu pátrio monte
que junto ao rio cresceu,
e que envolve a idosa fronte
nos nevoeiros do céu.

Não temas, não, viajante,
ao vê-lo erguido no sul;
tem águias – são andorinhas
e seu ombro é todo azul.»

– De quem era aquilo? perguntou Ricardo.

– Então não se lembrava mais das *Madressilvas*?

– Ah! fez ele. E acrescentou: – Brasílio Machado.

E desceram todos, e foram subindo a pé enquanto esperavam o *bond*.

– Oh senhor! que belíssimo chalé! exclamou o major, apontando para a direita, e como que pregado ao solo. De quem era?

– De D. Veridiana Prado, respondeu o filho.

– D. Veridiana Prado...

– Sim; mãe do Martinico Prado, o republicano, e do Antônio Prado, o conservador.

– Sabia, sabia. Dois tebas[90] é que eles eram, tanto um como o outro. Mas que chalé! que belo palacete! que belíssima vivenda!

– E se ele visse por dentro então! Diziam todos que aquilo por dentro era uma espécie de Paraíso.

– Devia de ser. Já se via que era uma senhora de muito gosto a senhora... como se chamava mesmo?

– Veridiana Prado.

– Veridiana Prado, era isso.

E se não fosse ter vindo o *bond*, lá ficaria o major Cornélio no mesmo lugar, a admirar o formoso palacete da opulenta senhora.

– Olhassem que aquilo era a *Consolação*, um bairro de S. Paulo, falou Ricardo.

Ali em cima, onde estavam as casuarinas, é que era o cemitério. Haviam de ir lá também, outro dia, para verem o que era uma vista!

Ester ia pensando consigo que a cidade era muito grande. Como descobrir aquele que procurava e que lhe não saía da memória? Não seria ele o verdadeiro médico para a sua enfermidade? Tolos que eram! tinham-na trazido para aqui com medo de que a doença voltasse, só porque ela andara triste e enfastiada alguns dias! Como era certo que qualquer que fosse o remédio devia de ser aplicado não ao corpo, senão à sua alma! O mal estava era no pensamento, no coração. O Dr. Teixeira tinha chegado a essa descoberta. Falavam a esse respeito as notas que ele escrevera à margem dos livros em que estudara a anemia cerebral, livros que lhe dera a ela para ler depois que sarara. Tolos que eram! Então se lhe voltasse aquela doença, ela podia lá consentir outro médico que não fosse o seu amigo e mestre, o seu professor e grande filósofo?

Esses primeiros dias passaram-se todos em visitas à cidade. Era-lhes impossível encontrar melhor cicerone que Ricardo.

Já agora mais acostumada com essa vida, dormia melhor a moça e comia satisfatoriamente.

Com o exercício que fazia todos os dias, voltavam-lhe ao rosto as cores. Acostumara-se já com o barulho da laboriosa capital e admirava-se de ter suposto que nunca se acostumaria com o viver rumoroso das grandes cidades. Via agora que tinha a aptidão latente para o grande mundo, e seu espírito era como um fio interminável de considerações íntimas e de todos os tons, que lhe voavam na transparência dos sonhos, como bolhas de sabão por um céu sem nuvens. Admirava o incessante laborar da massa enorme da população paulistana, que lhe surgia aos olhos como um formigueiro imenso, a remexer num canto do planeta. Todas as classes tinham os seus representantes na obra geral do trabalho, em que cada indivíduo garantia a própria vida com a soma de um esforço pessoal, de que todos se aproveitavam, em troca de conveniência e bem-estar, por menor que ele fosse. Só então é que pôde verificar o que estava acostumada a ler: – que o homem não é um ser isolado, independente, senhor de si, de livre arbítrio e privilegiado. Só então é que pôde ver, sentir e avaliar o que vem a ser a concatenação fatal das necessidades e deveres sociais, presos uns aos outros, especializados pela divisão do trabalho e formando como resultante o grande todo, que é a evolução harmônica e cada vez mais perfeita da humanidade. Havia aqui trabalho para todos, homens ou mulheres, velhos ou moços. Vira um aleijado, um homem que havia perdido um braço, servindo pedras ao calceteiro de uma rua. Lançando os olhos para dentro de uma grande ferraria, avistara sobre um cepo um velho sem uma perna; mas com o braço puxava o cordão da forja; cooperava para avermelhar e amolecer o ferro que o ferreiro ia malhar; dali sairia a chapa de uma roda, o eixo de um carro, ou a ferradura de um cavalo. Esse homem portanto tinha uma parte na obra do progresso, da mesma maneira que o foraminífero[91] microscópico é o grande arquiteto das ilhas do oceano. Ah! era aqui por certo que se podia aprender a avaliar o que era a vida, o que valia a saúde! Abençoada a alegria dos operários! Como era bom trabalhar! Vira em uma oficina de sapateiro 12 ou 15 italianos a cantar, batendo as palmilhas sobre as formas[92], apertando os pontos, pregando as solas.

Tudo aquilo marchava a compasso, o compasso do canto reforçado e vibrante, ao ruído surdo das máquinas de costura unindo as gáspeas[93] ou cosendo os elásticos. S. Paulo se lhe apresentava às suas considerações como uma grande escola prática, em que os alunos não zombavam do mestre; o mestre chamava-se *Necessidade*. Quantos e quantos que lhe não deviam a posição feliz que tinham! Sim, porque só a necessidade é que ensinava a trabalhar, – mais, muito mais que todas as ambições do mundo. Que melhor professora de economia que a necessidade? As suas lições é que tinham criado os grandes tesouros, depois das grandes indústrias! À opressão irresistível de sua força ou a Fome ia buscar o pão ou o corpo animado morria no mesmo lugar. A sua lógica era a mais simples deste mundo; compunha-se de duas condições, à escolha do indivíduo, que só podia se apropriar de uma delas; a sua lógica chamava-se um dilema: – *Ou é forte e vence, ou é fraco e sucumbe*. Não quis que os fracos vencessem, porque para ela o indivíduo não valia nada, considerado em si; para ela, era a Espécie, era o todo que devia de permanecer e tem permanecido. E nisso, que parecia uma dor imensa da Natureza, nisso é que estava toda a maravilha progressiva da vida universal. Os fortes abriam caminho pela estrada real da existência; os fracos morriam-lhe à margem, esfalfados do galope vertiginoso que ia do berço ao túmulo; – aqueles continuavam, estendiam no tempo e no espaço (quantas vezes lho dissera o seu mestre e amigo!) o tronco de onde brotaram, a árvore genealógica onde abriram um dia como flores de carne, transmitindo as heranças que tiveram, mais aperfeiçoadas já, a seus sucessores, e aquelas que adquiriram com as provanças das vida, na prática com os homens; – estes, os fracos, iam a pouco e pouco se abismando na inação crescente de sua natureza frágil e já teriam desaparecido do mundo se, por uma previdência, por assim dizer inconsciente, não se aliassem por vezes aos fortes na obra da Espécie, criando o meio-termo, progredindo mais um pouco.

E lembrou-se de uma página do Padre Vieira, intitulada *Pão para a boca*.

– As próprias mulheres quantas vezes não as vira aqui desempenhando trabalhos próprios dos homens! Vira-as nas boleias das

carroças, de manhã cedinho, rédeas em punho, a vender a verdura, o carvão e os frutos da terra. Eram estrangeiras essas mulheres; eram italianas. Tinham vindo de lá onde o trabalho nobilita e onde se trabalha mais, porque a vida é mais difícil. Boas mestras, as suas lições seriam aproveitadas. Vira-as também dirigindo estabelecimentos comerciais, armarinhos, joalharias, etc. Estas eram francesas em geral. E ainda não bastavam esses braços de carne para levar o alimento à boca faminta da capital paulista! – Braços de ferro, grandes máquinas se ocupavam nesse mister, para saciar o estômago do progresso e manter-lhe a circulação que vinha a ser o dinheiro. Para esses braços de ferro, pouco, muito pouco: – água e fogo; e aí vinha o movimento, transmitido e multiplicado, até às máquinas mais aperfeiçoadas, e para todas as cousas. Bastava erguer os olhos: – de espaço a espaço, por cima dos telhados, aprumavam-se nos ares, sucessivamente, grandes chaminés quadrangulares de tijolos, das casas industriais, desenovelando no azul a cabeleira negra das fornalhas ocultas. Eram torres, torres do trabalho que haviam de vencer, por certo, segundo o espírito do século, as grandes torres mudas e inúteis dos velhos templos de Deus! Sim, porque a época, essa arcava com a pressão crescente de uma descrença tenaz. A Ciência, em relação à ideia de Deus, mas nessa relação unicamente, era um grande mal para os pobres de espírito, porque quanto mais avançava, com o seu escalpelo de análise, mais Deus recuava, negando-se ou não resistindo ao menor golpe. Quanto devia ela ao médico por lhe ter feito ver estas cousas, por lhe haver ensinado a pensar sem ideias preconcebidas! A Ciência, hoje, negava tudo que era divino e provava a sua negação. As *seções científicas* dos jornais faziam jeitosamente essa propaganda, que em todo o caso nunca chegaria a criar as fogueiras da inquisição. E, nessa luta da crença moderna com a velha crença, era raro, notava, havia muito, que saísse a campo um cultor qualquer das ideias atacadas, um sacerdote enfim – capaz de fazer frente à onda revolucionária do espírito científico. E se por acaso um deles se apresentava, era para ser logo fulminado com a argumentação dos fatos, e cair, cair como um sapo, no começo da polêmica. É que as ideias dos povos, como muito bem lera em um livro, eram como as ideias de

um homem: – mudavam para melhor conforme o aumento da idade.

O pensamento de Ester realçava cada vez mais por sua energia vibrante; tumultuava, encachoeirava-se, desprendia-se de grandes alturas ou para lá subia como um aeróstato, até desnortear-se completamente das primeiras cousas pensadas, das imagens que lhe aprazia lembrar.

Tinha um hábito velho a moça, velho e íntimo, que era como uma ginástica dificílima, e que ela gostava de pôr em prática nos dias em que estava nervosa: – dar tratos à memória, a ver se chegava a descobrir o primeiro pensamento que, uma hora antes, por exemplo – lhe servira de ponto de partida àquele que lhe ocupava a atenção no último momento.

E por um grande exercício, ainda que com muito trabalho às vezes, raramente lhe falhava o intento. E assim era que a sua memória se tornara uma verdadeira potência.

Tinham chegado ao hotel. De uma das janelas viu a rapariga uma cena dolorosa que lhe causara um grande abalo: – passara um *bond* por cima de um pobre cão.

Numa agonia lancinante e depois dos primeiros gritos calara-se o mísero animal; com a língua de fora e a cabecear, firmando nas patas dianteiras, arrastando o infeliz os quartos esmagados e sem governo, pois que uma das rodas lhe havia também quebrado a espinha. E debatia-se num poço de sangue, a cair e levantar-se sobre as patas livres, com as orelhas fitas, os olhos saltados de dor, até que enfim, convulso, não se levantou mais e morreu.

– *A dor dos «animais» devia de ser a mesma dos homens*, pensou Ester. *Como estes eles deviam de ter uma alma... «imortal» segundo queriam muitos.*

E as ideias foram-se sucedendo no seu cérebro: eram lembranças que voltavam, de cousas que lera; pensamentos repetidos, sensações já percebidas, imagens, raciocínios, juízos; sentimentos que se abraçavam; outros que se repeliam com descargas nervosas; uns, longos, esguios, leves e rápidos; outros, pesados, de grandes áreas, densos e volumosos; consolações amadas, risonhas e venturosas; dúvidas que não quisera relembrar, sentir de novo, negras e invencíveis; visões de todas as cousas, de todas as formas e tons, e tudo

se sucedendo tão rapidamente que lhe parecia às vezes simultâneo, como se houvesse simultaneidade nas cousas do espírito.

Ao fim de certo tempo o seu pensamento repetia inconscientemente esta frase: «*A forma do manjar devia de ser mudada, a fim de evitar que o pensamento dos homens parasse no seio das mulheres*.»

Estava já a considerar sobre a esquisitice de tal pensamento, quando o irmão bateu-lhe no ombro, chamando sua atenção para outra cousa.

Estremeceu. Sorriu para Ricardo, mas tomou nota da frase. O que ela queria era saber de que maneira fora que da *morte de um cão* tinha ido parar em considerações sobre *a forma de um doce*.

– Sabia ela que o exame médico estava marcado para o dia seguinte, às 8 horas da manhã? perguntou Ricardo. Pois que se preparasse, porque o pai já havia falado aos médicos, que eram três – fulano, cicrano e beltrano.

E contou-lhe curas milagrosas de cada um deles, notando e dizendo que achava a irmã muito preocupada naquele momento e lhe perguntando que cousa tinha.

Como lhe respondesse que nada sentia, que estava apenas com muito dó do cão, que ele também vira morrer, – Ricardo retirou-se a assobiar os primeiros compassos de um tango.

Ester viu-o desaparecer na esquina da rua. Depois voltou às suas ideias:

– *A forma do manjar devia de ser mudada, a fim de evitar que o pensamento dos homens parasse no seio das mulheres*. Isto lhe tinha vindo por se ter lembrado de uma mesa de doces em que houve pratos de manjar com as pequeninas *pomas* tostadas, mesa essa de um jantar político que havia tempos seu pai oferecera aos amigos.

– Mas... donde a lembrança da tal mesa de doces?

Custou muito a descobrir. Via-se-lhe no rosto o esforço de memória que ela fazia, todo o trabalho intenso do pensamento. Apertava as pálpebras, fitava o olhar firme pelo espaço maltratando com os dedos um refolho do vestido, tombando a cabeça ora para um lado ora para outro. Tinha, bem acentuadas, as expressões fisionômicas de quem procurava uma cousa de que estava quase a se recordar,

cousa que lhe fugia, lhe escapava por entre os dedos da memória, a escorregar como uma bicha hamburguesa[94]. De repente mudou de posição. O olhar acendeu-se-lhe bruscamente; banhou-lhe o rosto uma serena alegria e um sorriso fez-lhe cócegas na comissura dos lábios. Tinha descoberto a causa.

– Vira numa vitrina da rua Imperatriz estojos finos de costura: – daí o lembrar-se de uma agulhada que tinha dado sob a unha do polegar esquerdo, quando, havia meses, estava bordando um lenço. O desastre dera-se no dia do jantar político, e tanto era isso exato que ela não pudera tocar piano à noite. E nesse jantar houve pratos de manjar, que tinham sido muito gabados pelos convivas. Fora pois a vitrina e o estojo que a obrigaram a pensar na mesa de doces e depois nos manjares.

– Mas... donde a lembrança da vitrina com o estojo?

– Fácil, muito fácil. Tinha estado momentos antes, em pensamento, na vitrina do Novato, na sua cidade natal – vitrina onde vira o cromo da caixa de lenços, aquele mesmo cromo que lhe avivara um sentimento já quase morto.

E parou um pouco, porque agora estava difícil acertar com os motivos que a tinham levado mentalmente a *À Flor do Chiado*.

– Podia ter sido o cromo; mas tinha certeza de que não era.

A ideia do cromo lhe atrapalhava o pensamento. Iam-se os segundos, os minutos; passava o tempo e... nada.

Finalmente Ester estremeceu:

– Ah! fez ela à meia-voz. O sonho! o sonho!

Tinha sido o sonho do príncipe à beira do lago. E esse sonho viera depois de ter ela pensado em Veneza. Antes de Veneza andara pela Itália; antes da Itália – Verdi; antes de Verdi, a sua ópera – o *Hernani*.

Até aqui fora tudo muito bem e a galope; mas neste ponto estacara a moça de novo a procurar a causa de ter pensado no *Hernani*.

Chegara mesmo a ficar incomodadíssima, muito nervosa, supondo impossível descobri-la.

Poucas vezes lhe tinha acontecido tal. E quando isso acontecia ela ficava doente às vezes por muitas horas, por dias mesmo; esse é que era o caso. Devido a tais exercícios é que a sua memória era

em verdade uma memória de anjo, como se costuma dizer. Sempre vencedora, quando aquilo que buscava não lhe surgia no espírito, a preocupação desse pequenino desgosto criava-lhe um estado mórbido por dentro de todos os nervos.

– Custasse o que custasse! pensava Ester. Agora era um capricho; havia de descobrir, oh se o havia! donde lhe viera o *Hernani*!

E travou mentalmente um diálogo com a sua própria memória:

– Ah! ia mostrar quem podia mais! se ela ou *ela*. Desaforo! Seria em último caso desmentir a história de sua *vontade*.

E a memória zombava de seus esforços; parecia passar-lhe diante do pensamento, como o perfume de uma flor invisível diante do nariz. A sua concentração era enorme, completa. Por uma sinergia imensa de sua natureza educada, toda ela convergia nessa ideia única de descobrir o que a obrigara a pensar na ópera de Verdi. À proporção que os minutos se sucediam, mais se embrenhava a moça numa miríada de pequeninas cousas, de mil nadas que lhe poderiam ter despertado aquela ideia, mas que de fato não a tinham precedido. Todas as cousas, todas as possibilidades passavam-lhe pelo espírito num galopar vertiginoso, como que elétrico.

– Ah! decididamente que a sua memória lhe lograra daquela vez! exclamava mentalmente a rapariga. Fugira-lhe a genetriz do *Hernani*, como o belo moço do baile; aquela deixara-lhe a nervosia de um capricho; este, um... amor sem esperanças, um amor infeliz, desprotegido.

Depois vieram os outros. D. Eufrásia dirigia-lhe a palavra e ela respondia por monossílabos. Preocupada até à medula da abstração, havia momentos em que se achava completamente isolada de todas as cousas que a cercavam; não via, não ouvia, não percebia nada. E o seu olhar se conservava fito, fito no espaço, à toa, como uma expressão vivíssima de olhar que visse alguma cousa. Dir-se-ia que os seus olhos tinham a loucura de querer fitar um átomo. E *Hernani* aí estava diante dela, defronte de seu espírito, sem antecedentes, completamente solitário do lado do passado; seguido, no futuro, de Verdi, Itália, Veneza, *À Flor do Chiado*, etc., – Hernani! a lhe interromper a sua viagem para o

ponto de partida, que ela procurava como quem procura o X de uma equação!

Todo esse resto de dia passou-o a moça no mesmo estado nervoso. Saiu a passeio com o irmão; andou pelas ruas centrais da cidade, mas não lhe fugia do cérebro a preocupação que o avassalava.

À noite deitou-se a pensar ainda no *Hernani*; e fez um protesto de não tocá-lo mais enquanto não se lembrasse do motivo que a fizera pensar nele...

E passou quase toda essa noite em claro, noite de uma insônia horrorosa que a tornara em extremo impertinente.

Às 8 horas da manhã houve o exame médico. Fora minuciosamente auscultada e interrogada. Os médicos desciam às mais sutis minudências. Foram todos acordes de que não havia lesão orgânica nenhuma; que tudo aquilo eram fenômenos puramente nervosos, pois que ela nada sentia. E aconselharam uma infinidade de cousas, como passeios, banhos frios, de chuva ou duchas, espetáculos, divertimentos, etc., etc.

E Ester tinha um sorriso fino, epigramático, que incomodava principalmente a um deles, o mais observador, – sorriso que parecia chamá-los de ignorantes, de verdadeiros tolos, representando naquele momento um papel de comédia.

– Era preciso um outro exame daí a dias, disseram os três esculápios. Iam receitar uns remédios e depois fariam um segundo exame em outras condições.

– Mas qual a moléstia, afinal de contas? – lhes perguntou Ester.

– Ah! que por enquanto era temerário com um só exame diagnosticá-la matematicamente. Precisavam de acompanhar a marcha dos fenômenos fisiológicos para verificar e determinar o fato mórbido. Os sintomas até ali observados podiam se confundir com os de uma dezena de outras doenças.

– E se não se incomodavam quando não podiam saber logo, imediatamente, o que desejavam? – de esperar, enfim, por uma cousa de que não tinham certeza se apareceria ou não? – perguntou-lhes a moça, pensando ainda no *Hernani*.

Sorriram-se. Haviam achado esquisita a pergunta.

O major Cornélio e D. Eufrásia revelaram um ao outro, em suas conversações íntimas, desejos vagos de ficar de mudança em S. Paulo.

– Nada tinham gozado na vida! diziam. E estavam já velhos. Era tempo de descansar; tinham trabalhado a melhor parte da existência. Com a fortuna que possuíam, era bem que ganhassem agora a liberdade. E só dous filhos, dous filhos cujo futuro estava garantido até seus próprios netos. Depois, se morassem na capital, Ricardo podia formar-se: à vista deles estudaria por certo. Desejos de continuar é que lhe não faltavam. Ah! mas no meio desses sonhos surgia uma cousa difícil, dificílima mesmo – a fazenda. Onde comprador para a fazenda? para os escravos? Não! a vender – venderiam só a fazenda. Os escravos, não! Tão bons que tinham sido sempre!... Foram eles que fizeram aquela fortuna! Também, pela liberdade de que gozavam, já eram quase livres. Outra cousa ainda: – aqui seria mais fácil casarem a filha. Lá não havia um moço que prestasse. Se o farmacêutico fosse outra cousa e Ester tivesse querido, eles o teriam aceitado; mas o farmacêutico era um... pobre diabo, embora com algum dinheiro. Constara que ele tentara suicidar-se na véspera do dia em que partiram para S. Paulo.

– Quando falava à filha sobre o pedido do Aguiar? perguntara D. Eufrásia.

– Ora, nem sabia, respondeu-lhe o marido.

Esta pergunta referia-se à carta que fora entregue ao major Cornélio, à saída do trem para S. Paulo, por um escravo do tenente-coronel Jerônimo de Aguiar, um dos fazendeiros mais importantes do município; a carta era um pedido de casamento, em que ele solicitava em seu nome e no de seu filho Francisco de Aguiar a mão de Ester para esse mesmo filho.

– O Chiquinho (era assim tratado o candidato), continuou o major, não tinha defeito algum, era verdade; mas para seu genro faltava-lhe uma cousa que ele mesmo não sabia o que era. Depois, seria asneira falar disso à filha. Pois não se lembrava de que ela sempre o achara água morna?

– Sim, não havia dúvida; mas também era certo que a resposta precisava de ser dada. Uma carta escrita com tanta delicadeza e atenções... pedia resposta.

Nesse momento Ester achegara-se de ambos, que interromperam a conversa, a olhar para ela.

– Se estavam tratando de si? perguntou a rapariga sorrindo.

O major abriu a carteira e respondeu à sua pergunta mandando-a ler a carta do tenente-coronel Aguiar.

A moça leu a carta impassivelmente. Na fisionomia não se lhe alterou um traço único. Depois entregou a carta ao pai.

– Então, que dizia? perguntou ele.

– Mas dependia dela? replicou a rapariga.

– Certamente. Não era a primeira vez que o afirmava.

– Nesse caso... não o aceitava, disse resolutamente.

O major dobrou a carta, meteu-a na carteira e não se falou mais desse assunto. Estava decidido.

Ester retirou-se.

– Comprariam uma casa aqui se achassem baratinha, prosseguiu D. Eufrásia; porque tinha ouvido dizer que às vezes em leilões faziam-se pechinchas da China.

– Sim, mesmo porque ele já andava muito aborrecido e cansado não só de ser fazendeiro como de ser político. E, para «retirar-se ao ostracismo», só ficando em S. Paulo.

– Que vinha a ser ostracismo? perguntou a esposa. – Uma palavra que sempre ouvia dizer e não sabia o que era.

O major pensou algum tempo e depois respondeu:

– Ostracismo era... uma cousa muito sabida. O dicionário dava! Quando um chefe político deixava de trabalhar, isto é, abandonava o seu partido para descansar, dizia-se que ele se *recolhera ao ostracismo*. Mas lá, no interior é que ele não podia recolher-se a esse descanso. Os tais amigos políticos eram uma sarna! O diabo que os aguentasse! Depois o seu partido estava que era uma tristeza; mais carrança e atrasado que o próprio partido conservador; e ele, por amor ao velho liberalismo de outros tempos, a pactuar com quanta indecência havia! Isso de partidos, hoje, o verdadeiro era o republicano.

E expôs todos os seus planos ao Guilherme Lebeis, o proprietário do Hotel, com quem já tinha travado relações íntimas.

O Guilherme fez-lhe ver que não havia necessidade de vender o sítio:

– Que hoje em dia uma fazenda de café era uma Califórnia, um capital seguro, cujo prêmio crescia com os anos, como o valor do diamante com os quilates. Arranjasse um bom administrador e deixasse rolar o marfim. Tomasse o exemplo dos Prados e muitos outros.

Esta ideia foi um achado para o major Cornélio.

– Ele bem sabia que lhe estava faltando uma cousa qualquer para descobrir. Atinar com ela, aí é que estava a dificuldade. E o Guilherme zás-trás – tinha desembaraçado a meada! disse o major a D. Eufrásia. Ia tratar de tudo isso; mas que os filhos não soubessem de nada! Era uma surpresa que lhes queria pregar. E como eles ficariam alegres, coitados! principalmente Ester para quem a vida tinha sido até ali uma cousa insípida.

Nesse sentido começou o major Cornélio a agir em silêncio.

S. Paulo os inebriava a todos.

VII

Depois da grande bebedeira partira o médico.

Todo o dia seguinte conservara-se ele ausente, metido sozinho num quarto imundo e desmobiliado de uma hospedaria sem hóspedes, no arraial vizinho, distante duas léguas e meia da cidade. Esse era o dia da partida de Ester; mas como pudesse não ter partido, falhara ainda o Dr. Teixeira mais três dias, que lhe pareceram infindos naquele povoado sem gente.

Depois voltou.

O péssimo passadio, as noutes maldormidas, a tensão constante de seu espírito, projetado como grande asa de luz por sobre a imagem da moça, imagem localizada no lugar mais distinto do seu pensamento; todo esse esforço e gasto de economia vital lhe haviam diminuído o peso do corpo e afrouxado os traços da fisionomia.

Encerrara-se em casa e só saía para ver os seus doentes, voltando imediatamente.

Toda a cidade murmurou. Desde a venda da esquina, desde a fonte, onde as escravas discutiam o viver doméstico, até às reuniões mais sérias, falava-se constantemente do fato.

Na opinião de uns tinha o médico levado tábua e o caso era comentado em desfavor da família do major.

– Diabo! que mais queria a moça aristocrata? Decerto que estava esperando algum príncipe. Já o outro idiota quase que levara o diabo por causa dela.

– E tinha razão! acrescentara o Chico do Tenente; que a rapariga era fazenda para criar água na boca. Que ancas e que peitos! Dava vontade de morder tudo aquilo! Devia ter cada perna!... Era uma mulher que... se ele fosse rico daria um conto de réis para vê-la nua!

Todos riram-se às gargalhadas e disseram que até ali morrera o Neves.

– Sim, sim; morrera o Neves, mas é que ele é que não passaria disso. Amigos! quem não bebia cachaça cheirava o barril.

– Ora não passaria disso, ele! Inda mais ele!

– E por falar em cachaça – como ia a sua apaixonada, a filha do Oliveira?

– Ora aquilo era uma espiga! Nunca lhe fizera cócegas. Não valia nem um olhar da Ester. Ainda por cima, vesga! Trocava cinco minutos de Ester por um mês inteiro daquela. Depois... queria lá saber de uma sujeitinha amarela, com cara de pepino maduro? Não faltava mais nada! Gostava mas era de mulher de bochechas gordas.

Esta última frase fora acompanhada de um gesto indecente que provocara da parte dos ouvintes uma gargalhada enorme.

– Mas o doutor era um idiota...

– Apoiado! gritou o Chico do Tenente. Eh! ele é que queria ser médico! Um homem que apalpava... as mulheres, não ter sabido segurar a bicha! Aquilo era apalpar devagarinho, arreitar, fazer olho de sapo, dar um beijo, pedir a mão e ser aceito! Eram todos uns pungas! tinham medo das mulheres! Não sabiam que quando se trata com esses animais nada como a audácia! Ora bolas! – um homem era um homem e um gato um gato! Mulher o que queria era... homem, e homem que não quisesse mulher não prestava para nada.

– Pois o Dr. Teixeira tinha inteiramente fugido até das rodas dos amigos! Não o viam mais em parte alguma, nem na botica, nem no Maciel, nem nos passeios à tarde! comentavam.

– Sim... mas a mulata do major lá ia de vez em quando à sua casa! disse ainda o Chico.

– Que mulata?

– A Joana.

– Ora, a Joana, – uma velha!

– Sim! Fiassem nisso! Sempre tivera medo de boi sonso! Depois, se não era a mãe era a filha. Podia ser a mãe, porque tinha uns 50 anos e ainda era fazenda!

– Que filha?

– A Leonarda. Aquilo é que era torresminho! Já estava com cada teta de um quilo! O diabo da mulatinha deixava-o latejando! Aguava! Amigos! leitoa em ponto de espeto...

Riram-se muito, muito.

– Mas se não fosse o médico, tinha então de ser ele. Havia bastante tempo que o anzol estava iscado.

– Mas a piaba era muito arisca.

– Meus amigos quem porfia mata a caça!

Na opinião de outros o médico não chegara a pedir a rapariga.

Essa era a opinião do capitão Oliveira, opinião que ele emitia todas as manhãs, em conversa com amigos, depois do banho frio e do copo de leite, de pé na porta da loja, a mascar o charuto e cuspinhar na areia, tudo isso alternado de umas cabeçadinhas que dava para trás, e que dizia vindas de uma constipação apanhada na nuca, quando ainda era rapazito.

– Não havia dúvida nenhuma. O Dr. não a pedira, receiando tomar um *não* pela frente, porque a rapariga tinha muito cobre.

– Mas... não se dizia que ela gostava dele?

– Ora... dizia-se tanta cousa!

– Mas se ele pedisse...

– Isso lá ele é quem sabia. Para quem estava de fora seria sempre melhor continuar a pensar que fruta de cabrito não era azeitona.

Entretanto os dias iam-se passando.

Todo o mês de maio foi para o médico de uma grande tristeza. Nem ao menos tinha a companhia do seu mais íntimo amigo naquela ocasião, – Jacob Despois.

O pintor estava empenhadíssimo de trabalhos. Além de telas finas em preparo, para concluir a sua coleção, choviam-lhe as encomendas de bandeiras de S. João, porque junho aí vinha com as suas grandes festas de 24, em honra do Batista.

Nessa vida assim, profundamente atribulada, começara o médico de sentir ao fim do mês um grande abatimento, um verdadeiro desânimo.

Um dia não se levantou. Tinha passado a noite em claro, esgotando-se em imaginação. Ao romper da manhã sentira a cabeça pesada, um entorpecimento geral por todo o corpo. E, sem o perceber, as suas pálpebras se ajustaram a pouco e pouco. Adormecera... Dormira até ao meio-dia, hora em que acordara com a fala de Joana que havia entrado e tagarelava com a cozinheira na sala de jantar.

Despertara com muita dor de cabeça e parecia-lhe até ter um pouco de febre.

– Não seria nada, murmurou consigo mesmo.

Assobiou à criada para trazer-lhe café.

Foi Joana quem lho trouxe, numa bandejinha em que só cabia a xícara e o açucareiro.

– Então o que tinha o *seu* doutor?

– Nada; uma cousa à toa.

– Se desse licença lhe dava um conselho.

– Podia falar.

– O seu doutor do que precisava era de dar um passeio a S. Paulo.

O médico sorriu-se com muita satisfação. Agradava-lhe a prosa daquela mulata, trazendo sempre uma pontinha de alusão aos seus afetos.

– Sim, em S. Paulo tinha muita distração, muita moça bonita, e ali não tinha, continuou a corpulenta Joana.

– Como não tinha? Então onde estava a Quebra-mato? a Pão-de-açúcar, a Pacau e outras? falou com a cabeça apertada entre as mãos.

– O *seu* doutor era muito sério, não gostava dessa gente, tinha certeza. Assim mesmo tinha ouvido falar, mas não acreditava...

E parou.

– Que cousa tinha ouvido falar?

– Dava licença?

– Dava.

– Tinha ouvido falar que *seu* doutor tinha andado uns tempos atrás com a mulher do Juca Simplício.

– Não era exato, palavra!

– Pois se não era exato, não seria decerto por causa dela. Verdade, verdade: – era muito bonita, mas, *curuz*! era muito sem-vergonha!

– Pois ele nem sabia que a mulher do Juca Simplício era das tais.

– Ora se era! Diziam até que o marido sabia de tudo, mas quebrava pau no ouvido.

– Mudando de assunto, prosseguiu o médico, tinha recebido notícias novas?

– Tinha. Já não estavam mais no Hotel; alugaram uma casa muito bonita e grande, e o velho não demorava muito estava por ali.

– E a menina?

– A menina? muita saudade de tudo e de todos. Coitadinha! Boa coisa que ela era! Aquilo... uma pomba sem fel!

E, tomando a benção, retirou-se.

A cabeça doeu-lhe mais ainda com a retirada de Joana, que o deixara a pensar em Ester.

Tinha um medo tão doloroso de que algum outro sujeito se casasse com ela, que esfriava rapidamente ao pensar nisso, com a fuga do sangue para os vasos centrais. Parecia-lhe que num desses momentos ia ser fulminado por uma apoplexia, apesar de refratário por índole a essa morte esplêndida.

À noute recebeu visitas.

Lá estiveram o pintor, o Oliveira, o tenente-coronel Aguiar, e outros.

Joana tinha contado ao Oliveira que o médico estava doente, e o Oliveira encheu a cidade com a notícia.

– Felizmente não era nada, como tinham suposto, disseram. Ainda bem! Ainda bem!

– Uma cousa à toa, afirmava o médico. Amanhã mesmo estaria bom.

Essa noite o médico a dormiu bem. Levantou-se muito cedo, muito antes mesmo do sol.

– Nada! era preciso mudar de vida! pôs-se ele a falar consigo mesmo. Aquilo, assim, estava um inferno! Se facilitasse adoecia mesmo! Ela que fosse para o diabo, que ele ia passear, espairecer-se, oxigenar-se, viver! Do que precisava era de vida, para estudar muito e escrever muito.

E saiu.

A madrugada estava clara, seca, e friíssima. As estrelas iam se apagando a pouco e pouco, lá no azul imenso do céu. Ia ele ver um belo romper de aurora, cousa que havia muitos meses não via.

Saiu da porta e subiu a rua até à esquina, onde voltou à direita e veio sair no largo, em frente à sacristia da matriz. Aí, na poeira do caminho, vacas deitadas bufavam de levezinho a recender deliciosamente um hálito salutar e morno. Apesar de não haver ainda bastante luz, reconhecera o médico, ao passar por detrás da igreja,

a *Mansinha*, uma vaca muito bonita, boa leiteira e de toda a estimação, de Ester. Tão mansa, que os crioulinhos lhe passavam pelo vão das pernas.

– *Mansinha! Mansinha!* chamou o Dr. em voz alta, aproximando-se.

Esteve alguns segundos a amimar-lhe o pelo com a mão, a falar com ela como se ela entendesse.

Depois, pondo-se de cócoras palpou-lhe os grandes úberes estufados de leite; em seguida enfiou a mão entre eles e a coxa de *Mansinha*.

Sentia um prazer imenso nessa carícia; aquele lugar quente provocava-lhe um delicioso enervamento, porque com a imaginação desvairada ele supunha que aqueles grandes úberes macios eram os peitos de Ester, os quais ele apertasse contra o rosto, ao olhar discreto e amigo das estrelas da madrugada.

Ouviu um assobio e pôs-se de pé, de um salto.

– Que susto! pensou. Se o pilhassem ali, que diabo haviam de pensar?

E depois é que viu que ainda estava escuro.

Voltou de novo à esquerda e subiu toda a rua até sair fora da cidade, dez minutos apenas de distância. Aí a estrada tomava para nordeste; era o caminho de sacramento que ia ter à velha estrada real de Santos. Os terrenos subiam gradativa e violentamente até aos tabuleiros que davam descida para os grandes campos daquela zona.

Fora amanhecer a quase meia légua de distância, numa grande altura, de onde via um horizonte enorme para o lado da cidade, fechando quase em círculo uma área imensa, limitada ao norte pela serra, ao noroeste e mais longe um pouco pelos grandes cafezais da fazenda da *Soledade*, posse do major Cornélio, cultura que daí se via, por causa de ser muito alto o lugar; essa área era limitada ao poente e a sudoeste pela própria fraqueza da vista que não alcançava o fim das grandes campinas, que iam para muito além do rio; e ao sul, primeiro pelas grandes matas e depois pela serra mais ao longe.

O que ele admirava sobretudo era a limpidez dessa manhã de fim de maio.

Tinha parado.

Percorria agora com os olhos todo aquele enorme anfiteatro, salpicado de serras e fazendas, de pequenas propriedades e de casinhas brancas sobre o fundo verde dos terrenos.

O sol não tardaria a nascer. No vermelhão do nascente havia um ponto mais esbraseado que indicava o lugar em que ele ia apontar. Embaixo, na cidade, levantava-se de alguns tetos o fumo dos primeiros fogos que se acendiam, e que no azul do céu se enovelava lentamente, esbranquiçando-se à medida que subia, desfazendo-se à proporção que mais se afastava das chaminés. Já não se via uma estrela. Ouvia-se no entanto o mugir tristíssimo das vacas de leite que vinham chegando da redondeza, à procura de suas crias, presas nos pátios da cidade. Passava-lhe pelo nariz, como delícia restauradora, a exalação balsâmica dos vegetais, o vivificante perfume dos campos, tão agradável nas manhãs secas... Nas moitas já ruflavam as asas, saindo para fora, os primeiros pássaros acordados...

Ele sentia-se preso de todos os sentidos a esse belo romper do dia. Tomava um banho de Natureza, tonificante, vitalizador. Como que escutava o ar, como que apalpava o céu e a terra com os seus olhos, como que se hipnotizava espontaneamente ao brilho ideal de tantas maravilhas.

O sol, vermelho, brotou no horizonte.

Um oceano imenso de luz, numa invasão colossal, doirou simultaneamente as serras do norte e do sul, as elevações em que o médico se achava, os cafezais e as florestas da *Soledade*, toda aquela área enorme do horizonte, que, com os vapores leves da noite, e a luz serena da manhã, ficou como num banho líquido e transparente de ouro e rosas, de safiras e opalas.

O médico tornara-se estático.

Com a mão aberta diante dos olhos, para que o sol os não magoasse, ele olhava para todas as cousas e sentia a pele arrepiada, a reagir contra as suas emoções estéticas. Começou a assobiar baixinho, distraidamente, o *La donna è mobile* do *Rigoletto*; depois o seu assobio foi se tornando mais alto. Sem o perceber passou do assobio ao canto; começou baixinho também; foi subindo, subindo... Em alguns

minutos cantava em sua voz natural, límpida, de um timbre dulcíssimo, terno e volumoso; repetia inconscientemente as frases, a mesma copla, dous, três compassos às vezes. Cantou depois mais alto, com mais veemência ainda. Afinal, excitado, cantou com todo o calor, com toda a alma, como no dia em que fora apanhado em flagrante, recostado à porta do quintal, vestido de branco a fumar o seu charuto.

E tudo isso o fez lembrar-se de Ester, do seu sótão, das árvores que o rodeavam, das borboletas emendadas que lhe passaram diante dos olhos, até dos próprios pensamentos que elas lhe sugeriram.

– Ah! mas tudo aquilo tinha se passado! não voltaria mais! dizia ele, sentindo-se forte, tonificado pela fotorreia solar, e pelo oxigênio da manhã. Sim! Afinal fora uma loucura, nada mais. Ora que tolice! andar a matar-se por quem não se importava consigo! Um fato interessante realmente, e até – com caráter mórbido!

E começou a voltar para a cidade. Apanhava seixos pela estrada e os atirava, para ver a que distância iam, e calcular a sua força muscular. Assobiava, cantava, ria às vezes, outras vezes parava apreensivo, triste; mas dentro em pouco recomeçava a marcha, de um arranco, e já cantando ou assobiando.

Passaram por ele caipiras a cavalo; iam para a cidade. Depois passaram mulheres a pé, carregando cestos na cabeça. Depois negros com peneiras, outros com sacos às costas. Lembrou-se então de que era domingo, de que toda aquela gente ia chegando para assistir à missa. E olhou no relógio. Oito e quarto. Tinha-se demorado muito, mas sentia-se forte; e para experimentá-lo, girava os braços como se manejasse uma funda.

Quando ia se aproximando da cidade começou a sentir as primeiras sensações de fome.

– Bravo! exclamou baixinho, apalpando o estômago. – Ia ter fome! cousa que não sabia o que era havia um mês. Oh! decididamente estava bom.

Achava-se tão alegre que tinha «palpites» de gritar bem alto os nomes mais indecentes.

– Ah! exclamava, como era feliz! morrera o seu amor! O seu amor se acabara! Agora, morto o asno, cevada ao rabo[95]!

E ficara de uma alegria enorme, dizendo baixinho no fundo do cérebro, por entre uma porção de pensamentos estroinas: – *Viva a República!*

No entanto o sol ardia, galgando a abóbada do céu matinalmente azul, sem uma nuvem, como um brilhante sem jaça, cortado de espaço a espaço pelo voo das pombas selvagens, pelo chilrar dos sanhaçus aos pares, pelo trinar metálico dos gafanhotos irritados pela volúpia da luz, pela concupiscência do calor, numa termorragia brutal.

Ele sentia nos seus nervos reações salutares; grandes representações de cousas impossíveis, pensamentos desencontrados, desejos carnais que lhe buliam com os músculos, que lhe chicoteavam a espinha dorsal. Cortavam-lhe o âmago do pensamento ideias corporizadas de fantasias lascivas. E como os gafanhotos, as suas fibras nervosas vibravam sons também metálicos, rebolcando-se à grande invasão da luz solar, oxigenadas de volúpia, mordidas da concupiscência do calor.

Passara-lhe pela imaginação um quadro rápido como os de uma lanterna mágica: – era um vasto salão à oriental, onde as colunatas de ouro e pedrarias raras perdiam-se na extensão; os mais finos estofos da Índia forravam as paredes suntuosas; aqui e ali, os vasos sagrados do Japão, tudo que as maravilhas da cerâmica têm conquistado ao tempo – aqui e ali se sucediam num deslumbramento colossal; cortinas da mais fina seda, por sobre toros dos mais finos cetins; reposteiros admiráveis com bambinelas de ouro; sanefas de porcelana e embraces de charão; grandes estrados de mosaico, lâmpadas do mais admirável trabalho... – um céu, uma delícia, um paraíso! E quando ele parou, fitando esse vastíssimo salão que lhe parecia mais uma fantasia que uma realidade, – suspensa no ar, passara serenamente Ester, numa nudez esplêndida, na posição de um anjo, com duas asas de luz, empunhando uma trombeta e dando aos seus olhos, aos olhos dele, todas as belezas secretas do seu corpo, que ele lambia com o olhar, como o touro enrijecido de amor relambe, na esmeralda dos campos, ao zumbir dos insetos, à luz quente do sol, as novilhas ciosas que o vão receber sobre as ancas.

A visão sumira-se pelas colunatas...

E tudo escurecera, ao repique do sino tocando a primeira vez para a missa do dia.

O médico chegara à casa e almoçara de uma maneira assombrosa.

Entrou julho e saiu julho.

Pouca alteração introduzira o Dr. Teixeira em seu viver, apesar dos protestos que diariamente fazia.

O major lá estivera e se retirara. A *Soledade* estava agora sob a direção de um administrador que o major levara.

O pai de Ester repetiu com insistência ao médico os oferecimentos que já lhe havia feito; convidou-o muito para passar dias em S. Paulo.

– Agora tinham casa, disse-lhe o velho. Haviam alugado uma excelente morada, muitos cômodos, nova, rodeada de jardim, em um dos melhores pontos da cidade, nem propriamente no centro, nem propriamente no bairro. Se o amigo fosse a S. Paulo e não se hospedasse com ele, podia contar com um rompimento de amizade. Por que não havia escrito? Nem uma notícia, e todos com tamanha saudade! Era um ingrato! Ia levar a Leonarda, que fazia muita falta à Ester.

Com efeito, desde fins de maio que o major Cornélio e sua família tinham-se instalado na capital, em um dos pontos mais altos e salubres da parte sul da cidade: – uma casa nova, com jardim de ambos os lados, frente para oeste e fundos para a grande bacia do Tamanduateí, avistando-se no último plano do horizonte os outeiros do Cambuci e da Glória, os terrenos do Ipiranga e da Penha, e mais ao fundo, para o norte, azulando a duas léguas e tanto de distância, a serra da Cantareira. Aquém desse último plano, ao centro, os arrabaldes da Mooca, a sudeste; Brás ao nascente; Marco da Meia Légua um pouco mais para a esquerda, e Pari a nordeste.

Para entrar na casa era mister passar primeiro pelo jardim do lado direito, isto é – do lado do norte. Havia aí um alpendre ladrilhado em mosaico, e que acompanhava paralelamente a duas paredes em ângulo reto; a da sala tinha duas janelas, a porta e uma

outra janela de um corredor que lhe ficava à esquerda; a outra tinha uma única janela. O alpendre era acima do solo três degraus de uma escada de mármore; e pelas colunas que sustentavam o teto, coberto de telhas francesas, entrelaçavam-se, trepadeiras presas por fios de arame, as roseiras *Guanabara*, e *Marechal Niel*, esta com as suas belas rosas de um branco amarelado; e as glicínias roxas (*wisteria sinensis*[96]) com os seus grandes cachos de flor de ametista recaídos para o solo por cima da verde folhagem. Sobre o peitoril da balaustrada, em vasos de barro, havia violetas florescidas, craveiros que se abotoavam para setembro e outubro, begônias esquisitas, de enorme variedade no formato e no colorido. Pendentes do teto, em fios também de arame e dentro de suportes de pauzinhos em quadro, uns sobre os outros, à moda das fogueiras, com húmus dentro, – viam-se orquídeas esplêndidas, grande número de variegadas parasitas, ali, à meia luz crepuscular do teto, formada pela folhagem verde e espessa das trepadeiras. Ao longo das grades, da parte de dentro, em tinas especiais, azaleias viçosas em flor, umas vermelhas e singelas, outras rajadas e de cor-de-rosa, dobradas e belíssimas, e de perfume longinquamente adocicado. Em posição simétrica à distância – duas redes para as grandes preguiças depois do jantar.

Era um ninho de perfumes, um ninho de delícias. Nesse mês já havia dias de forte calor que parecia ainda mais forte, por causa do inverno que se ia despedindo e fora também forte. Voltavam as moscas e os insetos; abriam-se as ninfas de abril e de maio, e ao cair da noite, a voar nos fogos crepusculares, já se viam as grandes borboletas dos coqueiros e das bananeiras, – enquanto ao calor do meio-dia bailavam no ar, voando, mil insetos zumbindo, toda a família imensa dos lepidópteros, a beijar as flores, todas as flores do jardim de Ester.

Fora do alpendre estavam os pequenos canteiros, os pequeninos alegretes, cercados de verde grama, gradeados de arcos de bambu, que se cruzavam em semicírculos, e que se enterravam na terra fofa. Aí viçavam também craveiros que ainda não tinham flores. As saudades, abertas, formavam o centro; umas roxas, de coroa; outras brancas, ora dobradas, ora singelas. Abriram-se os primeiros malmequeres. As margaridinhas eram praga. Em grandes touceiras,

estrelavam, sobre o verde do fundo, amores-perfeitos de uma grande variedade, aveludados e lindíssimos, rodeando os troncos das roseiras, pejadas então de belas rosas. O sol, terrível sol de agosto, entorpecia as pétalas dos lírios, enquanto no ar morno das tardes enfumaçadas pairava dentro do alpendre o perfume capitoso da flor do imperador, das magnólias pumílias[97] e das laranjeiras florescidas no quintal. Nos ramos leves e delicados, sacudia a brisa no jasmineiro a onda de seus perfumes. As anêmonas e os rainúnculos[98], vermelhos e amarelo-claros, rajados e dobrados, erguiam-se solitários aqui e ali, à margem dos canteiros; e acompanhando a grade que deitava para a rua, por entre as madressilvas novas e as roseiras de seleção, desdobrava o gerânio, em corimbos rosados, as suas flores de cinco pétalas. Nos pequenos alegretes de esporas desabrochadas, abriam-se também as violetas ao pé do muro. Havia caixões suspensos, de sementeira; mimos-de-Vênus, vermelhos, de sangue; goivos tristes pelos cantos inacessíveis. Rasteiras e teimosas, as camaradinhas purpúreas abafavam as roseiras anãs, dessas que não crescem um palmo, num canteiro ao pé da grade. No centro, à sombra de uma camelieira branca, havia um pequenino repuxo, muito pequeno mesmo, com um fio d’água que cabia na pena de um pato. Era apenas para fornecê-la ao aguamento do jardim; a bacia de mármore que a continha era proporcional ao tamanho dele. Do outro lado, em frente à camelieira, estava florescida uma magnólia fuschata[99], com as suas seis pétalas despontadas e alternas, três ao centro e três fora, de um roxo-claro por cima e roxas por baixo, – e aos pés abriam os eufórbios, em grandes cachos, as suas flores pequeninas, cinco pétalas e cor de lacre. Num pequeno caixote, suspenso a um galho da camelieira, viçava uma touceira de malva cheirosa, de grandes folhas, já florescida, e cujos galhito moles caíam pelas bordas do caixão; em um desses galhitos, na parte inferior de uma folha, uma crisálida dourada refletia o sol todos os dias, de uma hora da tarde até às duas; e tão polido era o ouro daquela ninfa que o raio refletido ia até à rede de onde Ester a descobrira. Os filantos estavam sem flores, e as esponjeiras se revestiam de nova folhagem.

Do outro lado da casa, não tinha o jardim entrada pela rua. No quintal havia árvores frutíferas, e um ipê sem folhas (uma *primavera* como o povo o chama) estava coberto das suas grandes flores de ouro, de cinco pétalas, seis separadas embaixo e duas unidas em cima, maiores que as outras, juncado o solo das suas flores amarelas. Os eucaliptos iam renovando a folhagem, que lhes nascia de um verde azulado; enquanto os pessegueiros em flor pareciam cobertos de um fino véu rosado, pétalas em concha para cima, pequeninas e em número de cinco, com um feixinho de estames roxos ao centro. Embaixo, no fundo do quintal, e como que o cercando, – uma fila de bambus acompanhava o muro, todo coberto de rosa miúda e trepadeiras silvestres. Nesse muro havia um portão que dava para terrenos desabitados, que iam sair, daí a cinco minutos de caminho, em largos e altos campos do sudeste da cidade. Eram estes os pertences exteriores da nova vivenda do major Cornélio. Entremos nela.

Apenas subidos os três degraus do alpendre, saía-se logo numa boa sala de visitas, com grandes reposteiros sobre as portas e estores nas janelas. Dunquerques[100] de fino gosto, com serpentinas de cristal e vasos de Sèvres, ornavam dous vãos de janelas; grandes espelhos de cristal caíam oblíquos sobre as paredes, que tinham alguns quadros raros de litografia e desenho a óleo. Coberto com uma capa de pano verde, lá estava a um canto o piano de Ester, ladeado de uma *étagère* cheia de óperas e diversas músicas. De frente à entrada ficava o escritório do major, e no mesmo correr, adiante, o seu quarto de dormir. Por trás desses três cômodos, passava à esquerda um corredor de fora a fora, dando entrada em primeiro lugar para duas grandes salas, ladeadas cada uma de espaçosa alcova que passava o nível lateral da frente. Nessas duas salas, na da direita dormia Ricardo; na da esquerda Ester, que tinha na alcova adjacente o seu gabinete de leitura, a sua não pequena e escolhida biblioteca. Este gabinete deitava uma janela para o alpendre, duas para o norte e duas para o nascente, por onde descia o quintal. Um segundo corredor, pequeno e perpendicular ao grande, conduzia ao salão de jantar, o maior cômodo da casa, e que podia comportar para cima de 30 pares num baile. À direita desse salão, que era reentrante à parede esquerda da

sala de visitas, – havia dous quartos também espaçosos, um servindo de copa e dispensa, outro para dormitório se fosse preciso, e depois a cozinha. Num ângulo reto, acompanhava outro alpendre avarandado a parede de fundo da sala de jantar e a parede esquerda da cozinha, com uma escada de oito degraus, descendo para o quintal. O salão de jantar tinha janelas para o norte e para o nascente e duas para o dormitório de Ricardo.

O major se esmerara em mobiliar a casa; trazia-a como um brinco e era servido por criados estrangeiros. Tencionava comprar aquela vivenda, que tinha um grande valor por ser quase dentro da cidade; o dono, porém, pedia por ela cento e vinte contos de reis, alegando que só os terrenos a ela pertencentes, divididos em lotes, para novas casas, dariam mais de setenta contos; e que a municipalidade projetava abrir no futuro uma rua paralela ao portão do fundo.

Ao entrar no quarto de Ester, logo à esquerda e fora da parede, estava a sua grande cama francesa, obra fina de jacarandá, com grandes florões e rente do soalho, forrado por um tapete quadrado e de todo o comprimento do leito. À cabeceira, que ficava para o norte, e quase em frente à primeira janela do quintal, um velador elegante, também de jacarandá, com mosaicos de laranjeira, tinha em cima um castiçal de porcelana com uma vela transparente, uma caixinha de fósforos e dous ou três livros; ao pé, do lado de fora uma cadeira e aos pés da cama outras duas. O tapete representava uma caçada de lebres, numa vasta charneca, espaçada de pequenas moitas. Em frente da porta ficava o seu grande guarda-roupa, um móvel precioso pelos repartimentos cômodos que oferecia. Antes da primeira janela do quintal – o grande lavatório de mármore, com um espelho oval para meio corpo, bacia e saboeiro de porcelana azul, pentes, escovas, óleos e perfumes. Tudo aquilo recendia a uma limpeza adorável, a um asseio verdadeiramente exemplar.

Frenteando ainda com as duas janelas do nascente, e por detrás da cabeceira da cama, ficava pegado à parede um aparador coberto de oleado, com dous vasos de flores artificiais, uma estatueta de bronze, um álbum de retratos e uma dezena de *bibelots*.

Daí passando-se ao gabinete, via-se à direita, unida à primeira janela fechada, uma grande estante com livros, por detrás de uma

secretária onde os objetos sobrepostos guardavam uma ordem correta. Era aí que Ester lia, aí é que a filha do major estudava, quase todo o dia e mesmo à noite quando não havia visitas.

Nos dias de *sant'amaro*, quando soprava frio o sudeste, ela fechava a janela do quintal e deixava as duas do norte abertas e a que pelo alpendre deitava para o jardim. Podia-se dizer que era nesse compartimento que a rapariga passava agora a sua vida. Tinha ali uma grande rede, uma cadeira de balanço, um sofalete com um grande couro de tigre e um preguiceiro de palhinha, onde o major gostava de passar por uma soneca antes do jantar. Sobre o leito de Ester caía do teto, das bordas de pequenina cúpula de cetim azul, numa chuva de escumilha, o cortinado transparente, de fios de seda cor de creme, com ramagens de um leve admirável. As paredes aí eram forradas de papel branco, com traços dourados, perpendiculares ao soalho, muito finos, a grandes espaços uns dos outros. Havia cabides e quadros pelas paredes. *A Estiva*, de Jacob Despois, tinha sido posta no gabinete, ao lado da janela que deitava para o jardim; a tela ficara oblíqua, pendurada por cordões de seda, recebendo em cheio toda a luz do norte e do nascente.

– Era um cantinho da terra natal dentro do seu gabinete, dizia a moça.

Estirada no preguiceiro, nas tardes quentes de agosto, a boiar com o pensamento na onda de perfumes que lhe entrava pelo alpendre, passava a filha do fazendeiro horas inteiras, cismando nos dias do passado, a fitar as paisagens de leste – ou nos dias do futuro, com o coração amarrado por uma cadeia de angústias, fundida nos últimos dias do *Hotel de França*, pela decepção que lá passara.

Com efeito, nos fins de maio, já nas vésperas da mudança para a casa acima descrita, e enquanto jantavam na última mesa da esquerda, ao pé do grande espelho, viu Ester entrar no hotel aquela criatura adorada, que o seu pensamento embelezara e de quem o seu coração não se esquecera mais nunca, – cúmplice nessa permanência o cromo da caixa de lenços.

Era ele mesmo, ele em pessoa. Vinha com outros companheiros. Achava-o muito mais gordo, com o bigode crescido e mais escuro.

A sua fisionomia tinha perdido muito daquela doçura angélica que notara na noite do baile, na sua cidade natal.

Ele trajava sobrecasaca de pano preto, e calça estreita de casimira escura.

Sentaram-se na mesa adjacente à do major, e ele ficara em frente dela.

Começaram a jantar e a beber. A sua voz tinha-se tornado áspera, e os companheiros o provocavam a contar umas histórias alegres, de altas bilontragens, de que ele era autor.

Ele as contava com garbo, com orgulho mesmo, lhes descrevendo os *planos* de que se servira, ora para arranjar dinheiro que nunca mais restituiria, ora para iludir as moças incautas que se deixavam prender pelas suas maneiras de salão e pelos seus dotes físicos.

De tempo em tempo o advertiam de que estava falado muito alto; ele olhava em derredor, com indiferença, bebia dous ou três goles, limpava o bigode louro com o guardanapo, levava a faca à boca, mastigava e prosseguia.

Os companheiros que o apreciavam, com exceção de um, rapaz moreno e baixo, quase impúbere, – eram por certo seus amigos íntimos, camaradas de pândegas naturalmente.

Ester, fingindo-se indiferente ao que se passava naquela mesa, sentia-se profundamente abatida e não perdia uma única palavra do que conversavam.

Tinha ouvido de boca própria os depoimentos mais comprometedores da alma pequenina daquele moço, em quem os sentimentos da honra e do decoro haviam-se apagado, a julgar pela desfaçatez com que se retratava aos companheiros que o aplaudiam, revelando um prazer imenso em ser canalha, tendo no rosto as mesmas expressões de júbilo do homem de bem, que se revive nos seus feitos honestos e grandiosos, quando os repete ou deles se lembra.

O Guilherme aproximara-se a sorrir. O major, que tinha ouvido um trecho da conversação, perguntou-lhe quem eram aqueles sujeitos.

– Dali só conhecia dous: o pequeno sem bigodes, que era seu pensionista, e o louro que ali viera, como os outros, naturalmente a convite do primeiro. O pequenino era um segundanista, rapazinho

muito bom e sério, honesto e bem-comportado; o outro, conhecia--o por ouvir dizer; mas era muito conhecido em S. Paulo. Depois de muitas bombas sempre estava agora no quinto ano. Os bons estudantes, os estudantes sérios não se ligavam a ele; tinha uma fama feia, dizia-se o diabo...

– Pela sua prosa não podia ser outra cousa, afirmara o major.

– Pois aquele tipo tinha estado lá, por ocasião da última festa do Aguiar, disse Ricardo ao pai. – Agora estava muito gordo...

– De vez em quando ele desaparecia, continuou o Guilherme. – Devia a todo o mundo e já ninguém lhe fiava. Havia aqui muitas ruas onde ele não podia passar por causa dos «cadáveres». E era casado o patife. Com as suas maneiras afidalgadas (o bonito, diziam, era vê--lo num salão!) conseguiu no Rio iludir um desembargador e casar-se com uma de suas filhas, supondo que o desembargador tinha muito cobre. Verificando depois que se enganara, abandonou a mulher ao fim de três meses, e veio para S. Paulo onde fez o quarto ano, e ia agora fazer o quinto. E o interessante é que aqui se dava por solteiro.

– Mas, donde era filho?

– De uma das províncias do norte, não estava certo de qual delas.

– Naturalmente havia de ser da terra da *borracha*, disse o major, com espírito, aludindo à sua boa disposição de beber vinho.

– Naturalmente, respondeu o Guilherme, sem rir, e a brincar com a corrente do relógio.

– Aquele sujeito já tinha querido fazer pensão ali, continuara o hoteleiro. – Pedira-lhe o dinheiro adiantado. Ele dissera que pessoas de sua categoria não costumavam pagar o que ainda não tinham comido; ao que lhe respondera que era o estilo da casa.

– E depois?

– Depois foi-se embora. Pudera! pois se ele caloteara o *Grande Hotel*, caloteara uma pobre viúva, a D. Genoveva, que tinha uma casa de pensão; caloteara o *Hotel das Famílias*, caloteara meio mundo e ainda havia de caloteá-lo!?... Outro ofício!

– E como era que depois da exigência do cobre à vista ele ainda voltava ali?

– Sem pudor. Sujeito sem vergonha. Estava bifando o jantar

do outro que era inexperiente e que com toda a certeza estava sendo explorado; porque era seu costume explorar os outros. Mas ia abrir--lhe os olhos.

Nesse momento o moço do cromo, já um tanto avinhado, apercebeu-se de Ester, sem reconhecê-la. Fitava-a com uma insolência bestial e estúpida, sorrindo-se quando porventura os olhos dela se encontravam com os dele; era um sorriso franco, iluminado, belo, a mostrar por sob o bigode louro uma fila correta de dentes alvos, debruados de beiços vermelhos.

A filha do major julgava-se a mais infeliz das mulheres; devia odiá-lo naquele momento e não o odiava; sentia por ele uma comiseração profunda, e só se revoltava contra si mesma, contra a Natureza que vestira a alma de um tartufo com as formas de um homem de bem. Sem que a cousa parecesse desfeita, ela que se achava muito abatida e pálida, com o susto de vê-lo, e com a decepção de ouvi-lo, levantou-se e foi para a sala da frente, onde se deixou ficar na sacada.

Dez minutos depois eles para lá foram, palitando os dentes e acendendo charutos. Olhavam-na pelas costas e faziam gestos de abraço, apinhando os dedos na boca, em beijos furtivos.

A moça os percebera ali, mas não quis retirar-se imediatamente. Fê-lo depois, e ao passar por perto do louro ele curvou-se todo e disse-lhe uma graça.

Ela parou instantaneamente, no mesmo lugar, trêmula e altiva, e o fitou com tanta dignidade, com tanto desprezo, que ele foi ridículo, profundamente ridículo, e ficou tão atrapalhado que ela ainda teve mais dó e retirou-se para ir chorar fechada no seu quarto.

Aí, a imagem do médico cresceu-lhe no pensamento como a cauda luminosa de um cometa. Ela o via na grande altura de toda a sua probidade, de toda a sua ciência, a mendigar-lhe um bocadinho de amor, e ela a negar-lho, presa por uma loucura à imagem daquele pobre moço que ia acabar naturalmente nalgum cárcere! Tinha desejos de abraçar o médico, seu mestre e amigo, alma tão fina e elevada, espírito tão delicado e culto! – e que ela não soubera compreender, absorvida por um sonho! Mas devia ter sido uma doença!

– Que horror! que horror meu Deus! pensava exclamativamente, entre lágrimas, balançando-se numa cadeira de balanço.

E, desde esse dia, mais e mais pensava no médico à medida que o tempo se passava. Todas as cousas a obrigavam a lembrar-se dele: o livro, a flor, a folha; a rede, onde se fossem casados se sentariam juntos; a estrela, que ele gostava de mirar, perdendo-se no mundo das fantasias; o piano, onde ela tocara o *Rigoletto* para bulir com ele; a sua mão, porque com ela muito apertara a dele na última vez em que lá estivera; o espelho, porque ao ver-se, faltava-lhe ao lado a imagem do médico, para se verem juntos no cristal polido, ela com o braço esquerdo prendendo-o pela cintura, ele com o direito lhe enlaçando o pescoço, e beijando-lhe o rosto: – tudo tinha uma parte daquele homem.

Ele, no pensamento dela, estava ligado a todas as cousas que lhe caíam sob os sentidos, desde as mais esquisitas e inconfessáveis até às mais coerentes e nobres.

Mas uma havia que tinha supremacia sobre todas as outras: era a sua grande cama francesa, que guardava um lugar vazio e que devia de ser preenchido por ele, o eleito de seu coração.

– Ali é que ele devia de dormir, juntinho dela, pensava a rapariga; ali, ambos abraçados, no grande recolhimento daquela alcova-salão, presos pelo mesmo amor, sentindo os mesmos sentimentos, pensando as mesmas ideias! E nas noites estreladas e de luar, tomando o seu amor por batel, por velas a fantasia, como eles subiriam aos céus, nos êxtases sagrados daquela grande paixão!

E desnorteava-se a pensar mil cousas.

Ferviam-lhe no cérebro os receios do futuro. Preferia estar agora na sua cidade natal, naquela monotonia adorável da roça; no seu sótão, sem as comodidades que tinha em S. Paulo; doente mesmo, na alcova da sala, para que ele fosse tratá-la, tomar-lhe o pulso, colar o ouvido à onda de seu seio para ouvir a onda de seu sangue, ajudá-la a deitar-se, ficar trêmulo às menores palavras que ela lhe dissesse com mais um bocadito de ternura.

Doía-lhe o coração de ter sido tão severa, tão ingrata para com ele; e essa dor crescia-lhe tanto mais quanto ela ia sabendo que o

doutor se isolara de todos, que se fechara em casa e que emagrecera de saudades, deixando crescer a barba, crescer o cabelo e, se saía, era sempre solitário, pensativo e triste! Ela imaginava, com a finíssima delicadeza da sensibilidade nervosa daquele grande homem, – a dor imensa que lhe devia de ir solapando a sua alma viril de médico, aquela alma enamorada e angélica, virginalmente bela, imaculadamente perfeita.

Os espetáculos já não a distraíam; os passeios a incomodavam. Sentia-se emagrecer também; tornava-se dia a dia mais impertinente, como nas vésperas de cair com a anemia cerebral.

Leonarda não lhe servia à sua vontade. Não tinha com ela a liberdade que tinha com a velha Joana, nem lhe depositava confiança alguma; era uma criança a Leonarda, uma criança de dezessete anos...

Sentia uma saudade imensa de Joana, uma necessidade imprescindível daquela boa criatura que fora a sua mãe de leite e com quem ela se entendia melhor sobre as cousas do coração. E pedia ao pai, repetidamente, que a mandasse vir.

– Mas, filha! quem ficaria tomando conta da casa? dizia o major, pesaroso de não poder satisfazer-lhe o desejo.

Diversos criados e criadas tinham sido despedidos já, por seu respeito, e às atuais havia proibido expressamente que lhe bulissem no quarto. A própria limpeza era ela quem fazia. Um dia brigara com Leonarda, porque a mulatinha deixara na secretária a régua fora de seu lugar, e instintivamente, alheia de si, dera-lhe um tapa no rosto, pela primeira vez.

A filha de Joana nunca apanhara. Ester nunca dera em ninguém.

Ao receber a bofetada, Leonarda abaixara o rosto, limpara as lágrimas no avental e pusera a régua no lugar próprio.

Ester caíra-lhe aos pés soluçando, chorando copiosamente, pedindo-lhe perdão. Leonarda conseguiu levantá-la; ela deu um grito e tombou desacordada, rija e em convulsões.

Houve um grande rebuliço em toda a casa.

Levaram-na para o preguiceiro, desabotoaram-lhe o vestido, arrebentaram-lhe o cós das saias, afrouxaram-lhe as ligas, e deram-lhe éter a cheirar. Ela voltou a si muito pálida, fria e muito quieta.

Abria as pálpebras lentamente, espaçadamente. Pedia ar, queria muito ar, e todas as janelas estavam abertas, e fora o sol fundia-se numa fotorreia colossal, sem uma nuvem sequer, a inundar céus e terra, toda a várzea, onde alvejavam as roupas das lavadeiras.

Ao dar com os olhos em Leonarda, começou de novo a chorar. Chorava agora mansinho; era um choro infantil, angustiado, como que cheio de resignação... As suas lágrimas molhavam a almofada; os seus lábios, descaídos para os cantos, brancos de cera, tinham pequeninos tremores nervosos, miniaturas de convulsões.

– Que era aquilo, filha? perguntava-lhe com todo o carinho o pai.

Ela redobrava de pranto.

– Dissesse! ele pedia-lhe com todo o afeto.

E ela, sentando-se rapidamente, e com os olhos arregalados, perguntou-lhe se ele lhe fazia um favor? – que se não fizesse, jurava! nunca mais lhe pediria nada.

– Tudo que ela quisesse!

A moça dirigiu-se à mãe:

– O favor dependia dela, dela também, disse-lhe. Fazia?

D. Eufrásia abraçou-a, dizendo que nunca lhe negara nada.

– Então que escrevessem já para a Joana vir-se embora... Nem que a casa ficasse fechada! – mas antes de escrever...

E rompeu de novo no pranto.

Abraçaram-na.

– Dissesse pelo amor de Deus! pediam! Que fariam tudo que ela quisesse!

E com os olhos novamente arregalados, a voz presa das contrações da laringe, ela concluiu:

– ... mas antes de escrever, passassem, já e já, carta de liberdade a Joana e a Leonarda...

E levantou-se rápida, a esperar a resposta, olhando para um e outro, com olhos de alucinada.

O major sentou-se na secretária, abriu a pasta, tirou uma folha de papel almaço e passou cartas de liberdade às duas escravas. Assinou-as e em seguida as assinou também D. Eufrásia.

Tudo isso passara-se em poucos minutos.

Ester recebeu das mãos do pai as duas cartas; à Leonarda entregou a que lhe pertencia, abraçando-a entre lágrimas, e lhe perguntando se estava perdoada.

E em seguida, numa gargalhada nervosa, abraçou também o pai e a mãe, beijando-os muito e lhes contando o que se havia passado. Sentia-se com a consciência aliviada, com a satisfação incomparável de quem tinha praticado uma ação belíssima.

E lembrando-se do médico, que devia de ter assistido àquela cena, para ver como ela era boa, foi ao piano e cantou o *La donna è mobile*, com o pensamento naquele homem que lhe ensinara a ser boa, educando-lhe o caráter e aprimorando-lhe o espírito.

Mandara o major buscar a velha mulata. A casa fora entregue aos cuidados de uma outra velha, que passara a morar nela.

A recepção de Joana, alguns dias depois, foi uma cena tocante, uma pequena festa de família.

Só então soube ao certo a filha do major o que era feito do médico.

A sua *Dindinha* contara-lhe tudo, ainda as menores cousas. Todas essas notícias mais lhe oprimiam o coração, criando-lhe uma atmosfera de remorsos ao redor de seu espírito.

Soube da bebedeira da véspera, dele com o pintor; soube que o médico fugira para não vê-la partir; soube de confissões dolorosas que Joana lhas ouvira fazer a Jacob Despois; soube dos seus suspiros, das suas insônias, dos seus sonhos, do seu desespero.

E tudo isto a magoava. Tudo isto mordia-lhe fundo na alma, queimando-a de desejos de que ele tivesse um momento (de loucura para ele) em que lhe escrevesse uma carta, a ela, para dar-lhe direito de escrever também a ele.

– Ah! como derramaria a sua alma pelas linhas do papel! Como lhe diria que o amava, que o idolatrava com todas as fibras, com todos os pensamentos, com toda a sua alma apaixonada e doida... doida de amor por ele, doida por tudo o que fosse dele e que viesse dele!

Parecia mesmo uma loucura! Já há muito que devera ter percebido que era a ele que amava. Ele é que era o moço do cromo, aquele da grade, a ver o lago. A ele é que ela amava, porque a imagem dele é

que tinha mais império na sua alma de moça, vencendo sempre, em todos os sonhos, em todas as cousas, – a imagem do outro! Mas... por que motivo se iludira tanto? Quem lhe dissera que ela amava o louro? Por que não reconhecera em si mesma que na luta entre o coração e o capricho, entre o sentimento e a fantasia, eram o coração e o sentimento que tinham a razão por si, que não fingiam, que não mentiam? – sempre sinceros, honestos e bons amigos!

Nessa ordem de pensamentos, sem descanso, passava agora Ester os seus dias com uma impertinência atroz.

Tinha desejos veementes de morrer.

A morte para ela, nessas circunstâncias, seria de um encanto maravilhoso. Pensava em suicídio, num suicídio original, único. O *Nada*, porque a filha do major não acreditava, seguindo os passos de seu mestre, na imortalidade da alma, – o *Nada* para ela era uma realidade concreta, personificada; era a matéria inconsciente e eterna a acenar-lhe com delírio, a chama-la para o país do descanso, que se lhe afigurava um verdadeiro Paraíso, onde a inconsciência individual tinha o seu reinado, anterior e posterior a todas as transformações da própria matéria. Aí vivia-se a verdadeira vida universal. Aí, se o prazer nunca existira, também a dor nunca nascera. Quando ela, a amante do médico, se fundisse no espaço, desfeita em átomos, a se agregar e desagregar eternamente, sob as duas leis fatais, os dous irmãos siameses *Matéria* e *Força*, – como iria feliz na ignorância de si própria por esses mundos infinitos que rolam na imensidade, no intérmino evolver do tempo, na área sem fim do Universo! Que dor imensa a de poder *pensar*! Não era o pensamento o maior algoz da série zoológica? Não era a memória a maior inimiga da paz que desejava? E como a sua memória se enfraquecia de dia para dia! Já ia para três meses que perdera o fio do *Hernani!* Ah! nunca mais o tocaria!

E pôs-se a reconstruir a sua associação de ideias, tantas vezes recomeçada, e sempre interrompida quando chegava à ópera de Verdi.

– Então! Onde estava essa liberdade do homem? esse livre-arbítrio? Por que não se lembrava do que queria? Então era liberdade preferir entre duas cousas a que mais lhe agradava? Não havia nisso

uma escravidão dos sentidos à maneira simpática com que as nossas vísceras ou a nossa intelectualidade escolhiam *instintivamente* as cousas de que precisavam? Nesses casos não seria o *motivo*, que determinava as preferências, uma força superior à *Vontade* e portanto de quem a *Vontade* dependia? E se a *Vontade* dependia, onde estava a sua liberdade? Não! Tudo ia na corrente da vida como a folha de Arnault[101].

E rezou baixinho:

> *De ta tige détachée*
> *Pauvre feuille desséchée,*
> *Où vas-tu? – Je n'en sais rien.*
> *L'orage a brisé le chêne*
> *Qui seul était mon soutien.*
> *De son inconstante haleine,*
> *Le zéphir ou l'aquilon,*
> *Depuis ce jour me promène*
> *De la forêt à la plaine,*
> *De la montagne au vallon.*
> *Je vais où le vent me mène,*
> *Sans me plaindre ou m'effrayer;*
> *Je vais où va toute chose,*
> *Où va la feuille de rose*
> *Et la feuille de laurier.*[102]

O que via no homem era sua escravidão completa, a sua absoluta passividade à Natureza. Se amava ao médico, não era porque o quisesse. Ia nesse movimento como a folha de Arnault. Ninguém dizia a uma dor de dente – *cessa!* que ela cessasse; e ninguém tinha a dor de dente por sua vontade. Seria querer fazer curvo o raio de luz; querer que a água tivesse uma forma, que a estrela não brilhasse, que a dor não pungisse. A *Escola de Eleia* mentiu; Zenon, Cleanto e Crisipo tinham sido uns grandes idiotas! Na fatalidade das cousas estava a natureza dos seres. Amava-o, porque o amava! Esquecera-se do *Hernani* – porque se esquecera! Cada cérebro tinha um limite a

suas forças. O cartucho de sombra dos planetas, oposto ao sol, era sempre proporcional ao diâmetro dos mesmos planetas e à distância em que eles giravam do sol. Um Deus, que ele existisse! – não quebraria essa lei. Pois então, se tudo era assim, donde lhe viera semelhante proceder para com o médico, para com aquele homem quase divino, quase um Deus, que a arrancara do túmulo, que a amava com o amor mais intenso, mais verdadeiro e doloroso que o coração humano podia conter? Porque não se apercebera, ela mesma, que era a ele que amava, sendo preciso para a consciência disso ir até quase à loucura, em busca de um ser inferior que a sua fantasia tornara elevado, e que um capricho mórbido lhe colara nos nervos? Ia escrever-lhe uma carta. Dir-lhe-ia tudo, confessando que já «*não pensava mais em cromos*» como ele lho havia recomendado. Ia fazê-lo feliz e a ela também.

E parecia-lhe que a sua felicidade tinha começado.

Nesse momento entrou o major no gabinete e disse-lhe que o *5 de Setembro* aí vinha; que ela já tinha amigas e diversas conhecidas; que o Ricardo também os tinha, e portanto podiam fazer... assim qualquer cousa. Dançava-se um pouco, comia-se, bebia-se, e estava festejada aquela data, que felizmente caía em domingo.

Era o aniversário natalício de D. Eufrásia.

Toda a casa pôs-se em movimento.

O major sentia-se feliz de poder ostentar com dignidade os seus dotes e os de sua família, com luxo e pompa, perante convidados de primeira ordem que pretendia reunir nos salões de sua grande vivenda.

Dous dias antes foram distribuídos os convites.

Tinham sido contemplados, nessa distinção, entre outros o Dr. Amâncio com sua família, mulher e três filhas. O Dr. Amâncio, médico, era um conhecimento já velho do major; fora o antecessor do Dr. Teixeira na terra daquele: era um dos frequentadores de sua casa. Eugênia, Amanda e Beatriz, suas filhas; Constança, sua mulher.

A família Meireles, um conhecimento feito em casa do Dr. Amâncio. O Meireles era negociante de fazendas por atacado, uma casa forte que girava sob a firma de *Meireles, Campos & C.*;

o primeiro, português naturalizado, o segundo, brasileiro, e o *companheiro* era um rapaz também português, guarda-livros da casa e casado havia dous anos com a filha mais velha do Meireles – a Leocádia, que já lhe dera um filhinho e estava agora para dar-lhe um outro; o sócio brasileiro era o Honório Campos, um grande preguiçoso, de um apetite admirável, cinquenta anos de idade, rico, celibatário por natureza, muito amável e metido a filósofo. Era o dicionário vivo do Meireles, em todas as questões, quaisquer que fossem. O Meireles jurava sobre a palavra do Campos, e o Campos o acompanhava a toda a parte aonde fosse, quer só, quer com a família.

– As Figueiredos, umas boas vizinhas que eles tinham, filhas do velho Tomás de Figueiredo, viúvo e capitão da guarda nacional. Essas raparigas eram quatro, todas magras, muito espirituosas, e trabalhadoras; uma delas, a Hilarinha, meio míope e com uma bela pinta natural ao canto esquerdo da boca.

– Uma meia dúzia de rapazes, estudantes da Academia, conhecidos em qualquer dessas casas; alguns outros rapazes de outras profissões; o Dr. Silva Marcondes com sua mulher e... estava fechada a roda dos convidados.

– Se falhassem seria o diabo! exclamava o major, satisfeito com as suas compras.

Tinha sortido a copa do que havia de mais fino nos mercados da cidade, não só em bebidas como em conservas e doces de todas as qualidades, feitos em casa e encomendados nas principais confeitarias.

Quando chegou o domingo, segundo o costume de todos os anos, quis ele fazer o seu presente a D. Eufrásia. Saíra de manhã e andara por lojas e joalharias, sem saber o que escolher. Afinal determinou, numa das últimas, que o homem levasse um sortimento do que tivesse de melhor, de mais moderno e mais fino, à sua casa, para lá ser escolhida a peça que tivesse de ficar.

O joalheiro lá foi.

Era ele um judeu-francês, louro, esperto como todos os judeus. Estendeu sobre o sofá e as cadeiras da sala duas caixas de mogno, com algumas divisões, em que trazia a encomenda como fora feita. Havia diversas pulseiras de ouro, ora polido, ora fosco, com várias

cravações de brilhantes e outras pedras; anéis com magníficos solitários; brincos; pulseiras; broches com vários nomes em pérolas e diamantes; pequenos relógios para mulheres; brincos modernos; joias de grande valor artístico; alfinetes à fantasia, para o penteado; um mundo enfim de pequeninas cousas de grandes valores.

Entre todos esses artefatos havia também muita peça já fora da moda, mas que o hábil judeu lá pusera como novidade, a ver se vendia: – broches de porcelana com aros de ouro em filigranas, e quadros pintados ao centro; objetos de coral, de formas já passadas, presos em ouro colorido; joias, como cruzes, canivetinhos, medalhas, de fotografias microscópicas com vidros de aumento representando monumentos célebres, ruínas de antigas cidades e uma coleção completa dos passos do calvário.

Nestas joias deteve-se Ester a examinar os desenhos e as representações da legendária história tão sua conhecida:

– *Rute nos campos de Booz*. E lembrou-se da dedicação sublime que aquela moça da Bíblia consagrava a Noemi, a mãe de seu chorado esposo, acompanhando-a para Belém; – um exemplo que edificava;

– *Os pastores da Arcádia*. Cópia da tela esplêndida de Nicolau Poussin, século dezessete, o grande pintor do *Moisés salvo das águas*. Representava os tempos paradisíacos da Grécia, o Éden da mitologia helênica;

– *Napoleão em Santa Helena*. Lá estava, de pé sobre um rochedo escalvado, o famoso corso, o gênio mais destruidor dos tempos modernos, e que viera dos fins do século passado como um furacão horrível, abalando os alicerces da Europa, vencido em Waterloo e morto em Santa Helena em 1821, após seis anos de degredo.

Sentia-se a grande solidão daquele quadro: – na imensidade do mar, um rochedo, e sobre o rochedo, triste e pensativo – o vencedor de Austerlitz...;

– *No cantão de Valais*. Era uma paisagem suíça, representando um lago sereno, a espelhar cristas nevadas de montanhas alpinas. Tudo ao longe, vago e com uns tons sombrios de saudades perdidas;

– A *Assunção*. Um quadro do século dezessete, de Murillo, o grande pintor espanhol. Representava a Virgem subindo ao céu por entre o coro dos anjos;

– *Jesus entre as crianças*. Era um quadro em que o Nazareno se achava rodeado de crianças, abraçando a umas, beijando a outras, abençoando a todas. Havia ali mães, vindas de todos os cantos da Terra Santa, apresentando os filhinhos às bênçãos de Jesus, cujo nome transpusera os ângulos da Judeia e os píncaros do Hermon;

– *Belém*. O que os seus olhos viam agora era a terra da tribo de Judá, sobre a vertente de uma colina. Ali estava o berço de Davi, mais tarde o berço de Jesus.

E lembrou-se de Rute, porque a página mais tocante de sua história passara-se nas vizinhanças de Belém;

– *Cristo em Emaús*. Sua primeira aparição aos discípulos depois de ressurgido. Uma cópia do grande quadro de Paulo, o Veronês, o imortal autor das *Bodas de Caná*, e um dos pintores mais célebres, e que viveu no século dezesseis;

– *A fuga para o Egito*. Era um quadro vulgar da história de José e Maria, a salvar o menino-Deus do decreto de Herodes, que ordenara em Belém a degolação de todas as crianças menores de dous anos.

S. José, à frente, – de pé, cajado à mão e túnica ao ombro, puxando pelo deserto em fora a mansa alimária em que ia a virgem e o futuro reformador do mundo.

No mais distante do quadro, fincadas na solidão do céu, viam-se as pontas imóveis das pirâmides, história feita de pedra, guardando no seio dos séculos a glória dos Faraós (lembrou-se de Champollion);

– *A Santa Família*. Cópia de pintura flamenga, de um quadro de Rubens, fins do século 16 ou princípios do 17.

Este quadro despertou-lhe todos os seus instintos de mulher. Via a mãe sentada com um filhinho nu ao colo e outro aos pés, com um carneirinho atrás. À esquerda, o pai. Que expressão em todos eles! que alegria! que felicidade!

A imagem do lar, mas um lar como o d'*A Santa Família*, cresceu-lhe no coração;

– *A festa da Páscoa*. Era um quadro de costumes hebraicos, em homenagem ao aniversário do êxodo egípcio.

Lembrava o sangue do cordeiro que advertira ao Anjo-*exterminador* de que dentro estavam os hebreus que deviam de ser poupados. Era a mais importante das festas hebraicas; durava sete dias e caía a 15 de Nisan[103], primeiro mês do ano, tendo o cordeiro da páscoa sido imolado ao anoitecer do dia anterior;

– *Surge, et ambula!* Era a assombrosa ressurreição de Lázaro. Jesus, com a mão esquerda erguida, mandava Lázaro que se levantasse do sepulcro, e que passeasse. E o irmão de Marta, com grande pasmo dos assistentes, vinha se levantando da sepultura. Esta fotografia microscópica devia ser cópia de uma célebre água-forte de Rembrandt.

Depois sucederam-se vários outros quadros, todos bíblicos, todos de assunto conhecido, sobre os passos de Jesus.

Agora tinha parado a rapariga a contemplar a *Ascensão do Senhor*, última página da tragédia do Calvário, posta em cena com o beijo de Judas.

Esse quadro abrira no espírito da moça uma grande válvula, por onde entravam as recordações de seu passado, quando, menina ainda, ela soubera quase que de cor a história sagrada.

Tinha ao vivo na imaginação aquela grande cena do quadragésimo dia, da ressurreição de Jesus. Lembrava-se até dos lugares, no mapa da Palestina, por ela examinados um a um, quando sensibilizada relia com as lágrimas nos olhos a história do Nazareno.

– Fora aquilo depois que ele instruíra os apóstolos, preparando-os para a dolorosa separação. Tomando então a estrada de Betânia, parara o Divino Mestre no monte das Oliveiras. Estendera as mãos sobre os discípulos e, cheio de saudade o olhar, fora se elevando a manso e manso no azul, até perder-se na imensidade do espaço. Estava concluída a sua missão. Ia começar-se a obra dezenove vezes secular da catequese das gentes, – e o Espírito Santo tomaria um por um todos os sacerdotes de Cristo, e os guiaria incólumes através de todos os perigos, para que se cumprisse a vontade do Eterno, de que fora mensageiro seu filho humanado...

Neste ponto de suas recordações a atenção se lhe distraiu, porque a mãe tinha escolhido o broche moderno com que devia de ficar.

Era um mimo de finos lavores e custo de um conto e duzentos mil réis.

Ester achara-o muito chique e voltara a ver a última cruz, que ainda não tinha visto, da coleção.

Ao levá-la à pupila não pôde evitar uma exclamação de grande alegria, de verdadeira surpresa, que obrigou todos a se voltarem para ela, perguntando o que fora.

– O Horto do *Hernani*, respondeu, – e caiu na gargalhada, corrigindo em seguida o seu trocadilho:

– O *Horto de Getsêmani*! um quadro esplêndido que, havia muito, desejava possuir.

E dirigindo-se ao judeu perguntou-lhe o preço da cruz.

E, como se estivesse sozinha, entregue a seus pensamentos, para deles não se esquecer, repetia: – *Hernani, Getsêmani; Getsêmani, Hernani...*

Ao levar aquela cruz à pupila, e ao ver o *Horto do Getsêmani*, lembrou-se imediatamente do *Hernani*, ponto de que não tinha podido passar na reconstrução de sua associação de ideias. Com efeito *Getsêmani* tinha sido por assonância a palavra pré-genetriz do nome *Hernani*.

Como a sua memória era verdadeiramente fenomenal, nada perdera de vivacidade a reconstrução começada.

– Ah! exclamava mentalmente a rapariga. Já agora podia tocar a sua querida ópera.

E ficou com a cruz que a libertara daquele incômodo de espírito, verdadeira idiossincrasia física.

– Ora, quando que se havia de lembrar de que *Getsêmani* gerara *Hernani!* Que relação tinha uma cousa com a outra, a não ser certa semelhança de sons? – tenuíssima relação, tão insignificante que talvez ela nunca mais a descobrisse, nunca mais executasse a ópera de Verdi!

E, olhando a cruz, via com amor o jardim legendário do Monte Olivete, aonde costumava Cristo se dirigir para fazer as suas orações.

– Fora aí que à meia-noite, pensava a moça, após agonia de morte e suor de sangue que umedecia a terra... fora aí que o buscaram os soldados de Anás, os príncipes dos sacerdotes, os guardas da fortaleza de Antônia, os magistrados do templo, e os demais inimigos... Fora então que Judas se adiantara e, saudando ao Mestre, lhe dera aquele beijo que o levara à *Ascensão*, passando anteriormente pelo suplício do Gólgota.

E, descendo a cruz, recordou-se de que havia pensado em *Getsêmani*, na sua associação de ideias, por ter antes andado em espírito pela Galileia, a propósito de Madalena. Lá estava Magdala, o seu berço natal, ao norte de Tiberíadas, ambas nas margens ocidentais de Genesaré. – *Madalena* viera depois que ela pensara em Cristo, – ideia que tivera por um motivo de religião, pois que a precedera a lembrança de *Leão XIII*. Sabia que se lembrara do papa por ter pensado em *leões*, fato mental que por sua vez lhe tinha vindo à memória por ter antes divagado pela África a velha pátria daqueles felinos.

Neste ponto demorara-se ainda em religar os pensamentos passados. Era preciso descobrir por que motivo é que andara pela África.

Encontrara-o.

– *Angola!* Tinha sido a Angola. Lembrara-se dessa possessão portuguesa na África, por causa de uma pena que lhe parecera de galinha d'Angola, pena que tocada pelo vento lhe passara pela frente, quando estava na sacada a seguir a série de pensamentos da referida associação.

Nessa ocasião dera-se até um fato interessante para ela, uma coincidência, podia-se dizer: – é que estava a pensar no cromo e na corrida das galinhas d'Angola, no dia em que comprara ao Novato, n'*À Flor do Chiado*, a caixa de lenços, – quando a pena ao passar, desviou-lhe de lá o pensamento e o arremessara através dos mares, para as regiões africanas.

– O ter antes pensado em sua terra, no Novato, nas *angolas*, na caixa de lenços, – tudo isso se filiava à lembrança de uma cadelinha que possuíra e que morrera de parto. Fora horrível o sofrimento do pobre animalito que ela tanto estimava.

A lembrança da cadelinha viera do desastre sucedido ao cão sob as rodas do *bond*.

Estava reconstruída pela ordem descendente, isto é, – às avessas, a sua associação de ideias. Sentia-se radiosa a moça. Tinha descido, ponto por ponto, toda a escala misteriosa daquele grande trecho de pensamentos, desaparecido entre duas frases, como o navio que relacionou dous continentes, naufragado em meio do oceano.

O primeiro continente, no caso, era a frase – *A forma do manjar devia de ser mudada, a fim de evitar que o pensamento dos homens parasse no seio das mulheres;* o segundo continente era – *A dor dos* «*animais*» *devia de ser a mesma dos homens. Como estes, eles deviam ter uma alma* «*imortal*»*, segundo queriam muitos.* E no meio, tudo que prendia esses dous pensamentos, era o navio sobre o mar largo das ideias, o qual, revolto, tragara até às profundezas um trecho de sua vida mental.

Agora o que era preciso, aquilo de que a moça necessitava era de pôr as cousas em seus termos, isto é – pela ordem direta, do simples para o complexo e o mais sinteticamente possível. Esse trabalho era-lhe fácil; fazia-o como quem desvira um saco do avesso para a direita. Tinha partido de cima para baixo; ia agora partir de baixo para cima.

Tomou o seu livro de lembranças e começou a escrever uma chave mnemônica. Aí as palavras em grifo, estranhas aos pontos da associação, serviam apenas de cópula às palavras em versaletes; estas eram os pontos, eram os marcos miliares do pensamento desaparecido e depois encontrado.

E escreveu o que se segue e que conserva aqui a mesma forma[104] por ela dada:

NOTAS A MIM MESMA

> «A dor dos *animais* devia de ser a mesma dos homens. Como estes, eles deviam de ter uma alma *imortal*, segundo querem muitos.»

O BOND *da* TERRA-NOVA (cão) *matou a* CADELINHA DE PARTO *em* MINHA TERRA, quando passava no ar UMA PENA *que era de galinha* d'ANGOLA, *pena que me levou à* ÁFRICA, *onde eu* vi OS LEÕES *dilacerando o papa* (Leão XIII)!

Era chegado o fim da RELIGIÃO *de* CRISTO, *que, acompanhado de* MADALENA, *partira de* MAGDALA, *na formosa Galileia, a fim de esconder-se no* HORTO DE GETSÊMANI!

Ouviu-se então num realejo o HERNANI, tocado por VERDI. *Cristo fugiu para a* ITÁLIA *e refugiou-se em* VENEZA, *fazendo-me sonhar com um* PRÍNCIPE À BEIRA DE UM LAGO; *lembrei-me do meu* CROMO DOS LENÇOS, *e voltando a* «À Flor do Chiado» *vi Jesus na* VITRINA DO NOVATO; *era esta muito parecida com* A *da rua da Imperatriz, aqui,* onde eu vi um belo ESTOJO DE COSTURA.

Sempre que vejo um ESTOJO *lembro-me da agulhada no dia do jantar político, que teve uma mesa de* DOCES *de arromba, tendo sido muito apreciados os* MANJARES, *com as suas formas de pequeninos* PEITOS.

«A forma do manjar devia de ser mudada,
a fim de evitar que o pensamento dos
homens parasse no seio das mulheres.»

– *Ester*.

S. Paulo, 4 de setembro de 1887.

Levantou a cabeça e, fechando os olhos, repetiu de memória e em voz alta todos os versaletes dessa página.

– Pronto! exclamou, já de pé, numa alegria enorme; e foi ao piano e encheu a sala com as harmonias do *Hernani*.

Ia anoitecendo.

Havia vasos de flores por toda a parte; festões pendentes do alto das portas sobre os portais; cada aparador, cada consolo era um pequeno jardim. Havia em tudo, em todos os móveis, uma ordem admirável; um asseio que dava vontade de beijá-los; uma disposição simpática e corretíssima, acusando a determinação de uma das melhores donas de casa. Todos os cômodos da grande vivenda estavam franqueados aos hóspedes dessa noite, e em todos eles havia a mesma harmonia, a mesma ordem, o mesmo asseio. Licoreiros aqui e ali, sobre mesinhas. No salão de jantar tinha-se levantado num canto um grande bufete, espécie de *kiosque* de verdura, onde

havia um criado às ordens de todos os convivas: – aí estavam em prateleiras forradas os vinhos mais caros dos primeiros países produtores, desde os de Lormond, Pomard, Sauterne e Madeira, até aos finos de Chambertin, Steinberger e Champanhes Clicquot, e Möet & Chandon; os mais delicados e deliciosos licores; doces secos para abrir a sede; queijos diversos; *sandwichs*, etc. Neste *kiosque* havia um letreiro que dizia: – *É pedir e beber*. Na sala de jantar, por sobre a mesa, e seguro por duas bambinelas de folhagem, lia-se em grandes letras – *Toda a liberdade*. Em cada porta dizia um cartaz – *Entrai, à vontade*. Cerveja, à discrição.

O major Cornélio quis dar a seus amigos uma amostra das suas festas no interior. Tudo ressumava naquela casa uma alegria enorme. A criadagem trançava por toda a parte. Ele tinha convidado mais amigos; convidara também pessoas altamente colocadas com quem já tinha relações.

Eram esperados comendadores, conselheiros, barões, tipos enfim da nata paulistana. Os homens do diretório liberal, esses foram dos primeiros convidados.

A festa devia, pois, de ser esplêndida.

Agora estava-se arranjando a mesa do jantar; tinha sido aumentada em dobro; nela, colocavam-se pirâmides para doces; suportes portáteis, para mil cousas pequeninas; candelabros e serpentinas; grandes jarras de porcelana atopetadas de flores. Um copeiro louro estava estendendo a baixela – uma baixela riquíssima, de ouro, de que todas as peças eram marcadas em monograma com as iniciais *C & E* – Cornélio e Eufrásia; pratos de frisos dourados, porcelana transparente e delgadíssima; grupos de copos de várias cores e tamanhos diante de cada prato; os guardanapos dobrados em flor...

Na cozinha o movimento era enorme, – no forno, no fogão; a essa hora estava já quase tudo pronto... Ia anoitecendo.

Nesse tempo antes das 6 horas era já noite.

No dia anterior tinha chovido muito, – grandes cargas d'água com raios e trovoadas, de modo que o dia 5 tinha sido formosíssimo. A tempestade varrera do céu as fumaças de agosto; o termômetro descera a uma temperatura agradável, e sentiam-se os pulmões cheios de bom ar.

A lua, em quarto crescente, pairava no quadrante, de leste sob um firmamento desanuviado e azul, onde as primeiras estrelas começavam de tremular. A frouxa claridade do astro na infância entrava pelas janelas do nascente, abrindo no soalho losangos de luz.

Era uma noite fresca e sem vento.

Acenderam-se as lanternas de fantasia do alpendre e do jardim.

Começaram a chegar os carros: – os convidados eram recebidos pelos dous irmãos, com toda a gentileza.

Ester trajava um vestido de seda cor de creme, de uma simplicidade sedutora, com um peitilho de veludo escuro, de um palmo de largura e estreitando-se à proporção que descia. As suas mangas lhe enluvavam os braços, um primor de estatuária na frase do Dr. Teixeira; essas mangas eram curtas como o vestido também, que deixava a descoberto uns sapatinhos pequenos, de salto baixo, onde se aninhavam dous pombos vestidos de seda carmesim. Por único enfeite, uma rosa branca, uma rosa única sobre o peitilho de veludo.

Já tinham chegado o conselheiro Costa com a sua família, filhos e filhas; – aqueles, estudantes de direito; estas, das mais bonitas de S. Paulo, sobretudo a Maricota, que era uma morena alta, forte e corada, um tipo de beleza sensual;

– O Dr. Amâncio, magro e espigado, barba toda, claro e de *pince-nez*, com sua mulher, gorda, morena, e muito baixa, barriguda por natureza, boca batida, com buço espesso, e sempre a fungar, cansada, com o pescoço atolado no vão de dous seios enormes... Eugênia, a filha mais velha, saíra à mãe; tinha como esta banhas a valer e era morena e baixa; do pai só herdara a miopia e estava noiva. Amanda era magrita, clara e alta, o tipo mais nobre da família, cabelos castanhos e olhos pardos. Beatriz, 15 anos, a mais moça, herdara igualmente dos pais; ficava entre moreno e claro, altura regular, bem-proporcionada e roliça. Via-se-lhe nos olhos, negros como uma jabuticaba, e nos beiços, carnudos e rubros, todo o fogo dos temperamentos tropicais. Era a namorada de Ricardo. Tinham ambos, um pelo outro, uma paixão violenta, sensual e perigosa, porque eram muito moços e tinham muita liberdade. Isso agradava em extremo ao Dr. Amâncio, que via no fato um bom partido para o futuro.

Chegara depois o comendador Silva com toda a sua família; chegara também o padre Valério, um rapaz magro, vermelho, alto e de nariz romano, que não nascera para sacerdote e que chorava lágrimas de sangue por ter dado essa cabeçada. Gostava de estudos de história e amava as mulheres com ternura; sentia-se muito bem no aconchego das saias, e contentava-se com os sonhos que Deus lhe dava, e em que ele fazia de tímido amante, gozando, às ocultas, as mais belas mulheres de S. Paulo.

Os últimos a chegar foram os Meireles, que trouxeram o Campos, grandalhão e gordo, com a sua papada de touro sobre o colarinho deitado, olhos carnudos e vivos, sustentando sempre o celibato, apesar de amasiado, havia alguns anos, com a filha de um salsicheiro alemão. Não dançava por se cansar muito; mas jogava e discutia, e quando precisassem de bons queixos para a mesa, ou de gente para fazer brindes – era com ele. Tinha raiva de padres e metia as botas constantemente nos «sotainas hipócritas», nos «cães de sacristia», como os chamava.

Já se podia dançar; poucos dos convidados tinham deixado de comparecer.

Às 9 horas dera a música o primeiro sinal de quadrilha. Tiraram-se pares, formaram-se alas.

Ester lembrara-se da pilhéria do Alcântara, na noite do baile no Aguiar, rompendo com um dobrado horroroso, fora, na rua, no momento em que a quadrilha ia ser começada, ficando interrompida até que ele com a sua gente acabassem de tocar.

– Um pobre! pensou a rapariga.

A dança rompera animada.

Para todos os rapazes era Ester o primeiro tipo da sala. A nobreza de porte, a seriedade e distinção de maneiras, a elegância natural e toda pessoal no mover-se, no falar, no dançar; o elevado dos conceitos, sem afetação e sem preparo prévio, – tudo isso fazia da rapariga a primeira figura da sala, figura simples e poeticamente despretensiosa.

Mal acabava uma quadrilha já estava ela sendo pedida para outra.

Ricardo e Beatriz não se largaram mais; passeavam de braço

dado por toda a casa, alegres, conversando; ele a limpar o suor com o lenço, ela a abanar-se com o leque. Nas valsas, nas *polkas*, ficavam unidos como bananas gêmeas...

O *kiosque* da sala de jantar adquirira uma freguesia enorme. Os homens iam ali constantemente beber; depois começaram também a levar as mulheres.

Os rapazes examinavam a biblioteca de Ester; abriam aí os livros e os encontravam lidos, anotados por ela à maneira dos livros do médico.

– Era um cômodo esplêndido! diziam.

Estava tudo iluminado, prodigamente iluminado. Pelas janelas via-se o jardim com as suas lanternas à fantasia.

– Que boa preguiceira para a digestão! exclamavam. – Que boa cama!

E tinham desejos de rolar na cama da rapariga, sob o grande cortinado de escumilha de seda. Tudo aquilo era uma delícia para eles; cheirava a muito cobre.

As janelas estavam abertas.

Via-se, baixa no horizonte, a lua que descia sobre o vale extenso do Tamanduateí, donde, nessa hora da noite, começava a se espalhar uma facha de névoa a marcar as curvas do rio pela planície.

O padre Valério não podia dançar, estava com um calo arruinado; e, junto do *kiosque*, perto das janelas abertas, apreciava a noite serena, bebendo e fumando, a sustentar com todo o entusiasmo a verdade do catolicismo, atacado pelo Campos numa discussão travada havia mais de hora, discussão em que o sócio do Meireles tinha ironias cortantes e às vezes grosseirias censuráveis.

Grupos de moças e de rapazes, nos intervalos das danças, aproximavam-se deles, os ouviam um pouco, lhes davam apartes e se retiravam depois; e o olhar do padre Valério, rápido e amoroso, acompanhava as sedas roçagantes das raparigas bonitas; e, quando elas desapareciam, o padre suspirava.

Ele era casamenteiro, sabia ser amável e chamar para si as moças, que o ouviam com prazer. As suas conversas versavam sobre o amor, sobre a poesia, sobre a música... A sua voz era suave, terna

como a de um capão acompanhado de pintos. Ele ficava nervoso e entrecortava as frases. Delicado em extremo, afetando sempre muito respeito às cousas da religião, fingindo-se quase santo, gostava que lhe pedissem para recitar, o que só fazia depois de muito rogado.

Este padre, bom homem, coitado! tinha entrada nas principais casas de S. Paulo. O padre Valério! quem não o conhecia?...

A uma hora começaram a servir a mesa.

Já lá estavam todos os convidados, quando D. Eufrásia deu por falta de Ricardo e Beatriz. Ambos tinham entrado regularmente no *chartreuse*[105].

A mulher do major Cornélio foi encontrá-los no jardim, sentados num banco, à sombra de uma camelieira. Ela chegou-se pé ante pé.

Falavam baixinho.

– Já tinham ido para a mesa! dizia-lhe Beatriz. Podiam lhes notar a ausência!

E levantou-se.

– Não! não! Ninguém daria pela falta! Ele queria ainda um beijo, um só! suplicava Ricardo.

E enlaçou-lhe a cintura forte, assentada sobre largos quadris, unindo o corpo dela ao seu corpo.

– Bom, um só; mas um só, sim? acedera a morena.

E passando-lhe os braços por cima dos ombros, entregou-lhe a boca vermelha que ele apanhou entre os seus beiços, com amor e com lascívia.

E deixaram-se ficar abraçados, imóveis, suspirando à sombra da camelieira.

D. Eufrásia apareceu no alpendre, chamou-os como se nada tivesse visto e voltou para a mesa. Eles a acompanharam.

Comia-se com uma disposição admirável. Trocavam-se brindes a todo o instante. O Campos, já bem torrado, fez três discursos: – um, provando que os padres deviam de ser casados; outro, provando que a vida era um vale de lágrimas, e o último saudando a um dos cavalheiros mais distintos em sua longa vida de 50 anos: o major Cornélio!

Foram muito brindados os donos da casa, diretamente e na pessoa de Ester, – «uma das moças mais gentis e formosas de que tinha feito aquisição a elite da sociedade paulistana».

Falaram todos que o quiseram. Às três horas recomeçou-se a dança e o Campos ainda fazia discursos, ainda comia e bebia e ainda discutia religião.

Da meia-noute em diante Ester tinha principiado a se aborrecer de tudo aquilo, havendo momentos em que se distraía e o revelava no rosto.

Em uma das últimas quadrilhas, dançando com o Costinha, um quintanista, filho do conselheiro Costa, rapaz lindo, estudante distinto e muito bem-educado, – este lhe notara o fato.

– Que desde que ali entrara não a perdera de vista. Era observador; gostava de estudar as pessoas. Havia uma cousa que a preocupava, que lhe pesava no espírito; podia ser que ele se enganasse, – mas a causa do estado em que ela se achava não estava naquela reunião, senão ele já teria descoberto.

E a sua voz era terna, de uma meiguice e doçura capaz de impressioná-la se ela realmente não estivesse a pensar noutra cousa. Já antes o *Dr.* Costinha, como o chamavam, deixara escapar com muita nobreza e seriedade as belas impressões que recebera dela.

Ester, que não era vaidosa e não queria iludi-lo, confessou que ele tinha acertado quanto à preocupação.

E para que não pensasse na possibilidade de ser amado por ela, depois de interrogada sobre o motivo daquela apreensão:

– Saudades, simplesmente saudades, disse.

– Não seria indiscreto se perguntasse de quem?

– Não. Era muito natural que o desejasse saber, como achava natural que ela lho dissesse.

– Então...

– Faltava ali naquela reunião uma figura muito distinta, que sempre fizera parte das reuniões de sua família, no interior... disse a moça!

O filho do conselheiro conservou-se calado e pensativo durante alguns segundos. Depois:

– Se era noivo dela? perguntou baixinho, indeciso.

– Não; ela ainda não era noiva, respondeu sorrindo.

– Então... era...

– Concluísse, ordenara Ester. Dissesse com toda a franqueza.

– O seu predileto.

– Estava a pensar que ele fosse dizer *namorado*, tornou-lhe a rapariga, já empalidecendo e já sorrindo. Se o houvesse dito ela teria protestado.

– Mas um predileto era um namorado.

– Não. As pessoas de educação fina – amavam, mas não namoravam. O namoro era incompatível com os sentimentos elevados e nobres.

O rapaz calou-se de novo e por muito tempo. Depois:

– E esse cavalheiro?... perguntou.

– O Dr. Lins Teixeira, um grande médico, um grande filósofo.

– Ah! conhecia-o de nome. O Dr. Luiz Pereira Barreto falava sempre e com louvor do Dr. Teixeira.

– Então já via que era mesmo distinto.

– E que a escolha não podia ter sido melhor.

Ester pediu-lhe o braço e o conduziu ao Gabinete, para mostrar-lhe *A Estiva*, o presente do médico, um cantinho da sua terra; – era uma das obras-primas de Jacob Despois.

E falou longamente sobre este pintor.

Cada vez mais pálida, a fazer um esforço enorme para não prorromper num dilúvio de confissões, ela estava trêmula; vivia agora do passado, só vendo a imagem do médico a crescer-lhe no coração como um polvo de luz, prendendo-a, sufocando-a à sucção de seus tentáculos.

Pedida para cantar, cantou as músicas de que mais gostava o médico; e como as cantara pensando nele – fora enorme o seu triunfo, sendo recebida por salvas de palmas, e aplausos de todas as qualidades.

– Além de todas as distinções, tinha a de ser uma grande cantora, uma cantora de grande mérito, disse-lhe o Dr. Costinha, que se sentia triste, com a notícia que ela lhe dera, admirando-a mais e mais.

Vinha vindo a madrugada. A lua tinha-se ocultado por detrás dos morros da Penha. O céu, crivado de constelações, imensamente

azul, de uma serenidade virginal, cobria S. Paulo com a sua cúpula de estrelas, atravessada pela facha branca do *Caminho de S. Tiago*.

Dentro em pouco, baixo no céu, começou de aparecer um vermelhão para os lados de Mogi das Cruzes. Era o dia que vinha amanhecendo.

Os convidados foram-se despedindo... até ficar a família a sós.

Nesse dia, às 10 horas, o carteiro trouxe uma carta do médico, sobrescritada ao major e dirigida a Ester, que ainda estava a dormir.

VIII

Agora, cada dia que se passava, maior era a tensão mental no espírito de ambos, do médico e da rapariga.

Nele, já cristalizada, tinha a paixão períodos de fluxo e refluxo, movimento e repouso, conforme as condições externas que lhe falavam ao corpo ou ao espírito; e, assim, num dia de luz, de muito sol, – num dia em que se alimentava melhor, com mais apetite, por qualquer motivo, lembrava-se mais dela, parecendo que a amava mais, que a amava até à loucura; – nos dias tristes, nublados, ou quando comia mal, ele não sentia do mesmo modo a lembrança da criatura amada, tão longe, ausente, dele esquecida talvez.

Identificara-se com aquela ideia; ia se acostumando com ela. Fazia parte já de sua individualidade como o braço com que pegava a bengala, o cérebro com que pensava.

Nesses dias, de repouso afetivo, os seus pensamentos eram tranquilos como o espelho de um lago circundado de montanhas; pensava nela suavemente, refletindo-a na sua memória, como o lago reflete a estrela, inconscientemente, no sossego tropical das noites quietas de estio; via-a como se fosse um balão a desaparecer no espaço, a diminuir, a diminuir, até perder-se, sumir-se da vista – na pátria azul do firmamento.

A árvore do seu amor tinha crescido, florira, frutificara. Era uma existência completa já, e que fazia parte da sua vida de consciência.

Nesses dias de repouso, era de uma passividade a toda a prova; chegava a iludir-se, pensando que não a amasse mais; era como os animais hibernantes: – sentia-se imobilizado, entorpecido no gelo dos afetos, a 20 graus abaixo de zero no centígrado de seu amor... Compreendia que todo esse gelo lhe vinha da ausência dela, dessa mulher que lhe era a luz, o sol, a vida; mas não reagia na ocasião, por faltar-lhe a consciência, – pois só a tinha, desse estado, quando dele saía, refeito então de forças, entrando no de movimento, onde a imagem dela se aproximava mais, como o sol no periélio, – trazendo-lhe a primavera do espírito, com o degelo de seu temperamento, o renascer de seus afetos, o refulgir de sua imaginação!

No espírito da moça, tornava-se a tensão mental cada vez maior, porque todas as energias de seu sistema nervoso reagiam cada vez mais, protestando contra o capricho em que ela se mantivera, e destacando com fulgor a imagem do médico, pregando-lha no cérebro a marteladas de amor, vibradas pelo pulso vingativo e forte de uma lembrança finíssima.

E, assim, a separação lhe era um peso, um peso permanente e insuportável; a ausência causticava-lhe o pensamento, enervando-lhe a sensibilidade geral, que se tornava de estranha delicadeza; e as suas necessidades afetivas exigiam a imagem dele – sempre festejada com o pensamento, no mais alto, no mais puro subjetivismo.

Agora, andava o médico melancólico.

Com a partida de Joana, que sempre lhe falava da rapariga, a alma do doutor ensombrara-se de cismas, anoitecera de saudades.

Começou a aparecer-lhe no espírito o desejo de escrever uma carta.

– Mas... escrevê-la, como? perguntava a si mesmo. Nas circunstâncias especiais em que se achava, a carta havia de infalivelmente passar pelas mãos do major; portanto nada poderia dizer do que sentia e do que penava. Para ir sobrescritada a Ester, seria uma ousadia, que o major tomaria em conta como desconsideração; e ainda assim lê-la-ia – e portanto estava ele no mesmo caso da primeira hipótese. Ah! se pudesse escrever a ela só, de modo que mais ninguém visse! – eis o alvitre que lhe era absolutamente impossível pôr em prática. Em todo o caso escrever-lhe-ia com o sobrescrito ao major. Isto a obrigaria a responder; e possuir a sua letra já era um conforto, já era uma grande consolação. Mas que cousa lhe diria? Achava-se tão estúpido, que nem sabia o que dizer!

Sentou-se à mesa, tirou o papel, acendeu o cigarro e molhou a pena.

Depois de pensar muito tempo, numa irresolução penosa, começou: – «Minha Senhora.»

– Não! *minha senhora* não ficava bem; parecia ridículo. Tinha tanta liberdade com ela, que não devia usar de *minha senhora!* O melhor seria entrar em matéria sem dirigir-se a ninguém.

Começou de novo: – Tudo por aqui, depois que todos partiram...

E levantou o braço que estava trêmulo, quase convulso.

– Diabo! Como era besta! disse em voz alta.

Deu duas voltas pela sala, atirou fora a ponta do cigarro e sentou-se à mesa.

Bateram na porta.

– Quem era?

Ninguém respondeu.

– Quem era, entrasse! ordenou com impertinência.

A porta cedeu e ele virou-se na cadeira.

Era um velho de barbas brancas, de pés no chão, ponche e calça arregaçada, com um lenço envolvendo a cabeça por baixo do chapéu.

– Que desejava?

– Queria uma receita...

– Se não podia voltar logo?

– Morava longe... e ficava ruim para ele...

– Pois ele é que não tinha nada se ficasse ruim; era se quisesse. Diabo! não se tinha tempo nem de escrever uma carta! Era um inferno aquela vida!

– Mas ele não lhe vinha pedir nada de graça... trazia dinheiro para...

– Patife! já dali pra fora! já! já!

E o velho retirou-se.

Alguns segundos, e o doutor correu à janela e viu que ele ia perto... Pôs o chapéu e foi buscá-lo. Trouxe-o para o gabinete. Pediu-lhe desculpas e ouviu-o com toda a atenção.

Examinou-o, receitou, e não cobrou nada.

Mais tranquilo agora, fora ele ver o que estava escrito.

– Mas não tinha o nome dela! portanto ficava a carta sendo dirigida ao major!

E rasgou colérico a folha de papel.

– Aquilo era o diabo! Como é que havia de fazer, senhor?!...

E coçava a cabeça, e torcia o bigode...

– Bom! punha em cima o nome dela, – *Ester*, só! Mas seria muita liberdade, liberdade que ele nunca tivera. Visto isso, punha *D. Ester* e nada de *vossa excelência*.

E achou graça e pegou a rir, lembrando-se de que seria muito desfrutável se alguém o visse naquele momento!

– Como era estúpida a posição dos que amavam!

Para pôr em cima, numa carta, o nome da mulher amada, mil dificuldades!

Tirou outra folha de papel e começou: *D. Ester.*

Cada frase só era escrita depois de muito pensar. Ele receiava o ridículo, receava trair-se, ser infantil; seu verdadeiro receio não era o de trair-se nem o de ser infantil – era o escárnio provável que as suas palavras podiam despertar nela.

– Se ele a visse rir do que lhe escrevera, seria capaz de apertar-lhe o pescoço.

E essa lembrança trouxe-lhe uma onda de sangue ao rosto.

Já havia escrito umas doze linhas. Aí estavam as saudades que sentia de todos, do piano dela, e as poucas novidades que tinha havido na terra. Já fazia calor e já tinha chovido.

Releu duas ou três vezes esse pedaço; achou-o bom, e dispôs-se a continuar.

– *Pan-pan, pan-pan-pan*.

– Quem era? gritou furioso.

– Era de paz, respondeu Jacob Despois.

– Oh! como ia o Jacob de saúde?... Há que anos que não o via! disse abrindo a porta.

– Jacob[106] não ia bem, respondeu o pintor como se falasse de terceira pessoa.

E tirou o gorro de sobre as madeixas louras e começou a encher de fumo o cachimbo.

– Então que novidade havia?

– A novidade é que a Tonica se embirrara com a mãe e metera o arco.

– Para onde fora então?

– Pra casa dele. Entrou e não quis sair mais. Ela estava com um filho na barriga... de modo que era impossível botá-la na rua. Uma espiga! Uma espiga!

– Era o diabo! disse o médico. Mas enfim, que queria que ele fizesse?

– Que fosse vê-la; o filho estava querendo sair antes de tempo, – tinha 7 meses e... ela estava de cama havia dous dias. Era preciso dar um remédio.

O médico ficou com os olhos muito brilhantes.

Tinha-se lembrado da cena do gabinete, quando ela lá aparecera com a mãe para ser furado um tumor do lado esquerdo, abaixo do umbigo. Viu-a em pensamento levantar o vestido e tapar as pernas com a colcha que lhe trouxera; vira deitar-se; lembrou-se do momento em que lhe levantara a camisa, dobrando-a sobre os seios, descobrindo-lhe um belo ventre boleado, macio e liso como uma luva cheia, cor de pouco café com muito leite, a descer em curva para as virilhas, que se abriam em ângulo para cima, sobre largos quadris, redondos, de carne quente. Lembrou-se de quando descera a colcha mais, de quando apalpara as imediações do tumor, tendo que voltá-la um pouco para a direita. Só aí é que sentira a influência do que via, do calor provocante daquela pele de quatorze anos. Lembrou-se de quando dera a lancetada, da colcha que descera com os movimentos da dor até aos joelhos da rapariga, atirando-lhe aos olhos uma puberdade na infância, um ninho de amor, aveludado como os arminhos e feito da primeira penugem das aves. Sentiu desejos de vê-la, de apalpá-la de novo. Andava doido pelo contato das mulheres. Tornava-o assim uma continência voluntária, longa às vezes de dous, três, quatro meses. Queria vê-la agora. Devia de estar outra. A gravidez embelezava as mulheres. Todas as fêmeas, na animalidade, eram mais formosas, mais gentis e sedutoras, quando grávidas. Havia um excesso de vida que lhes corava as bochechas, iluminava o olhar, entumecia os seios e desenvolvia todos os músculos. Queria vê-la! queria palpá-la!

Saíram ambos.

A morena do pintor havia crescido mais; deitara largas ancas e seios para a maternidade. Era outra agora e mais desembaraçada. Com os olhos de um negror diabólico, rasgados em amêndoa; com a boca bonita, rubra como um golpe de romã, sorria a rapariga para o médico, respondendo às perguntas que ele fazia, a mostrar-lhe os dentes claros sob os lábios espessos e apetitosos.

Ele também ria; era um riso nevrótico, de contentamento lascivo e malicioso, de quem pelo dedo estava enxergando o gigante. Podia ter dado a receita pelas informações. Não o quis.

– Era preciso ver em que posição se achava a criança.

E ela não esperou que a mandassem deitar; estirou-se por si mesma num movimento forte... O seu paletó de morim, abotoado por um só botão, abriu as abas para os lados, ao peso dos peitos gordos que penderam um pouquinho para fora; e o grande arco do ventre, coberto por vestido de chita vermelha, arredondou-se por cima, destacando-se no fundo branco da parede caiada.

Ele desabotoou-lhe o vestido, ajudado por Jacob Despois; desatou-lhe o cós da saia e, abrindo-os para os lados, pôs-se a apalpar por cima da camisa. As suas mãos ora subiam, ora desciam, e ele tinha o aspecto de quem escutava uma cousa ao longe. Já agora nem se lembrava da cena do gabinete; ali era simplesmente o médico, mais ninguém. Tinha exclusivamente o interesse da ciência, cumpria um dever, não pensava em mais nada.

– Se fosse casado quem sabe se a sua mulher não morreria de parto!? perguntou a si mesmo mentalmente.

E lembrou-se de Ester, e lembrou-se da carta que deixara em cima da mesa.

– Bom; aquilo não seria nada, afirmou.

Receitou e saiu depressa, já incomodado com o pintor, por lhe haver este roubado pelo menos uma boa meia hora.

Entrou em casa e foi continuar a escrever.

– Que mais diabo havia de dizer? Ah! sabia!

E escreveu que as ameixieiras do quintal dela estavam vergadas ao peso dos cachos dourados, – doces como mel; a pitangueira, de perto da janela do sótão, estava tapadinha de flores e, apenas nascia o sol, ouvia-se ali um sussurro enorme de insetos, de diversas qualidades de abelhas, maribondos, mamangabas, etc.; as bananeiras, que tinham sido queimadas pelas geadas de junho, estavam pondo folhas novas. Se se lembrava do caminho da Estiva? – pois os ipês de lá estavam todos florescidos... muito chiques, pareciam flores de ouro; mas a casa estava tão triste!... não se via ninguém! Até o

General tinha sentido esse isolamento; passeava soturno por cima dos muros, por baixo das árvores, a dar uns miados melancólicos, e a parar de vez em quando para lamber o peito. Via a *Mansinha* todos os dias; estava gorda que era uma bola. Do bezerro é que não sabia notícias: estava fechado no pátio.

Depois parou e viu que já tinha escrito muito; era preciso concluir.

Acrescentou que andava morto de saudades; que tinha um grande desejo de vir a S. Paulo, mas, que não podia abandonar os doentes; que enfim, um dia quando menos esperasse, ele cá estaria.

Disse mais que escrevia a ela para ter resposta logo. E recomendou-se muito a todos.

Neste pondo ficou embaraçado. Não sabia como terminar; se devia pôr *De V. S. am.º cr.º obr.º,* ou simplesmente *cr.º obr.º* ou *servo respeitoso*...

– Estava o diabo aquilo! A primeira forma era ridícula; a segunda... forçada; a terceira, servil, e só empregada em alto estilo, – contrastando, portanto, com o que escrevera!

Depois de muito pensar assentou de não pôr nenhuma delas.

– Assinaria o seu nome, simplesmente, mais nada! Pois então?

E assinou.

Releu a carta duas vezes; emendou erros que lhe escaparam na febre com que a escrevera, e puxou o envelope.

– Aqui sim; podia pôr *V. Ex.*, isto é, *Excelentíssima*. Era por fora, e por fora o tratamento devia de ser com todas as etiquetas. O *Excelentíssima* ia depois do *Ilustríssima*.

– *À Ilustríssima e Excelentíssima Sra. D. Ester de Ataíde Paiva*, sobrescritou. Pôs em seguida o nome da rua e o número da casa, e embaixo – *S. Paulo*.

Fez tudo isso com uma letra linda, corrente, caprichada. Chamou o criado, deu-lhe um *nikel* e o mandou pôr a carta no correio.

Depois fez o cálculo de quando ela devia de ser recebia em S. Paulo.

– Era sábado, 4 do mês; domingo – chegaria à capital; mas só segunda-feira 6 é que seria entregue pelo carteiro. Então segunda-feira leria Ester a carta. A demora na resposta marcaria o grau de afeto que

ela lhe tivesse. Se respondesse imediatamente, é que andava também com muita saudade dele, e que lhe merecia por conseguinte alguma atenção, alguma simpatia; se passasse dous, três dias sem responder, então quase nada valeria aos olhos dela; se não desse resposta...

E tendo medo de concluir o pensamento começou a assobiar alto.

– Portanto, voltou ele ao princípio, – ela responderia no mesmo dia ou no seguinte, e terça ou quarta-feira, à noute, leria ele a sua letrinha miúda e elegante, nervosa e bonita, com os tês minúsculos cortados embaixo, de uma só penada; os dês com a perna em um só traço oval, ligado à letra seguinte; os éfes, feitos à alemã, e os gês com as pernas puxadas para a esquerda e sem chegarem à linha de escrita, porque terminavam embaixo num til. Ele mesmo iria ao Galdino, o agente do correio, esperar a *sorte grande*.

Fora essa a carta que, às 10 horas do dia seguinte ao baile, o major recebera com sobrescrito para si e dirigida à filha.

Achara muita graça nas notícias dadas pelo médico, e disse que quem havia de realmente apreciá-las era a Ester.

– Falava das ameixas, das *primaveras*, do *General* e da *Mansinha*! Ora o Teixeira não tinha mais que fazer! Era um poeta o diabo!

Entretanto, ia o sol subindo no horizonte. Nesse mês, ele passava quase justo no mesmo plano das ruas de leste a oeste na capital paulista. Batia de chofre nas duas janelas do poente, semiabertas, no quarto de Ester. Para ter o ar constantemente renovado durante a noute, deixava a rapariga essas janelas altas com os batentes pouco separados e as vidraças suspensas à altura de uma caixa de fósforos *Jönköpings*[107]...

A claridade da manhã tinha-lhe invadido a vasta alcova.

Às pancadas do pêndulo da sala de jantar, dando 11 horas, abriu ela as pálpebras lentamente, moveu-se entre lençóis, e foi-se despertando a pouco e pouco.

Com o calor da noite tinha Ester empurrado a colcha para os pés, ficando apenas com o lençol; este a cobria do cinto para baixo, deixando a descoberto o seu formoso busto de estátua, deitado sobre o flanco esquerdo, vivificado pelo movimento vagaroso do seio livre, que subia e descia, cortado em meia-lua pelo decote da camisa alvíssima.

Quando ela pôde conseguir toda a consciência de que estava acordada, começou por pensar uma infinidade de pequeninas cousas, acompanhando com o olhar a dança lenta das moscas no ar parado da alcova. Viu depois no espelho do lavatório a imagem do aparador que ficava em frente às duas janelas do quintal, com o seu oleado cor de havana, os dous vasos de flores artificiais, a estatueta de bronze representando Washington, diversas figurinhas e enfeites de *biscuit* e o álbum de retratos.

– Não tinha o retrato do médico, pensou consigo. Se ao menos o tivesse!

E, apertando as pálpebras, abiu a boca, num bocejo longo que descobriu grande parte de seus belos dentes, onde não havia uma cárie nem uma desigualdade, – de um esmalte admirável, de uma correção de linha a toda a prova.

Sentou-se na cama, espreguiçou-se e pôs as pernas para fora, descansando os pés nus sobre o tapete, com as mãos cruzadas entre as coxas. Olhava para os seus pezinhos claros, mimosos e gordos, lisos e de veias azuis, de uma alvura para beijos, em movimento de compasso sobre o tapete imóvel, onde as lebres corriam perseguidas pelos cães.

– O seu amor era como as lebres; mas os seus cães chamavam--se desejos; corriam pouco; não as alcançavam nunca!

Puxou a camisa para o ventre e examinou acima do joelho uma mancha roxa que lhe tinha aparecido havia muitos dias. Chamava-se *melancolia*, na linguagem de Joana. De roxa ia ficando azulada, ia se espalhando, ia desaparecendo.

– Aquela *melancolia* viera de pensar nele, disse-lhe o coração, a ela que se engolfava em reparar a beleza das próprias pernas, nuas e lisas, de uma pele fresca e macia como a das criancinhas, de uma cor de copo de leite em que se pingasse uma gota de carmim.

Aí estava concentrada toda a arte plástica da Natureza. Com a pressão da beira da cama elas se haviam unido em cima, aquelas pernas grossas, numa intimidade quente e só de todo separável com a morte.

– Era assim que ela devia de viver com o médico, unidos assim, segredou-lhe a memória ao sentimento...

E descruzando as mãos, descansando-as nas cadeiras, lembrou-se do Novato, no dia das compras n'*À Flor do Chiado*, – quando ele espalmou brutalmente a sua manopla sobre as meias a vender, para mostrar que nelas cabiam pernas e companhia.

– Mas tudo aquilo era só para o médico, pensou sozinha a sorrir, e já se levantando e indo para o lavatório.

O pêndulo batera um quarto.

– Com os diabos! era tarde!

Espreguiçou-se toda, abriu mais os batentes da janela e começou a preparar-se.

– Era a mais infeliz das criaturas! Tão só no mundo! Joana já lhe não servia de cousa alguma, nada sabia dele, nada lhe podia dizer. Era preciso acabar com aquilo de uma vez. Queria que o médico lhe escrevesse; mas de moto-próprio ele não lhe escreveria nem uma palavra, apesar de ter tido indiretamente essa permissão. Conhecia-o muito; – era de um orgulho imenso, porém louvável, grandioso! Mas a ela é que competia escrever; ela é que partira de lá, e os que partiam é que deviam de escrever primeiro. Quem sabia se ele não ansiava pela primeira carta dela, para dizer-lhe tudo então? Quem lhe afirmava que ele não pensasse assim, justamente como ela andava a pensar? Portanto, era fazer cara dura; era humilhar-se e escrever-lhe uma cartinha para que ele também lhe escrevesse. Ah! que alegria quando pudesse ler a sua letra dirigida a ela diretamente! Depois, não precisava comprometer-se na primeira carta, posto que fosse esse o seu maior desejo, como uma satisfação dada, como uma reparação à maneira por que sempre o tratara; mas, em boa tática, e de conformidade com a sua posição de mulher e filha-família, – ele que se comprometesse em primeiro lugar!... Toda a dificuldade estava nesse primeiro passo; dado que fosse, ficava aberto o abismo de seu amor, do amor de ambos, onde ela acharia o consolo que procurava, nas palavras dele, e ele nas palavras dela. Depois viria naturalmente o desenlace, o casamento! Ah! que alegria quando ele se visse nos braços dela, ele que talvez nunca o esperasse, e lhe dissesse: – És minha! e ela o pudesse abraçar como esposo, a mostrá-lo orgulhosa pelas ruas de S. Paulo, como um dos homens mais dis-

tintos, um dos médicos mais hábeis, um dos filósofos mais célebres... e num beijo lhe dissesse nos lábios, como das mulheres a mais feliz – *És meu*! Passeiariam juntos por toda a parte, e as tristezas da vida nunca os atingiriam, porque ninguém se amava como eles, e nunca ninguém fora mais digno um do outro! Seria um Paraíso então, e os seus desejos, agora, alcançariam o seu amor como os cães da caçada alcançavam as lebres... que fugiam. Sim! – ia escrever-lhe; seria uma cartinha lacônica, sem uma palavra só que se prestasse a dous sentidos. Ele, responder-lhe-ia imediatamente e... quem sabia? – talvez que, mais corajoso, resvalasse de si próprio! Nisso é que estaria então toda a sua ventura; porque na segunda carta ela resvalaria um pouquinho também, e assim em cada uma, iriam ambos se entregando mutuamente, nesse amor imenso que os sacudia e que os martirizava, tornando-os felizes! Estava pois decidido: – ia escrever-lhe.

O pêndulo deu meia hora. Ester saiu da alcova.

– Tinha uma cousa para ela, disse-lhe D. Eufrásia na sala de jantar. Adivinhasse o que era.

A moça ficou a pensar.

– Que poderia ser?... perguntou cogitando. Era cousa que se comesse?

– Melhor que isso.

– Melhor do que isso?

– Sim.

– Cousa melhor do que o que se comia!?

– Melhor para ela, bem entendido. Não dissera uma ocasião, a propósito de certa cousa que recebera, que a achava melhor do que tudo que havia de melhor em gulodices?

Lembrou-se que de fato havia dito isso ao receber uma carta de uma sua amiga.

– Ah! disse radiante, é uma carta de Branca... de Júlia?

– Tinha acertado, respondeu-lhe a mãe, passando-lhe aberta a carta do médico.

Quando ela leu em cima *D. Ester* e embaixo *Dr. Lins Teixeira*, sentiu um estremecimento geral em todo o corpo; ficou pálida como um cadáver.

– Tinha vindo com sobrescrito para o major, acrescentara D. Eufrásia.

À medida que ia lendo, ia também recobrando nova vida. Os seus olhos tinham adquirido o fulgor dos grandes diamantes lapidados; toda a sua fisionomia se iluminava. Sorria, apertando o beiço superior entre os dentes, a ler a carta do médico; parecia-lhe que o estava ouvindo falar, gesticular; a voz dele lhe estava entrando pelos ouvidos; a sua figura lhe invadia a retina, dominando o cérebro; sentia-o por todas as formas; percebia até os gestos que deviam de ter acompanhado a estas ou àquelas palavras, se ele as tivesse proferido.

Sentara-se em uma cadeira para não cair, porque lhe sobreviera às pernas um tremor nervoso, um desfalecimento progressivo.

Lera toda a carta sem tirar os olhos do papel. Quando acabou de lê-la, suspirou, olhou para a mãe que a observava sorrindo, a acompanhar com interesse as transformações de sua fisionomia.

Envergonhara-se.

D. Eufrásia a abraçou com ternura dando-lhe um beijo na face.

Ela debruçou-se na mesa, com a cabeça sobre os braços cruzados, e desfez-se em soluços.

Não resistira, naquele momento, à carícia simbólica de sua mãe. Tudo aquilo queria dizer, para ela, que o segredo estava descoberto, e que fora recebido com generosidade por D. Eufrásia.

– Que se deixasse de tolices! falou-lhe a esposa do major. Chorar por quê? Cuidasse em responder à carta, é o que devia fazer. Excelente homem que era o médico.

E entre o sorriso e as lágrimas Ester perguntou o que lhe havia de escrever.

– Seria ensinar o *padre-nosso* ao vigário, respondeu D. Eufrásia.

E falaram longamente de tudo que a carta continha.

– Como devia de estar chique a pitangueira da janela! E as ameixieiras carregadas de ameixas? coitado do *General!*

Ester lembrou-se do dia em que ele fisgara a gata pelo pescoço em cima do telhado.

– E a *Mansinha*? Até da *Mansinha* ele dera notícias! Não tinha visto o bezerro porque andava fechado no pátio!...

Riram-se.

– Como era mesmo o nome dele?

– Do bezerro? ora esperasse! disse a mãe a ver se se recordava. – *Moleque, Moleque!*

Tinha-se lembrado.

– Era isso mesmo, *Moleque*; já devia de estar bem grande. Coitado do *Moleque!*

– Que saudade! Que saudade de tudo! dos campos florescidos de ipê, as *primaveras!* as *primaveras!* dos matos enfolhados de novo! dos belos dias de setembro, quando as chuvas lavavam os céus desfazendo as fumaças de agosto! Era ao cair da tarde... – ouvia-se então o pio ascendente e descendente do inhambu, uma escala cromática vibrada no seio dos campos, ao redor das moitas florescidas, ao sussurro das últimas folhas secas. E os sabiás? Como os sabiás cantavam nesse mês! um canto triste e saudoso, nas árvores mais altas, – imóveis, a fitar o céu, a encher os bosques solitários, as brenhas escuras, com a harmonia de seu canto!

Lembraram-se de tudo. Falaram meia hora das cousas de lá.

E o sol subia, quente, e sem nuvens que lhe impedissem o brilho.

Nas gaiolas da sala de jantar cantavam os passarinhos, à grande luz do dia, enquanto pelo quintal abaixo voavam aos pares, num voo de arranco, as pequenas borboletas brancas das couves; as pintadas de amarelo e preto, das laranjeiras; as cor de havana, dos pessegueiros, com asas semelhantes a meias-folhas secas; voavam outras, muitas outras de origem desconhecida para ela, que ouvia das janelas abertas o sussurro dos insetos pelo arvoredo, o cacarejar das galinhas à sombra, no quintal vizinho, o canto estrídulo das cigarras nos eucaliptos.

Lá estava a Penha, no alto, reverberando o sol com as suas casas brancas; embaixo corria o Tietê, vagaroso e triste como o rio da vida; para a direita a chácara da Glória, onde passavam os trens de Santos; mais para a direita ficava o Ipiranga; para cá, no mesmo rumo, no topo da colina, alvejava a Casa da Pólvora; e mais para cá ainda, na encosta de outra colina, a Capelinha do Lava-pés.

Ester estivera a ver tudo aquilo e a pensar na resposta ao médico.

– Era preciso responder naquele mesmo dia. O coração não sabia esperar. Mas a sua carta... ela devia de mostrá-la primeiro aos pais, por delicadeza; portanto devia de medir todas as palavras.

Recolheu-se ao gabinete e cerrou a porta.

Principiou a escrever.

Estava sob uma grande excitação nervosa. A velocidade da pena podia apenas apanhar alguns pensamentos; os outros fugiam na sua maior parte.

Contou tudo que tinha havido até então, tudo, tudo. Encerrou a carta com a narração do baile da véspera, anos da mãe. Não lhe falou de sua própria pessoa, senão das saudades que tinha dele. Disse que a sua vida era mais estúpida em S. Paulo do que lá. Lia muito agora; estudava a valer. Referiu-lhe as obras novas com que convivia, obras de história natural, de física, de filosofia, de astronomia, e algumas monografias médicas. Falou-lhe longamente de Letourneau, da sua *Fisiologia das Paixões*, um livro que a impressionara até à medula; cada dia que se passava, mais aprendia a se conhecer a si mesma; nessa obra lembrara-se muitas vezes dele, o médico, às observações e análises do Dr. Letourneau, não só porque verificava o que ele tantas vezes lhe ensinara, como também porque o via como prova das asserções do médico e filósofo francês. Falou-lhe também das *Metamorfoses dos insetos*, – uma obra esplêndida de Maurice Girard, toda ilustrada, e que fazia parte da *Biblioteca das Maravilhas*. A entomologia lhe tinha aberto vastíssimos horizontes à ação de sua inteligência. Mas, quanto mais lia, mais admirava o talento do seu mestre e amigo, de quem não se esquecia, de quem se lembrava sempre saudosa. Faltava-lhe aqui com quem conversar sobre esses assuntos, e ele devia de compreender quanto isso aborrecia a quem quisesse falar sobre tais cousas sem achar... companheiro. Quando se resolvia a vir dar um passeio a S. Paulo? Ia já para um ano e cinco meses que tinham partido de lá e só agora é que ele os tinha honrado com uma carta!

Neste ponto hesitou um pouco, mas escreveu o que estava pensando – esta palavra única: – *Pérfido!*

Estava a sobrescritar a carta, quando viu Joana ao pé de si. Foi um grande susto.

A velha mulata, alta e gorda, tinha entrado pé ante pé, e havia uns dous minutos que a espreitava a escrever a carta.

Riu-se muito do susto de sua afilhada e disse-lhe que D. Eufrásia estava dormindo na rede.

– Papai?

– Ainda não tinha vindo.

– Ricardo?

– Estava na aula.

Ester leu toda a carta à sua *Dindinha*, que a ouviu a sorrir maliciosamente.

– Que tal?

– Muito boa, mas faltava *tudo*, disse Joana, carregando com a voz na última palavra.

– Faltava mesmo – *tudo*, TUDO! confirmou a rapariga.

E entristecendo-se, perguntou-lhe:

– Como havia de dizê-lo, se a carta havia de ser lida pelos pais?

Joana condoeu-se da afilhada.

– Ah! se ela pudesse escrever-lhe diretamente, sem que mais ninguém lhe lesse as cartas!

– Que juízo! Não via o perigo que ia nesse proceder? perguntou-lhe a ama.

– Perigo... entre cabeças de vento. Entre eles dois, não. Pensava então que eles escrevessem cartas que não pudessem aparecer, caso houvesse necessidade? Era o que faltava! Já via que não eram cartas *de namoro*, mas de bons amigos, gente de educação, gente séria... Apostava em como ele guardaria as suas cartas debaixo do maior segredo!...

– Tinha certeza disso, respondeu a mulata. E até afirmava mais ainda: – se ele já não lhe havia escrito direta e ocultamente, era também por lhe faltarem os meios de o fazer.

Aqui, a fisionomia de Ester iluminou-se.

Toda carícias e ternuras, começou ela a sua obra de catequese. Queria que Joana lhe arranjasse um lugar onde fossem recebidas as cartas que o médico lhe escrevesse. Ela faria com que ele lhe escrevesse diretamente; isso ficava por sua conta.

Joana apresentava mil razões para negar-se. Ester as desfazia todas com grande facilidade.

Afinal, a mulata acedeu com uma condição:

– Qual? perguntou a moça, alegre e agradecida.

– A de serem sobrescritadas a ela Joana, por causa das dúvidas. Tinha muito medo desses negócios. Era preciso que ninguém desconfiasse, que ninguém viesse a saber! Por isso, seriam sobrescritadas a ela e podiam ser dirigidas para a casa de Nhá Lúcia.

Nhá Lúcia era uma lavadeira, com quem Joana travara conhecimentos na lavagem da roupa no Tamanduateí. Velha, viúva e sem filhos, morava ali, perto do rio, e tomara muita amizade a Joana.

– Onde morava Nhá Lúcia?

– Na rua do Conde d'Eu, respondeu Joana, e disse-lhe o número da casa. – Ali não havia perigo; Nhá Lúcia, além de ser incapaz de suspeitar, era mulher muito séria...

À hora do jantar foi a resposta lida pelo major e D. Eufrásia.

Ao fechá-la, Ester meteu-lhe dentro, numa tirazinha de papel estas palavras:

– *Não tem desejos de me escrever, para que só eu leia, sem mais ninguém? Desculpe esta pergunta de tola. Pique bem este papelzinho.*

A carta foi para o correio.

Dias depois veio a resposta, sobrescritada ainda ao major.

Com uma habilidade de mestre o médico empregara diversas vezes no correr das frases, tratando de outros assuntos, a palavra *desejos* grifada com um traço azul; todas as demais palavras que podiam servir de resposta à pergunta de Ester, como *imensamente, muito, extraordinariamente, não imagina,* grifou-as ele com um traço vermelho, mas sempre tratando de matéria inteiramente diversa.

Na resposta a essa carta, noutra tirazinha de papel mandou-lhe Ester o endereço para a sua primeira carta direta, dizendo-lhe que ela não era tão má como lhe parecia a ele, pois que a prova aí estava na leviandade desse procedimento. Assim o fizera porque sabia adivinhar.

Terça-feira 7, à tardinha, meia hora antes da chegada do correio, já estava o doutor no Galdino.

Ele aparecia por lá poucas vezes. A correspondência era o criado quem ia buscar sempre. Desta vez fizera uma exceção.

Quando abriram as malas, entre algumas cartas e jornais reconhecera ele a letra miudinha da rapariga. Ela omitira no sobrescrito o *Ilustríssimo Sr.* Ao centro do envelope lia-se com toda a simplicidade *Dr. Lins Teixeira*; embaixo, – o endereço, e nada mais. Ele não teve coragem de abrir a carta na rua; foi direitinho para a casa, rápido, nervoso, saboreando o antegosto de uma alegria imensa.

– Agora, nem que fosse uma descompostura, considerar-se-ia o mais feliz dos homens; tinha a letra dela, em carta a ele, a sua letrinha nervosa e pequenina, com os éfes à alemã e os tês minúsculos cortados de um só traço!

Fechou-se em casa e leu a carta; devorou-a de um fôlego.

– Ia escrever-lhe diretamente. Ela lhe explicou tudo.

A sua alegria se manifestava por desejos esquisitos. Queria correr, correr por toda a cidade, a gritar, a apregoar bem alto os seus amores, como nos centros populosos apregoam-se os jornais; tinha vontades de endoidecer, de sair em pelo pelas ruas, para ser preso e dizer o motivo do escândalo; queria estar no campo, no convívio íntimo da Natureza, para espojar nu sobre a relva, como as bestas de tropa, depois de longas viagens, à beira dos ranchos, a esfregar o lombo que arde, empastado de suor da jornada, crivado de pisaduras – a esfregá-lo na relva fresca dos prados ou na poeira quente das estradas.

Passeava ao longo da sala a grandes passos, falando sozinho, respondendo a si mesmo, a gesticular com energia, a amar todas as cousas.

Tirou o paletó, depois o colete; em seguida tornou a vesti-los. Pegou a vela e foi ao quarto; lá se esquecera do que fora buscar, e, para não deixar de fazer alguma cousa, virou duas cambalhotas em cima da cama, urinou sem vontade no seu grande urinol de porcelana, e voltou para a sala.

Precisava expandir-se, de qualquer forma, nem que fosse com uma cabeçada no portal. Por que não? Ninguém o via, desaparecendo, portanto, o perigo de ser considerado doido. Doido! Doidos eram todos os homens! Cada um tinha a sua falha no cérebro! Os maiores artistas tinham sido os mais deslocados.

E lembrou-se da noite em que se abrira com Jacob Despois, daquela noite de uma tristeza imensa! Como ele era desgraçado naquele tempo! Jacob que o ouvira na amargura, que o ouvisse na alegria!

Mandou chamá-lo.

O pintor foi encontrado na rua. Estava passeando com a sua companheira, que precisava de exercício.

Fazia um luar esplêndido. A cidade quedava-se no grande silêncio da noite, perturbado apenas pelos sons longínquos de uma sanfona monótona.

Foram ambos à casa do médico, que os recebeu como velhos amigos. A presença de Tonica despertara-lhe ainda mais a febre amorosa. Ele via naquela rapariga, forte e gorducha, de seios volumosos e ancas de égua, sanguínea e morena, um dos melhores produtos da Natureza, para auxiliar a evolução antropológica. Tinha desejos de morder-lhe os beiços, de queimar-se ao rescaldo daquela pele nova e sadia, esticada sobre os músculos, a copiá-los transparentemente como uma luva fina de goma-elástica. Ela ria umas risadas grossas, límpidas, a abrir a boca vermelha e lasciva, de beiços carnudos, mostrando os dentes claros, belos como os de Ester. Na obra da Natureza, estava ali o mais genuíno exemplar da fêmea. Que belo cruzamento! que esplêndido produto não seria o dela com Jacob Despois! Talvez que o filho do pintor desconhecido saísse um novo Sânzio, um novo Rembrandt! Aplaudia a coragem daquele homem, que rompera com os preconceitos, unindo-se à mulher que o amava e à qual também amava! Na ordem natural das cousas conheciam-se *uniões*, não se conheciam casamentos; era o *fato*, e não a forma; a *força de coesão* e não a lei que a determinava, porque a lei era uma *relação* e como tal – subjetiva; só existia portanto no cérebro do homem, criada pela arte de sintetizar conhecimentos! Começou por abrir cerveja, e depois de algum tempo passaram ao *cognac*.

Conversavam os três como bons amigos, alegres e ditosos, sobre todos os assuntos. Depois de Tonica era o médico quem bebia menos, porque tendo ainda de responder à carta, receiava ficar em estado de não podê-lo fazer convenientemente; senão, acompanharia com prazer a Despois e, pela segunda vez, agora de júbilo, meter-se-ia noutra carraspana.

Tinha guardado na carteira a tirazinha de papel, que lhe viera solta na carta de Ester. Referira tudo ao pintor e à sua companheira, sentindo-se de uma ventura inqualificável.

À meia-noite já o artista se achava bastante influenciado pelo *cognac*, e Tonica, devido ao estado de gravidez, e às roupas apertadas, começava a queixar-se, dizendo-se incomodada.

– Que eram horas, que queria sair! repetia ao pintor.

Este, porém, achava ainda cedo:

– Que diabo! Então não era capaz de passar uma noite em claro? – Uma rapariga forte como ela, bonita e boa!

– Tudo aquilo ia desaparecer, disse o médico, com a fala macia, terna.

E pediu-lhe que tivesse toda a liberdade.

– A sua casa era a casa de seu amigo Jacob Despois e de sua companheira. Se precisava de alguma cousa, era só falar. Entrasse, saísse, à vontade! Mas não se envergonhasse dele! pedia. Se eram as roupas que a incomodavam, desabotoasse-nas! Se era canseira, fosse deitar-se – ali mesmo na sua cama, no quarto. Vergonha, por quê? Não era ele médico? não lhe havia furado um tumor, vendo-a quase nua? Vergonha? tolice! Para si nunca a mulher merecera tanto respeito, tanta simpatia como quando estava grávida. Um ventre maternizado (e ele nunca maternizara um ventre!) era a obra-prima da Natureza; – um altar, o útero que alimentava um feto!

E bebiam...

Mas a aflição da rapariga aumentava-se cada vez mais, ainda que lentamente.

Ela estava corada e bela, de uma beleza procriadora, viril e sensual. Ora sentada, ora de pé, ouvia e conversava...

Já agora, numa cadeira de balanço, austríaca, tinha a amante do pintor tirado o xale de casimira, debaixo do qual havia desabotoado a sobressaia de chita e desatado a saia.

Os seus largos ombros, arredondados, e quentes, saíam lisos e morenos do cabeção bordado da camisa. Via-se-lhe todo o colo, nu, circundado de um rosário, e os peitos, empinados e gordos, apareciam em meio sob as rugas frouxas do decote caído.

Jacob Despois chegou-se à companheira:

– Bonito! não, doutor? disse ele ao médico, passando a mão pelas espáduas da rapariga.

E, curvando-se, beijou-lhe o colo, numa adoração plástica.

– Esplêndido! respondeu o médico, à meia-voz, aproximando-se, e com os olhos muito brilhantes.

Houve uma pausa longa, cheia da contemplação de ambos.

Ela sentia-se melhor, mais desafogada.

– Estava fazendo um estudo do nu, encetou de novo o pintor, vindo sentar-se ao pé da mesa; – estudo de *modelo-vivo*, o modelo era ela...

– Oh! devia ser divino!

– Mas estava interrompido por causa da gravidez. Divino?... upa! mais do que isso. Não imaginava que corpo o da Tonica! que beleza! que estética! – mas a estética da força produtiva, a estética da maternidade. Nos tempos de ouro da Grécia, ela seria a amante de um Praxíteles, a estrela de um Anacreonte.

E levantou-se. Chamava a atenção do médico para as menores linhas do colo da moça, de seus ombros esculturais, dos braços quase nus, belíssimos e musculosos, tapados apenas em cima pelo anel branco das manguinhas curtas da camisa. Analisava-lhe a movimentação dos músculos – mudando-lhe os membros de posição, voltando-lhe o rosto ora para um, ora para outro lado. Era como que um estudo minucioso de anatomia topográfica. E falava:

– Ah! o doutor não podia imaginar... jurava! o que eram as belezas ocultas da Tonica! as belezas que só ele é quem via.

E tinha as expressões do assombro, mas assombro de artista que, diante de Friné nua, se esquece do grito do sexo, com o pensamento absorvido na obra-prima da Natureza. E continuava:

– As linhas curvas do cinto! que regularidade admirável ao abrirem-se pelas nádegas! Nem a sombra de um osso ali se via! Tudo unido, arredondado, transparente, macio, compacto! Parecia feito de geleia, se aquilo lhe tremia! As nádegas! – tinham covinhas! Depois eram as pernas, tão admiravelmente esculpidas, que pareciam mais a obra de um estatuário, que o próprio trabalho da Natureza.

Tudo nelas era perfeito, desde o princípio, nos quadris, até aos pés minúsculos, de altos côncavos, e tornozelos pequenos. Nunca vira uns joelhos tão lindos! E as curvas por detrás!? E a lisura da epiderme!...

O médico ofereceu-lhes *cognac*. Todos três beberam. A amante do pintor ouvia-o com orgulho, com amor. A princípio sentira um pouquinho de pejo; mas acostumara-se logo, pois aquelas exclamações eram muito suas conhecidas.

O pintor continuou:

– E as belezas do tronco! Logo em cima era aquele colo e aquele seio que ele estava vendo. Espáduas corretíssimas! dous peitos de tamanho natural, gordos, de pele diáfana, com as veias à mostra, nascidos altos e empinados para fora! A linha do ventre parecia traçada pela mão de Rafael de Urbino e executada pelo buril de um Fídias moderno. Essa linha, profundamente artística, estava agora desnaturada por causa do filho que se achava dentro... Mas se o Dr. visse aquele belo ventre de Vênus, quando ainda vazio! Descia numa curva suavemente esplêndida, sem as deformações do espartilho, porque ela nunca soubera o que era um espartilho, e ia até afunilar-se no púbis, por sob um pelo cetinoso e raro, que ensombrava...

Tonica levantou-se rápida e tapou-lhe a boca com a pequena mão mimosa.

Ele afastou-a com carícia e continuou:

– Todo aquele corpo, todas as suas formas eram de uma beleza sem senão, de uma vitalidade que assombrava. A linha dos quadris, a opulenta largura da bacia...

Ela tornou a tapar-lhe a boca, pois conhecia aqueles termos, que ele lhe explicava a copiá-la sobre a tela.

– Bom! tornou o pintor, não falaria mais; depois, porém, que ela pusesse a criança para fora, queria que seu amigo, o médico, fosse vê-lo trabalhar diante dela, diante do modelo-vivo, na sua tela de tamanho natural. Queria que ele a visse, ali, sobre o estrado alto, nua, de pé, a receber a luz pela frente, caindo oblíqua do telhado de vidros. Era só para não pensar que Jacob Despois estava fazendo imaginação.

– Qual o nome do quadro? perguntou o médico.

– Era em francês, respondeu o pintor. – *AU PLUS FORT*. E, mais abaixo, entre parênteses: – (*Pour la maternité*)[108]. Não tinha achado em português expressões fortes como aquelas.

– A posição, qual era?

– De pé, um pouco reclinada para trás e para a direita, a descansar sobre a perna do mesmo lado; as mãos nas ancas; atitude marcial de desafio; a perna esquerda para a frente; os cotovelos para trás unindo as omoplatas.

Depois acrescentou:

– Nessa posição os dois peitos projetavam-se mais; o ventre caía em toda a sua extensão, sem uma ruga, numa linha em arco, belíssima, que ia terminar na penugem negra de uma vulva volumosa e bela.

– Estava adiantada a obra?

– Bastante adiantada. Imaginasse aquele torso! disse encaminhando-se para a rapariga. – Visse! exclamou, tentando descer-lhe as manguinhas da camisa, que ela segurava, opondo-se ao seu intento.

– Não fosse besta! berrou ele, encolerizado. Sempre havia de encontrar em seu caminho aqueles que o não compreendiam! O mundo estava cheio de imbecis... A arte não tinha pensamentos maus. Ninguém queria ver-lhe o corpo com desejos desonestos. O que se queria admirar era a beleza da forma, a plástica da natureza humana, como se fosse numa estátua, como se fosse numa obra de arte. Imoral, desonesta – era ela que concebia tais pensamentos. Havia imoralidade na nudez da estátua? Porque o pudor, mal-entendido perante ele e o médico, se ela era uma estátua animada? Corpos daquela perfeição deviam de andar nus pelo mundo, para ensinar a arte aos filhos da Natureza!

E parou um pouco, fingindo-se molestado.

Ela sorria-se, disposta a não resistir mais se ele tentasse de novo.

– O médico era seu amigo, continuou o pintor, depois de tomar um golinho de *cognac*. – Era ele o homem de sua maior confiança neste mundo. Não hesitaria em deixá-la na cama dele; no dia seguinte juraria que amanhecera intacta. Demais, agora é que estava com luxo... Quando foi para rasgar o tumor, e nesse tempo ainda não conhecia nenhum homem, não se importara de espernear até mostrar-lhe tudo!

E descendo-lhe com energia as mangas, puxou-lhe a camisa para baixo dos peitos, que se desnudaram trêmulos.

À grande luz do lampião viu o médico um dos mais belos bustos de mulher morena.

O pintor tinha arrastado a cadeira de balanço para junto da mesa, onde acenderam-se algumas velas. E, cheio de si, e orgulhoso de sua amante, ele pegava com amor e cuidado os seios da moça, e mostrava ao doutor o chique das veias azuis sob a pele finíssima e quente, a aréola rosada, terminando no mamilo, mais rosado ainda, furadinho como o fundo de um dedal – formoso bico de peito, mimoso botão de rosa.

Ela os chamava de bobos, que pareciam nunca ter visto um seio. Intimamente, porém, agradavam-lhe os elogios do médico.

Ambos palpavam-lhe os músculos com uma satisfação volumosa de atritos macios, atritos de carne viva de mulher bonita, e o médico achava que se a cópia fosse fiel, a tela do pintor seria um dos quadros imortais da pintura brasileira.

– Ah! mas ele não tinha visto nada ainda! respondeu-lhe o pintor. – Se era capaz de descontar o que excedia de ventre atualmente?

– Descontar... como?

– Sim! Vê-la como se não estivesse grávida? Queria mostrar-lhe a perfeição de todos os membros, o conjunto harmônico de todas as formas, a divina correção das coxas!

– Perfeitamente! descontava! respondeu o médico, certo de que a amante de seu amigo não se deixaria despir.

Ela é que se não opunha a mais nada, acostumada, como estava, a pôr-se nua para ser copiada na tela.

– Tivesse paciência! disse o pintor à companheira, abraçando-a, beijando-lhe a boca. – Nada de vergonhas! Era preciso ir se habituando desde já com aquilo, porque o doutor é quem havia de assisti-la no parto. Não queria saber de parteiras. A *siá* Joana era uma bruta; – quase arrancara a madre à mulher do Barbosa... por um pouco que ela não batera as botas.

E tomando-lhe as mãos levantou-a da cadeira.

Suspendeu em seguida o cabeção da camisa e desabrochou o

colchete único que lhe segurava a sobressaia de chita por cima da grande barriga, logo abaixo dos peitos.

A sobressaia, a saia branca e a camisa caíram ao soalho em rodilha.

A sensação visual do médico foi uma cousa indescritível.

Ela havia feito das duas mãos uma folha de parreira. Parecia mais bela assim. O doutor voltara ainda a Camões[109]:

«... Porém nem tudo esconde, nem descobre
O véu dos roxos lírios pouco avaro ...»

Jacob mandou-a soltar o cabelo, o seu cabelo basto, longo; e a onda negra e revolta da coma ondulante inundou-lhe os flancos, morrendo-lhe na meia-altura das coxas.

Ela saiu de dentro da rodilha de saias, como Vênus das espumas do mar.

– Queriam ver, não era? pois vissem, dizia, virando-se nos calcanhares, com os braços erguidos como uma dançarina.

Era flexível, elegante. Todos os seus movimentos tinham uma deslocação inconscientemente artística. Sob os cabelos no ar, moviam-se-lhe as nádegas rosadas, desunidas uma da outra pela separação natural, que com a luz das velas parecia uma sombra de pincel clareando de dentro para fora.

O pintor só tinha a impressão do Belo, e fitava o médico pregado no solo sob duas emoções alternantes: – a do belo na estatuária, a da volúpia nos nervos.

Grávida mesmo, o seu corpo era um primor de escultura. Aquilo deslumbrava! aquilo... doía, matava!

– Visse-lhe as pernas! mandou Jacob Despois – Duas colunas vivas, com um ninho de... amor, na ogiva!

E corria-lhe a mão devagarinho pelo corpo abaixo; para mostrar ao médico as curvas graciosas, côncavas e convexas, chamando-lhe a atenção para as menores cousas, a disposição de um músculo, a frescura da pele, a direção das veias, etc., etc.

Depois afastou-se e gritou levantando os braços:

– *Au plus fort!*

E ela pôs-se na posição do quadro, rindo-se para o médico, estupefato, mudo, pregado ao solo.

Ele, porém, de um pulo, abraçou-a rápido, com a espinha em arco, beijando-lhe a boca repetidamente, carinhosamente os peitos.

Ao voltar, encontrando-se com o olhar grave de Despois:

– Tinha beijado a *Estátua!* tinha beijado a Arte! disse-lhe nervoso, satisfeito de sua resolução.

O olhar do pintor era desconfiado, sério; parecia duvidar do médico.

– Jurava! tornou-lhe este, franzindo os sobrolhos. – Jurava! Pela sua fé de médico, pela sua palavra de homem de bem! numa atitude nobre e enérgica, o braço estendido no ar, a mão aberta, como se jurasse sobre um livro.

O pintor dobrou uma gargalhada, pois ele havia percebido as intenções puras do médico; fingira toda aquela cena de desconfiança.

O doutor ressentiu-se. Houve explicações, e voltaram às boas.

– Se queria ver uma cousa linda? linda, mesmo! – perguntou o pintor com entusiasmo, batendo as palmas e cruzando os dedos.

– Queria! Queria ver tudo! tudo! respondeu o médico, sem tirar os olhos da nudez que o deslumbrava.

Beberam mais um pouco de *cognac*.

Em seguida Jacob Despois mudou a mão esquerda do modelo-vivo para cima da cabeça, e:

– Hã? gritou, com os olhos arregalados, afastando-se para longe a fim de ver o efeito. – E isto? perguntava ao médico, descendo agora a mão pelo belo flanco arredondado e livre da sua companheira amada.

– E isto, hã? perguntou de novo.

Era a concha axilar esquerda, que ele estava mostrando, forrada de um pelo fino, curto, escuro e lustroso. E passava as costas dos dedos, repetidamente, sobre aquela pelugem aveludada, num misto de carícia voluptuosa e estética.

– Outro ninho, hã? perguntava, sempre a alisar.

O seu modelo-vivo, a sua companheira amada, excitava-se visivelmente àquelas carícias de macho amoroso e artista. A sua pele,

sadia e quente, ressumava um almíscar brando, suave, evolado das glândulas em ação; um cheiro agradável que lhe era próprio, que dela se desprendia nas horas em que vibrava toda a sua natureza física de mulher e de moça.

– Doutor! Doutor! E isto? hã, doutor!?

Jacob Despois mostrava agora ao médico o belo contraste de luz e sombra nos planos ilíacos, e o correto afunilamento das partes moles do púbis, salientes, desaparecendo em violenta curva, de cima para baixo.

Notara o Dr. Teixeira nesse momento que a excitação passava os seus limites; se continuasse, podia haver perigo. Disse-o em francês a Jacob Despois, fazendo ver que era tempo de deixá-la descansar. Ele é que queria fazer agora uma experiência.

Mas o pintor protestou, pedindo ainda para mostrar-lhe duas posições, só duas, de dous pequenos quadros que estavam também esboçados. Uma era *O Pudor*, em que ela se transformara completamente, tendo no rosto os traços das virgens de Nero, quando eram despidas perante o povo romano, nos anfiteatros da cidade eterna; outra, *O Sono*, que foi representada na cama do médico.

Depois, vendo-a muito excitada, tomou-lhe o doutor os pulsos, mandou-a que o olhasse firmemente, cravou nos olhos dela os seus, iluminados, grandes, fixos, e após alguns momentos fechou-lhe as pálpebras e ordenou-lhe que dormisse.

Hipnotizou-a à vista do pintor, que ficou maravilhado ao ver as cousas que ela fez às sugestões do médico. Em seguida este mandara-a deitar-se e dormir tranquilamente. E assim foi.

Já o relógio da matriz havia dado 3 horas da madrugada. O céu, fora, estava de uma limpidez de diamante. Havia um silêncio enorme, uma solidão completa.

Conversaram ambos ainda muito, muito mesmo. Falaram longamente da filha do major Cornélio.

– Aquela é que ele tinha vontade de copiar, se isso fosse possível! afirmava o pintor. – Porque aquilo, sim! além de ser uma obra de arte, era clara como a neve, esbelta e verdadeiramente adorável. Tinha isso melhor que a Tonica.

Entretanto, foram se cansando a pouco e pouco. Já a madrugada vinha rompendo. Jacob adormecera na rede e o médico sentara-se e respondera então à segunda carta de Ester – dando com finíssima habilidade respostas sublinhadas à pergunta da tirazinha de papel.

Dias depois enviava ele a sua primeira carta direta à filha do major Cornélio, com endereço a Joana Maria de Paiva, rua do Conde d'Eu, número tantos, S. Paulo:

«Ester.

X, 10 de setembro de 1887.

Permite que eu te trate por tu. Sei que mais ninguém me lerá. Escrevo com o coração na pena... Parece-me um sonho este momento. A felicidade chegou... e eu não esperava a felicidade. Há quanto tempo que és no deserto de minha vida, na soledade do meu espírito, o oásis único onde vai beber a caravana tímida, fugitiva e discreta, de meus pobres pensamentos. Sabes onde molho a pena? molho-a na minh'alma, nos meus próprios sentimentos. Tu me evitavas... eu nunca te disse nada. Tive a fatalidade de ver-te e de... nunca mais poder pensar em outra mulher. Todas as emoções afetivas que se revelam da puberdade aos vinte e cinco anos, eu só as conheci agora, pela primeira vez, depois que te vi, agora nos meus 33 anos... Supunha-me refratário a esse doce cativeiro do coração. Conformava-me com a indiferença da minha índole e vingava-me dessa minha posição, neutra na vida, estudando com a esperança de ser um dia útil aos homens. Tudo isso desfez-se a pouco e pouco. Hoje, troco a mais bela página de ciência por uma palavra tua, ainda que essa palavra fosse banal... crê. Sei lá, filha! quanto mais penso parece que mais ignoro. Vejo hoje, em tudo, uma espécie de fatalidade absoluta, uma mecanização de todas as forças brutas e vivas, a qual absorve até os fatos do espírito. Acho que somos todos irresponsáveis. Dize ao lago que não reflita o raio da estrela; ordena ao dia que não se ilumine sem a luz do sol; ao cérebro que não se apaixone pelo Belo: – lago e dia e cérebro não te obedecerão. Lago é toda a minha personalidade; dia,

o meu coração; cérebro, a minh'alma, o meu espírito cativo. Tu és – a estrela, o sol, o amor.

Sinto-me tão perturbado e... tão satisfeito ao mesmo tempo! Não sei o que é que me segreda que eu sou feliz, que os *meus dias de luz* aí vêm, esses dias que os meus olhos nunca viram! Tamanha é a minha alegria, que sinto na pele as festas do calor, o clarim marcial de todos os meus afetos. A minha imaginação vestiu-se de galas; dentro em breve, nau do espaço infinito, ela partirá para o *País dos Sonhos*, sob as grandes velas brancas de minha pobre fantasia.

Não indago se tenho o direito destas confissões; faço-as e – nada mais. Eu sempre pensava comigo mesmo que havia de chegar esse dia em que eu te dissesse: – EU TE AMO! Então? disse ou não disse? Se não te agrada, paciência! Aí vai o meu nome embaixo; guarda-lo-ás para lisonjear a tua vaidade de moça bonita... formosíssima. QUE TE AMO, tinha eu vontade de gritá-lo bem alto, por toda a parte, pelo mundo inteiro. Se eu fosse poeta, só morrerias se eu morresse, se a minha obra não chegasse à posteridade. Ao contrário, lá irias comigo, na romagem da fama eterna. Eu levaria o teu nome, coroado das harmonias do verso, até às nações novas do futuro, até aos últimos povos que vivessem no planeta. Nós seríamos um exemplo de perfectibilidade, um estímulo para a evolução do sentimento humano. Não sou poeta no entanto; mas, anonimamente, tu me fizeste bom, e a minha influência que é toda uma continuação da tua sobre mim, crescerá nos séculos como uma força indeterminada, mas real, sobre os indivíduos da nossa espécie.

Aonde vou eu, porém? É o advento da luz...

As grandes alturas têm isto: entontecem. Vê como a minha letra está me traindo! Treme-me o braço! Nos olhos sinto o batismo das lágrimas!... E vejo-te, Ester, tu, formosa, tu, santa, – viva, diante de mim, como visão nictalópica[110], com os teus grandes olhos doces, pensativos e negros... O teu olhar cai sobre mim como uma redoma de luz suavíssima e bem-aventurada! Foste mais que um anjo, permitindo-me que te escrevesse – a ti só. E me chamaste *pérfido!* Eu pérfido! Eu que fiz de ti a companheira do meu espírito solitário, a noiva de minh'alma, a religião do meu sentimento! – eu que tenho

os olhos voltados para ti como os mártires cristãos os tinham para o filósofo da Galileia! – eu que me isolei dos homens, eu que me desterrei de todos os prazeres para a ilha deserta do meu pensamento, porque lá vivias – só porque lá vivias –, eu *pérfido!*

Não! Tu não o dissestе de coração! Confessa que foi para provocar-me que o proferiste.

Olha: – pois é leviandade o me haveres aberto a *janua coeli*[111] de tua alma? – alma que é síntese de tudo que o evolver humano tem produzido de melhor!... Dá que eu me lustre nos divinos clarões de tua inteligência, na tua bondade suprema, na beleza de teu espírito culto e na correção das tuas formas! – Se eu pudesse morrer nas malhas da tua alma... que belo quando o sepulcro é um raio de sol!

Tu és a rainha de um grande país, tão grande como não o há nos continentes do mundo. Sabes a extensão que o meu espírito ocupa no tempo e no espaço. O meu espírito, Ester, é esse país, e o meu pensamento é o teu escravo.

Ah! eu não ter asas para te fazer um berço de estrelas! Escuta! Pensa em mim sempre! Pensa naquele que distante, vive em tua companhia! Sim! pensa em mim *sempre!* SEMPRE! com um pensamento grande, luminoso e belo. Responde.

Dr. Lins Teixeira.»

«Meu mestre e amigo.
S. Paulo, 13 de setembro de 1887.

Não imagina! Quase fiquei doida ao receber a vossa carta. Tinha eu acabado de ler um capítulo de Santa Teresa de Jesus quando me chegou às mãos esse delicado mimo de 10 do corrente. Eu o vi meu Senhor, a vós em pessoa, rodeado de um nimbo luminoso. As vossas palavras, ungidas de amor, eu não as li, ouvi-as com estes ouvidos da minha carne. Elas me espalharam pelo corpo aquele bem-estar de que fala a grande santa, quando se refere a Jesus. Elas puseram no meu espírito essa consolação beatífica que só é dada aos eleitos da paz.

Vivi em espírito. Todo o meu ser se alienou, e, num transpor-divino, eu vi o berço de estrelas que o meu mestre e Senhor colhera para a sua escrava.

Fora longa a viagem; mas, como eu ia pelo vosso braço, os mundos do infinito não me assustaram. Sorriam-me os abismos do espaço! A minha imaginação nunca fora tão grande em representações, nunca subira tanto! Vós o ordenastes e a escrava humilde cumprira as vossas ordens.

Há na minha vida uma página triste que eu ainda vos hei de contar: – é a história de um *cromo*. Por hoje basta que saibais que de todas as cousas que se me prendem à existência, neste quadro imenso de dores e alegrias, de grandes sombras e grandes claros, sem aquela meia-luz suave de que me faláveis, e que significa a paz e o descanso, – de todas essas cousas vós sois o ponto saliente, a imagem única que se destaca, vós que sois hoje o meu *cromo*, a minha *ideia-fixa*, a mais legítima de minhas aspirações, o grande oceano de luz para onde rola o rio encachoeirado, o cristalino rio de meus pensamentos.

Eu é que sou a vossa escrava; fazei de mim o que vos aprouver.

Que felicidade estranha é essa, que nos veio não sei donde? Eu era um ser incompleto, um aleijão na seara da vida. Vós aparecestes, e eu me completei. O meu coração inflamou-se de amor. Ardi nos fogos sagrados do mais santo afeto, e o meu espírito banhou-se nas claridades de uma ventura que eu antes não podia calcular. Cantou--me n'alma um pássaro ignoto, uma ave do céu, e o meu seio se atapetou dos mais finos adornos para receber a meu Senhor e amigo. As festas de meu cérebro são hoje mais formosas que as festas profanas do mundo! Na corte suntuosa de meu pensamento convivo com Beatriz, convivo com Eleonora, com Fornarina[112], para aprender a fazer de meu senhor e amigo um Dante, um Tasso, um Sânzio – no amor.

As estrelas são minhas amigas, ouvem-me as mágoas no silêncio da noite e vejo no brilho delas o fulgor dos vossos olhos. Não sei como agradecer-vos o bem que me haveis feito: – trato de aperfeiçoar-me, lendo os grandes homens, para assim ser digna de vós. Todo o meu passado está de pé diante de mim, quando penso no meu amigo e Senhor. Todas as minhas fibras se estremecem quando

o meu espírito pronuncia o vosso nome. – Sem o meu amado companheiro, viver! como?

Vós me abristes as pálpebras, criando na minha retina a faculdade da visão. Vós me ensinastes a conhecer as cousas, e foi convosco que eu aprendi qual o meu lugar na Natureza. O meu temperamento se modelou a pouco e pouco pelo vosso: – quase que sentimos juntos! quase que pensamos juntos! Esta unidade moral não é, logicamente, o princípio de uma unidade... física? Para que envergonhar-me de dizê-lo? Não é exato que falo a um homem superior? Aprendi a amar o que amais, a querer o que quereis, – e só amais o Bem e o Belo, e só quereis o Nobre e o Justo. Todas as delicadezas, dos vossos nervos de poeta, infundiram-se nos meus, aclimaram-se na minha vida espiritual, como por uma espécie de transfusão por contato. Vós sois o meu princípio e eu sou o vosso fim: – ambos nos completamos.

Que há entre nós, hoje, que possa impedir a grande lei natural da afirmação da espécie, na frase do nosso adorável Darwin? onde a barreira que obste a que a *seleção natural* da nossa linhagem se acentue com fulgor pela união de dous corações que se idolatram?

Sinto-me fecundada dessa luz intensa do Bem, a qual sobre mim projetastes desde que meus olhos se ofuscaram diante dos vossos!...

Habituei-me tanto a pensar em vós, tanto! tanto, que eu não penso em mais nada! Se o espírito tivesse um estômago, eu diria, servindo-me de uma comparação grosseira, que vós éreis a carne do meu espírito. Suprimir-vos da memória seria suprimir o próprio espírito da circulação da vida.

Não imaginais o desejo que tenho de ver-vos, depois que a maior das felicidades nos permitiu que escrevêssemos um ao outro. É que, nem falando, eu conseguirei jamais dizer o que sinto a vosso respeito. Não desconfiareis nunca do lugar reservado que ocupais simultaneamente no meu coração e no meu cérebro.

A minha imaginação é sem asas; não vos pode oferecer um berço de estrelas, mas vos oferece o meu seio, onde tendes um sacrário, e toda a sinceridade dos meus afetos, como eu os possuo e os cultivo.

Permiti que vos beije as mãos

a serva humilde e amante
Ester de Paiva.»

A resposta do médico, a esta carta, foi escrita com uma linguagem profunda de emoções, de sentimentos tumultuariamente afetivos. Vazara a sua alma no papel, ungida dos mais suaves pensamentos poéticos. Cada palavra era o testemunho evidente de sua paixão, do estado penoso em que ele se via, nevropatizando-se minuto a minuto, hora a hora, todos os dias, a pensar nela, com o espírito preso a mil desejos, acorrentado às graças de sua bem-amada.

Escreveu-lhe quase um caderno de papel, descendo com franqueza ao terreno das intimidades, falando do passado, analisando o presente, conjeturando o futuro. Foi filósofo, foi artista, foi poeta, foi pintor, foi músico; – foi tudo que era capaz de ser com o pensamento, com a palavra, com o talento e com o coração.

Daí por diante não cessou mais a correspondência de ambos, cada vez mais apaixonada, mais necessária como um consolo, como um alimento para o espírito.

Tinham chegado à familiaridade dos esposos. A quase 60 léguas de distância, separados um do outro, viviam no entanto juntos, conversando pelo correio, com a palavra escrita, com o pensamento reduzido a letras do alfabeto. Ele indicava-lhe livros, ela os lia com um frenesi amoroso, e os comentava nas suas cartas escritas de três em três dias. Por sua vez, mandava-lhe ela novos livros que chegavam ao Garraux[113], sobre medicina, sobre filosofia, sobre psicologia, sobre hipnotismo, sobre todas as cousas que lhe interessavam.

Tudo que era formalidade lhes havia a pouco e pouco desaparecido das cartas. Viviam em espírito, na região da ciência; falavam os termos próprios; discutiam pontos melindrosos da natureza humana, mergulhando-se em seus segredos, até a *pars pudenda*[114] da ciência. Não havia muito, tinham eles terminado uma longa correspondência sobre a fisiologia da concepção. E nunca se agradaram tanto um ao outro, nunca se conheceram tão de perto como agora, agora que se achavam separados.

Já não tinham futuro, porque os dias vindouros estavam preenchidos de ações, como se fossem passados ou presentes. Eram casados, tinham filhos, viviam num Paraíso. Estudavam juntos, e escreviam juntos, ensinando os filhinhos, preparando-os para bons

cidadãos e para suportarem com facilidade a luta pela vida. E sustentavam que a felicidade estava em suas mãos. Tinham localizado o amor na Natureza, determinando-o fisiologicamente, até às suas cristalizações mentais, na esfera da vida no planeta. E achavam mais beleza e poesia no conceito científico desse sentimento do que no conceito metafísico ou divino. Não levariam ilusões para o tálamo. A verdade era quanto lhes bastava, em sua nudez simpática e grandiosa, que fazia a ventura dos espíritos superiores. Que felicidade a de amarem os fenômenos como eles eram, *sentindo-os* com as seduções que outros não percebiam! Isso é que era SER FELIZ! A grande questão estava, pois, em evitar, o mais possível, os desgostos que a gente mesmo cria pela não satisfação de necessidades imaginárias, e procurar ao mesmo tempo todas as alegrias e todos os prazeres, físicos e morais, sem nunca tocar ao excesso. Metodizar a vida, intelectualizá-la com *vontade* e *sentimento*, era essa a divisa que estabeleciam, o lema com que iam demonstrar no futuro a felicidade da existência. Não querer o impossível, não desejar nada sem ver primeiro se os motivos do desejo eram justos. Chamavam a isto – o *freio do espírito*, a *peia da imaginação*. Era preciso também que não contassem somente com o interesse de ambos. Desde que se unissem, contraíam por isso mesmo um compromisso enorme perante a sua consciência iluminada, que sabia discernir as cousas do mundo: – o *compromisso da Espécie*. Tinham que olhar para o interesse dos filhos: – começaria pelo preparo dos pais para que aqueles nascessem com aptidões mais acentuadas e mais numerosas. No último degrau da escala zoológica essa era a obrigação dos dois seres mais inteligentes do mundo, esse macho e essa fêmea que se chamam – o *Homem* e a *Mulher*.

Senhores assim do cargo que tinham de desempenhar no teatro universal da Existência, ambos se haviam voltado ao tranquilo viver dos dias descuidosos de outrora, endosmosando-se, exosmosando-se, como duas vísceras vizinhas.

Ao médico voltara a jovialidade atenciosa de seu caráter; à rapariga, o riso e a paz, o sossego de espírito, o bulício ruidoso e musical de seu temperamento, a saúde inalterável e completa enfim. Assentara-se-lhe a imaginação, adormeceram-se-lhe os desejos.

Só uma cousa havia em ambos, que se avolumava cada vez mais: – a *saudade!* essa representação mental, terna e doce, ao mesmo tempo vaga e pungitiva, do objeto amado, que a distância nos rouba aos olhos da carne, mas que a memória nos oferece aos olhos do espírito.

IX

Tinha entrado o ano de 1888.

A província de S. Paulo achava-se em luta com dous grandes problemas, cada qual o mais importante: – o *separatismo* e a *libertação dos escravos*.

O primeiro, bem mais velho do que o segundo, vinha de mais longe.

Martim Francisco, filho, tinha agitado o espírito público pela imprensa da capital, escrevendo diariamente artigos de propaganda, cheios daquele calor apaixonado e nobre de seu temperamento sôfrego. A ideia da autonomia paulista achava adesão geral em toda a província.

Os artigos separatistas de Martim Francisco eram repassados de uma indignação justa contra o governo geral, contra o Centro, que absorvia as rendas de sua província, sem lhe fazer concessões, peiando-a em seu desenvolvimento, acorrentando-lhe a liberdade.

S. Paulo não podia mover-se, não podia progredir livremente.

Martim Francisco, um talento nervoso, vibrátil, culto, sobretudo em história, educado em política, e possuído de uma ideia patriótica, sabia fazer a propaganda; – falava ao povo em seus interesses, à boca da algibeira, criando o elemento popular, desde o pequeno operário até ao burguês dos latifúndios, o milionário cafelista. Lançava mão de todas as armas e figurava a província de S. Paulo em todas as circunstâncias, argumentando com os números, com a renda, apresentando dados estatísticos, pintando-a no futuro, quando livre, quando autônoma, quando pudesse dispor do dinheiro que ganhava.

Às invectivas que lhe vinham de fora, de outras províncias, às quais não convinha a separação, no modo de entender delas, – respondia Martim Francisco com a letra dos relatórios das mesmas, com a receita e despesa, com argumentos irrespondíveis.

Dentro de alguns meses ficara plenamente provado que S. Paulo podia separar-se, constituir-se povo livre, no dia em que o quisesse, mandar o Centro ao diabo e assentar de vez a primeira pedra de sua nova história.

As tradições do povo paulista; a sua índole de gente orgulhosa e trabalhadora; aquela página sublime dos antigos *Bandeirantes*, esses argonautas do futuro, – tudo isso entrou como elemento necessário à aceitação das novas ideias. E os adeptos surgiam e a imagem da *Pátria Paulista* corporizava-se dia a dia, vestida com as roupagens formosas de um ideal de poeta.

Sob o título geral de Propaganda Separatista, publicou Martim Francisco o seu folheto revolucionário *S. Paulo Independente*, que desapareceu em poucos dias, tanta era a avidez de saber tais cousas, tanto o interesse que elas continham.

Dous trechos desse folheto:

«Uma província caridosa. – É geralmente sabido que a província de S. Paulo rende anualmente para o governo geral quantia superior a vinte mil contos de réis, e os documentos oficiais confessam que as despesas gerais aqui mal chegam à quantia de três mil contos.

Vale a pena comparar o que S. Paulo paga com o que se contenta em receber. Faço-o para que a história não conteste aos paulistas o exercício persistente da mais elogiável das virtudes, – a caridade.

A província de S. Paulo paga ao governo geral:

Por ano.................................. 20.000:000$000
Por mês.................................. 1.666:666$666
Por dia.................................... 54:794$520
Por hora................................. 2:283$105

Recebe do governo geral:

Por ano.................................. 3.000:000$000
Por mês.................................. 250:000$000
Por dia.................................... 8:219$178
Por hora................................. 342$465

Calculando-se em um milhão e quinhentos mil habitantes a população atual da província[115], cada habitante desta região paga ao governo geral:

Por mês.................................. 1$111
Por dia.................................... $036
Por hora................................. $001,52

Recebe do governo geral:

Por mês.................................... $166,666
Por dia...................................... $005,479
Por hora................................... $000,228

Só a alfândega de Santos, em três meses, compensa toda a despesa que o governo geral faz com os paulistas durante o ano.

Ando desconfiado de que os meus comprovincianos descendem, em linha reta, de Jesus Cristo: este pagou todas as culpas do gênero humano; aqueles pagam todos os desfalques do norte, e todas as consequências da incapacidade dos ministros.

Empreiteira das desgraças alheias, – eis o que é a província de S. Paulo!»

«Sumário triste. – A tarde do segundo reinado está a pedir um Jeremias que lhe desenhe as sombras e lhe lamente as ruínas.

A quem almejar esse emprego, vago – porque não há nortista que o requeira e nem gratificação que o compense, ofereço, em forma de sumário e à guisa de subsídio mnemotécnico, uma lista das glórias que têm ultimamente acelerado o esboroamento do império.

É uma simples resenha, escrita sob a leal confissão de que o trabalho não está completo:

I. *Vergonha inglesa.* – Waring & Brothers[116] reclamam a entrega de setenta mil libras em pagamento de estrada que não construíram e de despesas que não realizaram. O parlamento recusa-se a semelhante dislate. O banqueiro Rothschild publica uma carta ordenando que o império desembolse a quantia exigida. O imperador obedece.

II. *Vergonha russa*. – Contra todas as doutrinas e todos os usos aconselhados pelo direito internacional, contra o bom senso e a decência é espancado nas ruas da capital do império um oficial de uma corveta russa.

Ao inquérito, essencialmente brasileiro e sem resultado, que o governo mandou iniciar, a oficialidade respondeu ausentando-se das águas territoriais do Brasil, sem despedir-se, sem aceitar explicações, como quem foge de uma costa habitada pela barbaria.

III. *Vergonha chilena*. – Escolhido árbitro por três nações que reclamavam contra o Chile, e recusado por duas outras, o imperador fez-se representar por diplomata que sustentou estes princípios em sentenças: – *As nações são responsáveis pela indisciplina de seus soldados; – Nem toda a agressão autoriza o bombardeamento; – Não é indispensável o depoimento testemunhal do reclamante; – Neutro não é igual a beligerante.*

O diplomata que baseou-se nestas afirmativas para dar os seus laudos foi vaiado e apedrejado no Chile. O Sr. D. Pedro II exonerou-o e deu-lhe por sucessor um particular que sustentou quatro princípios diametralmente opostos aos primeiros.

IV. *Vergonha argentina*. – Uma comissão, encarregada de dar termo à secular questão do território de Missões, voltou de Buenos Aires sem conseguir ser ouvida pela parte que nos é adversa.

V. *Vergonha uruguaia*. – O governo imperial, querendo tratar o Uruguai como província brasileira, encarregou-se de manter o presidente Máximo Santos, assassino conhecido, irmão do autor do morticínio de Paso Hondo; opôs-se ao movimento revolucionário que terminou em Quebracho, prendeu e maltratou o velho e honesto general Arredondo.

O povo do Uruguai acaba de expulsar do território da república o protegido do Brasil. O imperador saboreia a ofensa.

VI. *Vergonha venezuelense*[117]. – A república de Venezuela protesta contra a linha geodésica aceita no tratado de limites entre o Brasil e o Peru. O império cala-se e não se anima a resolver a questão.

VII. *Vergonha jurídica*. – Na província da Bahia, com aplauso do governo central, é revogada a lei de *habeas-corpus*. Na Inglaterra isso só se faz por lei especial e de temporariedade limitada; aqui foi bastante o capricho de um chefe de polícia.

VIII. *Vergonha negra*. – Regulamentando a última lei relativa ao elemento servil, o império furta a uma raça infeliz um ano de liberdade.

IX. *Vergonha incomparável*. – O presidente de conselho de ministros, em aviso inserido no *Diário Oficial*, promete quatro contos de réis como prêmio a quem quiser ser delator!

Vergonha das vergonhas!...

Parece impossível, mas nojentamente é exato. No Brasil a delação é hoje indústria garantida e privilegiada.

Na corte de Nero, escreve Tácito, a delação era uma monstruosidade. Aqui é um meio de governo: é um aviso de ministro.

Quatro contos de réis ao denunciante. Como os trinta dinheiros têm aumentado! A monarquia não exige no delator o heroísmo de Zópiro ou o espírito inventivo de Élio Sejano: contenta-se com a asquerosidade de Judas.

Basta!...

Que obrigação tem a província de S. Paulo de associar-se a tamanho descalabro? Habitada por gente séria, trabalhadora e briosa, ela não é, não pode ser responsável pelo papel secundário que o Brasil representa perante o espanto do mundo civilizado.

Pelo seu passado, pelo seu progresso, pela sua altivez, a província de S. Paulo tem direito adquirido a um governo mais sensato. Precisa afastar-se desse conjunto de erros que lhe traz diariamente a diminuição da sua riqueza e que lhe oferece em troco o dissabor e o vilipêndio.

Precisa reagir e com esperança de triunfo. É impossível que o destino a condenasse sem apelo à posição de satélite de um astro cuja dignidade só tem ocasos.»

J. F. de Barros, bacharel em direito como Martim Francisco, paulista até à ponta dos cabelos, atirara a público, sob o mesmo título geral, uma série de cartas denominadas *A Pátria Paulista*, dirigidas a seu colega F. E. Pacheco e Silva, – *Feps* segundo as iniciais e um dos propagandistas da separação. J. F. de Barros, espírito tenaz, alma espartana, como que feita de um sopro sobre um bloco de mármore tosco, falava ao povo na linguagem do povo, incisiva, intolerante, discutindo ataques de outras províncias e da imprensa do governo.

As suas cartas foram publicadas em folhetos e a edição desapareceu rapidamente.

Respondendo a invectivas que lhe havia dirigido o *Jornal do Commercio*, do Rio, por causa da *maneira* de suas cartas, Barros conclui assim um artigo:

«Já uma vez o fogoso senador rio-grandense, quando ministro da fazenda, disse que o *Jornal do Escaravelho*[118] tinha as fauces insaciáveis escancaradas à porta do erário público.

S. Paulo é um dos que mais contribuem para rechear o tesouro, donde o *Escaravelho* tem por trapaças de *palavrórios* e *interlinhados* enchido a sua farta burra.

Não convém-lhe, pois, que haja diminuição deste pagador – S. Paulo.

Também o outro, que no papel de *truão burlesco* ia perfeitamente, quis se meter em negócio sério, como é a aspiração separatista de uma província altiva e nobre como S. Paulo.

Fique-se naquilo para que tem jeito: – fazer-nos rir.

Nós, paulistas, recebemos as suas sandices com o riso de compaixão que dispensamos aos *palhaços* e *jograis* de feira, que na praça pública, por ofício e ganha-pão, se desfazem em trejeitos e caretas.

Naturalmente toda essa gente ignora o que são os *paulistas*.

Vamos dizer-lho.

Nas informações prestadas pelo general D. Luiz A. de S. Botelho, em 1765 ao governo de Portugal, entre outros conceitos a respeito dos paulistas, termina dizendo: *e vão ao fim do mundo sendo necessário.* O seu coração é alto, grande e animoso (já se vê que não é como o do *Escaravelho* e Gusmões). *O seu juízo mal-limado, porém – de um metal mui fino*, etc.»

O grande naturalista e viajante Saint-Hilaire também não poupa elogios aos paulistas. De uma de suas páginas tiramos o final de uma descrição verdadeira (como ele sabia fazer) do *paulista*:

«Estes audaciosos *penetraram várias vezes* no Paraguai; *descobriram a província do Piauí, as minas de Sabará e Paracatu* (província de Minas hoje); internaram-se nos vastos desertos de Goiás e Cuiabá; percorreram o Rio Grande do Sul; chegaram pelo norte até ao Amazonas; tendo escalado os Andes, atacaram os espanhóis nas suas possessões do Peru.

Quando se conhece, por experiência própria, quantas fadigas, privações e perigos perseguem ainda hoje (escrevia em 1818) o viajante que percorre esses longínquos países, e se tem lido as excursões dos paulistas, sente-se uma espécie de estupefação, e como que se é obrigado a reconhecer que estes homens pertenciam a uma raça de gigantes», etc. (St. Hilaire, *Viagem à província de S. Paulo*, vol. 1, página 24).

Já vêm, pois, esses que tanto se estão incomodando por causa dessas tendências separatistas, manifestadas por S. Paulo, que temos, mesmo no passado, sólidos fundamentos para ser dignos de fazer vida independente.

Os nossos antepassados percorreram o Brasil inteiro de extremo a extremo, levando a civilização daquele tempo por todos os recantos. Hoje os seus dignos descendentes cortaram o território paulista de inúmeras vias de comunicação, por terra e por água, e levaram o progresso por todos os seus confins.

Abriram caminho ao mundo inteiro, – pagando transporte às companhias transatlânticas, para todos que quiserem vir colaborar conosco no aproveitamento deste paraíso da América. Tudo isto feito só por iniciativa e esforço paulista, sem um *ceitil* dos *vadios* da rua do Ouvidor.

Não há empresa que S. Paulo intente e que não realize. Na sua capital e interior levantam-se fábricas importantíssimas, quase que uma por semana.

Em todas as reuniões de assembleias gerais das diversas companhias férreas, se acusam *kilometros* e mais *kilometros* conquistados ao deserto, que é posto assim à mão, para o gozo do mundo inteiro.

Quem assim procede não é capaz de se governar a si mesmo?

Perde o seu tempo o *Romão* ou *Gusmão* do *Escaravelho*, pensando indispor-nos com a nobre e altiva Minas.

Reconhecemos, nesta filha de S. Paulo, todas as boas qualidades de caráter, energia e iniciativa que herdou de nós, os paulistas, descobridores e povoadores das *Minas Gerais*. Com ela contamos para a federação futura.

A Pátria Paulista, menosprezada e caluniada, não permitiu-nos moderação na resposta. Prossigam na fraude e mentira – que lhes iremos dando o troco».

A ideia acentuava-se, distendia-se por toda a parte, até aos confins da província, servindo de assunto a todas as conversas. No ânimo do povo dava-se o fenômeno da fermentação.

Coincidiu com essa época a reunião brilhante do *Congresso Republicano*, três dias de pensamento, três dias de discussão e de medidas necessárias à marcha do partido. Todos os distritos da província tinham mandado ou nomeado os seus delegados junto àquela assembleia democrática.

Lá estavam, destacados entre outros:

– *Prudente de Morais*, à mesa, presidindo os trabalhos, – aquela figura calma, aquele olhar sereno, doce, quase piedoso; aquela fisionomia triste, pensativa, com a sua barba meio à nazarena, criterioso, seguro nos conceitos, lógico nas opiniões;

– *Rangel Pestana*, o tolerante, o jornalista emérito, tímido quanto ao futuro, valente quanto ao passado, comedido e grave, que nunca aventurou um «*toma*» por um «*dous te darei*», pena fecundíssima, talento culto, caráter inteiro;

– *Américo de Campos*, pequeno e grisalho, belo espírito de boêmio, com a sua manta ao ombro, olhar velado; jornalista ameno, leve, do momento, nadando sem mergulhar, à tona d'água, – o maníaco das estrelas e da música, Luculo em açúcar, o apaixonado das flores, o platônico das mulheres bonitas;

– *Campos Sales*, o orador fogoso, o tribuno feliz, de fogo no sangue, moreno e forte, baixo, com o seu grande cavanhaque espesso, o seu olhar fixo e arrogante, a sua palavra poderosa;

– *Francisco Glicério*, o braço direito do partido na província, o homem do movimento, com o dom quase da ubiquidade, a organização mais praticamente política da falange democrática, uma alma iluminada, boa, atenciosa, delicada, – um espírito dúctil, um operário insubstituível;

– *Alberto Sales*, polemista e filósofo, legista e revolucioná-

rio, a cabeça talvez de mais estudos daquela roda, cabeça cheia de paixões sociais, autor da *Política Positiva* e d'*O Direito*, belo cérebro de moço, de uma ilustração sólida, orador fluente, incansável na propaganda republicana...

Quantos e quantos outros distintíssimos, escritores, jornalistas, médicos, advogados, fazendeiros, formando um número superior a oitenta?

O separatismo foi proposto ao *Congresso* a fim de ser discutido, a ver se convinha ao Partido Republicano perfilhá-lo.

Iniciara a discussão, determinando-o como o meio mais rápido e mais lógico de chegar à República Federativa, o autor destas linhas, delegado do *Congresso* por um município da província.

Pegou fogo a discussão. Entre numerosos oradores falara Campos Sales, lendo uma peça magistral, advogando a perfilhação da ideia.

Seguiu-se uma luta horrível, enorme! Opiniões contra, opiniões a favor. Todas foram acordes em que do separatismo é que nos havia de vir com mais brevidade a República; – que ele era uma força poderosa, fecunda, ao alcance da compreensão popular, de fácil contágio, porque falava à bolsa e à alma da província.

E o *Congresso*, Ajax virado às avessas, *coetera desiderantur*[119].

....

À *A Pátria Paulista* de Barros sucede *A Pátria Paulista* de Alberto Sales, – uma obra de fôlego, filosófica, patriótica, de 297 páginas, jogando com todos os dados científicos de que pudesse depender a justificação dessa aspiração paulista; dividida em três partes, provando na primeira a verdade do *separatismo*, o seu aparecimento necessário e oportuno, advogando os seus fins; na segunda vinha uma exposição minuciosa, lógica, das vantagens práticas daquela ideia; na terceira o confronto dela com a nacionalidade.

Eis como termina Alberto Sales a segunda parte de seu livro magnífico:

«É debaixo destes auspícios que atrevemo-nos a afirmar que os recursos da província de S. Paulo são mais do que suficientes

para garantirem a sua independência, nesta parte do continente americano, como um estado livre e perfeitamente autonômico. Não somente a população que conta presentemente[120], como também a totalidade de sua renda, são elementos econômicos e políticos que lhe pressagiam um futuro muito mais próspero e brilhante do que a sorte que têm tido muitas repúblicas sul-americanas.

Se lembramo-nos, ainda, que, com a separação e a constituição autonômica do Estado de S. Paulo, a sua população tenderá a crescer espantosamente, em virtude dos meios que então, necessariamente, hão de ser postos em jogo – para aumentar a corrente imigratória, desanuvia-se-nos completamente o espírito, dissipam-se todos os receios, e sentimo-nos desde logo tomados de confiança, de animação e de coragem para o grande e nobre empreendimento de plantar nesta ubérrima região a generosa bandeira da futura Pátria Paulista.

Aos que descrerem da nossa abençoada utopia, pedimos apenas que se deliciem com a contemplação deste pequeno quadro:

Para o ano financeiro de 1885-1886 a receita (trata-se da pequena República de Costa Rica) subiu a 6.400:128$ e a despesa a 6.177:888$. Nesta despesa está incluída a soma de 1.005:184$ para pagamento dos juros e amortização da dívida interna, cuja soma, em 31 de março de 1886, estava reduzida a 1.747:652$. Desde então esta dívida tem sido e vai sendo paga numa proporção que permitirá resgatá-la no correr do presente ano.

Os juros da dívida externa exigem mil contos de réis por ano. Esta dívida é garantida pelos direitos da alfândega, que figuram na receita acima, para 1885-1886, por 1.734:526$, quantia que excede consideravelmente a soma requerida, sem mesmo considerar-se o aumento desta verba da receita durante o ano financeiro corrente.»

Entretanto a República de Costa Rica não conta mais de 55,660 *kilometros* quadrados de superfície, com uma população que não chega bem a 200 mil habitantes. Calcule-se agora o que não poderá ser S. Paulo, que mede uma superfície de mais de 300 mil *kilometros* quadrados aproximadamente e que tem já uma população de 1.500,000 habitantes, – no dia em que firmar pelo separatismo a sua autonomia política administrativa. O paralelo é edificante e instrutivo. Vale a pena decerto meditar e refletir.

Assim, pois, à vista do sumário inventário que acabamos de fazer das consequências políticas, administrativas, econômicas e financeiras, que podem resultar para a província de S. Paulo, da sua separação do resto do império, parece-nos que o princípio político do separatismo, já exposto sucintamente na primeira parte deste trabalho, encontra na prática a mais plena comprovação que é possível exigir um espírito cândido e refletido. Como, porém há outra face da questão a examinar-se, e como é nosso fim explanar tanto quanto possível a aspiração separatista, para que se propague mais livremente, – aqui terminamos a segunda parte da questão e reservamo-nos para completá-la na terceira parte deste livro, que é a que segue.»

Os ecos patriotas levantavam-se de toda a parte e a ideia de uma *Pátria Paulista* acentuava-se cada vez mais no ânimo popular.

À obra de Alberto Sales sucedeu o brilhante folheto *A zona Paulista*, de *Feps*, – F. E. Pacheco e Silva.

Feps, apaixonado, idealizava o solo livre de sua província feita Estado; falava com a linguagem sedutora do maravilhoso, despertando como um poeta o sentimento popular.

Um trecho de Feps:

«A separação é a perspectiva do sertão paulista e paranaense, até aqui percorrido pelas feras e *tribus* selvagens tão ferozes como as próprias feras, convertido em vicejantes culturas, laboradas pela melhor imigração europeia; – o majestoso estuário do Paraná e seus grandes afluentes, 2.000 *kilometros* navegáveis, um verdadeiro mediterrâneo, cercado em todas as suas ramificações pela navegação a vapor, desde o famoso Guaíra até o Urubu-Pungá; – a rápida fundação de grandes cidades, surgidas como por encanto, bem como Chicago, nas incomparáveis situações que oferece essa grande bacia hidrográfica; – o prolongamento das vias férreas paulistas até às margens do grande rio; – a indústria, aproveitando-se de todas essas grandiosas quedas d'água, que até aqui têm servido somente para acalentar, com o seu majestoso fragor, o sono das feras e dos bárbaros selvícolas; – a disseminação de escolas e institutos, e finalmente todo o séquito da civilização moderna, invadindo rápida e intensamente

essa zona marginal do soberbo estuário, tão magnificamente dotada pela natureza e tão digna de entrar para o torvelinho do mundo civilizado; – o altivo Araçoiaba[121], rasgado em suas entranhas, túmidas do precioso minério, para abastecer com seus artefatos os mercados da América Meridional; – Santos, dotada com um cais digno de tão importante empório comercial e com uma completa drenagem de todo o terreno entre a cidade e a Barra, por onde se distenderia folgadamente; – a capital de S. Paulo, com as suas várzeas convertidas em belos lagos artificiais, aliando o saneamento à esplêndida beleza; – as águas termais de Caldas, rodeadas de confortos e atrativos, que as tornem uma estação procurada e conhecida na América Meridional, como Vichy na Europa; – a atual pequena via-férrea de Santo Amaro prolongada até Santo Antônio do Juquiá, com toda a zona marginal povoada por imigrantes europeus, vindos de climas congêneres, – frios e úmidos; – as *tribus* selvagens catequizadas e aldeiadas em pontos convenientes...

Eis o que seria a separação, se em prol de toda essa perspectiva pudéssemos aplicar os milhares de contos que anualmente nos arranca o governo geral para dissipá-los nos meandros misteriosos do governo centralizado!

Como não seriam outras então as nossas condições de civilização, de prosperidade, de facilidade e rapidez na formação de grandes fortunas particulares e da fortuna pública! Que grandioso teatro para a desenvolução do espírito empreendedor e da iniciativa particular!»

E a ideia ia-se estendendo, e a antipatia a crescer cada vez mais contra o Centro.

Um fato, porém, do evolver das cousas, suspendeu por um pouco a propaganda em ação, desviando das ideias separatistas o pensamento da província.

A obra principiada por Luís Gama, – o grande! a obra da libertação dos escravos começara de avolumar-se.

O trabalho longo, silencioso e incalculável de Antônio Bento, o homem de ferro, começou a apresentar os resultados previstos.

O labor dos *caifazes*[122] localizados por toda a parte, constituindo

uma polícia ativa, de fiscalização admirável, com sinais convencionais para muitas cousas, até para aviso ao chefe, nos aparelhos telefônicos, – chegava a seu termo de perfeição, dando com escravos do interior na capital, mandando-os daqui para longe, para lagares abrigados da unha do *capitão-do-mato* ou do refle[123] dos mastins do governo.

O nome de Antônio Bento tomava as proporções de um mito, mas de um mito mau, – imagem do terror para o fazendeiro, – refúgio seguro para o mísero escravo. As portas de sua casa foram abertas de par em par ao *emigrante das senzalas*. Por todas as localidades da província, desde as aldeias até às grandes cidades, tinham-se formado grupos secretos de abolicionistas que correspondiam com o chefe, em S. Paulo, já então redator d'*A Redenção*.

E começou a *rodada de escravos*, essa mobilização negra.

A *rodada de escravos* era a fuga em massa, em grande número, feita com unidade de vistas, com previdência, planejada por um abolicionista do lugar de que ela se movia, homem que já havia recebido de antemão ordens que partiam da capital, de Antônio Bento ou de seus *caifazes*.

E eles vinham, os escravos, através das longas estradas de além, guiados por um cicerone também *caifaz*, caminho de S. Paulo, em busca da casa de Antônio Bento, onde chegavam aos centenares por mês, todos os dias, todas as horas, e de onde eram enviados livres, livres *à força*, para terras distantes, sem que os seus ex-senhores nunca mais soubessem deles.

Todos os dias despovoavam-se as fazendas, aumentava-se a onda do *Êxodo-Negro*.

O espírito público estava preocupado com a marcha constante, de sol a sol, dos pobres escravos. A lavoura de café, o que se chama a província agrícola – enfrentava com o terrível problema da substituição do braço escravo. Surgira então a iniciativa particular. Compreendeu-se que já se não podia deter o escravo no eito. E um punhado de beneméritos fundara a sociedade *Protetora de Imigração*. Pedir o braço livre a quem? Pareceu que a Itália era a mais própria para resolver o problema, e em boa hora o parecera: – vieram as primeiras turmas de colonos italianos, vieram as segundas e vieram as

terceiras. A corrente imigratória crescia, crescia com uma progressão admirável. A assembleia provincial unira-se à iniciativa particular: – levantara-se o *Alojamento de Imigrantes*, primeiro provisório, para os lados do Bom Retiro, depois efetivo, grande prédio magnífico e apropriado, que hoje já é pequeno, para os lados da estação da *Linha-do-Norte*. Martinho Prado Junior fora à Itália. Tinha-se publicado em diversas línguas e em grande tiragem um folheto importante, dirigido ao emigrante europeu, para ser largamente espalhado por alguns países da Europa, com esse título:

A PROVÍNCIA DE S. PAULO NO BRASIL
EMIGRANTE, LEDE ESTE FOLHETO ANTES DE PARTIR

Tinha ele um bom mapa, minucioso, dos pontos mais importantes da província, de seus centros agrícolas, com todo o histórico do seu desenvolvimento.

E os navios que tocavam no porto de Santos começaram a despejar ali centenares de colonos. A obra da introdução do imigrante, sabiamente pensada por diversos, criteriosamente dirigida por Martinho Prado, acentuara-se de vez.

Era já tempo.

O *Êxodo-Negro* tinha-se avolumado, vencia tudo. A onda da escravidão rolava espumante pelos vales dos rios, nos campos de Piratininga. O governo redobrava de cuidados de esforços por contê-la, fazendo-se vergonhosamente *capitão do mato* para impedir as grandes fugas em massa. Ao longe, num horizonte de luz, das trevas do cativeiro o escravo só enxergava em S. Paulo a figura imponente, a legendária figura do homem de ferro, com a sua capa espanhola e o seu grande sombreiro de largas abas, figura destacada sobre o fundo luminoso do futuro, novo Moisés nos topos do Nebo, ao crepúsculo da tarde, ele! – Antônio Bento de Souza e Castro, o GENERALÍSSIMO da libertação total da província!

Já não havia meio de impedir as rodadas.

Alguns pequenos encontros tinham-se dado, como em Itu e Santo Amaro, entre a leva de fugitivos negros e os soldados do

Sr. Cotegipe[124]. O sangue que correra, como as enciclias[125] de um lago à queda de uma pedra, chegava às extremas da província, despertando os escravos tímidos, sugerindo-lhes a ideia de adesão.

O fazendeiro, o *senhor* de escravos, para conservá-los presos ao solo da monda, para mantê-los no serviço da lavoura, começou por libertá-los a longo prazo – quatro e mais anos ainda de prestação de serviços. O prazo era grande: – o escravo continuava a fugir.

Os vastos latifúndios do Oeste viam partir para a Canaã da Liberdade aqueles que os tinham montado, em tempos longes no passado, derribando as matas virgens, cobrindo os vales de pastagens, refolhando os morros com a esmeralda dos cafezais. O fazendeiro diminuiu o prazo.

Santos, livre, recebia o *Êxodo-Negro*. Lá estava o *Jabaquara*, ao pé da Serra, em posição estratégica, apertado na garganta dos montes, com uma população móvel de dous a três mil escravos, que ali chegavam, que dali partiam diariamente.

Nos noticiários dos jornais via-se, *todos os dias*, a febre das libertações. Era preciso prender ao eito, por qualquer forma, o escravo deslocado, intelectualizado quanto ao seu valor como homem, por Antônio Bento, o revolucionário. E as fugas continuavam, enormes, e o emigrante das senzalas, em caravanas pacíficas, enchia as estradas da província, porque a sede da liberdade só se mata com a própria liberdade.

Agora já não redobrava, mas decuplava de esforços o governo, que expedia destacamentos policiais para os municípios de maior escravatura, fixando patrulhas nos pontos de marcha obrigada dos retirantes, pelas estações das linhas férreas de S. Paulo. E o negro era arrancado aos vagões, brutalmente, até que a cólera dos brancos começou de protestar contra o proceder do governo escravocrata, representado na província pelo Sr. de Parnaíba[126] e pelo Sr. Rodrigues Alves, ex-presidente e presidente.

E os casos de resistência principiaram a surgir. Pequenas assuadas aqui e ali, correrias, choques com a polícia, sovas em *capitães do mato*, vaias no governo, etc., etc.

Pairava no ar, sobre o espírito da província, um pressentimento, negro como as rodadas de escravos, de que a terra dos antigos

Bandeirantes, o berço de José Bonifácio, ia talvez entrar no período revolucionário do derramamento do sangue.

A página brilhante da libertação dos escravos, na gloriosa e próspera história paulista, ia porventura manchar-se do inocente sangue africano do *Êxodo-Negro*!

Foi então que Antônio Prado, senador do Império, paulista de vistas largas, rompera em oposição ao governo, viera do Rio para a sua província e nela gritara a liberdade a pequeno prazo, uma estratégia política e social; e, S. Paulo em peso, o S. Paulo agrícola dos latifúndios, seguira o senador do Império.

As libertações borbulharam.

O eito das fazendas viu livres por um, dous e três anos mais ainda de serviços, os velhos escravos, e a febre da porfia na generosidade dos *senhores* apressava a solução, minuto a minuto, em todos os ângulos das terras paulistas.

Mas a obra do abolicionismo, o pensamento levantado e heroicamente tenaz de Antônio Bento, atacava o *prazo* e gritava a liberdade plena. Pacificaram-se os ânimos, sumira-se o pressentimento e acentuara-se de vez, livremente, a emigração das senzalas, sem receio, pois a influência de Antônio Prado, em oposição aos governos geral e provincial, desmoralizara o presidente de então, garantira a marcha permanente do homem-*cousa*, elevando o espírito liberal da província três dias de viagem acima do espírito conservador do governo.

E vieram as libertações plenas como *ultima ratio* da manutenção do eito escravo; mas as deslocações estavam feitas em sua maioria e os escravos de um lugar iam para outros lugares onde se engajavam com os fazendeiros daí, cujos escravos já tinham também emigrado.

Começaram então as festas de *libertação total* dos municípios, coroando a obra longa e silenciosa de Antônio Bento de Souza e Castro, secundada virilmente nos últimos dias de escravidão pelo braço poderoso de Antônio Prado, o senador do Império.

Nas libertações plenas, dadas no final desta grande página histórica de S. Paulo, sem lutas e sem sangue, o *senhor* equiparava os *seus* escravos ao colono, com as regalias deste; e os *homens negros*, humildes e bons, ficavam nas fazendas, consagravam todos os seus

pensamentos, todos os seus esforços, aos grandes latifúndios que eles tinham coberto de culturas.

O auxílio de Antônio Prado, chefe da *União Conservadora* da província, conselheiro e senador, fora um feito benéfico, que apressara a solução do problema, poupando porventura as lutas intestinas, o choque dos interesses negreiros, o cair do sangue, o encarniçar das cóleras e... a vergonha do futuro.

Era assim que se achavam as cousas em março, esperando-se que até junho ou julho a província estivesse completamente livre, pois datas gloriosas, em grande número e em festejos populares, tinham marcado já a libertação total de vários municípios, e, os que ainda possuíam escravos, porfiavam entre si, na primazia de se verem livres em primeiro lugar.

Em março, pois, quase liberta a província, o espírito coletivo de S. Paulo, saído glorioso da grande refrega, descansava à sombra de seus feitos, esperando o dia final e já pensando em novo alimento; – porque o espírito é como o estômago, tem as suas idiossincrasias e, depois de um alimento bom, exige um alimento melhor.

Pairava no ar uma conjetura indecisa, uma interrogação tácita e geral: – morta a escravatura, de que se ocuparia o espírito público, ele que se alimentara da liberdade dos escravos, ele que já não podia contar com esse alimento para a sua vida física?

E aos homens de melhor senso lhes parecia, tanto quanto podiam prever, que a causa da *separação da província*, aparentemente paralisada um momento, voltaria a seu posto nobilíssimo, imensamente patriótico e salutar.

O imigrante, agora, era despejado em Santos aos milhares todas as semanas.

A perspectiva grandiosa do futuro avolumava-se a perder de vista.

Liberto o negro, urgia libertar o branco. Iam brandir-se de novo as armas da batalha. Um pouco de audácia, e o *self-government* se faria! Um pouco de boa vontade, e a província, autônoma, se constituiria a desejada, a necessária *Pátria Paulista!*

Era esse o pé em que estavam as cousas em março, ocupando em extremo o pensamento do major Cornélio.

Apenas começara o movimento abolicionista, fora ele um dos primeiros a dar cartas de liberdade plena a todos os seus escravos da fazenda da *Soledade*, um dos maiores latifúndios do falso-Oeste. Em seguida, pensando em Tiradentes, declarara-se republicano e fora logicamente levado a aceitar o separatismo, – o verdadeiro, o mais curto caminho para chegar à realização de seu ideal democrata.

O major Cornélio via, na figura patriótica e simpática de Antônio Prado, o homem de senso prático, o futuro republicano a quem, talvez, fosse confiado o primeiro quatriênio da *Pátria Paulista*; e no fundo dos pensamentos não hesitava em dar-lhe o seu voto desde que Prado se apresentasse como tal.

O velho mineiro era ainda um filho das montanhas alpestres que deram à História do Brasil a sua única e verdadeira tradição: – Joaquim José da Silva Xavier, o *Tira-Dentes*, o protomártir da nossa Independência.

Apesar de 22 anos de residência na província plana de S. Paulo, sentia ainda o velho mineiro o seu espírito oxigenado de ideias grandes como o espírito de seus comprovincianos, que evolve sempre, sempre que acha um estímulo. Numa província mais velha que a sua, mãe da sua, de mais experiência, mais senso prático, e mais iniciativa pelo contágio fácil do pensamento devido ao desaparecimento das distâncias, fora ele *estimulado* pelo meio, e as suas ideias latentes, como as ideias de seus comprovincianos, brotaram à tona da sociedade paulista. Advogava o separatismo com energia, com todas as suas forças, e o mesmo teria feito em Minas, no Pará ou no Rio Grande do Sul, em qualquer parte enfim onde estivesse e ele surgisse, porque para si o separatismo não era o ódio às outras províncias, senão o meio único de se chegar com mais rapidez à forma científica do governo republicano federativo. Que se desse o desmembramento; seria logo imitado, e, no fim, teríamos logicamente os *Estados Unidos do Brasil*, pois falávamos a mesma língua, etc., etc.

Quem o esclarecia sobre essas ideias era a filha lendo os artigos do *Diário Popular*, lendo as publicações da Propaganda Separatista.

Essa formosa rapariga, nos seus momentos de entusiasmo pela separação de S. Paulo, lastimava-se de ter nascido mulher. Desejava ser homem para agitar as massas, acordar o espírito público, de há muito narcotizado por um garrafão de clorofórmio – o Sr. D. Pedro II –, e marchar para o campo da batalha, e derramar o seu sangue sobre o solo sagrado em que se levantasse a *Pátria Paulista*.

O major Cornélio era atualmente uma das principais figuras da melhor sociedade da Pauliceia, e Ester vivia cercada de todas as considerações e lisonjas dessa mesma sociedade.

A filha do milionário cafelista era conhecida em toda a capital, não só por méritos reais, como pela singeleza elegante de seus belos trajes de muito gosto e sem ostentação. Havia muito que se quisesse já estaria casada, aceitando o amor de diversos moços ricos, cidadãos distintos, que se haviam desenganado perdendo todas as esperanças.

Na opinião do respeitável Sr. marquês de Três Rios[127], uma opinião *musical*, dita com a boca mole e a voz arrastada, «ela era mesmo, *di divera*, ũa das moça mais *peixona* de S. Paulo!...»

Ester, porém amava o médico, o seu mestre e amigo, o Dr. Lins Teixeira, com quem se correspondia de três em três dias.

Grande era a mudança que se tinha operado na rapariga. As suas relações com o médico foram um verdadeiro milagre para toda a sua natureza. Gozava agora uma saúde invejável, tinha uma higiene sábia. Assentara-se-lhe a imaginação, adormeceram-se-lhe os desejos... Sentia-se realmente feliz.

Admirava-lhe, a ela mesma, a mudança completa que se dera em seu espírito. Parecia-lhe possuir tudo que lhe faltava na vida anteriormente, e que só as cartas do médico bastavam a todas as suas exigências. Pouco saía a moça, consumindo a maior parte dos dias na convivência dos livros e no estudo metódico da música.

Tinha lido quanta *Fisiologia do Matrimônio*[128] há por esse mundo, no intuito de preparar-se pacientemente para o futuro, para a realização de seu destino na Terra. Sabia que o médico *era* seu esposo. Seria mais fácil a luz vergar-se do que ele deixar de pedi-la. Demais, que valiam alguns meses antes ou depois? Se o tempo voava

sobre ela, sobre ele voava o mesmo tempo. Para os espíritos sempre moços, para os espíritos elevados, a carne nunca envelhecia.

Tornara-se de um desvelo inimitável, de uma bondade evangélica para todos.

Comia bem, dormia melhor. Regularmente, às 10 horas da noite já estava na cama. Levantava-se às 6, tomava um grande banho de chuva, dava um passeio de três quartos de hora e voltava a estudar até ao almoço. Depois do almoço fazia exercício de piano, visitava os alegretes do jardim, andava pelo quintal e recolhia-se em seguida ao seu gabinete onde continuava os estudos interrompidos.

Às tardes havia sempre visitas em casa. Ou era a gente do Dr. Amâncio ou a do conselheiro Costa, que lá iam muito a miúdo.

Eugênia, filha do primeiro, tinha-se casado em outubro e engordava cada vez mais. Em janeiro tinha ficado doente. Aparecera com enjoo e vômitos. Mandaram chamar o médico e este declarara sorrindo que depois do casamento aquilo era a cousa mais natural do mundo. Em fevereiro o marido levara-a de mudança para Serra Negra onde abrira negócio de fazendas. Amanda, alta, clara e magrinha, andava agora tossindo muito e apaixonada por um rapaz que lhe fazia a corte. O médico havia dito ao pai que apressasse a cousa. Toda a demora seria prejudicial.

O Dr. Amâncio não receitava para sua família, alegando que não tinha sobre ela a necessária força moral. De fato: as filhas não lhe tomavam os remédios e nem acreditavam na sua medicina. O médico da casa era o Dr. Silveira, colega do Dr. Amâncio. Ao examinar Amanda lembrara-se o médico, por associação de ideias, de um romance que havia lido – *Charlot s'amuse*[129].

Beatriz, irmã de Amanda, cada vez mais chique, tinha completado 16 anos e apresentava uma forte expansão de vida a arrebentar-lhe dos músculos por toda a parte, força tão visível e simpática, que gostavam todos de ficar com os olhos parados nela. De uma bela cor entre o moreno e o claro, com uns grandes olhos negros e vivos, ela era das irmãs a que mais frequentava a casa do major Cornélio. Namorada de Ricardo, fizera-se muito amiga de Ester, à qual imitava em tudo, desde a simplicidade do traje até aos hábitos e gestos.

Obrigara o pai a pôr-lhe um chuveiro em casa e a comprar-lhe livros. Para não ficar escandalosa a constância de suas visitas, pedira a Ester que lhe ensinasse o francês, em que estava fazendo grandes progressos, pois era menina muito inteligente.

Os seus beiços carnudos e rubros estavam sempre separados por um riso alegre, bom e comunicativo, mostrando os dentes claros, e às vezes, em certas expressões de incredulidade, a ponta vermelha da língua; apenas uma pontinha. Aquele ar maroto e simpático é que matava a Ricardo.

O padre Valério lá ia a miúdo ouvir um pouco de música, contar cousas políticas que sabia particularmente na *União Conservadora*, a respeito da situação, sobre a posição esquerda do Rodrigo Silva, ministro da Agricultura, sobre a oposição em que Antônio Prado se achava contra o presidente Rodrigues Alves ou sobre o que se esperava do Sr. barão de Cotegipe, a raposa mais raposa de todas as raposas do Sr. D. Pedro II. E falava também da oposição sistemática e inválida do velho João Mendes de Almeida, um *turra*[130] de quatro costados, renitente, vivaz como uma salamandra; um homem feito de ódios pessoais, um talento que fulgiu noutros tempos, e que estava degenerando com os anos. Contava depois histórias do Seminário, falava em confissões, em artigos de escrúpulo, e terminava sempre as suas conversas arranjando casamentos para as solteiras ou solteiros que estivessem presentes.

Muitas vezes o bom do padre Valério, uma vítima do celibato clerical, lá se encontrava com o Campos e repetiam-se então as mesmas cenas de sempre, em que o sócio do Meireles desancava o clero, escangalhava a divindade de Cristo, negava Deus, colérico, com uma paixão destruidora, batendo com os pés, fazendo largos gestos, gordalhão e moreno, bilioso, revolucionário como dez Desmoulins seguidos de cem mil Marats.

O padre Valério via-se zonzo. Queria responder a questões de filosofia com questões de fé. O Campos protestava, separando as duas cousas, muito distintas entre si. Chamava-o para o terreno exclusivo da ciência e falava na *Força e Matéria* de Büchner, em Renan e Straus, em Soury e Letourneau, em Holbach e Campanella,

desorientando o padre que em compensação citava S. Tomás de Aquino e Santo Agostinho. Mas o Campos não os aceitava como autoridades. Conhecia-os muito, de notas aqui e ali... O primeiro era velhíssimo, mais velho do que o *dominus tecum*, um patife do fim do século IV e princípio do V; o segundo era do século XIII, e nós estávamos no XIX!... Que fossem pentear macacos! Onde falava um Spencer, um Comte, um Haeckel, cessava a canalha!

Todos riam-se muito e o Campos firmava cada vez mais a sua reputação.

Aqueles nomes, em sua maior parte ele os citava de leituras avulsas em jornais, ou de os ouvir dizer. Mas, naturalmente lógico, e muito ousado, levava o padre de vencida, fazendo minuciosa exposição das doutrinas da *Força e Matéria*, que ele dizia serem de Comte, de Haeckel, de Spencer e de outros, ou jogando com vantagem a arma do ridículo, que sabia manejar com graça e certa superioridade. O padre evitava o mais que podia; mas dentro de meia hora, invariavelmente, estavam eles atracados a socos de prova, como dous ingleses bêbados a socos de... punho.

As Silvas também lá iam, ainda que espaçadamente.

O Dr. Costinha, depois do baile de 5 de setembro, voltara duas vezes tentando o amor de Ester; mas convencera-se de que nunca seria correspondido e retirara-se de todo. Agora andava ele fazendo *bonito* à filha do desembargador Toledo, lá para os lados da cidade nova, no Arouche, – uma rapariga vermelha, de ombros estreitos, e que parecia uma tábua em pé, sem peitos e sem cadeiras, mas... oitenta contos de dote. Falava-se já em casamento para meiados de abril.

Os amores de Ricardo e Beatriz cresciam também, agora mais honestos, mais contidos da parte dela; pois Ester educava dia a dia os sentimentos de sua amiga, fazendo-lhe ver que a missão da esposa era a mais elevada que a mulher devia ambicionar. Desde as primeiras visitas, dissera-lhe Beatriz tudo que sentia, o amor que consagrava a Ricardo, e o contara com uma ingenuidade completa, com uma franqueza brutalmente admirável. Ester, que a princípio se antipatizara com ela, estimava-a agora, achando-lhe a alma de uma pureza virginal e o coração de uma bondade sedutora. O desembaraço

impróprio de uma moça, que Beatriz mostrara em começo, era filho dos seus quatorze anos com a inexperiência de tais cousas. Fora se fazendo mulher, precocemente, e amando em seguida, pela primeira vez, mal saída ainda das formas de menina, com dous botões de rosa a rebentar no peito, aos ímpetos da pubescência, e sem ter quem lhe dissesse «Olha! isto não se faz!... Uma moça não dá beijos, não abraça! Não deve dizer à toa o que sente!... Cuidado, hein!» Hoje, não; separava-a de Ricardo, mesmo junto dele, a fortaleza do pudor, a compreensão legítima do seu papel; e quando o olhar atrevido do irmão de Ester caía-lhe no colo, a ver-lhe a exuberância do seio moreno, que parecia querer arrebentar o espartilho, Beatriz corava e baixava os olhos negros, concertando o vestido nas pernas para que as rugas e os repuxados não lhe desenhassem as formas. Quando ela não vinha à casa do major Cornélio, era Ester quem lá ia, à casa dela, em companhia de Ricardo.

A filha do Dr. Amâncio passava às vezes com a amiga uma semana inteira. Sabia do amor de Ester e do Dr. Teixeira, amor que respeitava com todo o carinho e pelo qual ia modelando o seu no correr dos dias e dos meses.

De criança, de ingênua e leviana, tornava-se mulher, de acentuada discrição, crescendo em merecimento e bom senso aos olhos de todos, e ganhando diariamente as afeições de D. Eufrásia e do major Cornélio.

Uma excelente menina que era Beatriz, e que estivera um momento a inutilizar-se, por falta de uma educação mais positiva e apropriada a seu sexo.

Uma noite, roído de insônia, castigado de desejos, depois de uns dous ou três cálices de *cognac*, tivera Ricardo uma ideia diabólica: – saíra de seu quarto, pé ante pé, e fora ao quarto da irmã, onde Beatriz dormia. A porta cerrada, com uma cadeira atrás, cedera a pouco e pouco ao braço do rapaz.

Era às duas horas da madrugada, hora de sono intenso e de silêncio profundo naquela vivenda. Ele aproximara-se lentamente da cama da irmã para se certificar se ela estava dormindo ou não. Ouviu-lhe o respirar pausado, lento e cheio, do bom sono da madrugada.

Crescia-lhe na imaginação a cena que ele ia provocar. No bico dos pés, resoluto e irresponsável, encaminhara-se para o leito de Beatriz, tateando no escuro.

As suas mãos febris, em cujos pulsos o sangue batia com força, entraram lentamente, muito devagarinho, por baixo das cobertas, por baixo depois de uma camisa de mulher... Passeavam agora, num apalpar carinhoso, sobre um corpo aveludado, sadio e forte, esquecido de si, nos braços do sono.

Nessa noite tinham elas, as duas amigas, ficado a conversar até tarde, até depois da meia-noite.

Intrépido, levantara o moço as cobertas, na beirada, e tratava de jeitosamente deitar-se, quando Beatriz fez um movimento... Depois fez o segundo, o terceiro, e começou a acordar. Meio inconsciente ainda, as suas mãos apalpavam a visita daquela hora para reconhecer quem era.

Falara-lhe ele baixinho, com a boca no ouvido dela, que assustada, mas contendo-se, despertara então completamente.

O susto, o perigo da situação, a audácia do moço, tolheram-lhe a voz um momento, ainda que recobrada a coragem. Empurrara-o de si, e riscou imediatamente um fósforo para ter toda a certeza se era ele mesmo. Ricardo soprara-lhe o fósforo, mas fora reconhecido.

Com um grande esforço conseguira Beatriz sair do leito e ganhar o corredor, em camisa. Não quisera dizer uma palavra, uma só que fosse, no quarto; poderia acordar Ester e ele ficaria comprometido. Acompanhara-a Ricardo pelo escuro, dir-se-ia pelo olfato, com o instinto do macho desorientado e temerário que afronta os maiores perigos. Ela atravessara todo o corredor, que tinha no fim uma tira de luz saída do quarto do rapaz, onde ficara acesa uma vela. Ela entrara no quarto, desgrenhada, em seus trajes de dormir, pálida e ameaçadora, tão linda assim, naquela hora silenciosa da noite. Nem chinelos tivera tempo de calçar, pois estava com os pés nus sobre o soalho, os seus pequenos pés gorduchos, bem feitos e amorenados. Ele entrara em seguida, carrancudo, feroz; agarrara-a logo, beijando-lhe, a ela que resistia, mordendo-lhe os braços, a debater-se com dignidade para se ver livre dele. Achara, afinal, a um canto, uma

tabuleta de catre, e se ele chegasse ela lhe daria com a tabuleta, pois deixara-lhe o rosto vermelho de um tapa.

Ficaram ambos cansados da luta e pararam, um em frente do outro: – ela, com a sua arma no ar, heroica, um pouco machucada dos trambolhões e dos apertos, branca como cera, a camisa já rasgada na frente, a descobrir-lhe um dos peitos, cor de nata velha, teso, macio, a arfar ali, latejante, esmagador; – ele, de camisa de meia, mangas curtas, também cansado e pálido, indecente, em ceroula, viril e tenaz, com os seus olhos negros, terríveis, a estilar uma volúpia intensa.

E ela falava baixinho para não acordar ninguém, nervosa, com as palavras entrecortadas pelo cansaço, colérica, repreendendo-o, a dizer-lhe que nunca o supusera capaz daquela ação própria de um bruto. Amava-o, mas não queria aquilo assim... Tudo tinha seu tempo! Pois não eram noivos? Então! Correra para ali, não pensasse que era para estar com ele, não! Correra justamente para poder dizer-lhe tudo, porque lá no quarto de Ester... ah! que escândalo! que vergonha!

– Escândalo, se ela quisesse... Podia ficar tudo ignorado, disse ele.

– Queria passar! Desse caminho! impôs a rapariga.

Ele agora tornava-se súplice, humilde, querendo por bem o que não conseguira por mal.

– Quando se casassem, respondia Beatriz. – Antes, só se ela fosse como as mulheres à toa. Antes, só se ele a matasse primeiro, dizia-lhe indignada.

E quis retirar-se, mas ele tomou-lhe a frente, agarrando-a pela cintura, e tocando-lhe o peito descoberto. Ela quis fugir e não pôde. Ele a havia subjugado num momento, brutalmente, tomando-lhe a tabuleta, e com um braço pelas costas e outro por entre as pernas carregara-a rápido, possante e a atirara sobre a cama.

Nesse momento Ester entrara no quarto solenemente, apressadamente, fulminando-o com um olhar soberano, que vomitava toda a supremacia que ela tinha sobre ele. Ricardo fizera-se pedra, e Beatriz, trêmula e quase nua, abraçara-se à amiga, debulhando-se em lágrimas e soluços, e querendo contar o fato.

– Não precisava, respondera Ester. Tinha assistido tudo. Acordara ao barulho da porta do quarto, e, como acendendo a vela não a visse no leito, saíra a procurá-la e ali estivera todo o tempo, a escutar e a ver, às vezes.

Ricardo, ao deixar o quarto da irmã, esbarrara sem sentir na porta de saída. Ester, acordando, acendera uma vela, para ver o que era. Levantara-se, e guiada pela luz do fim do corredor, lá fora ter, embrulhada num cobertor.

Em seguida voltara para seu quarto, trazendo Beatriz. Pedira-lhe que nunca dissesse a esse respeito uma só palavra a ninguém.

Vendo-se só, sentara-se Ricardo à beira da cama onde se deixara ficar longo tempo, a pensar sobre o ocorrido. Depois, apagando a vela saíra pelo corredor, atravessando a sala de jantar e entrando devagarinho no quarto de Leonarda.

Não era a primeira vez que o filho do major Cornélio buscava, em horas propícias da noite, o leito quente e limpo da mulatinha bonita, da desejada filha de Joana.

O silêncio e a treva eram as testemunhas discretas daquele amor de três meses.

Beatriz não dormira o resto dessa noite. Tranquilizada por Ester, satisfeita de sua resistência física e moral, de que fora testemunha a irmã de seu futuro noivo, recapitulava agora a rapariga as suas cenas passadas, desde o momento em que acordara com ele na cama, até ao momento em que fora brutalmente agarrada e descomposta, sentindo entre as pernas o braço dele, nu e quente, a carregá-la para o leito, machucando-lhe as carnes. Era preciso que a amasse muito para tamanha ousadia, que chegava à temeridade, pensava a moça, iludindo-se, confundindo a brutalidade extrema de uma paixão sensual com o sentimento suave e nobre, o verdadeiro sentimento do amor, que, ainda que fundado na necessidade sexual, traja as roupagens misteriosas do pudor, da honestidade, da timidez, do comedimento e da educação das próprias imposições afetivas. Este sentimento é o que dura, é a nota mais elevada do *animal*-homem; aquele, a paixão, é o que passa, é a nota comum da carne, a nota distintiva de quase todos os brutos, – e nas primeiras camadas

da sociedade, nos baixos da escala, é também a nota comum do homem inferior, do homem-*besta*.

A recordação dos contatos, a lembrança de ter estado corpo a corpo com Ricardo, tudo isso despertava-lhe o desejo de casar-se para, honestamente, sem remorsos no futuro, entregar-se a ele, identificarem-se no gozo, esposa e amiga, amante e companheira de seus dias.

E lembrava-se dos primeiros beijos que lhe dera, deliciosos e ingênuos, no jardim, ali do lado de fora, por ocasião do baile, a 5 de setembro, no aniversário de D. Eufrásia. Fora ela mesma a culpada. E se não fosse Ester, àquela hora estaria dado o escândalo, porque ela teria gritado; mas também, ele lhe poderia ter tapado a boca com um lenço, amarrando-lhe os braços... Ele era forte e a sua fúria pedia uma solução. E depois, que diria ela? Como justificar-se de ter ido ao quarto dele?

Ester nunca fizera a menor alusão ao fato; morrera entre os três. Ele é que de vez em quando sorria para Beatriz, quando a encontrava só, um sorriso significativo, ameaçador, poderoso. Depois disso, passados dias, fora espiá-la uma manhã no banho frio. O quarto era fechado, mas tinha na parede uma seteira para arejá-lo. Ele pusera uma escada e subira. Quando a sua cabeça apareceu na seteira, a diferença de luz no quarto denunciou-o a Beatriz, nua debaixo do chuveiro. A moça voltara os olhos para cima.

– Bom dia, amor! disse-lhe ele a rir.

Ela correu a esconder-se unida à parede, por baixo da seteira.

Daí por diante ela evitava todas as ocasiões; mas sempre que havia oportunidade e que ambos se encontravam a sós, ele a agarrava às apalpadelas, ligeiro, nervoso, dando-lhe beijos rápidos, e saía logo assobiando, para ninguém desconfiar. Tinha o seu pensamento nela, naquele corpo bem feito e apetitoso, que ele conhecia e desejava, apesar de saber perfeitamente, pois ela lho repetia sempre – que seriam baldadas todas as suas tentativas antes de se casarem.

À vista dos outros, eram como se nada houvesse – ternos, delicados, amando-se, docemente, felizes um em frente do outro.

Ele completava o seu crescimento e reforçava-se dia a dia, engordando e barbando celeremente. Todas as noites, depois que todos

dormiam, ele saía pelo corredor afora, atravessava a sala de jantar e entrava no quarto de Leonarda, que lá o esperava acordada, perto da cozinha. Leonarda, por sua vez, enchera-se de novas formas e falava com voz forte e assentada. Os seus ombros tinham se alargado; os seios, grandes, tremiam agora sob uma intumescência maior; os quadris, boleados e largos, pareciam ter-se aberto ainda mais, e o pescoço, até então fino, delicado e mole, aprumara-se num engrossamento regular e forte, dando-lhe à cabeça certa distinção de movimentos.

A obra da Natureza, que trabalha em silêncio, sem reclamos, mas que trabalha sempre, não tardaria a aparecer depois dos primeiros passos, protegidos pela sombra da noite. Ninguém mais pusera em dúvida a gravidez de Leonarda.

Joana sabia de tudo, desde o princípio, e nunca dissera uma palavra a ninguém, nem à própria filha. Amamentara Ricardo: – ele era também seu filho; ficava tudo em casa... – amava-o muito! Que fazer, depois que o fato estava consumado? Para pai de seu netinho, preferia-o a qualquer estranho, a qualquer mulato estúpido, talvez, que lhe levasse a filha como mulher, para sofrer todos os reveses da vida, fora dos que a criaram e tanto a estimavam. Quando vissem que o filho era de Ricardo, haviam de estimá-la ainda mais, tinha essa certeza, pois daquela forma Leonarda se aparentava com D. Eufrásia e com o major, dando-lhes um neto, e com Ester dando-lhe um sobrinho. Ora, o tempo que corresse! Essa era a lei do mundo... Ela, também – nunca fora casada!

Enquanto aqui se passavam tais cousas, no interior da província, preso, sem ter quem o substituísse, vivia o Dr. Teixeira uma vida agitada, com uma clínica enorme, muito conceituado, a tratar de seus doentes.

O começo de 88 viera forte. Tinha havido lá numerosos casos de febres, entre as quais o tifo, depois que o rio baixara e que as lagoas pluviais da várzea iam secando a pouco e pouco. Uma epidemia de sarampão dizimava as crianças da cidade, e no arraial vizinho a varíola, levada por imigrantes, estava fazendo estragos. A cidade, principalmente, fora assolada pelas febres palustres de diversos

aspectos, chamadas lá maleitas, sezões, etc., e muitos casos de difteria tinham aparecido também.

Desde outubro que havia o médico marcado por diversas vezes a sua vinda a S. Paulo, sem poder realizá-la. Um doente ia entrando em convalescença e outro já caindo de cama. Na cidade não havia outro médico, e o Dr. Teixeira não podia por forma alguma abandonar os doentes, dos quais pertencia a maior parte às famílias mais importantes do lugar.

Tudo isto ele escrevia a Ester, noticiando-lhe minuciosamente o que havia por lá, em todos os sentidos. E ela esperava, com uma paciência cristã, com uma resignação evangélica, esse dia glorioso de sua vida, em que ele viesse, e lhe pedisse a mão de esposa. Voltaria com ele para lá. Iriam morar na mesma casa em que morara, e quando se aborrecessem da cidade, partiriam para a roça, para a *Soledade*, onde passariam dias tranquilos, no seio verde-negro das montanhas, no alto, entre as serranias gigânteas do noroeste, ao silêncio profundo, simpático daquela solidão, em cima o azul do céu, embaixo a esmeralda intérmina da mata, ao sussurro intermitente das vozes da Natureza, feliz, senhora de seu destino, na terra, ouvindo à noite o monótono gemer da *suindara*, e o compassado canto do *curiango*.

Falava-se agora em um novo médico que ia para lá. Ele tivera a delicadeza de escrever ao Dr. Teixeira, pedindo informações, solicitando a sua amizade e proteção, caso julgasse que a clínica do lugar dava para dous médicos, sem que o Dr. Teixeira fosse prejudicado, e caso o aconselhasse a que fosse.

O cearense recebera-o de braços abertos. Ele devia de lá chegar até meiados de março, e então teria o amigo do pintor um substituto com quem deixasse os seus doentes para dar um pulo a S. Paulo. Vira-se às vezes em sérios embaraços, por falta de um outro médico. Lembrava-se de um dos últimos apuros em que se achara.

– Era nos primeiros dias de dezembro. Às 11 horas da manhã entrara-lhe no escritório o alferes Graça, e, imediatamente, quase ao mesmo tempo – Jacob Despois. Ambos pálidos, desorientados. O filho do Graça caíra de um trapézio e dera com a testa num caco

de garrafa. O sangue saía em esguicho, e não havia nada que o fizesse parar. O menino já tinha tido duas síncopes; ia morrer esvaído, de hemorragia. Supunha-se que o caco de garrafa lhe houvesse cortado uma veia. – A amante do pintor caíra com as dores do parto, e Jacob Despois achava-a perdida, e pintava o fato como gravíssimo, repetindo dolorosamente que se ela morresse ele não podia concluir a tela *Au plus fort*, e queria que o médico fosse salvá-la, já, naquele momento, extraindo a criança a ferros.

A casa do Alferes Graça ficava em caminho da casa do pintor. O médico partira com ambos, às carreiras.

No filho do Graça dera-se de fato a ruptura de uma pequena veia, verdadeira venícula. O menino havia perdido já muito sangue. O médico lavara-lhe a fronte, prendera-lhe com um dedo a veia em cima, enfiara uma pinça no golpe e conseguira segurar o vaso sanguíneo, completando rapidamente o curativo, receitando em seguida, e saindo a galope com o pintor.

Quando ambos entraram no quarto da parturiente, a rapariga achava-se sobre o leito, sentada numa poça de sangue[131], segurando, no ar, o filhinho nu, pela barriga, com a mão esquerda, – e com a direita, que pegava uma toalha, estava a limpar o recém-nascido, um meninão, que berrava a valer, com a dor que lhe causava na pele vermelha, úmida e tenra, aquela toalha felpuda.

O Dr. Teixeira ficara pasmo.

– Não tinha sido nada! dissera-lhe a morena, a rir-se. – Então? Ele demorara-se e... as crianças não esperavam nada.

E começou a descer, sobre as suas pernas fortes, gordas e bem feitas, manchadas de sangue, a camisa que ela enrodilhara por baixo dos peitos.

O médico pedira-lhe informações e ela lhas dera minuciosas:

– A princípio as dores tinham sido muito fortes, com o repuxamento das carnes por dentro, encolhendo e desencolhendo. Às vezes parecia que lhe estavam cortando com faca. Depois que a criança começara a nascer, tinha havido uns estralos nas cadeiras, mas fora um instante. O diabinho estava com vontade de ver as cousas cá por fora... Dava pulos por dentro e foi tratando de sair por sua conta e risco.

E ria, contando ao médico a história do parto, como se aquilo não fosse nada.

– Antes de começar tinha tido medo de morrer; ficara muito nervosa, pensando que o menino não cabia na passagem... Depois, não! acrescentou risonha, satisfeita, pondo o filho no canto da cama e atirando as pernas para fora, a fim de levantar-se.

– Se estava doida? perguntara-lhe o médico, segurando-a. Aquilo não se fazia! era uma brutalidade! e as consequências podiam ser fatais! Que diabo! todo o cuidado ainda era pouco!

– Qual carapuças nem nada! O tinhoso não era tão feio como se pintava! O que queria era lavar-se. Não estava acostumada com aquela porcaria!

E, olhando para o leito, cuspiu no chão, longe, por entre os dentes separados. Era um hábito seu, quando sentia nojo ou desprezo.

O médico mandara a Jacob que trouxesse o banho, um grande banho em que se lavara a moça com o filhinho, vagindo, perneando, a protestar contra as primeiras sensações do mundo.

Enquanto ela se lavava, Jacob mudou rapidamente a roupa da cama e tirou de uma cesta as camisinhas do menino, os cueiros, as carapuças feitas de velhos pés de meia, os cintos e as pastas de algodão cardado.

O Dr. Teixeira tinha um prazer imenso de assistir a toda aquela cena doméstica, naturalíssima, dentro de um quarto fechado, à luz imóvel das velas. Fora ele mesmo quem enxugara a criança e a vestira, ensinando à mãe o que lhe competia fazer daí por diante, para evitar perigos que pudessem sobrevir.

Tonica enxugou-se num grande lençol, enfiou-se numa camisa limpa, e saltou na cama com um movimento brusco, a cabeça para o canto, as nádegas no ar, para a beirada, num grande volume arredondado, cheio, sob o alvor da camisa. Sentara-se depois cruzando as pernas, e pedira a criança.

O médico vira o seu corpo bonito no banho. O ventre, desocupado, descera sobre o pélvis, num afrouxamento de carnes moles. Vira o sinal do tumor que lhe havia rasgado acima do púbis, do lado esquerdo; o desenvolvimento dos peitos, próprio dos últimos dias de gravidez, – nela era tão visível que parecia anunciar uma

galactorreia; toda a vitalidade admirável daquela rapariga morena, que parecia zombar das doenças.

Agora, sossegada, limpa, olhando risonha para o médico, ela escondia pensamentos que lhe agradavam. Jacob Despois tinha ido fazer pequenas compras necessárias para tratar da enferma, e havia pedido ao médico para ali ficar até que ele voltasse, trazendo também uma pessoa que fizesse companhia a Tonica.

Depois que o pintor saíra eles estiveram calados muito tempo, sorrindo todas as vezes que se olhavam.

Finalmente perguntara-lhe o médico porque sorria, e aproximara-se dela, sentando-se à beira da cama.

– Por que sorria? repetira a pergunta, encostando o rosto ao ombro desnudado da moça.

– À toa, respondera.

Ele tomou-lhe o rosto entre as mãos e beijou-lhe longamente a boca vermelha e carnuda. Os lábios dela prenderam os do médico, antes que os dele lhe fizessem o mesmo.

Depois disse-lhe o Dr. Teixeira, baixinho ao ouvido, que ela precisava de sarar depressa. E os olhos dela encheram-se de um fulgor sensual, e todas as suas expressões acusaram uma satisfação íntima.

Lembrando-se de Ester, envergonhara-se o médico daquela deslealdade, e ficara muito sério, provocando outras conversas para esquecer os pensamentos que lhe pesavam na cabeça.

Quando Jacob voltou, o doutor despediu-se e foi para a casa.

O criado, que não tinha ido ao correio na véspera, entregou--lhe a correspondência, onde vinha uma carta de Ester.

– D. Eufrásia caíra de cama. Havia dous meses que ela estava a sofrer, mas sempre de pé, dura como de costume. Agora, porém, não resistira. A doença, na opinião da filha, podia ser grave. A mãe, nas horas de aflição, não achava cômodo em parte alguma. Julgava, pelas receitas, que a moléstia tinha a sua sede no coração; mas o médico ainda não quisera dizer nada. E o estado dela ia se agravando dia a dia. Desejava muito que o Dr. Teixeira a visse, pois confiava mais nele que em todos os médicos de S. Paulo. E não tinha a quem falar. Passava os seus dias triste, junto do leito de sua mãe, com o pai

e o irmão; e, às noites, sonhava que a mãe tinha morrido, e... eram pesadelos horríveis.

Todas estas cousas punham uma nota triste na alma do Dr. Teixeira, que desejava com veemência a chegada do Dr. Araújo, para poder vir a S. Paulo. Acrescia que aquele lugar já não tinha seduções para si; pois os elos, que ali o prendiam, se haviam quebrado. Ela morava hoje em S. Paulo, desde maio atrasado, e fazia quase dous anos que ele não a via, senão pela imaginação e pelo retrato que a moça lhe enviara. Não hesitaria um momento sequer em abandonar aquela cidade onde reunira um bom pecúlio, e vir abrir o seu consultório em S. Paulo, perto de Ester, a fim de vê-la todos os dias, amá-la com mais intensidade.

Esta longa ausência, no entanto, parecia, em sua opinião, ter esfriado o amor de ambos. Ele se lastimava de já não sentir as mesmas emoções de outrora, nos primeiros tempos, quando nem sequer ainda era senhor da certeza de ser amado. Esquecia-se de que o amor continuava a ser o mesmo, apenas cristalizado pelo tempo, fazendo agora parte de toda a sua natureza, que, feliz e tranquila pela consciência plena do fato, com ele se habituara a pouco e pouco, calejando-se nas representações mentais da posse, mas se esquecendo das emoções que lhe havia de despertar mais tarde a presença do objeto amado. Quando ele a via, ali, na sua cidade natal, ela lhe chegava ao cérebro – entrando simultaneamente por todos os sentidos e despertando nele todas as vibrações sensoriais. Era, então, um movimento afetivo completo, que vinha de fora para dentro, até às solidões silenciosas de sua alma, assustando os sonhos, que se levantavam em voo, perdendo-se pelo céu azulado da imaginação. Hoje a cousa não era assim. O fato nascia no íntimo do pensamento, todos os instantes, todos os dias, sempre! e, pelo hábito das mesmas imagens secretas, os seus sentidos não vibravam, ou se vibravam ele não percebia mais as vibrações, já reflexas, já mecânicas, já inconscientes; – havia paz em seu espírito; o movimento partia de dentro para fora, e os desejos se lhe gastavam, e ele, na posição suspeita do apaixonado, não tinha o necessário critério para discernir, não sabia separar os dous fatos, e supunha que o seu afeto estava a resfriar-se.

Naqueles dias, porém, devia de chegar o Dr. Araújo. Estaria tudo salvo. Entregar-lhe-ia a clínica e viria para S. Paulo verificar em que estado se achava o seu amor.

Era duas horas da tarde. Fazia grande calor e o médico estava só em casa.

A sua cozinheira, que era ao mesmo tempo lavadeira e engomadeira, achava-se na fonte. Havia um silêncio enorme por toda a parte. Ele chegara à janela e vira deserta a rua. Lá embaixo apenas, junto à porta da loja do Ribeiro, estava um cavalo arreiado, a abanar a cauda, à espera de que o dono saísse. O mais era a luz viva do sol e a sombra negra das casas. Em cima, o oceano azul do espaço, com as suas ilhas ambulantes de nuvens esbranquiçadas, aqui e ali, movendo-se lentamente para os lados da várzea.

Ele avistara Tonica que saíra de um beco e vinha subindo a rua. O coração batera-lhe rijamente no peito.

– Quem sabia lá? perguntou a si mesmo. – Bem podia ser que ela viesse à sua casa! Depois do parto vira-a umas duas ou três vezes apenas, isso mesmo de relance. Jacob Despois não estava agora na terra, sabia-o. Mas ela vinha só... sem o filho... Que diabo seria?

E retirou-se da janela.

Pegou o seu tratado de obstetrícia e o abriu sobre a secretária na página onde havia uma estampa de parto. Colocara-lhe perto uma cadeira, e sentara-se na sua poltrona, ali mesmo, abrindo outro livro. Lá se deixara ficar como quem estava estudando.

Daí a pouco bateram à porta.

– Quem era? perguntou, ouvindo as pancadas do próprio coração.

– Era ela mesma! respondera a companheira do pintor. – Não a conhecia mais?

– Ah! fez ele, levantando-se ruidosamente, abrindo a porta e mandando-a entrar e sentar-se.

Ela entrou rindo, mostrando os belos dentes. A sala inundara-se do cheiro fresco das suas saias lavadas, vestidas naquele momento. Estava de xale, cujas pontas, cruzadas nos ombros, foram descidas. Pela testa, na fina penugem que lhe sombreava o lábio de

cima havia pequeninas pérolas de suor, como globos de homopatia, transparentes sobre a pele morena. Ela estava cansada. Sentara-se na cadeira ao pé do livro, e ele na poltrona, frente a frente, pertinho dela, calado, esperando que ela falasse primeiro.

A companheira de Jacob Despois deu com os olhos no livro; reparou durante alguns segundos, indiferentemente.

– Achava aquilo muito feio!... disse por fim. Não era preciso tanta cousa. Ela tivera o filho sem aqueles luxos.

E ria com a sua boca bonita, vermelha e gorda, sacudindo a cabeça num movimento natural, com um grande olhar negro, úmido e quente, que parecia subir dos flancos para tontear o médico.

– Jacob Despois já tinha vindo? perguntara o doutor.

– Não, respondera a moça, sorrindo com malícia e virando as páginas do livro, a ver novas figuras. – Fazia já 10 dias... acrescentou ela, voltando os olhos para o médico.

– Achava muito? perguntara o doutor Teixeira.

– Não por causa dele; por causa dela, só, só, e só.

– Pois o jejum era um dos caminhos do céu, respondera o médico sorrindo-se.

Ela fitara-o, dando um muxoxo, e como encontrasse uma estampa que lhe chamava a atenção:

– Porcaria! disse, fechando rapidamente o tratado de partos. – Não queria ver mais.

E levantou-se.

– Que era aquilo? huei!

– Queria beber água; depois ia-se embora, respondeu a moça.

– Entrasse.

– Não tinha ninguém dentro?

– A cozinheira estava na fonte.

– Que perigo, hein? Ela ali sozinha com ele!

E entrou para beber água e ele foi fechar a porta da rua, voltando a encontrá-la na sala de jantar, onde ela limpava os beiços molhados na ponta de um lenço branco que cheirava muito a opopânace[132].

Ele parou-lhe na frente, moído, espreguiçando-se todo.

– Preguiçoso! disse-lhe a moça, que recebeu em resposta, no rosto, a carícia de uma palmadinha.

– Já tinha sarado, sabia? Perguntou ela, como censurando.

– Isso estava ele vendo. Não era preciso que lhe contasse.

– Então, por que lhe tinha dito ao ouvido naquele dia, *que ela precisava sarar depressa?* Boas! Fazia já quatro meses...

O Dr. Teixeira lembrou-se de tudo. Sustentava dentro de si uma luta enorme. Queria e rejeitava ao mesmo tempo a posse daquela mulher, daquela tentação viva que ali estava diante de seus olhos. Se fraqueasse, seria indigno, perante a sua própria consciência, da amizade do pintor, que nele depositava toda a confiança. Parecia-lhe mais que mancharia a pureza de Ester, aceitando o repto que o *modelo-vivo* lhe atirava às faces.

– Mas... ninguém saberia! pensou depois. – Se a pusesse para fora, seria um covarde. Depois... ela não era casada.

– Tinha ficado doente, não sabia? perguntou a moça. – Era por causa do parto...

– Mas o que sentia?

Ela sorrira-se. Estava mentindo.

– Sentia uma dor naquele lugar... tinha ficado um endurecimento ali.

E pegou a mão dele para mostrar o lugar, no baixo-ventre.

O médico começou a examinar e ela deu-lhe uma gargalhada na cara, enlaçando-lhe os braços no pescoço, beijando-lhe a boca, dizendo-lhe que o amava havia muito tempo.

Falava baixinho, olhando-o frente a frente, abraçada a ele, muito terna, muito carinhosa, ventre a ventre, beijando-o cada vez mais.

Tudo que havia de raciocínio, de *vontade*, de deveres, de estoicismo no Dr. Teixeira, foi desaparecendo a pouco e pouco, inconscientemente, e no lugar dessas cousas crescia a besta humana, com os uivos da carne e a fatalidade cega que une o macho à fêmea para a manutenção da espécie.

Os rios não refluem às fontes, os corpos caem sempre, a luz não se curva, e o fogo há de queimar enquanto existir. O homem, enquanto tiver um sistema nervoso, há de ser sempre um animal, sempre! sempre! – igual ao porco, igual ao cavalo, seja ele o último dos ignorantes ou o maior dos sábios... A questão é simplesmente de circunstâncias; nada mais.

Houve, pois, duas horas de amor.

Ela tinha ido pedir uma receita para sapinhos. O filho estava com a língua coberta de aftas.

O Dr. Teixeira dera-lhe a receita e ela retirara-se alegre e orgulhosa, muito satisfeita, ela – o *modelo-vivo* do pintor. Fora dali para a botica, e aquele remédio curaria o seu filhinho.

O médico sentia-se aborrecido. A sua susceptibilidade criava-lhe remorsos. A amante de Jacob Despois começou a pesar-lhe na consciência daí por diante, como um grande crime oculto, do qual nunca mais se livraria.

Ela voltara no dia seguinte, no outro dia ainda, depois todos os dias, quando o pintor estava de viagem. Ia sempre buscar uma receita para o filho que estava doentinho...

E o remorso crescia na alma do doutor, que apesar disso queria-a muito. Ele arranjava todos os argumentos em seu favor, de modo que o inocentassem. Discutia o fato consigo mesmo, e posto que os *contras* fossem mais numerosos perante o melindre de seu caráter, quando era a hora de vir e que ela não aparecia ele ficava desatinado.

Agora, complicavam-se as cousas dia a dia; porque, se o pintor estava fora, ela não saía da casa do médico, tendo-se feito muito amiga da cozinheira.

Tonica amava aquele homem com grande paixão; achava-o muito mais forte do que o pintor, dando-lhe espasmos que ela nunca tivera. Junto do médico deprimia ao francês. Abandonaria tudo pelo doutor, e chorava, receiando que ele um dia a deixasse de amar. Seria capaz de consumir o filho, se ele quisesse, dizia-lhe sempre, para fugirem juntos... mataria o próprio pintor, porque se o amara em outros tempos, hoje não o amava mais. Suportava-o, porque era ele quem lhe dava de comer e vestir... – mas ele se importava mais com os quadros do que com ela. Um homem frio! Punha-a nua, às vezes mais de duas horas, para copiá-la, e não sentia a menor sensação! As suas grandes emoções vinham-lhe de algum traço certo que ele desse na tela! Boas! Um homem que vivia do pincel e das tintas! E ele, o médico, não era assim!... Oh! com o médico cantavam outros galos! Já odiava o menino só por ser filho do Jacob, aquele

diabinho que era a cara do pai, escarrada! Ah! se ele fosse do doutor, como havia de amá-lo! Queria ter um filhinho do médico, um nenê muito bonitinho, gorducho, bochechudo como o Menino-Deus. Seria uma prova do amor que ele lhe consagrava.

E pedia ao médico que arranjasse a história.

O Dr. Teixeira horrorizava-se da animalidade daquela rapariga. Jurava de si para si enxotá-la de sua casa, como indigna, como um ser sem coração, sem reconhecimento, sem outros brados, sem outros impulsos, que não fossem os do cio, o berro erótico dos nervos. Mas ela aí vinha, imponente, cheia de mil gozos, de seduções infernais, de uma arte descarada e invencível, e o abraçava, e o beijava com carinho, flexível como uma cobra, macia como uma pele de lontra, terna agora, depois arrufada, negando para dar mais desejos, fugindo, para ser perseguida, chegando-se quando ele não queria, vencendo-o, dominando-o, absorvendo-o todo, moça! bela! ressumando todos os prazeres da carne!

E ele se esquecia de tudo, molgando-se como cera à vontade dela que o chupava como uma ventosa, emagrecendo-o, enquanto ele a amava, doido, sensual, naqueles momentos repetidos das cápuas[133] da mocidade.

Ele havia errado. Dera o primeiro passo e seguia agora o seu caminho de trevas, onde encontrara uma luz deslumbradora que o esmagara: – a amante do pintor.

– Era preciso acabar com aquilo, por todos os motivos, pensava e o desejava. Se o povo soubesse, ele estaria desmoralizado! Aquela mulher se lhe atravessara na vida como um anjo mau! Roubara-lhe os carinhos que pertenciam a uma outra! comia-lhe as forças! sugava-lhe o sangue! aviltava-lhe o espírito perante a sua própria consciência! O próprio Santo Antônio não lhe resistiria à sua beleza satânica! O meio único de se ver livre dela era retirar-se da terra. Não a amava, sabia; mas, vendo-a, desejava-a, bestificava-se, reduzia-se a cão – canificava-se! O amor estava muito acima disso. Depois... havia um outro perigo, este – gravíssimo...

Era o caso que, desde que Tonica deixara a mãe, esta rompera em hostilidades contra o pintor, que lhe desencaminhara a filha.

E, despachada, bruta em extremo, tinha dado escândalos e jurava vingar-se quando o filho viesse. O filho era o João da Porteira, um sujeito mal-encarado, digno da galeria fotográfica de Lombroso, e que, anos antes, tinha respondido a um processo por crime de morte. Dizia-se dele o diabo. Cumprida a sentença, partira para o sul com um muladeiro, e acabava agora de chegar. O doutor já o havia visto e achava-o realmente com cara de assassino. Ciente de tudo, dizia o João que na primeira ocasião oportuna tiraria o couro do pintor, à faca, como se tira o couro de um boi. Jacob Despois pelava-se de medo, e queria ver-se livre de Tonica. Esta é que não estava para deixá-lo sem um arrimo certo, sem um outro que lhe desse de comer e de vestir. Se a cousa se propalasse portanto, mesmo porque a posição dele como médico e homem importante na sociedade devia de aguçar mais os apetites sanguinários de João da Porteira, – quem lhe afirmava que ele não seria uma vítima?

Era, por conseguinte, urgente a solução do problema.

Jacob Despois já quase não parava na terra e falava em mudar-se, andando agora, constantemente, pelos povoados vizinhos a pintar, aqui e ali, e em sua ausência, lá estava ela em casa do médico, dia e noite, e ele não tinha mais força moral de impedir aquilo. Dormia com ele, na mesma cama, como se fosse sua esposa. Mais cedo ou mais tarde, por um motivo qualquer, a cozinheira publicaria o fato que cairia no domínio do público. Urgia, pois, um golpe de Estado.

O Dr. Teixeira achava-se nestas conjunturas, quando chegou o Dr. Araújo.

Por outro lado, Ester escrevia-lhe agora quase todos os dias, dando notícias de sua mãe, que ia cada vez pior, consultando sobre uma cousa e outra.

O Dr. Teixeira quis fazer obra que não desse na vista. Associara a seu escritório o Dr. Araújo, que passara a morar consigo e que fora apresentado a todos com as maiores distinções. Iam juntos ver os doentes, receitando juntos.

Na ausência, gabava-o o cearense a todo o mundo. O Dr. Araújo adorava-o; nunca vira tais cousas entre gente do mesmo ofício.

Março, entretanto, estava no fim.

Sentiam-se já as noites frescas, e as madrugadas um pouquinho frias. A erva dos campos ia perdendo o verde metálico de suas folhas. As chuvas espaçavam-se cada vez mais e as trovoadas ribombavam fortes, despedindo-se do verão, que estava em seus últimos dias. Nas várzeas, já as acácias silvestres se cobriam de flores, em copas de brancura, perfumando os ares. Chegavam de longe os patos bravos, os marrecos; e os últimos maracujás amadureciam nas latadas. Nos parreirais começava o cair das folhas, e, às tardes, quando o vento vinha do norte, sentia-se nos ares o cheiro adocicado do capim-meloso, que apendoava com os seus penachos roxos, às soalheiras de março. As paineiras estavam vestidas de vermelho, tão grande lhes era a exuberância da florescência.

O ar fresco, o céu lavado e azul, tudo anunciava naquelas paragens a entrada do outono, com as suas ameixieiras floridas para os frutos de agosto e setembro, quando a *Via Láctea* atravessasse o firmamento de norte a sul e, ao fumo das queimadas, trinasse o inhambu os primeiros pios da sua gama simpática.

Brancas, inchadas como de uma hidropisia, já algumas moscas apareciam mortas pelas paredes e portais, de negro rajado o abdômen, sobre uma brancura pilosa, ao passo que as pulgas, mais amantes do frio, magrinhas e famintas, iam aparecendo também, uma aqui outra acolá, muito espantadas, muito ariscas, procurando as dobras das meias e as pregas das camisas.

Ia fazer justamente dous anos que Ester estivera de cama, com a anemia cerebral; dous anos que ele passara as maiores provações, vendo-a morta, amando-a doidamente, salvando-a para depois vê-la sã, indiferente aos seus afetos, toda entregue a um outro.

E lembrara-se de sua viagem, feita para não vê-la partir a primeiro de maio para S. Paulo, e da bebedeira da véspera, com Jacob Despois, e da agonia em que ficara, tão só! dentro de casa, meses, sem notícia! Vira, à luz da madrugada, atrás da igreja, a boa da *Mansinha*, deitada, e sentira ainda, nesse momento, a vergonha das carícias que lhe fizera, palpando-lhe as tetas... Depois subira e fora amanhecer longe, no ponto mais alto dos arredores da cidade, de onde assistira ao romper do dia, e à luz a inundar o mundo. De

volta, cantara o *La donna è mobile*, lembrando-se talvez do dia das borboletas, daquele dia amado em que Ester abrira pela primeira vez a janela do sótão, que vivia fechada. Lembrara-se de Joana, de Leonarda; lembrara-se de todos, lembrara-se de tudo.

As cousas hoje eram outras! mas tinha saudades do passado, das provanças por que passara, aprimorando-se em sentimentos, crescendo em caráter, – puro! sem remorsos! sem uma jaça no brilhante de sua consciência! Se fosse naquele tempo, ele teria rejeitado Tonica! Nunca lhe teria dado a primazia na escolha, para a satisfação de uma necessidade sexual, deixando-se vencer, deixando-se conquistar miseravelmente! E... sabia lá! – quem lhe afirmava o que lhe estava reservado no futuro?

Ele, que a princípio admirava a coragem de Jacob Despois, aprovando-a, de unir-se a uma mulher, sem Deus nem Religião, quebrando os preconceitos da sociedade, pensava agora, no fim de março – na responsabilidade moral de um filho natural, ente atirado ao mundo, sem um nome de família, desprotegido, sem saber de onde vinha, no lodo da vida, como o marco de uma desonra, odiando a mãe porque não lhe dera um pai legítimo, odiando a sociedade porque lhe negava direitos que conferia aos filhos legítimos!

Mas, quando mais triste estava, completamente engolfado nessas ideias, «para arrancá-lo dos pensamentos maus» segundo ela mesma dizia, Tonica aproximava-se pé ante pé, e estalava-lhe um beijo no pescoço, na boca, ou na testa, sentando-se-lhe nos joelhos, neles se deitando como uma criança, barriga para o ar, curvando-se para baixo como se quisesse cair, para que ele a segurasse pelo cinto, lhe brincasse com as mãos nas pernas, no ventre e no seio, enquanto ela o acarinhava, em recompensa, por todo o corpo.

Ele gostava de pô-la nua, a pouco e pouco, para beijar-lhe a pele fresca, de um cheiro bom quando ela ficava irritada, um cheiro delicioso, de evaporações sensuais, nascidas dos nervos, das glândulas, e coado através da sua epiderme transparente.

E, nessas ocasiões, ele pensava em reagir, em deixá-la para sempre, furioso consigo mesmo por causa daquela escravidão

involuntária; mas havia uma voz secreta que lhe dizia aos ouvidos:

– Vives, não é? procria, animal! Não compreendes o teu destino na Terra! Continua a tua espécie, besta! Sucedeste a teu pai, teu pai sucedeu a teu avô, teu avô a seu pai. Teu filho te sucederá, teu neto sucederá a teu filho. O que está no passado está no presente e está no futuro, animal de carga, orgulhosa besta, caviloso primata! Tu és uma máquina de pensamentos! Não pensas quando queres, senão quando o podes! Amanhã serás pó. Voltarás ao *Nada*, o nada é tudo! O que existe permanente na Natureza, sem uma falha, sem uma interrupção, sem a menor solução de continuidade, é a *Inconsciência*, animal! A época da vida, no planeta, é trecho de consciência tão microscópico no tempo – que desaparece perante a idade da Terra, quanto mais perante os séculos do Universo-Eterno! Goza, ser pequeno e miserável! Tu, vibrião![134] tu, protista! tu, micróbio! – que pensas? que fazes? Por que te enfunas? Por que te supões eterno, como espírito, só porque não te lembras mais do teu primitivo estado, quando mal saías da massa amorfa do protoplasma?[135] Queres ver os teus irmãos? mirar a história do teu passado? – toma um ventre de mulher grávida, abre-o, segue a evolução do feto. Anda! mãos à obra! Vê aí o que foste no correr dos tempos! todos os estados por que passaste, desde o bioplasma que fecunda o óvulo, até à célula consciente dos teus lóbulos frontais! Por que fizeste as tuas cidades, as tuas bibliotecas, as tuas torres, as estradas de ferro, o telégrafo, o *teléfono*; por que vais dominar o mundo com a descoberta da direção do aeróstato, conquistando mais terreno à Natureza, descobrindo-lhe mais segredos; por que criaste as matemáticas, a astronomia, a física, a química, a biologia, a sociologia e a moral; por que fizeste uma literatura, por que criaste uma Arte, – crês tu, vil animal, que o teu espírito, conjunto das funções de teu cérebro, possa ser imortal, viver separado dele, no tempo e no espaço!? Olha para os teus irmãos, para todos os outros animais! são como tu, vivem como tu, sentem, pensam, gozam, sofrem, morrem como tu!... Para eles um termo final, – para ti não admites um termo! Insensato! – pensa! reflete! Descobre a verdade das cousas! A verdade te procura, salta-te aos olhos, e tu a rejeitas! Humilha-te! Vê que és pó, eternamente pó!

Que te importa essa criação de ti mesmo, elevando-te das primeiras camadas da animalidade acéfala, à última organização da vida, ao homem com o seu grande cérebro? Dize, animal, quando este planeta não produzir mais a vida, ainda a mais simples, ainda a da monera,[136] – que é feito de ti? Onde foram parar as tuas virtudes? o sacrifício dos teus desejos? a maceração da tua carne, os ímpetos dos teus nervos? as construções do teu pensamento? Sabes que Deus é uma mentira! Não há uma prova, não há um fato, não há um argumento que o mantenha de pé perante a maior de tuas obras – a Ciência, pela qual vais aprendendo a te conhecer a ti mesmo. Então! Qual é o fim de todas as cousas senão o princípio das mesmas cousas, senão a forma ponderável da matéria, no ponto que corresponde eternamente à *Inconsciência* infinita? Afoga os teus receios! quebra os preconceitos do mundo! Não penses, – caminha! Não meças as consequências, – procria! Tu sofres, besta, e sofres porque o queres! Quem te disse que matar é um crime? que o remorso é cousa que nasce com a gente, que se não adquire na convivência dos homens? Quem te disse que o remorso não é ensinado? A honra! que é? O caráter! que significa? A castidade! que valor tem? Volta os olhos para a Natureza. Vê! olha! repara: – não sentes em tudo a agregação e a desagregação? não é o movimento que faz todas as cousas, todas as formas? Desde que existe o Tempo e o Espaço, houve um segundo, um só que fosse, a décima milionésima parte de um segundo – em que o movimento parasse? Na ordem da matéria bruta não é a atração integrando e a repulsão desintegrando que produzem eternamente, com os mesmos elementos, com a mesma essência, todas as formas? Na ordem da matéria viva, sob outro nome, não é o mesmo fato, não é a composição e decomposição que continuam a própria matéria viva? Ser pequeno e frágil! olha para a Natureza! vê a cópula de todas as cousas! imita-a! ajuda-a na sua obra! endosmosa-te, exosmosa-te na luz, no calor, no movimento, na vida, e sepulta-te no *Nada* quando já não puderes mais, quando a máquina do teu corpo se recusar ao menor dos teus desejos! Funde-te no Universo! derrama-te pela Matéria, que é a tua mãe e o teu túmulo! desfaze-te no seio da Terra, que te produziu e que te vai engolir! Vives,

não é? – procria, animal! Não infrinjas as leis da Natureza e as sub-leis da carne! Vieste de um ventre, hás de viver milhares de séculos, como homem, nos teus descendentes, se não fugires de um ventre! Olha a luz como brilha! o sol como fecunda o planeta com a sua fotorreia espermática de átomos! Olha a Terra como treme nos flancos, seus flancos colossais de mãe fecunda, ALMA-MATER! que se espoja nos espaços, cortejando-o na *Via Láctea* ao canto das estrelas, girando em torno dele, no fetichismo dos grandes mundos, em amores imensos, a beber-lhe o calor do sangue, a banhar-se na luz de seus nervos, maternizando-se, concebendo a *Vida* ao contato de seus raios, à cópula puríssima, translúcida de seu poder luminoso! Olha além! Vê como as esferas perfulgem! mede-lhes as distâncias! traça-lhes as paralaxes![137] Sonda em todos os seus modos, os ângulos opostos do Universo, e verás que a circulação atômica e a circulação da *Vida* são cópula íntima e intérmina, tão grande como o Tempo, tão velha como a Natureza! Criaste o teu Deus! e, quando o criaste, o Tempo já existia... Ele existiu no Tempo, ele desaparecerá contigo e o Tempo ainda existirá! Viver, não é? – procria, animal! funde-te no Universo! derrama-te pela Matéria! desfaze-te nos úteros da Terra, nas suas entranhas, no ventre do planeta, lá onde foste concebido, lá onde vais ser sepultado. Eis o *Nirvana!* eis o NADA, eis TUDO!!

O Dr. Teixeira, depois de suas cerebrações nevróticas, ficava exausto, com a companheira ao lado. Parecia ouvir um *De profundis* final de todas as cousas, assistindo dentro do pensamento os funerais do globo.

Depois Tonica retirava-se e ele voltava ao estado normal, muito decidido a partir logo para S. Paulo.

Com efeito, tinha o médico marcado a sua viagem para 3 de abril, deixando toda a clínica entregue ao Dr. Araújo.

– Ia por uma semana ou quinze dias, dizia ele aos que lhe perguntavam.

A separação fora uma cena dolorosa. Nunca pensara que o amor carnal pudesse chegar a tamanha intensidade.

Era como se o partissem de meio a meio, como se lhe arrancassem o coração. Ela agarrava-o pelas pernas, desgrenhada, em soluços. Ele a abraçava, com os olhos cheios de lágrimas e um grande nó na garganta, impedindo-lhe a voz. Tinham lances dramáticos dignos das penas de Dumas ou de Sardou.

– Faltava pouco tempo... se não despachasse perderia o trem! avisou-lhe o Dr. Araújo.

Finalmente, oprimido pelo dever, fazendo um esforço supremo, teve que empurrá-la brutalmente para poder sair. Ela caíra sobre o soalho, convulsa, e ele correra desorientado, pálido, envergonhado de si mesmo, sentindo-se pequeno, sentindo-se o maior miserável do mundo.

Não amava aquela mulher, mas quase que não podia separar-se dela.

Sentara-se no vagão, pensativo e triste, sem dizer uma palavra ao Dr. Araújo que o acompanhara e que estava do lado de fora.

A máquina apitou. O trem começou a mover-se lentamente.

O Dr. Teixeira estendeu a mão ao colega, e enquanto a apertava, perguntou, como que acordando de um pesadelo:

– Que diabo era aquilo?

– Aquilo? era o *rabicho*... respondeu-lhe o companheiro.

E o comboio partiu.

X

D. Eufrásia tinha obtido melhoras importantes. Já se havia levantado e passava grande parte das suas horas, nos últimos dias de março, ali, no alpendre, sentada na rede, entre as pessoas da família, que sentiam uma alegria imensa por vê-la de pé.

Ester e Beatriz eram as suas companheiras inseparáveis. Cosiam ali mesmo, durante o dia, e o ruído da *Singer* adormecia de tempo em tempo a veneranda senhora. Liam outras vezes, para que ela o ouvisse, jornais ou romances, gracejando a cada instante para fazê-la rir, pois ela andava muito apreensiva.

Quando o sol principiava a esquentar, começava-se também a ouvir o canto das cigarras, estrídulo, metálico, nos arbustos do jardim e nas árvores do quintal. Vinham chegando os insetos das suas casas distantes, pois a luz crescia no horizonte e o calor trazia as horas de mel.

As abelhas, as mamangabas, com o seu voo sonoro, poisavam zumbindo nas madressilvas em flor, enastradas pelas grades de ferro; e as borboletas, irmãs dos lírios e das rosas, vinham ali visitá-las, nas sestas do meio-dia.

Havia amores indiscretos, embalados no azul do céu, onde as andorinhas folgavam; havia-os também discretos, microscópicos, no seio das flores, entre os leves antófilos, sobre anteras excitadas.

Quantas vezes não saíam de carreira Ester e Beatriz, com os lenços brancos no ar, porfiando a ver quem primeiro pegava uma borboleta! E quase sempre nenhuma o conseguia; mas voltavam risonhas, cansadas, com o sangue em festa sob o veludo fino da pele, ambas formosas, uma com o seu moreno diabólico e aliciador, a outra clara, esbelta, forte e delicadamente sensual.

Vendo-as assim, ao sol, a correr pesadamente pelas ruas pequenas e sinuosas do jardim, com os seios sacudidos e o cabelo a desfazer-se, a cair às vezes pela fronte e pelas costas, ria-se D. Eufrásia, revendo-se na mocidade, e sentia também desejos de correr pela areia branca daquelas ruazitas, onde a mica dos cascalhos andava a refletir os raios solares.

As duas raparigas, dispostas sempre a folgar, colhiam ramos de madressilva e com eles faziam grinaldas de margaridinhas e boninas; e, brincando de noivado, as punham nas cabeças, revezando-se nos papeis de noivo e noiva. Voavam os disparates, uns finos, delicados, outros chulos, mas todos espirituosos, que faziam rir a doente até mandá-las que ficassem quietas, porque aquele excesso lhe dava dor no coração. Beatriz gostava mais de fazer de marido, ao passo que a outra preferia fazer de esposa. O *marido* dava o braço à noiva e passava com ela por diante da rede da enferma, muito cheio de si, a olhar a futura esposa com uns olhares maliciosos, de sátiro fogoso, a pôr-lhe flores no seio, a derreter-se em carinhos. A noiva, de seu lado, fingia-se acanhada, a caminhar com os olhos baixos, simulando perfeitamente as expressões do pejo. Depois voltavam já casados e chegavam à casa, onde havia baile, que terminava em seguida, e eles se despediam cortesmente de todos os convidados... Chegava a hora de entrar para o quarto... A noiva lá estava já. O *marido*, todo empertigado e pisando duro, entrava então, arrogante no porte, já agora achegando-se da noiva nas pontinhas dos pés; fazia a mímica de ter fechado a porta e, sozinhos na alcova, dirigia-lhe a palavra baixinho, nervoso, abraçando-a.

– *Enfim!* dizia Beatriz, imitando uma litografia que anda por aí a correr mundo.

Ester reclinava-lhe a cabeça sobre o peito, toda pudibunda, e ele, o *noivo* estalava-lhe umas beijocas muito canalhas pela brancura do rosto.

Neste ponto saíam um pouco fora da comédia, porque Ester protestava que não era assim, que daquele modo só um bruto é que fazia. E em seguida ensinava a Beatriz como devia de dar os beijos, beijando-a de levezinho, sem rumor, demoradamente, chateando os lábios no rosto da amiga, tirando-os bruscamente, com uma sacudidela de cabeça, e as pálpebras cerradas molemente, para exprimir que aquele prazer endoidecia. Mas nada de estalos! nada de apertos brutais! Em tudo devia de haver um pouco de arte; por isso, que fossem devagarinho, delicadamente, retendo e prolongando o gozo.

Se era bem ensinado, melhor aprendido o era por Beatriz, que tinha nervos para fazer aquelas cousas.

Vinha depois a hora de se deitarem os noivos e aí acabava a representação, dizendo eles sempre, em gargalhadas, que faltava um ato; mas acabavam com uma farsa, em que a noiva descobria que tinha sido vítima de um logro, pois que o noivo era mulher, não tinha barbas, mas tinha os cabelos compridos, tinha peitos, tinha tudo que as mulheres têm, e não tinha nada dos homens. E a noiva pegava um pedaço de pau e saíam as duas pelo jardim afora, a correr, ao sol quente e bom, e desciam pelo quintal, onde tiravam os lenços brancos e porfiavam atrás das borboletas.

Essa comédia era variada ao infinito, para distrair D. Eufrásia, que ria alegremente, ao vê-las felizes, tornando-a feliz, duas verdadeiras crianças!

Outras vezes faziam discursos, travavam polêmicas, arremedando o padre Valério e o Campos. Beatriz era o padre, e o fazia com uma perfeição admirável, dando ao rosto as mesmas feições daquele sacerdote, com o olhar sorrateiro, a bispar tudo, sem nada perder, desde a saliência de um tornozelo feminino que relanceasse sob as barras de um vestido, num movimento descuidado de pernas, até à abertura de um colchete mal-abotoado, de alguma vasquinha branca, sobre um seio de virgem... O jeito que ele tinha quando estava em pé, embalançando os braços para trás e para diante, a despedir-se três, quatro vezes, uma meia hora antes de sair, tramando ainda uma vez casamentos, falando sobre Deus, contando alguma cousa do Rodrigo Silva, ministro da agricultura, do Prado, senador, do visconde do Parnaíba, ex-presidente da província, da *União Conservadora* ou das virtudes religiosas de D. Lino[138], o bispo da diocese paulopolitana.

Eram passados assim os últimos dias de março na esplêndida moradia do major Cornélio, que andava todo entregue a apreensões políticas sobre a constituição do novo ministério organizado a 10 daquele mês pelo senador João Alfredo.

O major Cornélio achava agora indigno o procedimento incoerente do Sr. Prado, que não tinha sabido influir para que o presidente Rodrigues Alves sancionasse o projeto de lei criando o imposto de 400$ sobre cada escravo a matricular-se na província. O velho liberal mineiro e atual republicano separatista fumava com aquela decepção

e perdia as esperanças que tinha no honrado paulista que estava ocupando a pasta de estrangeiros no novo gabinete *10 de março*.

Enquanto, porém, fogoso e sincero parafusava o major sobre a política mal começada do ministério João Alfredo, Ester, a filha, sentia-se bem-disposta, satisfeita, alegre por dous motivos: – à mãe voltava a saúde, e no dia 3 devia de chegar o Dr. Teixeira.

Sábado de Aleluia, último do mês, amanhecera belíssimo, de uma frescura que convidava a andar, de uma luz tão intensa que punha nos nervos uns desejos bucólicos. Ela amanhecera pensando em passeios ao campo, longe, em sombras deleitosas de grandes árvores, em beiras d'água, em trilhas íngremes a subir, sítios alpestres, solidões de verde e azul – campo e céu – ao sussurro dos insetos, ao olhar atrevido do sol... ah! um pouco de sol na pele, para castigá-la dos seus desejos, naquela pele malcriada e inconveniente, que fazia orgias de sensações, à música marcial do sangue, com o seu exército de pensamentos, os músculos em fanfarras, as ideias – uns corcéis, revoltos, belicosos, a nitrir às vergalhadas do sol, num galope de amor, imenso, estranho, perdendo-se de vista pela esplanada intérmina de sua imaginação tropical.

Desde cedinho que tinham inventado, ela e Beatriz, um passeio ao *Jardim Público*, em frente do Seminário, no bairro da Luz. D. Eufrásia iria. Passariam lá algumas horas, naquele retiro silencioso. Tomariam um carro, seguiriam devagarinho, e lá – passearia a mãe pelas alamedas, lentamente para se não cansar, à sombra das grandes árvores. As suas pernas já se tinham desinchado, ela sentia-se muito mais forte, e as aflições iam rareando cada vez mais. O que convinha era distraí-la, por todos os modos, fosse como fosse.

E o passeio, depois de alguma resistência, ficou decidido.

Havia muito que Beatriz teimava com Ester para mudar-lhe o penteado. Conseguiu-o nesse dia. Puxou-lhe o cabelo da frente para a testa, aparou-o elegantemente à altura das sobrancelhas, em franjas muito bem feitas, e enrodilhou o resto em cima, mais para a frente do que para trás, preso a grampos de tartaruga, com uma simplicidade encantadora, deixando bem destacado todo o seu pescoço alvíssimo, de pé sobre um tronco escultural.

– Já era outra! disse Beatriz, mirando-a com orgulho. – Não podia imaginar quanto ficava mais bonita. O que faltava é que ele viesse e não encontrasse novidade alguma!

Ester fora ver-se ao espelho; achara-se realmente mais bela e sorria de satisfeita. O seu cabelo, negro, fino e lustroso, levemente encrespado fronte abaixo, dava-lhe aos olhos um fulgor mais nítido, mais fixo, parecendo aumentá-los, parecendo feminilizar-lhe o rosto, como que o diminuindo, como que lhe suavizando certas linhas, que em sua opinião ficavam melhor em rostos masculinos, pela deselegância da virilidade.

Beatriz tinha ido ao jardim buscar uma flor, uma única, para colocar-lha do lado esquerdo, entre dous maços do cabelo em rodilha. Era uma pequena rosa amarela, *sonho de oiro*, muito linda e que logo se destacou sobre o negro aveludado de suas madeixas, completando artisticamente a obra de Beatriz.

– Então! Não lhe pagava nada? gracejou a morena, enamorando-se da amiga.

– Um beijo, queria? respondeu sorrindo. – Mas o beijo não era ela quem dava.

– Quem seria então? tornou a rapariga, fingindo não compreender que Ester se referia a Ricardo. – Falasse! De quem era o beijo?

– De... Ricardo.

– Não queria, disse, sustentando um capricho e fazendo-se séria.

– Recusava um beijo de seu irmão, dado por ela que era sua amiga, e que já tinha provado que o era? perguntou com ares de ofendida.

Beatriz abraçou-a com força, com ímpeto, e cerrando as pálpebras beijou-lhe apaixonadamente a boca vermelha.

Em seguida limpou os olhos umedecidos de lágrimas com a ponta do paletozinho branco.

Tocava-lhe a vez de ser penteada. Ester arranjou-lhe com muita arte o cabelo, também negro, na sua cabeça oval e bem feita.

Às onze e tanto estavam prontas, com os seus grandes chapéus leves, próprios para o campo e as suas sombrinhas modernas.

O carro estava no portão à espera. Entraram e partiram. Ganharam a rua da Glória, desceram-na toda; atravessaram o Lava-pés e o Cambuci; saíram na Mooca e tomaram para a rua do Hospício; desceram lentamente a rua 25 de Março, a ver à direita o rio e a várzea, todo aquele lençol de verdura, onde os corvos, pousados aqui e ali, punham notas negras, como as roupas das lavadeiras as punham brancas; no fim subiram à esquerda e começaram de novo a descer a rua Florêncio de Abreu, até ao Campo da Luz, onde o carro levantou uma onda de pó, por baixo das grandes figueiras e dos cinamomos quase sem folhas.

Afinal, parara o veículo no portão do *Jardim*[139] e elas apeiaram-se cautelosamente, dando o braço a D. Eufrásia.

A enferma sentia-se bem, achava-se mesmo mais forte e dispensou-as daquele incômodo. Já da entrada avistavam elas o repuxo, no centro do lago em forma de cruz, a receber na bacia, em cima, os dous grandes esguichos que jorravam de baixo, como dous fios de prata sobre o fundo verde das árvores. O sol caía fixo na água espelhada do tanque, onde corriam dous irerês, fugindo de um pato preto que os perseguia.

– *I-re-rê! I-re-rê!* assobiavam, correndo sempre.

– Que fim teriam levado os pássaros! Tê-los-iam matado? Estavam ali tão poucos!... perguntavam as raparigas.

Os terrenos intermediários aos braços do lago achavam-se em conserto[140]. Diversos operários arrancavam ali a velha grama degenerada e imprestável, revolviam toda a terra e plantavam nova grama. O serviço estava quase concluído. As cercaduras de bambu, dos diversos alegretes, feitas em xadrez ou cruzando-se em arcos, estavam também pintadas de novo, de azul, encarnado e vermelho, e todas as flores replantadas.

Tinham passado pela estátua de Adônis, feita de mármore, e que fitava do lado oposto, em linha reta, do outro lado do tanque, aquela que por ele ardera de amores, Vênus, seminua, levadinha da breca, em posição de pudor (?), com o manto caído da base do seio aos pés, imóvel, também de mármore. Adônis, o filho incestuoso de Cinira e Mirra, ali estava a relembrar as proezas de Vênus, adúltera

com Marte, esposa de Vulcano e Anquises, dona do *cinto de amor* e cortesã a mais formosa, matreira e elegante de todo o Olimpo. Cada um dos outros dous braços laterais do lago tinha também a sua estátua, e de todas, nas peanhas, se lia em letras grandes: – FICA O JARDIM À GUARDA DO PÚBLICO.

Andavam por ali as visitantes, passo a passo, ao redor do lago, ouvindo o barulho do repuxo e vendo os irerês irrequietos. D. Eufrásia tinha se sentado em um banco, à sombra dos bambus que rangiam, guinchando às vezes às pequenas refregas do vento; e deixando cair ruidosamente, em estalidos secos, as suas grandes estípulas, as suas bainhas afuniladas como um grelo de piteira. Com os olhos mansos, de uma doçura meiga, acompanhava a doente as duas raparigas que iam e vinham, de braço dado, sombrinhas abertas, – elas, tão fortes e sedutoras, com o rosto afogueado pelo exercício, excitadas pela viveza da luz e pelo hálito salutar das árvores.

Depois de grandes esforços, conseguira o pato preto afastar para longe os irerês, e viera reunir-se à sua companheira, que deslizava em curvas indolentes perto da estátua de Adônis. Agora, a sós, ensaiavam aqueles palmípedes uma cena de amor.

Era digno de ver o disfarce honesto, a discrição séria com que as duas amigas seguiam interessadas aquele quadro da Natureza.

De tempo em tempo ouvia-se um bater de asas, brusco, repentino: – era a pata que saía voando pela superfície do lago, um voo curto, com os pés dentro d'água, o pato a persegui-la, perturbando daquele modo o silêncio que reinava em torno. Outras vezes, mergulhava muito tempo, indo sair longe do macho. Separavam-se, ajuntavam-se depois.

Uma nuvem, que estava sombreando o *Jardim*, adiantara-se no céu, e as cigarras, que guardavam silêncio na sombra da nuvem, romperam em coro à luz do sol, infundida em grandes jorros, numa inundação de prata derretida sobre o tapete glauco das águas e o maciço esmeraldino da folhagem. Nesse momento logrou o macho prender a fêmea pela nuca à ponta de bico, e depois de alguns segundos de luta, achou-se de pé sobre as asas dela, como se ela fosse um barquinho que o conduzisse. E a fêmea, submissa e

amorosa, ajeitava-lhe, sob os pés palmados, as asas, para que ele não caísse. Porque a água é móvel, o equilíbrio, ainda assim, tornava-se dificultoso. Pendiam ambos para um e outro lado. Por diversas vezes tinha ele aberto a sua cauda em leque, para descê-la rápido, de um golpe e de banda; mas fugia-lhes o centro de gravidade a roubar-lhes pérfido o instante que eles desejavam. Houve, porém, um momento em que os dous pararam, firmes, resolutos, e a cauda de cima caiu certa de um lado, e a de baixo, rápida, e ao mesmo tempo, levantou-se em leque, do outro lado. Dous segundos apenas, e o macho tombara n'água, já nadando, com o bico aberto pelo cansaço, em pequeninas curvas, enquanto a fêmea se espenejava, toda arrepiada, a mergulhar a cabeça, ambos espichando e encolhendo o pescoço, ela em silêncio, ele com o bico para o ar, na sua algaravia de *qua-ha-ha! qua-ha-ha!*, a perseguir de novo os irerês que se haviam aproximado.

Ester e Beatriz, indo e vindo ao redor do tanque, tinham observado tudo, e falavam baixinho, com umas risadinhas curtas, abafadas, e que eram provocadas naturalmente por aquela cena de amor, uma das primeiras que os nossos olhos veem[141] no caminho da vida.

Depois deram o braço a D. Eufrásia e tomaram para a direita, indo sair na *Ilha dos Coelhos*.

– Como estava aquilo feio, sem grama! Havia apenas uma ou outra lebre... Que fim dariam ao resto? Ah! vissem! Estavam ali os pássaros do tanque! Decerto que os tinham mudado por causa do conserto[142]. – Os gansos, as marrecas de Goiás, os marrequinhos de pescoço furta-cor, e os patos! Que pataria enorme! Coitados! nem uma folha de capim para pastarem! Judiação! De verdura, só os *chapéus-de-sol*, com as suas folhas enormes!...

E entraram pelo mato, seguindo as trilhas tortuosas e úmidas. Foram sair à esquerda, na grande rua sombria, de bambus, e por ela voltaram em direção ao lago, atravessando a rua dos pinheiros, passando pela estátua de Vênus, com as suas nádegas de fora, e as pequenas tetas descobertas.

– *Venere*, lera Ester na frente, gravado no supedâneo, sobre o bloco de mármore.

Concluiu que o estatutário daquela peça fora naturalmente italiano, pois escrevera nessa língua o nome daquela deusa pândega, de cujo ventre viera ao mundo o mais temeroso dos males: – Cupido, o *Amor*.

A palavra *Venere* fê-la lembrar-se de muitas páginas de medicina, nas quais a vira empregada sob diversas modificações.

O sol subia e começava a fazer calor. De vez em quando, da estação da *Linha Inglesa*, onde havia trens em manobra, trazida pelo vento, passava nos ares uma onda cheirosa do fumo do carvão de pedra. As cigarras, em coro, cantavam agora sem interrupção, aos beijos térmicos da luz solar, e pelos gramados[143] que cercavam os canteiros de monsenhores e rosas, os alegretes de maravilhas e saudades, com as suas fúcsias variegadas, *lágrimas* ou *brincos de princesa*; à sombra espessa das verdes tuias do Oriente, ou das araucárias em cone, nervosos saltitavam os tico-ticos, atrás dos gafanhotos e dos grilos, enquanto nas casuarinas tristes, nos bacurubus desfolhados, nos cinamomos venenosos, nas acácias floridas, nos mulungus crista-de-galo, gemia o vento a sua nênia[144] contínua, de sons em A, macios como o majestoso evolver de um grande rio sereno. No negro da folhagem, como dentro de um sonho de sombras, ruflavam as cambaxirras[145] as pequeninas asas, e em cima, cortando o azul, passavam os corvos distante, muito distante, em revoadas imensas.

Elas entraram na gruta, de uma atmosfera mais fresca, de umidade agradável nas horas quentes do dia. Como pingentes de alabastro, brincos de calcário pendiam das orelhas das pedras, das suas protuberâncias na abóbada, as brancas estalactites lacrimosas e cônicas; e nos recantos da gruta, poupados pelo pé do homem e pela vassoura do zelador, levantavam-se, do solo escuro e umedecido, algumas estalagmites que a elas correspondiam verticalmente, às alvas estalactites do teto.

Daí se dirigiram as mulheres para o pequeno cercado das flores rasteiras, à esquerda. Lá estiveram a ver os peixinhos vermelhos do velho tanque de repuxo. Junto às lobélias[146] da cerca, ao pé dos heliótropos[147], na sombra das figueiras de fora, aprumavam-se os filocactos[148] colunares, as verdes opúncias[149] grandes, umas quase sem espinhos, outras que os tinham demais; – as altas begônias espigadas,

coccínea[150] e rósea, enquanto ao centro, elevado e majestoso, dominava o jasmim-manga, com as suas últimas flores, de um perfume delicioso, balsâmicas e amareladas. As azáleas preparavam-se para as primeiras flores que em breve estariam abertas. Depois de grande florescência, os craveiros secavam e as camelieiras vermelhas, sem flor, quedavam-se no sono do sexo, ao passo que as brancas abotoavam. Sentia-se o cheiro adocicado, incomodativo do estimado heliótropo. Havia sementeiras recentes, gladíolos, papoulas em flor; as brancas tuberosas, estrelando o verde das folhas; um ou outro monsenhor e poucos amores-perfeitos, de uma geração de dez anos, tão pequenos e mirrados, que pareciam garnisés[151], mirins, microscópicos. Iam rareando as saudades.

Mais adiante, em uma paineira florescida, trepava o *cactus* de três quinas, triangular ou triangulado, espinhento... E o sol seguia, voltando-se no céu, descendo do meio-dia, a espalhar fogo e luz, a animar o planeta.

Em todas aquelas cousas, do *Jardim Público*, não havia variedade, não havia zelo; – nada de flores de seleção, nem de seleção de flores. Tudo aquilo, toda aquela massa informe, era um atestado vergonhoso da civilização de S. Paulo.

Isto indignava a Ester. Um horto daqueles, confiado a gente incapaz de compreender o valor de semelhantes cousas! O *Jardim* estava entregue, havia muitos anos, à direção de um bom velho, excelente homem e bom pai de família, tomador de tabaco ou rapé, clássico, imutável em toda a sua pessoa, chapéu torto na cabeça, guarda-chuva debaixo do braço, boa prosa, um pouco cacete quando versava sobre agricultura, mas que decididamente não estava na altura daquele cargo, para o qual não nascera. E o governo... O governo continuava a ser o arlequim de todos os tempos, confiando os seus negócios, como o *Jardim Público*, a homens que não podiam compreender nada, nada destas cousas! Triste, tristíssimo o relaxamento daquele horto, destinado, pelas suas circunstâncias, a um excelente jardim *botânico* e *zoológico!*

Retiraram-se do pequeno cercado das flores e sementeiras. Quiseram subir ao *observatório*, ao CANUDO, como geralmente se

dizia, com os seus cinco andares, com o seu terraço em cima e o seu para-raios, para verem de lá grande parte da cidade, com seus altos distantes, dos subúrbios, e tiveram que recuar. Os soldados que guardavam o *Jardim* eram tão vigilantes que as paredes daquela torre estavam cheias de indecências, traçadas a lápis, a carvão, e até a *pincel e tinta*. Logo no primeiro andar, como afronta que se não faz impunemente numa cidade civilizada, – sobre a cal branca da parede viam-se duas cenas horrorosas, de uma imoralidade revoltante, pintadas com o amor do vício, cenas sexuais, vis, daquelas que deram a Bocage uma fama negra, uma celebridade repulsiva.

Temeram subir e encontrar nos outros andares coisas peiores. Voltaram. Seguiam agora devagarinho sob as árvores arruadas. As raparigas, correndo, brincando, obrigavam a doente a rir. Beatriz queria pegar Ester, e como ali na rua das figueiras não houvesse mais ninguém, saíra a correr atrás da amiga, rápida como uma corça, e escorregara, e caíra, vindo-lhe toda a roupa parar à cabeça, arrepiada como as penas de um inhambuzinho quando se abaixa para esconder-se do caçador. Foi um momento só: – as suas pernas, de um moreno liso e quente, com as meias até acima dos joelhos, sob as saias reviradas apareceram, nuas até ao fim, em cima, num relance terrível de concupiscência inesperada, se ali houvesse o olhar de um homem. Ela havia caído de bruços, e fora um momento só, porque antes que os olhos tudo vissem, as mãos com a roupa tudo taparam.

Já agora, quente o dia, à sombra, sobre um pé só catavam-se os palmípedes, tirando da raiz das penas o óleo com que se penteavam, alisando-se com amor-próprio, espenicando-se com previdência.

– Aquilo era chuva para a tarde, sentenciara Ester.

Descansaram muito tempo em um banco, e depois trataram de retirar-se. Ia chegando a hora do jantar; precisavam de estar em casa.

Fora do *Jardim*, debaixo de uma figueira, estava o carro à espera. Escanchado na boleia, dormia o cocheiro a sono solto, com a braguilha desabotoada, a mostrar um pedaço da fralda suja, de oito a dez dias no corpo. Provavelmente urinara ali mesmo, de cima da boleia, pois havia na poeira do chão uma grande mancha, e se esquecera de abotoar as calças, descuido esse comum entre muita gente, até da melhor sociedade.

Ele acordara assustado com a voz das mulheres, que tinham começado a falar alto, de propósito, mesmo para despertá-lo. E, no bom do homem, com o movimento brusco que fizera para sentar-se, devido talvez à posição falsa em que se achava, bambearam-se-lhe certos músculos, e ouviu-se fortemente, secamente, uma fuga rápida de gases concentrados.

Da parte das três mulheres o primeiro movimento foi de indignação. Depois, dentro já do carro, riram-se convulsamente daquela frouxidão, quase sem descanso, até chegar à casa. Nunca mais se esqueceram do cocheiro, gordalhão e preguiçoso, sujeito de papada e olhos mortos, com a sua braguilha aberta e o seu *susto* indiscreto e sonoro.

Ao dia, que fora tão bom para a doente, sucedera uma noite má. D. Eufrásia pedia ar, cansada, numa aflição constante, num desespero doloroso. Não podia deitar-se, não ficava bem de nenhum modo, em posição alguma, em nenhum lugar. Tinha ameaços de síncope, desmaios incompletos, em que não perdia a consciência – mas, pálida como cera, banhava-se de um suor frio abundante.

Todo o dia seguinte, domingo de páscoa, passara a enferma do mesmo modo, e só tivera alívio à tardinha. Dormira toda essa noite como se não tivesse nada. Com efeito haviam desaparecido as palpitações, cessara a dispneia, calaram-se as dores e ela tivera um sono tranquilo, de dez horas seguidas; mas amanhecera de novo com as pernas inchadas, dos joelhos para baixo, principalmente nos tornozelos. Era uma inchação branca, sem dor, quase sem elasticidade, serosa, guardando o sinal dos dedos acalcados... Segundo os médicos, aquele edema provinha da própria enfermidade. Era uma organização que se estava liquidando dia a dia, pouco a pouco, mas para a qual era bem possível que ainda houvesse remédio na medicina. Todos em casa já se haviam habituado com os incômodos da doente, com os seus gemidos, as suas aflições e as suas queixas. Tornara-se muito sensível, muito impertinente. O rosto, o olhar, eram-lhe de uma tristeza enorme. Pedia que não a deixassem morrer sem um padre. Queria confessar-se e ter nas mãos,

na hora derradeira, a imagem do Crucificado. Nascera nessa religião, a velha religião de seus pais, religião consoladora, tão santa e boa, tão atacada e sempre de pé. Iria muito alegre, muito satisfeita, leve como uma pena, se tivesse recebido todos os sacramentos necessários, até à Extrema-Unção.

Nos dias em que voltava a esses pensamentos, todos ficavam com o coração cortado. A doente conjeturava sobre o futuro, e só sentia deixar a vida por ver que a filha ficava solteira, sem ter quem lhe substituísse, a ela mãe, com o mesmo amor que lhe consagrava, com os mesmos carinhos, com os mesmos desejos de felicidade.

D. Eufrásia passara toda a segunda-feira sem novidade, mostrando-se até muito animada, a lidar pela casa, a sorrir de sua própria fraqueza, de suas apreensões na hora das dores. Ela mesma dizia, fora dessas ocasiões, que a maior parte de tudo aquilo era nervoso; e o dizia alegre, com boa cara, forte e como que remoçada, derramando um bem- estar pela casa inteira, um júbilo festivo por todas as pessoas.

Nesses dias felizes Ester cantava desde manhã até à noute, risonha, dizendo pilhérias, contando histórias alegres, inventando tudo que a pudesse fazer rir, para que se distraísse um pouco da preocupação que lhe minava o espírito.

O incidente do cocheiro, em cima da boleia, durara muito tempo e era ainda uma fonte de gargalhadas, relembrado por alusões, por Ester ou Beatriz, que falavam em seguida, rindo a não poder mais, da cara estanhada com que o homem ficara na hora da *saída*.

Nessa segunda-feira D. Eufrásia almoçara bem, jantara bem e dormira magnificamente.

Quando no outro dia, às 6 e pouco da manhã, Beatriz abriu os olhos à luz que vinha das janelas, viu já de pé, no lavatório, com os cabelos soltos e em fraldas de camisa, Ester que escovava as unhas, que se preparava toda. E, fora, levantava-se fresca, imensamente linda, uma clara manhã serena, como prenúncio de um belo dia.

– *Bonjour*[152], disse Beatriz. – Tinha espirrado cedo para fora, hein? – Que era aquilo? acrescentara encolhendo-se toda debaixo das cobertas.

– Não sabia que dia era aquele? respondera-lhe a moça, voltando-se para ela a sorrir.

– Terça-feira.

– Quantos do mês?

– Três.

– Pois então?

– Mas chegaria mesmo?

– Ora se chegava! Era aquela certeza... do dois e dois quatro. Só se houvesse algum desastre. Quando ele prometia, estava prometido.

– D. Eufrásia já sabia?

– Não! Oh! Ninguém! Não dissera nada a ninguém e nem o podia dizer.

E depois de uma pausa falou de novo Beatriz:

– Arre! Sempre ia vê-lo! Ia satisfazer o velho e ardente desejo de conhecer aquele deus... Por causa dela, de tanto botá-lo nas nuvens, já não lhe tinha só simpatia, tinha-lhe também respeito.

– Pois devia de tê-lo mesmo, confirmara Ester, maquinalmente, preocupada com pensamentos íntimos.

Beatriz deu uma boa risada e depois:

– E se ele entrasse agora ali, e a encontrasse assim, em camisa? gracejou a morena.

Ester, sem se incomodar, suspendeu os ombros em sinal de que não se importaria.

– O que é que as mulheres tinham que os médicos não conheciam? perguntou a moça. – Depois o seu corpo tinha algum aleijão que a pudesse envergonhar? Nenhum. Era até um corpo bem feito. Visse.

E com as duas mãos ajustou bem a camisa atrás, de modo que lhe copiou na frente os altos e baixos das suas formas corretas.

– Acrescia que o amor embelezava a pessoa amada, acrescentara ainda a filha do major. – Ele a amava, ela era bonita para ele. Ela o amava, ele era bonito para ela. Demais, ficasse sabendo desde já que ele nunca seria capaz de fazer o que Ricardo tinha tentado...

– Talvez porque nunca tivesse ocasião ou porque ela nunca lhe desse certas confianças... ingênuas e inconvenientes, como lhe acontecera em relação a Ricardo.

– Mesmo que houvesse ocasião e que lhas tivesse dado...

– Ora o quê!... Fosse cantar noutra freguesia! Pois a cousa estava em pouco: era só experimentar se quisesse e veria. Todos os homens eram *um* nesse sentido. O que os diferenciava eram as circunstâncias de ocasião... etc. e tal, que ela muito bem sabia, pois o havia repetido sempre, e agora é que queria negar.

Calara-se por algum tempo. Depois prosseguira:

– Falasse com franqueza: – se a cena daquela noite fosse entre ela e o médico, que faria ela?

– O médico não precisava de uma cena daquelas para possuí-la... Entre ambos eram já noivos havia muito tempo. Depois...

– Nan nan nan não! Respondesse ao pé da pergunta: – se fosse com ela, o que teria feito?

Ester não quis responder. Limitava-se a rir com uma malícia fina. Depois fez uma pirueta, pegou o lençol e saiu para o banho de chuva.

D. Eufrásia tinha amanhecido ainda melhor.

– As duas raparigas inventaram outro passeio de carro, para irem, como da primeira vez, muito devagarinho; a doente, porém, não esteve pela história e elas tiveram que ficar em casa.

Desde cedo que a filha do major Cornélio estava a preparar-se toda, com muita singeleza e graça. Depois que Beatriz lhe mudara o penteado, ela mesma achava-se linda e se embelezava a pouco e pouco, pensando que fazia quase dois anos que ele não a via e que portanto competia a ela preparar-lhe alguma novidade.

O dia estava delicioso, de uma limpidez translúcida, de uma temperatura agradabilíssima. Vestira-se de branco a moça, um vestido fino, todo liso, sem uma franja, sem um enfeite, mangas justas e curtas. Não pusera espartilho; vestira-o apenas sobre o corpete forte, que lhe cobria os belos seios claros, com umas lágrimas de renda que lhe morriam na base do pescoço, deixando ver pelas malhas, através da transparência do vestido, a epiderme branca de seu corpo, de uma brancura de leite, de uma maciez de pétalas. Por dentro das mangas, justas, viam-se-lhe os braços, com uns longes de rosa, gordos e bem-lançados, sem um adereço, sem uma pulseira.

O trem agora chegava mais cedo; tinha havido mudança no horário.

– Ela havia de fingir surpresa, uma surpresa que não deixasse dúvida em ninguém, pensava a rapariga. E já ouvia o coração bater dentro do peito, como um toque surdo de tambor longínquo, avisando o sangue para a batalha das emoções.

Tudo em seu quarto fora posto em nova ordem, na melhor disposição possível. Queria renovar a face das cousas, de todas as cousas que dependessem dela. Estava de um bom humor nunca visto, de um júbilo esperançoso e salutar. Corada, forte, cheia de vida, agarrava os móveis com força, mudava-os de lugar. Deixara o gabinete como um brinco, cada livro em seu lugar próprio, penas novas nas canetas, tapetes estendidos com elegância, vasos cheios de novas flores; sobre o preguiceiro abrira um grande couro de onça pintada. Andara arranjando a sala de visitas, com o mesmo zelo, com a mesma expectativa, ajudada por Beatriz e Leonarda... Ao meio-dia sentara-se ao piano, tocara por espaço de cerca de uma hora peças difíceis de Mendelssohn, de Beethoven, de Thalberg, de Chopin; depois cantara com a sua bonita voz, hoje outra, pelo convívio de uma grande cidade, hoje educada por um professor, – firme graciosa, de uma tonalidade segura e macia, com escola e com alma. Em seguida, no alpendre, onde estava D. Eufrásia, representara com Beatriz uma farsa de momento, para distrair a doente. Andara depois pelo jardim, amarrando, a fios de arame, alguns galhos muito pendidos, prendendo parasitas e trepadeiras, pondo em tudo uma nota chique de arte e de amor. As folhas, que amareleciam, arrancara-as todas, cortando as velhas flores, alimpando embaixo os troncos dos bogaris e das magnólias; dera elegância às fúcsias florescidas. Estavam abrindo as primeiras camélias brancas, tão alvas como a pele de seu corpo. Com varinhas de bambu escorara as papoulas em flor, dobradas e vermelhas, cujas hastes tombavam com o peso. Ao pé da camelieira, as camaradinhas atapetavam o solo. Havia beijos de todas as cores, de todas as qualidades, desde os mais simples e desconsolados, até aos *chitas* até aos *pampas*, formosíssimos e dobrados, com as suas sementes caídas, penduradas como uns pingos-verdes. A um canto,

perto de duas roseiras, *Captain-Christy* e *Margottin*, erguia-se um grande helianto, um verde pé de girassol, mais alto que o muro, e a sua flor amarela, de um tamanho enorme, olhava agora para o poente, seguindo a marcha solar. Na descida para a horta, junto da janela do gabinete, havia um grande pé de jasmim-manga que, com as madressilvas, embalsamava toda a vivenda; e, acompanhando o muro, coberto de hera miúda, viçavam as sempre-vivas douradas, inimigas da umidade, amantes da luz e do calor, aos quais estica o ventre para o ar, pétalas para baixo, para que o sol[153] lhes lubrifique as anteras com a sua fotorreia imensa e fecundante. Pegada ao pequeno tanque, estava florescida uma touceira de açucenas; e o loureiro-rosa, ao pé da grade, embalava-se lentamente às carícias da viração, com as suas flores vermelhas, as suas *espirradeiras*, tão próprias para o ornato. Do quintal vizinho dobrava sobre um ponto do muro a rósea *buganvília*[154] (L. A. de Bougainville, 1729-1811) com as suas grandes ramas, tecendo um caramanchão, e toda vermelha das suas flores de três pétalas, de pontas redobradas, formando um cálice triangular. Cheiravam as gardênias, os bogaris, e o jasmim branco entrelaçado ao fim da grade de ferro... Ficara tudo arranjado, tudo posto em uma ordem admirável.

O sol, agora, dobrando no céu, descendo sempre, calava na areia clara das ruas estreitas do jardim, e o repuxo atirava para cima o seu fio lustroso d'água da Cantareira, pequeno e cristalino, desfazendo-se no ar em branca neblina, que trêmula caía, como garoa, na superfície tranquila do tanque.

Às 5 horas da tarde, após o jantar, estavam todos ao redor da mesa, ainda sentados, saboreando o café, quando soara fora a campainha do portão.

– Havia de ser o carteiro, disse Beatriz, olhando para Ester, que reprimira um estremecimento íntimo e empalidecera em seguida.

Joana tinha ido ver quem era, e voltara apressada e alegre, com as expressões de um susto agradável, anunciando o Dr. Teixeira.

O choque fora geral; e a surpresa, deliciosa.

O major Cornélio saltara da cadeira, sem acabar de tomar o seu café e saíra rapidamente para a sala, acompanhado de Ricardo.

Dentro, os olhares indiscretos de Joana cobriam Ester de interrogações mudas, enquanto a moça, muito séria, palpava o penteado a ver se estava direito, já concertando a gola do vestido, já desenrugando as mangas.

Fora, foram abraços explosivos, grandes frases de alegria; e entraram logo, diretamente para a sala de jantar, onde o major oferecera ao médico a sua cadeira, que era à direita da filha, junto da cabeceira da mesa.

– Ele não tinha ainda jantado... Não era possível! por isso, jantasse.

– Não, absolutamente não, respondia o doutor. Estava bastante incomodado do estômago. Chegara, mudara a roupa, fora imediatamente ao barbeiro e do barbeiro ali estava...

– Mas as malas, onde as tinha deixado? A sua casa era aquela e não o hotel. Dissesse! dissesse já, porque as malas tinham de vir para ali.

– Agradecia muito, mas não aceitava. A sua demora em S. Paulo era apenas por um ou dous dias... Não podia ser por mais e... já tinha tomado um quarto no *Hotel de França*.

Quiseram insistir e ele também insistia.

– Brevemente voltaria para demorar-se mais, e se não se hospedasse ali – que lhe cortassem a cabeça fora.

– Mas não tinha propósito ficar sem jantar!

– Pelo amor de Deus não teimassem! Não podia, de todo! O estômago... Só de noite comeria alguma cousa, isso mesmo leve. A viagem... Passara mal na viagem... Devia de estar pálido, não achavam? Não viam como estava um pouco trêmulo?

E mostrava as mãos, que de fato estavam trêmulas.

– Uma xícara de café ao menos?

– Nem uma gota. Punha-o mais nervoso.

E depois de curta pausa:

– Já que insistiam tanto, para não pensar que era cerimônia: tinham água de Seltz?

– Tinham.

Ricardo trouxe uma garrafa, e ele bebeu todo o conteúdo, como um calmante.

O que o esmagava naquele momento era a sua própria imaginação, o seu temperamento vibrátil, nervoso, leve e comprimido. Tinha medo de tanta felicidade.

Até ali, acossado de perguntas por todos os lados, sob a grande emoção de sua primeira entrada naquela casa que ele amava, não tivera ainda tempo o médico de reparar em Ester. Os seus olhares tinham sido fugidios, de relance, e ela ali estava, ao pé dele, ao seu lado esquerdo, no topo da mesa. Receiava olhá-la, fitá-la de frente, sem saber por quê. E fazia quase dous anos que não lhe punha os olhos, os olhos da sua carne, porque os do espírito não tinham visto, durante essa ausência, nenhuma outra mulher.

Ela, por sua vez, estava um tanto pálida, meio deslocada também, menos contudo, pois achava-se em seus cômodos.

Quando houve uma brecha, a filha do major apresentou ao médico a sua amiga Beatriz, que estava em frente dele. O Dr. Teixeira levantou-se em sinal de cortesia e abaixou a cabeça num cumprimento que começou indiferente e terminou com um olhar doce, rapidamente perscrutador.

Tinha-a achado parecida em muitas cousas com a amante do pintor.

Beatriz, muito risonha, fez-lhe igual cumprimento, e todos riram-se, e Ester falou em seguida da índole folgazã e boa daquela rapariga.

Só então foi que o médico olhou de frente, com altivez e observação, para a filha do major Cornélio. Notara-lhe o esplêndido penteado; o vestido branco, transparente, sobre o corpete elegante; as rendas, mal cobrindo a brancura da pele; o arredondado dos ombros largos; a suave doçura das linhas curvas do pescoço, nu sobre o tronco esbelto, macio e fresco como a epiderme de uma criança; os braços torneados, corretíssimos, duas cadeias amadas em que ele devia de prender-se mais tarde, numa carícia de alcova, e eles saíam das mangas curtas do vestido, em movimentos doces, flexíveis nos pulsos, terminando em belos dedos despontados, de neve e rosa, tão lindos e perfeitos que pareciam de cera. Fitava-lhe os olhos negros, pensativos e grandes, sereníssimos diamantes, de um

fulgor inteligente e nobre, sem a languidez traidora das mulheres biliosas, sem a mobilidade simiana das nervosas. Gostava de ver-lhe a boca, a reprimir sorrisos insistentes, boca vermelha e fresca, de lábios cheios e graciosos, que acompanhavam a elasticidade das palavras com uma arte toda própria, sob um nariz de seleção, com as suas narinas rosadas e móveis, pequenas e simbólicas.

– Achava-a outra, inteiramente outra! dissera-lhe o médico, quando a conversação começou de versar sobre saúde. – Estava mesmo muito mais clara, poderosamente nutrida. Via-se-lhe a saúde em tudo. Saltava aos olhos a opulência do seu sangue novo, arterial e forte...

– E, portanto, mais bonita, não era verdade? perguntara Beatriz, maliciosamente.

Ele fitou a morena e encalistrou-se um pouco. Não era homem de elogios balofos, à queima-roupa.

Ester, tímida, corara um tanto, rindo depois, a sacudir a cabeça, como quem achava inoportuna a pergunta.

– Não, não perguntara à toa. Palavra que entendia que ela tinha ficado mais bela... principalmente com aquele penteado.

– Ah! o penteado? disse o médico, ficara-lhe realmente muito melhor que o outro, afirmara, a olhar agora para Beatriz, que lhe sorria satisfeita, bebendo a fixidez brilhante e doce do olhar dele, que a impressionava.

– Sabia de quem fora a ideia? perguntou a morena.

– Dela?

– Sim.

– E a execução?

– Também dela, respondeu Ester.

– Pois era uma obra que recomendava a autora.

Depois levantaram-se todos e foram para a varanda do fundo, a gozar o horizonte largo que dali se descortinava.

O Dr. Teixeira admirava a excelente colocação daquela vivenda, com os olhos perdidos ao longe, pelas terras insoladas do nascente, com seus morros e habitações, desde os outeiros íngremes do Cambuci, desde as colinas verdes do Ipiranga, até às planícies do Brás,

adiante o Marco de Meia-Légua e em cima, fechando o horizonte, a Penha com suas casas brancas, com as vidraças da igreja a reverberar a luz, e depois, para a esquerda, as terras altas, onduladas do Tietê, descendo cada vez mais, num semicírculo gigânteo, até Santa Ana, em cima do monte, com a sua igrejinha branca, como uma pomba mansa sobre o veludo da relva. E no último plano, denteando o céu, cravava-se no firmamento, na sua imobilidade colossal, azulando ao longe, a serra da Cantareira, com os seus topes e contrafortes, os seus boqueirões e as suas matas. Ali estava embaixo, perto, o vale do Tamanduateí, toda a várzea do Carmo, com o seu tapete de relva ilhado de maciços de folhagem, os seus caminhos novos e as suas pequenas lagoas, feitas das últimas águas de março.

Agora achava-se o doutor mais tranquilo, e, frente a frente com Ester, que com ele conversava, embevecia-se o médico, pensativo e atencioso, na figura esbelta da moça, preso aos olhos dela, distraído, alheio de si mesmo, numa passividade deliciosa, em que se deixava cobrir daquela redoma de luz salutar e amada, como um inseto fotófilo, nas grandes calmas do verão. Voltara-lhe ao rosto a cor natural com o hábito da companhia, e sobre os seus lábios de cético, acostumados a essa expressão, já se lhe via o antigo sorriso, apenas esboçado, apenas trêmulo, numa pequenina contração, como se ali pousasse o tarso provocante de uma mosca imprudente. Ele bebia-lhe com os olhos todo o eflúvio abundante das suas formas esculturais, em plena expansão de mocidade, e, num gozo íntimo, deixava o espírito banhar-se naquele ambiente perfumado de roupas brancas, a rolar nu sobre a pele da moça, num choque de pérolas sonoras, num fervilhar de imaginações distintas, íntimas, sensualmente artísticas.

D. Eufrásia contara-lhe as suas doenças minuciosamente. Ele viria examiná-la no dia seguinte, cedo, e dizia-lhe que a maior parte de tudo aquilo era com certeza o nervoso.

O sol ia entrando. Desceram todos ao quintal, para ele ver que belos os terrenos, a variedade das árvores frutíferas, os canteiros viçosos de alface e repolho, de couves e chicória. Foram até ao portão, embaixo, que dava saída para aqueles lados. De lá subiram para o jardim, onde Ester mostrara-lhe uma a uma as suas flores de

qualidade, dando-lhe explicações minuciosas. Em seguida, levou-o a moça ao seu gabinete de leitura, onde se demoraram largamente. Não havia tempo, mas ainda assim, rapidamente, mostrou-lhe os seus novos livros, que ela tinha lido, comentando os assuntos de que tratavam, aceitando estas opiniões, repelindo aquelas. Os livros, cuja leitura ele lhe recomendara por cartas, ali estavam, lidos e marcados em certos pontos, com lápis azul e vermelho, hábito que herdara do médico. Lá estava, pendurada à parede, *A Estiva*, o lindo quadro de Jacob Despois.

Falou-se longamente de pintura e o nome do grande pintor foi proferido diversas vezes pelo médico, que nessas ocasiões se dirigia a Beatriz, para ver nela a amante de seu amigo.

Do gabinete voltaram ao alpendre onde houve cerca de uma hora de palestra. Já agora tinha a conversação descido à intimidade antiga. Tinham acabado com as cerimônias; ninguém mais se incomodava, achando-se cada um a seu gosto, perfeitamente à vontade.

Ester tinha colhido um lindíssimo botão que estava desabrochando, da rosa branca *Zilia Pradel*, e lho colocara na botoeira do fraque. Ele sentira-lhe de perto a fragrância das suas roupas e o suavíssimo perfume dos sabonetes finos que ela usava com abundância. Tivera tentações de enlaçá-la brandamente pelo cinto, puxá-la para si, para que ela se lhe encostasse ao peito e ele lhe beijasse levemente os lábios, aveludados e róseos como duas pétalas curvas. Ele, que era tímido em outros tempos junto dela, ficara agora de uma grande coragem, depois das lições fecundas de Tonica. A imagem de Ester, cada vez mais poderosa, mais insinuante, entrava-lhe por todos os sentidos, espalhava-se-lhe pelos nervos, numa cavatina[155] de beijos, crescendo em beleza, eloquente em promessas. E ele lastimava-se de não ser pintor, para copiar aquele *modelo-vivo*, e sentia uma necessidade quase dolorosa de tomar-lhe as mãos, de pôr-se em contato com o calor alvíssimo da sua pele macia. E pelo corpo agitado de homem forte e amoroso, passava-lhe o sangue veloz, a elevar-lhe a temperatura, irrigando-lhe os músculos, sacudindo-lhe as ideias, entumescendo-lhe pouco a pouco as glândulas... Vinha-lhe água à boca, umidade às axilas. Nesses instantes ele tinha um olhar – que

falava. Todos os pensamentos como que se cristalizavam na luz refletida pelas suas pupilas; e ela entendia aquela linguagem, palavra por palavra, sílaba por sílaba, tão habituada estava com os modos daquele homem, tão identificada vivia com as ideias dele, com as suas expressões e com os seus sentimentos. E os olhos dela, mansos e leais, entravam pelos dele adentro, numa cópula de luz, – os olhos dela, dous brilhantes negros, com pálpebras de pérolas azuladas, sentindo o que ele sentia, querendo o que ele desejava, adivinhando o que ele não dizia. E, boa e terna, ela ficava de uma flexibilidade lenta, de cobra, com uns movimentos curvos e indolentes, com uma inflexão esquisita na voz, humilde e musical, de uma doçura escorregadia, generosa em extremo, dócil como ele nunca a vira, como ele nunca a sonhara.

Ali, no alpendre, à luz dos globos de vidro, ela chegara a esquecer-se de si mesma, e concertara-lhe a gravata que estava torta, de pé, diante dele, com os braços levantados e descobertos a meio, com o seio a arfar-lhe junto do peito dele, com os dedos macios a tocar-lhe a pele do pescoço, enquanto renovava o nó.

A coragem inconsciente daquela moça dava-lhe a ele uma coragem terrível, porém consciente, simulando descuido. E assim, foi que, contando uma história alegre, pusera-lhe a mão no ombro, como o teria feito com o major ou com Ricardo; e sentira debaixo dos dedos a reação da sua carne feminina, quente e pronta, num pequenino estremecimento rápido, num arrepio indiscreto, numa crispação elétrica, que lhe enchera os olhos de uma luz mais brilhante ainda, como a penumbra de uma felicidade, – os olhos dela, rasgados, luminosos, límpidos como dous grandes astros negros.

Anoitecera, havia muito. Ao sopro da aragem, muito branda naquelas horas, embalavam-se as orquídeas nos seus ninhos suspensos, como umas aves vegetais. Pelas grades e pelas colunas trepavam as glicínias, a roseira *Marechal Niel* e as rubras ipomeias. Vinha de fora a onda volumosa dos perfumes do jasmineiro, da madressilva, de todas as flores do jardim.

O gabinete de Ester, a sua cama, os seus móveis, os seus *bibelots*, tudo tão bem-disposto; o confortável, o aconchego daqueles lugares

que se ligavam a ele pelas cartas que dela recebera e que davam para um grande volume, de um valor inestimável, – tudo aquilo estava na imaginação do Dr. Teixeira, vivamente gravado, fazendo-lhe uma guerra imensa aos seus nervos batidos de desejos, sensibilizados de amor.

Ele despediu-se para sair.

– Então estava dito, não era? perguntaram. – De manhã o exame e depois almoçariam juntos. Almoçar e jantar todos os dias, porque ele não precisava de estar no hotel, a comer sozinho, que isso tirava o apetite.

E o acompanharam até ao portão, onde a prosa foi reatada.

A última pessoa de quem se despediu foi Ester. As duas mãos se apertaram a pouco e pouco, longamente, enquanto se diziam as últimas palavras, perguntando uma cousa, respondendo a outra, ali, à luz do lampião de fora, um pouco distante, sob a abóbada sombria da noite. As duas mãos não se haviam separado; e aquela carícia secreta, íntima, protegida pela sombra e pelo silêncio daqueles lugares retirados, parecia sagrar a posse mútua de ambos. Já não se fugiam, mas se procuravam, vencidos, imantados pela mesma força, pelos mesmos sentimentos. Só conheciam um polo, que era o de seu coração, do coração unificado de ambos. E nem se lembravam da igreja, pois a palavra *casamento* não lhes vinha à memória quando estavam juntos, não lhes caía dos lábios. Nesses instantes só se viam um ao outro, ele e ela, sentindo-se felizes, face a face, no egoísmo incomparável da mesma paixão, parafusando as mesmas cousas, sentindo os mesmos sentimentos.

Por sua vontade, lá ficaria toda a noite o médico, ali, no portão daquela casa que já lhe parecia sua. Mas era preciso sair, e este pensamento o entristecia. Dispunha-se para o fazer de uma vez, mas a mão dela, macia e carinhosa, apertava mais ainda a dele, como que o puxando docemente para um abraço, que o doutor via em espírito, e que sentia no corpo, numa semialucinação de gozo, com as promessas doiradas do primeiro espasmo, num leito de alvo linho, à onda fragrante de todas aquelas flores, ao perfume natural daquela carne de moça, tão cuidada e branca, tão cheia de mocidade e encantos!

Fazendo um grande esforço, dissera o último adeus, e partira ligeiro, desaparecendo logo, a quebrar o silêncio da noite com o

tropel de seus passos fortes, na rua macadamizada, assobiando, para bulir com ela que não fora ao piano, aquele trecho do *Rigoletto*, já célebre entre ambos, cantado pela primeira vez num dia de abril, quanto tudo era sol e risos, e lhe banhava a alma uma tristeza mortal.

Ester ficara imóvel, muito tempo, no mesmo lugar, até não ouvir mais nem o tropel, nem o *La donna*, que foram morrendo a pouco e pouco, ao longe, no silêncio volumoso daquela noite de outono.

Depois, abraçada a Beatriz, recolhera-se com os outros.

Fecharam-se portas e janelas e tudo entrou em sossego.

Fazia já uma semana que o Dr. Teixeira estava em S. Paulo, ele que tinha vindo «apenas por um ou dous dias».

Na manhã de 4, como ficara assentado, fizera o médico minucioso exame em D. Eufrásia. O aparecimento da moléstia coincidia com o desaparecimento de uma função especial ao sexo da doente. A veneranda senhora já não tinha o que no século V a formosa e sábia Hipátia, filha de Téon de Alexandria, mostrara ao estudante fogoso, que por ela ardeu de amores – na hora em que lhe pedia um lenitivo a seus sofrimentos[156].

O Dr. Teixeira atribuía à supressão natural das *flores de Hipátia* a doença de coração na mãe de Ester. Havia uma perturbação geral em todo o seu organismo e o fígado cooperava em grande parte naquela obra lenta de destruição orgânica. Por enquanto não considerava o médico perdido aquele caso; mas era preciso um longo tratamento e sobretudo um cuidado ativíssimo, previdente e infalível em certas prescrições.

Começara, pois, o doutor o tratamento, tomara-o a peito, e entre outros auxílios para a cura que acabava de empreender, contava com a grande fé que lhe depositava a doente e todos, sem exceção, da família. Insistiam com ele diariamente a que não voltasse. Não precisava disso. No interior não se vivia, vegetava-se... Depois, lá estava o Dr. Araújo. Mandasse vir a sua mudança, abrisse aqui um consultório. Ele era tão conhecido, tão estimado pelos médicos de mais fama na capital! O Barreto, o Neave, o Miranda Azevedo, o Campos,

o Carlos Botelho, todos eles; outros e outros não o convidavam para as suas conferências médicas? Não ouviam com atenção a sua palavra culta, a sua opinião baseada e sábia? Então! O próprio Clímaco Barbosa, que era em teoria um revolucionário, não lhe tributava um culto sincero ao seu saber, à segurança de seus diagnósticos? Ficasse! Aqui, dentro de seis meses, a sua clínica lhe daria mais do que lá em dous anos, e com a vantagem de estar num grande centro, onde podia cultivar a sua paixão pelo estudo, e divertir-se quando ficasse cansado.

O médico passava os dias na casa do major e, às tardes, saíam juntos a passeio, quase sempre – só ele com as mulheres; porque, já agora, voltado à antiga familiaridade, considerado pessoa da casa, o major não se dava à cerimônia de estar preso por seu respeito. Saía, segundo o costume, e ia para o *Club Internacional*, onde passava a maior parte do dia a jogar com amigos, ganhando e perdendo, e voltando não raro de madrugada.

Ricardo, também, usava da mesma sem-cerimônia. Tinha aulas desde cedo até uma hora da tarde, e depois de jantar saía, reunindo-se a seus colegas, dos quais se separava tarde, das onze em diante da noite. O seu ponto terminal era o *Corvo*.

Fúnebre, no centro da cidade, e ao mesmo tempo concentrada e propícia, lá estava na rua José Bonifácio, antiga do Ouvidor, a casa clássica da cerveja da Penha, o negro *Corvo*, com o seu aspecto chato, aportuguesado, velho sobrado feio, com três portas embaixo, de rótulas, duas – fechadas, e a outra aberta por onde todos entravam e desapareciam lá para os fundos, silenciosamente. Na sala de fora, muito baixa e triste, havia caixões e quintos[157] vazios, alumiados por um lampião fumarento que deitava em tudo o cheiro mau do petróleo: o mais eram três mesas e alguns tamboretes, onde os bebedores ficavam, ocultos de quem passasse na porta, por um biombo de tábuas toscas. A sala do fundo, completamente resguardada, era menor e úmida, de uma umidade eterna de adega, toda ladrilhada, com grandes pipas ao lado, sobre cavaletes fortes, tinas e barris, vasos e prateleiras, canos de borracha e baldes; e, mais adiante, pelo chão afora, um exército de garrafas vazias. À esquerda havia um trecho assoalhado, lugar que fora outrora um quarto, cujas paredes se derribaram. Aí era o ponto nobre.

Tinha uma grande mesa ao fundo com outra unida perpendicularmente ao lado, para os velhos fregueses. E pelas paredes, anúncios antigos de fábricas da Alemanha, de cerveja, de companhias de vapores, um mapa da província, muito pequeno e ordinário, e à esquerda, encimado por bandeiras alemãs, um grande retrato do falecido rei Guilherme, boa gravura sobre madeira; uma pequena litografia de Bismarck e o busto fidalgo e nobre de José Bonifácio, feito pelo lápis de Décio Villares. Embaixo do rei Guilherme estava escrita a divisa popular – *Mensch ärgere dich nicht*[158], que se encontra por toda a parte, nas terras nebulosas da pensativa Germânia. Mas tudo aquilo, velho, denegrido pelo tempo, com um aspecto fúnebre, aumentado pelos ramos de hera seca, que se entrelaçavam, pendurados nas linhas do antigo teto. Ali falava-se de outras eras, de gerações desaparecidas, de homens que por ali passaram nos tempos acadêmicos, e que hoje ocupam distintas posições à frente dos destinos do país.

De vez em quando citava-se um Jacinto de Moura[159], seus contemporâneos; e, descendo, para o presente, falava-se de Afonso Celso Júnior, que no cúmulo do entusiasmo quebrava os copos em vivas e *toques*. Vinha depois o tempo do Waldomiro Guilherme, um grande talento, um cérebro iluminado, desaparecido na morte. E Silva Nunes, e Argemiro Galvão, de cabeça torta e lutando com a Academia, um talento real, um rapaz nevrótico; e Dias da Rocha, o poeta distinto, corretíssimo no falar, espevitado e lânguido. E depois Rivadávia Correia e outros e outros.

E lá estava o João[160], o *Jones* ou *Ioanes* como muitos o chamavam, fiel daquela casa, *alter ego* do proprietário, – ele, o *Jones*, com a sua cara chata, de lua cheia, risonho às vezes, furioso outras vezes, quando a pândega ia noite adentro... Mas sempre bom e atencioso, ele, que ali estava havia muitos anos, e que ainda não falava um português que servisse, ele – o João, *Jones* ou *Ioanes*, na gíria dos fregueses.

E o *Corvo* ainda era o mesmo, o mesmo de sempre, imóvel, mudo, amado pela tenacidade do seu caráter, pela gravidade volumosa do seu aspecto sombrio; conservando as tradições de um longo passado, triste, silencioso, como que guardando no seu âmago todas as saudades daqueles que ele ali vira na convivência dos *chopes*,

na amizade das ideias. Ainda era o mesmo o *Corvo*, o mesmo de todos os tempos! Os homens iam-se, desapareciam; ele não; deixava-se ficar no mesmo lugar, paciente, estático, com um pensamento triste para os que partiam, com um pensamento alegre para os que chegavam. E entre os seus velhos amigos, desse *Corvo* lendário e lôbrego, havia uma roda de quase todas as noites, um número certo, infalível, de antigos fregueses, sinceros apreciadores da melhor cerveja que se fabrica em S. Paulo. Continuavam, todas as noites, as reuniões alegres, ruidosas, em que os súditos do rei Guilherme se confraternizavam com os brasileiros. E eram grandes discussões patrióticas, saúdes, vivas, cantos marciais, risos e às vezes alguma pequena carraspana. De vez em quando, amável, risonho e espirituoso, meio pançudo e com o colete quase sempre desabotoado, sem paletó e só de bigodes, louro, testa grande, rugosa, olhos pequenos, mãos nos bolsos das calças, chegava-se à roda o Schombourg, o estimado Henrique Schombourg, dono do *Corvo*, acompanhado de seus grandes cães, *terra-nova* e *Ulmer-dogge*, estes, cor de cinza, enormes, com uns lindos olhos amarelos, de uma doçura simpática. Lá compareciam o Müller[161], companheirão para tudo, professor de línguas, a rir sempre umas boas gargalhadas, contando muita pilhéria e falando de filologia e de fabricação de vinho na sua fazenda do Tremembé; – o Becker, um espírito vivo, chistoso; os irmãos Hülle, dos quais havia um que encaminhava sempre a conversação para a história e a filosofia; era um grande materialista à Büchner; – o Brack, um bom tenor, que só falava cantando; – o Gladosh, professor excelente de piano e canto, homem grande, bem mantido, teimoso como um negro mina, tagarela e cheio de grandes movimentos rápidos. Muitos outros alemães, suíços, italianos e austríacos. Entre os brasileiros, não falando das turmas incertas de estudantes, revezando-se todas as noites, – não davam ponto ali, naquele *Corvo* de quase trinta anos, – sombrio, fúnebre, cavernoso, baixo e úmido (pois daí lhe viera o nome dado pelos acadêmicos), denegrido e sempre o mesmo – não davam ponto ali, dizemos, ou se o davam era raramente: – o Cruz, da *Califórnia*, calado ou falando baixinho, gordo, mole no mover-se, amante de seus hábitos, uma das crônicas vivas do passado de S. Paulo; – os dous capitães, Fonseca[162] e Osório[163], outras duas

crônicas vivas, o primeiro com a sua palestra variada, de pronúncia muito aberta e um tanto cantada, boa prosa, de comedidas pilhérias; o segundo, menos conversador, sempre escorando a cara na mão sobre a mesa, o cavanhaque por cima do chope, onde a espuma fazia um *colarinho* de dous dedos; – o Eugênio Andrade, um acadêmico, *un buveur silencieux*[164], como diria um francês, e que bebia aos golinhos, saboreando o líquido topázio, com um prazer indizível, ou pedindo aos outros que falassem, provocando-os a isso, só para ter o prazer de escutá-los; – o Antônio Pedro[165], da tesouraria, chefe de seção, com as suas gargalhadas guturais e satânicas, as suas pilhérias *frescas*, os seus discursos laudatórios e o seu fanatismo pelo Partido Liberal; o Lula, seu companheiro, ruivo, incisivo, desapaixonado, um crítico de todas as atualidades, um temperamento de repórter; – o Raul Braga, estudante, que, se fosse livro, seria do tamanho das *Fanfarras*, do Teófilo Dias, miniatura humana, rapazinho imberbe, de muito talento, muito dado à literatura e que estava escrevendo um romance; – o Eduardo Chaves, quinto-anista, o autor das *Fagulhas*, seu primeiro livro de versos; – um rapagão o Eduardo, alto, moreno e fogoso, de boca mole e prosa animada, um conversador fecundo, um poeta alegre; – o Maneco Osório[166], católico-apostólico-romano, colecionador de borboletas; e outros e outros, entre os quais este seu criado, bondosíssimo leitor.

O *Corvo* era o *Club Internacional* da pilhéria, do recreio de espírito; era o retiro silencioso, modesto e amado, de meia dúzia de bons rapazes, de excelentes cidadãos laboriosos, todos amigos, que ali buscavam descanso à noite, bebendo e rindo em comum, numa união familiar, íntima, em que eram discutidos vários assuntos, desde a banalidade dos fatos políticos do dia, até às especulações filosóficas, até às mais intrincadas concepções da inteligência humana. E em meio de tudo isso, de espaço a espaço, surgia a nota alegre da ocasião, a nota *loira* da cerveja da Penha, a gargalhada franca, confiante, viril, brotada entre um disparate proposital e um gole fresco do velho topázio líquido, com os seus dois dedos de *colarinho* de espuma.

Era aí que Ricardo ficava à noite, nessa boa roda de boêmios, enquanto o Dr. Teixeira fazia companhia a D. Eufrásia e a Ester.

A presença do médico em casa do major Cornélio roubava à Beatriz grande parte dos afetos de Ester. A filha do Dr. Amâncio, sentindo-se prejudicada na partilha do coração, fora rareando a pouco e pouco as visitas, e a amiga, embevecida de seus amores, nem percebia a retirada lenta, jeitosa, daquela moça morena.

Cedendo às súplicas insistentes de Ester, escrevera o Dr. Teixeira ao seu colega, participando que não voltava mais, e pedindo que lhe remetesse tudo que lhe pertencia, pois ia abrir aqui o seu consultório; e publicou pelos diários da capital um agradecimento, aos povos de lá, pela maneira por que tanto o haviam distinguido durante o tempo de sua longa residência naquela cidade, oferecendo-lhes o seu préstimo em S. Paulo, à rua tal, número tanto.

Ardia o Dr. Teixeira num desejo imenso de ter uma entrevista com Ester, onde pudessem, sozinhos, falar intimamente. Não queria dar nenhum passo sem que ela fosse ouvida, e as poucas vezes que ficavam a sós, o tempo era tão curto que nada podiam decidir. Quando estavam ausentes, e que se escreviam um ao outro, falavam-se mais, tinham muito mais liberdade.

– Se ela pudesse sair só... bastaria uma vez! – chegar à casa dele para combinarem sobre o futuro!... dizia-lhe sempre o médico, suplicante.

– Que despropósito! Um impossível! respondia-lhe a moça, mostrando-se pesarosa.

E se não tinha ninguém para vê-los, ele tomava-lhe a mão aveludada e a beijava, aquela mão alvíssima, bem feita e humilde.

Falavam baixinho, na sala ou no alpendre, como dous Tântalos à beira do lago do amor. D. Eufrásia amava-o como filho, e protegia discretamente a afeição de ambos, retirando-se às vezes, deixando-os entregues a si mesmos, para que a cousa se enraizasse, deitando estolhos[167] novos, crescendo em intensidade.

Uma tarde, enquanto a doente andava pelo jardim, – depois de umas frases íntimas, o médico enlaçara o cinto flexível da moça, na sala de fora e, com frenesi malcontido, prendera-lhe pela primeira vez os lábios num beijo. E ela, que não fizera o menor sinal de resistência, disse apenas, sorrindo e como que censurando:

– E era assim que ele queria uma entrevista!

– Jurava que não lhe tocaria. Não acreditava na sua palavra? Não o conhecia como capaz dos maiores sacrifícios para cumprir o prometido?

Ester continuava a sorrir.

– Por que zombava? dissesse! Por que aquele sorriso incrédulo? falasse!

– Tinha medo, nada mais! disse a moça.

– Medo! de quê?

– Ele bem que sabia!... falou a rapariga. – Era melhor que mudassem de assunto. Não tinha mais desejos do que ela, de estarem juntos... Mas...

– Mas... o quê?

E ela ficou muito vermelha, com um pensamento que não queria dizer.

– Não tinha jurado que não lhe tocaria? Beijos? não matavam, não deprimiam, não aviltavam... – Jurava pela sua honra de homem de bem, pela memória santa de sua falecida mãe, disse com os olhos nadando em lágrimas, e pela pureza dela Ester, em como a saberia respeitar. Não era ela a sua noiva? não ia ele pedi-la? Então! que mais? Pois ele que tinha uma *vontade* cultivada, de bronze, inamolgável; ele que tinha uma palavra sempre cumprida, havia de ser tão bruto que rasgasse de antemão a página mais bela, mais poética da sua lua de mel?

– E se ela fraqueasse, desvairada pelo sangue? perguntara a moça.

– Ele seria forte, repeli-la-ia, pois tinha-o jurado.

Ester sorria ainda, diante daquela tenacidade homérica de um espírito superior; parecia não confiar bastante na convicção absoluta daquele homem, ou experimentá-lo talvez, quem sabe se desejando o que temia?

– Mas por que zombava? por que aquele sorriso? dissesse! pedia o doutor, num tom suplicante, magoado por lhe não merecer toda a confiança, enquanto ela o fitava maliciosamente, com os seus belos olhos negros, a morder devagarinho, entre dois incisivos, uma lágrima de renda da ponta do paletó branco, suspensa por um descuido.

– Por quê? respondera a moça, tomando-lhe as duas mãos

rapidamente e olhando para o jardim, a ver se a mãe ainda estava junto da grade; e, como estivesse, repetiu:

– Por quê? sabia? era porque o amava!... disse baixinho, deixando o corpo cair sobre o dele, com os seios a roçar-lhe o peito.

Foi ela agora quem lhe prendeu os lábios, os lábios dele, secos de emoção e febre, a febre deliciosa de um velho amor reprimido.

– Podia vir? insistiu-lhe o médico ao ouvido.

Ela disse que sim, com a cabeça.

– Amanhã? de noite?

– Amanhã, respondeu, dando-lhe um outro beijo, desta vez muito rápido.

Não era sem motivo a última pergunta do Dr. Teixeira. O dia seguinte era o último sábado de abril, véspera de descanso, dia cuja noute o major passava infalivelmente no *Internacional*, e em que Ricardo vinha sempre muito tarde, às vezes de madrugada, pois tinha todo o domingo livre para dormir quanto quisesse.

Depois da concessão, disse o médico à doente que ia dar-lhe um novo remédio, que lhe devia de fazer muito bem; era para começar a tomar naquele mesmo dia. E ajuntou à receita uma droga soporífica que prevenisse a possibilidade de uma insônia.

Ao almoço de sábado perguntou-lhe como passara a noite.

– Perfeitamente bem. Dormira como uma pedra, respondeu a doente. – Nem chuva e nem trovoada, nada vira, e todos na casa tinham acordado com o barulho.

– Continuasse ainda hoje, ordenara o doutor, satisfeito. – Aquele remédio lhe estava fazendo bem.

Com as grandes chuvas da noite, o dia amanhecera formosíssimo, depois de quase uma semana sem sol, tão nublado andava o céu, já frio com a entrada forte do inverno.

Antes que anoitecesse despedira-se o médico, pretextando que tinha cartas a responder. E, por falar em cartas, mandou que lessem uma que tirou da algibeira de dentro, e que tinha recebido naquele dia.

Era do Dr. Araújo, e todos ficaram passados, estupefatos.

Jacob Despois tinha sido assassinado pelo João da Porteira. O

fato dera-se de manhã cedo, no açougue do Chico Pires, à vista de dez ou doze testemunhas. O infeliz pintor, ao entrar no açougue, lá encontrara o irmão de Tonica, o qual estava no fim de uma bebedeira apanhada na véspera, no *Rancho do Serpa*. Encontrara-o metendo-lhe as botas, e com a sua entrada mais se irritara o João, que começou a atirar-lhe impropérios. O francês ouvia-o calado, com uma paciência admirável. Os insultos cresciam, tornavam-se injúrias. O Chico Pires quis intervir, os outros fizeram o mesmo. O pintor pediu-lhes que não se incomodassem, que ele não fazia caso. Vendo essa indiferença, o João da Porteira redobrou de cólera, dizendo que Jacob não sairia sem primeiro ajustarem contas. E continuou. Quando a carne do pintor esteve pesada, e que ele tratou de retirar-se, João tomou-lhe a frente, pegou-o pelo paletó, no peito, e deu-lhe um grande boléu.[168] Jacob empalideceu e largou-lhe no ouvido um sopapo de mestre. O filho da Nhá da Porteira cambaleou zonzo; mas foi um momento só, porque avançou como uma fera, já de faca em punho, contra Jacob Despois. Todos os presentes correram para acudir, mas o pintor já estava por terra, a deitar sangue aos borbotões, de uma facada que recebera de cima para baixo, no vão do ombro esquerdo, entre a clavícula e a omoplata. Morrera em alguns segundos o glorioso autor d'*A Estiva* e do grande quadro *Au plus fort*, estudo esplêndido do nu, a sua última obra, uma cópia do natural, daquela criatura adorada, tão formosa e tão mulher, por cuja causa ele tombara sob a faca do assassino.

Acrescia uma circunstância, dizia o Dr. Araújo em sua carta, e era que por uma fatalidade inexplicável, Jacob, que andava ultimamente por fora, voltara um dia disposto a concluir a tela *pour la maternité*, dizendo que se o não fizesse naqueles dias, não a concluiria jamais, porque lhe parecia, e quase que tinha até certeza de que brevemente morreria. E pusera-se a trabalhar muito, com um ardor desusado, de modo que o último traço fora dado às 3 horas da tarde da véspera de sua morte, à vista dele, Dr. Araújo. Em seguida quebrara todos os pincéis, e um por um todos os potes de tinta, doido de alegria, repetindo que ali estava a sua imortalidade.

João da Porteira fora preso em flagrante. Já tinham sido requeridas as testemunhas, e a justiça havia tomado conta do fato.

Tonica tinha desaparecido; ninguém sabia dela. Deixara o filho, sem mais nem menos, em casa de uma pobre velha, a Martinha, do beco das Taquaras.

O Dr. Teixeira estava sentindo imensamente aquele desastre, aquela grande desgraça, de que só se esquecia quando pensava em Ester e na entrevista que ia ter. Levaria o fato ao conhecimento do cônsul francês para arrecadar as telas primorosas do pintor, as quais deviam de dar uma boa fortuna aos seus parentes na França, se fossem mandadas para Paris, onde alcançariam grandes somas.

Em sua opinião, acabava a humanidade de perder uma de suas maiores glórias na pintura, no fim do século 19, ainda que das mais desconhecidas pela falta de meio artístico em que vivera. E tinha a profunda convicção de que o nome de Jacob Despois havia de entrar para a História, luminoso e imortal, cercado do culto eterno que a posteridade tributa aos gênios.

E retirou-se.

– O remédio, tinha produzido o desejado efeito, pensava consigo o Dr. Teixeira. A vigilância da casa estava portanto inutilizada. O que convinha era dispor-se para o que desse e viesse. A porta da comunicação com o resto da vivenda seria naturalmente fechada. Se batessem, ele teria tempo de escapar pela janela do gabinete, do lado do alpendre, porque as outras eram altas, principalmente as do fundo. Mas nada disso aconteceria. Quem podia lá desconfiar? Em todo o caso, numa aventura destas era de toda a conveniência figurar a peior hipótese, – a de ser apanhado em flagrante. Qual a solução? Nem podia ser outra senão o casamento. Mas se houvesse um ataque? – convinha não se mostrar covarde. Levaria por isso o seu revólver, mesmo porque os caminhos a atravessar, para chegar ao portão do fundo do quintal, eram desertos, e podia haver um encontro com ladrões ou assaltantes. Não se teria ela esquecido de deixar o portão aberto? Que maçada se tal acontecesse! ser-lhe-ia preciso dar uma volta enorme para ganhar o valo,[169] do lado de cima, depois de atravessar dous ou três brejos! E, chegado lá, resistiria ele à tentação dos carinhos dela? – Por que não? interrogou a si mesmo, franzindo os sobrolhos. – Jurara! Não era uma glória o resistir? E ela parecia

não acreditar que ele resistisse, justamente por ser... mulher. Quisesse ele, que ela estaria entregue!

E o Dr. Teixeira via um ato de sabedoria em mostrar-se forte, fazendo-se pedra, provando que era homem de palavra, muito embora ela chegasse a fazer de mulher de Putifar. Seria uma ação poderosa, de grande influência moral na sua próxima vida de casado. Sempre que dissesse uma cousa, sempre que afirmasse, seria acreditado. Pensava também que, em rigor, aquela entrevista era desnecessária, significava apenas um capricho, mas um capricho natural da parte de um noivo, que ainda não tinha pedido a noiva aos pais. Queria ouvir-lhe da própria boca as suas confissões feitas nas cartas que lhe escrevera, para observar se eram verdadeiras, pela expressão do rosto dela, e depois combinar o dia do pedido e que o casamento fosse o mais breve possível, em casa, sem pompa, sem o baile do costume; e para isso havia um bom pretexto: – a doença de D. Eufrásia. Apenas alguns amigos, algumas pessoas íntimas, para jantarem todos juntos, e nada mais.

Depois voltando aos primeiros pensamentos:

– Em todo caso, apesar da confiança que tinha em sua *vontade*, senhora absoluta de seus nervos, não seria mau tomar alguma *cousa* que os adormecesse, que lhes anulasse os ímpetos do sexo. Tomá-la-ia, pois.

E lembrou-se dos beijos que lhe havia de dar, das belas cousas que ia ouvir de seus lábios, dos lábios dela, tão macios e rosados.

E teve uma ideia: – provar-lhe, com as provas mais irrecusáveis, absolutamente inegáveis, que ele era um homem tão honesto, que se precipitava no fogo sem se queimar. Mas a prática dessa ideia era uma audácia digna de uma epopeia. Seria uma ação tão perigosa, tão extraordinária, que nunca nenhum homem a cometera por certo, em iguais condições.

E o seu espírito, móvel e imaginoso, repoltreava-se alegremente na fantasia que acabava de conceber.

– Estava dito. Era o que ia fazer! Esplêndido! Esplêndido! Oh! divino hipnotismo! tu fazes fortes os fracos, e fracos os fortes!

Tinha o médico pensado em hipnotizá-la no gabinete, pouco antes de sair, para, por esse meio, deixar bem patente o quanto era

probo, pois naquelas circunstâncias, inteiramente alheia de si, sem consciência e sem personalidade, a não serem a consciência e a personalidade da sugestão, poderia ter *ordenado*: venha! queira! e ela teria vindo e teria querido. Poderia mesmo tê-la obrigado a tudo quanto quisesse, sem que ela nunca soubesse de nada.

– Sim! havia de despi-la! E ela só o saberia depois de acordada. Mas... se nessa nudez de virgem estivesse um abismo, teria ele na hora da queda a força de dizer *acorda!* como quem dissesse *foge?* – Jurava! disse alto e levantando-se, depois de dar um murro na mesa!

– Mas nada disso chegaria a tal ponto; continuou o médico a pensar depois de uma grande pausa.

E assim esteve até que entendeu que era chegado o tempo.

Pouco depois das nove horas, a lua, que fora cheia dous dias antes, começara de erguer-se no horizonte, sob um céu sem nuvens, imenso no seu azul ferrete, todo cravejado de estrelas.

O Dr. Teixeira tinha posto *cognac* num cálice; depois pensara um pouco, achando melhor não beber nada de espírito. Além disso havia tomado a sua poção *contra os nervos*, bem forte, bem carregada.

Enfiara o revólver na algibeira e saíra.

Depois de grandes voltas, muito lentas, achara-se o médico, pelos atalhos de uns muros caídos, dentro de velha trilha, que subia por um pequeno morro, coberto de capim mirrado, e que ia terminar no portão do quintal, que ele procurava, ao centro de um muro que tinha por dentro, em todo o comprimento, uma linha enorme de espessos e altos bambus.

A lua, agora muito mais em cima, iluminava docemente a solidão daqueles lugares.

Ele levantou a aldrava e empurrou o portão para verificar se estava aberto. Ela não se esquecera... A chave não estava ali; provavelmente tirara... para que ninguém o fechasse. Havia luz ainda na janela da cozinha e nas da sala de jantar, com as vidraças descidas. Tinha, portanto, que esperar. Fez um cigarro e foi acendê-lo dentro de uma moita, ao pé do muro, para que a luz não denunciasse que ali estava alguém. Ele mesmo se admirava da tranquilidade dos seus nervos. Nunca fora tão forte, tão senhor de si como naquela ocasião.

Parecia que ia entrar em sua casa para buscar um livro, ou qualquer outra cousa.

Quando acabou de fumar, abriu o portão, e por entre as árvores frutíferas foi subindo devagarinho, até entrar debaixo da cozinha, onde se guardava a lenha.

O relógio da Sé começou a dar horas.

– Santa Maria! Como já era tarde! disse Joana.

– Quantas? perguntou Leonarda.

– Onze.

O Dr. Teixeira tinha conhecido a voz das duas.

– Também o que faltava agora era pouco, tornou Leonarda, – abrir as casas e pregar os botões. Podiam deixar o resto para amanhã.

– Justamente, respondeu Joana. – Também não eram de ferro... Os outros já podiam estar com um sono de umas duas horas. Tinham-se deitado antes das nove... decerto para descontar os outros dias em que se deitavam às onze e à meia-noite, por causa do Dr. Teixeira.

O médico sorriu-se embaixo, sentado num pau de lenha. Em seguida ouviu tropel pelo soalho, barulho de janelas que se fechavam, e depois tudo caiu em silêncio.

O luar estava lindíssimo, e havia em cima do muro, do lado esquerdo, um dueto de amor felino, representado por um gato e uma gata, com uns miados muito longos e tristes.

O doutor saiu dos baixos da cozinha, atravessou toda a área correspondente à varanda e encaminhou-se para o jardim, por detrás do gabinete. Aspirou, um momento, na calma daquela noite clara, com o nariz para o ar, o dilúvio de perfume que se desprendia das madressilvas, do jasmim-manga, de todas as flores que cercavam o alpendre.

Ele ia passo a passo, mansamente, com as mãos cruzadas atrás, parando e escutando sem nada ouvir, naquele grande silêncio, naquela noite iluminada, sem movimento, em que não se mexia uma folha de árvore.

Apanhara alguns cascalhos e espantara os gatos que o estavam incomodando. O par amoroso disparou pelo muro abaixo, fazendo

barulho pelas folhas das bananeiras, e foi desaparecer longe, no fim do quintal, por detrás dos bambus.

O médico, mais tranquilo, continuou a subir devagarinho.

A casa destacava-se no céu, alta, com as suas paredes caiadas, do fundo, completamente banhadas de luar. As sombras eram negras. A noite serena, belíssima.

Erguendo os olhos para cima, viu ele o busto de Ester na janela do quarto. Fez-lhe a moça um sinal com a mão, – que rodeasse. E fechou maciamente os batentes.

Ele entrou no jardim, subiu ao alpendre, que estava todo na sombra, e veio à janela do gabinete onde ela o esperava.

– Pulasse com jeito! disse a rapariga, baixinho.

Ele saltou para dentro, e ela fechou de novo a janela, indo ao quarto buscar a luz que lá deixara.

Quando o médico se viu ali, naquele gabinete de estudos, sentiu que estava com as pernas bambas e que um tremor nervoso lhe percorria o corpo.

– Um golinho de *cognac*? perguntou a moça.

– Que não, sacudira ele a cabeça.

– Ainda não tinha dormido! disse-lhe ela baixinho, e apertando o xale entre os braços.

Muito satisfeita, estava rindo à toa.

Ele, calado, gravemente sério, com os olhos vivos, a olhar para as paredes, por toda a parte, parecia acordar de um sonho, ou pensar em cousas muito importantes.

Tinha-se sentado no preguiceiro e continuava mudo, agora a olhá-la com os olhos dilatados, a ela que estava de pé diante dele.

Ester trouxera para junto do preguiceiro uma cadeirinha baixa onde se sentara.

– Por que era aquele sério? perguntou com mimo, com agrado, como se ele fosse uma criança. – Estava com raiva dela?

Ele sorriu-se. Pegou-lhe a mão e levou-a ao coração para ela ver como estava batendo, e lá apertou a mão da moça.

– Coitado do meu negro! dizia ela brincando. – Coitadinho! Muito nervosinho, não era?

Ele sorria, a ver-lhe o braço de mármore, nu até ao cotovelo, a sair das dobras do chale, que por estar apertado prendera dentro a manga do paletó branco. Tranquilamente, sem um ruído sequer, beijou-lhe o médico aquele braço gordo e liso, tão alvo! e ela deitou-lhe a cabeça ao peito, encostada ao ombro, e, sempre a rir, fechou os olhos como quem dormia.

– Amava-o muito? disse-lhe o doutor, com o rosto encostado à cabeça dela e os lábios rentes de seu ouvido esquerdo.

– Mui...to! respondeu suspirando.

– Até onde?

– Até... ao coração! falou sorrindo.

Brincavam.

E, no silêncio completo daquele gabinete, Ester ouvia, debaixo mesmo de seu ouvido, bater fortemente o coração do médico; e ele, por sua vez, ouvia da moça o respirar difícil, penoso às vezes, como de um sono agitado.

Quietos, imóveis no mesmo lugar, deixaram que se passassem longos minutos em silêncio.

– Amava-a... muito? perguntou ela, voltando a cabeça no peito dele, para poder ver-lhe o rosto.

– Muitíssimo! respondeu, apertando-a nos braços.

– Até onde? falou sorrindo.

– Até... ao coração! respondeu, sorrindo também.

E, como ela tivesse fechado os olhos e com os lábios fizesse um biquinho muito chique, ele abaixou a boca, e as duas bocas ficaram juntas, unidas mais de um minuto.

– Ah! tinha visto como ela era generosa? Se não acreditasse na palavra dele, não o tinha ali! disse, passando-lhe um braço pelo pescoço.

A carne da moça estava queimando. O médico sentia um efeito de objeto aquecido ao fogo, no rosto e no pescoço, pontos em que estava com ela pele a pele.

O xale tinha caído ao tapete, e na posição curva em que ela se achava, – através de uma abertura do paletozinho, e por detrás das rendas da camisa, aparecera um fragmento lácteo das primeiras elevações do seio.

O Dr. Teixeira, lento e lento, devagarinho, enfiou um dedo por ali e escreveu-lhe sobre a pele nua uma palavra, enquanto ela sorria, satisfeita com aquela audácia.

– Que nome era? perguntou ele.

– Não tinha posto sentido. Escrevesse outra vez.

Ele escreveu.

– Amor! falou a moça, ajoelhando-se no tapete para mudar de posição, e debruçando-se nos joelhos dele, a fitá-lo com as mãos cruzadas sob o queixo, numa expressão plácida, imóvel, de êxtase[170] cataléptico.

– Como se chamava aquilo? perguntou ele pegando brandamente, com um cuidado completo, como se tivesse uma andorinha entre os dedos.

A moça tirou-lhe a mão de cima do seio, onde ele a havia posto.

– Ficasse quieto! disse. – Fazia-lhe mal, acrescentara muito rapidamente, de solavanco, com a língua um pouco presa de uma contração nervosa.

O Dr. Teixeira repelira-a docemente. Tivera medo de si e dela; levantara-se, como se quisesse retirar-se.

E ela pôs-se de pé e tomou-lhe o chapéu com uma brutalidade encantadora, cheia de amor e ressentimento. Estava com os olhos muito dilatados, abertos sobre ele, o pescoço estendido para a frente, a atitude de quem ordenava que ficasse, mas sem dizer uma palavra.

Ele pediu-lhe o chapéu, muito sério, e ela o atirou para um canto do gabinete, com um barulho que ecoou na alcova fechada.

E, numa crise de profunda ternura, os olhos úmidos de lágrimas, abraçara-o com frenesi, dramaticamente.

– Tinha sido bruta, não era? Perdoasse-lhe! Amava-o muito! muito! muito! repetia, apertando-o nos braços, beijando-lhe a boca, os olhos, as faces. Queria fugir com ela? hein? queria? pois podiam fugir! Ela o acompanhava!... não sabia disso?

O médico, atrapalhado, contendo-se heroicamente, tratou de tranquilizá-la.

Tinham ido parar insensivelmente ao pé da secretária. Ela, falando sempre do seu amor, trançava e destrançava agora, entre os dedos,

um grande cordão de ouro que tinha ficado sobre aquele móvel, um velho lavrado que pertencia à sua mãe e que ia ser reduzido a broche.

O Dr. Teixeira tinha se sentado de novo no preguiceiro e não levara muito viera ela sentar-se nos seus joelhos. Era um peso volumoso, agradável e macio, o das suas nádegas comprimidas sobre as pernas do médico.

Brincando-lhe com as mãos no rosto, perguntava a moça quando era o casamento? quando chegaria aquele dia... amado?

– Quando ela quisesse, respondia ele.

E como a achasse mais sossegada agora, mais senhora de si:

– Como se chamava aquilo? perguntou sorrindo.

Ela deu-lhe uma palmadinha carinhosa na mão indiscreta, que ela mesma levantou em seguida, colocando-a sobre o seu ombro para que não a perturbasse.

– Depois havia de querer zangar-se! falou com muito mimo a rapariga. – Estava vendo que o juramento...

E sacudiu a cabeça.

– Nem que ela se despisse diante dele! respondeu o doutor.

Teve em resposta um muxoxo de incredulidade, e uns grandes olhos negros que o fitavam de soslaio.

A noite adiantava-se. Conversavam intimamente, ali sentados, falando em segredo, arrulhando no ninho, ele no preguiceiro, ela nos joelhos dele. Falavam daquele amor incomparável que os unia. Agora, mais sossegados, sem os ímpetos daninhos dos primeiros momentos, eles pareciam casados de muito. Recordavam todo o passado com uma afeição profunda a todas as cousas. Não se haviam esquecido de nada, absolutamente nada!

Ele contara-lhe os martírios por que passara; a grande bebedeira com Jacob Despois, na véspera da partida dela; a sua estada no arraial vizinho; tudo que se tinha dito na cidade e as suas apreensões sobre o *cromo*...

– Mas não sabia quem era o *cromo?* era ele! Ele que se lhe impusera, que se destacara nas telas de seu pensamento como o primeiro homem do mundo, o mais forte e o mais belo, o mais sábio e o mais modesto! – ele, que aí crescera, crescera até... absorver-lhe todo o

espírito, absorvê-la toda, como um pedaço de esponja que chupa uma gota d'água!

E contou-lhe tudo, a ele, sem omitir um fato, com um amor imenso na voz, no olhar, no gesto, nos carinhos, na flexibilidade do corpo, em todas as menores cousas, dando-lhe pequeninos beijos como se ele fosse uma criança, depois de apertar-lhe o rosto entre as duas mãos, para fazer bico com os lábios ressaltados.

Sempre sentada nos joelhos dele, mudara a moça de posição, virando-se de frente, com uma perna toda em cima, encolhida para melhor cômodo.

Tudo aquilo era um suplício imenso para o médico, que estivera por vezes a fraquear, a romper «de antemão aquela página mais bela da sua lua de mel!» Receiava até adoecer, como acontece a tantos animais domésticos, que se veem[171] presos no tempo do cio, sem poder dar expansão à corrente fecundante da vida! O mesmo poderia acontecer a ela, coitada! que ali estava a sofrer os berros da sua carne, a insurreição tempestuosa dos seus nervos.

Entretanto agradava-lhe aquele sacrifício. Era a apoteose da *Vontade*. A sua consciência fugia daquele pequeno gabinete, e como uma grande força incoercível, concreta, expandia-se no Universo, furando-se pelos sóis do espaço, reunindo-se em seguida, alongando-se cada vez mais, até encher toda a Natureza, até identificar-se com ela nos grandes partos do seu ventre, fecundamente eterno, eternamente criador. Sentia que se purificava, que se espiritualizava naquelas labaredas infernais, elevando-se sobre elas a uma altura sublime, a que nunca chegara a contingência humana.

A lua tinha dobrado o alto do céu e começava lentamente a entrar pelo alpendre, banhando de um luar branco, imaculado, as trepadeiras florescidas, as orquídeas suspensas, as ipomeias rubras. Duas vezes já tinham os galos cantado, e na solidão saárica da noite toscanejavam as estrelas as suas pálpebras de luz, mirando a terra a dormir, suspensa no ar pelo magnetismo do sol, arfando nos espaços, sonhando o seu sonho de pedra, de movimento e vida, numa cópula cosmológica.

Era muito tarde.

Duas ou três vezes quisera o médico sair e ela o havia impedido, agarrando-o nervosa, tapando-lhe a boca com os lábios para que ele não insistisse.

Agora era ela quem o queria, mais do que nunca, quase impudica, unindo-se a ele carne a carne, sovada de um sangue forte, chicoteada de desejos.

– Ele é que era o seu *cromo*, sabia? Nas paisagens da sua vida, nas meias-tintas da sua existência, a luz só tinha brilhado no dia em que o seu vulto amado lhe surgira aos olhos dela! Mas o que era a existência senão aquilo mesmo? – uma seleção natural em benefício da Espécie! Tomassem o barco do gondoleiro, abrissem as velas ao vento daquele amor e... o passado, que ficasse à beira do caminho! Não estava ali o futuro...?

O Dr. Teixeira, notando-lhe uma grande exaltação crescente, tomou-lhe os braços pelos pulsos fortemente: sacudiu-a, cravou-lhe os olhos fixos nos olhos dela.

– Dormisse! ordenara.

E dentro de um minuto Ester dormira à sugestão do médico.

Era tempo já. A excitação passava os seus limites, e aí vinha vindo branca e leve a doce madrugada.

Só assim poderia ele sair, sem resistência.

Alienou-lhe a personalidade. Apassivou-a completamente. E, meio trêmulo de emoções, ordenou que ela se despisse. Viu sair-lhe do corpo o paletó branco, o vestido, uma saia bordada. Viu cair-lhe a camisa, dando-lhe, aos olhos dele, uma nudez peregrina, de formas assombrosas, de pequeninas ilhas negras de pelo acetinado, e de uma alvura de garça; os belos peitos, de pé sobre o tórax; o cinto, elegantíssimo, flexível, a abrir-se como um bocejo de rosa e leite sobre uns quadris arredondados e largos, sobre umas nádegas de meia-lua, trêmulas e vermelhas do tempo que ela estivera sentada.

O Dr. Teixeira olhara espantado ao redor de si; não vira ninguém. Caíra de joelhos, maquinalmente, aos pés de Ester. Ele tinha os braços abertos, para cima, a olhá-la como se ela fosse uma santa. Assim estivera algum tempo, como feito de pedra. Depois caminhara, mesmo ajoelhado, para a moça que o olhava com os sobrolhos carre-

gados, completamente indiferente, sem consciência de nada, acompanhando-lhe os movimentos, por não poder separar-se deles. O médico abraçara-a pelas pernas, mudo, o rosto para cima, fitando-a nos olhos. Beijara-lhe os belos joelhos, tão brancos e aveludados, tão corretos nas curvas; levantara-se beijando-lhe toda a perna, mais macia do que a própria pele dos lábios dele; beijara-lhe o cinto flexível; beijara-lhe os seios túrgidos, latejantes, ao movimento sistólico do coração; beijara-lhe o pescoço, a boca, muito, muito; os olhos, a testa, – e dirigira-se depois à secretária, e ela o acompanhara tateando, com uma expressão de medo, como se ele a quisesse abandonar.

O Dr. Teixeira escreveu alguns segundos num pedaço de papel; dobrara-o em quatro; furara-o pelo meio, passando pelo furo o grande cordão de ouro, com que cingiu em seguida o cinto nu de Ester, de modo que o bilhete ficasse pendido na frente sobre o veludo macio do monte de Vênus. Depois, com um lápis azul, escrevera-lhe em cada coxa uma frase; escrevera-lhe nos seios, escrevera-lhe nos braços.

Na pele úmida e branca da rapariga, alvíssima pele de flor, pegara bem a tinta do lápis. Confundia-se com uma tatuagem bem feita.

Era incalculável a alegria do Dr. Teixeira. Realizara até ao fim os seus pensamentos. Subira todo aquele Calvário, crucificara as mais fortes emoções de seus nervos pela virgindade santíssima daquela que ia ser sua esposa. Dera-lhe essa grande lição de quanto podia a *sua* VONTADE.

Sentara-se.

Ordenara-lhe que se vestisse.

Ela vestira-se.

– Que ao acordar não lhe impedisse mais a saída e finalmente que se despertasse.

A filha do major Cornélio abriu as suas pálpebras a pouco e pouco, como acordando de um sono profundo.

Depois riu-se, e perguntou se ele a havia hipnotizado. Lembrava-se de que lhe tinha tomado os pulsos, e nada mais.

– Que ela saberia tudo, depois... Depois que ele se retirasse, ao despir-se, ela que visse em seu corpo o que ele havia feito.

A moça empalidecera, ficara a olhá-lo lentamente, desdenhosamente.

Ele estendera-lhe a mão. Ela estivera algum tempo indecisa, se devia ou não dar-lhe também a mão, o que veio a fazer afinal, apenas por delicadeza.

Ele sorria satisfeito, percebendo os pensamentos que a minavam. Ela indignava-se a pouco e pouco, muda, de uma mudez pétrea de rocha vulcânica.

Dera-lhe ainda o médico um abraço forçado e um beijo na testa, e saltara a janela do alpendre, rápido, ouvindo as últimas palavras que ela pronunciava:

– Covarde! Miserável! Era bem capaz de renunciar-lhe a mão, agora, o pérfido! Sabia de uma cousa? Odiava-o!

E bateu-lhe a janela na cara.

Ele desceu apressadamente pelo quintal abaixo, passou o portão e ganhou os terrenos livres do fundo, criando alma nova.

A madrugada estava cada vez mais clara apesar da névoa branca que se levantava do Tamanduateí, muito fria e úmida, a estender-se por toda a cidade como enovelado véu de noiva.

Ela batera a janela e sentara-se no preguiceiro limpando as lágrimas, a parafusar mil cousas. Sentia-se acabrunhada, esmagada pela leviandade de ter introduzido ali aquele homem, com quem não tinha nada, e de quem fora uma vítima inconsciente. Julgava-se a mais infeliz das mulheres, e já o dia vinha nascendo quando resolveu deitar-se.

E começara a despir-se vagarosamente, parando a cada instante, para seguir com mais segurança o curso de suas ideias tristes.

– Todos os homens eram assim!... Já devia saber disso há muito tempo. Satisfeitos os seus desejos, iam-se!... Nem se lembravam mais daquelas que lhes deram momentos da desejada felicidade. Pobres mulheres! o seu papel era o de vítimas, sempre! eternamente!

E enxugava as lágrimas, cada vez mais abundantes.

Ao tirar a manga do braço esquerdo, ficara surpresa. Estava escrito, ali, à tinta azul «*O tálamo é nosso!*» Tirou a outra manga e leu «*Intacta como sempre*».

– Tê-la-ia despido? perguntava a si mesma, mais consolada com a frase do braço direito. A sua surpresa crescia, avolumava-se como

a fumarada de um incêndio. Ela repetia nervosa, alto, frenética:

– *Intacta, intacta...* Então?...

E arrebentou os colchetes do vestido, e o cós da saia, surgindo em camisa.

Levantou a fralda junto do lampião, rapidamente até aos peitos, e assustou-se ao ver o bilhetinho dobrado e enfiado no grande cordão de ouro, branco, pequenino, sobre um fundo negro, aveludado.

Riu-se. Tinha-lhe parecido um bicho. Depois corara até à púrpura, vendo que fora despida.

Numa das coxas estava escrito «*Peço-te amanhã*»; na outra «*Sou quem sou*».

Ester tinha desatado o cordão de ouro; mas, distraída pelos diversos escritos, esquecera-se de ler o bilhetinho.

Não teria ele escrito em mais nenhuma parte?

E tirou a camisa.

Num seio leu «*Amor*»; no outro «*Dr. L. T.*». E viu que ainda não havia lido o papel do cordão de ouro. Abriu-o: «*Resisti ou não resisti? Conhece-me! A nudez formosíssima de teu corpo quase enlouqueceu-me. Beijei-o todo, muito, muito! Os meus beijos foram tão puros, que a magnólia de tua pele nem se manchara. Juro-te! pela minha honra! pela memória de minha mãe!*»

A emoção da moça foi tão grande que ela receiou cair e atirou-se ao leito, entre lágrimas, com um remorso profundo de tê-lo caluniado perante a própria consciência. E via-o tão grande, tão distinto e santo, a fugir, a desaparecer dela para sempre, que saiu atrás dele, nua, pelo espaço afora, os cabelos na onda do vento, a gritá-lo, a chamá-lo; e ele fugia, fugia, até que ela perdeu inteiramente a consciência, petrificada numa alucinação histérica, vivendo apenas pela vida vegetativa.

Voltara a si com o tinir dos pratos na sala de jantar. Punha-se a mesa para o almoço.

Fora bom acordar. Naquele momento a mãe viera bater-lhe à porta.

Ester copiara no seu *Livro de lembranças*, naquele mesmo das chaves mnemônicas, tudo que o médico lhe havia escrito pelo corpo, e colara embaixo o bilhetinho do cordão de ouro.

Pôs a data, fechou o livro à chave e seguiu para o banho frio, a fim de refazer-se das forças perdidas naquela noite.

Andara por todo o quintal e voltara depois a almoçar.

É escusado dizer que o Dr. Teixeira a pedira em casamento durante o almoço, sendo aceito com a maior alegria por parte de todos.

....

Dous meses depois, numa bela tarde de julho, numa lua de mel que parecia eterna, seguiam ambos, a pé, em passeio higiênico, pelas esplanadas altas da Vila Mariana.

Era a hora do crepúsculo.

Ela pisava com elegância, uma elegância indolente e natural; pálida e muito chique, tinha os seus olhos negros dentro de uns belos círculos violáceos, feitos de amor e vigílias.

Todo o poente, iluminado, arqueava-se numa explosão de luz brilhante sobre o vale risonho do Tietê, embaixo, à frente deles.

Ela parou, e numa pré-sensação de maternidade, anunciou-lhe baixinho, quase como uma prece, – que no seu jardim, naquele mês, não se tinham desabrochado as rubras *flores de Hipátia*.

Ele tinha parado a olhá-la.

Sobre o fundo alaranjado do horizonte ficaram imóveis um momento os dous, diminuídos pela distância, no topo do planalto, como duas silhuetas negras: – eram as figuras d'*O cromo*.

E dos olhos dele, amorosos, fixos nos dela, caíram de júbilo as primeiras lágrimas de pai.

FIM

NOTA

Terminado em abril e publicado em dezembro de 1888.

NOTAS

CAPÍTULO I

1 Musicastro.
2 Arrasta-pé, baile popular.
3 O mesmo que oficlide, instrumento musical de sopro.
4 «Piston» ou «trompette à piston», em francês, equivalente a «pistom» ou «pistão», instrumento musical de sopro.
5 Antiga lança de arremesso usada por índios; por extensão, tudo que remete a velharias.
6 Paixão.
7 Denominação dada às terras propícias para o plantio do café.
8 O mesmo que espanejar, espanar.
9 Vestido justo com pequeno decote, ornamentado na região da cintura.
10 Primeira parte matemática da subtração, referente ao todo de que será retirada certa quantidade (subtraendo).
11 No original: «botes de pó de arroz». Ao que tudo indica, trata-se de erro tipográfico, mediante a omissão do «i», que resultaria em «boites [caixas] de pó de arroz».
12 «Cinza-pérola».
13 Cateretê ou catira, dança popular e folclórica brasileira.
14 Oriza ou patchuli de Java, planta cujo óleo é utilizado nos cabelos como condicionador.
15 Tecido fino de lã, usado para forrar certas roupas.
16 No contexto, equivalente a «um ano de trabalho».
17 Complexo monumental localizado em Granada (Espanha) e representativo da arte andalusina.
18 Variedade de pano.
19 Pequena escama.

CAPÍTULO II

20 Pequeno banco para suporte dos pés.
21 Ao retomar o apelido jocoso de D. Pedro II (★ 1825 - † 1891), além de sugerir a imoralidade de um beijo roubado a uma menina de 12 anos, Horácio de Carvalho

retoma algumas das principais críticas republicanas à figura do imperador. Diga-se de passagem, a mesma crítica moral a D. Pedro II pode ser encontrada n'*As joias da coroa*, de Raul Pompeia (★ 1863 - † 1895), texto publicado seis anos antes d'*O cromo*.

22 Instrumento pontiagudo usado para sangrar animais.

23 Sangramento do útero fora do período menstrual.

24 Camões, *Os Lusíadas*, c. III, est. 120: «Naquele engano da alma, ledo e cego».

25 O termo «antófilo» refere-se tanto às partes constitutivas da flor, num momento anterior à formação do cálice, da corola etc., quanto à vaga qualidade de ser afeito e habituado às flores.

26 Região desértica do Egito antigo, próxima a Tebas.

27 Região da África do Sul, situada acima do rio Vaal.

CAPÍTULO III

28 Em Portugal, indumentária ou traje. Corresponde, no Brasil, ao vocábulo «terno».

29 Experimento também chamado «mergulhador cartesiano», e que demonstra, por meio de uma figura numa garrafa, a subir e a descer com a mudança de pressão externa, os princípios hidrostáticos de Pascal (★ 1623 - † 1662) e Arquimedes (★ 287 a.C. - † 212 a.C.).

30 Máquina hidráulica inventada pelo matemático e físico Heron de Alexandria (★ 10 a.C. - † 70 a.C.).

31 Instrumento que demonstra a equivalência entre a perda de peso de um objeto e o peso do ar por ele deslocado, detectando variações na pressão atmosférica.

32 Forma popular de «pulmão».

33 Não foi possível encontrar a origem ou o sentido exato desta sigla.

34 Romance de Léon Gozlan (★ 1803 - † 1866). A expressão « louca da casa» remete, segundo o provérbio francês, à imaginação.

35 Carcarás, ave de rapina da família dos falconídeos.

36 Figurativamente, «proeza».

37 Esconderijo.

38 No original: «Andrócles».

39 No contexto, possível referência a Galeno (★ 129 - † 217), médico romano responsável por muitos avanços na anatomia.

40 No original: «Leyde».

41 Abundância, grande quantidade.

42 Camões, *Os Lusíadas*, c. II, est. 34. Por diferir do original, corrigiu-se o terceiro verso: «E tudo quanto a via a namorava».
43 Camões, *Os Lusíadas*, c. II, est. 36.
44 Planta medicinal utilizada para tratamento do sistema digestivo.

CAPÍTULO IV

45 Nota do original: «Chamar *Oeste* ao Norte de S. Paulo é um erro corrente da geografia paulista, do mesmo modo que se chama de *Norte* toda a zona cortada pela estrada de ferro *S. Paulo e Rio*».
46 No original: «motu-proprio»
47 Nome céltico original da Grã-Bretanha.
48 Menção à família judaica Rothschild, de origem alemã, que deteve no século XIX a maior fortuna privada do mundo.
49 Referência aos Caldeus, povos da antiga nação semita (Caldeia), que muito contribuíram para os estudos da astronomia.
50 Menção a Auguste Comte (★ 1798 - † 1857).
51 Marca de pianos fabricados por Henri Herz (★ 1803 - † 1888), compositor austríaco.
52 Tecido de lã fina, ou de lã e poliéster, com ligamento em sarja.
53 Artefato ou cobertura de rede para preservar a comida do contato das moscas/dos insetos.
54 Plural de «calembur», do francês «*calembour*», jogo de palavras em que a proximidade sonora dos vocábulos é manipulada em prol de uma dubiedade de sentido.
55 No original: «a calembur».
56 Jogo hermético de palavras em que se propõe um enigma com as letras de uma ou mais palavras.
57 A expressão «fazer o quilo» corresponde a «fazer a sesta» ou a «fazer a digestão». É peculiar que, ao invés do repouso, as personagens tenham optado por caminhar.

CAPÍTULO V

58 Abertura das flores que se dá no início de sua maturidade reprodutiva.
59 Estames e carpelos são as folhas modificadas onde se formam, respectivamente, os gametas masculinos e femininos das flores.

60 Árvores e arbustos da família das rutáceas, à qual pertencem, dentre outras, a laranjeira e o limoeiro.
61 Planta conhecida popularmente como figueira brava.
62 A expressão «corimbo de pevides» aplica-se à inflorescência aberta de pedúnculos em mesmo nível, com diversas sementes.
63 Mamona.
64 Menções várias a apetrechos e armadilhas de pesca.
65 Erro tipográfico do original. Trata-se da «eolípila», i.e., da máquina térmica inventada por Heron de Alexandria (★ 10 a.C. - † 70 a.C.), sugerida por certa semelhança entre o voo do pássaro e o movimento giratório da esfera metálica, impulsionada pela pressão do vapor.
66 No original: «*La dona é mobile*». As menções posteriores à ária de Verdi (★ 1813 - † 1901) foram padronizadas, de acordo com a presente correção, que respeita o verso original de Francesco Maria Piave (★ 1810 - † 1876).
67 Perceba-se a equiparação sutil que faz Horácio de Carvalho das borboletas à afecção nervosa de Teixeira e Ester, aproximando os insetos neurópteros às neuropatias e nevralgias do casal.
68 Creme dental popular no século XIX, assim como toda a linha de produtos de higiene de Pierre Mussot (★ 1801 - † 1860).
69 Tradução livre: «As duas particularidades conhecidas pelos nomes de 'avental' e esteatopigia». A tradução de «*tablier*» é difícil no trecho, pois está longe de ser um «avental» no sentido usual do termo. Trata-se da hipertrofia dos lábios vaginais das mulheres hotentotes, que mantinham tal protuberância à mostra, tal qual um avental, dependurado logo abaixo da barriga, como prova de ingresso na idade adulta.
70 Tradução livre: «eis o que se chama o 'avental' das [mulheres] Hotentotes».
71 Tradução livre: «cinza-pérola».
72 Referência a Bartolomeu Bueno da Silva (★ 1672 - † 1740).
73 Palavra tupi, que significa «habitante do mato». «Caapora» ou «Caipora» é um personagem do folclore brasileiro, protetor dos animais silvestres.
74 Também conhecido no Brasil como «bacurau» ou «curiango», é um pássaro noturno, da família dos caprimulgídeos.
75 Foi mantida a grafia do original, que aproxima, pela divisão das palavras, «*bonsoir*» de «boa noite».
76 Tradução literal: «de pouco em pouco, o passarinho faz seu ninho». Equivalente ao ditado – «de grão em grão, a galinha enche o papo».
77 Cigarro enrolado à mão. Os cigarros só seriam enrolados industrialmente no Brasil ao início do século XX.

78 A expressão «XPTO, London» possui uma origem algo obscura (além de variável, conforme se busque o sentido da expressão no grego, no latim, no inglês ou no espanhol), mas designa, em todo caso, a excelência de algo.
79 Reino de organismos que abrange mais de 20 mil espécies.
80 No original: «boça».
81 Bebedeira, embriaguez.
82 Termo usado em Portugal, correspondente ao brasileiro «trem».

CAPÍTULO VI

83 A expressão «camoecas de escachar pessegueiro» equivale ao que se diz, popularmente, sobre «bebedeiras de arrebentar a cabeça».
84 A expressão «de primeira água» equivale a «da maior qualidade».
85 Cuidadosamente, disfarçadamente.
86 Espécie de lanterna mágica de maior dimensão, através da qual se projetavam imagens diversas. Tal nome nem sempre foi o mesmo, conforme as necessidades publicitárias das apresentações de tal mecanismo ao longo das décadas de 1860, 1870 e 1880 (alternativamente, «poliorama», «diafanorama», «megascópio» etc.).
87 A rua Direita existe até hoje no centro de São Paulo, e é hoje uma rua de comércio popular, em que o asfalto foi substituído por um calçadão.
88 Carpinteiro.
89 A expressão «invernadas de angola» refere-se aos pastos para criação de gado, atapetados de capim-angola, variedade de capim de rápido crescimento, ideal para a alimentação bovina.
90 Sendo Tebas a antiga capital do Egito, por extensão, «tebas» refere-se à importância e à notoriedade de alguém.
91 Protistas onipresentes no fundo do oceano, capazes de formar redes orgânicas entre si, existentes há milhares de anos.
92 «Fôrmas».
93 Parte de cima do calçado, situada entre a biqueira e o cadarço.
94 Sanguessugas, utilizadas amplamente no século XIX para a cura de diversas doenças, mediante a renovação de sangue do paciente. Eram importadas, dentre outros lugares, de Hamburgo.

CAPÍTULO VII

95 Provérbio usualmente referido como «burro morto, cevada ao rabo». Refere-se à incapacidade de reparar aquilo que não tem solução, e poderia ser aproximado de outro provérbio: «o que não tem remédio, remediado está».
96 No original: «*wisterix sinensis*».
97 Variedade de magnólia, planta de uso ornamental, da qual há registro de mais de 300 espécies.
98 Planta da família das ranunculáceas, de flores coloridas, usada como forragem ou remédio.
99 Variedade de magnólia.
100 Móvel de uma ou duas portas, usado em salas de estar ou de jantar.
101 Menção ao poema «Fable XVI», de Antoine-Vincent Arnault (1766-1834). Muito conhecido no século XIX, este poema foi musicado e reeditado com o título «La feuille».
102 Transcrição, de acordo com a edição princeps (*Fables. Livre V*, 1812, p. 168), cuja tradução livre é: «Do caule destacada / pobre folha seca / aonde vais? – Não o sei. / A tempestade quebrou o elo / que era meu único suporte. / Com seu alento inconstante / o zéfiro ou o aquilon [bóreas] / desde esse dia me leva / da floresta à planície, / da montanha ao vale. / Vou aonde o vento me leva, / sem me queixar ou me atemorizar: / Vou aonde vão todas as coisas, / aonde vai a folha da rosa / e a folha do loureiro.»
103 Menção ao primeiro mês do calendário judaico.
104 Apesar de tal indicação, não foi possível manter inteiramente a diagramação original da edição *princeps*.
105 Embora o autor se refira o mais das vezes ao célebre licor francês feito pelos monges cartuxos da região de Grenoble, «*chartreuse*» *significa* também construção baixa e isolada, feita à maneira dos monastérios cartuxos. Esta segunda acepção parece mais apropriada à passagem em questão, muito embora não se possa descartar, no contexto da festa, a primeira.
106 No original: «Jocob». Apesar da pronúncia do pintor ser bastante peculiar, não é crível que pronunciasse assim seu próprio nome.

CAPÍTULO VIII

107 O modelo de fósforo inventado pelos irmãos suecos Johan (★ 1815 - † 1888) e Carl Lundström (★ 1823 - † 1917), em Jönköping (Suécia), é utilizado amplamente até hoje. A marca de fósforos Jönköping, todavia, não resistiu ao tempo.
108 Tradução livre da tela de Jacob Despois: «Ao mais forte (para a maternidade)».
109 Camões, *Os Lusíadas*, canto II, est. 37.
110 Corresponde à nictalopia a cegueira noturna, i.e., a dificuldade de enxergar em ambientes pouco iluminados.
111 Tradução livre: «porta do céu».
112 Referência a Margherita Luti (★ 1493 - † 1522).
113 A Casa Garraux foi fundada por Anatole Louis Garraux (★ 1833 - † 1904), comerciante francês que, chegado ao Rio de Janeiro em 1850 para trabalhar na Livraria Garnier, mudou-se para São Paulo em 1858 e abriu a «Casa Garraux», que vendia, dentre muitas coisas, livros. O estabelecimento fechou suas portas em 1930.
114 Eufemismo latino referente aos órgãos genitais.

CAPÍTULO IX

115 Nota do original: «*S. Paulo Independente* foi escrito em 1887».
116 No original, por gralha: «Warring & Brothers». Menção à companhia inglesa de ferrovias, fundada por Charles (★ 1827 - † 1887), William (★ 1820 - † 1894) e Henry Waring (★ 1823 - † 1909).
117 Venezuelana.
118 Menção jocosa à coluna «Psicologia da Imprensa», assinada por Luiz de Castro (★1826 - † 1888), colunista do conservador *Jornal do Comércio* (RJ), cujo pseudônimo era «Escaravelho».
119 Tradução livre: «deixa em falta outras coisas».
120 Nota do original: «Fim de 1887».
121 Serra rica em minério de ferro, descoberta no século XVI. Situa-se hoje no município de Araçoiaba da Serra, próximo a Sorocaba, no estado de São Paulo.
122 Nota do original: «Eram assim chamados pelo próprio Antônio Bento (e o nome generalizou-se depois) os seus ajudantes, homens do povo, nomeados chefes de pequenas divisões espalhadas pela capital, com relações no interior da província, e incumbidos de vigiar, indagar, verificar e descobrir onde os escravos que pudessem ser tirados e

remetidos para fora, conquistando assim a liberdade. Essas divisões, mais tarde, foram-se desdobrando em *sucursais* por todos os pontos da província, e sob a direção de Antônio Bento formaram um sistema completo, unido, garantido pelo seu sigilo, de *deslocar* escravos sem a menor responsabilidade, sem provas para processo.»

123 O mesmo que «rifle».

124 Referência a João Maurício Wanderley, barão de Cotegipe (★ 1815 - † 1889).

125 Círculos concêntricos formados na água com a queda dum corpo.

126 Referência a Antônio de Queirós Teles (★ 1831 - † 1888).

127 Referência a Joaquim Egídio de Sousa Aranha (★ 1821 - † 1893).

128 Alusão à obra de Honoré de Balzac (★1799 - † 1850), *Physiologie du mariage* (1829).

129 *Charlot s'amuse* (1883), romance de Paul Bonnetain (★1858 - † 1899), escritor naturalista francês. O protagonista é um masturbador compulsivo, e a obra gerou tamanho escândalo que seu autor ganhou o apelido de «Bonnemain», além de um processo judicial.

130 Teimoso, obstinado.

131 No original: «sentada num poço de sangue». Para evitar tal contrassenso, foi feita a correção.

132 No original: «opoponaco».

133 A expressão aqui tem origem a partir de um evento histórico ocorrido em uma pequena cidade italiana, da região da Campânia. Durante a segunda guerra púnica, o célebre gal. Cartaginês Aníbal (★ 247 a.C. - † 183 a.C.), ao conhecer os confortos de Cápua, interrompeu sua campanha, perdendo a chance de subjugar Roma. Sua hesitação contribuiu, assim, para a rendição de Cartago e a expansão do império romano. Logo, a expressão «cápuas da mocidade» compreende os (custosos) prazeres da mocidade.

134 Tipo de bactéria.

135 Substância viva que enforma a célula.

136 Reino biológico que abrange organismos vivos procariontes, como bactérias e cianobactérias.

137 Fenômeno que compreende o deslocamento aparente de um corpo em relação à posição cambiante de um observador.

CAPÍTULO X

138 Referência a Lino Deodato Rodrigues de Carvalho (★ 1826 - † 1894).
139 No original: «no portão no *Jardim*».
140 No original: «em concerto».
141 No original: «vêm».
142 No original: «por causa do concerto».
143 No original, por gralha: «grãmados».
144 Forma brasileira do termo. No original, consta sua forma portuguesa: «nénia».
145 «Cambaxirra» ou «corruíra» é uma ave muito comum no Brasil, da família dos trogloditídeos.
146 Herbácea ornamental, nativa da África do Sul.
147 Variedade esverdeada de mineral (calcedônia).
148 Planta da família das cactáceas, nativa das Américas, que possui flores aromáticas.
149 Gênero da família das cactáceas, nativo da América do Norte, e conhecido em Portugal como «Figo da Índia».
150 Escarlate.
151 No original: «garnizês»
152 No original: «*Bon jour*».
153 No original: «para que sol».
154 No original, por gralha: «*buguenvillia*». Horácio de Carvalho faz, no corpo do texto, uma espécie de nota à origem do nome da flor em questão, mencionando nome, ano de nascimento e ano de falecimento do explorador francês que a descobriu.
155 Breve ária.
156 Nota do original: «Dr. Ch. Letourneau, *Physiologie des Passions*, 2^{eme} édition, pag. 274.»
157 Barril correspondente à quinta parte de uma pipa.
158 Tradução livre: «Homem, não se irrite».
159 Não é possível precisar de qual «Jacinto de Moura» fala Horácio de Carvalho, pois ele não o situa dentre os nomes do «tempo presente», arrolados a seguir. Há diversas personalidades com tal nome em tempos anteriores à segunda metade do século XIX.
160 Referência a João Bömer ou Bohemer (★ ? - † ?).
161 Apesar de mencionado em um livro de viticultura da década de 1930, não foi possível identificá-lo, o mesmo ocorrendo com outros convivas de copo n'O Corvo, tais como Becker, Hülle e Cruz.
162 Possível referência a João Rodrigues da Fonseca Rosa (★? - † ?).

163 Não foi possível precisar a biografia do mencionado capitão Osório.
164 Tradução livre: «um bêbado silencioso».
165 Infelizmente, não foi possível identificar o mencionado tesoureiro, nem o seu companheiro de pândega, «Lula».
166 Não se conseguiu identificá-lo.
167 Tipo de caule que lança novas raízes, em curtos intervalos de espaço.
168 Baque, encontrão.
169 Vala, fosso.
170 No original: «extasis».
171 No original: «vêm».

GLOSSÁRIO DE PERSONALIDADES REFERIDAS

ABREU, Rodolfo Ernesto de (★ 1858 - † ?)
Comerciante mineiro, foi organizador do partido republicano da freguesia da Candelária. Participou do Congresso Republicano de julho de 1888, ao lado de Silva Jardim (★ 1860 - † 1891), Campos Sales (★ 1841 - † 1913), Saldanha Marinho (★ 1816 - † 1895) et al. Segundo Dunshee de Abranches (★ 1867 - † 1941), em *Governos e congressos da República dos Estados Unidos do Brasil* (1918), Rodolfo de Abreu auxiliou Quintino Bocaiúva (★ 1836 - † 1912) nos preparativos do 15 de novembro, sendo portador dos primeiros decretos assinados pelo Marechal Deodoro da Fonseca (★ 1827 - † 1892). Foi deputado federal por Minas Gerais de 1892 a 1902, além de coproprietário e diretor d'*O País* (RJ), ao lado de Bocaiúva.

ALIGHIERI, Dante (★ 1265 - † 1321)
Escritor e político natural de Florença, foi um dos maiores poetas da Idade Média. Deixou obras como a *Divina Comédia* (1472) e *De Vulgari Eloquentia* (1305)

ALMEIDA, João Mendes de (★ 1831 - † 1898)
Juiz e político abolicionista, natural do Maranhão. Foi redator da lei do Ventre Livre.

ALVES, Francisco de Paula Rodrigues (★ 1848 - † 1919)
Presidente da província de São Paulo entre 1887 e 1888, e terceiro presidente civil do Brasil republicano. Enquanto presidente do país, beneficiou-se da política exterior do Barão do Rio Branco, assim como Campos Sales (★ 1841 - † 1913), usufruindo de prestígio e de capital, advindo do comércio da borracha (mediante extração de látex no recém-incorporado Acre). Sua gestão também foi marcada pela modernização da capital federal, levada a cabo pelo prefeito do Rio, Francisco Pereira Passos (★ 1836 - † 1913).

ANACREONTE (★ 563 a.C. - † 478 a.C.)
Poeta grego. Sua lírica é marcada por odes dedicadas ao amor e ao cotidiano. Há, inclusive, um metro que leva seu nome, caracterizado por versos dímetros jâmbicos.

ANDRADA NETO, Martim Francisco Ribeiro de (★ 1853 - † 1927)
Sobrinho-neto de José Bonifácio de Andrada e Silva (★ 1763 - † 1838), foi advogado, jornalista e deputado. Defensor voraz das ideias republicanas na imprensa, participou da campanha separatista paulista. Após o fim da monarquia, exerceu diversos cargos públicos (senador, secretário da Fazenda, deputado federal). Foi membro do IHGB e da Academia Paulista de Letras. O romance refere-se erroneamente a ele como Martim Francisco Ribeiro de Andrada Filho (★ 1825 - † 1886), já falecido na ocasião dos eventos narrados.

ÂNDROCLES (★ ? - † ?)
Segundo o conto popular «O pastor e o leão», atribuído a Esopo (★ 620 a.C. - † 564 a.C.), Ândrocles foi escravo de um cônsul romano. Certa vez, ao fugir de seu senhor, escondendo-se em uma caverna, descobre um leão ferido. Após cuidar do animal, tem com ele uma vida pacata, até ser redescoberto pelos romanos. Condenado à morte, é submetido às feras do Coliseu. Contudo, tem a sorte de reencontrar o leão de outrora, que se recusa a devorá-lo. Perante tal espetáculo, Ândrocles é perdoado pelo imperador e posto em liberdade, junto com o animal.

AQUINO, São Tomás de (★ 1225 - † 1274)
Santo e doutor da Igreja católica, autor da fundamental *Suma teológica* (1485).

ARANHA, Joaquim Egídio de Sousa (★ 1821 - † 1893)
Marquês de Três Rios, fazendeiro e político paulista, vinculado ao Partido Liberal. Foi presidente da província de São Paulo entre 1878 e 1882.

ARREDONDO, José Miguel (★ 1829 - † 1904)
Veterano da Guerra do Paraguai, liderou uma revolução fracassada contra o governo uruguaio de Máximo Santos (★ 1847 - † 1889) em 1886.

AZEVEDO, Augusto César de Miranda (★ 1851 - † 1907)
Médico republicano, abolicionista e defensor do darwinismo. Na política, foi membro do PRP (Partido Republicano Paulista), e, depois de proclamada a República, deputado estadual e federal pelo mesmo partido.

BAIN, Alexander (★ 1818 - † 1903)
Filósofo escocês pertencente à escola positivista inglesa. Destacou-se ao aplicar o pensamento de Stuart Mill (método das variações concomitantes) à psicofisiologia.

BARRETO, Luiz Pereira (★ 1840 - † 1923)
Médico radicado em São Paulo, convicto positivista desde seus anos de estudo em Bruxelas.

BARROS, Joaquim Fernandes de (★ 1841 - † 1901)
Advogado, juiz e industrial, defensor do separatismo republicano paulista. Seu necrológio, feito por Miranda Azevedo (★ 1851 - † 1907) no sexto volume da Revista do IHGSP (Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo), reproduz a notícia de sua morte, publicada a três de abril de 1901 pelo Diário Popular (SP), e escrita por Horácio de Carvalho. Nela, Horácio indica duas grandes fases do republicanismo paulista na década de 1880: o evolucionismo e o separatismo. Sobre o último, declara ter sido Fernandes de Barros ardente defensor do separatismo paulista, como forma imediata de atingir, a um só tempo, o fim da escravidão e o fim da monarquia.

BARTHOLDY, Felix Mendelssohn (★ 1809 - † 1847)
Compositor romântico alemão, autor de diversas sinfonias, concertos e quartetos de cordas.

BERNARD, Claude (★1813 - † 1878)
Fundador da medicina experimental e criador do conceito de homeostasia, pautado no equilíbrio interno de fatores-chave para a manutenção da vida. Tal conceito lhe permitiu importantes descobertas, como a do impacto das funções do fígado sobre a diabetes. Foi membro da Academia Francesa e senador. Sua obra *Introduction à l'étude de la médecine expérimentale*, cuja primeira edição é de 1865, teve influência decisiva sobre o pensamento de Émile Zola.

BEETHOVEN, Ludwig van (★ 1770 - † 1827)
Um dos maiores compositores alemães, transitou entre o classicismo e o romantismo. Compôs a célebre Sinfonia n. 9 a partir de um poema de Friedrich Schiller (★ 1759 - † 1805).

BERNHEIM, Hippolyte (★ 1840 - † 1919)
Neurologista francês dedicado à hipnose e à psicoterapia.

BISMARCK, Otto von (★ 1815 - † 1898)
Primeiro chanceler do império alemão. Sua articulação política foi decisiva para a unificação do país.

BOERHAAVE, Herman (★ 1668 - † 1738)
Professor da Universidade de Leiden, considerado o pai da fisiologia.

BOHEMER, João (★ ? - † ?)
João Bömer ou Bohemer, imigrante alemão responsável pela criação da célebre «Cerveja da Penha», vendida por algum tempo n'«O Corvo».

BOTELHO, Carlos José de Arruda (★ 1855 - † 1942)
Médico e político natural de Piracicaba. Como médico, tornou-se referência em cirurgia na capital paulista; como político, dentre outros feitos, foi o responsável pela vinda dos primeiros imigrantes japoneses para o estado de São Paulo, em 1908.

BRACK, Berthold (★ ? - † ?)
Junto de Otto Gladosch (★ ? - † ?), assinou diversos artigos de um periódico teuto-brasileiro publicado em São Paulo, *Germania*, nos anos de 1886 e 1887.

BRAGA, Raul (★ ? - † ?)
Poeta e cronista que atuou na imprensa carioca, ao lado de nomes como Artur Azevedo (★ 1855 - † 1908), na década de 1890.

BÜCHNER, Friedrich Karl Christian Ludwig (★ 1824 - † 1899)
Médico e pensador alemão, foi um dos divulgadores do materialismo e do evolucionismo darwinista, sobretudo com a obra mencionada no romance, *Força e matéria* (1855).

BUZZI, Vincenzo Gioacchino Raffaele Luigi (★ 1810 - † 1903)
Papa Leão XIII, 256.º papa da Igreja católica. Seu pontificado pautou-se pela reorientação do ensino religioso ao tomismo e pela reafirmação dos valores familiares.

CAMPANELLA, Tommaso (★ 1568 - † 1639)
Pensador e teólogo renascentista italiano, autor de *La città del sole* (1602).

CAMPOS, Américo Brasílio de (★ 1838 - † 1900)
Jornalista e dramaturgo, fervoroso defensor da causa republicana na imprensa paulista. Foi um dos fundadores da maçônica Loja América, um dos centros abolicionistas e republicanos de São Paulo. Após a proclamação da República, foi nomeado cônsul na Itália.

CAMPOS, Antônio Caetano de (★ 1844 - † 1891)
Campos participou como cirurgião de armada (1867) na Guerra do Paraguai; posteriormente, foi diretor clínico da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Destacou-se como educador, enquanto diretor e reformador da Escola Normal de São Paulo.

CAMÕES, Luís Vaz de (★ 1524 - † 1580)
Nome maior da literatura portuguesa, além de autor da epopeia *Os Lusíadas* (1572), que acompanha a viagem de Vasco da Gama (★ 1469 - † 1524) à Índia. Significativamente, seu túmulo está hoje no Mosteiro dos Jerônimos, em Lisboa, próximo ao túmulo de Vasco.

CARVALHO, Lino Deodato Rodrigues de (★ 1826 - † 1894)
Bispo de São Paulo, de 1873 a 1894.

CASTRO, Antônio Bento de Souza e (★1843 - † 1898)
Promotor, juiz, jornalista e líder do abolicionismo paulista. Organizou a fuga de centenas de escravos, levados de São Paulo ao Ceará, onde a escravidão já havia sido abolida.

CHAMPOLLION, Jean-François (★1790 - † 1832)
Egiptólogo responsável por decifrar os hieróglifos com a ajuda da pedra de Rosetta.

CHARCOT, Jean-Martin (★ 1825 - † 1893)
Fundador da neurologia moderna, responsável pela descoberta e pelo tratamento de diversas doenças neurológicas (mal de Parkinson, síndrome de Tourette etc.).

Dedicou-se também à hipnose e ao estudo da histeria, tendo sido professor de Sigmund Freud.

CHAVES, Eduardo da Silva (★ 1863 - † 1899)
Poeta e professor paulista, autor do poema «Fiat Lux» (1887), dedicado a Olavo Bilac.

CHOPIN, Frédéric François (★ 1810 - † 1849)
Um dos maiores pianistas de todos os tempos, de origem polonesa, autor de peças magistrais como os *Noturnos* e os *Prelúdios*.

CLEANTO DE ASSOS (★ 330 a.C. - † 232 a.C.)
Discípulo de Zenão de Cítio (★ 333 a.C. - † 263 a.C.).

COMTE, Auguste (★ 1798 - † 1857)
Nome central do Positivismo, corrente de pensamento que influenciou de maneira decisiva o republicanismo no Brasil.

CORREIA, Rivadávia da Cunha (★ 1866 - † 1920)
Advogado e político gaúcho, que, em seus anos de juventude, militou na imprensa pelo republicanismo, sendo colega de Raul Pompeia (★ 1863 - † 1895) e Coelho Neto (★ 1864 - † 1934). Fundou, ao lado de Horácio de Carvalho, o periódico *Ganganelli* – homenagem ao pseudônimo jornalístico de Saldanha Marinho (★ 1816 - † 1895). Após o fim da monarquia, foi deputado federal, ministro da justiça e ministro da fazenda.

CRÍSIPO DE SOLOS (★ 281 a.C. - † 208 a.C.)
Discípulo e continuador do pensamento de Cleanto de Assos (★ 330 a.C. - † 232 a.C.).

CRISTIANO, Waldomiro Guilherme (★ ? - † ?)
Natural do sul de Minas, foi estudante em São Paulo, tendo concluído seus estudos em 1883.

DARWIN, Charles Robert (★ 1809 - † 1882)
Biólogo inglês, responsável pela teoria da evolução das espécies a partir do princípio

de seleção natural. Suas ideias foram aplicadas posteriormente (e em detrimento de sua obra) ao funcionamento das relações sociais, como forma de «naturalizar» as relações de poder e dominação.

DEMÓCRITO (★ 460 a.C. - † 370 a.C.)
Pai do atomismo grego.

DESMOULINS, Camille (★ 1760 - † 1794)
Jornalista, advogado e político francês, figura de relevo no quadro da Revolução Francesa. Foi condenado à morte por seu antigo amigo Robespierre (★ 1758 - † 1794).

D'ESTE, Eleonora (★ 1537 - † 1581)
Princesa de Ferrara, a quem é dedicada uma obra do poeta italiano Torquato Tasso (★1544 - † 1595).

DUMAS FILHO, Alexandre (★ 1824 - † 1895)
Escritor e dramaturgo francês de sucesso, autor de *La dame aux camélias* (1848).

EGAS, Eugênio de Andrade (★ 1863 - † 1956)
Cunhado de Carlos Botelho (★ 1855- † 1942) e presidente da Câmara de São Carlos, no interior paulista, na década de 1890.

FÉRÉ, Charles (★ 1852 - † 1907)
Médico-assistente de Charcot (★ 1825 - † 1893), dedicado ao estudo do magnetismo e de diversas neuropatias.

FÍDIAS (★ 480 a.C. - † 430 a.C.)
Nome maior da escultura grega.

FIGUEIREDO JR., Afonso Celso de Assis (★ 1860 - † 1918)
Conde de Afonso Celso, professor e político brasileiro. É de sua autoria o contraditório e ideológico *Por que me ufano de meu país* (1900).

FLAMMARION, Nicolas Camille (★ 1842 - † 1925)
Astrônomo e ficcionista francês, devotado ao estudo do espiritismo.

FRINÉ (★ 371 a.C. - † 310 a.C.)
Friné ou Frineia, cortesã lendária, além de modelo onipresente de beleza em pinturas, músicas e poemas ocidentais. Seu nome real era Mnesarete, natural da Beócia.

GALVÃO, Argemiro Cícero (★ 1859 - † 1888)
Escritor e jornalista gaúcho, autor do romance *O filho do estancieiro* (1876).

GAMA, Luiz Gonzaga Pinto da (★1830 - † 1882)
Nome maior do abolicionismo brasileiro, filho da lendária Luísa Mahin (★ ? - † ?). Tendo vivido a juventude em escravidão, alfabetizou-se por conta própria depois de adulto. Enquanto jornalista e rábula, atuou juridicamente em prol dos escravos, conseguindo libertar ao longo de sua vida mais de quinhentos cativos.

GIRARD, Maurice Jean Auguste (★ 1822 - † 1886)
Entomólogo francês, autor de *Les métamorphoses des insectes* (1866).

GLADOSCH, Otto (★ ? - † ?)
Junto de Berthold Brack (★ ? - † ?), assinou diversos artigos de um periódico teuto-brasileiro publicado em São Paulo, *Germania*, nos anos de 1886 e 1887.

HAECKEL, Ernst Heinrich Philipp August (★ 1834 - † 1919)
Médico, zoólogo e filósofo evolucionista alemão.

HARVEY, William (★ 1578 - † 1657)
Médico britânico responsável pela descoberta do mecanismo de circulação sanguínea.

HIPARCO (★ 190 a.C. - † 120 a.C.)
Matemático e astrônomo grego, pai da trigonometria.

HIPÁTIA (★ 370 - † 415)
Filósofa e astrônoma de Alexandria, assassinada barbaramente por uma turba de monges cristãos.

HIPONA, Santo Agostinho de (★ 354 - † 430)
Santo e doutor da Igreja católica, autor de obras essenciais como *Confissões* (400) e *A cidade de Deus* (1483).

HOLBACH, Paul Heinrich Dietrich von (★ 1723 - † 1789)
Barão de Holbach, pensador materialista alemão de expressão francesa, autor de *Le christianisme dévoilé* (1766).

HUGO, Victor (★ 1802 - † 1885)
Além de ser um dos principais nomes da literatura francesa – e de ter deixado obras do quilate de *Les misérables* (1862) –, foi um polímata, dedicado à política, ao espiritismo, à pintura, etc.

LEBEIS, Guilherme (★1836- † 1912)
Proprietário de diversos estabelecimentos em São Paulo, como o Hotel de França, mencionado no romance, localizado na rua Direita, atual Praça do Patriarca. Acabou por perder todas as suas posses, a fim de honrar as dívidas de um rapaz que noivou brevemente com sua filha, apenas para que o futuro sogro lhe endossasse uma série de notas promissórias.

LEITE, Francisco Glicério de Cerqueira (★ 1846 - † 1916)
Advogado, um dos nomes centrais do PRP em São Paulo. Assumiu diversos cargos políticos no Brasil republicano (deputado federal, senador e ministro da agricultura).

LETOURNEAU, Charles (★ 1831 - † 1902)
Antropólogo francês e autor de *Physiologie des passions* (1868), obra textualmente mencionada no romance.

LOMBROSO, Cesare (★ 1835 - † 1909)
Psiquiatra e criminologista italiano, autor de uma polêmica tipologia criminal, inspirada na frenologia.

LUBIN, Pierre-François (★ 1774 - † 1853)
Fundador da perfumaria moderna, em fins do século XVIII. Dentre suas clientes, estavam a rainha Maria Antonieta (★ 1755 - † 1793) e a

imperatriz Josefina (★ 1763 - † 1814). A partir de 1834, tornou-se o fornecedor oficial da corte francesa. A casa Lubin existe ainda hoje, na rue des Canettes, em Paris.

LUCULO, Lúcio Licínio (★118 a.C. - † 56 a.C.)
Político e militar romano, afeito ao luxo e às artes.

LUTI, Margherita (★ 1493 - † 1522)
Modelo de diversas telas de Rafael Sânzio (★ 1483 - † 1520) – dentre elas, de «La fornarina» (em tradução livre, «a filha do padeiro»). Especula-se que tenha sido amante ou esposa do pintor.

LUYS, Jules Bernard (★ 1828 - † 1897)
Neurologista parisiense.

MACHADO, Brasílio (★1848 - † 1919)
Professor e político paulistano, além de membro-fundador da Academia de Letras de São Paulo.

MARAT, Jean-Paul (★ 1743 - † 1793)
Médico, jornalista e político francês, cujo radicalismo teve papel importante no curso da Revolução Francesa. Foi assassinado por sua amante, Charlotte Corday (★ 1768 - † 1793).

MESQUITA, Samuel Eduardo da Costa (★ 1837 - † 1894)
Médico e cirurgião-dentista, com clínica estabelecida à rua Direita.

MESQUITA, Teófilo Dias de (★ 1854 - † 1889)
Poeta parnasiano maranhense, sobrinho de Gonçalves Dias (★ 1823 - † 1864), e autor de *Fanfarras* (1882). Foi escolhido por Afonso Celso (★ 1860 - † 1918) para patrono da cadeira 36 da Academia Brasileira de Letras.

MORAIS, Prudente de (★ 1841 - † 1902)
Primeiro presidente eleito do Brasil republicano. Seu governo foi marcado pelo domínio da oligarquia cafeeira e pelo criminoso massacre de Canudos.

MORTON, George Nash (★ 1841 - † 1925)
Pastor e missionário norte-americano, fundador da Igreja Presbiteriana de Campinas, em 1870, e do paulistano Colégio Morton, em 1880. Travou com Luiz Barreto (★ 1840 - † 1923) polêmica sobre positivismo e teologia nas páginas do jornal *A Província de São Paulo* em 1880.

MOURÃO, Luiz Antônio de Sousa Botelho (★ 1722 - † 1798)
Governador português da capitania de São Paulo. Mourão veio ao Brasil sob ordens do Marquês de Pombal (★ 1699 - † 1782) para recriar a capitania de São Paulo e defendê-la da presença espanhola, entre 1765 e 1775. Seu texto citado no romance data de 11 de dezembro de 1766, e não de 1765, como está indicado.

MOZART, Wolfgang Amadeus (★ 1756 - † 1791)
Um dos maiores nomes do classicismo vienense, responsável por obras imortais como as óperas *Le nozze di Figaro* (1786) e *Don Giovanni* (1787).

MURILLO, Bartolomé Esteban (★ 1617 - † 1682)
Pintor barroco espanhol. Sua obra «La Inmaculada Concepción de los Venerables», mencionada no romance, foi pintada de 1660 a 1665, e faz hoje parte do acervo do Museu do Prado.

NEAVE, João (★ ? - † ?)
Membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

NERO (★ 37 - † 68)
Imperador de Roma, cujo governo foi marcado pela tirania e pelo conflito com os primeiros cristãos.

NUNES, Luís Antônio da Silva (★ 1830-1911)
Político gaúcho, amigo dos tempos de faculdade de Álvares de Azevedo (1831-1852).

OLIVEIRA, Clímaco Ananias Barbosa de (★ 1839 - † 1912)
Médico, jornalista e político abolicionista, natural de Salvador.

PESTANA, Francisco Rangel (★ 1839 - † 1903)
Advogado, jornalista e político republicano, foi um dos liberais dissidentes que assinaram o Manifesto Republicano de 1870. Ao lado de Américo de Campos (★ 1838 - † 1900), fundou em 1875 o jornal *A Província de São Paulo* (futuro *O Estado de São Paulo*). Finda a monarquia, assumiu altos cargos públicos, como a presidência do Banco do Brasil, de 1893 a 1895.

PINAUD, Édouard (★ 1810 - † 1868)
Iniciou suas atividades como perfumista na década de 1830 em Paris, tendo alcançado, a partir de 1855, a prestigiosa função de fornecedor oficial da Rainha Vitória (★ 1837 - † 1901) e de Napoleão III (★ 1808 - † 1873). A casa Pinaud hoje vende produtos de perfumaria e de joalheria na Avenue Montaigne, em Paris.

PLATÃO (★ 428 a.C. - † 348 a.C.)
Discípulo de Sócrates (★ 469 a.C. - † 399 a.C.) e fundador, ao lado de Aristóteles (★ 384 a.C. - † 322 a.C.), das principais bases do pensamento ocidental.

PORTINARI, Beatriz (★ 1266 - † 1290)
Musa inspiradora do poeta italiano Dante Alighieri (★ 1265 - † 1321).

POUSSIN, Nicolas (★ 1594 - † 1665)
Pintor barroco francês. Sua obra *Et in Arcadia ego* (1638), mencionada no romance, está atualmente sob guarda do Museu do Louvre.

PRADO, Antônio da Silva (★1840- † 1929)
Nome central da política paulista, tanto no Império quanto na República. Para além de diversos cargos políticos (deputado, ministro, chanceler, senador), foi um dos principais responsáveis pela política de imigração europeia ao Brasil, além de nome central do PRP, ao qual se filiou, após longo tempo de atuação no Partido Conservador.

PRADO, Veridiana da Silva (★1825 - † 1910)
Filha do Barão do Iguape (★1778 - † 1875), herdeira e administradora de uma das maiores fortunas do estado. Divorciada do marido, tornou-se a matriarca da família Prado, exercendo importante influência na vida política e cultural de São Paulo.

PRADO JR., Martinho (★1843 - † 1906)
Vulgo «Martinico», um dos maiores cafeicultores do mundo, ao lado de seu irmão, Antônio Prado (★1840 - † 1929). Foi deputado provincial de São Paulo pelo PRP.

PRAXÍTELES (★ 395 a.C. - † 330 a.C.)
Célebre escultor grego.

PREUSSEN, Wilhelm Friedrich Ludwig von (★ 1797 - † 1888)
Guilherme I, primeiro imperador da Alemanha, responsável por sua unificação ao fim da guerra franco-prussiana. É interessante observar que Horácio de Carvalho menciona no romance o falecimento de Guilherme I: tal fato se deu em março de 1888, o que corrobora a nota final do autor, a indicar o fim da escrita d'*O cromo* em abril de 1888.

RENAN, Joseph Ernest (★ 1823 - † 1892)
Influente filósofo, teólogo e historiador francês, autor de obras como *Souvenirs d'enfance et de jeunesse* (1883) e *Vie de Jésus* (1863)

RIJN, Rembrandt Harmenszoon van (★1606 - † 1669)
Nome central da pintura holandesa, autor de telas como «A ronda noturna» (1642) e «A lição de anatomia do Dr. Tulp» (1632).

ROCHA FILHO. Joaquim Dias da (★ 1862 - † 1895)
Poeta e advogado, foi membro da Academia Paranaense de Letras. Seus poemas foram publicados na coletânea *Poesias* (1916).

ROSA, João Rodrigues da Fonseca (★? - † ?)
Capitão, residente da freguesia da Consolação, à década de 1880.

RUBENS, Peter Paul (★ 1577 - † 1640)
Pintor barroco flamengo, natural da Alemanha.

SAINT-HILAIRE, Auguste de (★ 1779 - † 1853)
Explorador e botânico francês, autor de célebres relatos de viagem pelo Brasil entre 1816 e 1822.

SALES, João Alberto (★ 1855 - † 1904)
Irmão de Campos Sales (★ 1841 - † 1913), desempenhou uma carreira plural. Foi, para além de jornalista e advogado, professor do colégio maçônico Culto à Ciência, em Campinas, e desenvolveu larga produção intelectual. Seu livro *O catecismo republicano* (1885), por exemplo, teve tiragem de dez mil exemplares, distribuídos gratuitamente pelo PRP. Foi também diretor do jornal *A província de São Paulo*. Proclamada a República, assumiu os cargos de deputado federal e de diretor da Escola Normal. Manteve, ao fim da vida, uma relação conflitiva com as lideranças oligárquicas do PRP. Com base na "Bibliografia Salesiana" compilada por Washington Vita (★ 1921 - † 1968) em *Alberto Sales, ideólogo da República* (1965), há no romance uma leve confusão, ao misturar o título de *Política republicana* (1882), de Sales, ao título do *Sistema de política positiva* (1854), de Auguste Comte (★ 1798 - † 1857). O mesmo erro ocorre com o título da segunda obra citada no romance, sendo ele, na verdade, *Ensaio sobre a moderna concepção do Direito* (1885).

SALES, Manuel Ferraz de Campos (★ 1841 - † 1913)
Segundo presidente civil do Brasil republicano. Seu mandato foi amplamente beneficiado pelas vitórias diplomáticas do Barão do Rio Branco (★ 1845 - † 1912) nas questões fronteiriças com outros países da América do Sul, garantindo ao Brasil um aumento territorial quase equivalente ao tamanho da França continental.

SANTOS, Máximo (★ 1847 - † 1889)
Militar e presidente do Uruguai de 1882 a 1886.

SÂNZIO, Rafael (★ 1483 - † 1520)
Também chamado Rafael de Urbino, foi um dos nomes capitais da pintura e da arquitetura renascentista italiana.

SARDOU, Victorien (★ 1831 - † 1908)
Escritor e dramaturgo francês de sucesso, autor de *Le roi carotte* (1871).

SCHOMBOURG, Henrique (★ ? - † ?)
Henrique Schombourg ou Schomburg, dono alemão do lendário bar «O Corvo», situado na rua do Ouvidor (atual José Bonifácio), no centro de São Paulo.

SCHOPENHAUER, Arthur (★ 1788 - † 1860)
Filósofo alemão responsável por revisar e expandir o pensamento kantiano na obra *O mundo como vontade e representação* (1819).

SCHUBERT, Franz (★ 1797 - † 1828)
Compositor austríaco, cuja contribuição ao romantismo se deu, sobretudo, através da pletora de *lieder* que reuniu em obras imortais, como *Winterreise* (1828)

SEJANO, Lúcio Élio (★ 20 a.C. - † 31 d.C.)
Líder militar do imperador romano Tibério (★ 42 a.C. - † 37).

SILVA, Bartolomeu Bueno da (★ 1672 - † 1740)
Conhecido como «Anhanguera» – palavra tupi para «diabo velho» –, foi, assim como seu pai, um bandeirante de peculiar crueldade, responsável por diversas ações genocidas contra indígenas.

SILVA. Francisco Eugênio Pacheco e (★ 1837 - † ?)
Advogado e jornalista, participou da convenção republicana em Itu e foi um dos fundadores do PRP.

SILVA, José Bonifácio de Andrada e (★ 1763 - † 1838)
Também conhecido como o «Patriarca da Independência», natural de Santos. Verdadeiro polímata, dedicou-se à mineralogia, à política e à literatura. Foi tutor de D. Pedro II (★ 1825 - † 1891), após a abdicação de D. Pedro I (★ 1798 - † 1834).

SILVA, Rodrigo Augusto da (★ 1833 - † 1889)
Político e jornalista conservador, exerceu altos cargos públicos, como o de ministro da agricultura, sob a tutela do Barão de Cotegipe (★ 1815 - † 1889).

SOURY, Jules (★ 1842 - † 1915)
Psicólogo e pensador francês, dedicado tanto à neurologia quanto aos estudos teológicos. Envolveu-se na questão Dreyfus, vinculando, de maneira claramente antissemita, sua possível traição à França a traços hereditários de sua «raça».

SPENCER, Herbert (★ 1820 - † 1903)
Influente pensador evolucionista inglês, autor de *The man versus the State* (1884).

STRAUSS, David Friedrich (★ 1808 - † 1874)
Teólogo alemão, expôs sua visão crítica do cristianismo na obra *Das leben Jesu* (1835).

TÁCITO, Caio Cornélio (★ 56 - † 117)
Historiador e político do império romano, ocupou cargos como os de cônsul e pretor.

TASSO, Torquato (★ 1544 - † 1595)
Poeta e dramaturgo italiano, cuja obra maior é *Jerusalém libertada* (1581).

TELES, Antônio de Queirós (★ 1831 - † 1888)
Conde de Parnaíba, advogado, fazendeiro e político conservador paulista. Foi presidente da província de São Paulo entre 1886 e 1887. Apoiou a imigração europeia ao Brasil, e estabeleceu um prazo de três anos (contados a partir de 1887) para a extinção definitiva do escravismo em São Paulo.

TÉON (★ 335 - † 400)
Téon ou Teão de Alexandria foi um matemático grego, comentador da obra de Euclides (★ 325 a.C. - † 265 a.C.). Foi também pai de Hipátia (★ 370 - † 415).

THALBERG, Sigismond (★ 1812 - † 1871)
Virtuose austríaco do piano.

TOPINARD, Paul (★ 1830 - † 1911)
Médico e antropólogo francês.

VERDI, Giuseppe (★ 1813 - † 1901)
Nome maior da música operística italiana, compositor de clássicos como *Aida* (1870), *Rigoletto* (1851) e *La Traviata* (1853).

VERGUEIRO, Nicolau Pereira de Campos (★ 1851 - † 1924)
Graduado em medicina pela Universidade de Berlim, criou uma prestigiosa casa de saúde em Sorocaba. Foi cirurgião de destaque em São Paulo.

VERONESE, Paolo (★ 1528 - † 1588)
Nome central da pintura renascentista italiana, autor de telas como *As bodas de Caná* (1563).

VILLARES, Décio Rodrigues (★ 1851 - † 1931)
Pintor e escultor carioca. É de sua autoria o desenho atual da bandeira do Brasil, substituindo o brasão imperial pelo círculo central, com as estrelas e as palavras de inspiração positivista, «Ordem e Progresso».

WANDERLEY, João Maurício (★ 1815 - † 1889)
Barão de Cotegipe, um dos maiores articuladores políticos de D. Pedro II (★ 1825 - † 1891) e presidente do conselho de ministros (cargo equivalente ao de primeiro ministro) de 1885 a 1888.

XAVIER, Joaquim José da Silva (★ 1746 - † 1792)
Dentista e militar, foi o nome maior da Inconfidência Mineira, além de símbolo da luta brasileira pela independência de Portugal. Foi tio-avô de Raul Pompeia (★ 1863 - † 1895) – que viria a lutar, um século depois, pelo abolicionismo e pela república.

ZENÃO DE CÍTIO (★ 333 a.C. - † 263 a.C.)
Filósofo fundador do estoicismo.

ZÓPIRO (★ ? - † ?)
Segundo Heródoto, venceu a guerra de Dário I, rei persa, contra os babilônios, infiltrando-se entre os inimigos e traindo-os depois de três batalhas lutando a seu lado.